

M A R T I N G I L B E R T



WINSTON
Churchill
UMA VIDA

VOLUME I



Ficha Técnica

Churchill: A Life Copyright © 1991 by Martin Gilbert

Copyright © 2016 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: Churchill – a life

Tradução: Vernáculo, Gabinete de Tradução

Adaptação: Elisa Nogueira

Copidesque: Beatriz Sarlo

Revisão: Gabriel Demasi

Capa: Sérgio Campante e Leandro Dittz

Fotografia de capa: Hulton-Deutsch Collection/CORBIS/Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gilbert, Martin

Churchill : uma vida, volume 1 / Martin Gilbert ; tradução de Vernáculo Gabinete de tradução. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2016.

ISBN: 9788544103500

Tradução de : Churchill, a life

1. Churchill, Winston, 1874-1965 2. Primeiros-ministros – Grã-Bretanha – Biografia I. Título II. Vernáculo Gabinete de tradução

16-0737

CDD 941.084092

Índices para catálogo sistemático:

1. Primeiros-ministros – Grã-Bretanha – Biografia

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 701 — Rio de Janeiro

21.2222-3167 21.2224-7461

editorial@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

M A R T I N G I L B E R T

WINSTON
Churchill
U M A V I D A

VOLUME I

Para Natalie, David e Joshua

Nota do autor à segunda edição inglesa

Um ano depois da publicação deste livro, em 1991, foi lançada uma versão resumida que inevitavelmente transmite menos nas suas páginas do que o retrato mais completo que tentei apresentar nesta nova edição, que permitirá aos leitores percorrer, mais detalhadamente, pela carreira de Churchill, por seus pensamentos, suas aspirações e suas ações.

Martin Gilbert, 7 de janeiro de 2000

Nota do editor à primeira edição brasileira

Churchill – uma vida foi originalmente publicado num volume único. Na edição brasileira, optou-se por dividir o livro em dois volumes, de modo a oferecer ao leitor dois recortes separados, mas obviamente complementares. O primeiro volume abrange a infância de Churchill, seus primeiros anos no exército e no Parlamento, além de suas experiências como ministro. O segundo volume se inicia no momento conturbado que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, às vésperas da nomeação de Churchill como primeiro-ministro, e avança pelos anos de maturidade à frente da Grã-Bretanha, quando se consolidou como protagonista dos rumos políticos europeus.

Prefácio

É meu objetivo dar nestas páginas um retrato completo e perfeito da vida de Churchill, tanto em seu aspecto pessoal quanto político. Sua carreira tem sido tema de inúmeros livros e ensaios, nos quais ele foi julgado com cavalheirismo ou com severidade. Procurei fazer uma apreciação equilibrada, baseada em seus verdadeiros pensamentos, ações, realizações e convicções, em contraste com as muitas ideias erradas que existem.

O registro da vida de Churchill é particularmente completo, havendo uma enorme quantidade de material contemporâneo. Por isso, é possível apresentar, para quase todas as ocasiões nas quais esteve envolvido, suas próprias palavras e seus próprios argumentos, aquilo que pensava, suas verdadeiras intenções e ações.

Minha pesquisa começou em outubro de 1962, quando comecei a trabalhar como assistente da equipe de investigação de Randolph Churchill, um ano depois de o pai ter lhe pedido que se encarregasse de escrever uma biografia em vários volumes e editar documentos de apoio. Perto de sua morte, em 1968, Randolph Churchill tinha escrito a história de seu pai até a eclosão da guerra em 1914. Pediram-me que continuasse seu trabalho. O volume final de minha autoria, o oitavo da série, terminava com a morte de Churchill, aos 90 anos de idade.

A biografia oficial, tal como se tornou conhecida, apresenta em pormenores a história de Churchill e foi baseada em cinco fontes principais, às quais eu próprio recorri para esse relato num só volume; dessas fontes retirei muito material novo, particularmente para os primeiros anos de Churchill, até a Primeira Guerra Mundial.

A primeira dessas fontes é o enorme arquivo pessoal de correspondência política, ministerial, literária e pessoal de Churchill, atualmente guardado no Churchill College, em Cambridge, que contém correspondências privadas e públicas que abrangem a totalidade dos seus 90 anos.

A segunda fonte são os documentos de sua esposa, Clementine, incluindo as centenas de cartas que o marido lhe escreveu desde o casamento, em 1908, até seus últimos anos. Essa fonte está sob custódia da filha de Churchill, lady

Soames , e oferece um retrato notável de todos os aspectos da personalidade de Churchill.

A terceira fonte é o arquivo governamental dos dois mandatos de Churchill como primeiro-ministro e de seu trabalho ministerial oficial, que começou em dezembro de 1905 e continuou até sua retirada da vida pública, em abril de 1955. Esse arquivo, que se encontra no Departamento de Arquivos Nacionais em Kew, contém todas as discussões do Gabinete de Guerra e dos chefes de Estado-Maior na Segunda Guerra Mundial, assim como os documentos de seus onze ministérios durante esses anos e do Conselho de Guerra , para o qual trabalhou em 1914 e 1915.

A quarta fonte são os arquivos pessoais, alguns deles substanciais, outros incompletos, de seus amigos, colegas e opositores; enfim, daqueles que estiveram em contato com ele em diferentes épocas ao longo de sua vida. Esses materiais encontram-se em muitos arquivos, bibliotecas e coleções particulares, na Grã-Bretanha e em outros países, e mostram a impressão que Churchill causava em seus contemporâneos: o que diziam entre si acerca dele, como alguns o detestavam e como outros, desde seus primeiros anos, viam-no como uma pessoa de qualidades excepcionais e como futuro primeiro-ministro.

A quinta fonte, que eu mesmo elaborei durante trinta anos, é constituída pelas recordações pessoais da família de Churchill, de seus amigos e de seus contemporâneos. Essas recordações vêm de pessoas de todas as classes sociais, como pilotos que o ensinaram a voar antes da Primeira Guerra Mundial e oficiais e homens que estiveram com ele na Frente Ocidental em 1916. Tive a sorte de encontrar, e de vir a conhecer, seus assistentes literários dos anos anteriores e posteriores à guerra, incluindo Maurice Ashley , Sir William Deakin e Denis Kelly; seus secretários particulares, entre eles Sir Herbert Creedy, que esteve com ele em 1919, e membros de seu gabinete privado da Segunda Guerra Mundial, incluindo Sir John Martin, Sir John Peck e Sir John Colville , e também Anthony Montague Browne , que esteve com ele de 1953 a 1965.

Como biógrafo de Churchill, tive a sorte de poder vê-lo pela perspectiva de suas secretárias, entre elas Kathleen Mill, que começou a trabalhar com ele em 1936, Elizabeth Layton e Marian Holmes, que trabalharam com ele durante a Segunda Guerra Mundial, e Elizabeth Gilliatt, lady Onslow, Jane Portal e Doreen Pugh, que estiveram com ele nos seus últimos anos. Grande parte da vida de Churchill se passou em Chartwell, e Grace Hamblin , que ali trabalhou desde 1932, foi minha guia para esses anos.

Várias palavras extraídas dessas cinco fontes foram editadas e anotadas nos volumes de documentos publicados (e ainda a publicar) para cada um dos tomos da biografia.

Decidi fornecer material suficiente neste volume para que os leitores possam julgar por si próprios as ações e as capacidades de Churchill durante sua notável e longa carreira. Foi uma trajetória frequentemente marcada pela controvérsia e perseguida pelo antagonismo, porque ele sempre foi direto e independente e expressou seus pontos de vista sem falsidades, criticando aqueles que julgava estarem errados com um poderoso arsenal de conhecimento e com uma linguagem viva, hábil e penetrante.

O envolvimento de Churchill na vida pública abarcou mais de cinquenta anos. Ocupou oito postos do Gabinete antes de se tornar primeiro-ministro. Quando resignou seu segundo mandato como primeiro-ministro, em 1955, tinha sido membro do Parlamento durante 55 anos. O leque de suas atividades e experiências foi extraordinário. Elevado à categoria de oficial durante o reinado da rainha Vitória, ele tomou parte na carga de cavalaria em Omdurman. Esteve intimamente envolvido nos primeiros desenvolvimentos da aviação, tendo aprendido a voar antes da Primeira Guerra Mundial e tendo criado o Royal Air Force (RAF), a Força Aérea britânica. Esteve intimamente envolvido no desenvolvimento dos tanques. Foi pioneiro no desenvolvimento da defesa antiaérea e na evolução da guerra aérea. Previu a construção de armas de destruição em massa e, em seu último discurso no Parlamento, propôs a criação da bomba de hidrogênio e o uso de seu poder de intimidação como base para o desarmamento mundial.

Desde seus primeiros anos, Churchill teve uma extraordinária compreensão e visão do futuro. Tinha uma forte confiança em sua própria capacidade de contribuir para a sobrevivência da civilização e para a melhoria do bem-estar material da humanidade. Seu treino militar e sua genuína engenhosidade lhe deram grande perspicácia em relação à natureza da guerra e da sociedade. Era também um homem cuja coragem, fosse nos campos de batalha do império na virada do século, na Frente Ocidental em 1916 ou em Atenas em 1944, combinava com um profundo conhecimento dos horrores da guerra e da devastação da batalha.

Tanto em seus anos como liberal quanto como conservador, Churchill foi um radical; um verdadeiro crente na necessidade de interferência do Estado por meio da legislação e financeiramente e de garantia de padrões mínimos de vida,

trabalho e bem-estar social para todos os cidadãos. Entre as áreas de reforma social em que teve um importante papel, incluindo a criação de muitas leis, estão a reforma das prisões, os seguros-desemprego, as pensões do Estado para viúvas e órfãos, um mecanismo de arbitragem para as disputas laborais, a assistência do Estado para quem procurava emprego, menor jornada de trabalho e melhores condições nas fábricas e oficinas. Foi também adepto do Serviço Nacional de Saúde, do maior acesso à educação, da tributação dos lucros extraordinários e de uma coparticipação dos empregados nos lucros. Em seu primeiro discurso público, em 1897, três anos antes de entrar no Parlamento, anteviu o dia em que o trabalhador se tornaria “um acionista da empresa em que trabalha”.

Em épocas de dificuldades nacionais, Churchill foi um persistente defensor da conciliação e até da coligação, evitando os caminhos da divisão e do confronto desnecessário. Nos assuntos internacionais, procurava consistentemente determinar as razões de queixa daqueles que tinham sido derrotados e a construção de associações significativas para a reconciliação de antigos inimigos. Depois de duas guerras mundiais, agiu em favor da manutenção do apoio dos vencedores, de modo a reparar as injustiças sofridas pelos vencidos, e assim preservar a paz. Foi o primeiro a usar a palavra “cúpula” para designar um encontro entre os chefes do mundo ocidental e do mundo comunista e fez tudo o que pôde para realizar esses encontros e pôr fim às perigosas confrontações da Guerra Fria. Entre os acordos que negociou, com paciência e compreensão, incluem-se os convênios constitucionais na África do Sul e na Irlanda e o esquema de pagamento das dívidas de guerra após a Primeira Guerra Mundial.

Comentador perspicaz e judicioso dos acontecimentos ao seu redor, Churchill foi sempre um defensor de linhas de ação audazes e intrépidas. Um de seus maiores dons, presente em milhares de discursos públicos e ouvido em seus muitos discursos transmitidos por rádio, era a habilidade de usar um excepcional domínio das palavras e o amor pela língua para transmitir argumentos pormenorizados e verdades essenciais, para informar, convencer e inspirar. Era um homem de muito humor e entusiasmo e de grande generosidade; apresentou-se durante toda a vida, e de forma consistente, como um liberal. Era consistente em sua maneira de ver, um homem por vezes chamado por sucessivos primeiros-ministros devido à sua habilidade como conciliador. Sua aversão pela injustiça, pela vitimização e pela discriminação — tanto em seu país quanto no estrangeiro — era a pedra angular de grande parte

de seu pensamento.

O trabalho público de Churchill tocou todos os aspectos da política britânica interna e externa, desde a luta por reformas sociais antes da Primeira Guerra Mundial até as diligências para uma reunião de cúpula após a Segunda Guerra Mundial. Esse trabalho envolveu as relações britânicas com a França, a Alemanha, os Estados Unidos e a União Soviética, todas em suas épocas mais difíceis. Seu melhor momento foi a liderança da Grã-Bretanha quando ela estava mais isolada, mais ameaçada e mais fraca, quando sua coragem, determinação e fé na democracia estavam em uníssono com a nação.

Martin Gilbert, Merton College, Oxford
23 de janeiro de 1991

1.

Infância

Winston Churchill nasceu em 1874, em meados da era vitoriana. Em novembro desse mesmo ano, sua mãe, lady Randolph Churchill, então grávida de sete meses, tinha escorregado e caído enquanto participava de uma caça no palácio de Blenheim . Poucos dias depois, quando viajava numa carruagem puxada por um pônei sobre terreno acidentado, sentiu as dores do trabalho de parto. Foi rapidamente conduzida ao palácio, onde, às primeiras horas de 30 de novembro, seu filho nasceu.

O magnífico palácio de Blenheim era a casa do avô do bebê, o sétimo duque de Marlborough . Pelo lado paterno, a criança pertencia à aristocracia britânica, descendente do primeiro conde Spencer e do distinto soldado John Churchill, primeiro duque de Marlborough , comandante da coligação de exércitos que tinha derrotado a França no início do século XVIII. Pelo lado da mãe, sua ascendência era totalmente americana; o pai dela, Leonard Jerome , que então vivia em Nova York, era um bem-sucedido corretor da bolsa e proprietário de jornais. Um século antes, seus antepassados tinham lutado nos exércitos de Washington pela independência das colônias americanas.

Quase um ano antes do nascimento de Churchill, lorde Randolph Churchill tinha sido eleito por Woodstock para a Câmara dos Comuns como membro do Parlamento. Esse pequeno município, de que Blenheim fazia parte, tinha pouco mais de mil eleitores e havia muito enviava membros da família ducal, ou seus candidatos, para Westminster. Em janeiro de 1877, o avô de Churchill, sétimo duque de Marlborough , foi nomeado vice-rei da Irlanda, tendo lorde Randolph como seu secretário particular. Aos 2 anos de idade, o pequeno Churchill viajou para Dublin com os pais e com a ama, a sra. Everest.

Quando Churchill tinha 4 anos, a Irlanda sofreu um severo período de fome, devido à escassez de batata, e houve uma onda de agitação nacionalista conduzida pelos fenianos. “Minha ama, a sra. Everest, andava nervosa por causa dos fenianos”, escreveu ele mais tarde. “Eu deduzi que eram pessoas malvadas e que não se podia saber o que aconteceria se eles tomassem o comando.” Um

dia, quando Churchill estava andando de burro, a sra. Everest pensou ter visto um desfile de fenianos se aproximando. “Tenho certeza agora”, escreveu mais tarde, “que devia ser a Brigada de Fuzileiros numa marcha de estrada, mas ficamos todos muito alarmados, especialmente o burro, que expressou sua ansiedade dando coices. Fui atirado ao chão e sofri uma concussão no cérebro. Essa foi minha primeira apresentação à política irlandesa!”.

Além da ama, o menino também teve uma preceptora enquanto esteve em Dublin. Sua tarefa era ensiná-lo a ler e a fazer contas. “Essas complicações”, escreveu ele mais tarde, “lançavam uma sombra permanente em minha vida diária. Afastaram-me de todas as coisas interessantes que eu queria fazer no quarto de brinquedos ou no jardim”. Ele recordava também que, embora a mãe não tomasse “parte nessas complicações”, ela lhe dera a entender que as aprovava e “quase sempre ficava do lado da preceptora”.

Cinquenta anos depois, Churchill escreveu sobre a mãe: “Para mim, [ela] era resplandecente como o planeta Vênus. Amei-a muito, mas a distância.” Foi junto à ama que encontrou o afeto que os pais não lhe proporcionavam. “Minha ama era minha confidente”, escreveu ele mais tarde. “A sra. Everest tomava conta de mim e atendia a todas as minhas necessidades. Era com ela que eu desabafava quando alguma coisa me perturbava.”

Em fevereiro de 1880, nasceu Jack , o irmão de Churchill. “Lembro-me de meu pai entrar no meu quarto em Viceregal Lodge, em Dublin, e me dizer (eu tinha 5 anos) ‘tem um irmão’”, recordaria ele 65 anos depois. Pouco depois do nascimento de Jack , a família voltou a Londres, para o nº 29 da St. James’s Place. Lá, Churchill tomou conhecimento da doença terminal de Disraeli , o antigo primeiro-ministro conservador. “Sempre tive certeza de que lorde Beaconsfield iria morrer”, escreveu ele mais tarde, “e finalmente chegou o dia em que todas as pessoas que vi tinham expressões muito tristes porque, como eles diziam, um grande e excelente homem de Estado, que amava seu país e desafiara os russos, tinha morrido com o coração despedaçado devido à ingratidão com que fora tratado pelos radicais”. Benjamin Disraeli , primeiro-lorde de Beaconsfield, morreu quando Churchill tinha 6 anos.

No Natal de 1881, pouco depois de seu sétimo aniversário, Churchill estava em Blenheim , onde foi escrita a primeira carta conservada até então, com a data de postagem de 4 de janeiro de 1882. “Minha querida mamãe”, escreveu ele, “espero que esteja bem. Agradeço-lhe muito os bonitos presentes, os soldados, as bandeiras e o castelo, são tão bonitos, foi muito simpático da sua parte e da do papai, mando-lhe muitas saudades e muitos beijos do seu filho dedicado,

Winston”. Nessa primavera, Churchill regressou a Blenheim, onde permaneceu por dois meses. “É tão bom estar no campo”, escreveu ele à mãe em abril. “Os jardins e o parque são muito mais bonitos para passear do que o Green Park ou o Hyde Park.” Mesmo assim, tinha saudades dos pais e, quando a avó foi a Londres, ele escreveu ao pai: “Eu queria ter ido com ela para lhe dar um beijo.”

Era a sra. Everest quem tomava conta dos irmãos em Blenheim . “Quando estávamos perto da cascata na sexta-feira”, escreveu Churchill à mãe pouco tempo antes da Páscoa, “vimos uma cobra a rastejar na relva. Eu quis matá-la, mas Everest não deixou”. Nessa Páscoa, a sra. Everest levou os dois meninos à ilha de Wight , onde seu cunhado era chefe de guardas na prisão de Parkhurst. Ficaram instalados na sua casa em Ventnor, elevada em relação ao mar. De Ventnor, escreveu à mãe: “Fizemos um piquenique, fomos para Sandown, jantamos na praia e fomos ver os fortes e os canhões. Em Sandown, havia uns enormes canhões de dezoito toneladas.”

Nesse outono, Churchill foi informado de que seria mandado para um internato. “Eu era aquilo que os adultos com seu jeito descontraído chamavam de ‘um menino problemático’. Parecia que eu iria ficar afastado de casa por muitas semanas a fim de ter aulas sob a orientação de professores”, escreveu ele mais tarde. Ele não era, contudo, “problemático” para algumas pessoas; a irmã de lady Randolph , Leonie, achava-o “cheio de graça e muito desenvolto” quando ele ficava com ela.

O internato era o St. George, perto de Ascot. Churchill foi enviado para lá quatro semanas antes de seu oitavo aniversário. Já estavam quase na metade do semestre; nessa primeira tarde, a mãe levou-o. Os dois tomaram chá com o reitor. “Eu estava preocupado”, recordou ele quase cinquenta anos depois, “com medo de entornar a xícara e assim ‘começar mal’. Também estava muito infeliz com a ideia de ser deixado sozinho no meio de todos aqueles estranhos, naquele lugar grande, assustador e formidável”.

A infelicidade na escola começou logo nos primeiros dias. “Afinal”, escreveu Churchill mais tarde, “eu só tinha 7 anos e tinha sido muito feliz com todos os meus brinquedos. Eu tinha brinquedos maravilhosos: uma máquina a vapor, uma lanterna mágica e uma coleção de soldados com quase mil peças. Agora só iria ter aulas”. A severidade, e por vezes a brutalidade, faziam parte da vida em St. George. “Açoitar com a vara ao estilo de Eton”, escreveu Churchill mais tarde, “era uma característica importante do currículo, mas tenho certeza de que nenhum rapaz de Eton, e certamente nenhum rapaz de Harrow em meu tempo [Churchill esteve em Harrow entre 1888 e 1892], recebeu alguma vez uma

punição tão cruel quanto aquelas que o reitor costumava infligir aos meninos que estavam sob seu cuidado e poder. Excediam em severidade tudo aquilo que seria tolerado em qualquer reformatório sob a alçada do Ministério do Interior”.

Entre os meninos que testemunharam essas punições estava Roger Fry . “A chicotada era dada com toda a força que o professor tinha”, escreveu mais tarde, “e bastavam duas ou três para que aparecessem gotas de sangue por toda a parte, mas os golpes se prolongavam por quinze ou vinte chicotadas, quando o traseiro do menino virava uma massa de sangue”. O próprio Churchill recordou mais tarde que, durante os castigos, os meninos restantes “ficavam sentados, tremendo, ouvindo os gritos”.

“Como odiei aquela escola”, escreveu ele mais tarde, “e que vida angustiada eu tive durante mais de dois anos. Progredi muito pouco nas minhas lições e nada nos jogos. Contava os dias e as horas para o fim de cada período, quando voltaria para casa, deixando a detestável escravidão, e colocaria os soldados em linha de batalha no chão do quarto dos brinquedos”.

As primeiras férias de Churchill, depois de um mês e meio na escola, foram no Natal de 1882. Viviam agora em outra casa em Londres, no nº 2 de Connaught Place, no lado norte do Hyde Park, onde seus pais viveriam durante os dez anos seguintes. “Quanto aos progressos de Winston”, escreveu a mãe ao pai em 26 de dezembro, “lamento dizer, mas não vi nenhum. Talvez ainda não tenha passado tempo suficiente. Lê muito bem, mas isso é tudo, e, nos dois primeiros dias em que estive em casa, falou em um linguajar rude e muito alto. Estou totalmente desiludida. Mas disseram a Everest que no próximo período serão mais severos com ele”. Lady Randolph disse também ao marido que o filho mais velho “aborrece o bebê mais do que nunca”; para evitar isso, “vou controlá-lo”. Por fim, terminou a referência ao filho de 8 anos: “Parece que tem medo de mim.”

O primeiro boletim escolar de Churchill foi medíocre. Ficou em décimo primeiro numa classe de onze alunos. Em gramática, constava “Começou bem”, e, em empenho, “Tem boa vontade, mas deve levar mais a sério o trabalho no próximo período”. O boletim termina com uma observação do reitor: “Diz sempre a verdade, mas é muito irrequieto em vários aspectos — ainda não se habituou aos costumes da escola, mas dificilmente se poderia esperar isso.”

A ansiedade na escola andava de mãos dadas com uma saúde debilitada, o que era outra causa de preocupação para seus pais. “Lamento que o pobre Winston não tenha andado bem”, escreveu lorde Randolph , do sul da França, à sua mulher no dia de Ano-Novo de 1883, “mas não se preocupe muito com ele.

Parece que somos uma família doente e que não podemos ficar sem médicos”. Quatro dias depois, voltou a escrever: “Estou muito contente por saber que Winny está bom outra vez. Dê-lhe um beijo por mim.” Para curar o que quer que fosse que o menino tivesse, o médico aconselhou uma semana à beira-mar em Herne Bay.

De volta a St. George, Churchill pediu repetidas vezes, mas sem sucesso, que a mãe fosse visitá-lo. Antes de o período terminar, havia um dia dedicado aos esportes. “Por favor, deixe Everest e Jack virem ver as provas de atletismo”, escreveu. “E venha também. Espero vê-la, assim como Jack e Everest.” Lady Randolph não aceitou o convite do filho, mas ele teve um consolo: “Minha querida mamãe”, escreveu-lhe quando terminou o dia de práticas esportivas, “foi muito simpático de sua parte ter deixado Everest vir. Acho que ela se divertiu muito”. Ele acrescentou: “Só faltam dezoito dias.”

No boletim escolar desse período, Churchill recebeu elogios em história, geografia, tradução e comportamento. Nas demais matérias, o boletim era menos elogioso. Composição: “muito fraco”; escrita: “bom, mas terrivelmente lento”; ortografia: “quase o pior possível”. Em empenho, estava escrito: “Não entende muito bem o significado de trabalho árduo. Precisa se empenhar mais no próximo período.” Em dois grupos de que fazia parte, com nove e treze alunos, ficou respectivamente em nono e décimo terceiro.

Nesse verão, enquanto Churchill estava na escola, seu avô, o sétimo duque de Marlborough, morreu. Em luto profundo, lorde Randolph procurou consolo em suas viagens.

Como o próprio Churchill escreveria mais tarde, na biografia que fez do pai, “lorde Randolph partiu rapidamente com a mulher e o filho para Gastein”. A viagem a uma das estâncias do império austro-húngaro, que estavam na moda, foi a primeira visita de Churchill à Europa. No caminho, pai e filho passaram por Paris. “Atravessamos juntos a Praça da Concórdia”, contou ele aos cidadãos de Metz 63 anos depois. “Sendo uma criança observadora, reparei que um dos monumentos estava coberto de coroas de flores e de fitas negras e imediatamente perguntei por quê. Ele respondeu: ‘São monumentos das províncias da França. Duas delas, a Alsácia e a Lorena, foram tomadas dos franceses pela Alemanha na última guerra. Os franceses estão muito tristes e esperam recuperá-las um dia.’ Lembro muito bem ter pensado: ‘Espero que eles as recuperem.’”

Depois do regresso a St. George, a qualidade do trabalho de Churchill contrastou com seu comportamento. “Começou bem o semestre”, lê-se em seu

boletim, “mas recentemente tem sido *muito* malcomportado! De maneira geral, fez progressos”. Segundo o boletim do semestre seguinte, foi “por vezes extremamente bom” em história e geografia. O reitor comentou: “Está começando a perceber, espero eu, que escola significa trabalho e disciplina”. “É bastante voraz na hora das refeições”, acrescentou ele.

Em fevereiro de 1884, lorde Randolph anunciou sua intenção de candidatar-se ao Parlamento por Birmingham, uma vez que Woodstock estava entre as centenas de círculos eleitorais familiares que seriam abolidos. Passando para uma área esmagadoramente radical, ele pretendia mostrar que a “*democracia tory*” era mais do que um slogan. Em março, a esposa do reitor visitou as Midlands. “E ela ouviu dizer”, escreveu Churchill à mãe, “que apostavam dois contra um que papai ganharia a eleição por Birmingham”. Essa é a primeira carta em que Churchill fala sobre política. No resto da carta, descreve um passeio da escola: “Outro dia, fomos todos a uma escavação na areia e jogamos um jogo muito animado. Os lados tinham cerca de oito metros de altura e houve uma grande luta; aqueles que conseguiam sair primeiro lutavam ferozmente com os restantes.”

O boletim seguinte de Churchill mostrava que, embora ele fosse nitidamente inteligente, estava muito infeliz. Em história e geografia, é “muito bom, especialmente em história”. Porém, o comportamento era descrito como “extremamente mau. Não se pode confiar nele para fazer o que quer que seja”. Seus atrasos às aulas da manhã, vinte vezes num período de quarenta dias, foram descritos como “vergonhosos”. As páginas do boletim revelam o sofrimento de Churchill: “É uma constante preocupação para todos e sempre se mete em complicações” e “Não se espera dele que se comporte como deve em parte alguma”. Ainda assim, nem mesmo o reitor de St. George pôde deixar de notar que o menino de 9 anos tinha “muita capacidade”.

As cartas de Churchill para a mãe ao longo do semestre seguinte mostram como ele se sentia sozinho naquele mundo predominantemente hostil. “Foi muito cruel de sua parte”, escreveu ele nos primeiros dias de junho, “não ter escrito até agora. Só recebi uma carta sua este semestre”. No período de verão, seu trabalho escolar foi outra vez elogiado: gramática, música e francês receberam o conceito “bom”, e história e geografia, “muito bom”. O comportamento geral era descrito como “melhor, mas ainda problemático”. O reitor comentou: “Não tem ambição. Se verdadeiramente se esforçasse, poderia ser o primeiro da classe no fim do semestre.”

Quando Churchill tinha 9 anos, o pai lhe deu o livro *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson. “Lembro-me do prazer que tive em devorá-lo”, escreveu mais tarde. “Meus professores me consideravam ao mesmo tempo atrasado e precoce por ler livros que não eram para a minha idade e ainda assim ser o último aluno da classe. Ficavam ofendidos. Tinham largos recursos de persuasão à sua disposição, mas eu era teimoso.” Seu boletim escolar nesse verão também mostra que continuava a ter problemas de disciplina. Em empenho, comentou-se: “De maneira geral, razoável. Ocasionalmente, provoca grandes problemas.”

O boletim não diz quais problemas eram esses, mas outro menino de St. George, Maurice Baring, que chegou à escola pouco depois de Churchill ter saído, escreveu em suas memórias que Churchill tinha sido açoitado “por tirar açúcar da despensa e, longe de estar arrependido, tirar o sagrado chapéu de palha do reitor do lugar onde estava pendurado, acima da porta, e pisoteá-lo”. Essa provocação já havia se tornado uma lenda.

Nesse outono, Churchill sofreu mais uma crise de doença. O médico da família, Robson Roose, que dava consultas em Londres e em Brighton, sugeriu que sua saúde melhoraria se ele estudasse numa escola perto do mar e indicou a escola de Brighton, onde estudava o próprio filho. Roose ofereceu-se para ficar de olho nele. “Como acreditavam que eu era uma criança muito delicada”, recordou Churchill posteriormente, “acharam conveniente que eu estivesse sempre sob cuidados”. O novo internato era dirigido pelas duas irmãs Thomson, nos números 29 e 39 da Brunswick Road, em Brighton. O período começou em setembro de 1884. “Estou muito feliz aqui”, escreveu ele à mãe no fim de outubro. Dois dias depois, escreveu novamente: “Fiz uma grande extravagância e comprei um álbum de filatelista e selos. Por favor, envie-me mais dinheiro.”

Em 30 de novembro, Churchill celebrou seu décimo aniversário. Três dias depois, o pai partiu para a Índia, onde ficou até março de 1885 e onde andou muito ocupado com os problemas do subcontinente, esperando ser nomeado ministro para a Índia se os conservadores voltassem ao poder. A família foi ao cais para se despedir. “Eu gostaria muito de estar contigo nesse bonito navio”, escreveu Churchill depois de ter voltado à escola. “Fomos embora e tomamos sopa no hotel depois de sua partida. Não fizemos nada fora do normal. Vimos seu grande navio a vapor sair do porto quando estávamos no trem.”

Nesse inverno, a irmã de lady Randolph, Clara, escreveu à avó americana do menino: “Winston transformou-se num rapaz simpático e encantador.” Contudo, a mãe recebeu da escola, em meados de dezembro, uma carta alarmante escrita

por uma das irmãs Thomson, Charlotte . Ela tinha sido chamada para ver Churchill que, escreveu ela, “teve um problema que poderia ter sido muito grave”. Charlotte Thomson explica: “Ele estava fazendo provas de desenho, e parece que houve uma disputa entre ele e o menino que estava sentado ao seu lado acerca de uma faca que o professor tinha emprestado para o trabalho. Tudo se resolveu rapidamente, mas Winston sofreu um golpe que causou uma ferida superficial no peito.”

O dr. Roose assegurou à srta. Thomson que o menino “não está muito ferido, mas poderia ter ficado”. Não era a primeira vez, acrescentou a srta. Thomson, que recebia queixas sobre o outro menino, que tinha um temperamento exaltado. Pediriam aos pais que o retirassem da escola. Escrevendo ao seu marido acerca da facada, lady Randolph comentou de maneira bem antipática: “Não tenho dúvida alguma de que Winston provocou terrivelmente o menino e espero que isso seja uma lição para ele.” Churchill regressou a Londres para passar uns dias com o dr. Roose . Foi então que lady Randolph soube que o canivete com que seu filho tinha sido golpeado “penetrara meio centímetro”, mas ela escreveu numa carta a lorde Randolph : “Evidentemente, como eu imaginava, foi ele quem começou, puxando a orelha do outro menino.” “Que grande aventura Winston viveu”, escreveu lorde Randolph , de Bombaim, à sua mulher. “Foi uma grande bênção ele não ter ficado muito ferido.”

O primeiro semestre em Brighton terminou uma semana antes do Natal. Sem dúvida por causa da interrupção causada pelo incidente da briga, Churchill não teve tão bom desempenho, ficando em último da classe em francês, inglês e matemática. O boletim diz, contudo, que ele demonstrou “uma nítida melhoria na atenção ao trabalho no final do semestre”. Churchill escreveu mais tarde: “Essa escola era menor do que aquela que eu deixara. Era também mais barata e menos pretensiosa, mas tinha uma bondade e simpatia de que eu profundamente sentira falta em minha experiência anterior.”

Churchill passou as férias de Natal em Londres. A mãe achou muito difícil lidar com ele. “Mandarei trazer Jack antes do Natal”, escreveu à sua irmã Clara pouco antes das férias, “pois não consigo dominar Winston sem Everest e receio que nem ela consiga”. Churchill voltou a Brighton em 20 de janeiro de 1885 e escreveu à mãe no dia seguinte: “Deve estar feliz sem mim, sem os gritos de Jack e sem queixas. Deve ser o paraíso na terra.” Três dias depois, contou sobre um sucesso escolar: “Hoje andei a cavalo e cavalguei com rédea solta e a meio galope.”

Tal como em Ascot, Churchill estava ansioso para que a mãe fosse visitá-lo

também em Brighton. Uma boa oportunidade era a peça de teatro da escola. “Espero vê-la”, escreveu no final de janeiro, “e ficarei muito desapontado se não a vir, por isso venha”. Lady Randolph foi, levando Jack, que tinha 5 anos. “Estavam muito felizes juntos”, escreveu ela ao marido no dia seguinte, “e Winny estava extremamente animado, mas me pareceu muito pálido e frágil. Que preocupação que é esse menino.” Sua carta continua: “Disse-me que estava muito feliz, e acho que ele gosta da escola.”

O boletim desse semestre fala de “progressos muito satisfatórios”. “Em inglês, francês e estudos clássicos, numa turma de dez alunos, Churchill estava em quarto lugar. Em comportamento, contudo, estava em último lugar na turma de 29 alunos. De volta às aulas depois das férias, ouviu muitas coisas sobre a crescente fama de lorde Randolph. “Fui andar a cavalo com um senhor”, escreveu Churchill ao pai em maio, “que acha que Gladstone é um estúpido e pensa que ‘aquele que tem o bigode enrolado deveria ser o primeiro-ministro’”. O condutor do bonde que corre ao longo do mar chegou a dizer que “aquele lorde R. Churchill será primeiro-ministro”.

Churchill estava aprendendo a nadar, escreveu à mãe nesse mês, e “progredia admiravelmente”. Também gostava muito de andar a cavalo. Quanto aos estudos, “estou fazendo progressos em francês e latim, mas estou muito atrasado em grego”. Ele tinha, contudo, esperança de estudar em Winchester, “por isso vou me esforçar e estudar mais”.

O menino de 10 anos ficou animado nesse verão quando leu um artigo sobre o pai no jornal *Graphic*. Era, informou ele à mãe, “realmente muito bom”. Tinha uma fotografia “do papai no escritório com todas as fotografias e o suporte do tinteiro”.

Seis dias depois, o governo liberal foi derrotado na Câmara dos Comuns e Gladstone se demitiu. Foi formado um novo governo pelo líder conservador, lorde Salisbury; o pai de Churchill foi nomeado ministro para a Índia.

O terceiro semestre de Churchill em Brighton terminou em julho. Embora em comportamento fosse o último de sua classe, o trigésimo em trinta alunos, sua posição nos assuntos acadêmicos era elevada. Em uma turma de nove alunos, era o primeiro em estudos clássicos e o terceiro em francês. “Progressos muito acentuados durante o semestre”, escreveu Charlotte Thomson. “Se ele continuar a melhorar em comportamento e empenho, como aconteceu nesse período, terá realmente resultados muito bons.” Nesse verão, Churchill e o irmão passaram as férias em Cromer, no mar do Norte. Os pais passaram novamente férias em outro lugar. “Venha nos ver depressa”, escreveu Churchill à mãe em meados de

agosto. Seis dias depois, escreveu novamente: “Virá me visitar?”

Lady Randolph não respondeu ao apelo do filho, mas contratou uma preceptora para que ele tivesse aulas durante as férias. Isso não o agradou de modo nenhum. “Não estou me divertindo muito, pois as lições me limitam bastante”, escreveu ele à mãe em 25 de agosto. Oito dias depois, voltou a escrever: “O tempo está bom, mas não estou me divertindo muito. A preceptora é muito antipática, severa e rígida. Não consigo me divertir.” O único consolo era que em breve a mãe passaria lá dez dias. “Quando vier, contarei todos os meus problemas.” Problemas de saúde também tinham perturbado as férias. Primeiro, um exantema nas pernas o tinha obrigado a andar numa carroça puxada por um burro. Mais recentemente, explicou ele, sua disposição não tinha estado “das mais amistosas, mas acho que deve ser o fígado, uma vez que tive um ataque bilioso que me transtornou muito. Minha temperatura era de 37,8°C em vez de ser 36,6°C, como é normal”.

De regresso a Brighton para o semestre seguinte, Churchill leu em um jornal local que o pai tinha feito um discurso na cidade. “Não consigo entender por que não veio me ver quando estive em Brighton”, escreveu. “Fiquei muito desapontado, mas imagino que estivesse muito ocupado.” Como ministro para a Índia, lorde Randolph tinha autorizado uma expedição militar contra o rei Thibaw, da Birmânia, que, recusando-se havia muito tempo a parar com os ataques aos comerciantes e aos navios mercantes britânicos, obrigara uma empresa comercial inglesa a pagar uma multa alfandegária. Em um intervalo de dez dias, Mandalay tinha sido ocupada e o rei, feito prisioneiro. Agora, o futuro da Birmânia teria de ser resolvido na sala do Gabinete, que ficava no nº 10 da Downing Street. Lorde Randolph, escreveu mais tarde o filho, “era a favor da anexação simples e direta”. Apesar das hesitações de lorde Salisbury, prevaleceu o ponto de vista de lorde Randolph, e, em 1º de janeiro de 1886, naquilo que ele chamou de “um presente de Ano-Novo para a rainha”, a Birmânia foi anexada ao império britânico.

O governo conservador foi derrotado na Câmara dos Comuns em 26 de janeiro de 1886. As eleições gerais subsequentes, embora garantissem a lorde Randolph um lugar no Parlamento, deram aos nacionalistas irlandeses o equilíbrio do poder em Westminster. Gladstone, colocando a bandeira liberal no mastro do Projeto de Autonomia para a Irlanda, formou um governo com o apoio dos nacionalistas. Diz-se que o jovem Churchill, mais uma vez com dificuldades financeiras, comentou: “Nós estamos fora do governo, e eles economizam *comigo*.”

Em março desse ano, uma pneumonia levou Churchill, então com 11 anos, às portas da morte. A febre aumentou para 40°C. Lady Randolph correu para Brighton, seguida pelo marido. “Estou no quarto ao lado”, escreveu o dr. Roose a lorde Randolph na noite de domingo, 14 de março, “e vigiarei o doente durante a noite, pois estou preocupado”. À meia-noite desse domingo, a persistente febre elevada alarmou o médico. “Isso indica exaustão”, disse a lorde Randolph às 6h do dia seguinte. “Usei estimulantes, pela boca e pelo reto, e, às 2h15, a temperatura baixou de 38,3°C para 37,8°C, graças a Deus!” Roose acrescentou: “Não irei a Londres para trabalhar. Fico aqui hoje com o menino.”

Por volta do meio-dia de segunda-feira, 15 de março, a febre de Churchill voltou a subir. “Ainda estamos travando a batalha pelo seu filho”, escreveu Roose a lorde Randolph à uma hora da tarde. “Está com 39,4°C de febre, mas come *melhor* e não houve aumento de estragos no pulmão. Enquanto conseguir combater a febre e mantê-la abaixo dos 40,5 °C, não me sentirei alarmado.” A crise persistiu, mas Roose estava confiante de que o perigo seria afastado. “Alimentação, estimulantes e vigilância salvarão seu filho”, escreveu ele no boletim de uma hora da tarde. “Estou confiante”, acrescentou.

Às 23h, Roose enviou a lorde Randolph outra nota: “Seu filho, na minha opinião, está aguentando muito bem a perigosa caminhada! A temperatura está nos 39,7°C, com o que estou satisfeito, pois previa 40°C! Não haverá causa imediata para alarme pelo menos nas próximas doze horas, assim, *por favor*, tenha uma boa noite, pois estamos preparados!” O perigo ainda não terminara. “Tivemos uma noite muito inquietante”, relatou Roose na manhã seguinte, “mas conseguimos aguentar”. O pulso ainda mostrava “boa força, e tenho esperança de que o delírio termine e ocorra um sono natural”. O pulmão esquerdo continuava livre. Podiam contar com outras 24 horas de “situação crítica”. Roose acrescentou um pós-escrito: “Fiz uma descrição dos fatos a ele; seu filho está lutando muito bem e acho que, se Deus quiser, ele se recuperará.”

Na manhã de quarta-feira, 17 de março, Churchill já havia passado pelo pior. “Winston teve *seis horas de sono tranquilo*”, reportou Roose. “Já não delira. Temperatura: 37,2°C; pulso: 92; respiração: 28. Está com muitas saudades do pai e da mãe.” Churchill estava também ansioso para ver a sra. Everest, que aguardava a primeira oportunidade para visitá-lo. Contudo, o médico mostrou-se contrário. “Peço desculpas por incomodá-la com estas linhas”, escreveu ele a lady Randolph em 17 de março, “mas é para convencê-la da absoluta necessidade de repouso e de sono de Winston e de que a sra. Everest não deve visitá-lo hoje, pois até a animação ao vê-la pode ser prejudicial! E eu temo

muito uma recaída, pois sei que ainda não estamos totalmente livres de perigo”.

Ao saber que o pior já passara, a cunhada de lady Randolph , Moreton Frewen , escreveu-lhe em 17 de março: “Coitado do Winny; espero que não fique com nenhum problema depois de passarem os efeitos da doença, mas, mesmo que ela o deixe frágil durante bastante tempo, vocês o apreciarão mais ainda depois de ele ter sido devolvido do verdadeiro limiar do desconhecido.”

Vagarosamente, o rapaz se recuperou. O pai foi duas vezes a Brighton para vê-lo, uma em março, levando-lhe uvas, e outra em abril, quando lhe levou uma máquina a vapor de brinquedo. Foi uma época de bastante controvérsia para lorde Randolph . Gladstone tinha comprometido o governo liberal ao apresentar um Projeto de Lei de Autonomia, visando à criação de um Parlamento na Irlanda com poder para negociar todos os assuntos exclusivamente irlandeses. Todos os esforços de lorde Randolph se destinavam a atacar e a impedir o projeto de lei, realçando o mal-estar dos protestantes irlandeses diante daquilo que seria uma administração predominantemente católica. Em 8 de maio, o jornal *Times* publicou uma carta que ele escrevera a um membro do Partido Liberal em Glasgow, na qual lorde Randolph declarava que, se o governo liberal viesse a impor o Projeto de Autonomia aos protestantes da Irlanda, “o Ulster lutará, o Ulster acertará”. Essa frase tornou-se a palavra de ordem dos protestantes no norte.

Em julho, Churchill já estava suficientemente bem para poder voltar à escola. Estava muito animado com as próximas eleições gerais. “Espero que os conservadores ganhem”, escreveu ele à mãe. “Acha que ganharão?”, completou. O pai tinha já enfrentado os eleitores em 2 de julho. “Estou muito contente por papai ter ganhado por South Paddington, e por uma diferença tão grande. Acho que foi uma vitória!” Lorde Randolph conseguira 2.576 votos contra 769 obtidos por seu opositor. O resultado eleitoral centrou-se no papel desempenhado por Joseph Chamberlain e seus 77 companheiros liberais dissidentes que, sendo contrários ao Projeto de Autonomia para a Irlanda , chamavam a si próprios de “unionistas liberais ” e apoiaram os conservadores. Com essa aliança, lorde Salisbury formou seu segundo governo. Um novo partido político, o Partido Conservador e Unionista, estava em construção; 53 anos mais tarde, Churchill seria seu líder.

Lorde Randolph , que muito tinha encorajado a separação dos unionistas liberais , tornou-se ministro das Finanças. Tinha 37 anos. Churchill, que acompanhara as eleições e suas consequências, estava muito orgulhoso da proeza do pai. Estava também feliz em Brighton. “Estava pouco a pouco

ficando mais forte naquele ar revigorante e naquele afável ambiente”, escreveu mais tarde. “Eu podia aprender coisas que me interessavam, como francês, história e muita poesia, que cheguei a decorar, e, acima de tudo, andar a cavalo e nadar. A impressão que tenho desses anos é que foram muito agradáveis em contraste com minhas recordações escolares anteriores.”

Olhando para esses dias em Brighton seis anos depois, quando era estudante em Harrow, os comentários de Churchill foram mais prosaicos. “Tenho pensado muito na srta. Thomson”, escreveu ele a um colega, “e cheguei à conclusão de que muitas das regras e a maior parte da comida eram absolutamente odiosas. Longe de mim, contudo, falar mal da srta. Kate ou da srta. C., pois sempre ‘acalentei as mais afetuosas lembranças de ambas’. No entanto, meia salsicha... *Ugh!!!*”.

Numa de suas cartas no verão de 1886, Churchill disse à mãe: “Lamento dizer que estou completamente falido e que um dinheirinho seria bem-vindo.” Esse não era seu primeiro pedido de dinheiro, nem seria o último; na verdade, como esses pedidos começaram a ser mais frequentes, as cartas da mãe se encheram de queixas acerca de suas extravagâncias financeiras. Ele começou também a se interessar cada vez mais pelo mundo fora da escola. Em setembro, falou à mãe sobre a despesa de 19 mil libras feita pelo município de Brighton para alargar a rua: “Penso que é um grande desperdício de dinheiro.”

A carta de Churchill sobre os gastos públicos excessivos foi escrita quatro dias antes de lorde Randolph, falando em Dartford, no condado de Kent, comprometer-se a reduzir as despesas do governo. Nesse outono, ele também estava trabalhando em projetos para alterar as bases de tributação, com o intuito de, escreveu mais tarde o filho, aplicar “muito mais rigorosamente do que seus antecessores o princípio fundamental das finanças democráticas: a adequação da tributação à capacidade de pagamento do cidadão”.

Nesse inverno, a necessidade que o filho tinha do afeto do pai foi mais uma vez frustrada. Em 10 de novembro, a três semanas de seu décimo segundo aniversário, ele escreveu ao pai: “Nunca vem me ver aos domingos quando está em Brighton.” Era a segunda vez que o pai ia a Brighton e não o visitava.

Ao preparar seu primeiro orçamento, lorde Randolph procurou convencer o primeiro-lorde do mar e o ministro da Guerra a reduzirem suas despesas para o ano seguinte, de modo a promover a causa de um novo sistema de tributação mais equitativo e a frustrar aquilo que seu filho chamaria mais tarde “uma ambiciosa política externa apoiada no aumento do armamento”. Em 20 de dezembro, quando ficou claro que os dois ministros não estavam dispostos a

cortar despesas de seus respectivos ministérios, lorde Randolph escreveu ao lorde Salisbury: “Eu não quero brigar e discutir dentro do Gabinete e, portanto, venho requerer que me seja permitido deixar meu cargo e retirar-me do governo.” Quando Salisbury recebeu a mensagem, tratou-a como se fosse uma carta de demissão e aceitou-a. Lorde Randolph ficou devastado. Ele pretendia que a carta fosse interpretada como um aviso, talvez o aviso decisivo em sua luta contra o Almirantado e o Ministério da Guerra, e não como uma carta de demissão pondo fim abruptamente à sua carreira.

O que estava feito, estava feito; lorde Randolph já não era ministro das Finanças. Nunca mais apresentaria um orçamento nem regressaria ao Gabinete. Vinte anos mais tarde, Churchill publicou um relato pormenorizado da demissão de seu pai: “É evidente que ele esperava que os outros desistissem”, escreveu. “Esperava, sem dúvida, levar a melhor.” O erro do pai fora não ter “visto a irritação e a inveja que sua súbita ascensão ao poder tinha provocado”.

O rapaz de 12 anos conheceria em breve a irritação pública. Como lady Randolph explicou em fevereiro de 1887 ao marido, que então estava no Marrocos: “Winston foi levado a uma pantomima em Brighton onde estavam representando uma cena sobre você (...) [Ele] desatou a chorar (...) e, voltando-se furiosamente para um homem que estava assobiando atrás dele, disse: ‘Cala a boca, seu radical de nariz achatado!!!’” Lorde Randolph ficou tão feliz com a lealdade do filho que providenciou para que recebesse um soberano de ouro. “Todos nós aguardamos evidentemente sua reconquista do poder”, escreveu Churchill mais tarde. “Quando éramos crianças, víamos as pessoas que passavam por nós nas ruas tirarem os chapéus e os sorrisos dos trabalhadores quando viam seu grande bigode.”

Nesse verão, Churchill travou uma feroz batalha para obter permissão para ir a Londres por ocasião do jubileu da rainha Vitória. Precisou escrever três cartas à mãe para alcançar seu objetivo. Essa foi a primeira:

Minha querida mamãe,

A srta. Thomson não quer me deixar ir para casa por ocasião do jubileu porque diz que não haverá lugar para mim na abadia de Westminster e que por isso não vale a pena ir. Diz também que minha mãe estará muito ocupada e não poderá ficar comigo.

Mas mamãe sabe que não se trata disso. Eu quero ver o Buffalo Bill e a peça de teatro como me prometeu. Ficarei muito desapontado. Desapontado não é o termo: ficarei extremamente infeliz agora que já me prometeu e,

acima de tudo, nunca mais poderei confiar em suas promessas. Mas eu sei que mamãe gosta demais do seu Winny para fazer isso.

Escreva à srta. Thomson e diga-lhe que me prometeu e que deseja que eu vá para casa. Eu sei que Jack lhe pede todos os dias para me deixar ir e vão passar sete semanas depois do jubileu até que eu possa ir vê-los. Não me desaponte. Se escrever à srta. Thomson, ela concordará. Eu podia ir para casa no sábado e ficar até quarta-feira. Tenho muitas coisas, boas e más, para lhe contar. Não se esqueça de mim. Estou bastante bem, mas numa aflição para ir para casa, e ficaria muito transtornado se me impedisse.

A carta foi enviada em 11 de junho. Seguiu-se uma segunda carta 24 horas depois: “Espero que não me desaponte. Essa incerteza me deixa desorientado. Escreva-me na volta do correio, por favor!!!” Churchill remete juntamente um rascunho que preparou para a carta que queria que a mãe enviasse à srta. Thomson, dizendo: “Pode permitir que Winston venha a Londres no sábado, 18, para o jubileu. Eu gostaria muito que ele visse o cortejo e prometi-lhe que viria para o jubileu.”

O rascunho de Churchill não menciona Buffalo Bill, mas, na carta para a mãe, ele recorda mais uma vez esse aspecto de sua ida a Londres. O espetáculo seria no Earl Court, apresentado pelo próprio Buffalo Bill Cody, com muitos índios, caubóis, batedores, colonos e mexicanos. Sua segunda carta termina com “Pelo amor de Deus, não se esqueça!!!” Sua terceira carta, enviada em 15 de junho, era mais curta: “Estou ficando doido com a expectativa. A srta. Thomson diz que me deixará ir se lhe escrever e pedir. Pelo amor de Deus, escreva-lhe antes que seja tarde demais. Escreva à srta. Thomson na volta do correio, por favor!!!”

A persistência de Churchill foi recompensada. Lady Randolph fez o que o filho pedia, e ele foi a Londres para celebrar o quinquagésimo aniversário da ascensão ao trono da rainha Vitória. Foi claramente uma visita ruidosa. “Espero que perdoe rapidamente meu mau comportamento em casa”, escreveu ele à mãe no dia seguinte ao seu regresso a Brighton, “e que ele não altere qualquer divertimento nas minhas férias de verão”. Ele realça que outros dois rapazes que também haviam ido a Londres chegaram ainda mais tarde do que ele. Quanto aos estudos, diz: “Estou admiravelmente melhor em geometria euclidiana. Eu e outro rapaz somos os melhores da escola.” Quatro dias depois, conta que também está “admiravelmente” melhor em grego e em latim. Numa carta de 5 de julho, transmite a opinião de um professor, que diz “que estou muito melhor

em grego”. Isso era importante porque “grego é meu ponto fraco e não posso entrar em Winchester sem ele, por isso estou muito contente por estar melhor”.

Churchill esperava passar as férias de verão em Paris “ou em qualquer outro lugar no continente”. Desconfiava de que a mãe tinha outros planos para ele. “Minha querida”, escreveu a ela quando faltavam três semanas para começarem as férias, “espero que não pretenda tornar minhas férias uma desgraça me arranjando um professor particular”. Contudo, ela arranhou; o preceptor seria seu professor de grego, James Best, de 24 anos. Churchill ficou ligeiramente aliviado. “Como ele é professor aqui”, escreveu à mãe, “e como eu gosto bastante dele, não me importo, mas com uma condição: não fazer nenhum trabalho. Posso ceder em todas as outras coisas, exceto nessa”. Churchill acrescentou: “Nunca fiz nenhum trabalho nas férias e não é agora que vou começar. Vou me comportar muito bem se não me forcarem a isso e se não me aborrecerem por causa desse assunto.”

Lady Randolph estava determinada a que o filho estudasse durante as férias, mas ele estava cada vez melhor em fazer valer seu ponto de vista. “Prometo que serei um rapaz bem-comportado nas férias”, escreveu ele em 14 de julho. “Apenas *não* me obrigue a fazer trabalhos, porque estudei muito nesse semestre e acho que não devo trabalhar nas férias. Nunca faltam coisas para fazer quando estou no campo porque estarei ocupado ‘caçando borboletas’ todo dia (como fiz o ano passado). Deixe eu experimentar durante uma semana. Mesmo que as aulas durem só uma hora por dia”, disse ele à mãe “eu me sentiria obrigado a voltar a uma determinada hora e isso lançaria uma nuvem negra sobre meu divertimento”.

Ainda assim, teve mesmo aulas, embora parte das férias nesse verão tenham sido passadas com Jack e a sra. Everest na ilha de Wight . Quando voltou a Brighton, soube que os pais o mandariam não para Winchester, para onde ele se preparara, mas para Harrow. Os problemas de saúde que tivera anteriormente tornavam Harrow uma opção mais atrativa, uma vez que ficava em altitude mais elevada. Nesse outono, o reitor, dr. Welldon , escreveu a lorde Randolph : “Pode ter certeza de que o colocarei numa casa onde sua saúde será cuidadosamente vigiada.”

Churchill ficou satisfeito com a decisão. “Fiquei muito contente ao saber que vou para Harrow, e não para Winchester”, escreveu ele ao pai. “Acho que conseguirei passar no exame de admissão, que não é tão difícil quanto em Winchester.” Em aritmética, “estamos estudando raízes quadradas e já quase domino as frações decimais e a regra de três simples”. Estava aprendendo um

segundo grupo de verbos gregos. No fim do semestre, desempenharia o papel de Martine na peça *Le médecin malgré lui*, de Molière . Estava também estudando seu papel num trecho da peça grega *Os cavaleiros*, de Aristófanes, “em que há apenas dois personagens, um dos quais eu represento”.

Na preparação para o exame preliminar para Harrow, Churchill estudou com perseverança os verbos gregos, fazendo progressos reais. Por iniciativa própria, escreveu para pedir conselhos a um rapaz que tinha estado com ele em Brighton e fora aceito em Harrow. “Ele me respondeu e contou tudo”, informou Churchill à mãe. À medida que o exame se aproximava, ficava mais animado: “Espero ter o sucesso que mereço após um longo período de trabalho duro.”

Jack e a sra. Everest estavam em Brighton, o que também o animou. O resultado foi notável: nos primeiros seis exames, ficou em primeiro lugar em história inglesa, álgebra, história antiga e história da Bíblia e em segundo lugar em geografia. Duas semanas depois, ficou em segundo lugar em aritmética.

Enquanto os exames continuavam, lorde Randolph foi a Brighton e levou o filho para tomar chá. O menino, com 13 anos, já fazia planos para se entreter no Natal. “Esse ano não teremos árvore de Natal”, escreveu ele à mãe em 13 de dezembro, “mas creio que um bom ilusionista por três guinéus, um chá, divertimentos e jogos depois do chá será ainda melhor”. Por três guinéus, sublinhou Churchill, o ilusionista “faz ventriloquia e bons truques por algumas horas”. Ele arranjaría muitos rapazes para convidar.

No dia seguinte, os planos da festa de Natal caíam por terra. Os pais iriam partir para a Rússia dentro de cinco dias e estariam ausentes até fevereiro. “Estou muito desiludido por ter de passar minhas férias sem vocês”, escreveu ele à mãe ao tomar conhecimento das notícias pela srta. Thomson, “mas estou tentando ‘tirar o melhor partido’. Com certeza não poderemos ter uma festa”. De volta a Londres, passou as férias de Natal sem os pais. “É muito chato sem vocês”, escreveu à mãe em 26 de dezembro. Contou também que recebera dois prêmios na escola, de inglês e religião.

Nesse Natal, a sra. Everest adoeceu com difteria. “É muito difícil suportar”, escreveu Churchill à mãe em 30 de dezembro. “Sentimo-nos muito desamparados.” Ele e Jack tinham deixado Connaught Place e estavam sob os cuidados do dr. Roose , no nº 45 da Hill Street, perto da Berkeley Square. Quatro dias depois, os rapazes foram levados para Blenheim , onde passaram uma semana. “Fez bem a eles”, escreveu a avó, a duquesa viúva, a lorde Randolph em 8 de janeiro de 1888, “e mantive Winston na linha, como sei que você gosta. Ele é um rapaz inteligente e, na verdade, nada malcomportado, mas

precisa de um pulso firme. Jack não precisa ser controlado”.

De Blenheim , os dois meninos retornaram a Londres, onde ficaram com a duquesa na casa de nº 46 da Grosvenor Square. Levaram ambos para ver o novo espetáculo de Gilbert e Sullivan, *HMS Pinafore*, e a pantomima *Puss in Boots* , mas tinham uma preceptora das 10h às 19h todos os dias, e a duquesa desencorajava saídas noturnas.

“Temo que Winston me considere muito severa”, escreveu ela a lorde Randolph em 19 de janeiro, “mas eu realmente acho que ele sai demais e não gosto que vá a festas muito tarde. Ele se anima com facilidade, mas vai voltar à escola na segunda-feira. Entretanto, é afetuoso e não se porta mal”. Estava também muito preocupado com a sra. Everest, “Woomany ”, como ele a chamava. “Teria sido muito pior se Woomany tivesse morrido”, escreveu ele à mãe, que ainda estava na Rússia.

Numa carta que a mãe receberia quando chegasse a Londres, Churchill pedia-lhe “um bom dicionário latim-inglês e um bom dicionário inglês-latim”. Uma semana mais tarde, pediu um léxico grego. Tinha começado a estudar Virgílio, “de que gosto”, e também Heródoto no original grego. Estava muito confiante de que teria boas notas no exame de admissão em Harrow. “Ouvi dizer que álgebra é uma matéria extra, e assim espero marcar pontos, uma vez que gosto muito dessa matéria.” No fim do semestre, ele entenderia o primeiro livro de geometria euclidiana “perfeitamente, o que é mais do que eu queria. Eles exigem apenas aritmética, frações ordinárias, frações decimais e juros simples e compostos, coisas que eu sei”. Também tinha feito progressos nas línguas: “Aprendi alguns verbos irregulares gregos e bastante francês. Eu quero muito passar.”

Em fevereiro, Churchill escreveu à mãe: “Estou estudando muito para entrar em Harrow.” Não era “muito bom em poesia latina, mas não tem grande importância, pois a prosa é o mais importante, e estou melhorando nisso rapidamente”. Estava estudando a geografia dos Estados Unidos. “Quando eu for para casa, deve me fazer perguntas.” Também lia romances; quando Rider Haggard enviou-lhe um exemplar de seu último livro, *Allen Quatermain*, Churchill escreveu a ele para dizer que tinha gostado mais do novo livro que de *As minas do rei Salomão*. “É mais divertido”, explicou ele.

Nove dias antes do exame de admissão em Harrow, Churchill disse ao pai: “Estou chegando ao fim do segundo livro de *Eneida*, de Virgílio, e gosto mais disso do que de qualquer outra coisa.” Terminou também outro grupo de verbos gregos: “Espero passar. Acho que passo.”

A confiança de Churchill justificava-se. Em 15 de março, fez e passou no exame de admissão em Harrow. Porém, tinha sido uma experiência de arrasar os nervos. Quando Churchill deixou Harrow num trem para Londres, Charlotte Thomson informou lorde Randolph de que ele tivera “uma forte crise de indisposição”. Andara preocupada com os efeitos daquele “excitamento nervoso” sobre os estudos, e seus receios se concretizaram. “Quase não passa”, escreveu ela, tendo ficado “terrivelmente transtornado” depois da manhã em que fizera exames. O problema fora a tradução de latim; Churchill garantiu à srta. Thomson “inúmeras vezes”, disse ela ao lorde Randolph, “que nunca tinha traduzido de latim para inglês, portanto evidentemente não era capaz de traduzir o fragmento de prosa apresentado na prova de exame. Como sei que ele andava traduzindo Virgílio havia mais de um ano e que há ainda mais tempo traduzia César, fiquei bastante surpreendida com essa afirmação, mas evidentemente não o contradisse”.

“Passei”, escreveu Churchill à mãe, de Brighton, em 16 de março, “mas foi muito mais difícil do que eu esperava”. A tradução de latim foi “muito, muito difícil”, assim como a tradução de grego. Não havia gramática grega, “que era onde eu esperava obter pontos”, e não havia francês. Estava “muito cansado, mas isso agora não interessa, pois sei que passei. Estou ansioso para ir a Harrow; é um local muito agradável, com uma bela vista, uma bela localização, uma boa piscina, um bom ginásio e uma oficina de carpintaria e diversas outras atrações”. Havia ainda outra atração em Harrow: “Poderá me visitar muitas vezes no verão. É muito perto de Londres; pode vir de Victoria em uma hora e quinze minutos mais ou menos.”

Churchill passou o último mês em Brighton pensando na ida para casa.

“Quero muito passar a Páscoa com você”, escreveu em 27 de março. Contudo, a mãe estava mais uma vez longe de casa. Em vão, ele lhe suplicou: “Venha depressa para casa.”

2.

Harrow

Churchill entrou no colégio de Harrow em abril de 1888. Tal como em St. George e em Brighton, era um aluno interno, estando com os pais apenas nas férias, mesmo assim nem sempre. “Gosto imensamente de tudo”, foi seu primeiro comentário na primeira carta enviada para casa, escrita três dias depois de sua chegada. Na segunda carta, escrita no dia seguinte, estava muito orgulhoso porque um professor lhe tinha dito que seu resultado no exame de admissão em aritmética tinha sido “o melhor”.

Durante o primeiro mês em Harrow, Churchill ingressou na força de cadetes e disse à mãe “cheguei pontualmente na hora dos exercícios”. Foi com a força de cadetes a Rickmansworth, onde houve uma simulação de batalha com a escola de Haileybury. “Como eu ainda não tinha uniforme, apenas carreguei os cartuchos”, escreveu ele na carta enviada para casa. “Carreguei cem cartuchos de guerra para distribuir em plena batalha, por isso pude ter uma boa visão do campo. Foi muito emocionante. Era possível ver através da fumaça o inimigo se aproximando cada vez mais.” Porém, os rapazes de Harrow foram derrotados “e forçados a se retirar”.

Em sua primeira dissertação em Harrow, Churchill escreveu acerca da Palestina dos tempos de João Batista, quando a região “estava sob domínio dos romanos, que se encontravam então no auge de sua glória”. Sobre os zelotes, escreveu que “estavam sempre prontos para uma rebelião, dispostos a arriscarem suas vidas, seus lares, todos os seus bens pela liberdade do país”. Quanto aos fariseus, escreveu: “Seus defeitos eram muitos. Quem é que tem poucos defeitos? Quem, com todas as vantagens do cristianismo, afirma que eles são mais pecadores do que ele comete o mesmo crime de que os acusa.”

Churchill estava aprendendo a disparar com o fuzil Martini-Henry, usado pelo Exército. Estava também decorando cerca de mil linhas de Macaulay para uma premiação. “Qualquer um que queira se dar ao trabalho de decorá-las pode ganhar um prêmio”, explicou ele ao pai, “uma vez que não há limite de premiações”. Dessa vez, foram mil linhas de *The Lays of Ancient Rome* que lhe

valeram um prêmio.

Churchill ainda ansiava pelas visitas da mãe, mas por vezes esses encontros provocavam tristeza. “Não fique zangada comigo”, escreveu ele no final de junho. “Eu vou me esforçar e estudar, mas ficou tão zangada comigo que fez eu me sentir muito estúpido. Mantive meu quarto arrumado desde que veio aqui.” E acrescentou: “Venha no domingo, mamãe. Eu não sou preguiçoso e bagunceiro, mas sim descuidado e desleixado.”

Lady Randolph não visitou o filho nesse domingo. Contudo, ele esperava que ela o fizesse uma semana depois, quando ele cantaria no coro da escola como soprano.

“Eu sou um dos sopranos importantes”, explicou ele, “e estou naquilo que se chama o núcleo do coro. Evidentemente, sou tão novo que minha voz ainda não mudou, e como sopranos são raros, eu sou um dos poucos”. Apesar desse atrativo, lady Randolph não visitou o filho no dia da entrega de prêmios. Churchill contentou-se com a visita de sua tia, lady Fanny Marjoribanks, cujo filho também estava em Harrow e cujo marido era uma estrela ascendente na bancada liberal.

As canções escolares que Churchill cantou no dia da entrega de prêmios animaram seu espírito. “O patriotismo vibrante que esses versos evocavam”, escreveu mais tarde seu filho Randolph, “permaneceu para sempre com ele e foi a mola principal de sua conduta política”. Quando, no auge da *Blitz*, em 1940, Randolph acompanhou o pai a Harrow para assistir às apresentações das canções escolares anuais, Churchill disse: “Ao ouvir esses rapazes cantarem todas essas canções de que tanto me lembro, consigo ver-me há cinquenta anos cantando essas histórias dos grandes feitos e dos grandes homens e perguntando a mim mesmo como eu poderia algum dia fazer alguma coisa grandiosa pelo meu país.”

O próprio Churchill recordaria mais tarde, num discurso feito aos rapazes de Harrow em outubro de 1945, como se sentira “muito atraído” pelo timbale. Tinha pensado várias vezes “se ao menos eu pudesse tocar um...”, mas nunca teve essa oportunidade. “Assim, desisti dessa ambição e transferi minhas aspirações para outra parte da orquestra. Pensei: ‘Se não posso ter os timbales, posso tentar ser o maestro.’ De qualquer modo, envolvia uma grande quantidade de gestos.” Também não o conseguiu, pelo menos enquanto esteve em Harrow, “mas finalmente, depois de muita perseverança, consegui ser maestro de uma banda considerável. Era uma banda muito grande e tocava com instrumentos muito estranhos e extraordinários, e o ribombar e o retumbar de sua música

ressoou em todo o mundo”.

Como parte das permissões regulares de saídas, Churchill esperava ir para casa durante uma semana em julho, mas foi forçado a ficar na escola. Não que ele tenha “intencionalmente provocado problemas”, explicou Henry Davidson , o professor assistente, a lorde Randolph , “mas seu desleixo, sua falta de pontualidade e sua irregularidade em todos os aspectos têm sido realmente tão graves que escrevo para lhe pedir que, quando ele for para casa, fale a ele muito seriamente sobre esse assunto”.

Haveria mais queixas. “Winston, lamento dizê-lo, comporta-se de maneira ainda pior do que no semestre passado”, explicou Davidson . “Chega constantemente atrasado às aulas, perde os livros e os cadernos e várias outras coisas que não preciso enumerar. É tão regular em sua irregularidade que realmente não sei o que fazer, e por vezes penso que ele não consegue evitar.” Se ele não for capaz de “dominar seu desleixo, nunca será bem-sucedido numa escola pública”, prevenia Davidson . Realmente era bastante grave que ele tivesse adquirido “um desleixo tão fenomenal”. Ele tinha “capacidades muito boas”, mas elas se tornariam “perfeitamente inúteis devido à sua habitual negligência”. E, contudo, acrescentou Davidson , “não posso terminar sem lhe dizer que estou muito satisfeito com alguns trabalhos de história que ele tem feito para mim”. Nesse semestre, Churchill recebeu um prêmio em história inglesa.

Um novo desafio, proposto no outono, foi um prêmio escolar para quem recitasse mil versos de Shakespeare. As cartas de Churchill para os pais mostravam quão ansioso ele estava por ganhá-lo, mas perdeu por apenas 27 pontos, dizendo: “Fiquei bastante admirado porque venci uns vinte rapazes que eram muito mais velhos do que eu.” Então, pouco antes de seu 14 ° aniversário, escreveu novamente, estando muito orgulhoso por ter ganho um prêmio de história pela segunda vez consecutiva. Tinha também ficado em primeiro lugar em história romana e obtivera bons resultados em grego e em latim.

Em casa para o Natal e o Ano-Novo, escreveu à mãe que mais uma vez estava em viagem durante as férias dele, dizendo que sua garganta estava inchada e que o fígado “ainda [estava] mal”. Remédios seis vezes por dia, acrescentou, “é uma terrível inconveniência”. Quando Churchill se restabeleceu, o dr. Roose disse-lhe que devia passar um tempo à beira-mar para se recuperar totalmente. Mais uma vez, foi para a ilha de Wight com a sra. Everest. Quando voltou à escola, porém, a doença continuou a dificultar seu progresso. Em março, disse à

mãe que estava “longe de ficar bom e estou de cama porque mal consigo me manter de pé”. Seu consolo foi uma visita da sra. Everest. “Não sei como teria passado o dia se não fosse Woomany ”, disse ele à mãe.

As qualidades de Churchill não passavam despercebidas. Em abril, Welldon decidiu levá-lo para a sua própria residência para estudantes, escrevendo a lorde Randolph : “Ele tem grandes qualidades e, penso eu, está fazendo progressos em seu trabalho.” Lorde Randolph tinha enviado uma bicicleta ao filho. “Pedalei por doze quilômetros”, escreveu ele ao pai em maio. “É uma bela máquina.” Gostou de sua nova residência, dizendo à mãe: “Todos os meninos são educados e simpáticos.” Porém, a doença interveio mais uma vez quando caiu da bicicleta e se machucou, sendo obrigado a passar uma semana em repouso. Mais uma vez, a sra. Everest correu para Harrow, mas Churchill queria que a mãe estivesse com ele. “Minha mãe não pode vir?”, perguntou. “Fiquei muito desapontado por não vê-la.” A queda tinha sido grave.

“Estou com o corpo dolorido”, disse à mãe, “mas me sinto animado e nem um pouco estressado; o tempo passa muito depressa, principalmente quando posso ter visitas”. A melhor notícia era que a enfermeira do hospital tinha ido embora, “e portanto estou sozinho com Woomany ”.

Quando se recuperou da concussão, Churchill pediu ao pai que fosse visitá-lo no dia da entrega de prêmios. “Acho que ninguém lhe pedirá que faça um discurso”, escreveu para tentar tranquilizar o pai. “De fato, acho que será muito improvável.” Churchill acrescentou: “Nunca me veio ver e portanto achará tudo novo.” Churchill tinha entrado para Harrow havia mais de um ano. Lorde Randolph finalmente o visitou; em Harrow, disse a Welldon que gostaria que o filho tivesse aulas na Classe do Exército em vez de ter aulas normais. Uma vez que a Classe do Exército implicava aulas extras sobre temas militares necessários para entrar na academia militar, Churchill não poderia continuar estudando as matérias que eram dadas aos rapazes que queriam ir para a universidade, como ele desejava.

Nesse semestre, os resultados de Churchill foram bons, de modo que não havia razão para que não conseguisse passar no exame de admissão na universidade, mas lorde Randolph foi categórico: seu filho iria para o Exército, e, portanto, deveria estudar na Classe do Exército . Muitos anos depois, Churchill refletiu sobre a decisão do pai, recordando uma visita de inspeção que fizera durante as férias para ver a coleção do filho, que tinha perto de 1.500 soldadinhos. “Todas as tropas estavam dispostas em correta formação de ataque. Ele passou vinte minutos observando a cena — que era realmente

impressionante — com um sorriso largo e cativante. No fim, me perguntou se eu gostaria de ir para o Exército. Pensei que seria esplêndido comandar um exército, portanto disse que sim imediatamente, e imediatamente acreditei nas minhas palavras.”

Churchill acrescentou, com ironia: “Durante anos, pensei que meu pai, com sua experiência e seu instinto, tinha discernido em mim qualidades de gênio militar, mas me disseram mais tarde que ele tinha apenas chegado à conclusão de que eu não era inteligente o bastante para a advocacia.” Welldon conseguiu que Churchill fosse aceito na Classe do Exército . Ele não foi bem em matemática, tornando remotas as chances de ir para Woolwick, a academia para cadetes que procuravam posições nas academias reais de artilharia ou engenharia. Em vez disso, teria de se preparar para Sandhurst , a academia para futuros oficiais de infantaria e cavalaria. “Entrei para a Classe do Exército ”, escreveu à mãe no final de setembro. “É uma ‘chatice’, pois tomou metade das minhas férias; contudo, temos francês e desenho geométrico, que são as duas coisas mais necessárias para o Exército.”

Quando começou a ter o trabalho extra que a Classe do Exército implicava, Churchill insistiu para que a mãe lhe escrevesse. “Já faz mais de quinze dias que não tenho notícias suas”, queixava-se ele no começo de outubro. “Na verdade, só recebi uma carta esse semestre. Não é muito simpático, querida mãezinha, esquecer-me completamente e não responder às minhas mensagens.” Uma das cartas de Churchill para a mãe, escrita um mês antes de seu décimo quinto aniversário, foi ditada a um colega da escola. “Milbanke está escrevendo por mim”, explicou, “pois estou tomando banho”. Muitos anos mais tarde, outros estenógrafos escreveriam o que o primeiro-ministro ditasse enquanto tomava banho.

Milbanke , que foi morto em ação em 1915, durante o desembarque na baía de Suvla, em Galípoli, era quase dois anos mais velho que Churchill. “Quando meu pai vinha me ver”, recordou Churchill mais tarde, “costumava levar-nos para almoçar no hotel King’s Head. Eu ficava entusiasmado ao ouvi-los conversar como se fossem iguais, com a confiança tranquila de dois homens do mundo. Eu o invejava muito. Como gostaria de ter aquele tipo de relacionamento com meu pai! Mas, infelizmente, eu era apenas um rapaz atrasado na escola, e minhas incursões na conversa eram quase sempre desastradas ou tolas”.

Com seus amigos, Churchill não era nem um pouco inibido ou atrapalhado. “Como outros garotos em Harrow”, recordou mais tarde um aluno mais velho,

Murland Evans , “eu me sentia muito atraído por esse rapaz extraordinário. Sua inteligência dominante, sua bravura, seu encanto e a indiferença pelos ambientes desagradáveis, a imaginação viva, o poder descritivo, o conhecimento geral do mundo e da história — obtido sem que se soubesse como, mas nunca disputado — e acima de tudo aquele magnetismo e simpatia que brilhava em seus olhos e que irradiava de uma personalidade que, mesmo sob a severa repressão de nosso sistema escolar público, dominou muita gente à sua volta, muitos superiores em idade e destreza”.

Falando de seu futuro, Churchill disse à tia, lady Rodney : “Se tivesse duas vidas, seria soldado e político, mas, como acho que não haverá nenhuma guerra no meu tempo, terei de ser político.” Era um leitor voraz. Um rapaz, ao encontrá-lo aninhado numa cadeira lendo, pediu para ver o livro. Era *História da Revolução Francesa*, de Carlyle . Porém, por parte do pai parecia haver pouco encorajamento; um primo de Churchill, Shane Leslie , recordou mais tarde que, certa vez, quando os rapazes encenavam peças em casa, lorde Randolph teria observado: “Eu manterei um silêncio frio e ácido.”

Nesse inverno, o reitor colocou Churchill sob “atenção reforçada”, e seus professores tinham de informar seu progresso a cada semana. Mesmo quando se tornou claro que os avanços eram satisfatórios e que os professores “não tinham queixas”, Welldon manteve-o sob vigilância. “É escandaloso que ele continue com isso”, escreveu Churchill à mãe, pedindo-lhe que fosse à escola e falasse diretamente com o reitor. “Por favor, não tenha medo dele, porque ele promete ser justo, mas age de maneira diferente. Deve me defender porque ninguém mais o fará.”

Uma semana depois de seu décimo quinto aniversário, Churchill escreveu orgulhosamente à mãe: “Estou estudando muito.” Esforçou-se tanto, de fato, que, apesar do trabalho extra na Classe do Exército , conseguiu ser promovido a uma turma superior do quarto ano. “Ficamos encantados ao saber que conseguiu passar para uma classe superior”, escreveu-lhe a mãe às vésperas de partir para a Europa mais uma vez, “e espero que continue a esforçar-se. Deve estar muito animado e cheio de ambição”.

Churchill tinha começado a estudar inglês com um professor que o ensinava com entusiasmo e competência, insuflando vida no normalmente tedioso tema da construção de frases. O professor era Robert Somervell, “um homem encantador”, escreveu Churchill mais tarde, “a quem devo muito”. O método de Somervell, recordou Churchill, consistia em dividir uma frase longa em suas orações componentes, “por meio de tinta preta, vermelha, azul e verde” e

ensiná-lo quase diariamente, como “uma espécie de instrução militar”. Com esse método, “meti na cabeça a estrutura essencial da frase comum inglesa, que é uma coisa nobre”.

“Estou indo muito bem em minha nova turma”, relatou Churchill à mãe em janeiro de 1890. “Papai disse que cantar é uma perda de tempo, portanto abandonei as aulas de canto e comecei a ter aulas de desenho.” Churchill estudou desenho durante uma hora extra todas as semanas, sempre ao fim da tarde, tendo dito à mãe que havia desenhado “pequenas paisagens e pontes e esse tipo de coisa”, e que agora começaria a sombrear a sépia. Chegou-lhe uma inesperada carta de encorajamento da avó, a duquesa Fanny, que escreveu: “Gosto de saber que começa a ser ambicioso! Tem em seu pai um grande exemplo de diligência e de perfeição no trabalho.”

A Classe do Exército, queixou-se Churchill ao pai nessa primavera, “me afasta de todo o trabalho interessante de minha turma e estraga meu semestre”. Noventa por cento dos rapazes da classe teriam, de qualquer maneira, explicações antes do exame para o Exército. Nenhum gostava da classe especial, porque “faz com que fiquem mal classificados em suas turmas”. Harrow era “um lugar maravilhoso, mas Harrow e a Classe do Exército não combinam”. O protesto não lhe serviu de nada.

Em maio, Churchill começou a aprender alemão. “*Ugh*”, escreveu ele à mãe. “Contudo, espero ser capaz de *Sprechen sie Deutsch* um dia desses.” Essa esperança nunca seria concretizada.

Na metade do semestre de verão de 1890, Churchill foi confrontado com a ira dos pais. O pai havia enviado cinco libras ao filho e só recebera uma carta de agradecimento uma semana depois. Seu boletim escolar recebido na metade do semestre também fora muito decepcionante. A combinação desses dois fatos deu origem a uma carta da mãe: “Você age de uma maneira totalmente desarmônica”, escreveu ela, “de modo que acaba sempre em último — olha para seu lugar na turma!”. A carta continuava: “Meu querido Winston, você me dá muitos desgostos... Eu tinha tantas esperanças e estava tão orgulhosa, e agora não resta nada. Meu único consolo é que seu comportamento é bom e que é um filho afetuoso, mas seus resultados são um insulto à sua inteligência. Se ao menos conseguisse traçar um plano de ação e levá-lo a cabo com determinação... Tenho certeza de que conseguiria realizar tudo o que deseja.” Havia mais conselhos: “Os próximos dois anos”, avisava ela, “e o uso que fizer deles afetarão toda a sua vida. Pense cuidadosamente sobre isso e faça um esforço antes que seja tarde”.

Churchill fez um esforço para se defender. A carta de agradecimento enviada para o pai tinha sido escrita naquela mesma tarde, explicou ele, mas, como estava tarde, tinha sido obrigado a entregá-la a outra pessoa para pô-la no correio. “Ele, suponho, esqueceu e só a enviou depois de vários dias.” Quanto ao fraco resultado no boletim, disse que: “Não vou tentar desculpar-me por não ter me esforçado mais, pois sei que fui bastante preguiçoso com uma coisa ou outra. Consequentemente, quando o mês chegou ao fim foi uma catástrofe e tive um boletim fraco etc. etc., mas isso foi há mais de três semanas, e com certeza terei boas notas no próximo mês.” Ainda faltava muito tempo para o fim do semestre, “e vou dar meu melhor no tempo que falta”. A crise passou, o empenho de Churchill melhorou e a ira dos pais abrandou. Nesse outono, começou a fumar, provocando mais críticas: “Querido Winston”, escreveu-lhe a mãe em setembro, “se ao menos soubesse como parece tolo e pateta ao fazê-lo, desistiria, pelo menos durante alguns anos”. Era preciso um estímulo para levá-lo a deixar de fumar: “Vou convencer papai a dar a você uma espingarda e um pônei.” Churchill acatou o conselho da mãe, dizendo que deixaria de fumar “de qualquer modo durante seis meses”. Em setembro, a duquesa Fanny lhe deu vários conselhos: “Cuide-se, esforce-se, afaste-se de dificuldades e não se irrite tão facilmente!!!”

À medida que Churchill se aproximava de seu décimo sexto aniversário, todos se alarmavam com a expansão da epidemia de gripe que, após devastar a Europa e a Ásia, atingiu rapidamente a Grã-Bretanha. A epidemia tornou-se tema de um poema de Churchill, de doze estrofes, que foi publicado na revista *Harrovian*. Numa estrofe, lê-se:

*Sobre as gélidas planícies da Sibéria
Onde os exilados russos labutam acorrentados
Ela move-se com passos silenciosos,
E à medida que vagarosamente desliza
Seguem-na através dos céus
Os espíritos dos mortos.*

Outra estrofe faz referência às duas províncias alemãs que ele tinha visitado com o pai sete anos antes:

*Bela Alsácia e desamparada Lorena,
Causa de amargura e dor*

*Em tantos peitos gálicos
Recebem o vil, insaciável flagelo
E das suas cidades com ele emergem
E nunca se detêm nem descansam.*

A última estrofe se rejubila com o fato de a Grã-Bretanha não ter sido tão terrivelmente afetada quanto o continente e expressa seu orgulho do império britânico:

*Deus defende nosso império do poder
Da guerra ou da fome, da epidemia ou da praga
E de todo o poder do Inferno
E mantém-no para sempre nas mãos
Daquelles que lutaram contra outras terras
Que lutaram e souberam conquistar.*

Nessa época, Churchill estudava para o exame preliminar do Exército. Curiosamente insensível ao esforço do filho, a mãe disse-lhe que não estava satisfeita com seus progressos. “Ouvi dizer que está muito irritada comigo!”, escreveu ele. “Lamento, mas estou estudando arduamente e receio que algum inimigo tenha lançado suspeitas em seu espírito.” Ele já tinha explicado que seus problemas anteriores tinham surgido “devido ao fato de ter sido colocado sob a orientação de um professor que odeio e que me odeia”. Agora, era ensinado “por professores que se interessam muito por mim e que dizem que tenho ido muito bem. Se acreditar em minha palavra de honra de que estou me esforçando ao máximo, ótimo, se não... não posso fazer mais nada a não ser tentar”.

Foi uma amiga de sua mãe, lady Wilton, que assinava as cartas para ele como “a sua mãe substituta”, que enviou a Churchill palavras afetuosas e encorajadoras. “Lamento que tenha tanto trabalho pela frente”, escreveu-lhe ela dez dias antes de seu décimo sexto aniversário, “mas, se enfrentá-lo, ele vai gradualmente parecer menos árduo, e tenho certeza de que passará”. O exame aconteceria em 10 de dezembro. “Espero que passe no exame com distinção”, escreveu lady Wilton numa segunda carta, acrescentando: “Eu ficaria felicíssima com isso.”

Na prova de geografia, Churchill teria de responder a perguntas sobre determinado país, mas nenhum dos rapazes sabia qual país seria esse. Na noite

anterior ao exame, escreveu o nome de cada um dos países possíveis em pedaços de papel, sabendo que eram 25, colocou-os num chapéu, fechou os olhos e sorteou um. “Saiu a Nova Zelândia”, escreveu ele à mãe. “E a Nova Zelândia foi a primeira pergunta em meu exame.” Essa sorte, combinada com o árduo estudo de Churchill ao longo de muitos meses, teve seus efeitos. Ele foi aprovado em todas as matérias. “Estou muito contente por saber as boas notícias”, escreveu-lhe a duquesa Fanny quando foram divulgados os resultados. “Espero que isso o encoraje a continuar a esforçar-se, a distinguir-se e a fazer com que tenhamos orgulho de você.”

Churchill e Jack passaram o Ano-Novo de 1891 em Banstead, uma casa que lorde Randolph alugara perto do hipódromo de Newmarket. Como os pais estavam uma vez mais fora do país, a sra. Everest tomou conta dos meninos. “Matamos muitos coelhos”, contou Churchill à mãe. “Uns onze pares ao todo. Amanhã vamos matar as ratazanas.” Seu principal esforço em Banstead consistiu em construir com Jack um “antro”, uma cabana feita de lama e tábuas, com chão de palha. Rodeado por um vale que servia como fosso, o antro era defendido com uma catapulta elástica feita em casa, que disparava maçãs sobre qualquer intruso. Churchill encarregava-se da defesa do lugar, usando seu irmão Jack e seus dois primos, Shane Leslie, de 5 anos, e Hugh Frewen, de 6, às vezes como aliados que tinham de ser treinados e defendidos, às vezes como inimigos que tinham de ser repelidos.

De volta a Harrow, Churchill continuou a sofrer com problemas de saúde, escrevendo à mãe em maio e queixando-se de que tinha esforçado demais o abdome, sentia bastantes dores e “estava assustado”. Os dentes também estavam causando problemas. “Pobre velhote”, escreveu-lhe a sra. Everest. “Já experimentou a heroína que arranjei? Pegue-a no frasco de óleo Elliman e fricção no rosto antes de dormir, cobrindo com uma meia depois de friccionar durante quinze minutos. Experimente. Tenho certeza de que lhe fará bem.” Para a mãe, Churchill assinou “seu filho, cheio de dores de dentes, mas ainda afetuoso”. O conselho dela era que ele escovasse os dentes mais vezes. Da sra. Everest chegou um aviso para não nadar na piscina de Harrow, pois “o vento está ainda vem de leste e é traiçoeiro”. Ela dava-lhe bondosos conselhos. “Não tente entrar no trem quando ele já estiver em movimento”, escreveu ela nesse verão. “Fico sempre preocupada com isso porque você fica na banca de livros e se esquece de prestar atenção ao trem. Tenha cuidado, meu querido.”

Em maio desse ano, Churchill também disse à mãe que teve “um problema dos diabos” na escola. Ao pai, que estava na África do Sul, explicou que ele e

outros quatro rapazes tinham descoberto uma fábrica abandonada enquanto passeavam. “Estava em ruínas e decadente, mas algumas janelas continuavam intactas, e resolvemos facilitar o trabalho da passagem do tempo, mas acontece que o guarda se queixou a Welldon , que, tendo feito investigações e descobertas, castigou-nos com ‘chicotadas’.” Contudo, não foi esse episódio, mas outro erro, que levou a outra queixa dos pais. “Mamãe está desesperada com seus gastos”, escreveu a sra. Everest na segunda semana de junho. “Ela está muito preocupada e diz que sempre pede-lhe mais dinheiro.” Em sua defesa, Churchill explicou à mãe que tinha de pagar suas constantes idas ao dentista e as viagens de táxi, assim como “uma antiga dívida da bicicleta” e a “estupidez dos vidros partidos”.

Churchill se tornara cabo na força de cadetes da escola. Tinha havido uma “luta simulada” que ele apreciara muito, dissera ao pai. “Peguei os binóculos e examinei minuciosamente o adversário.” Nesse verão, também padeceu com dores nas gengivas. “Não posso sair de casa”, escreveu ele ao pai, “pois estou aflito com dores nos dentes, que se transformaram num abscesso e fizeram meu rosto inchar e chegar ao dobro do tamanho”. Da sra. Everest chegou um conselho sobre os dentes: “Não coma muitos desses pickles horríveis, pois são uma coisa venenosa.” Foi preciso extrair um dente, em Londres, sob a supervisão de uma famosa autoridade no uso de anestésicos em cirurgia oral. “Não me lembro de nada”, disse Churchill posteriormente à mãe. “Adormeci e ronquei durante toda a operação.”

Nesse verão, Churchill esperava passar uma semana em seu antro em Banstead, mas a sra. Everest explicou-lhe que “mamãe não pode ir porque a casa está cheia de visitas para a semana das corridas”. Em vez disso, Churchill foi para Londres, ficando com a duquesa Fanny na casa de nº 50 da Grosvenor Square.

Quando estava em Londres, um amigo de sua mãe, o conde Kinsky , levou-o ao Palácio de Cristal, onde assistiram a um exercício com corporações de bombeiros, realizado diante do imperador germânico, Guilherme II. “Eram perto de 2 mil bombeiros e cem máquinas”, contou Churchill ao irmão. “O imperador usava um capacete de metal que brilhava, encimado por uma águia branca com quase quinze centímetros de altura, uma couraça de aço polido e um uniforme imaculadamente branco com botas altas.” Depois do desfile militar, Kinsky levou Churchill para jantar. “Foi um jantar bem razoável”, contou a Jack . “Muito champanhe, que muito agradou ao seu querido irmão.”

Welldon havia sugerido que Churchill fosse à França para aperfeiçoar seu

francês antes do exame do Exército. Ele implorou à mãe que o deixasse ficar na Inglaterra. “Não verei Jack , nem mamãe, nem Everest.” Quanto ao exame, escreveu que, “na verdade, estou cada vez menos entusiasmado com o Exército. Acho que a Igreja será melhor”. Depois de muitas correspondências e discussões acaloradas, ficou combinado que não precisaria ir à França e que uma preceptora seria o suficiente. “Não tenho palavras para dizer quão feliz estou por não ter de ir ao estrangeiro nas férias”, escreveu ele à mãe. De Banstead chegou uma carta de Jack ; o antro se encontrava “em muito difícil acesso, devido aos enormes cardos e às urtigas que o rodeiam completamente, e o fosso está cheio de água”. Quando terminaram as lições de francês, Churchill começou a trabalhar para limpar o antro e torná-lo defensável. “Aqui estou em Banstead”, escreveu ao pai no final de agosto, “levando aquilo que para mim é quase a existência ideal”.

Os dois irmãos “andam felizes como reis, cavalgando e caçando”, escreveu lady Randolph ao marido em meados de setembro, “e ultimamente se divertem muito construindo uma casa. Hoje fomos lá para tomar chá”. Pouco antes de regressar à escola para o segundo semestre, Churchill teve uma crise biliosa e ficou mais dois dias em Londres. Welldon exigiu uma carta de justificação. “Não diga nada sobre o teatro”, avisou Churchill à mãe, “ou ele ficará furioso. Diga apenas que eu parecia cansado e pálido após a viagem (o que é verdade), e que isso, associado ao fato de querer que eu fosse a um médico, levou-a a ‘reter-me’”.

Nesse semestre, Churchill abandonou as aulas de alemão e começou a estudar química. “É muito interessante”, contou ele ao irmão, “e, quando eu voltar pra casa, vou mostrar a você muitas maravilhas”. A mãe estava ansiosa por arranjar-lhe um professor particular que o acompanhasse para o exterior nas próximas férias. “De um modo geral, ele tem sido um bom rapaz”, explicou ela a lorde Randolph , “mas, para falar com franqueza, está um pouco crescido para ser cuidado por uma mulher. Afinal, ele vai fazer 17 anos em dois meses e é realmente necessário que esteja com um homem”.

A “mulher” era a sra. Everest, a quem Churchill era tão devotado como ela a ele.

“É bom que tenha um quarto só para você”, escreveu-lhe ela no final de setembro, “mas, meu querido, deve ser cuidadoso com a lareira e com as velas à noite. Não deixe as velas acesas ao lado da cama quando for dormir”. Ele precisaria esforçar-se muito nesse semestre, aconselhou ela, não só para agradar aos pais, como para “desapontar alguns parentes que profetizam um futuro de

desregramento para você”.

Churchill não dependia apenas da mãe para suas extravagâncias. “Vou vender minha bicicleta para comprar um buldogue”, escreveu-lhe no fim desse semestre.

“Já o conheço e é muito manso e afetuoso.” Seu pai tinha contado que tivera um buldogue enquanto estudava em Eton, “portanto, por que não ter um em Harrow?”.

Esse semestre correu bem. “O sr. Welldon disse-me que ele estuda muito desde que voltou”, contou lady Randolph ao marido em outubro. Da sra. Everest, contudo, chegou uma reclamação: “Achei terrivelmente extravagante saber que gastou quinze *pences* numa semana”, escreveu ela. “Algumas famílias de seis ou sete pessoas precisam viver com doze *pences* por semana. Você esbanjou, e, quanto mais tem, mais quer e mais gasta.” A carta terminava assim: “Meu pobre querido e precioso cordeirinho, como eu anseio por um abraço — embora não seja perfeito, gosto muito de você e por isso queria que fosse mais discreto e ajuizado com seu dinheiro. Faz tudo ao acaso, meu querido, sem pensar, e isso é um mal que vai crescendo, e, a não ser que tente curar-se, vai sofrer muito mais tarde.”

Nesse semestre, Churchill viu uma carta sua ser publicada pela primeira vez; era um apelo de duas frases por um horário de abertura mais conveniente para a biblioteca da escola, que apareceu impressa na revista da escola, *Harrovian*, em 8 de outubro de 1891. Seis semanas depois, numa carta muito mais extensa, reclamava que o ginásio da escola deveria ser mais usado para eventos especiais. “Chegou a hora de fazer uma mudança”, escreveu ele, “e confio em sua influência para operá-la”.

Uma semana antes de seu décimo sétimo aniversário, Churchill passou um dia em Londres. Um pós-escrito em sua carta seguinte para casa, falando sobre o dia passado na capital, continha uma referência ao sexo oposto. “Foi um azar ter de partir precisamente quando estava causando uma boa impressão à bonita srta. Weaslet. Mais dez minutos e...!?” , escreveu ele à mãe.

Durante esse dia em Londres, Churchill soube que a sra. Everest não mais trabalharia para lady Randolph. Jack tinha 11 anos e já não era necessária uma ama. “Não fiquei nada satisfeita e não consegui dormir”, escreveu a sra. Everest a Churchill. “Mas suponho que tudo precisa ter um fim.” Ele deveria lembrar-se, acrescentou ela, de usar casaco “nesse tempo úmido”. Quanto ao seu irmão mais novo, escreveu-lhe: “Por favor, não conte ao Jackie sobre minha partida, pois ele ficaria muito triste, o meu pobre querido. Que cruel é esse mundo.”

Transtornado com a notícia da partida da sra. Everest, Churchill protestou vigorosamente em favor de Jack . Finalmente foi decidido que ela trabalharia para a avó de Winston e Jack , a duquesa Fanny, na Grosvenor Square, onde os dois rapazes ainda a veriam.

Uma semana depois de seu 17º aniversário, Churchill escreveu à mãe para dizer-lhe que mais uma vez se recusava a ir à França, dessa vez durante suas férias de Natal, para aprender francês com uma família em Rouen. A família tinha sido escolhida pelo reitor Welldon . Se fosse, explicou, perderia o regresso do pai, que vinha da África do Sul. Se fosse obrigado a ir, disse que faria “o mínimo possível, e as férias serão uma batalha contínua”. Lady Randolph não gostou nada dessa ameaça. “Meu querido filho”, respondeu ela, “eu me compadeço de todos os seus problemas e consigo perceber sua ansiedade e seu desejo de estar em casa no Natal, mas, deixando de lado outras considerações, o tom de sua carta não me tornará mais benevolente. Quando alguém pretende alguma coisa nesse mundo, não é fazendo um ultimato que o obterá. Digo-te francamente que sou eu quem vai decidir, e não você”.

Churchill não desistiu da discussão. “Diz-me ‘Digo-lhe francamente’, pois, mamãe, eu apenas lhe digo francamente minhas intenções. Diz-me que você é quem decidirá. Exige-me que desista de minhas férias — não é você, e sim eu que sou obrigado a estar com pessoas que me aborrecem muito.” Ficou “muito surpreso e triste por pensar que tanto mamãe quanto papai me tratam assim, como se fosse uma máquina. Eu gostaria de saber se foi exigido ao papai “que desistisse de suas férias” quando estava em Eton”.

Mais para o fim da carta, que tinha três páginas, Churchill escreveu: “Estou mais infeliz do que posso exprimir. Sua rudeza, contudo, libertou-me de todos os meus sentimentos de dever.” Lady Randolph ficou muito zangada. “Li apenas uma página de sua carta”, respondeu ela, “e a devolvi, pois seu estilo não me agradou”. Aborrecido, Churchill respondeu que nunca mais lhe escreveria uma carta “de qualquer extensão, pois na extensão de minha carta vejo a razão pela qual não a lê”. E acrescentou: “Espero que esteja muito atarefada com suas festas e seus preparativos para o Natal. Consolo-me com isso.”

Tanto o reitor Welldon quanto lady Randolph eram categóricos sobre a necessidade de Churchill estudar na França nessas férias. Combinou-se que o recém-nomeado professor de línguas modernas, Bernard Minssen , o acompanharia, e que ele ficaria com os pais de Minssen em Versalhes. “O sr. Minssen fará tudo por Winston, se ele for dócil e estudioso”, escreveu Welldon

a lady Randolph , “mas não deixará que ele desperdice tempo e, se for preguiçoso, será mandado para casa”. Churchill poderia aceitar apenas três convites sociais por semana, e Minssen forneceria o “pouco dinheiro que fosse necessário”.

Churchill passou um mês em Versalhes. “A comida é muito esquisita”, escreveu à mãe em sua primeira carta. “Mas é servida em quantidade, e, de um modo geral, é boa.” Os pais de Minssen eram “muito simpáticos” com ele. “Evidentemente”, acrescentou, “daria tudo para voltar; se você quisesse, eu iria embora amanhã, mas, considerando tudo, estou preparado para ficar um mês”. A sra. Everest enviou-lhe uma carta de encorajamento: “Anime-se, rapaz, divirta-se e tente sentir-se satisfeito. Há muitos motivos para estar grato se pensar em como será bonito ser capaz de *parler français*.”

A vida em Versalhes não se revelou entediante. Três amigos de lady Randolph convidaram Churchill para algumas refeições; um entre eles, o magnata austro-húngaro das estradas de ferro, barão Maurice de Hirsch, levou-o ao necrotério, que ficava sob uma das pontes do Sena, para ver os cadáveres que tinham sido retirados do rio nesse dia. “Apenas três macabros... Não foi uma boa colheita”, relatou Churchill à mãe.

Quando o mês em Versalhes chegou ao fim, Churchill teve a esperança de convencer os pais a deixarem-no ter um fim de semana livre, sem escola, de modo que pudesse estar com o pai, que não via havia mais de oito meses. Porém, isso não viria a acontecer.

“A perda de uma semana agora”, escreveu-lhe o pai em meados de janeiro, quando estava em Londres, “significa não passar, o que, tenho certeza de que admite, seria muito impróprio e desvantajoso”. Pai e filho ainda passariam “alguns dias juntos” antes das aulas, frisou lord Randolph . As férias de Páscoa “virão logo, portanto devo dizer que espero que se esforce como um pequeno cavalo de tiro até o exame de verão, daqui a quatro meses, mais ou menos”.

Churchill estudou arduamente durante os primeiros meses de 1892 e começou também a preparar-se para a competição de esgrima. Os problemas de dinheiro continuavam a atormentá-lo. “Estou terrivelmente sem recursos”, escreveu ele à mãe em fevereiro. “A mãe diz que nunca escrevo por amor, e sempre por dinheiro. Acho que tem razão, mas lembre-se de que é meu banqueiro, e a quem mais posso escrever?”

Em março, lady Randolph viajou para Monte Carlo. “Estou muito desgostoso por você ter ido embora dessa maneira”, escreveu Churchill quando faltavam poucos dias para a competição de esgrima. Estava ainda mais “aterrorizado”,

disse-lhe ele, por saber que tinham roubado a bolsa de sua mãe no cassino, “precisamente agora que tenho de lhe pedir ‘*un peu plus d’argent*’”. Também tinha boas notícias para dar: “Venci em uma prova de esgrima. Ganhei um troféu muito bonito. Fui de longe o primeiro, sem rival nas finais.”

Churchill estava treinando para o campeonato de esgrima das escolas públicas, mas, quando pediu ao pai que fosse a Aldershot vê-lo, lorde Randolph replicou que precisaria ir às corridas de Sandown. Quanto aos constantes pedidos de dinheiro por parte de Churchill, o pai queixou-se em março: “Se fosse milionário não seria mais extravagante.” Se entrasse para o Exército, “estaria no Tribunal de Falências seis meses depois”. Em sua defesa, Churchill assinalou que era preciso pagar do seu bolso os chás, os desjejuns, as frutas e os biscoitos de sábado à noite e que só com isso gastava a uma libra que os pais lhe davam para cada semana. Essa explicação, ainda que exata, não satisfazia totalmente a mãe. “Suas necessidades são muitas”, escreveu ela no começo de maio, “e você parece uma perfeita peneira no que diz respeito a dinheiro”.

Ainda nesse mês, Churchill ganhou o campeonato de esgrima das escolas públicas. “Seu sucesso”, escreveu o *Harrovian*, “deveu-se principalmente aos seus ataques rápidos, que praticamente pegavam de surpresa seus adversários”. A preparação para o exame do Exército era contínua. “Estou me esforçando muito”, disse à mãe. “Sem exagero, estudei hoje pelo menos dez horas.” Contudo, o trabalho fora em vão, e Churchill foi reprovado no exame de admissão em Sandhurst em julho.

A nota mínima necessária para entrar na cavalaria era 6.457, e Churchill obteve 5.100. Dos 693 candidatos, ficou em 390º lugar. Os resultados não foram totalmente desencorajadores; em história inglesa, ficou em décimo oitavo entre mais de quatrocentos candidatos que fizeram a prova. “Acho que sua nota e sua posição foram muito dignas para uma primeira tentativa”, escreveu-lhe seu professor da Classe do Exército, Louis Moriarty.

Churchill precisaria repetir o exame. “Se ele falhar outra vez”, escreveu lorde Randolph à duquesa Fanny, “terei de pensar em pô-lo nos negócios”. Usando o relacionamento pessoal com Rothschild, “consequirei alguma coisa muito boa para ele”.

No verão de 1892, o governo conservador de lorde Salisbury foi derrotado, e Gladstone mais uma vez tornou-se primeiro-ministro. Embora lorde Randolph tivesse sido excluído dos conselhos conservadores havia muito tempo, pensava-se, recordou mais tarde Churchill, que ele voltaria a recuperar sua influência

parlamentar na oposição: “Ninguém acalentava essa esperança mais ardentemente do que eu.” Porém, essas esperanças eram falsas. “Embora pouco se tenha dito na minha presença”, escreveu Churchill mais tarde, “ninguém podia viver na casa do meu pai, e ainda menos entre sua mãe e as irmãs, sem perceber que aquele tinha sido um grande desastre político”.

Nesse agosto, em Banstead, Churchill surpreendeu o pai quando disparou uma espingarda de dois canos contra um coelho que apareceu no jardim junto à sua janela. “Ficou muito zangado e perturbado”, recordou Churchill. “Percebendo imediatamente que eu estava aflito, aproveitou a ocasião para me tranquilizar. Tive então uma das três ou quatro grandes conversas íntimas com ele, que são tudo aquilo de que posso me vangloriar.” Lorde Randolph explicou ao filho que as pessoas mais velhas, em geral absorvidas em seus próprios assuntos, nem sempre têm consideração pelos mais novos “e podem falar asperamente quando surge alguma contrariedade”. Então, ele começou a falar “da maneira mais maravilhosa e cativante acerca da escola, da ida para o Exército e da vida adulta que se seguiria. Encantado, ouvi esse súbito afastamento de sua reserva habitual, espantado com sua compreensão de todos os meus assuntos”. No fim, o pai disse: “Não se esqueça de que as coisas nem sempre estão bem comigo. Minhas ações são mal interpretadas e todas as minhas palavras são distorcidas. Portanto, me dê algum desconto.”

Nesse outono, Jack juntou-se ao irmão em Harrow, enquanto Churchill estudava para fazer novamente o exame do Exército. “Suponho”, escreveu lady Randolph em setembro, “que fiz muito estardalhaço em torno de você e que o transformei em uma espécie de modelo ideal, contudo seria bom que se dedicasse dessa vez”. Até o reitor deu-lhe uma ajuda. “Welldon é muito agradável”, contou Churchill à mãe. “Ele me obriga a fazer-lhe discursos entediantes todas as tardes, analisando-os comigo. É uma coisa inédita, já que ele não tem muito tempo livre.”

O exame do Exército foi no final de novembro, um dia antes do aniversário de 18 anos de Churchill. “Os resultados dele nesse semestre foram excelentes”, disse Welldon a lorde Randolph. “Ele compreende agora a necessidade de se esforçar e a maneira como fazê-lo, e, o que quer que lhe aconteça, creio que nos últimos doze meses aprendeu uma lição que vai acompanhá-lo por toda a vida.” Welldon acrescentou: “Tenho de reconhecer que ultimamente ele tem feito tudo o que se pode exigir.”

Quando os resultados do exame foram anunciados, Churchill ficou devastado ao saber que tinha sido novamente reprovado. Todas as notas tinham

melhorado, mas não o suficiente; havia conseguido 6.106, ficando apenas 351 pontos aquém da nota de corte. Em química, tinha ficado em oitavo entre 134 candidatos. Como Welldon tinha prevenido lorde Randolph , a média, devido à subida da idade permitida para admissão, seria “provavelmente muito elevada”. O professor de matemática de Churchill, C. H. E. Mayo , enviou-lhe palavras de encorajamento: “Uma melhoria de novecentos pontos em tão pouco tempo é muito boa e deve aumentar sua confiança para o exame em junho.”

Em novembro, o irmão mais velho de lorde Randolph , Blandford, oitavo duque de Marlborough , morreu subitamente em Blenheim , aos 48 anos. O filho de Blandford e primo de Churchill, Sunny , seria agora o duque de Marlborough , e ainda não tinha 21 anos. Se acaso Sunny morresse antes de ter um filho, lorde Randolph seria feito duque de Marlborough , e Churchill, como herdeiro daquele ducado, seria marquês de Blandford.

Churchill havia completado 18 anos. Ainda teria de fazer um exame se quisesse entrar para o Exército. Não se prepararia para esse terceiro exame na escola, mas com professores especiais. Seus nove anos como aluno interno em St. George, Brighton e Harrow tinham sido predominantemente infelizes, deixando “uma sombria mancha no mapa de minha jornada”, escreveu ele mais tarde. “Foi um interminável período de tormentos que naquela época não pareciam pequenos e de trabalho duro sem qualquer alegria; um período de inquietação, restrição e monotonia sem objetivo.” Todos os seus contemporâneos, escreveu mais tarde, e até os rapazes mais novos, “pareciam, em todos os aspectos, mais bem adaptados às condições de nosso pequeno mundo. Eram muito melhores tanto nos esportes quanto nas aulas. Não é agradável sentir-se tão completamente ultrapassado e deixado para trás logo no início da corrida”.

“Eu sou totalmente a favor de escolas públicas”, comentou Churchill em 1930, “mas não gostaria de voltar para lá”.

3.

A caminho do Exército: “Um novo começo”

Em 11 de janeiro de 1893, os aplicados leitores do *Times* ficaram sabendo, por meio de uma breve notícia, que o filho mais velho de lorde e lady Randolph Churchill tinha “sofrido um acidente” no dia anterior. “Não teve fraturas”, relatava o jornal, “mas ficou muito abalado e machucado”. Na verdade, tinha fraturado a coxa, embora, estando um ano antes da primeira utilização de raios-X, isso não fosse sabido; de fato, só veio a sabê-lo setenta anos depois, quando a mesma coxa foi radiografada após uma queda em Monte Carlo, em 1963.

Enquanto tentava escapar do irmão e de um primo, no decorrer de uma perseguição durante as férias na propriedade da avó, em Bournemouth, Churchill, encurralado numa ponte sobre uma ravina, buscando uma forma de escapar, tinha visto o fino topo de um abeto e deu um salto para alcançá-lo. As mãos falharam e ele caiu na ravina. Foi uma queda de cerca de dez metros, sobre solo duro, deixando-o inconsciente durante três dias. Depois, cheio de dores, foi transportado para Londres. “Os médicos dizem que só ficarei bom daqui a dois ou três meses”, escreveu ele a Jack na primeira semana de fevereiro. “Passo a maior parte do tempo na cama.”

No último mês de recuperação, Churchill foi novamente para a costa sul, dessa vez para Brighton, onde ficou na casa da viúva do oitavo duque de Marlborough, a duquesa Lily. Ela era “a bondade em pessoa”, escreveu ele ao pai. Enquanto esteve em Brighton tornou-se amigo de um jovem oficial do Exército, Hugh Wyllie, que, 23 anos depois, em serviço na Frente Ocidental, seria morto por um projétil na estrada de Menin.

No começo de março, Churchill começou a estudar com o capitão James, um professor particular, em Lexham Gardens, na parte oeste de Londres. “Dei ordens”, escreveu James a lorde Randolph, “para que seu filho estude e que, no futuro, faça o horário completo. Tive de falar com ele sobre seus modos descuidados. Penso que ele tem boas intenções, mas é nitidamente dado à desatenção e a confiar demais em suas capacidades”. Churchill tinha andado “muito mais inclinado”, escreveu James, “a ensinar aos seus instrutores em vez

de se esforçar para aprender com eles, e esse não é o estado de espírito que conduz ao sucesso”. James ficara particularmente aborrecido quando seu novo aluno “sugeriu que seus conhecimentos de história eram tão vastos que não queria mais lições sobre essa matéria! O rapaz tem muito boas qualidades, mas precisa de um pulso firme”.

Nessa Páscoa, Churchill voltou a Brighton. “Estou muito contente por Winston estar aqui”, escreveu a duquesa Lily a lorde Randolph , “porque gosto cada vez mais dele. Tem muitas qualidades, e só precisa ser corrigido às vezes, o que sempre aceita rapidamente e de bom grado”.

Enquanto estava em Brighton, Churchill enviou um telegrama ao pai, alertando-o para um surto de febre em Harrow. Estava preocupado, pois o irmão poderia adoecer. “Papai ficou muito zangado contigo por aquele telegrama estúpido”, escreveu-lhe lady Randolph , repreendendo-o. “É *evidente* que todos temos conhecimento da febre, pelo Jack e pelo sr. Welldon , e, de qualquer maneira, escrever era suficiente. Você se tem em demasiada conta, meu jovem, e escreve num estilo muito pomposo. Receio que esteja se tornando um pretensioso!”

Entre os convidados que jantaram com a duquesa Lily enquanto Churchill estava em Brighton, encontrava-se A. J. Balfour , futuro primeiro-ministro conservador. Lady Randolph estava um pouco inquieta com a vida social do filho. “Eu não quero fazer sermões, meu filho, mas tente ser discreto, não fale muito e não beba demais.” Churchill acompanhava agora os discursos do pai com atenção, recordando mais tarde, com tristeza, que “ele parecia ter algumas dificuldades”. Ansiava pelo momento em que finalmente “poderia ir em seu auxílio” e encorajava o pai com comentários entusiásticos sobre seus discursos. “Se me permite dizer-lhe”, escreveu ele depois de ler o texto de um desses discursos no *Times* , “considero-o melhor do que qualquer outro que fez até agora”. Tornou-se também um visitante habitual da Câmara dos Comuns , sempre conseguindo, devido à influência do pai, um bom lugar na Galeria dos Visitantes Ilustres.

Em 21 de abril, estava na galeria quando Gladstone terminou a segunda leitura do Projeto de Autonomia para a Irlanda . “O *Grand Old Man*”, recordou mais tarde, “parecia uma grande águia branca, ao mesmo tempo feroz e esplêndida. Suas frases fluíam majestosamente, e todos estavam atentos aos seus lábios e aos seus gestos, ansiosos por aplaudir ou escarnecer”.

Nos almoços e jantares oferecidos pelos pais durante a primavera de 1893, Churchill conheceu dois futuros primeiros-ministros liberais , lorde Rosebery e

H. H. Asquith. Depois de um jantar em Grosvenor Square, no final de maio, o tio de Churchill, Edward Marjoribanks, então chefe *whip* liberal, passou meia hora explicando a ele como os liberais poderiam vencer a oposição da Câmara dos Lordes. “Gostaria que você estivesse lá para responder”, escreveu Churchill ao pai, que estava numa sessão pública em Bradford, “porque tenho certeza de que havia uma resposta, embora eu não soubesse qual era”. De fato, os liberais não conseguiram encontrar um meio de vencer seus pares, e os conservadores derrotaram o Projeto de Autonomia por 419 votos contra 41. “Derrotar os pares” seria o grito de batalha do próprio Churchill quinze anos mais tarde.

Um membro conservador do Parlamento, o recém-eleito Edward Carson, convidou Churchill para jantar com ele na Câmara dos Comuns. Churchill perguntou ao pai se podia interromper os estudos com os professores particulares para ir. Nessa semana, Churchill foi o convidado de Carson para debater o Projeto de Autonomia. Porém, 21 anos depois, quando o próprio Carson levasse o grito de lorde Randolph — “O Ulster lutará, o Ulster acertará” — para as ruas, Churchill seria seu adversário e estaria preparado para usar a força contra os voluntários do Ulster.

No final de julho, Churchill fez seu terceiro exame em Sandhurst. Em 3 de agosto, antes de receber os resultados, preparou-se para deixar a Inglaterra a caminho da Suíça e da Itália com o irmão Jack e um professor particular, John Little. Encontraram-se na estação, onde, para a surpresa de Churchill, Little o felicitou pelo seu êxito. “Vi no papel”, disse ele ao pai, “e vi que era verdade”. Era finalmente um soldado.

Churchill tinha conseguido mais 163 pontos, subindo para 6.309. Não foi o suficiente para entrar para infantaria, faltando apenas dezoito pontos, mas ficou em quarto lugar na lista de cavalaria. Em Dover, mesmo antes de atravessar o canal da Mancha, mandou telegramas anunciando seu sucesso aos pais, aos amigos e ao antigo reitor. “Fiquei *muito* contente ao receber hoje seu telegrama e saber que ‘entrou!’”, respondeu-lhe a duquesa Lily no mesmo dia. “Não se importe com a infantaria. Gostará da cavalaria, e, quando o papai voltar, arranharemos um cavalo.” E acrescentou: “*Não* caia em outro precipício e não machuque nenhum órgão, porque eu não estarei para cuidar de você.”

O antigo reitor também escreveu, apontando que “não posso deixar de dizer o quanto me alegro com o seu sucesso e quão vivamente sinto que o mereceu”.

Enquanto viajava pela Suíça, Churchill enviou ao pai dois relatos das férias. Na primeira semana de agosto, estava hospedado num hotel em Lucerna, com “elevadores, luz elétrica e fogos de artifício (todos os sábados)”. No quarto dia

das férias, Little também escreveu a lorde Randolph : “Demo-nos todos muito bem, embora Winston tenha tendência para ser extravagante.” Em 8 de agosto, Churchill escreveu ao pai: “Estou ansioso para ir a Sandhurst e muito grato por ter a sorte de entrar.” Três dias depois, prometeu ao pai que “tentaria portar-se bem desde o princípio”.

Em 14 de agosto, quando estava em Milão, Churchill recebeu uma carta do pai acerca dos resultados. Não era uma carta de parabéns nem elogiosa. Sem que o filho soubesse, lorde Randolph sofria uma doença diagnosticada pelos médicos como sífilis, que minava sua saúde física e mental. Não conseguia partilhar as alegrias da duquesa Lily e do reitor Welldon pelo sucesso do filho. “Estou bastante surpreendido”, escreveu ele, “com o tom de exaltação sobre sua inclusão na lista de Sandhurst . Há duas maneiras de passar num exame: uma, honra, e a outra, o contrário. Infelizmente, você escolheu o último método, e parece encantado com seu sucesso”. No insucesso da entrada em infantaria, continuou lorde Randolph , “ficou demonstrado sem refutação seu estilo desleixado, despreocupado e estouvado, pelo qual se distinguiu em todas as escolas por onde passou. Nunca recebi qualquer relatório verdadeiramente bom de sua conduta por parte de qualquer um dos seus professores, das escolas ou particulares”.

Mostrando toda a ira que caracterizaria o gradual colapso de seu sistema nervoso, lorde Randolph continuou: “Com todas as vantagens que teve, com todas as capacidades que você tolamente pensa que tem e que alguns dos seus parentes dizem que você tem, com todos os esforços que foram feitos para tornar sua vida fácil e agradável e para que os estudos não fossem opressivos nem detestáveis, esse foi o grande resultado que você conseguiu: ficar numa classe de segunda ou terceira categoria que serve apenas para comissões num regimento de cavalaria.” A ira do pai não chegara ao fim; era o sinal de uma mente que se degradava lentamente, embora o jovem Churchill não fizesse a menor ideia do que estava acontecendo. “É uma boa ocasião”, continuava lorde Randolph , “para esclarecer esse assunto muito claramente. Não pense que vou me dar ao trabalho de escrever longas cartas depois de cada tolice e de cada fracasso que você cometer ou sofrer. Não escreverei mais sobre esses assuntos e não precisa se preocupar em escrever qualquer resposta a essa minha carta, porque não darei a mínima importância ao que quer que possa dizer acerca das suas proezas e façanhas”.

O parágrafo seguinte da carta de lorde Randolph foi o mais duro:

Veja se imprime indelevelmente em sua mente que, se seu comportamento e suas ações em Sandhurst forem semelhantes ao que têm sido nos outros estabelecimentos onde se tentou em vão transmitir alguma educação a você, então minha responsabilidade acaba. Você estará entregue a si próprio e darei apenas a assistência que for necessária para permitir uma vida respeitável. Tenho certeza de que se não conseguir evitar a vida indolente, inútil e imprestável que levou durante seus anos de estudo e nos últimos meses, será um vagabundo social, um entre as centenas de falhas da escola pública, e terá uma existência miserável, infeliz e fútil. Se isso acontecer, será o único culpado de suas desgraças. Sua consciência permitirá que recorde e enumere todos os esforços que foram feitos para dar a você as melhores possibilidades a que tem direito por sua posição e como você praticamente desprezou todas elas.

Lorde Randolph enviou uma carta igualmente perturbadora à duquesa Fanny, na qual dizia que “o resultado da bondade da família para com o jovem foi, tanto em Harrow quanto em Eton, provar seu total demérito como estudante ou como trabalhador consciencioso”. Churchill, evidentemente, nunca tinha estado em Eton, e o pai já perdia a lucidez. Desconhecedor da causa dessas atitudes, Churchill sentiu-se esmagado pela repressão do pai. “Quando me mostrou sua carta”, escreveu Little a lorde Randolph, “tivemos uma longa conversa, e ele me disse muitas coisas sobre o que pensa acerca da humanidade e das coisas. Estava muito deprimido”. Little tentou ajudar Churchill a superar o choque causado pela carta do pai, salientando que em Sandhurst começaria aquilo que seria “praticamente uma página nova em sua vida” e que as oportunidades para um novo começo ocorrem, “no máximo, apenas uma ou duas vezes na vida”.

“Fico muito triste que esteja aborrecido comigo”, escreveu o infeliz Churchill ao pai quando estava em Milão. “Como, contudo, diz-me para não me referir a sua carta acerca do exame, não o farei, mas tentarei modificar sua opinião sobre meus esforços e sobre minha conduta durante o tempo em que estiver em Sandhurst .” Churchill procurou tranquilizar o pai: “Minha posição extremamente baixa na lista de entrada não terá efeito no que vier a fazer lá.” Escreveu para a mãe no mesmo dia, dizendo quão desencorajador fora descobrir que o pai “não estava satisfeito”. E acrescentou: “Depois de ter estudado duramente em Harrow e com James para esse exame, e de ter tentado, o melhor que pude, recuperar o tempo desperdiçado, fiquei muito satisfeito por ter finalmente conseguido entrar.” Ele teria novas matérias em Sandhurst, “nas

quais não estarei em desvantagem devido à minha falta de saúde anterior”.

“Se eu tivesse falhado”, disse Churchill à mãe, “então, sim, teria sido o fim de todas as minhas oportunidades. Assim, meu destino está nas minhas próprias mãos e começarei novamente”.

As férias continuaram, com natação em piscinas em Milão e uma visita a uma catedral. Depois, o trio viajou para Baveno, ao norte, para uma excursão num barco a remo no lago Maggiore. Então, regressaram à Suíça, ficando em Zermatt, antes de voltarem à Inglaterra. Churchill ficou satisfeito por, devido a uma série de vagas abertas na última hora, poder afinal entrar para a infantaria. Na verdade, lorde Randolph tinha usado sua influência para obter uma comissão especial para o filho na 60ª Divisão de Atiradores. “O futuro está agora em suas mãos”, escreveu lady Randolph em setembro, “para o bem e para o mal. Tenho confiança em que fará dele um sucesso”.

As primeiras cartas de Churchill, enviadas do Real Colégio Militar, em Sandhurst, revelam sua determinação em fazer o melhor possível na nova carreira. “Evidentemente é muito desconfortável aqui”, escreveu ao pai sobre seu quarto: “Não tem tapetes nem cortinas. Não tem quaisquer ornamentos ou decorações. Não tem água quente, e a água fria é pouca.” A disciplina era “muito mais severa do que em Harrow. Os mais novos dificilmente podem reunir-se. Nunca aceitam qualquer desculpa — nem mesmo com o argumento ‘não sei’ — após as primeiras horas e evidentemente não são toleradas coisas como falta de pontualidade ou desleixo”. Havia contudo, escreveu Churchill, “algo divertido no modo militar de fazer as coisas, e acho que gostarei muito da minha vida aqui nos próximos dezoito meses”.

Churchill se deixou absorver rapidamente pelo mundo profissional de soldado. “O trabalho é muito interessante e extremamente prático”, escreveu ao pai em seu décimo dia, “cartuchos de todas as espécies, pontes, armas, campos de batalha e cercos, cartografia, contas da caixa econômica do regimento, inspecionar a carne etc.”, assim como as revistas e os exercícios. Eram estudados apenas cinco temas: fortificações, táticas, topografia, direito militar e administração militar.

Lorde Randolph continuou conflituoso, queixando-se em várias ocasiões do estilo das cartas que o filho lhe enviava. “Lamento muito que papai não aprove minhas cartas”, escreveu Churchill à mãe. “Faço um grande esforço para escrevê-las e, por vezes, reescrevo cartas inteiras. Se faço um relato descritivo de minha vida aqui, recebo uma insinuação de que meu estilo é demasiado

sentencioso e pomposo. Se, por outro lado, escrevo uma carta desprezensiosa e excessivamente simples, ela é dada como desleixada. Nunca consigo fazer nada bem. Nunca me atrasei nem fui preguiçoso e sempre esperei cinco minutos antes de cada parada ou aula.”

As cartas de Churchill para os pais eram cheias de entusiasmo. “Hoje”, escreveu ele ao pai em 20 de setembro, “aprendemos a fazer todos os tipos de nós e a amarrar traves firmemente. Também saímos para fazer ou aprender a fazer esboços de mapas”. Também atiravam, tanto com revólver quanto com fuzil. “Na segunda-feira, disparamos um novo canhão de doze libras, que chegou recentemente à artilharia.” Passado um mês em Sandhurst, escreveu orgulhosamente à mãe: “Até agora não cheguei atrasado a nada (e aqui temos pelo menos seis compromissos *per diem*).” Da sra. Everest chegaram os mesmos conselhos carinhosos que tinha recebido dela quando estava em Harrow: “Não se exponha ao sol nesse tempo tão quente” e “Não contraia dívidas nem ande com más companhias”.

Os problemas de saúde continuavam sendo um fardo e uma preocupação; em outubro, depois de uma corrida de 1.200 metros “com fuzil e equipamento”, Churchill teve de ser retirado do terreno de exercícios, disse ele à mãe, “e tenho estado mal desde então”. Foi visto por um médico, que lhe disse que não havia nenhum problema, “exceto que meu coração não parecia ser muito forte”.

Nesse outono, as relações de Churchill com o pai melhoraram, assim como a saúde de lorde Randolph, embora fosse apenas uma melhoria temporária. “Penso que papai parece estar muito melhor”, escreveu Churchill à mãe, “e muito menos nervoso”. Tinha ficado “muito feliz por me ver e conversou comigo durante bastante tempo acerca de seus discursos e de minhas perspectivas”. Churchill ficou satisfeito ao saber que o pai, numa renovada explosão de vigor político, fustigou Asquith num discurso em Yarmouth, dizendo que o discurso de Asquith fora “um labirinto de disparates”. O discurso de Yarmouth, disse ele ao pai, foi “muito bom”. A relação entre pai e filho era mais próxima do que nunca. O filho estava “muito mais esperto”, escreveu lorde Randolph à duquesa Fanny; na casa de lorde Rothschild, em Tring, os convidados “repararam bastante nele”, que agora está “muito sossegado e bem-educado”.

“Como aquela casa é confortável”, comentou Churchill para a mãe ao falar sobre Tring, comparando-a às “salas dilapidadas e cheirando a tabaco” de Sandhurst. Lorde Randolph passou a dar ao filho algum dinheiro para pagar as contas e enviou-lhe duas caixas de seus melhores cigarros. Levou-o também ao

teatro Empire e à casa dos seus amigos das corridas de cavalos. Contudo, mesmo nessa época de aproximação, nem tudo estava bem. “Se eu começava a mostrar a menor camaradagem”, escreveu Churchill mais tarde, “ele ficava imediatamente ofendido; quando sugeri certa vez que poderia ajudar seu secretário particular a escrever algumas de suas cartas, ele olhou-me friamente”.

Nesse inverno, lady Randolph disse ao filho que a duquesa Fanny, que dois anos antes recebera a sra. Everest, decidira mandá-la embora. Ela seria despedida por carta. “Se eu permitisse que a sra. Everest fosse mandada embora dessa maneira sem ao menos protestar”, escreveu Churchill, “estaria sendo extremamente ingrato — além disso, teria muita pena de não a ter na Grosvenor Square, porque em meu espírito ela está associada, mais do que qualquer outra coisa, à ideia de lar”. A sra. Everest era “uma mulher idosa”, sublinhou ele. Estava a serviço de lady Randolph havia quase vinte anos. “Não há ninguém no mundo de quem ela goste mais do que de Jack e de mim, e ser despachada por carta, como a duquesa sugere, possivelmente, se não provavelmente, acabaria com ela completamente.”

Como planejado, a sra. Everest foi despedida por carta. “Considero que esse procedimento foi cruel e mesquinho”, escreveu Churchill; ela não deveria ter sido mandada embora sem que tivesse encontrado “um bom lugar”. “Querida mamãe, sei que está zangada comigo pelo que escrevi. Lamento, mas é insuportável pensar que Everest não regressa mais, e ainda mais em como se viram livres dela.” Seu apelo foi em vão, e a sra. Everest foi mesmo embora.

Nessa época, chegou uma queixa de lady Randolph, dizendo que o pai não gostava que ele fumasse charutos. “Não o farei mais”, prometeu ele. “Não gosto tanto assim que terei dificuldade em abandoná-los.” Ao pai, Churchill prometeu não fumar “mais que um ou dois por dia, e isso muito raramente”.

Seu tempo em Sandhurst foi de aprendizagem e camaradagem. “Em contraste com meu tempo de escola”, escreveu ele 35 anos mais tarde, “fiz muitos amigos; três ou quatro ainda sobrevivem”. O destino dos outros tornou-se motivo de dolorosas reflexões. “A guerra na África do Sul foi responsável pela perda de um grande número de homens, não só amigos meus como também colegas da minha companhia”, explicou ele, “e a Primeira Guerra Mundial matou quase todos os outros. Os poucos que sobreviveram foram trespassados, nas pernas, no peito ou no rosto, pelas balas do inimigo. Presto a todos minha homenagem”.

Em 30 de novembro de 1893, Churchill celebrou seu 19º aniversário. Dez dias depois, fez o primeiro exame em Sandhurst sobre as cinco matérias. “Peguei

gelado nos dentes de ambos os lados”, disse ele ao pai, “e tive uma terrível dor de dente que me fez perder alguns pontos no exame”. Contudo, passou com 1.198 pontos em um total de 1.500. Teve o melhor resultado em tática, com 278 pontos em trezentos.

Nesse ano, passou o Natal em Blenheim . O primo Sunny e sua esposa americana, Consuelo, herdeira da família Vanderbilt, foram “muito simpáticos comigo”, disse ele ao pai no dia de Natal. Um dia depois, confidenciou à mãe: “Estou me divertindo muito aqui, embora haja muitas atividades religiosas.”

Quando precisou deixar Blenheim , encontrou consolo na “bela Polly Hackett”, como escreveu à mãe, que o impressionara quando estivera em Londres. “Polly Hackett veio essa manhã para darmos um passeio”, escreveu Churchill a Jack no último dia de janeiro de 1894, “e fomos dar uma volta pela Bond Street”. Mais tarde, nesse mesmo dia, recebeu um bilhete da srta. Hackett . “Teve mesmo a intenção de deixar todos aqueles doces para mim?”, perguntou ela. “Foi muito amável da sua parte.”

Em fevereiro, Churchill sofreu um acidente enquanto andava a cavalo. “Winston está cheio de pena de si próprio”, escreveu lady Randolph a Jack , “e faz um enorme espalhafato sobre seu ‘traseiro arranhado’, mas ficará bem longe de cavalos quando voltar a Sandhurst ”.

De regresso a Sandhurst, adoeceu ainda mais. O irmão lhe escreveu uma carta simpática. “Essa gripe foi muito infeliz”, escreveu ele. Chegou também um conselho paternal. “Não fume, não beba e deite-se o mais cedo possível.” Lorde Randolph esperava que o filho obtivesse bons boletins e boas classificações. “Bom, é o sermão habitual, mas é verdadeiro. Quanto melhor for seu resultado, mais inclinado estarei a ajudá-lo.”

“Que carta simpática papai me mandou”, disse Churchill à mãe, a quem escreveu alguns dias depois para contar que tinha sido o primeiro da classe de equitação. “Valeu a pena ter levantado cedo e acompanhado aquelas lições”, escreveu ao pai. Lorde Randolph ficou tão satisfeito que enviou ao filho uma libra para cada homem que cuidara dele no quartel. Quando, no fim de semana, disse ao pai que os sábados e domingos eram dias “terríveis” em Sandhurst , sem absolutamente nada para fazer, o pai respondeu-lhe: “Por que não lê livros aos sábados e domingos? Vou mandar alguns.”

Da sra. Everest, que agora vivia em Crouch End, ao norte de Londres, chegaram conselhos: “Faça bastante exercício ao ar livre e não precisará de remédios.” Quanto ao seu caráter, escreveu: “Seja um bom cavalheiro, correto, honesto, justo, amável e encantador. Meu querido, como eu gosto de você. Seja

bom em consideração a mim.” Em abril, Churchill foi vê-la. “Espero que se afaste do mal e das más companhias”, escreveu ela depois que ele voltou a Sandhurst , “que não vá ao Empire e que não fique fora de casa à noite. É horrível pensar nisso, que pode apenas levar ao vício e a tudo o que é mau. Não suporto sequer pensar que possa seguir um mau caminho”.

Uma semana depois desse pedido, Churchill foi ao teatro Empire para ter uma tarde divertida antes de voltar à rotina de equitação e cartografia. Também aderiu voluntariamente a uma nova classe de sinalização. Houve, contudo, problemas após enviar uma carta ao pai anunciando sua próxima visita a Londres. “Se vier correndo para a cidade todas as semanas e sob qualquer pretexto”, escreveu lorde Randolph , “você se distrairá de seus deveres, além de ter um dispêndio desnecessário de dinheiro”. Lorde Randolph acrescentou: “Está com 20 anos e fará 21 em novembro, e não pode esquecer nunca que é um cadete militar, e não um estudante de Harrow.” Na verdade, Churchill tinha 19 anos e faria 20 em novembro; o lapso estava em consonância com a doença de lorde Randolph , que piorava a cada dia. Em abril, um comentarista parlamentar descreveu-o como “vergado pelo sofrimento físico e mental”. Já não conseguia terminar os discursos, pois a voz se tornava pouco clara e o encadeamento das ideias era perdido.

Churchill tinha tanto receio de aborrecer o pai que, quando acidentalmente deixou cair seu relógio num riacho perto de um lago fundo em Sandhurst , tirou imediatamente a roupa e mergulhou para recuperá-lo. Tinha razão para estar preocupado, pois era um relógio de ouro com as armas da família Churchill em esmalte nas costas, que, para grande aflição do pai, ele já tinha deixado cair ao chão, amassando a caixa. Portanto, mergulhou no lago para recuperá-lo, mas o fundo era tão acidentado e a água tão fria que só pode ficar ali por dez minutos e não conseguiu encontrar o relógio. No dia seguinte, conseguiu que dragassem o lago, mas sem resultado. Pediu então 23 soldados de um destacamento de infantaria e pagou-lhes para cavarem um novo curso para o riacho, usando uma bomba de incêndio para esvaziar o lago. O relógio foi encontrado. Churchill mandou-o imediatamente para o relojoeiro do pai em Londres, sr. Dent, para reparação. Por uma infeliz coincidência, lorde Randolph foi ao relojoeiro nessa semana e soube do novo estrago sofrido pelo relógio. Sua cólera foi intensa. “Escrevi uma carta ao Winston que ele não vai esquecer”, disse ele a lady Randolph .

Desconhecendo a saga sobre como seu filho recuperara o relógio, lorde Randolph escreveu: “Eu não queria acreditar que você pudesse ser tão estúpido.

É evidente que não se pode confiar a você um relógio tão valioso e, quando o sr. Dent entregá-lo, não lhe devolverei.” O irado pai sublinhou que o irmão de Churchill “teve o relógio que lhe dei por mais tempo do que você teve os seus”. Em “comportamento equilibrado, tomar conta das próprias coisas e não fazer coisas estúpidas, Jack é muito superior a você”.

Em resposta, Churchill enviou ao pai um relato completo da busca do relógio.

“Conto-lhe tudo isso”, escreveu ele, “para mostrar-lhe que sei perfeitamente o valor do relógio e que não encarei o acidente de maneira despreocupada. O trabalho dos homens custou-me mais de 3 libras”. Tudo que o pai lhe dera, acrescentou, “continua em tão bom estado de conservação quanto no momento em que me deu. Por favor, não me julgue apenas com base no relógio”. Lorde Randolph deu o relógio a Jack, que o conservou por toda a vida. Sua saúde piorara e, menos de duas semanas após sua zangada carta acerca do relógio, foi aconselhado pelo dr. Roose a abandonar a vida pública “pelo menos por uns tempos”, pois seus sintomas nervosos exigiam repouso. Churchill também não estava nada bem. “Horríveis dores de cabeça durante toda a semana”, explicou ele à mãe. Tinham-no obrigado a permanecer no hospital de Sandhurst. Assim que ficou bom, foi a Londres. “Voltei e arranjei um quarto muito bom na esquina da Jermyn Street”, escreveu ele ao irmão em 5 de junho, “jantei excelentemente no Berkeley e depois fui ao Empire”. No dia seguinte, almoçou com Polly Hacket e pretendia levá-la a Harrow para vê-lo. Também queria ir ao Derby, “contudo, não para fazer apostas”. Em 24 de junho, escreveu novamente: “Passei uma semana muito agradável e vi todas as corridas. Apostei num par de vencedores e em muitos perdedores, mas ao todo paguei a viagem.” Lá se iam suas intenções de não apostar! Também jantou duas noites seguidas com lorde Wolverton, funcionário em Windsor, “e passei na Queen Anne’s Drive, andando 22 quilômetros depois do jantar”.

Lorde Randolph preparava-se para dar uma volta ao mundo acompanhado pela mulher e por um médico, George Keith. Antes que os pais deixassem a Inglaterra, Churchill fez um requerimento e solicitou uma saída para ir a Londres despedir-se. Como era meio da semana, seu requerimento foi recusado por motivos de rotina. Lorde Randolph telegrafou imediatamente ao ministro da Guerra, Sir Henry Campbell-Bannerman, sublinhando que esse era “seu último dia na Inglaterra”. A permissão foi concedida, mas Churchill não estava em Sandhurst quando ela chegou. Estava fora, fazendo um mapa de estradas nas áreas baldias de Chobham.

Um mensageiro partiu imediatamente de Sandhurst, de bicicleta, com uma

ordem para Churchill “partir imediatamente para Londres”. No dia seguinte, lorde Randolph estava pronto para partir em sua viagem. Lorde Rosebery , então primeiro-ministro, estava entre aqueles que foram à estação para despedir-se dele. Churchill recordou mais tarde a partida: “Apesar da grande barba que ele deixara crescer durante a estadia na África do Sul quatro anos antes, a face parecia terrivelmente perturbada e extenuada pelo sofrimento mental. Deu-me umas palmadinhas no joelho num gesto simples, que foi contudo perfeitamente significativo. Depois seguiu-se sua longa viagem ao redor do mundo. Nunca mais o vi, exceto como uma sombra que se extinguia rapidamente.” Churchill não sabia quão doente estava o pai. “Se papai regressar bom”, escreveu à mãe em meados de julho, “não lamentarei sua partida”.

Com os pais em terras distantes, Churchill enviava à sra. Everest relatos regulares de seus contratempos. “Tive notícias de Winny”, escreveu ela a Jack . “Diz que está melhor e que anda por aí. Espero que ele não se aventure muito; se cair do cavalo pode facilmente ficar estropiado para o resto da vida ou até morrer. Meu querido rapaz é tão imprudente...” Em outra carta, depois de ter visto Churchill em Londres, escreveu a Jack : “O pobrezinho não estava nada bem. Tinha dois furúnculos na parte posterior das coxas, que doíam tanto que ele mal podia andar. Também tinha dor de dente e, de um modo geral, andava muito indisposto. Regressaria a Sandhurst apesar de todos os problemas, por isso fiquei com ele até ir embora.”

O problema, na opinião da sra. Everest, era Londres: “As noites, os jantares tardios etc. Não toma ar fresco nem faz exercícios; é absolutamente impossível ficar bem assim.” Alguns dias depois, escreveu novamente: “O extravagante Winny vem a Londres todas as semanas. Parece que se diverte.”

Em agosto, Churchill viajou novamente à Europa, com Jack e o professor particular John Little . Na Bélgica, visitaram o campo de batalha de Waterloo. Na Antuérpia, viram um navio de guerra, o *Chicago*, e “examinaram-no”, escreveu Churchill à mãe, “tão perto quanto as autoridades nos permitiram”. Ao chegarem à Suíça, foram para Zermatt, onde Churchill subiu o Monte Rosa. “Mais de dezesseis horas de caminhada contínua”, contou à mãe. “Fiquei muito orgulhoso e contente por ver que sou capaz de subi-lo e desci muito renovado.”

De Zermatt, Churchill, o irmão e Little foram para Ouchy, abaixo de Lausanne. No terceiro dia, Churchill foi andar de barco a remo e nadar no lago com Jack . Em determinado momento, uma forte brisa atingiu o toldo vermelho sobre os bancos da popa, empurrando o barco para longe. Churchill, que era um bom nadador, tentou em vão alcançar o barco. Várias vezes, mesmo quando

pensava ter conseguido, o barco era empurrado para mais longe. “A brisa estava forte”, e ele e Jack , principalmente Jack , começaram a ficar cansados.

Até esse momento nenhuma ideia de perigo tinha atravessado meu pensamento. O sol incidia sobre as cintilantes águas azuis, o belo panorama das montanhas e dos vales, os alegres hotéis e vivendas, mas, então, vi a morte mais perto do que nunca. Ela nadava na água ao nosso lado, murmurando de vez em quando por entre o vento que continuava a afastar de nós nosso barco à mesma velocidade com que conseguíamos nadar.

Mais duas vezes, Churchill quase alcançou o barco. Contudo, uma rajada de vento bateu no toldo e empurrou o barco para mais longe. Então, “com um esforço supremo agarrei um lado num lapso de tempo antes que outra rajada ainda mais forte enchesse o toldo vermelho outra vez”. Churchill remou rapidamente em direção a Jack , que, escreveu ele mais tarde, “embora cansado, não aparentemente tivera consciência do perigo mortal que tão subitamente nos tinha rodeado”.

De volta a Sandhurst , Churchill se preparou para o exame final. Andar a cavalo, coisa em que se tornara bastante competente, era agora sua paixão e alegria. Contudo, quando escreveu ao pai e pediu para ir para cavalaria, lorde Randolph , na Califórnia, respondeu-lhe: “É melhor tirar isso da cabeça enquanto eu viver e você depender de mim.” O custo elevado dos cavalos era o entrave. “Ainda tenho esperança”, escreveu Churchill à mãe em setembro, “de que quando vir como estou desejoso, ele não me obrigue a ir para infantaria contra minha inclinação”.

Lorde e lady Randolph chegaram ao Japão, onde o estado de saúde de lorde Randolph continuou a piorar. Em Londres, Churchill fazia sua primeira incursão nas controvérsias públicas, aderindo aos protestos contra o fechamento do teatro Empire por causa de reuniões de jovens que, recordou ele mais tarde, “não só conversavam durante o espetáculo e nos intervalos como também se refrescavam com bebidas alcoólicas de vez em quando.” O *foyer* era também o lugar favorito das “damas do império”.

Na carta que enviou para o jornal *Westminster Gazette* , assinada com suas iniciais, “WLSC”, Churchill argumentava que “a melhoria do padrão de decência pública decorre mais da melhoria das condições sociais e do alargamento da educação do que da perseguição por parte dos pudicos”.

Escreveu também, desconhecendo em absoluto a natureza da doença do pai e sua causa, que “a natureza sempre encontra grandes e terríveis castigos para os ‘devassos e libertinos’, castigos muito maiores do que aqueles que qualquer Estado civilizado pode atribuir. Esses castigos são exigidos desde que o mundo era jovem, e todavia a imoralidade ainda é comum. A intervenção do Estado, quer seja na forma de lei, quer pela decisão de comissões de licenciamento, nunca erradicará o mal”.

Churchill aceitou que ambos os contendores no caso do Empire desejavam ver a Inglaterra “melhor e mais moral”, mas continuava a insistir em que “ao passo que os vigilantes” querem abolir o pecado por meio de um decreto, e com boa vontade sacrificam grande parte da liberdade do indivíduo, “os ‘antipudicos’ preferem um processo menos coercivo e mais moderado”. Tentar melhorar as coisas por meio de medidas repressivas era “um método perigoso, que normalmente provoca reação”.

Essa carta foi publicada em 18 de outubro. Em 3 de novembro, Churchill fez uma última tentativa para reagrupar as forças antipudicas. “Leu as notícias nos jornais sobre os tumultos no Empire no sábado passado?”, escreveu ele ao irmão. “Fui eu que conduzi o tumulto e fiz um discurso à multidão.” Seu grito de guerra nessa noite foi: “Damas do império, eu sou partidário da liberdade!” Aos que protestavam, disse: “Vocês viram-nos derrubar as barricadas essa noite. Vejam se vocês derrubam aqueles que são responsáveis por elas nas próximas eleições.” A batalha, contudo, estava perdida, e o teatro foi fechado. “Não sei qual é sua opinião sobre o assunto”, escreveu Churchill ao pai, “mas tenho certeza de que desaprovava uma medida tão coerciva quanto fútil”.

O pai de Churchill estava viajando de Hong Kong para a Índia, e um telegrama do dr. Keith, recebido na primeira semana de novembro, revelou que ele sofria alucinações fugazes e estava incapacitado de falar convenientemente. Muito alarmado, Churchill convenceu o dr. Roose a revelar-lhe toda a gravidade da doença do pai, mas o médico disse-lhe apenas os sintomas, e não a causa. “Eu nunca notara quão doente papai estava”, escreveu ele imediatamente à mãe, “e nunca pensara que o caso era grave”.

Churchill fez todos os esforços possíveis para garantir que as notícias não fossem comunicadas à avó, a quem já tinham sido mostrados vários boletins alarmantes. “Eu aconselharia, se me permite”, escreveu ele à mãe, “que só se refiram a coisas boas quando escreverem à duquesa”. As más notícias a transtornavam muito. “Ela vive, pensa e preocupa-se com uma única coisa neste mundo: ver papai novamente. Teve uma semana de aflição depois de receber

apenas um relatório médico.”

No final de novembro, quando lorde Randolph estava em Madras, o dr. Keith telegrafou ao dr. Roose com a horrível notícia de que seu paciente tinha apenas “cerca de seis meses” de vida. Roose mostrou esse telegrama a Churchill, que quis partir imediatamente para a Índia. “Não sei quão distante está o fim da doença do papai”, escreveu ele à mãe, “mas estou determinado a ir vê-lo uma vez mais”. Sugeriu também que os pais voltassem o mais depressa possível ao Egito ou à Riviera Francesa, onde ele e Jack poderiam encontrá-los. “Deve ser horrível para você”, escreveu ele à mãe, “mas é quase tão ruim para mim. Você pelo menos está perto dele”.

Lady Randolph decidiu que o marido, cada vez mais delirante e incoerente, deveria ir para o sul da França. Em 29 de novembro, véspera de seu vigésimo aniversário, Churchill escreveu a Jack : “Papai e mamãe estarão em Monte Carlo no fim de dezembro, portanto nós temos de ir vê-los. Os médicos acham que, se estiver *completamente* sossegado, ele ainda pode se curar, embora nunca mais possa voltar a se dedicar à política.”

O período de Churchill em Sandhurst estava chegando ao fim. Para seu contentamento, ficou em segundo lugar no exame de equitação entre 127 cadetes. “Espero que isso lhe agrade”, escreveu ao pai, mas lorde Randolph já não estava em condições de se dar conta do que acontecia à sua volta. Ao chegar a Colombo, teve de ser colocado numa camisa de força. Dali foi transportado para o Cairo, e, doente demais para tentar se recuperar no sul da França, foi levado para Londres.

Em 24 de dezembro, lorde Randolph chegou à Grosvenor Square. Poucos dias depois, estava sofrendo tanto que a família pensou que ele estava prestes a morrer. Alarmado com as notícias, o príncipe de Gales pediu que seu médico, Sir Richard Quain, perguntasse ao neurologista de lorde Randolph , dr. Buzzard , sobre a natureza da doença. Buzzard respondeu:

Lorde Randolph está sofrendo de “paralisia geral”, cujos primeiros sintomas, sob a forma de tremores da língua e articulação murmurada das palavras, ficaram evidentes para mim numa consulta há dois anos. Não o via havia bastante tempo — um ano ou dois, creio eu —, portanto é impossível dizer por quanto tempo vinha sendo afetado pela doença.

Em linguagem leiga, “paralisia geral” é uma manifestação de sífilis que normalmente ocorre dez a vinte anos após a infecção primária.

Após tanto tempo, não é possível ter certeza do diagnóstico, mas Buzzard era um neurologista muito respeitado, com grande experiência nessa doença. Sua carta continuava: “Você sabe muito bem como esses casos variam muito no que diz respeito aos sintomas particulares, embora normalmente conduzam a uma conclusão fatal no intervalo de três ou quatro anos.”

Buzzard não tinha perdido totalmente as esperanças, dizendo a Quain:

Com uma alimentação regular e repouso, Sua Excelência recuperou-se bastante e agora consegue conversar, reconhecendo as pessoas e o quarto onde está deitado e demonstrando uma quantidade razoável de recordações de acontecimentos passados. Sua fala, contudo, faz com que por vezes seja difícil entender qualquer coisa que ele diga. Não tem alucinações. O estado é mais semelhante a uma debilidade mental. É possível, creio, que seu estado mental melhore se sua vida for poupada, mas, como houve sucessivos ataques em diferentes partes do corpo, ele pode sofrer outros a qualquer momento, e um problema num órgão vital pode levar à morte súbita. O coração está muito fraco. É possível que ele mergulhe num estado crescente de demência, com concomitantes perturbações físicas, levando lentamente à morte.

“Fisicamente está melhor”, escreveu lady Randolph à sua irmã, Leonie, em 3 de janeiro de 1895, “mas mentalmente está mil vezes pior. Até a mãe deseja agora que ele tivesse morrido”. Poucos dias depois, acordando de um sono profundo, lorde Randolph perguntou aos que o rodeavam quando partiriam para Monte Carlo. Disseram-lhe que partiriam no dia seguinte. “Está bem”, disse ele. Então, viu o filho e perguntou-lhe quando e como tinha sido o exame em Sandhurst. Churchill tinha ficado em vigésimo numa classe de 130 alunos.

Na manhã de 24 de janeiro, três semanas antes de completar 46 anos, lorde Randolph morreu. Três dias depois, foi sepultado no cemitério de uma igreja em Bladon, ao lado dos muros da propriedade de Blenheim. “Sobre a paisagem que brilhava à luz do sol, a neve estendera um manto resplandecente”, recordou Churchill mais tarde.

Sem saber sobre a terrível causa da morte do pai, Churchill acreditou que aquela era mais uma prova de que os Churchill morriam cedo. Tanto ele quanto Jack tinham nascido prematuros. Quando Jack nasceu, pensou-se que estava morto. Três irmãos de lorde Randolph tinham morrido na infância, um quarto irmão, o oitavo duque, tinha morrido na casa dos 40 anos, tal como lorde Randolph. A

saúde do próprio Churchill sempre fora fraca.

Eram fatos assustadores, e Churchill, assombrado pela perspectiva de que também morreria cedo, sentia-se impelido não só a defender a memória do pai como a provar a si próprio que não era o inútil que ele o acusara de ser. “Chega-se aos 40 anos e acabou?”, perguntaria ele vinte anos mais tarde. Como nunca leu a carta de Buzzard para Quain, que foi encontrada e publicada pela primeira vez por seu filho Randolph em 1967, Churchill nunca soube que seu medo de morrer jovem devido a uma fraqueza hereditária era infundado.

No verão de 1895, seis meses depois da morte do pai, Churchill voltou a Bladon para visitar o túmulo. “Havia um serviço litúrgico na pequena igreja”, escreveu ele à mãe, “e o canto das crianças aumentava a beleza e a serenidade do local. O sol quente dos últimos dias secara um pouco a relva, mas as roseiras estavam floridas e coloriam o adro. Fiquei tão impressionado pela sensação de tranquilidade e paz e pelo ar de mundo antigo que minha tristeza não estava isenta de consolo. Entre todos, é o lugar que ele teria escolhido. Penso que ficaria mais feliz se o visse”.

4.

Segundo-tenente: “Não consigo ficar parado”

Em 20 de fevereiro de 1895, quatro semanas depois da morte do pai, Churchill entrou para a cavalaria, tendo sido publicada sua nomeação como segundo-tenente do 4º Regimento de Hussardos , então estacionado em Aldershot . Sua comissão foi redigida, como era comum, pela rainha Vitória, para “nosso fiel e muito estimado Winston Leonard Spencer Churchill, cavalheiro”, e estava assinada pelo ministro da Guerra, Campbell-Bannerman , que menos de onze anos depois daria a Churchill seu primeiro cargo ministerial, como subsecretário de Estado para as Colônias.

A rotina em Aldershot não era severa. “Começava às 7h45”, escreveu Churchill ao irmão em sua primeira semana ali, com “café da manhã na cama”. Durante uma hora por dia, era encarregado de um pelotão de trinta homens, “e tenho de ver se os cavalos estão tratados, se beberam água e comeram, se os quartos dos soldados estão limpos etc.”. Tinha também duas horas de aulas de equitação todas as manhãs e um exercício à tarde, “que passo principalmente instruindo os homens”. Seguia-se um “banho quente”, o jantar e jogos de bilhar e de besigue. “Jogo bastante uíste à noite”, disse ele à mãe alguns dias depois. Também tinha estado em Londres, onde a tia, a duquesa Lily, concordara em pagar-lhe o cavalo.

Apenas duas semanas após Churchill ter entrado em Aldershot , os eleitores do círculo eleitoral de Barnesbury pediram ao oficial subalterno de apenas vinte anos que lhes fizesse um discurso. Era o primeiro convite que recebia para fazer um discurso político, “mas, depois de muito conversar com meus botões”, disse ele ao irmão, “escrevi-lhes dizendo que a honra era grande demais, ou qualquer coisa parecida”.

Os acidentes continuavam a perturbar o jovem. Em março, escreveu à mãe: “Tive o azar de me quebrar todo quando experimentava um novo cavalo na prova de obstáculos. O animal recusou-se a saltar e desviou-se; eu tentei empiná-lo, e ele ganhou asas. Quase quebrei uma perna, mas só estou machucado e com dificuldade de movimentos.” Tinha dado uma “forte

pancada” com o joelho, disse ele a Jack , “mas já estou melhor e consigo andar com bengalas”.

Mesmo tendo garantido à mãe que não correria mais riscos em provas de obstáculos, Churchill entrou numa prova de obstáculos da Brigada de Cavalaria, usando o nome “mr. Spencer”. A corrida em que participou era a Copa dos Oficiais Subalternos do 4º Regimento de Hussardos . “Foi muito emocionante e não há dúvida de que é uma coisa perigosa”, disse ele a Jack . “Eu nunca tinha saltado uma sebe, e elas são muito grandes, como você sabe.” Ficou em terceiro lugar. Mais tarde, houve um escândalo quando se disse que o vencedor podia não ser o cavalo que tinha sido anunciado; a corrida foi anulada, e todos os cavalos que tinham participado, inclusive o que Churchill montara, foram perpetuamente afastados de outras corridas. Todos os cinco subalternos foram considerados suspeitos de participação na fraude que, um ano mais tarde, foi violentamente denunciada na revista radical *Truth* .

Houve outro episódio infeliz nessa primavera, apenas três semanas depois do caso da prova de obstáculos. Um oficial recentemente nomeado, Alan Bruce , que estava prestes a juntar-se ao 4º Regimento de Hussardos , era tão impopular entre seus camaradas subalternos que, num jantar para o qual cinco colegas, inclusive Churchill, o convidaram especialmente, ouviu que deveria abandonar o regimento. Um ano depois, esse episódio também foi denunciado na revista *Truth* , que o apelidou de “um grande escândalo da cavalaria”. Segundo o redator, Henry Labouchere , um membro radical do Parlamento, foi Churchill quem, “agindo aparentemente como porta-voz dos oficiais mais novos do regimento”, informara Bruce de que “não era bem-vindo ali”. Passado pouco tempo, foi oficialmente pedido a Bruce que se fosse embora, e ele assim fez.

Em duas cartas para a mãe, Churchill referiu-se a esse fato de sua vida no Exército, embora não tenha mencionado seu próprio envolvimento. “Quando vejo como alguns colegas que não são estimados são tratados”, escreveu em abril, “sinto-me muito grato pela sorte de ter feito meus próprios amigos e, de um modo geral, ter sido aceito”. Três meses depois, disse-lhe: “Se não gostam de alguém, essa pessoa precisa ir embora, e isso significa que ficará para sempre com esse desagradável estigma.”

No final de abril, Churchill foi a Londres para o casamento de sua tia viúva, a duquesa Lily, com lorde William Beresford . “Uma excelente refeição, que deve ter custado uma fortuna”, escreveu ele à mãe, “e a quantidade de gente para comê-la foram a atração principal”. De Londres, foi às corridas em Newmarket, onde o príncipe de Gales falou com ele. Todo mundo esteve na tribuna e foi

“tudo muito social e agradável”. O polo se tornara um de seus principais interesses. “É o melhor jogo do mundo”, escrevera ele à mãe no final de março, “e eu deveria quase me sentir feliz por abandonar qualquer ambição de jogá-lo bem e com frequência, mas isso sem dúvida deixará de ser meu ponto de vista a curto prazo”.

Em junho, Polly Hackett, a amiga de Churchill, casou-se com Edward Wilson. Churchill já conhecia a irmã de Wilson, Muriel, que havia sido sua convidada em Aldershot para a parada do aniversário da rainha. Nesse mês, entrou para o Bachelor’s Club, em Londres. “Recebi uma grande quantidade de convites”, disse ele à mãe, “e, se quisesse, podia ir a um baile todas as noites, mas os dias de manobras e os exercícios fazem com que eu deseje mais ir para a cama do que fazer qualquer outra coisa”.

Ainda em junho, Nasrulla Khan, filho do emir do Afeganistão, visitou a Inglaterra e passou em revista as tropas alocadas em Aldershot, escolhendo Churchill para fazer parte da escolta do duque de Connaught. “Passei sete horas em cima do cavalo, sem desmontar ou tirar o barrete”, disse ele à mãe, “e mais duas horas depois do almoço, mas foi uma grande honra ter sido escolhido”.

No final da tarde de 2 de julho, Churchill recebeu um telegrama em Aldershot, anunciando que o estado de saúde da sra. Everest era “crítico”. Partiu imediatamente para sua casa em Crouch Hill, nº 15, na parte norte de Londres. “Ela sabia que estava em perigo”, recordou ele mais tarde, “mas só estava preocupada comigo. Tinha havido uma forte chuva. Meu casaco estava molhado. Quando lhe tocou, ficou muito alarmada, com medo de que eu ficasse gripado. O casaco teve de ser secado cuidadosamente, e só então ela se acalmou”.

Dali, Churchill correu ao centro da cidade para contratar uma enfermeira e ver o dr. Keith, que concordou imediatamente em visitar a sra. Everest. Churchill pegou então o trem da meia-noite para Aldershot, de modo a não perder a revista da manhã. Mal terminou a revista, retornou a Londres, para junto da sra. Everest. Apesar das esperanças de que ela poderia se recuperar, “apenas mergulhou num entorpecimento”, disse Churchill à mãe, “que deu lugar à morte às 2h15 desta madrugada”. A enfermeira chegara apenas para o fim. “Foi muito triste. A morte dela foi impressionante de ver, mas acho que ela não sofreu muito.” Era ainda cedo; Churchill pegou o trem de Londres para Harrow para dar notícias a Jack, querendo poupar-lhe a aflição de um telegrama. “Ele ficou terrivelmente chocado”, contou Churchill à mãe, “mas tentou não demonstrar”.

De volta a Londres, tomou as provisões necessárias para o funeral da sra. Everest. Encomendou também uma coroa de flores em nome da mãe, porque “pensei que gostaria de enviar uma”. Quanto à sra. Everest, disse ele, “nunca mais voltarei a ter nenhum amigo como ela”.

A sra. Everest foi sepultada no Cemitério de Londres, no leste da cidade, em 5 de julho. “O caixão estava coberto por coroas de flores”, escreveu Churchill à mãe nessa noite, “e tudo foi como deveria ser”. Quando o enterro terminou, regressou a Aldershot. “Bom, minha querida mãe”, escreveu ele nessa noite, “estou muito cansado porque andei de um lado para o outro durante duas noites e precisei cumprir todas as minhas obrigações aqui ao mesmo tempo. Estou muito deprimido e descobri que nunca soubera quão importante era para mim a pobre Woom”. Posteriormente, mandou colocar uma lápide em sua sepultura, cuja inscrição declara que foi erguida “por Winston Spencer Churchill e John Spencer Churchill”.

“Senti-me muito desanimado e triste”, disse Churchill à mãe. “Na verdade, é mais um laço com o passado que se vai, e olho para trás com tristeza, para os dias passados em Connaught Place, quando a sorte ainda sorria para nós.” Lady Randolph nem sequer tinha uma casa própria agora, vivendo em hotéis e com familiares. “Anseio pelo dia em que possa ter uma casinha”, escreveu Churchill, “e onde eu possa realmente sentir que é o meu lar”. Para ele, Aldershot era seu lar. “Tenho muitos amigos”, disse ele à mãe, “e conheço o chão que piso”. Havia ali muito para fazer e ver. Em 23 de julho, o duque de York, mais tarde rei George V, e a duquesa, compareceram ao dia de manobras, “e fui convidado para jantar com eles”. Teve também “uma boa conversa com o duque de Connaught acerca das eleições”.

Eram as primeiras eleições gerais em quase trinta anos em que Gladstone não era o líder liberal. “Na minha opinião”, disse Churchill à mãe quando estavam no auge da campanha, “atribuo a total degradação do Partido Radical à ausência de poder de aglutinação por parte do sr. Gladstone. Desde 1886, quando houve a grande cisão, o partido declina regularmente, mas sua personalidade dava uma força fictícia, tal como a febre anima um homem doente. Assim que ela passa, acontece o colapso”.

Rosebery e os liberais foram derrotados, e Salisbury tornou-se o primeiro-ministro e chefe de um governo conservador e unionista. Foram dados postos de chefia a Joseph Chamberlain e a outros liberais resolutos da década anterior. Quanto aos derrotados liberais, “nunca se viu um partido mais desiludido e mais destruído”, disse Churchill à mãe. Os unionistas, pelo contrário, “entraram no

governo com quase todos os homens competentes das duas câmaras, com a Câmara dos Comuns aos seus pés e a Câmara dos Lordes em suas costas, apoiados por todas as seções da nação, libertos de todas as promessas ou livres de qualquer compromisso”. Nenhum partido teve alguma vez “tanta sorte”; faltava ver “o uso que dela farão”. Ele terminava a carta com um aviso acerca do poder de resistência do novo governo: “Acho que são fortes demais, um conjunto muito brilhante. Constituem exatamente a espécie de governo que se divide sobre a questão do protecionismo . Como um enorme navio com motores potentes, requer uma condução cuidadosa, porque qualquer colisão significa destruição.”

O protecionismo , com a exigência unionista de um sistema tarifário que protegesse o comércio imperial da competição estrangeira, iria, na verdade, dividir o partido e destruí-lo. Nessa futura convulsão política, Churchill, então um jovem conservador, membro do Parlamento, alcançaria proeminência política como líder da oposição às tarifas.

Em Aldershot , a vida de Churchill continuava dominada pela equitação. “Estamos em plenas manobras”, escreveu à mãe em agosto. “Oito horas em cima de uma sela todos os dias, duas horas nas cavaliarias e polo exaustivamente.” Contudo, disse ele, a política já o fascinava: “É um excelente jogo, e vale a pena esperar por uma boa mão antes de mergulhar nele realmente. Em todo o caso, quatro anos de saudável e agradável existência, combinada com responsabilidade e disciplina, não podem me fazer mal, mas sim bem.” Quanto mais conhecia a vida de soldado, “mais gosto dela, mas cada vez mais me convenço de que não é meu *métier*. Bom, veremos”.

Uma semana mais tarde, Churchill disse à mãe que a vida no Exército o estava levando a um estado de estagnação mental “bastante em conformidade” com o espírito do Exército. “Deste ‘vale de lágrimas’ tento erguer-me lendo e relendo os discursos de papai, muitos dos quais sei quase de cor.” Se fosse alocado em Londres, pensava em conseguir um professor particular por uma ou duas horas por semana para estudar economia ou história moderna: “Preciso de alguém que me indique alguns temas específicos e que oriente minhas leituras nesse assunto. As leituras sem método a que até agora me entreguei resultaram apenas numa mistura de fatos desconexos e desordenados.”

Lady Randolph , que não entendeu muito bem o que o filho queria, sugeriu que ele fizesse um estudo sobre “o fornecimento de cavalos ao Exército”. Isso, respondeu ele, era um assunto que, embora pudesse ser alvo de muitos comentários por parte de um oficial de cavalaria, era “mais apropriado para

prejudicar e fazer cair na rotina o pensamento de alguém do que para o engrandecer”. Algo “mais literário e menos materialista é a espécie de remédio mental de que preciso”. Durante toda a sua vida, explicou a ela, primeiro em Harrow, depois em Sandhurst e finalmente com James, ele recebera uma educação “puramente técnica”, centrada na aprovação em alguns exames. “Como resultado, minha mente nunca recebeu aquele polimento que, por exemplo, Oxford e Cambridge dão. Nesses locais, estudam-se questões e ciências com um objetivo bastante mais elevado do que a mera utilidade prática. Recebe-se realmente uma educação liberal.”

Três meses antes de completar 21 anos, Churchill iniciou um curso autodidata dessa falada educação liberal. Embora fosse um oficial de cavalaria com muitas ocupações e obrigações, e também distrações, tornou-se um aluno particular em sua própria universidade. Seu primeiro professor foi o *Manual of Political Economy*, de Fawcett, publicado trinta anos antes. Era um livro, disse ele à mãe, essencialmente dedicado aos “primeiros princípios, que dava pelo menos uma clara compreensão do esqueleto do esquema e que seria útil mesmo que os temas não fossem muito desenvolvidos”. Depois de Fawcett, planejava ler *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon, e *European Morals from Augustus to Charlemagne*, de Lecky. “São tarefas mais agradáveis do que o empilhamento de estatísticas limitadas.”

No outono de 1895, lady Randolph adquiriu uma casa em Londres, no nº 35 de Great Cumberland Place. Se fosse alocado mais perto da capital, escreveu Churchill à mãe, “poderia viver com você e ser soldado ao mesmo tempo”. A carta continuava: “Espero com ansiedade voltar a ter uma casa. Será maravilhoso tocar a campainha de nossa própria porta outra vez. Pobre querida Everest... Como ela teria gostado de nos ver de novo juntos numa casa. Ela ansiava muito por isso.”

Em outubro de 1895, Churchill decidiu ir com um amigo, Reginald Barnes, a Cuba, onde as forças espanholas tentavam esmagar uma rebelião dos habitantes da ilha. À mãe, que estava hesitante sobre a viagem, escreveu: “O fato é que decidi ir.” Lady Randolph respondeu imediatamente: “Considerando que sou eu quem providencia seus recursos, acho que em vez de dizer ‘Decidi ir’, seria mais simpático, e talvez mais sensato, começar por me consultar.” Ela não colocaria nenhum obstáculo no caminho, “mas suponho que a experiência da vida ensinará com o tempo que o tato é um ingrediente essencial em todas as coisas”. Enquanto preparava a viagem, Churchill foi visitar o marechal de

campo lorde Wolseley , comandante-chefe do Exército britânico. Com a aprovação de Wolseley , ele e Barnes foram ver o diretor do Serviço de Informações Militares, o general Chapman , que lhes deu mapas e informações. Por sua vez, Churchill disse à mãe que “tinham pedido que colhessem informações e estatísticas sobre vários aspectos e particularmente sobre o efeito da nova bala, sua penetração e seu poder de impacto”. Esse pedido, acrescentou ele, “deu à nossa missão um caráter quase oficial e será útil no futuro”. Havia também um lado menos oficial da viagem. “Vou trazer muitos charutos de Havana”, disse ele à mãe, “e alguns podem ser ‘armazenados’ no porão do nº 35 de Great Cumberland Place”. Antes de partir, persuadiu o *Daily Graphic* , para o qual o pai havia escrito quando estava na África do Sul, a deixá-lo enviar reportagens regulares sobre o teatro da insurreição.

Churchill deixou a Inglaterra um mês antes de completar 21 anos, a bordo do vapor *Etruria* , da Cunard Royal Mail. Era sua primeira travessia transatlântica. Orgulhosamente contou à mãe que ele e Barnes não enjoaram e não faltaram a sequer uma refeição, mas, acrescentou, “nunca mais na vida considerarei a hipótese de fazer uma viagem por mar por puro prazer, vendo-as como males necessários a que temos de ser submetidos quando realizamos um plano”. O concerto a bordo, escreveu, “era uma ocasião em que todas as pessoas estúpidas fingiam tocar e os mais estúpidos aplaudiam”.

Nova York foi uma delícia para Churchill. “São todos muito educados e temos compromissos para todas as refeições nos próximos dias”, disse ele à mãe. Os primos dela foram muito prestativos e calorosos, e um entre eles chegara a contratar “um excelente criado de quarto” para os dois visitantes. Visitaram as instalações do Exército americano no Atlantic Military District e West Point, a Sandhurst dos Estados Unidos. O jovem graduado por Sandhurst ficou horrorizado com a disciplina em West Point: “Não podem fumar nem ter dinheiro em sua posse”, contou ao irmão, “e não têm qualquer licença a não ser depois dos dois primeiros anos”. Tratava-se de uma situação “verdadeiramente desgraçada”. “Rapazes de 24 ou 25 anos que renunciam à sua liberdade pessoal a esse ponto nunca serão bons cidadãos ou bons soldados. Uma criança que se revolta contra esse tipo de controle deve ser chicoteada, mas como um homem que não se revolta.”

Enquanto esteve em Nova York, Churchill visitou um navio de guerra, o cruzador *New York* . Os marinheiros americanos despertaram-lhe mais interesse do que o próprio navio, “porque embora qualquer nação consiga construir um barco de guerra, criar bons marinheiros é um monopólio que pertence à raça

anglo-saxônica”, escreveu ele à sua tia Leone. “Que povo extraordinário são os americanos!”, exclamou ele para a mãe. “Sua hospitalidade é uma surpresa para mim. Fazem-nos sentir em casa e à vontade de uma maneira que nunca senti.” Por outro lado, escreveu, “a imprensa e a moeda deixaram uma péssima impressão”. A nota de dólar com que pagara o bilhete para atravessar a Brooklyn Bridge era talvez “a mais vergonhosa ‘moeda’ que já se viu no mundo”, disse à tia Leone, fazendo-o refletir por algum tempo sobre “como reconciliar o magnífico sistema de comunicações com o abominável dinheiro”. O papel-moeda foi um choque para ele, que encontrou uma solução: “Os meios de comunicação de Nova York pertencem a empresas privadas, ao passo que o Estado é o responsável pela emissão da moeda. Assim cheguei à conclusão de que os homens de melhor qualidade aqui estão nas casas comerciais e os menos brilhantes estão no governo.”

“É um grande país, meu querido Jack ”, escreveu Churchill ao irmão em seu quinto dia em Nova York. “Não é bonito nem romântico, mas grande e voltado para a utilidade prática; aqui parece não haver coisas como a reverência pela tradição. Tudo é eminentemente prático, e as coisas são julgadas de um ponto de vista objetivo.” Em um tribunal para o qual tinha sido convidado, o juiz discutiu com Churchill as provas “tal como se apresentavam”, “mostrando-se socialmente agradável”, e, “durante todo esse tempo, um homem infeliz e pálido lutava pela própria vida”. Não havia “togas nem cabeleiras nem oficiais de uniforme. Nada, a não ser uma grande quantidade de homens vestindo casacos pretos de *tweed*. Há juiz, prisioneiro, júri, advogado e guardas indiscriminadamente misturados, mas acabam enforcando um homem da mesma maneira, e isso é o que interessa”.

Muita coisa o animou durante sua curta visita; a essência do jornalismo americano, contou ele ao irmão, era “a vulgaridade despojada de verdade”, mas ele não queria ser severo demais: “Acho, note bem, que a vulgaridade é um sinal de força. Os americanos são um povo grande, rude, forte e jovem, como um jovem rude e saudável entre senhoras e cavalheiros débeis, ainda que bem-educados.” Então, concluiu entusiasticamente:

Imagine o povo americano como uma grande juventude vigorosa, que calca aos seus pés todas as nossas suscetibilidades e comete todos os horrores possíveis de mau comportamento, para quem nem a idade nem a tradição inspiram qualquer reverência, mas que cumprem seus afazeres com uma ingenuidade bondosa que pode fazer inveja às nações mais antigas da terra.

Depois de uma semana em Nova York, Churchill e Barnes foram de trem para a Flórida. Seu anfitrião em Nova York, Bourke Cockran, em cujo apartamento tinham ficado, conseguiu um compartimento privado para eles no trem. Desse modo, a viagem de 36 horas em direção ao sul não foi “tão desagradável”, disse Churchill à mãe, “quanto seria se tivéssemos de viajar num compartimento comum”. Em Key West, pegaram um barco para Havana, onde o cônsul-geral britânico apresentou os dois jovens ao governador militar espanhol, que, por sua vez, telegrafou para o comandante-chefe espanhol com a informação de que tinham chegado.

Em 21 de novembro, Churchill e Barnes deixaram Havana num trem para se juntarem às tropas espanholas em campo. “Nossa sorte foi quase sobrenatural”, disse Churchill à mãe. “Perdemos dois trens, que foram, ambos, atacados pelos rebeldes durante cerca de meia hora. Paramos numa cidade onde havia toda a espécie de doenças terríveis, e, finalmente, se não tivesse mudado minha posição cerca de um metro para a direita, sem qualquer razão especial, teria sido infalivelmente atingido.” Além de tudo isso, “deixei uma nota de cinco libras como aposta no ‘The Rush’ a 8 para 1, e ele ganhou com toda a facilidade. Portanto, como vê, minha querida mamãe, *há* um encantador querubinzinho”.¹

Os cinco artigos enviados por Churchill para o *Daily Graphic* tinham o título “Cartas da Frente”, e eram assinados com as iniciais “WS”. Não havia dúvida, escreveu ele na primeira carta, redigida quando ainda estava a caminho da frente, de que os revoltosos cubanos “possuem a simpatia de toda a população, e assim recebem informações constantes e precisas. Por outro lado, a Espanha está igualmente determinada a esmagá-los e envia tropas novas aos milhares. É impossível dizer como terminará, mas, quem quer que seja que ganhe e qualquer que seja o resultado, o sofrimento de toda a comunidade é certo”.

Em 23 de novembro, Churchill chegou ao centro da ilha. “Quanto mais conheço Cuba”, escreveu nesse dia, “mais tenho certeza de que o desejo de independência é nacional e unânime. As forças revoltosas têm em si o melhor sangue da ilha, e não podem, por mais que se perverta a verdade, ser classificadas como formações de bandidos. De fato, é uma guerra, e não uma rebelião”. No dia seguinte, o general Valdez formou uma coluna militar de cerca de 2.700 homens para escoltar abastecimentos enviados para várias guarnições espanholas pelas montanhas. “O general nos deu cavalos e criados”, disse Churchill à mãe quando retornou a Havana duas semanas depois, “e nós vivemos com seu Estado-Maior”.

Em 30 de novembro, dia do 21º aniversário de Churchill, o general Valdez

conduziu suas forças em busca do principal exército rebelde. Churchill e Barnes foram com ele, acampando ao ar livre nessa noite. No dia seguinte, depois de marcharem para um novo acampamento, os dois ingleses convenceram dois oficiais espanhóis “a irem tomar banho no rio conosco”. Terminado o banho, os quatro homens vestiam-se na margem quando “subitamente”, como Churchill relatou em sua crônica seguinte, “ouvimos um tiro. Seguiu-se outro, mais outro e uma rajada. As balas assobiavam sobre nossas cabeças. Era evidente que se tratava de um ataque”. Vestindo-se rapidamente, um dos oficiais espanhóis correu para reunir cinquenta homens, que repeliram os atacantes. Churchill e Barnes voltaram ao quartel-general de Valdez , a quatrocentos metros dali, onde decorria um combate maior. Também foi repellido. Então, um pouco antes da meia-noite, relatou Churchill, “eles regressaram e dispararam contra nós durante cerca de uma hora”. Vários soldados espanhóis foram mortos. “Uma bala trespassou a cobertura da barraca onde estávamos dormindo e outra feriu um ordenança que estava do lado de fora.”

No dia seguinte, 2 de dezembro, a que um ano depois Churchill chamaria de “o aniversário mais extraordinário da minha vida”, as tropas espanholas partiram ao raiar do dia. O nevoeiro, escreveu ele em seu artigo para o *Daily Graphic* , “protegeu-nos dos atiradores rebeldes, que nos saudaram, assim que atravessamos o rio, com fogo certo. Ainda nessa manhã, a coluna foi forçada a parar enquanto os soldados da infantaria espanhola avançavam. Durante essa parada, “as balas do inimigo assobiavam por cima das nossas cabeças ou cortavam o chão macio sob os nossos pés”. A coluna de cavalaria avançou. “Atacamos as posições inimigas”, disse Churchill à mãe, “e avançamos em campo aberto sob fogo cerrado”. Infelizmente, o general Valdez , “um homem muito corajoso, de uniforme branco e dourado, montado em um cavalo cinzento, atraiu grande quantidade de fogo sobre nós, e ouvi suficientes balas assobiando e zumbindo para me satisfazer durante uns tempos”.

“Havia um som no ar”, escreveu Churchill em seu artigo, “às vezes como um suspiro, às vezes como um assobio, e outras vezes como o zumbido de um inseto ofendido”. Churchill e Barnes ficaram perto do quartel-general durante a ação, daí resultando que, explicou Churchill à mãe, estiveram “no lugar mais perigoso do campo”. Os espanhóis, acreditava ele, tiveram sorte em não perderem mais homens do que perderam, “mas, por via de regra, os rebeldes disparavam muito alto”. Depois de dez minutos de fogo cerrado, os rebeldes recuaram. Não houve qualquer perseguição, e os espanhóis se retiraram. “E então tínhamos um general de divisão”, escreveu Churchill em seu quinto e

último artigo, “e dois milhares de soldados das melhores tropas da ilha fora dos aquartelamentos por mais de dez dias à procura do inimigo, vencendo todas as dificuldades, sofrendo todas as tribulações, e contentando-se em apanhar trinta ou quarenta rebeldes e em tomar uma colina coberta de ervas rasteiras, destituída de qualquer importância”. Nesse ritmo, “o imperador Guilherme , com o exército alemão, levaria vinte anos esmagando revolta”.

Nesse último artigo, Churchill refletiu sobre a justiça da causa dos rebeldes. Cuba tinha sido “sobrecarregada de impostos de uma forma monstruosa durante um período considerável”. A Espanha retirara tanto dinheiro do país que “as indústrias estão paralisadas e o desenvolvimento é impossível”. Suborno e corrupção infiltraram-se na administração “numa escala quase chinesa”. Toda a administração espanhola era corrupta. “Uma revolta nacional justificável é a única saída possível de tal sistema.” Contudo, os métodos usados pelos rebeldes consistiam em táticas de “incendiários e salteadores, queimando canaviais, disparando por trás de sebes, atirando contra acampamentos adormecidos, destruindo propriedades, descarrilhando trens e arremessando dinamite”. Tudo isso, concluiu Churchill, era “perfeitamente legítimo numa guerra, sem dúvida, mas não são atos sobre os quais se fundam Estados”.

Um jornalista britânico escreveu a Churchill com a informação de que corria em Cuba um boato “segundo o qual suas simpatias são direcionadas aos rebeldes”. Esse boato foi contrabalançado pelo fato de Churchill e Barnes terem recebido uma condecoração militar espanhola, a Cruz Vermelha. Contudo, Churchill tinha certeza, como escreveu em seu último artigo para o *Daily Graphic* , que os cubanos nunca seriam afastados de vastas áreas do interior e de que o que era necessário era uma Cuba “livre e próspera, com leis justas e uma administração patriótica, abrindo seus portos ao comércio mundial, enviando seus cavalos para Hurlingham e seus jogadores de críquete para Londres, trocando os charutos de Havana pelos algodões de Lancashire e o açúcar de Matanzas pela cutelaria de Sheffield. Pelo menos nos deixem ter essa esperança”.

Um ano depois de sua visita a Cuba, Churchill escreveu à mãe:

Censuro-me de alguma maneira por ter escrito de modo um pouco parcial e por ter talvez cometido injustiças para com os insurretos. Tentei demonstrar, e em certa medida consegui-o, que a Espanha tinha razão. Foi uma atitude política e não quis expor-me à acusação de ser ingrato para com meus anfitriões, mas não tenho certeza absoluta se estava certo.

Na segunda semana de dezembro, Churchill partiu de Cuba para os Estados Unidos e depois para casa. Em Nova York, falando com um jornalista do *New York World*, observou acerca das tropas espanholas: “Não farei comentários sobre sua coragem, mas são muito bons na arte da retirada.” Quanto ao futuro: “Penso que o desfecho será uma intervenção dos Estados Unidos como mediador.” De fato, os Estados Unidos em breve entrariam em guerra com a Espanha, derrotando os espanhóis na ilha, o que conduziria à independência de Cuba em 1901.

“Levarei comigo um excelente café, charutos e goiabada para armazenar no porão do nº 35”, havia escrito à mãe na última carta que enviou de Havana. Cumpriu sua palavra, mas, durante o regresso à Inglaterra, as muitas satisfações vindas de suas aventuras foram assombradas pela muito divulgada acusação de que tinha cometido “atos de grande imoralidade, tipo Oscar Wilde”, enquanto esteve em Sandhurst. A acusação foi feita por A. C. Bruce -Pryce, pai do oficial-cadete que anteriormente tinha acusado Churchill e os amigos de obrigarem-no a abandonar o regimento. Bruce -Pryce alegou também que outro oficial tinha sido açoitado pelos seus colegas subalternos por ter cometido um ato de grande indecência com Churchill.

Churchill iniciou uma ação contra Bruce -Pryce. No intervalo de um mês, Bruce -Pryce retirou formalmente a acusação e pagou 400 libras por danos. O caso, escreveu a Churchill seu comandante, coronel Brabazon, “apenas mostra a que extremos podem ir a mentira e a maldade”. Contudo, o caso do filho de Bruce -Pryce não se resolveu tão facilmente, sendo levantado repetidas vezes pela *Truth*, que também continuou a atacar, tendo como arma o episódio da corrida de obstáculos ocorrida no ano anterior.

A vida social de Churchill floresceu. Em um encontro na casa de lorde Rothschild, em Tring, esteve com Asquith e Balfour. “No conjunto, como pode imaginar”, disse Churchill à mãe, “gostei muito de conhecer pessoas tão inteligentes e de ouvir suas conversas”. Fala-se muito sobre a África do Sul. Num recente discurso, o ministro para as Colônias, Joseph Chamberlain, havia dito que era apenas uma “anomalia” que a maior parte da população do Transvaal pagasse nove décimos dos impostos e que mesmo assim a colônia não tivesse representação no Parlamento bôer. Churchill comentou: “Foi por uma ‘anomalia’ semelhante que a América se revoltou contra a Inglaterra, assim como uma ‘anomalia’ parecida foi a principal causa da Revolução Francesa.”

Em fevereiro de 1896, os Estados Unidos começaram a pressionar a Espanha para que deixasse Cuba. “Espero”, escreveu Churchill a Bourke Cockran, “que

os Estados Unidos não forcem a Espanha a deixar Cuba, a não ser que estejam preparados para aceitar a responsabilidade pelos resultados dessa ação”. Porém, se os Estados Unidos anexassem Cuba, “embora fosse uma perspectiva muito dura para a Espanha, seria melhor e mais conveniente tanto para a ilha quanto para o mundo em geral”. Contudo, Churchill consideraria “monstruoso” se tudo o que a América fizesse fosse “estabelecer outra república sul-americana” sem manter “nenhuma espécie de controle sobre seu comportamento”. Acima de tudo, disse Churchill a Cockran, a Inglaterra e os Estados Unidos deviam evitar uma disputa. “Por favor, sejam pacíficos”, escreveu ele, “e não arrastem o 4º Regimento de Hussardos para o Canadá numa luta insana e criminosa”.

Cockran tinha ficado furioso com a prisão, pelo governo britânico, de alguns irlandeses encontrados com dinamite. “Tive a oportunidade de falar com o senhor Asquith sobre esse assunto”, informou-o Churchill, “e disse-lhe que eu os teria libertado em respeito ao povo irlandês”. Muito impressionado com Churchill, Cockran incitou-o a estudar sociologia e economia política.

“Com seu notável talento para se exprimir com lucidez e encanto”, escreveu, “você faria muito bom uso da informação que adquiriria através do estudo desses temas. Na verdade, creio firmemente que você ocupará um lugar de chefia na vida pública assim que surgir a primeira oportunidade”. Em fevereiro, a revista *Saturday Review* publicou um artigo escrito por Churchill sobre Cuba. Lady Randolph enviou um exemplar da publicação a Joseph Chamberlain, que ficou impressionado com aquilo que chamou de “o melhor resumo que já vi dos problemas espanhóis, e que está de acordo com minhas conclusões”. Chamberlain acrescentou: “É evidente que o senhor Churchill tem os olhos bem abertos.”

No verão de 1896, Churchill decidiu ir ao Egito, esperando “ser ajudante de campo” do comandante-chefe britânico, general Sir Herbert Kitchener, na luta para recuperar o Sudão. Quando esse plano falhou, ele perguntou ao *Daily Chronicle* se podia ir como seu correspondente especial para Creta, onde os gregos da ilha lutavam pela independência contra o domínio turco. Pediu também à mãe para que usasse sua influência junto do ministro da Guerra, lorde Lansdowne, para que o ajudasse a ir para a África do Sul e juntar-se às forças que então reprimiam o levante nativo em Matabeleland.

Não só Lansdowne não pôde ajudar como preveniu lady Randolph, “como amigo”, que, em vista da investigação em curso sobre as acusações feitas contra ele pela *Truth*, não seria “sensato da parte de Winston abandonar a Inglaterra nesse momento”. Lansdowne acrescentou: “Há muita gente maldosa, e é

provável que possa ser feita uma tentativa para deturpar sua ação.” Um mês depois, Churchill ainda tentava obter permissão para ir a Matabeleland. Embora seu próprio regimento devesse partir em breve para a Índia, o 9º Regimento de Lanceiros deveria partir para Matabeleland no final de agosto. “Falaremos sobre isso na sexta-feira”, escreveu ele à mãe no princípio do mês, “mas, minha querida mamãe, não pode imaginar como eu gostaria de partir dentro de poucos dias para cenários de aventura, para lugares onde poderia ganhar experiência e obter vantagens, muito mais do que desejo ir para a enfadonha Índia, onde estarei afastado tanto dos prazeres da paz como das oportunidades da guerra”.

Ir para a Índia com seu “infeliz regimento”, disse Churchill à mãe, era uma perspectiva “profundamente desinteressante”. Não ir para a guerra era o mesmo que perder “uma oportunidade de ouro”. Falhando nisso, “sinto-me culpado de uma indolente loucura de que me arrependerei por toda a vida”. Alguns meses em Matabeleland lhe valeriam a Medalha da África do Sul e muito provavelmente a estrela da Companhia Britânica na África do Sul. “Daí ir a toda a velocidade para o Egito, conseguindo mais duas condecorações dentro de um ano ou dois, e então guardo minha espada numa mala de viagem.” Tanto Matabeleland quanto o Egito estavam “dentro dos limites das possibilidades e, no entanto, aqui estou eu, nem em um nem em outro. Não posso acreditar que, com todos os amigos influentes que mamãe tem, e com todos aqueles que poderiam fazer alguma coisa por mim em consideração ao meu pai, eu não consiga ir, o que não sucederia se essas influências fossem corretamente utilizadas”.

Churchill pediu à mãe com insistência que usasse sua influência:

É inútil pregar-me a doutrina da paciência. Outros tão novos quanto eu estão a caminho, e que possibilidade tenho de recuperar o tempo perdido? Registro aqui que não deve medir esforços para me ajudar nessa fase. Podem passar anos antes que surjam oportunidades semelhantes.

Sua frustração era enorme; com apenas 21 anos, temia que todo o seu tempo de serviço no Exército fosse passado em quartéis e longe de toda a ação. “Não pode imaginar como essa vida é tremendamente intolerável para mim”, disse à mãe, “quando tanta coisa acontece no intervalo de um mês”. Não iria para Matabeleland; em 11 de setembro, Churchill embarcou para a Índia com o 4º Regimento de Hussardos, desapontado por não satisfazer sua esperança de ação. Em 1º de outubro, chegou a Bombaim, e três dias depois estava num

acampamento em Poona. “Contratei um ótimo criado indiano”, disse ele à mãe, “que é incansável em seus cuidados comigo e muito honesto”. De Poona foi para Bangalore, onde ficaria mais de seis meses. A cidade, que fica mil metros acima do nível do mar, era famosa por seu clima saudável. Churchill partilhava uma casa espaçosa com dois amigos, Reginald Barnes e Hugo Baring . Tratava-se, disse à mãe, “de um magnífico palácio de estuque cor-de-rosa e branco no meio de um grande e belo jardim”.

Quanto a criados, Churchill, Barnes e Baring tinham um mordomo cada um, cujas obrigações eram “servir à mesa, cuidar da casa e supervisionar os estábulos”, um criado particular, um assistente para esse criado e um cavaleiro para cada cavalo ou pônei. Além desses, os três jovens oficiais partilhavam os serviços de dois jardineiros, quatro lavadores e um guarda. “É esse nosso pessoal”, disse Churchill à mãe. Sua primeira carta incluía também vários pedidos; ele queria que a mãe lhe mandasse uma mesa de jogo, “alguns livros (muito bem-vindos)”, sua bicicleta, uma dúzia de camisas e vários artigos para caçar borboletas, incluindo caixas para as coleções, cartões para fixá-las, uma rede, uma caixa de alfinetes e uma “mala de viagem”. Quanto aos seus próprios “prazeres”, escreveu, “sou totalmente abstinente e praticamente não fumo até o pôr do sol, bebendo limonada — ou ocasionalmente *cerveja*, o que é, no fim das contas, uma receita de temperança”.

A Índia era, em todos os aspectos, um “perfeito contraste” em relação aos Estados Unidos, escreveu Churchill a Jack . “Os obsequiosos criados nativos substituem os incivilizados ‘cidadãos livres’.” “A mão de obra aqui é barata e em grande quantidade. A vida é barata e obtém-se luxo com facilidade.” Seu próprio jardim, acrescentou, estava cheio de borboletas, com exemplos de “borboleta-monarca, *white admirals* e *swallowtails* e muitos outros insetos bonitos e raros. Poderei fazer uma bela coleção com pouco trabalho e muito divertimento”. Aconselhando Jack , que ainda estava em Harrow, a “tentar obter certo número de conhecimentos”, Churchill confidenciou: “Só desejava ter estudado mais. Há grandes prazeres na vida para aqueles que conhecem bem as línguas latina ou grega. É claro que na escola vemos apenas o lado desagradável e pouco atrativo dos clássicos, da gramática e da métrica — em vez dos modos e costumes.”

Enquanto Churchill estava em Bangalore, foi publicado na *Pall Mall Magazine* um artigo que escrevera sobre Sandhurst . “Para aqueles que entram no colégio vindos diretamente de Eton ou Harrow”, escreveu, “ou de qualquer de nossas escolas públicas, a vida em Sandhurst é uma emancipação agradável e

proveitosa, deixando boas lembranças. É um tempo de diversão e esportes, um tempo de grandes esperanças, bons amigos, muitos prazeres e preocupações insignificantes, um período de ambições satisfeitas e de ideais atingidos”.

O antigo reitor de Churchill, Dr. Welldon , mandou palavras de aconselhamento: “Não há razão para que não aprenda latim (se não o aprendeu até agora) ou mesmo grego.” Porém, não eram só os estudos que preocupavam Welldon . “Acima de tudo, meu caro Churchill, pense mais nos outros do que em si próprio, esteja pronto para aprender com os que estão abaixo de você e conserve sua consciência tão serena quanto possível.” As recentes acusações que a revista *Truth* continuava a publicar tinham aborrecido Welldon . “Imploro-lhe”, escreveu, “que não deixe que seu espírito tempestuoso o leve a algum ato que possa desonrar sua escola e seu nome”. Era impossível, acrescentou, “não saber sobre suas loucuras e impertinências, quando é mesmo culpado e terá de reconhecer que exige demais de minha amizade quando me pede que o trate como amigo quando outras pessoas falam de você com indignação ou desprezo”. Furioso com os artigos da *Truth*, Churchill escreveu à mãe:

Parece-me difícil tolerar que quando estamos longe, num país estrangeiro, impossibilitados de responder ou até mesmo de ler imediatamente qualquer possível deturpação da verdade, esses ataques continuem e que o público os engula avidamente. Junto remeto uma carta do sr. Welldon , que evidentemente se refere a esse caso. Ele está aparentemente misturado com aqueles — e creio que não são poucos — que aceitaram a versão de Labouchere .

A vida em Bangalore continuava num ritmo pausado. O primeiro café da manhã, explicou Churchill à mãe, era às 5h; a revista das tropas, às 6h; o segundo café da manhã, banho e “tratar de documentos, se houver necessidade”, às 8h, seguindo-se uma hora de trabalho nos estábulos; depois “não há nenhuma obrigação até o polo às 16h15”. Então, havia um intervalo que ele preenchia “dormindo, escrevendo, lendo ou caçando borboletas”, seguindo-se o jantar e dormir. Essa vida agradável foi perturbada por outro artigo de Labouchere , “rancoroso e insultuoso”, disse Churchill à mãe, que insinuava que o Ministério da Guerra tinha sido impedido de tomar uma atitude contra Churchill por pressão exercida a seu favor.

“O jovem oficial que assumiu o papel de líder na conspiração para expulsar o

sr. Bruce do 4º Regimento de Hussardos ”, escreveu a *Truth* , “pertence a uma família influente, e toda essa influência foi usada para impedir a abertura do caso”. “É difícil inventar uma sugestão mais maldosa”, comentou Churchill, “e, depois de nossa experiência com o que vale essa influência na outra direção, parece até irônico”.

Desde a mais tenra idade, Churchill tinha sido atormentado pela incapacidade de pronunciar a letra “s”, que ele articulava mal, pronunciando-a mais como “ch”. Antes de partir de Londres, tinha consultado Felix Semon , conhecido médico especializado em otorrinolaringologia. O relatório de Semon chegou-lhe quando já estava na Índia. “Ele está confiante”, disse Churchill à mãe, “de que é apenas necessário prática e perseverança e pensa que não se trata de nenhum defeito físico”.

Churchill disse à mãe que a Índia era um “lugar sem Deus e cheio de esnobes e pessoas entediadas”, mas, no começo de novembro, quando jogava polo em Secunderabad, conheceu Pamela Plowden , filha do residente britânico em Hyderabad. “Tenho de confessar que ela é a moça mais bonita que já vi”, disse à mãe. “Vamos tentar visitar a cidade de Hyderabad de elefante. Não ousamos ir a pé, pois os nativos cospem nos europeus, o que provoca retaliações que dão origem a tumultos.”

O passeio de elefante realmente aconteceu, iniciando assim uma amizade para toda a vida. Cinquenta e cinco anos depois, Churchill escreveria a Pamela: “Sempre apreciei suas notícias ao longo dos anos, desde a época em que eu era um extravagante — sempre fui — odiado e abandonado, mas houve alguém que sempre viu em mim algumas qualidades.”

Enquanto estava em Bangalore, um artigo que recebeu sobre as qualidades do pai como administrador deu-lhe, disse ele à mãe, “uma deliciosa ocupação de manhã e deixou-me deprimido e desanimado à tarde”. Uma semana antes, ele soubera de uma vaga no círculo eleitoral de East Bradford, palco de um grande discurso de seu pai na década anterior. “Se eu estivesse na Inglaterra”, escreveu ele à mãe, “teria concorrido e tenho quase certeza de que ganharia. Em vez de ser um insignificante subalterno, teria a oportunidade de aprender coisas que me serão importantes no futuro”. Talvez seja “justo que eu esteja condenado a esperar, embora eu não lhe esconda que a vida aqui é estúpida, enfadonha e desinteressante”.

Churchill não conseguia banir a vida política britânica de seu pensamento. “Que pena eu não estar aí para concorrer em East Bradford”, disse à mãe. “Vi

que um soldado conseguiu a vaga.” O soldado, um unionista, tinha vencido seu opositor liberal por uma pequena margem de votos, inferior a quatrocentos. Se tivesse ido para a Índia como membro do Parlamento, refletiu Churchill, “por mais jovem e louco que fosse, teria acesso a todos que sabem e podem comunicar. Como soldado, supõe-se que meus interesses se resumem a polo, corridas de cavalos e ser um bom oficial. Eu vegeto. Até ler é um esforço, e ainda estou no Gibbon”. Em outra carta para a mãe, escrita em Bangalore, previu que o poder do Partido Unionista seria despedaçado quando “os proprietários de terras (o mais poderoso elemento do lado conservador) forcem Salisbury a levantar a questão do protecionismo !”. Os unionistas liberais dirão então para seus colegas conservadores , e “com toda a razão”, que, na sua opinião, não podem seguir o partido “para a terra do protecionismo”.

Churchill disse à mãe que o resultado dessa divisão nas fileiras conservadoras e unionistas seria a criação de um novo partido, chefiado por Joseph Chamberlain e por lorde Rosebery . Ambos, pensava ele, seriam “dignos líderes da democracia *tory*”. Os extremos de ambos os partidos seriam desprezados, e os “restos” do Partido Conservador , entre eles “proprietários nobres, publicanos, eclesiásticos e incompetentes”, perderiam seu poder. Quando a divisão ocorreu, sete anos depois, Churchill emergiu rapidamente como um importante partidário do comércio livre nas fileiras conservadoras e tentou até persuadir Rosebery a regressar à política ativa, liderando um partido do centro, mas em vão. Quanto a Chamberlain , longe de chefiar as forças partidárias do comércio livre, como Churchill previra, defendeu o protecionismo e deu aos partidários do comércio livre, incluindo o próprio Churchill, seu principal opositor.

Todavia, outro artigo na revista *Truth* afligiu o jovem oficial. Referindo-se à prova de obstáculos e mencionando Churchill, o artigo alegava que ele e outros quatro subalternos tinham conspirado para obter dinheiro por meio da prova, usando um procedimento considerado condenável. Churchill lembrou imediatamente à mãe que o Real Comitê de Caça tinha, havia muito, escrito ao Ministério da Guerra, “defendendo-nos expressamente de qualquer acusação de desonestidade ou de comportamento desonroso”. Se essas contínuas alegações não fossem refutadas, escreveu ele, “seriam fatais para minha futura vida política”. Ele queria interpor uma ação legal. Provavelmente seria exposto a ataques, disse ele à mãe, “até devido à acusação de ter contribuído para a expulsão de Bruce ”, mas o problema das corridas era “mais grave”. Até alguma coisa ser feita para negar as acusações, “fico numa situação muito

desagradável”.

Em 30 de novembro, Churchill fez 22 anos. Como continuava inativo, pediu insistentemente à mãe que tentasse conseguir que ele fosse enviado para o exército de Kitchener, que estava alocado no Egito. “Ouvi dizer que foi decidido fazer avanços esse ano”, escreveu ele. A tarefa de lady Randolph consistia em escrever diretamente a Kitchener. “Acho que dois anos no Egito”, disse-lhe Churchill três semanas depois, “com uma participação em campanha, poderá transformar minha espada numa faca de cortar papel e minha sacola numa urna eleitoral”. Entretanto, ainda em Bangalore, Churchill escreveu a Jack e contou-lhe que suas rosas tinham florido; tinha agora 250 roseiras, “de modo que todas as manhãs posso encher quase três grandes bacias com as mais belas flores que a natureza produz”. Porém, sua muito estimada coleção de borboletas, que incluía “mais de 65 espécies diferentes”, fora destruída “pela maldade de uma ratazana que entrou no armário e devorou todos os espécimes. Contudo, consegui pegar o animal, e o Winston, o *terrier*, matou-o — e eu recomecei perseverantemente”.

Extraordinariamente para um jovem soldado que desejava participar de ações militares, Churchill desaprovava o aumento de despesas militares pelo governo, escrevendo à mãe acerca de uma proposta de Lansdowne para gastar mais com o Exército e afirmando que o esforço de tributação envolvido “não deixaria de ter efeitos na prosperidade e na felicidade da nação”. A Grã-Bretanha necessitava, na opinião de Churchill, de uma nova armada, “suficientemente forte para tornar-nos superiores a uma combinação de quaisquer duas potências e com uma ampla margem para acidentes”. Para alcançar esse objetivo, ele apoiaria um imposto “mesmo que fosse elevado”. Uma vez alcançado o “inquestionável comando dos mares”, não haveria qualquer parte do império “que nosso atual Exército não pudesse proteger — e, sem esse comando, não haveria lugar que se conseguisse manter”.

Em dezembro, Churchill foi a Calcutá, uma viagem de cinco dias de trem, para jogar polo. “Conhecerei muitas pessoas que serão amáveis”, escreveu ele à mãe, “e outras que poderão ser úteis”. Porém, quando chegou em Calcutá, encontrou uma cidade “cheia de pessoas sumariamente desinteressantes”. Tinha havido um baile em Viceregal Lodge, mas “como sabe, eu não brilho muito no parquê”, por isso não tinha ido. Sempre que encontrava os residentes britânicos na Índia, “desejo imediatamente fugir do país. Apenas na minha confortável casa, entre

minhas rosas, meus cavalos de polo e minhas borboletas, sinto aquela filosófica calma que torna a vida suportável na Índia”. Calcutá era “terrivelmente fria depois do crepúsculo”, e ele pegou uma gripe, mas estava satisfeito por ter visto a cidade “pela mesma razão que papai ficou contente por ter visto Lisboa ainda que ‘fosse desnecessário vê-la novamente’”.

Jack estava pensando em ir para a universidade. “Vou invejar o prazer que terá numa educação clássica”, escreveu Churchill, “e o fato de que poderá apreciar as obras clássicas”. Continuava a ler ininterruptamente. Lady Randolph lhe enviara doze volumes da obra de Macaulay, os quais “em breve começarei a ler”. Tinha-se sentido “afastado” de Gibbon por *A república*, de Platão, e *The Martyrdom of Man*, de Winwood. “Se ao menos eu soubesse latim e grego”, escreveu ele à mãe, “acho que abandonaria o Exército e tentaria obter um diploma em história, filosofia e economia, mas não quero enfrentar de novo a análise e a prosa latina”.

Winwood Reade argumentara que, no mundo da razão, o cristianismo já não era necessário. “Um desses dias”, comentou Churchill, “a cintilante luz fria da ciência e da razão brilhará através das janelas da catedral e sairemos aos campos para procurar Deus por nós próprios. As grandes leis da natureza serão compreendidas — e nossos destino e passado serão claros. Poderemos então dispensar os brinquedos religiosos que alimentaram agradavelmente o desenvolvimento da humanidade. Até lá, quem nos privar de nossas ilusões — nossas ilusões agradáveis e cheias de esperança — é um homem mau e deverá (passo a citar meu Platão) ‘recusar-se-lhe um coro’”.

Em fevereiro de 1897, Churchill foi promovido a major de brigada, “uma função muito importante”, explicou ele à mãe, “que na Inglaterra nunca seria obtida antes de catorze ou quinze anos de serviço”. Tornava-se “um ‘soldado muito correto’, cheio de zelo etc.”. E acrescentou: “Mesmo em doses homeopáticas, a responsabilidade é uma bebida excitante.” O coronel do regimento consultava-o “sobre quase todos os assuntos”, escreveu uma semana depois. “Embora tudo seja evidentemente numa escala pequena, não posso deixar de reconhecer que é um excelente treino.” Já estava no Exército havia dois anos. Uma das coisas de que tinha “certeza”, disse à mãe, é “que, a menos que uma boa oportunidade de obter um lugar na Câmara dos Comuns se apresente, deverei continuar no Exército mais dois anos”. Entretanto, suas leituras incluíam *Constitutional History of England*, de Hallam, e *A riqueza das nações*, de Adam Smith.

Em fevereiro, os gregos da ilha de Creta ergueram seu estandarte da revolta contra a autoridade turca. A Grã-Bretanha apoiou os turcos, e o governo de lorde Salisbury enviou navios de guerra britânicos ao Mediterrâneo para impedir que a Grécia apoiasse Creta. A simpatia de Churchill estava com os insurretos de Creta, tal como tinha estado com os cubanos exatamente um ano antes. Quando a mãe argumentou que o correto era ajudar as autoridades turcas, ele respondeu: “Estamos fazendo algo muito cruel ao disparar contra os insurretos cretenses e bloquear a Grécia para que não possa socorrê-los.” Admitiu que “os argumentos materiais” estavam preferencialmente do outro lado; isso “não podia deixar de ser assim”, mas havia mais aspectos em jogo. “Vejo a questão do ponto de vista do bem e do mal; lorde Salisbury a vê do ponto de vista dos lucros e das perdas.”

O verdadeiro propósito de Salisbury, disse Churchill à lady Randolph, era preservar o império turco de modo a impedir os russos de tomarem Constantinopla. “Ele está determinado a manter o império turco. Não se importa minimamente com o sofrimento daqueles que são oprimidos por esse império.” Quanto à capital turca, argumentou, “tão seguramente quanto a noite que se segue ao dia, os russos estão loucos para tomá-la. Nós não poderíamos impedi-los, mesmo que quiséssemos. Nem devemos desejar qualquer coisa que possa impedir a expulsão do oriental imundo da Europa.” O desejo russo de dominar Constantinopla, era a “justa aspiração de um povo poderoso. Prefiro enfrentar uma avalanche. Setenta milhões de pessoas sem um porto de água quente. É racional?”.

Contudo, a presença da Rússia em Creta perturbava Churchill. “Não confio nela. Tanta retidão não é humana. Não pode estar agindo de boa-fé.” Era “inconcebível” que a Rússia estivesse agindo desinteressadamente. “Eu nunca acreditarei nisso.”

Churchill disse à mãe que, se estivesse no Parlamento, não haveria extremos a que não chegaria na oposição ao governo de Salisbury: “Sou um liberal em tudo, exceto no nome.” Suas opiniões já provocavam o “piedoso horror” de seus camaradas oficiais. Se não fosse o Projeto de Autonomia, “que nunca aceitarei, entraria no Parlamento como liberal”. Explicou então à mãe em que consistia essencialmente um programa liberal interno, citando o alargamento do direito de voto a todos os homens adultos, educação universal, igualdade entre todas as religiões e um imposto de renda progressivo. “Votaria a favor de todos eles.” Em negócios estrangeiros, defendia a não intervenção na Europa, “mantermo-nos absolutamente desligados, isolados até, se preferir”. Defender as colônias

com “uma Marinha poderosa” e criar um sistema de defesa imperial. A leste de Suez, contudo, “não pode haver governos democráticos. A Índia deve ser governada segundo os velhos princípios”. E acrescentou: “Aí está! Esse é o credo da democracia *tory*. Paz e poder no exterior, prosperidade e progresso nacional.”

Churchill decidiu voltar à Inglaterra para um mês de licença, mas a reação da mãe o desorientou. Era uma “ideia insensata”, escreveu ela, “absolutamente fora de questão não só por razões econômicas, mas pelo bem de sua reputação”. Ela explicou:

Eles dirão, e com certa razão, que você não consegue se fixar a nada. Só está fora há seis meses e é muito provável que seja chamado para o Egito. Há muito que fazer na Índia. Confesso que estou bastante desanimada com relação a você. Parece não ter um verdadeiro objetivo na vida e não compreender, aos 22 anos, que para um homem a vida significa trabalho, e trabalho duro se pretende ser bem-sucedido.

Muitos homens com a mesma idade, acrescentou lady Churchill, “têm de trabalhar para viver e sustentar as mães. É inútil dizer mais alguma coisa — já conversamos sobre isso antes — e não é um assunto agradável. Apenas repetirei que não posso ajudar mais, e, se tem alguma coragem e se vale o pão que come, tente viver dentro do seu rendimento e corte despesas para conseguir. Deve sentir-se envergonhado nas presentes circunstâncias”. Ignorando a iminente chegada dessa resposta, Churchill escreveu à mãe: “Até onde sei, estou nas graças de Deus e dos homens, mas há dias em que não consigo ficar sossegado.”

Graças aos livros enviados pela mãe, Churchill tinha começado a ler o *Annual Register of World Events*, começando em 1880. À medida que lia, marcava os sumários do Registro dos Debates Parlamentares com pensamentos e intervenções de sua autoria. O método que seguiu, disse ele à mãe, consistia em não ler nenhum debate especial, “até ter registrado no papel sua própria opinião sobre o assunto, tendo olhado apenas para os princípios gerais. Depois de ler, reconsidero minha primeira opinião e finalmente escrevo”, apontando em pequenos pedaços de papel, a lápis, suas posições sobre cada assunto, colando-os nos volumes. Esperava, ao utilizar esse método, “construir uma estrutura de ideias lógicas e consistentes, que talvez possa originar a criação de uma mente também lógica e consistente”. Os fatos do *Annual Register*, disse à mãe,

deveriam “armar-me com uma espada afiada”. Macaulay, Gibbon, Platão e outros “devem treinar os músculos para brandirem essa espada, de modo a produzirem o maior efeito possível”.

Um tópico das notas coladas no *Annual Register* foi a educação, sobre a qual escreveu: “O objetivo do governo deve ser uma educação igual para todos, sem que qualquer grupo seja beneficiado.” A própria educação religiosa não deveria ser confiada a qualquer seita. “São todas sectárias. A Igreja da Inglaterra é igual às outras. Eu sou a favor de instrutores seculares nomeados pelo governo.” A campanha pelo direito de voto das mulheres era, contudo, “um movimento ridículo”. O voto para as mulheres devia ser evitado. “Uma vez que se conceda o voto a um grande número de mulheres, que constituem a maior parte da sociedade”, advertiu ele, “todo o poder passará para as mãos delas”.

Em resposta aos problemas financeiros vividos pela mãe, resultantes das consideráveis extravagâncias feitas por ela, Churchill enviou-lhe seu cavalo Firefly, na esperança de que ela pudesse vendê-lo. “É um bom animal”, escreveu Churchill, “e prefere acima de tudo pão com manteiga ou biscoitos”. Lady Randolph ainda se opunha aos planos de regresso do filho, “em vez de permanecer na Índia e mostrar que consegue trabalhar e fazer alguma coisa”. Ela queria muito ajudá-lo, e, se ao menos tivesse algum dinheiro, ajudaria. “Estou muito orgulhosa de você”, escreveu ela, “por todas as suas grandes e atraentes qualidades. Tenho certeza de que será famoso, mas sei que para isso é preciso ter um caráter forte, disposição a sacrificar-se e abnegação”.

Churchill permaneceu na Índia. Nessa primavera, quando estava sentado na barreira atrás do alvo, perto do quadro de marcação de um exercício de espingarda, escapou por um triz de um acidente, contando à mãe que “uma bala bateu numa borda de ferro do alvo e voou em estilhaços que caíram sobre mim”. Um dos fragmentos atingiu-lhe a mão esquerda, junto do polegar, penetrando mais de dois centímetros. “Foi a misericórdia de Deus, como alguns dirão, ou a sorte e a lei das probabilidades, como outros preferem, que permitiu que eu não fosse atingido num olho; se isso acontecesse, teria ficado cego.” Depois de uns “desagradáveis vinte minutos” de avaliação feita pelo médico, o estilhaço foi extraído, “e desde então tenho sofrido todas as manhãs quando a ferida precisa ser desinfetada com uma seringa. Sabendo minha mãe de minha forte aversão à dor física e até a um mal-estar, tenho certeza de que ficará compadecida”. Sempre engenhoso e corajoso, jogou polo com as rédeas presas ao pulso.

Em meados de abril, a Turquia declarou guerra à Grécia. Churchill passou a

ter um novo objetivo: ir para a frente como correspondente de guerra. A mãe tinha de conseguir esse trabalho para ele num jornal que estivesse interessado em suas reportagens. “Lorde Rothschild será a pessoa indicada para me conseguir isso”, disse-lhe ele, “pois conhece a todos”. Mas para onde ele iria?

Isso, minha querida mamãe, vai depender de você. Evidentemente, prefiro os gregos, mas, por outro lado, os turcos provavelmente ganharão — são muito fortes e manterão a ofensiva. O lado turco será muito menos glorioso, mas muito mais seguro, e, como não desejo ver-me envolvido na confusão de um exército derrotado, penso que o lado turco é o mais indicado. Mamãe decidirá. Se me conseguir boas referências para os turcos, vou para os turcos. Se só me conseguir referências para os gregos, vou para os gregos.

Enquanto aguardava a resposta da mãe, Churchill embarcou para Bombaim, esperando que a mãe já tivesse arranjado tudo quando ele finalmente chegasse à Itália. Ele imaginava que a guerra seria “curta e violenta”. Muito provavelmente “chegaria atrasado”. De fato, chegou tarde, pois os turcos derrotaram os gregos antes que o barco sequer alcançasse a Itália. Assim, seguiu para Londres, onde foi ao Escritório Central Conservador e pediu aos organizadores do partido que lhe conseguissem que fizesse alguns discursos durante sua licença. Eles assim fizeram, de modo que em 26 de junho Churchill fez seu primeiro discurso político, numa reunião da Liga de Primrose, perto de Bath. Tinha sido o pai quem fundara a liga, com o objetivo de perpetuar a memória de Disraeli e os valores da democracia *tory*.

Se era “perdoável a qualquer orador”, disse Churchill, segundo reportou o jornal local, “começar com a já gasta e honrosa apologia do ‘pouco habituado como estou a falar em público’, também seria perdoável no seu caso, pois a honra que ele sentia nesse momento por se dirigir a uma assistência de homens e mulheres compatriotas era sua primeira honra do gênero”. Ele continuou enaltecendo a Lei de Compensação dos Trabalhadores, proposta pelo governo para proteger os trabalhadores de profissões perigosas caso fossem feridos quando a serviço de seus patrões. A proposta, disse ele, “tira o problema das areias movediças da caridade e coloca-o no firme leito de rocha da lei”.

O jovem orador, de 22 anos, fora apresentado à assistência como filho de lorde Randolph. No seu discurso, falou entusiasticamente da democracia *tory*. Os trabalhadores britânicos podiam “esperar mais da onda crescente da democracia *tory* do que do seco do cano de esgoto do radicalismo”. Ele

esperava que os trabalhadores se tornassem finalmente “acionistas dos negócios em que trabalhavam”, tornando-se dispostos a suportar a pressão de um ano ruim “porque compartilham os lucros de um ano bom”.

Sobre os assuntos do império, Churchill falou daqueles que “mesmo no ano do jubileu [1897] diziam que o império britânico atingira o auge de sua glória e de seu poder e que agora iremos começar o declínio, como Babilônia, Cartago e Roma declinaram”. Não acreditem nesses pessimistas, disse ele, “desmintam seu pessimismo sombrio, mostrando com atos que o vigor e a vitalidade de nossa raça não deixará que o império que herdamos dos nossos pais caia” — aqui foi interrompido por uma ovação —, “que nossa bandeira flutuará sobre o mar, que nossa voz será ouvida nas assembleias da Europa, que nosso soberano será apoiado pelo amor de seus súditos, que continuaremos a seguir o caminho indicado por uma mão sábia e que seguiremos em nossa missão de levar a paz, a civilização e um bom governo aos mais remotos limites da terra”.

“Meu discurso correu bem”, escreveu Churchill ao irmão. “O *Morning Post* falou muito bem e parece que todos ficaram satisfeitos.” De Bath foi para Goodwood, onde assistiria às corridas. “Estava no gramado em Goodwood”, recordou mais tarde, “com um tempo ótimo e ganhando dinheiro, quando começou a revolta da tribo Pathan na fronteira indiana”. Leu nos jornais que um exército com três brigadas estava sendo formado para combater a revolta. Seria chefiado pelo general Sir Bindon Blood que, quando Churchill o conhecera na casa da duquesa Lily, prometera que, se voltasse a comandar uma expedição fronteiriça, permitiria que Churchill fosse com ele. Telegrafou imediatamente ao general para lembrar-lhe da promessa. Então, antes de receber resposta, pegou um trem para Brindisi, onde embarcou no navio-correio indiano *Rome*. Quando a embarcação se aproximava de Adém, escreveu à mãe pedindo-lhe que mandasse os tacos de polo e a coleção de discursos de Gladstone e de Disraeli .

Três semanas depois de seu discurso em Bath, Churchill retornava a Bangalore. O discurso em Bath “foi muito apreciado aqui. Todos leem o *Morning Post* ”. Ele acrescentou: “Peço-lhe mais um favor. Satisfaça minha vaidade e envie-me algumas opiniões favoráveis que por acaso ouvir.” Enquanto esteve na Inglaterra, dera à mãe o esboço de um romance que tinha decidido escrever. “Tenho escrito meu romance todos os dias”, contou-lhe em 24 de agosto. “É de longe a melhor coisa que já fiz.” Ele tinha escrito oitenta páginas de um romance político passado numa república fictícia. “Estou muito entusiasmado com isso. Toda a minha filosofia é colocada nas falas do herói.” A carta de Churchill para a mãe cruzou-se com uma correspondência de Sir

Bindon Blood , dizendo que seu Estado-Maior pessoal estava completo e aconselhando Churchill a ir para a fronteira noroeste como correspondente de guerra, “quando lá estiver, eu o colocarei no ativo militar na primeira oportunidade”. Um dos amigos de Churchill tinha feito o mesmo, explicou o general, e agora era parte do quadro no lugar de um oficial morto em ação.

Churchill telegrafou imediatamente à mãe para que ela encontrasse um jornal disposto a contratá-lo como correspondente. “Com muita dificuldade”, obteve um mês de licença, abandonou o romance, pediu à mãe que enviasse o primeiro volume das correspondências de Gibbon e preparou-se para a viagem de cinco dias em direção ao norte, levando seus cavalos. Se o trem fosse parado, disse à mãe, continuaria viagem a cavalo. “Considerarei tudo”, disse ele quando iniciou uma viagem de trem de mais de 3.800 quilômetros, “e sinto que o fato de ter feito o serviço militar com tropas britânicas quando ainda era jovem me dará mais peso político. Deve aumentar minhas pretensões de ser ouvido e pode talvez melhorar minhas perspectivas de obter popularidade no país”. Essa carta foi escrita no final da tarde de 29 de agosto. No dia seguinte, o comandante de Churchill em Bangalore escreveu a lady Randolph : “Pensei que gostaria de receber essas linhas, agora que seu filho partiu, na noite passada, para a fronteira.”

¹ Referência à poesia “Poor Jack ”, de Charles Dibdin: “There’s a sweet little cherub that sits up aloft/ To keet watch for the life of poor Jack. ” (N. da R.)

5.

Em ação

Churchill estava a caminho de um cenário duro. Quase todas as “ferozes e violentas tribos guerreiras de raça afegã estão revoltadas”, explicou ele ao irmão em 31 de agosto de 1897, numa carta escrita durante a viagem de trem para o norte. Mais de 50 mil soldados britânicos e indianos tinham sido reunidos contra as tribos. Era impossível, acrescentou, que o governo britânico “contente-se em repelir uma afronta, que precisa ser vingada. Por isso vamos agora invadir os afridis e os orakzais e lutar contra outras tribos que ousaram violar a Pax Britannica”.

Na retaguarda de Churchill, na região de Bangalore, menos de quinhentos soldados britânicos defendiam uma área habitada por mais de 12 milhões de indianos, muitos deles muçulmanos simpatizantes dos afridis. Atravessando a Índia ao longo de quase tantos quilômetros quanto os que separam a América e a Inglaterra, Churchill disse ao irmão: “É com orgulho que penso que toda essa vasta extensão de um país fértil é dominada e administrada pelos ingleses. É ainda mais digno de orgulho se pensarmos em como o domínio é completo e pormenorizado — e em quão poucos são os dominadores.”

Na primeira semana de setembro, Churchill chegou a Malakand, na fronteira noroeste, sabendo aí que a mãe convencera o influente *Daily Telegraph* a publicar suas cartas de guerra. Seria preciso decidir se as cartas seriam ou não assinadas com o nome dele. “Eu sou muito favorável a que sejam assinadas”, disse-lhe ele, “pois de outro modo não receberei crédito pelas cartas. Isso pode ajudar-me politicamente e tornar-me mais conhecido pelo público”.

Churchill convenceu também o jornal *Pioneer*, para o qual Kipling escrevera uma vez, a deixá-lo enviar-lhes um telegrama com trezentas palavras todos os dias a partir da fronteira; foi essa incumbência que lhe permitiu prosseguir até o quartel-general de Sir Bindon Blood. “Quanto à luta”, disse ele à mãe em 5 de setembro, “começaremos a marcha amanhã.” Antes do fim de semana houve uma batalha, “a maior travada na fronteira esse ano”. Quanto a ele, apontou que “tenho fé na minha estrela — e em que estou destinado a fazer alguma coisa

neste mundo. Se estiver enganado, que diferença faz? Minha vida tem sido agradável e acho que teria pena de abandoná-la, mas isso é um desgosto que eu talvez não venha a conhecer”.

Enquanto esperava pelo início da luta, Churchill enviou a primeira de suas nove cartas para o *Daily Telegraph*, descrevendo a situação na fronteira. As correspondências foram publicadas sem seu nome, como sendo apenas de “um jovem oficial”. No confronto na fronteira noroeste, escreveu ele em sua carta de 12 de setembro, “a civilização está frente a frente com o islamismo militante”. Dadas as “forças materiais e morais” mobilizadas, “não é preciso temer o resultado final, mas quanto mais tempo durar a política de meias medidas, mais distante estará o fim da luta”.

Churchill atravessou a cavalo o vale de Mohmand no caminho para Nawagai. Querendo chegar “a tempo de entrar em ação”, explicou mais tarde à mãe, cavalgou sozinho à frente de um destacamento e foi encontrado por uns cinquenta membros armados de uma tribo. “Felizmente eram amigáveis — e ficaram muito espantados ao ver-me galopar precipitadamente entre eles, de pistola em punho. Mas como eu poderia explicar? Estava tão perto que não havia mais nada a fazer senão correr.”

Tendo chegado a Nawagai sem mais incidentes, Churchill escreveu a Reggie Barnes : “Os mohmands precisam de uma lição, e não há dúvida de que somos um povo cruel.” Em Malakand, explicou, os sikhs “puseram um homem ferido num incinerador e queimaram-no vivo. O caso foi abafado”. Churchill acrescentou: “Sinto-me um abutre. A única desculpa é que eu também posso vir a ser carne putrefata.”

Um dia depois de ter escrito essa carta, Churchill foi colocado, a pedido do general Blood, na segunda brigada do esquadrão de Malakand, que tinha acabado de receber ordem para entrar em ação. O jornalista temporário era outra vez um oficial ativo. Em 16 de setembro, um dia depois de ter sido destacado para o esquadrão de Malakand, viu a ação que procurava. Estava perto da aldeia fronteira de Markhanai. Havia começado o dia às 6h30, cavalgando à frente de 1.300 soldados de cavalaria e, disse à mãe, “vi o primeiro tiro ser disparado”. Depois de uma hora de escaramuças, cavalgou ao longo de um contraforte da colina junto com o 35º Regimento de Infantaria sikh, “até que o fogo se tornou tão intenso que meu cavalo cinzento estava em perigo”. Continuou a pé. Então foi dada a ordem de retirada da colina. “Fiquei até o fim. A retirada foi uma horrível debandada, com feridos deixados para trás para serem despedaçados por aqueles animais selvagens.”

Dois oficiais britânicos que estavam junto de Churchill, os tenentes Cassells e Hughes, foram feridos pelos tiros dos afridis. Então, um soldado afridi aproximou-se de Hughes e tentou golpeá-lo. Churchill disparou contra ele, mesmo estando a trinta metros de distância. “Ele tombou, mas ergueu-se novamente.” Hughes foi morto; Cassells sobreviveu. Com a ajuda de um terceiro subalterno, Churchill transportou um soldado sikh ferido até as tropas que se retiravam, “podendo receber alguma atenção”, disse ele à mãe. “Minhas calças ainda estão manchadas com o sangue do homem.”

Os afridis aproximaram-se até ficarem a quarenta metros do grupo. Quando Churchill e outro jovem oficial dispararam, os afridis atiraram-lhes pedras. Então, abriram fogo novamente. “Foi um espetáculo horrível. Não era possível ajudar quem tombava. Não me senti animado e tive muito pouco medo. Toda a animação desaparece quando as coisas se tornam realmente mortais.” Durante mais de uma hora, à medida que os afridis renovavam os ataques, Churchill esteve em perigo. “Tudo estava tão próximo e era tão crítico”, disse ele à avó, “que fui forçado a disparar meu revólver nove vezes em defesa própria”. A certa altura, substituiu o revólver por um fuzil que um ferido deixara cair e, disse ele a Reggie Barnes, “disparei quarenta tiros de muito perto e com algum efeito. Não tenho certeza, mas acho que atingi quatro homens. De qualquer maneira, caíram”.

O combate terminou e recomeçaram as escaramuças. Depois do que tinha vivido, disse Churchill à mãe, as escaramuças “não me causaram qualquer animação, embora os jovens oficiais desse regimento se deliciassem com algumas balas que assobiavam à nossa volta ou que caíam no chão perto de nós e todos considerassem que tinham escapado por um triz”. “Foi um dia muito movimentado”, disse Churchill a Sir William Beresford. “Estive debaixo de fogo das 7h30 às 20h30, sem interrupção, embora a intensidade tenha evidentemente variado.” Refletindo três dias depois sobre a luta, na qual tinham sido mortos cinquenta dos 1.300 soldados britânicos e sikhs, e uma centena ficara ferida, Churchill escreveu à mãe para dizer que ninguém podia falar mal dele no que diz respeito a coragem. “Cavalguei em meu cavalo cinzento ao longo da linha de fogo enquanto todos os outros estavam deitados procurando cobertura. Talvez seja tolice, mas eu aposto alto e perante uma audiência não há ato arriscado ou nobre demais.” Durante a retirada pela encosta abaixo, fora visto pelo comandante britânico do 35º Regimento de Infantaria sikh, que recomendou, em seu relatório do combate, que Churchill fosse mencionado nos comunicados. O brigadeiro aprovou a recomendação, escrevendo a Churchill

quatro meses depois: “Você esteve em vários pontos de conflito com minha brigada, e atrevo-me a dizer que demorará algum tempo até que entre novamente num combate tão violento.”

Depois do combate de 16 de setembro, Sir Bindon Blood nomeou Churchill seu oficial. Como consequência, explicou Churchill à mãe, “receberei uma medalha e talvez dois adornos de prata”. Nessa semana, esteve mais duas vezes em combate, primeiro em Domadora e depois, em 23 de setembro, em Zagai, onde mais uma vez cavalgou ao longo da linha de fogo. Pediu transferência para outra expedição, que estaria a caminho do Tirah, “porque”, disse à mãe, “isso poderá significar outro adorno de prata para minha medalha”.

“Vivi algumas horas perigosas”, escreveu Churchill à mãe em 27 de setembro, “mas tenho certeza de que minha sorte é suficientemente boa para ser bem-sucedido”. Três dias depois, o 31º Regimento de Infantaria indiano, do Punjabe, sofreu muito em combate. Bindon Blood colocou Churchill nesse regimento para preencher as vagas deixadas por alguns oficiais mortos. “Tive de colocá-lo”, explicou ao coronel Brabazon, “pois era o único oficial disponível, e ele faz o trabalho de dois subalternos”.

Em 30 de setembro, o 31º Regimento de Infantaria entrou em combate em Agra, onde sessenta homens morreram ou ficaram feridos. “Para minha grande decepção”, disse Churchill a Beresford, “vi a infantaria britânica correr e deixar seu oficial no terreno, embora eu estivesse muito longe para entender o que estava acontecendo”. O regimento britânico era o Royal West Kent. “Assim”, acrescentou Churchill, “em minha curta experiência vi brancos e pretos fugirem em debandada”. Alguns meses mais tarde, Churchill disse à mãe: “Chorei quando encontrei o Royal West Kent em 30 de setembro e vi os homens verdadeiramente desnorteados debaixo de fogo e exaustos, e o pobre Browne-Clayton literalmente cortado em pedaços numa padiola porque seus homens não se mantiveram ao lado dele.” O tenente Browne-Clayton era apenas um ano mais velho do que Churchill.

Também contou à mãe que tinha passado cinco horas debaixo de fogo em Agra, “mas não estive nos locais onde a luta foi mais violenta”. Embora só mais tarde lhe tenha dito, ele cavalgara ao longo da linha de fogo pela terceira vez. Na próxima vez que entrasse em combate, ele esperava comandar cem homens. Então teria “outro motivo para correr riscos além de amor à aventura”.

Churchill escreveu essa carta em 2 de outubro, no quartel-general do general Blood, em Inayat Ma. “Tenho 39,4°C e uma horrível dor de cabeça”, disse à mãe, confidenciando-lhe que aquela era uma guerra sem quartel. “Eles matam e

mutilam todos os que capturam, e nós não hesitamos em acabar com os inimigos feridos. Desde que estou aqui, tenho visto coisas que não são muito bonitas, mas, como pode imaginar, nunca sujo minhas mãos com trabalho sujo, embora reconheça a necessidade de algumas coisas.”

Em sua tenda na fronteira, Churchill estava ansioso para saber a opinião do irmão sobre o discurso em Bath. “Dê-me sua opinião franca, se for uma opinião boa”, escreveu. “Não quero saber de nenhuma crítica desfavorável. A crítica deixa de ter valor para o criticado quando é hostil. E, ah, espere até ver meu romance!”

Nos dez dias seguintes, Churchill esteve várias vezes sob fogo. “Se tiver sorte”, escreveu Sir Bindon Blood ao coronel Brabazon, “receberá a VC ou a DSO”.² A isso, Brabazon respondeu: “Tenho certeza de que o rapaz é corajoso.” Em 12 de outubro, Churchill disse à mãe que tinha estado debaixo de fogo quinze vezes desde seu primeiro combate na fronteira quatro semanas antes: “É uma boa base para a vida política.” Estava pensando em escrever um livro sobre o esquadrão de Malakand, no qual combinaria descrições dos combates com seus comentários e críticas à política do governo. “Conheço o terreno, os homens e os fatos”, disse à mãe. “Mereci a medalha e os adornos de prata. Blood diz que em cem homens não há outro que tenha visto tantos combates quanto eu, e não no Estado-Maior nem à distância, mas na última companhia da retaguarda.”

Escrevendo à avó acerca do combate, Churchill confidenciou: “Os membros das tribos torturam os feridos e mutilam os mortos. Não poupam um único homem que caía em suas mãos, esteja ferido ou não.” Os hospitais de campanha e os trens com doentes são o “alvo especial” dos homens das tribos. Em resposta, os britânicos não só destroem os depósitos de água, único modo de as tribos da fronteira terem água para o verão, como “usam contra eles uma bala”, a nova bala dundum, “cujos efeitos destruidores são simplesmente terríveis”. Churchill acrescentou:

Acho que essas balas nunca foram usadas contra seres humanos, mas apenas em animais de caça, como veados, tigres etc. O quadro é terrível, e naturalmente um lado não é explorado na imprensa. Eu gostaria de chegar à conclusão de que toda essa barbaridade — e todas essas perdas — teriam como resultado a obtenção de uma posição permanente, contudo penso que nada foi feito e que nada será feito.

Churchill disse mais tarde a Beresford que no último dia que passou na fronteira “estive mais perto de morrer do que em qualquer outro momento, e isso porque um subalterno se esqueceu de que a arma estava carregada. Teria sido uma ironia do destino”.

Na terceira semana de outubro, Churchill recebeu ordens de regressar a Bangalore. O tempo que passara na fronteira, escreveu ele à mãe, tinha sido “o mais glorioso e delicioso de toda a minha vida. Porém, havia sempre a possibilidade de terminar abruptamente. Vi muitas pessoas mortas e feridas e ouvi muitas balas assobiarem à minha volta — tantas que se pudesse contá-las você não acreditaria”. Nenhuma bala chegara “mais perto do que trinta centímetros — numa carta anterior, eu falei em um metro, mas desde então a distância diminuiu. Minha sorte, do princípio ao fim, foi extraordinária”. Era assim o sangue-frio de Churchill em combate; além de ter recebido a medalha de campanha por ter participado do combate, foi mencionado nos comunicados por “coragem e determinação”, tendo, como se lê na citação, “sido útil num momento crítico”.

Churchill orgulhou-se por ter sido mencionado nos comunicados. “Desejo mais uma reputação de coragem pessoal do que qualquer outra coisa neste mundo”, escreveu ele à mãe. Ao irmão escreveu: “Sendo covarde em muitos aspectos — especialmente na escola —, não há ambição que eu acalente mais profundamente do que obter a reputação de corajoso.” “Quanto a merecer essa honra, acho que me arrisquei sempre”, disse à mãe, “e exibi-me ostensivamente onde quer que houvesse perigo, mas não tive um comando militar e não esperava receber crédito por algo que era afinal apenas o comportamento de um filósofo — e de um cavalheiro”. Talvez, disse ele a Jack, “meu excelente cavalo cinzento tenha atraído a atenção do relator”.

Churchill agora esperava enquanto suas cartas para o *Daily Telegraph* eram publicadas. Nessas correspondências, ele não só descrevia os combates como também expunha suas opiniões sobre a loucura da política do governo ao permitir que as tribos controlassem a região entre a Índia britânica e o Afeganistão. Essa região, argumentava ele, deveria ser anexada o mais rápido possível. Acabariam então as incursões. Anexação era uma palavra que o público britânico “teria, no fim de contas, de aceitar, e quanto mais cedo o fizessem, mais cedo as coisas começariam a recompor-se”. No final, a Grã-Bretanha seria provavelmente obrigada a absorver o próprio Afeganistão “até a fronteira com a Rússia”. A linha de fronteira mais segura era de caráter político,

“postes vermelhos e amarelos a cada cinquenta metros e com sentinelas, tal como entre a Áustria e a Rússia. Não há espaço para dúvidas sobre o que isso significa. Atravessá-la significa guerra. Essas políticas de ‘Estado-tampão’ são temporárias e levam mais a problemas do que a qualquer outra coisa”.

Para desgosto de Churchill, as cartas continuavam a aparecer sem seu nome no *Daily Telegraph*. “Eu escrevi-as com uma intenção”, disse à mãe, “uma intenção que ganha forma à medida que a correspondência avança, buscando mostrar minha personalidade ao eleitorado. Eu tinha esperança que daí resultasse alguma vantagem política”. Desejosa de dar ao filho a chance de entrar na política, lady Randolph certificou-se de que o maior número possível de pessoas influentes soubesse que Churchill era o autor dos artigos. Ele ainda não estava satisfeito. “Embora eu aprecie muito a opinião de seus amigos em Londres”, escreveu ele, “esse estreito círculo não é o público que eu pretendia atrair”.

Enquanto estava em Bangalore, Churchill perdera uma oportunidade política. “Soube que houve uma vaga em Lancashire, que teria servido para mim”, escreveu ele à mãe em outubro. “Mas eu tinha um emprego melhor.” No mesmo dia, escreveu à avó: “Se eu sobreviver, pretendo candidatar-me ao Parlamento nas eleições gerais, se minha estadia no exterior não for indefinidamente prolongada.” Contudo, havia mais uma área de conflito para onde ele queria ser enviado. “Agora tenho de ir para o Egito”, disse ele à mãe, “e você precisa tentar incitar o príncipe a escrever a Kitchener sobre o assunto”. Sua vida na Índia “não tinha grandeza suficiente” para mantê-lo. “Quero estar em atividade. Não suporto a inércia ou a rotina.” Até o polo “perdeu metade de seu encanto e já não me satisfaz”. Seu objetivo agora era “Cartum no próximo ano”. Ele entraria na capital dos dervixes com seus conquistadores.

Em Bangalore, Churchill enviou à mãe um artigo que escrevera sobre retórica, com a opinião de que a verdadeira retórica era “a chave para os corações dos homens”, pedindo que ela o colocasse em qualquer local para ser publicado. “Vai criar-me inimigos”, escreveu, “mas eles são inevitáveis de qualquer forma”. Entretanto, ele queria ver ação onde quer que fosse. “Precisa conseguir que me mandem para outro lugar”, disse à mãe, explicando que tivera esperança de ir para a Abissínia com uma missão britânica. Teria sido “uma grande oportunidade”, mas não deu em nada. Joseph Chamberlain poderia ter resolvido tudo “com uma palavra”, disse ele à mãe, acusadoramente, acrescentando: “Sinto-me cheio de confiança em mim mesmo e tenho certeza de que farei alguma coisa no mundo — se não sofrer nenhum dano físico.”

Enquanto esteve em Bangalore, Churchill deu continuidade ao seu romance. Tinha nove capítulos no começo de novembro, mas o abandonou por algumas semanas para escrever sobre o esquadrão de Malakand . Fez uma lista de materiais publicados e guardados, que pediu à mãe que lhe mandasse, assim como as opiniões de “personagens proeminentes” nos aspectos políticos da campanha. Dois anos antes, disse-lhe ele, o coronel Younghusband havia ganhado “uma grande quantidade de dinheiro” com seu livro sobre a campanha de Chitral. “Não vejo por que não poderei fazer um relato igualmente interessante das lutas muito mais violentas que nós travamos.” Já escrevera a “todos os coronéis e pessoas cultas” que havia conhecido na fronteira para pedir-lhes informações. “Não tenho dúvidas de que receberei muitas respostas. É assim a modéstia da época. Poucas pessoas resistem a dizer o que em sua opinião realmente aconteceu. Evidentemente será preciso fazer uma escolha.”

Churchill trabalhava em seu livro seis horas por dia, “e meu indicador tem um buraco por causa disso”, disse à mãe. Escrever estava longe de ser fácil: “Tudo é feito com muito trabalho e aperfeiçoamento constante.” Ele ambicionava produzir qualquer coisa “melhor do que aquilo que se vende nos quiosques das estações de trem”. “Contudo, atrevo-me a dizer que adotei uma visão empolada.” A Jack escreveu sobre seu “gosto” por ler sobre coisas do passado. “Um bom conhecimento de história é uma aljava cheia de flechas num debate.” Um bom conhecimento de francês seria “de grande utilidade na vida”; quando deixasse o Exército, esperava passar alguns meses em Paris para melhorar seu francês. Ele esperava que Jack também fosse viajar, para ver alguma coisa “desse nosso grande império, à conservação do qual devotarei minha vida”.

Quando fez 23 anos, Churchill tinha seus pensamentos centrados em entrar na Câmara dos Comuns . Havia decidido que se houvesse uma vaga no círculo eleitoral de Paddington, pelo qual outrora seu pai fora eleito, embarcaria imediatamente para a Inglaterra, e pediu à mãe que convencesse o atual membro, que tinha mais de 60 anos, a retirar-se. “Tenho sondado Farde”, escreveu ela em 10 de dezembro, “mas ele ainda não está preparado para se aposentar!”. E só o fez em 1910. Mais tarde, ao avaliar os esforços da mãe para defender tão amplamente seus interesses, Churchill comentaria que: “Ela não deixou pedra sobre pedra e moveu céus e terra.”

Lady Randolph tinha expressado seu desagrado em relação ao relato do filho sobre sua coragem na fronteira. Quanto ao fato de vangloriar-se, ele respondeu: “Eu apenas desabafei com meus amigos. Eles compreendem e perdoam minha vaidade.” Cavalgar ao longo da linha de fogo “não é uma experiência qualquer,

mas eu tinha de apostar alto e tive a sorte de ganhar”. “Para um filósofo, minha querida mamãe”, as balas não merecem consideração. “Além disso, sou tão convencido que não acredito que os deuses tenham criado um ser forte como eu para um fim tão prosaico.”

Em dezembro, Churchill pediu novamente à mãe que escrevesse a Kitchener sobre o mesmo assunto: “Bata enquanto o ferro ainda está quente e a tinta, úmida.” Ele tentou convencê-la de que estaria muito mais seguro no Egito do que na fronteira indiana. Durante uma ação em 16 de setembro, “perdemos 150 homens em um grupo de mil. Nós chamamos isso de uma ação”. Em Firket, no Egito, “morreram 45 homens em 10 mil. Chamam isso de uma batalha. Deve ter sido uma luta contra miseráveis”.

No último dia de 1897, Churchill enviou à mãe o manuscrito de seu livro, intitulado *The Story of the Malakand Field Force*. Arthur Balfour, a quem ela já tinha mencionado o livro e que prometera ajudá-la a encontrar um bom editor, apresentou-a ao seu “revisor” de publicações, o agente literário A. P. Watt, que ficou muito impressionado com o “notável talento” das cartas de Churchill para o *Daily Telegraph*. No intervalo de uma semana, ele já tinha encontrado um editor para o livro. “Talvez o livro seja um sucesso financeiramente”, escreveu Churchill à mãe. “Lembre-se de escrever e conte-me coisas boas sobre ele. Diga-me de que partes gostou. Adoro elogios. São deliciosos.”

Churchill havia excluído do livro todos os assuntos pessoais; a única referência a si próprio era uma nota de rodapé que indicava onde prestava serviço na ocasião da ação. Era uma narrativa de acontecimentos baseada não só em suas próprias experiências, mas em muitas leituras e correspondência com outros envolvidos. Seus sentimentos acerca da campanha eram francos. “Toda a expedição foi um erro”, disse ele à mãe, “porque seu êxito dependia da desistência das tribos quando seu país estava sendo invadido e suas propriedades estavam sendo destruídas. Mas eles não desistiram. Nós fizemos-lhes todo o mal possível e muitos ainda nos desafiam”. “Essa tentativa foi um grande erro”, arguiu, porque a Grã-Bretanha “não tinha meios, exceto a ocupação prolongada, de coagir essas tribos e fazê-las desistir”.

“Como eu gostaria de convencê-la acerca do Egito!”, escreveu Churchill à mãe em meados de janeiro. “Eu sei que você conseguiria, com toda a sua influência e conhecendo tanta gente. É uma época de avanços forçados e devemos seguir com os outros.” Depois da campanha de Tirah, para a qual ele ainda tinha esperança de ser enviado, e depois da passagem pelo Egito, ele iria

“trocar a guerra pela paz e pela política, se eu chegar ao fim são e salvo. Acho que chegarei, mas evidentemente basta olhar para a natureza e ver como ela dá pouca importância à vida. O caráter sagrado da vida é uma ideia inteiramente humana. Podemos pensar numa bonita borboleta — 12 milhões de plumas nas asas e 16 mil lentes nos olhos — engolida de uma só vez por um pássaro. Vamos rir do destino. Talvez isso lhe agrade”.

Dois amigos de Churchill também foram correspondentes de guerra na fronteira indiana. Um, lorde Fincastle , ganhou a Victoria Cross. O outro, o tenente R. T. Graves , morreu em combate. “Um pouquinho de sorte”, disse Churchill à mãe, “poderia me garantir o mais alto dos prêmios ou dar fim a tudo”.

² VC: Victoria Cross; DSO: Distinguished Service Order. (N. do T.)

6.

Para Omdurman e além

Em janeiro de 1898, Churchill foi a Calcutá, onde visitou o vice-rei, lorde Elgin , jantou com o comandante-chefe, Sir George White , e “movimentei-me entre grupos elevados e importantes”, como disse a Jack . Oito anos depois, trabalharia para Elgin no Ministério das Colônias , seu primeiro cargo ministerial. Nem mesmo nessa época a vida política esteve ausente dos seus planos; nesse mês enviou ao Escritório Central Conservador, por sugestão dessa instituição, um discurso eleitoral, caso houvesse uma vaga por Paddington ou fossem convocadas eleições gerais. “Em política”, escreveu ele à mãe, de Bangalore, no final do mês, “um homem, acredito eu, faz mais progressos não pelo que faz, mas pelo que é. Não é tanto uma questão de intelecto, mas de caráter e originalidade. É por essas razões que não permitirei que outros sugiram ideias e que estou sem paciência para conselhos quanto aos meus primeiros passos na política”.

Apresentações, contatos, amigos poderosos, um nome importante, bons conselhos seguidos, “todas essas coisas contam”, disse ele à mãe, “mas só levam até certo ponto. Podem, por assim dizer, colocá-lo no jogo. Porém, no fim das contas, cada homem é avaliado e, se for considerado insuficiente, nada lhe garantirá a confiança pública”. Se não fosse suficientemente bom, outros seriam convidados a ocupar seu lugar. “Nunca me preocuparei em reforçar uma reputação falsa nem em manter minha posição disfarçando minha personalidade. É evidente, como já sabe há tempo, que acredito em mim mesmo. Se não acreditasse, talvez aceitasse outras opiniões.”

Ao longo de todos os meses na Índia, Churchill foi assaltado por preocupações financeiras. Irritava-se com o que considerava serem extravagâncias da mãe com roupas, viagens e divertimentos. “Falando francamente sobre esse assunto”, escreveu-lhe ainda em Bangalore, “não há dúvida de que ambos — você e eu — somos igualmente inconsequentes, gastadores e extravagantes. Ambos sabemos o que é bom, e ambos gostamos de tê-lo”. Dois dias depois, escreveu outra vez: “Nos três anos que se seguiram à

morte de papai, você gastou um quarto de nossa fortuna com gastos mundanos. Eu também fiz extravagâncias, mas minhas extravagâncias são pequenas em comparação às suas.”

Para Churchill surgia agora uma nova fonte de lucros. Receberia cinquenta libras por seu livro. Além disso, receberia cem libras por cada 2 mil exemplares vendidos. O livro foi publicado em Londres em 14 de março. “É o ato mais importante da minha vida”, disse ele à mãe, “até hoje (é claro)”. Foram impressos 2 mil exemplares, aos quais se seguiram mais 4.500 nos dez meses seguintes, proporcionando-lhe mais 250 libras. Estava claro para ele que podia ganhar a vida escrevendo. Orgulhosamente informou à avó de que o *Daily Telegraph* tinha pago cem libras por suas cartas da fronteira e que o *Pioneer* pagara 25 libras pelos telegramas.

A opinião dos oficiais mais velhos, escreveu lady Randolph ao filho nesse verão, era de que, apesar de ser “o jovem mais promissor”, Churchill escrevia “demasiadamente bem para continuar no Exército, onde seu talento será desperdiçado e onde seus escritos o trarão problemas mais cedo ou mais tarde”. Nesse inverno, o príncipe de Gales escreveu-lhe: “Tem uma grande facilidade para escrever, o que é uma vantagem. Espero apenas que seja prudente nos seus comentários e que evite críticas corrosivas que possam ofender as autoridades.” Churchill comentou com a mãe que era “suficientemente *tory*” para considerar essa carta como uma “grande honra”. Quanto às suas aspirações militares, tinha sido ajudado pelo capitão Aylmer Haldane, que conseguira que ele fosse nomeado adjunto da força expedicionária de Tirah, então alocada em Peshawar. “Minha reputação, valha o que valer, despertou a atenção dele”, disse Churchill à mãe.

Enquanto Churchill se dirigia para norte, parecia que escaparia à ação. “Não há dúvida de que os selvagens mais ferozes já se fartaram”, disse ele à mãe. Contudo, mesmo sem participar em combate, ele poderia obter mais um adorno de prata para a medalha que ganhara na fronteira. “Isso é importante para os registros de meus serviços e significa mais uma campanha”, explicou ele. Porém, a principal importância de ir para Tirah residia em outro aspecto. “Eu conheço agora todos os generais que muito provavelmente terão comandos nos próximos anos.”

Em Peshawar, Churchill teve de esperar por ordens para seguir para Tirah. “Evidentemente anseio por um combate”, disse à mãe, “mas não me iludo. Ambos os lados estão fartos da luta.” No final de março, numa carta para um amigo que foi publicada um mês depois no *Times*, Churchill defendeu o

exército britânico na fronteira noroeste. A Índia, governada como era por apenas alguns milhares de ingleses, proporcionava aquilo a que ele chamou de “uma medida exata da evolução resultante do desenvolvimento e da civilização”. Contudo, havia na Inglaterra um preconceito “muitas vezes latente, mas nunca ausente” contra os funcionários públicos, tanto civis quanto militares, que prestavam serviço “nessa terra remota”.

Todos andavam à procura de um bode expiatório para explicar o fracasso da repressão às tribos fronteiriças, mas, escreveu Churchill, na guerra das montanhas “não há combates generalizados, não há sucessos brilhantes, não há rendições importantes, não há chance para jogos de cena. É apenas uma tarefa difícil e dura que precisa ser feita”. Ele continuou, realçando que enquanto “contava com a humilde submissão dos mais ferozes selvagens da Ásia, o Exército era atacado pelos insultos e censuras de nossos conterrâneos em nossa pátria”.

Essa carta, confidenciou Churchill à mãe, colocaria sua relação com as autoridades militares indianas “em bases inabaláveis”. Essas autoridades eram “extraordinariamente sensíveis às críticas da imprensa e acolhiam com prazer o mais insignificante comentário favorável”. Se fosse “bem divulgada”, disse ele ao seu tio, Moreton Frewen, a carta “pode causar um burburinho, e seria muito bem recebida pelos meus superiores na Índia. E também é justa”.

A campanha no Tirah, pela qual Churchill tanto ansiara, não se realizou. Após uma escaramuça final, a última tribo que ainda resistia negociou a paz. “Eles só nos querem mal”, disse Churchill à mãe, “se pudessem, matavam-nos, mas fora isso são perfeitamente amigáveis. Confesso que gosto do povo. Vi muitos em Jamrud no mês passado, todos com um sorriso alegre apesar da destruição terrível que provocamos naqueles vales”. Para um jornalista amigo, Hubert Howard, Churchill escreveu: “Tive poucas oportunidades de lutar com as forças do Tirah; houve apenas alguns atiradores emboscados e algumas patrulhas. Para ser honesto, só ouvi o disparo de uma bala, disparada por um irlandês entusiasta. Mesmo assim, foi interessante e pode ser considerado como mais um espetáculo.”

A pedido da *United Services Magazine*, Churchill escreveu um artigo sobre a ética da política de fronteira. Para a *Harmsworth Magazine* escreveu um conto intitulado “Man Overboard, An Episode of the Red Sea”. Estava também terminando seu romance, “um livro selvagem e ousado”, disse ele à mãe, “que ataca temerariamente aqui e ali e foi escrito com o único propósito de divertir. Eu acho que vai divertir. Tenho fé em minha caneta. Creio que os pensamentos

que coloco no papel interessarão e serão populares entre o público”. Estava pensando em escrever uma biografia de Garibaldi e uma história “pequena e dramática” sobre a Guerra Civil Americana. Também estava tentando a aceitar a oferta de um editor para escrever a biografia de um ilustre antepassado militar seu, John Churchill, primeiro duque de Marlborough , e a biografia de seu pai. Se alguma vez tentasse escrever sobre a vida de lorde Randolph , disse ele à mãe, “teria um trabalho de anos”.

A vida do pai, escrita por Churchill, seria publicada oito anos depois dessa carta; a vida do primeiro duque de Marlborough seria publicada nos anos 1930; e a história sobre a Guerra Civil Americana, que faria parte do quarto volume de sua *História dos povos de língua inglesa*, sairia nos anos 1950. A biografia de Garibaldi nunca foi escrita. Em paralelo, os lucros literários de Churchill cresciam firmemente; em maio, o *Pioneer* publicou cinco cartas suas sobre a recente invasão americana de Cuba. Esses textos deveriam pagar seus gastos pelo menos durante um mês, disse à mãe, “e foram escritos num fôlego e sem passá-los a limpo”.

Para a tia Leonie, que ouvira falar sobre o romance, Churchill escreveu: “Pergunta-me por quê! Eu respondo: ‘*Il faut vivre.*’ Espero produzir mais tarde qualquer coisa realmente boa. Você sabe que tenho uma fé ilimitada em mim mesmo.” Seus pensamentos estavam no Sudão: “Espero estar em Cartum no final desse inverno. Deve tentar incentivar a meu favor todos os generais dóceis que conhece.” Preocupado com seu dinheiro, Churchill tinha dado início a uma ação legal para impedir que a mãe transmitisse a parte dele da herança para um segundo marido, caso voltasse a casar. “Sinto-me um animal terrível e sórdido por ter feito o que fiz”, disse ele à tia Leonie, “mas tive de encarar a hipótese de mamãe voltar a casar, talvez com um homem pobre de quem eu não goste ou algum vagabundo. Retirei as condições agora, mas apenas porque confio em minha capacidade de manter-me afastado da miséria por meio do jornalismo em última instância”. Contudo, ele estava preocupado com as extravagâncias da mãe:

Na verdade, a situação é muito séria. Não tenho nem meios para entrar na política agora que nossas posses tornaram-se tão reduzidas. Creio que *metade* está gasta. Porém, com as perspectivas de uma campanha no outono não é racional me desesperar. Talvez eu encontre a resposta a todos os quebra-cabeças que me esperam.

“Eu sou extravagante?”, perguntou Churchill retoricamente à tia, e continuou, negando-o: “Eu não vou às corridas, não bebo, não jogo, não esbanjo meu dinheiro com concubinas. Apenas não dou muita importância a contas e pequenos pormenores e, por isso, gasto o dobro do que é preciso com os pequenos prazeres que existem nesta desgraçada existência.”

À mãe, Churchill escreveu de Bangalore, em maio, sobre aquilo a que chamava de sua “falha mental”, dizendo-lhe, com surpreendente franqueza: “Preocupo-me menos com os princípios que advogo do que com a impressão que minhas palavras produzem e com a reputação que me proporcionam. Isso parece terrível, mas não se deve esquecer de que não vivemos uma época de grandes causas.” Cedeu muitas vezes, confessou ele, “à tentação de adaptar meus fatos às minhas frases, mas nesse sentido Macaulay é o grande pecador. Penso que um forte senso de necessidade ou de maldade candente ou de injustiça me fariam ser sincero, mas raramente detecto em mim uma emoção genuína”. Uma exceção acontecera em 30 de setembro, durante o combate em Malakand, onde ele tinha chorado: “Por isso acho que *au fond* sou genuíno, mas em muitos casos minha cabeça ou meu espírito é que comandam, e meu coração empresta um pouco de emoção, não importa de que maneira. É uma virtude filosófica, não uma virtude humana.”

Refletindo sobre a guerra americana contra a Espanha e sobre a invasão à Cuba, Churchill disse à mãe: “Tenho pena da Espanha. A América está mostrando ao mundo seu lado menos atraente, mas eles têm razão, e bem no fundo do coração de uma grande democracia há um pensamento muito nobre.” Como “representante de ambos os lados”, ele considerava a ideia de uma aproximação anglo-americana “muito agradável; um dos princípios da minha política será promover o bom entendimento entre as comunidades de língua inglesa”. Os americanos deviam ser admirados por sua ação em Cuba, disse Churchill, “embora como nação, em sentido diplomático, seus modos sejam odiosos. Eles sempre arranjam uma forma de indignar as pessoas educadas. Todavia o coração dos americanos é honesto”.

Nesse verão, houve um apelo por uma ação britânica firme contra a Rússia, cujas tropas estavam em luta na China. Churchill opôs-se a essa ação. “Não podemos fazer mal à Rússia”, disse ele à mãe. Contudo, a Rússia podia forçar a Grã-Bretanha a mobilizar 100 mil soldados da fronteira indiana e prejudicar suficientemente o comércio marítimo britânico, “para dar aos imundos alemães a chance de finalmente obterem a supremacia comercial no mundo”.

Churchill compreendeu que suas opiniões não seriam populares numa “era de

chauvinismo patriótico”. A culpa era de todos os “*booms* de sentimentos”, disse ele à mãe, que levam os homens longe demais e provocam reações. “O militarismo degenera em brutalidade. A lealdade promove tirania e sicofantismo. O humanitarismo torna-se sentimental e ridículo. O patriotismo oculta a hipocrisia. O imperialismo cai no chauvinismo.”

No começo de junho, Churchill preparou-se para partir, pedindo à mãe que lhe arranjasse duas ou três reuniões políticas, em especial em Bradford, onde um dia esperava candidatar-se ao Parlamento. Ele queria um “comício verdadeiramente grande, com pelo menos 2 mil pessoas” e disse-lhe: “Obrigue-os a ir. Tenho certeza de que consigo mantê-los. Consegui uma grande quantidade de material para produzir pelo menos três discursos, todos cuidadosamente escritos e sumariados.” Lady Randolph fez o que lhe foi pedido. Enquanto isso, o filho partia da Índia, deixando no Egito seu criado indiano e seu equipamento de campanha, incluindo tendas e selas, na esperança de conseguir voltar em breve, e rumando para Londres.

Churchill chegou em Londres em 2 de julho. Doze dias depois, discursou em Bradford, onde ficou entusiasmado com a recepção. “Fui ouvido com grande atenção durante 55 minutos”, disse à mãe, “ao fim dos quais houve gritos altos e generalizados de ‘Continue’. Cinco ou seis vezes aplaudiram-me por cerca de dois minutos sem interrupção”. Quando acabou, “muitas pessoas subiram para as cadeiras e houve realmente um grande entusiasmo”. Ao primo Sunny, Churchill escreveu que “Bradford foi a maior alegria de minha vida. Espero ter mais”.

Churchill estava fazendo todos os esforços para ser integrado ao exército de Kitchener, posicionado no Sudão. O primeiro-ministro, lorde Salisbury, tinha acabado de ler *The Story of the Malakand Field Force* e pediu ao seu secretário particular que conseguisse um encontro com o jovem autor, filho de seu antigo colega. Foi assim que Churchill entrou na casa nº 10 da Downing Street pela primeira vez. “Lembro-me bem”, escreveu mais tarde, “da cortesia dos tempos com que ele me acolheu à porta e, com um gesto encantador de boas-vindas, conduziu-me até um pequeno sofá, onde me sentei, no meio da sala ampla”.

Salisbury disse a Churchill que tinha conseguido “construir uma imagem mais verdadeira do tipo de luta que se desenrolou naqueles vales fronteiriços a partir de seus escritos do que por intermédio de qualquer outro documento que tivesse lido por obrigação”. Quando Churchill se levantou para sair, depois de vinte minutos de conversa, o primeiro-ministro reteve-o por mais dez minutos, tendo-

lhe dito enquanto o acompanhava à porta: “Espero que me permita dizer-lhe o quanto você lembra seu pai, com quem vivi dias tão importantes da minha vida política. Se houver alguma coisa, em algum momento, que eu possa fazer para lhe ser útil, por favor não deixe de me informar.”

Encorajado por esse interesse, Churchill perguntou ao secretário particular de Salisbury se poderia enviar um telegrama a Kitchener , pedindo-lhe que considerasse a possibilidade de juntá-lo à força expedicionária. Salisbury concordou em fazê-lo, mas a resposta de Kitchener foi fria. Já tinha oficiais suficientes e, se surgisse uma vaga, havia outros candidatos melhores do que Churchill para ocupar o lugar. Sem se desencorajar, Churchill encontrou-se com lorde Cromer , que prometeu escrever diretamente a Kitchener . Lady Randolph também escreveu diretamente ao comandante-chefe, tal como fez sua amiga, lady Jeune, que telegrafou com ousadia: “Espero que receba Churchill. Garanto que ele não escreverá.”

A presunção de lady Jeune não impressionou Kitchener , mas ela era também uma amiga próxima de Sir Evelyn Wood , adjunto-geral do Exército, que num jantar privado tinha mencionado com certo desagrado a relutância de Kitchener em aceitar candidatos indicados pelo Ministério da Guerra. Ao saber disso, Churchill procurou falar com Wood sobre o interesse do primeiro-ministro em sua nomeação. Assim que o fez, Wood telegrafou a Kitchener , intercedendo por Churchill. Dois dias depois, soube que partiria para o Egito imediatamente, para juntar-se ao 21º Regimento de Lanceiros . “Tive grande dificuldade em conseguir vir para cá”, escreveu ele a um amigo duas semanas mais tarde, quando já estava no Nilo, “e, na verdade, se não tivessem morrido dois jovens oficiais, duvido muito que tivesse conseguido”. Lady Jeune tinha desempenhado um importante papel.

Enquanto ainda estava em Londres, Churchill entrou em contato com um amigo da família, Oliver Borthwick , proprietário de um jornal, que o encarregou de escrever, “quando houver oportunidade”, uma série de cartas para o *Morning Post* , recebendo quinze libras por coluna. Com uma encomenda jornalística assegurada, Churchill deixou Londres na manhã de 27 de julho. Três dias depois, tomou um barco em Marseille. A embarcação, disse ele à mãe, era “um imundo navio de carga, tripulado por detestáveis marinheiros franceses”. Estava preocupado, temendo receber um telegrama de Bangalore com a informação de que sua licença terminara. “Contudo”, disse à mãe, “estou contente por não ter recebido até agora nenhum telegrama ordenando meu retorno. Ter começado já dá força à minha situação”. Chegando ao Egito no

final da tarde de 2 de agosto, foi imediatamente para o aquartelamento do 21º Regimento de Lanceiros .

“Foram muito corteses”, disse à mãe, “havia sido informados de que eu me juntaria a eles”. Dos nove oficiais de seu esquadrão, seis eram amigos seus, de Harrow e de Bangalore, portanto “dessa vez não estarei entre estranhos, como aconteceu no vale de Mohmand”.

Churchill chegara ao Cairo no momento certo. No dia seguinte, seu esquadrão subiria o Nilo. “É uma mudança muito grande em relação aos cenários dos últimos oito dias”, escreveu à mãe, de Luxor, em 5 de agosto, “quando penso nas ruas de Londres, nos jantares, nos bailes etc. e então olho para os soldados vestidos de cáqui, para o grande e pesado barco cheio de cavalos, o rio lamacento, as palmeiras atrás e à frente e as velas dos *dahabiahs*”. Ainda mais completa foi a mudança “dentro de mim”. As expectativas quanto ao Parlamento, aos discursos e à vida política de modo geral “esmaeceram diante de possibilidades reais e perspectivas, e meu pensamento está mais ocupado com espadas, lanças, pistolas e balas — deformáveis — do que com propostas de leis e eleições”.

Também estava no barco um amigo de Churchill, Hubert Howard , que o *Times* encarregara de escrever sobre a campanha. Cinco dias depois, ainda subindo o rio, Churchill enviou à mãe as duas primeiras cartas a serem entregues ao *Morning Post* . “Servirão como suporte para meu livro”, disse-lhe ele. Enquanto estava no Nilo, Churchill refletiu sobre o conselho dado por dois primos seus, Sunny Marlborough e Ivor Guest , que lhe disseram que ele era “bom demais para esse tipo de trabalho”. Ele estava satisfeito, disse à mãe, por saber que o que havia feito era “sensato e digno de um homem”. Não estava “desatento aos possíveis resultados, pois quero, como sabe, viver e fazer muitas coisas, mas não temo o que possa acontecer nem me queixarei”. Para além dessas “fortificantes e filosóficas reflexões”, confidenciou ele, “tenho um desejo intenso e primitivo de matar vários desses odiosos dervixes e mandar o resto dessa peste para o inferno e divirto-me muito antevendo esse momento. Gostaria de começar amanhã”.

Mesmo enquanto viajava ao encontro do exército dervixe, Churchill pedia à mãe que lhe conseguisse comícios políticos “realmente importantes e divulgados” para quando regressasse, sendo “um em Bradford, e outro, penso, em Birmingham”. Pediu também ao capitão Haldane que lhe enviasse “uma pequena amostra da fita” a que ele tinha direito após a campanha de Malakand. “Estou tomado por um ardente desejo”, explicou ele, “de colocar a fita no meu

peito enquanto combato os dervixes”. Esperava entrar em ação em breve, disse a Haldane em 11 de agosto, completando que “seria um grande aborrecimento ser morto e espero evitar a grande revelação por enquanto”.

Três dias depois, o 21º Regimento de Lanceiros chegou a Atbara, onde instalaram acampamento e cavalgaram ao longo da margem do Nilo. Numa noite, Churchill perdeu-se enquanto tentava alcançar a coluna e, como disse à mãe, em estilo telegráfico, “passei uma noite e um dia péssimos, no deserto, sem comida nem água. As estrelas estavam cobertas por nuvens. Felizmente tive a inteligência de esperar pelo nascer do sol, sem dar de beber ao cavalo, e cheguei ao rio. Assim, depois de quase cem quilômetros vagueando, encontrei novamente a coluna”. Churchill juntou-se novamente aos seus companheiros lanceiros. Em 24 de agosto, estavam a apenas noventa quilômetros de Omdurman. Dentro de dez dias, disse ele à mãe, “haverá um combate geral, que talvez seja bastante violento. Posso morrer, mas acho que não. Se acontecer, deve ter a filosofia como consolo e refletir sobre a total insignificância de todos os seres humanos”. Ele queria regressar e esperava que tudo acabasse bem. “Posso garantir que não vacilarei, embora não comungue de qualquer crença religiosa, seja o cristianismo ou outra.”

“Nada”, continuou Churchill, “nem sequer o conhecimento da destruição que se aproxima, me fará voltar atrás, mesmo que o pudesse fazer com honra. Regressarei depois, mais sábio e mais forte, para disputar meu jogo. E então pensaremos em outras esferas mais vastas de ação. Tenho muita fé — em quê eu não sei — de que não serei ferido”. Por fim, acrescentou, “não haverá nada mais violento do que a experiência que tivemos em 16 de setembro do ano passado, e tenho certeza de que do próximo mundo — se o houver — poderemos dizer melhor”. Se fosse gravemente ferido, escreveu num pós-escrito, “fará bem em vir até aqui e em ajudar-me a regressar”.

Em 26 de agosto, enquanto o exército de Kitchener, de 25 mil homens, aproximava-se de Omdurman, Churchill fez um esforço de última hora para ser transferido para a cavalaria, como explicou à mãe, “pois embora seja mais perigoso, terei muito mais chance de me destacar”. O coronel que comandava a cavalaria egípcia tinha intercedido por ele, mas seu próprio coronel não queria deixá-lo ir. “Ele tem toda a razão”, admitiu Churchill, “mas é uma pena, pois eu teria muito mais chance de conseguir qualquer coisa”.

Nesse dia, Churchill soube que Kitchener o tinha criticado, dizendo que achava que ele “não se manteria no Exército e que estava apenas se aproveitando da instituição”, desaprovando que ocupasse os lugares de outros,

“cujas profissões estavam em jogo”. Contudo, disse Churchill à mãe, Kitchener também tinha dito “que eu tinha razão em tentar fazer meu melhor”. Kitchener não desejava conhecer o jovem tenente. “Se eu sobreviver”, escreveu Churchill, “ele terá de reconhecer que talvez tivesse valido a pena gastar algum tempo para tentar convencer-me de suas ideias sobre o Egito e o Sudão. Como não o fez, tive de formar minha própria opinião”.

Foi em Omdurman, cruzando o rio a partir de Cartum, que os dervixes decidiram atacar. Ao meio-dia de 1º de setembro, parecia que seu exército, movendo-se rapidamente para fora de Omdurman, entraria em colisão com a mais importante força britânica antes do cair da noite. Churchill, cujo esquadrão estava com a cavalaria restante diante da principal força expedicionária, recebeu ordens de seu comandante de cavalaria para averiguar o avanço dervixe e apresentar seu relatório a Kitchener. “Subi a colina negra de Surgham e olhei em volta”, escreveu mais tarde. “O grande exército dos dervixes, em contraste com a vastidão da paisagem, parecia reduzido a pequenas manchas e borrões escuros na planície marrom. Olhando para leste, via-se outro exército, o exército britânico e egípcio.”

As forças não conseguiam se ver, recordou Churchill, “embora estivessem separadas por apenas oito quilômetros. Olhei alternadamente para ambas as formações. A do inimigo era sem dúvida mais larga e mais profunda. No entanto, parecia haver uma força superior nos sólidos batalhões, cujas linhas eram tão retas que poderiam ter sido feitas com uma régua”. As forças dos dervixes avançavam. Em seu cavalo cinzento, Churchill regressou rapidamente ao principal campo britânico para informar sobre o que tinha visto. Quando se aproximava do campo, viu Kitchener — o “Sirdar”³ — e uma dúzia de oficiais de seu Estado-Maior que cavalgavam em sua direção. Eles iam a caminho da encosta de Surgham para avaliar o que estava acontecendo. Então, o general e o subalterno, que dezesseis anos depois estariam juntos no Ministério da Guerra, encontraram-se pela primeira vez.

Embora Kitchener avançasse a caminho da colina, escreveu Churchill, “pediu que eu descrevesse a situação vista a partir dos esquadrões avançados. Assim fiz”. Kitchener ouvia sem comentar. “Nossos cavalos enfiavam as patas na areia à medida que cavalgávamos lado a lado”, registrou Churchill.

“Você disse que o exército dos dervixes está avançando”, comentou Kitchener. “Quanto tempo acha que tenho?” “Tem pelo menos uma hora”, replicou Churchill, “provavelmente uma hora e meia, Sir, se continuarem à mesma velocidade”.

“O Sirdar estava muito calmo”, recordou Churchill. “Sua confiança foi transmitida ao seu Estado-Maior. ‘Não precisamos de mais nada’, disseram eles. ‘Aqui é um bom lugar para o combate. Tanto podem chegar hoje quanto amanhã.’”

Os dervixes pararam antes de alcançar as posições britânicas, deixando a encosta de Surgham entre os dois exércitos. Churchill e seus companheiros lanceiros juntaram-se então ao corpo principal do exército de Kitchener, no flanco mais próximo do Nilo. Tendo servido na fronteira noroeste da Índia, Churchill menosprezava os oficiais britânicos do exército egípcio que sempre falavam em “batalhas”; na perspectiva daqueles que tinham combatido na Índia, essas “batalhas” não eram mais do que “ações”. Qualquer que fosse o caso, Churchill recordaria depois da Primeira Guerra Mundial, “para a maior parte dos homens que participavam das pequenas guerras da Grã-Bretanha naqueles tempos despreocupados”, a morte em combate era “apenas um aspecto num jogo esplêndido”.

A maioria dos homens que combateram na Índia ou no Sudão “estavam destinados”, escreveu Churchill mais tarde, a ver uma guerra, a Primeira Guerra Mundial, em que “os perigos estariam invertidos, em que a morte seria uma expectativa geral e as feridas graves seriam como fugas felizes, em que brigadas inteiras seriam desfeitas sob o aço da artilharia e das metralhadoras, em que os sobreviventes de um tornado sabiam que certamente seriam consumidos no próximo ou no outro a seguir”. Tudo dependia da escala dos acontecimentos.

Talvez todos nós, homens que se deitaram para dormir a cinco quilômetros de 60 mil dervixes fanáticos e armados, esperando a cada momento seu ataque ou irrupção, com a certeza de que iríamos combater no mais tardar essa madrugada, possamos ser perdoados por pensarmos que estávamos travando uma guerra verdadeira.

Durante a noite, a encosta de Surgham foi ocupada por uma unidade da cavalaria egípcia. Ao nascer do sol, outras patrulhas de cavalaria fizeram reconhecimento. Churchill esteve em um desses grupos. Sua tarefa era voltar à encosta de Surgham, chamada de encosta Heliográfica pelos britânicos, e colher informações sobre as forças e posições dos dervixes. “Galopamos em frente”, escreveu mais tarde, “e, como não sabíamos que o esquadrão egípcio e seu oficial já tinham feito observações no topo da colina, desfrutamos de toda a excitação sem o perigo inerente e ficamos muito entusiasmados com a ideia de

sermos os primeiros a ver o que se estendia para além dali”.

O que viram era impressionante e formidável. Somente quando escreveu seu livro sobre a reconquista do Sudão, Churchill soube que outros soldados de cavalaria já tinham estado na colina antes dele. Duas semanas depois, escreveu a um amigo do Exército, Ian Hamilton , que tinha sido “o primeiro, eu acho, a ver o inimigo — pelo menos o primeiro a ouvir suas balas”. A carta continuava:

Não voltarei a ver semelhante quadro. Eram pelo menos 40 mil homens — oito quilômetros de comprimento em fileiras com grandes corcovas e espaços intervalados —, e posso garantir que quando ouvi seus cânticos de guerra gritados, ainda em minha posição favorável no cume da colina Heliográfica, eu e minha pequena patrulha sentimo-nos muito sós.

Embora “nunca tenha duvidado do resultado final”, acrescentou Churchill, “tive muito receio”.

Faltavam quinze minutos para as seis horas. Churchill escreveu imediatamente uma mensagem a lápis para Kitchener : “O exército dos dervixes, com força inalterada, ocupa a mesma posição da noite anterior, com o flanco esquerdo bastante estendido. Suas patrulhas já deram informações sobre o avanço e ouvem-se muitos gritos de aplauso.” Não havia tropas dervixes nos cinco quilômetros até o acampamento de Kitchener , mas, quando a luminosidade aumentou, Churchill viu que o exército dos dervixes estava avançando. Seu chefe, o califa, tinha decidido fazer oposição ao exército que se aproximava. Numa segunda nota escrita a lápis, às 6h20, Churchill comunicou esse movimento a Kitchener , dizendo também que a maior parte da cavalaria dervixe acompanhava a força que avançava.

Churchill permaneceu posicionado na colina. “As patrulhas de cavalaria”, disse a Hamilton duas semanas depois, “que eram constituídas por cinco ou seis homens a cavalo cada uma”, não fizeram qualquer tentativa para me fazer recuar, e esperei até que uma grande brigada, de talvez 2 mil homens, chegasse a uma distância de quatrocentos metros. Não tive consciência de que podiam disparar e pensei que eram todos lanceiros. Durante quinze minutos, os dervixes pareceram não prestar qualquer atenção a Churchill e aos seus sete lanceiros, tratando-os “com absoluto desprezo”. Porém, disse ele a Hamilton , “insensatamente mandei quatro homens desmontarem e dispararem o carregador. Então, eles enviaram vinte atiradores e começaram a disparar de muito perto. Por fim, tive de galopar, e, quando o fiz, ouvi mais de trinta tiros”.

Foi um momento de perigo. “Felizmente (sabe como a sorte é caprichosa) nenhum homem foi atingido. Se isso tivesse acontecido, o caso teria sido diferente.”

Churchill mandou os sete lanceiros recolherem-se atrás da colina, onde estariam mais seguros, “e eu próprio fui até ao cume”. Ele desmontou, mas seu cavalo cinzento continuava a ser um alvo, “e ficou muito difícil continuar lá, embora a cena fosse digna de ser vista. Vários homens muito agitados, oficiais, corneteiros etc., chegaram e me levaram de volta ao meu esquadrão. Contudo, assumi uma posição tão altiva, assinalando que ninguém tinha sido ferido (e eles admitiram o valor dessa informação), que me foi permitido sair outra vez”. Nessa segunda patrulha, Churchill e seus homens foram e voltaram sem incidentes. “Atribuí o fato de não termos baixas à minha ‘experiência’”, disse ele a Hamilton. “Na verdade, isso se deveu à amabilidade do Onipresente, pois era a primeira vez que eu via um tiroteio tão violento, exceto por aqueles dez minutos com o 35º Regimento de Sikhs no ano anterior.”

Quando as tropas dervixes ficaram ao alcance dos fuzis das linhas britânicas, Kitchener ordenou que sua infantaria entrasse em ação. Os esquadrões de cavalaria foram enviados para o campo de batalha. “Então”, disse Churchill ao amigo, “ouvimos, durante uma hora, o som de 20 mil fuzis, cerca de sessenta canhões e vinte metralhadoras Maxim sem que víssemos grande coisa”. Os cavalos tinham bebido água e estavam alimentados. Houve “algumas balas”, mas todas eram altas, pois os soldados de cavalaria e seus cavalos estavam protegidos pela margem do rio. Às 8h30, o ataque dervixe enfraqueceu. A cavalaria “apressou-se” para tomar seu lugar no flanco esquerdo das linhas britânicas. “Paramos no alto”, disse Churchill a Hamilton, “e causamos confusão disparando as carabinas durante quinze minutos. Além do cume, podíamos ver milhares de dervixes “prontos para serem dizimados”. Nessa ocasião, os dervixes aparentemente derrotados pareceram a Churchill vítimas de “indiferente apatia”.

Às 8h40, a cavalaria montou “e cavalgamos devagar em direção aos dervixes”. Era a primeira carga de cavalaria em combate de que participava. Ele estava “confiante”, contou a Hamilton, “de que os atravessaríamos com as lanças quando já não pudéssemos ficar em cima dos cavalos. Contudo, entre nós e os distantes fugitivos havia uma linha única de 150 homens. Aos oficiais de cavalaria parecia que esses 150 dervixes eram lanceiros. Eles deixaram que os cavaleiros britânicos se aproximassem até cerca de 250 metros. “Nossa intenção”, contou Churchill a Hamilton, “pelo menos eu pensava que era essa a

ideia, era deslocarmo-nos em volta do flanco inimigo, enviarmos um esquadrão contra eles e depois andarmos para a frente, onde havia coisas melhores para fazer”.

A cavalaria avançou diante de uma frente de 150 dervixes, da direita para a esquerda, procurando um ponto onde pudesse atacar, mas eles não eram lanceiros pegos numa linha isolada, e sim atiradores. Quando as tropas britânicas passaram a cavalo, os dervixes ajoelharam e começaram a disparar. “Houve um crepitar estrondoso de fuzilaria”, escreveu Churchill. “A distância era curta demais para ser inofensiva sobre um alvo tão grande.”

Havia dois caminhos para os surpreendidos cavaleiros: seguir para a esquerda em linha e retirar-se a galope, “regressando depois para recolher os feridos, o que não seria bom”, ou seguir para a direita e atacar a linha dervixe. “Acho que cada um decidiu por si próprio”, disse Churchill ao amigo.

De qualquer modo, enquanto o clarim ainda soava todos já cavalgávamos em direção a eles. O tiroteio era intenso demais para permitir que se organizassem outras linhas, esquadrões de flanco ou qualquer coisa parecida. A única ordem dada foi “Voltar à direita em linha”. “A galope!” e “Atacar!” foram ordens subentendidas.

Churchill, que na época tinha 23 anos, viu-se numa carga de cavalaria que não atacava, como se esperava, lanceiros desmoralizados, mas atiradores determinados a não se renderem. Enquanto cavalgava pelos primeiros cem metros ao encontro dos dervixes, olhou repetidas vezes por sobre o ombro esquerdo para ver o efeito que os tiros dos dervixes provocavam em seus homens. “Parecia não ser grave. Então, puxei minha Mauser, um colosso, e engatilhei-a. Depois olhei para a frente. Em vez dos 150 atiradores que ainda disparavam, vi uma linha de lanceiros muito juntos, com doze metros de profundidade no centro, e um pouco menor do que nossa frente.”

Essas forças, que até então não tinham sido vistas, estavam numa ravina de lados íngremes e escarpados, com dois metros de profundidade e sete metros de largura. Foi um acaso totalmente imprevisto. Porém, depois da experiência que tivera na fronteira noroeste, disse Churchill a Hamilton, “pensei que era ótimo e que quanto mais melhor”. Suas tropas atacaram então os dervixes na diagonal, galopando através da ravina. “Eles estavam diante de mim, a cerca de 1,5 metro de profundidade, mas caíram, de pernas para o ar, e passamos sem qualquer espécie de oposição. Um dos meus homens caiu. Foi cortado em pedaços. Cinco

ou seis cavalos foram feridos por ataques inesperados etc., mas, fora isso, passamos incólumes.”

A carga de cavalaria terminou sua ação e as tropas dispersaram. “Foram, suponho, os dois minutos mais perigosos que jamais viverei”, disse Churchill a Hamilton . Dos 310 oficiais e soldados que haviam participado da carga, um oficial e vinte soldados haviam morrido, e quatro oficiais e 55 soldados tinham ficado feridos. “Tudo isso se passou em 120 segundos!”, comentou Churchill. Ele tinha disparado exatamente dez tiros e esvaziado a pistola, “mas sem que um pelo do meu cavalo ou uma costura do meu uniforme tenham sido tocados. Muito poucos podem dizer o mesmo”.

Ao redor do cenário, Churchill podia ver “homens espalhados em todas as direções e alguns combates corpo a corpo”. Então, “parti a trote e cavalguei até me aproximar, disparando minha pistola e matando vários — três certos, dois duvidosos e um muito duvidoso. Olhei ao redor e vi a multidão de dervixes que se reagrupavam. A carga tinha passado por eles, derrubando quase metade. Eles se levantavam, e os emires tentavam reagrupá-los”. Enquanto observava os dervixes se reagruparem, Churchill percebeu que havia um aglomerado de homens a apenas vinte metros. “Olhei estupidamente para eles durante dois segundos. Então, vi dois homens colocarem um joelho na terra e apontarem os fuzis, e pela primeira vez senti o risco e o perigo.”

Afastando-se dos dervixes, Churchill resolveu galopar para perto de seus homens. Quando se virou, os dois atiradores dispararam contra ele. “A uma distância tão curta, fiquei severamente apreensivo”, disse a Hamilton , “mas não ouvi nenhuma bala. Foram sabe-se lá para onde. Assim, juntei-me às minhas tropas”. Alguns momentos depois, um dervixe saltou subitamente no meio das tropas.

“Como ele chegou ali não sei”, escreveu Churchill mais tarde.

Deve ter pulado de um arbusto ou de um buraco. Todos os soldados se viraram contra ele com suas lanças, mas ele também agitou sua lança para um lado e para o outro, causando uma agitação frenética. Ferido por vários golpes, cambaleou em direção a mim, com a lança ainda erguida. Dei-lhe um tiro a menos de um metro. Caiu na areia e ali ficou, morto.

Churchill voltou a agrupar seus homens, reunindo quinze deles. Disse-lhes que teriam de atacar de novo e talvez ainda outra vez. Ao ouvir isso, um deles gritou: “Muito bem, Sir! Estamos prontos quantas vezes quiser.” Quando

Churchill perguntou a um sargento “se ele tinha se divertido”, o homem respondeu-lhe: “Bem, eu não diria exatamente que me diverti, Sir, mas acho que na próxima vez já estarei mais habituado.” Refletindo sobre essas palavras duas semanas depois, Churchill disse a Hamilton : “Minha fé em nossa raça e em nosso sangue-frio ficou mais fortalecida.” Quanto a si próprio, “não me distingui em nenhum aspecto, embora minha vaidade tenha evidentemente aumentado com minha postura, que foi impassível”.

Eram 9h15. As forças dervixes estavam em retirada. Churchill estava ansioso para que o regimento fizesse um novo ataque. “Nunca houve soldados mais dispostos”, escreveu ele à mãe duas semanas depois. “Eu disse aos meus soldados que eles eram os melhores do mundo e tenho certeza de que teriam me seguido até onde eu quisesse, o que — e só digo isso aqui — seria muito longe, pois meu espírito fica muito elevado em momentos assim.” Churchill tentou persuadir o oficial-ajudante a ordenar um segundo ataque. “Mais cinquenta ou sessenta mortos teriam tornado a proeza histórica”, disse ele à mãe. Porém, enquanto prosseguia a discussão sobre um segundo ataque, escreveu mais tarde, chegaram, vindos do local em que ainda se desenrolava uma luta entre os soldados de infantaria, “uma sucessão de aparições terríveis, com cavalos a jorrar sangue, caminhando com dificuldade sobre três patas, homens com terríveis feridas e lanças espetadas no corpo, com os braços e os rostos cortados em pedaços, as entranhas saindo dos seus corpos, arfando, gritando, caindo, morrendo”. Não haveria nenhum outro ataque de cavalaria. “O sangue de nossos chefes arrefeceu”, disse ele à mãe, “e o regimento foi tratado com um raro cuidado durante o resto do dia”.

Churchill ainda achava que deveria ter sido ordenada mais uma ação. Um novo ataque, disse ele a Hamilton , “teria sido bom, e os homens e oficiais poderiam tê-lo feito enquanto estavam animados, mas fazer fogo a pé era mais vantajoso, embora eu tivesse preferido a carga — *pour la gloire* — e para animar a cavalaria britânica”. Contudo, até seu próprio ardor tinha esmorecido. “Todos nós tínhamos arrefecido um pouco uma hora depois”, disse ele a Hamilton , “e fiquei bastante aliviado ao ver que os ‘atos heroicos’ estavam ‘acabados’, pelo menos naquele dia”.

Os lanceiros cavalgaram até um local onde pudessem desmontar e disparar seus fuzis contra o flanco dervixe. Depois de alguns minutos de fogo intenso, as tropas inimigas se retiraram. Os lanceiros regressaram então à mesma ravina onde tinham realizado o ataque e pararam para comer. Na ravina, recordou Churchill mais tarde, havia trinta ou quarenta dervixes mortos. “Entre eles

estavam os corpos de mais de vinte lanceiros, tão agredidos e mutilados que eram praticamente irreconhecíveis.”

Nessa manhã, enquanto a triunfante infantaria avançava em direção a Cartum, milhares de dervixes feridos eram mortos pelas tropas vitoriosas. Churchill não participou dessa destruição e ficou consternado ao descobrir o que havia acontecido. “A vitória em Omdurman”, disse mais tarde à mãe, “foi desonrada pela desumana chacina dos feridos”. “Kitchener foi o responsável.”

De Cartum, Churchill pôde enviar à mãe apenas um telegrama com três palavras: “Tudo bem. Winston”. Nessa tarde, um oficial amigo da mãe de Churchill telegrafou-lhe: “Grande luta. Belo espetáculo. Winston bem.” Numa carta para a mãe, dois dias depois do ataque de cavalaria, Churchill escreveu: “Não senti o mínimo nervosismo e estava tão calmo quanto estou agora.” O ataque propriamente dito “não foi tão alarmante quanto a retirada de 16 de setembro. Passou como um sonho e não consigo recordar muito bem algumas partes. Os dervixes não mostraram receio e não se mexeram até os derrubarmos com os cavalos. Tentaram machucar os animais, cortando os freios e as rédeas. Golpearam e apunhalaram em todas as direções e dispararam seus fuzis a curta distância. Nada me atingiu. Matei os homens que me machucaram e saí sem nenhuma perturbação de corpo ou espírito”.

Robert Grenfell, que Churchill conhecera na viagem a partir do Cairo, foi um dos oficiais que morreram no ataque. “Isso tirou todo o prazer e exaltação do caso”, disse Churchill à mãe. Outros dois amigos ficaram feridos. Hubert Howard tinha sido morto. “Ele saiu vivo de nosso ataque e foi realmente uma ironia do destino ter sido morto por uma bala nossa.” Esses fatos o tinham deixado “angustiado e preocupado” durante a noite de 2 de setembro, “e refleti sobre a vulgaridade da guerra. Não podemos dourar a pílula. A dureza vêm à tona”.

Nessa noite, com Howard morto e um segundo correspondente ferido, Churchill percebeu que o *Times* não tinha ninguém que relatasse a batalha e foi ao quartel-general do Exército para perguntar a um amigo que lá estava, o coronel Wingate, se podia enviar um telegrama. Wingate concordou, após o que Churchill escreveu, em nome do correspondente do *Times* no Cairo, um longo telegrama em que descrevia o combate e o ataque da cavalaria. Embora o telegrama tivesse passado pela censura, Kitchener recusou seu envio. “Sem dúvida”, escreveu Churchill ao editor do *Times* duas semanas depois, Kitchener “teria recusado a qualquer oficial militar a permissão de atuar como correspondente de um jornal, mas a nenhum oficial militar faria com tanta

satisfação quanto a mim”.

Dois dias depois da batalha, Churchill cavalgou de Cartum até o campo de batalha. “Espero pegar algumas lanças etc.”, escreveu à mãe. E acrescentou: “Vou escrever a história dessa guerra.” Sua visita ao campo de batalha revelou-se uma experiência cicatrizante. Mais de 10 mil dervixes tinham morrido e 15 mil tinham ficado feridos. Os dervixes gravemente feridos haviam sido deixados no campo de batalha para morrer. O cenário era terrível; Churchill viu centenas de homens gravemente feridos que tinham rastejado durante três dias até as margens do Nilo, morrendo à beira da água, ou que jaziam desesperadamente feridos no meio da vegetação. Depois de descrever o cenário em seu livro *The River War*, escreveu: “Pode ser que os deuses não permitissem a vingança aos homens porque reservavam para si essa bebida tão inebriante, mas a taça não deveria ser esvaziada até o fundo. Muitas vezes, as borras têm um gosto terrível.”

Em seu livro, Churchill foi particularmente franco nas críticas a Kitchener. Sobre o assassinato dos dervixes feridos, escreveu: “O espírito implacável e severo do comandante foi transmitido às suas tropas, e as vitórias que marcaram o avanço da guerra foram acompanhadas por atos de barbarismo nem sempre justificáveis, nem mesmo pelos costumes cruéis dos conflitos selvagens ou pela natureza feroz e traiçoeira dos dervixes.” Enquanto estava em Cartum, Churchill visitou as ruínas da mais sagrada construção local, o túmulo do mádi, o messias. “Por ordem de Sir H. Kitchener”, escreveu em seu livro, “o túmulo tinha sido profanado e completamente arrasado. O corpo do mádi tinha sido desenterrado. A cabeça estava separada do corpo e, para citar a explicação oficial, ‘preservada para futura apresentação’ — uma frase que nesse caso deve ser entendida como significando que andou de mão em mão até chegar ao Cairo”.

Numa passagem que muito irritaria a Kitchener, Churchill declarou:

Se o povo do Sudão já não se importa com o mádi, foi um ato de vandalismo e loucura destruir o único belo edifício que poderia atrair viajantes e despertar o interesse dos historiadores. É um sombrio augúrio para o futuro do Sudão que o primeiro ato de seus civilizados conquistadores e atuais governantes tenha sido arrasar o único pináculo que se erguia acima das casas de lama. Se, por outro lado, o povo do Sudão ainda venera a memória do mádi — e mais de 50 mil lutaram duramente apenas uma semana antes para afirmar seu respeito e sua fé —, não hesitarei em declarar que destruir o que é sagrado para eles foi um ato mesquinho, pelo qual um verdadeiro

cristão, assim como um filósofo, deve exprimir sua aversão.

A franqueza de Churchill lhe faria ganhar inimigos em todas as etapas de sua carreira, mas seu caráter tinha causado uma impressão favorável num de seus camaradas, o capitão Frank Henry Eadon , que escreveu uma carta para casa nessa semana: “Ele é um rapaz simpático e alegre, e eu gosto muito dele. Acho que herdou algumas qualidades do pai.”

Quando se preparava para deixar Cartum, Churchill soube que um colega gravemente ferido, Richard Molyneux , necessitava urgentemente de um enxerto de pele e ofereceu imediatamente um pedaço de sua pele, que lhe foi retirada do peito. “Doeu como o diabo”, recordou mais tarde. Quarenta e sete anos depois, Molyneux escreveu a Churchill, que era então primeiro-ministro: “Nunca mencionei o caso, e sempre o escondi, com receio de que as pessoas pensassem que eu queria vangloriar-me.” Churchill respondeu: “Muito obrigado, meu caro Dick. Penso muitas vezes naqueles velhos tempos, e eu gostaria de pensar que você mostra esse pedaço de pele. Eu mostrei muitas vezes o local onde minha pele foi retirada.”

Impaciente para voltar a Londres, Churchill ficou furioso, como contou à mãe, porque, numa demonstração de “despeito mesquinho”, Kitchener lhe dera instruções para regressar “em longas marchas” a Atbara. Então, pensou: “O que importa? Basta estar vivo e ter diante de mim o jogo da vida.” Enquanto viajava para o sul, recebeu um telegrama enviado pelo editor do *Times* , que lhe pedia que fosse o correspondente do jornal “na Frente”. Era tarde demais, respondeu ele, mas ficou “sensibilizado pela honra que me concedeu”. Em sua viagem para o sul, também leu acerca de uma iminente ação naval britânica em Creta, onde centenas de cristãos gregos haviam sido massacrados pelos turcos. Mais uma vez, pensou em alterar seus planos para testemunhar e relatar o novo cenário de ação. “Quando a sorte se mostra, devemos agarrá-la”, disse à mãe.

Foi a morte de Hubert Howard que provocou os mais solenes pensamentos de Churchill em suas cartas para casa. Howard era um indivíduo “de aspecto sólido, com grande experiência”, escreveu ele a lady Randolph . “Consigo vê-lo, sem grande esforço de imaginação, dando todos os detalhes da morte de seu filho tão jovem.” Churchill acrescentou: “*Au revoir*, minha querida. As coisas estão melhores assim, para você e para mim, e quem poderá dizer que não estarão também melhores para o Império?”

Como já acontecera antes, a crise de Creta passou depressa demais para que

Churchill tirasse proveito dela. Voltou para Londres. “Não posso deixar de sentir”, escreveu o príncipe de Gales, “que o Parlamento e a vida literária são o que melhor lhe convém, pois a monotonia da vida militar numa estação indiana não pode atraí-lo”. Depois de seu regresso, Churchill falou em público em Rotherhithe, em Londres e em Dover. “Houve um momento em Dover”, contou ele à mãe, “em que perdi o fio da meada, mas fiquei calado até encontrá-lo de novo, e acho que não teve importância”. Os jornais publicaram reportagens completas e favoráveis ao discurso.

As finanças de Churchill também estavam melhorando; o *Morning Post* pagou-lhe 220 libras por suas cartas sobre a Frente no Sudão e ofereceu-lhe cem libras pela publicação em fascículos de seu romance. “Apenas os romances de sucesso são publicados em fascículos”, disse ele à mãe, orgulhoso.

Os rumores sobre a iminente entrada de Churchill na política eram abundantes. No começo de novembro, um artigo no jornal *World* dizia que ele abandonaria o Exército para tornar-se secretário do ministro da Guerra, George Wyndham, e que “entraria no Parlamento o mais depressa possível”. O artigo continuava: “Ele tem certeza de que se sairá bem; tem grande ambição, muito autodomínio e uma energia sem limites, assim como muitas das qualidades do pai, além de ser um bom orador.”

Churchill ainda precisava retornar à Índia e juntar-se ao seu regimento. Antes de partir, encontrou-se algumas vezes com Pamela Plowden, a moça que tanto o tinha atraído em Hyderabad. Ela tinha razão, escreveu-lhe ele no final de novembro, ao avisá-lo de que fizera “inimigos desnecessários”, mas não tinha razão quando disse que ele era “incapaz de afeição”. Ele continuou: “Amo uma pessoa acima de todas as outras. E serei constante nesse amor. Não sou um galanteador inconstante, que segue caprichosamente afeições de momento. Meu amor é profundo e forte. Nunca nada o alterará. Terei talvez de dividi-lo, mas a maior parte permanecerá fiel até a morte.” E quem é, continuou ele, “que eu amo? Ouça, como dizem os franceses, do outro lado da página lhe direi”. Do outro lado da página escreveu: “Sinceramente seu, Winston S. Churchill.”

Imediatamente depois de ter feito 24 anos, Churchill partiu para a Índia. “Preferia ser açoitado a atravessar o canal”, disse ele à mãe, “e estou doente e infeliz”. Tendo atravessado a Europa em trens, pegou um navio em Brindisi. “O *Osíris* só parte à meia-noite”, escreveu à tia Leonie em 2 de dezembro, “mas temo sentir-me mal pouco depois. Odeio o mar e tenho aversão a viajar, mas é o meu destino”. Quando o *Osíris* seguiu seu caminho, escreveu a Jack: “O navio é uma bruxa. Até o comandante está doente. Nunca mais sairei da Inglaterra

num cruzeiro sentimental.”

Churchill tinha decidido sair do Exército em seis meses e entrar para a política. “Pergunto-me se Aylesbury teria sido bom”, escreveu à mãe quando já estava em Bangalore. “Pediram-me que discursasse esse mês no jantar anual deles.” Passava a maior parte do tempo escrevendo seu novo livro, que seria dividido em dois volumes: “Estou bastante desanimado”, escreveu à mãe em 29 de dezembro. “Trabalhei toda a manhã e não fiz progresso nenhum. Contudo, vem aos trancos e continuo perseverante.” Ainda acrescentou: “Não me sinto tão vigoroso aqui quanto na Inglaterra. Uma grande estagnação do pensamento e uma diminuição de energia me oprimem.” No relato sobre os atos de Kitchener, disse à mãe, o livro “torna-se mais amargo”. Seu antigo comandante-chefe, acrescentou, era “um homem comum e vulgar, sem muitos elementos que não fossem brutais em sua composição”.

Escrever um livro, disse Churchill ao primo, Ivor Guest, é como viver “num mundo estranho, limitado a norte pelo prefácio e ao sul pelo apêndice, cujas características naturais são os capítulos e os parágrafos”. Ele não pensava que o livro lhe traria muitos amigos, mas, considerava, “amigos baratos e sem valor de todos os dias não são muito importantes. Afinal, a coisa mais importante na escrita é ser honesto”.

Churchill continuava a advertir o primo para que não se identificasse demais, como parecia fazer, com as forças anticatólicas e “antirritual” em religião. “Eu desaprovo todas as práticas romanas”, explicou, “e prefiro as práticas do protestantismo, porque acredito que a Igreja Reformada está menos profundamente mergulhada no lamaçal dos dogmas do que a Igreja oficial”. O protestantismo está “de qualquer modo, um passo mais próximo da razão”. Ao mesmo tempo, Churchill acrescentou:

Posso imaginar uma pobre paróquia, com operários que vivem suas vidas em feias fábricas caiadas, labutando dia após dia entre cenários e ambientes destituídos de qualquer elemento de beleza. Consigo simpatizar com eles e com sua ânsia por alguma coisa não infectada pela miséria geral, alguma coisa que gratifique seu amor pela mística, alguma coisa um pouco mais próxima do belo, e acho insensível roubar de suas vidas essa aspiração nobilitante, mesmo que ela encontre expressão no incenso queimado, no uso de batinas e em outras práticas supersticiosas.

Churchill continuou, advertindo o primo:

As pessoas que pensam muito no outro mundo raramente prosperam neste mundo; os homens devem fazer uso da mente sem matar suas dúvidas por meio de prazeres sensuais; a fé supersticiosa das nações raramente promove sua indústria. O catolicismo — todas as religiões, se preferir, mas o catolicismo em particular — é um delicioso narcótico: pode atenuar nossas dores e afugentar nossas preocupações, mas reprime nosso crescimento e esgota nossa força. E uma vez que a melhoria da raça britânica é meu objetivo político nessa vida, não posso permitir demasiada indulgência, se a puder impedir sem atacar outro grande princípio, a liberdade.

Da Índia, no começo de 1899, Churchill enviou à mãe uma passagem que tinha escrito para seu novo livro. Era sobre o chefe dervixe, o mádi, que tinha ficado órfão quando era jovem. “Se conseguem crescer, as árvores solitárias crescem fortes”, escreveu Churchill, “e um rapaz privado dos cuidados do pai desenvolve, se escapar dos perigos da juventude, uma independência e uma força de pensamento que reparam em sua vida futura a grande perda que sofreu nos primeiros anos de sua vida”.

Churchill também escreveu à mãe sobre a política britânica. Depois de dizer que Chamberlain estava “perdendo muito terreno”, acrescentou: “Sinto-o instintivamente. Sei que tenho razão. Desenvolvi um instinto para esse tipo de coisa. Provavelmente o herdei.” Em fevereiro, recebeu uma carta de Robert Ascroft, membro do Parlamento por Oldham, um círculo eleitoral que elegia dois membros para Westminster. Ascroft pedia a Churchill que concorresse com ele nas próximas eleições gerais, no lugar de outro membro conservador, que se afastaria devido a problemas de saúde. Churchill aceitou. Sua ambição de entrar no Parlamento estava mais perto de se realizar. Um mês depois, realizou sua última ambição indiana, jogando no Torneio Inter-Regimentos de Polo, e o fez com um ombro deslocado que tinha de ser preso à lateral do corpo durante os jogos.

A equipe de Churchill ganhou; dos quatro membros que o compunham, Albert Savory morreria em combate na Guerra dos Bôeres, Reginald Barnes chegaria a general e Reginald Hoare seria brigadeiro, tendo ambos vivido para verem Churchill tornar-se primeiro-ministro.

Na terceira semana de março, Churchill deixou a Índia rumo a Londres, nunca mais retornando ao subcontinente. Estava confiante em ter feito a coisa certa ao desistir da carreira militar. “Se o Exército tivesse sido para mim uma fonte de

receitas, em vez de uma fonte de despesas”, escreveu ele à avó Marlborough na viagem de volta, “talvez eu me sentisse obrigado a agarrar-me a ele, mas posso ter uma vida mais barata e ganhar mais como escritor, correspondente especial ou jornalista. Além disso, esse trabalho é mais conveniente e mais suscetível a me ajudar a realizar os maiores objetivos da minha vida”. Tinha sido, contudo, “um grande impulso”, e estava “muito triste por deixar todos os meus amigos e por usar meu uniforme e minhas medalhas pela última vez”.

Na viagem para a Inglaterra, Churchill esteve duas semanas no Egito, trabalhando em seu livro e falando com quem pudesse ajudá-lo com fatos e ambientes. A oportunidade de fazer do livro “uma obra de primeira sobre a guerra, e não uma crítica juvenil e satírica”, disse ele à mãe, era “boa demais para deixar escapar”. Enquanto esteve no Cairo, lorde Cromer, seu agente britânico, teve três longas conversas com ele, todas de mais de uma hora, guiando-o por acontecimentos que remontavam à perda do Sudão e à morte de Gordon. Também apresentou Churchill ao quediwa do Egito, Abbas Hilmi, “*de jure* governante do Egito”, cuja atitude, disse Churchill à mãe, “lembra um aluno de escola que é levado a ver outro aluno do colégio na presença do reitor”.

As cartas que Churchill enviou à mãe nesse mês de abril, quando estava no Cairo, foram ditadas. “Gosto bastante dessas cartas ditadas”, disse à mãe num pós-escrito: “São muito simples e naturais e acho que é um bom exercício para falar com fluência. Dito a uma estenógrafa ao ritmo em que ela consegue escrever e corre bastante bem.”

Em meados de abril, Churchill chegou em Londres. Pouco depois de seu regresso, morreu sua avó Marlborough, mas ele não deixou que o período de luto familiar impedisse suas recém-descobertas atividades políticas. “Não me considero impedido de assistir a reuniões públicas no próximo mês”, escreveu a Robert Ascroft, em Oldham, uma semana depois da morte da duquesa viúva. Churchill falou não só em Oldham como também em Paddington e Cardiff. Em 2 de maio, num jantar privado em que estavam presentes Asquith e Balfour, Churchill disse à mãe que este “foi nitidamente cortês comigo, concordando e prestando grande atenção a tudo o que eu disse”.

Churchill esperava candidatar-se por Oldham nas eleições gerais seguintes, que provavelmente se realizariam dentro de um ano ou pouco mais. Porém, Ascroft morreu em 19 de junho, e foram convocadas eleições intercalares. Seis dias depois, Churchill proferiu seu discurso eleitoral, declarando-se um conservador e um *tory* democrata. “Considero a melhoria das condições de vida

do povo britânico o principal objetivo de um governo moderno.” Se fosse eleito, promoveria uma legislação que, “sem enfraquecer a enorme energia de produção da qual depende a riqueza da nação e o bem-estar do povo, possa elevar o nível de conforto e felicidade dos lares ingleses”. Procuraria conseguir “melhores condições para os idosos pobres ‘por meio de uma legislação’ tão ampla e generosa quanto possível”. Churchill afirmou que se oporia ao Projeto de Autonomia, essa odiosa “medida”. Quanto ao comércio de bebidas alcoólicas, embora apoiasse “a temperança voluntária”, opunha-se à “abstinência compulsiva” através da recusa de concessão de licenças a estabelecimentos públicos. Em política externa seguiria a orientação de Salisbury sobre manter “o comando dos mares” e preservar as fronteiras do império.

A campanha eleitoral foi agitada. “Estou indo muito bem”, escreveu Churchill ao seu primo Sunny no início da campanha, “levando a melhor sobre todos que me fazem perguntas”. Por mais radical que fosse a audiência, “sou sempre recebido com grande entusiasmo, mas ao mesmo tempo a maré está fortemente contra o partido *tory* e minha impressão particular é de que seremos derrotados”. O Escritório Central Conservador, disse ele à mãe, “envia oradores ruins e estúpidos, e os liberais são muito melhores em pregar cartazes e fazer sua propaganda”.

Na última semana de campanha, Churchill falou mais de oito vezes por dia. “Agora faço discursos involuntariamente”, disse ele a Pamela Plowden . Qualquer que viesse a ser o resultado, “nunca esquecerei a sucessão de salas completamente cheias de pessoas entusiasmadas, discurso após discurso, assembleia após assembleia, três, quatro vezes numa única noite, clarões intermitentes de calor, luz e entusiasmo, com ar frio e o barulho de uma carruagem a passar pelo meio”. Seus discursos melhoravam a cada vez que falava, disse Churchill a Pamela. “Raramente me repito, e em cada assembleia tenho consciência da melhoria de minhas capacidades e da facilidade de discurso.” Era nisso que ele buscava consolo se o resultado fosse, “como é provável, infeliz”.

Os votos foram contados em 6 de julho. “O sr. Churchill”, relatou o *Manchester Courier* , “contemplou o processo de contagem com um ar divertido. Um sorriso iluminou seu rosto, e o resultado da eleição não o perturbou”. Churchill e seus colegas conservadores tinham sido derrotados, mas o resultado fora particularmente próximo. Os dois candidatos liberais tinham obtido 12.976 e 12.770 votos respectivamente, enquanto Churchill obteve

11.477, e seu colega, um sindicalista local, 11.449 votos. Sua tentativa de entrada no Parlamento tinha sido observada por todos os personagens que se encontravam no centro da política britânica. “Winston lutou de modo esplêndido, mas Oldham tem uma reputação de inconstância”, escreveu o primeiro-ministro, lorde Salisbury, a lady Randolph, que também recebeu uma carta de Asquith, o liberal sob cuja proteção seu filho ocuparia altos cargos. “A boa luta de Winston em Oldham o estimulará”, escreveu.

Balfour, o futuro líder do partido de Churchill, e mais tarde seu adversário, escreveu-lhe dizendo que desejara muito vê-lo no Parlamento, “onde seu pai e eu travamos lado a lado tantas batalhas no passado”. Balfour acrescentou: “Não importa... Tudo acabará bem, e esse pequeno revés não terá efeitos desagradáveis em seu futuro político.”

A derrota não deixou de ter seu lado positivo. A um amigo, Churchill disse que “falo agora com bastante facilidade e sem preparação, o que é uma arma nova que não se gasta”.

Nesse outono, lorde Salisbury permitiu que Churchill lhe dedicasse seu novo livro. “Não esqueci sua amabilidade em me ajudar a participar da campanha final”, escreveu Churchill. Quando compôs essa carta, em 9 de agosto, Churchill não tinha nenhuma outra luta em perspectiva, mas, um mês depois, numa carta para um político de Birmingham que lhe pediu para falar na cidade, escreveu: “Calculo que haverá uma guerra no Transvaal em novembro e, se assim for, quero ir para lá como correspondente especial.” Essa carta tinha a data de 13 de setembro. Cinco dias depois, Churchill recebeu um telegrama do *Daily Mail* pedindo-lhe que fosse como seu correspondente para a África do Sul. Enviou imediatamente um telegrama ao seu amigo Oliver Borthwick, do *Morning Post*, contando-lhe a oferta do *Daily Mail* e oferecendo seus serviços ao *Morning Post* por quatro meses, pelo valor de mil libras, “de costa a costa”, com todas as despesas pagas. As condições foram aceitas.

Chamberlain concordou em dar a Churchill uma carta de apresentação para Sir Alfred Milner, o alto-comissário britânico no Cabo, que estava determinado a pôr fim à independência das duas repúblicas bôeres, o Transvaal e o Estado Livre de Orange. As negociações entre Milner e as repúblicas arrastavam-se sem que houvesse sinais de acordo por qualquer dos lados; a guerra entre os britânicos e os bôeres parecia iminente. Em 2 de outubro, Churchill escreveu à mãe: “Meu tempo é ocupado com os preparativos para a partida.” Um plano extraordinariamente inovador seu era levar para a África do Sul uma máquina de filmar e um operador e fazer um filme de guerra. Calculava que para isso

precisaria de 700 libras. Um jovem membro do Parlamento, Murray Guthrie , seu parente por casamento, estava disposto a dar metade dessa quantia.

Em 6 de outubro, Churchill rascunhou um pedido formal para integrar um regimento britânico de milícia a cavalo. Na carta que acompanhava o pedido, solicitava que seu pedido fosse “levado até o fim o mais depressa possível, pois embarco para a África do Sul no dia 14 e é muito importante para mim ter o estatuto de oficial antes do início da guerra”. Acabou por não enviar essa carta, pois soube que seria muito mais fácil obter uma comissão de milícia na própria África do Sul, onde um dos amigos de seu pai era adjunto da 9ª Brigada de Voluntários. Porém, ele veria ação em primeiro lugar não como oficial, mas sim como jornalista. No mesmo dia 6 de outubro, pagou o conserto de seu telescópio e dos binóculos de campanha e comprou uma bússola. Também cuidou do despacho, para o barco, de dezoito garrafas de uísque e doze garrafas de suco de lima.

Um ultimato bôer à Grã-Bretanha para que retirasse todas as suas tropas do território das duas repúblicas foi enviado em 9 de outubro. Sem resposta, expirou dois dias depois. Os primeiros tiros de guerra foram disparados em 12 de outubro. Nesse dia, Churchill viajou para Oldham, onde haveria um último comício. Seu objetivo ainda era derrotar os dois membros liberais do Parlamento nas eleições seguintes, em qualquer data que se realizassem. De volta a Londres, dois dias depois, soube que uma empresa americana já tinha mandado uma câmara de filmagem para a África do Sul. No final desse dia, partiu num trem para Southampton. Durante a viagem, escreveu a Guthrie , dizendo que ainda tinha esperanças sobre seu plano de filmagem. “Não tenho dúvida de que, excluindo acidentes, posso obter algumas imagens muito estranhas.” Porém, a competição americana provou-se um grande risco comercial, e o receio de Churchill, como ele disse a Guthrie , era de que “todos os exibidores se comprometam com a empresa americana”. À tarde, acompanhado do antigo criado do pai, Thomas Walden, Churchill embarcou em Southampton para a cidade do Cabo. Estava prestes a começar sua terceira guerra em pouco mais de dois anos.

³ Comandante-chefe das tropas britânicas no Egito. (N. do T.)

7.

África do Sul: aventura, captura e fuga

O Dunottar Castle , com o general Buller e seu Estado-Maior a bordo, assim como os correspondentes de jornais, chegou à Cidade do Cabo em 31 de outubro de 1899, após uma viagem de dezessete dias. Quando chegaram, Churchill foi visitar o alto-comissário britânico, Sir Alfred Milner , que lhe disse que os bôeres tinham colocado em campo “muito mais homens do que se previa” e que “toda a colônia do Cabo estava em grande agitação e à beira da rebelião”.

Ao fim da tarde, Churchill pegou o trem que saía da Cidade do Cabo, acompanhado por outro correspondente, John Atkins . Seu objetivo era chegar, de trem, barco e trem, a Ladysmith, então sob ameaça de captura pelos bôeres. Ao chegarem a Beaufort West no dia seguinte, souberam da rendição, perto de Ladysmith, de 1.200 soldados britânicos. Tal fato tornou a chegada ainda mais urgente; ao chegarem a De Aar embarcaram no último trem saindo da cidade em direção a East London, no oceano Índico. O avanço bôer em direção a De Aar tinha acabado de começar; durante a viagem, Churchill soube que os bôeres estavam a apenas quarenta quilômetros.

“Nós subestimamos muito a força e o espírito dos bôeres”, escreveu Churchill à mãe em 3 de novembro, enquanto o trem se aproximava de East London. Porém, ele estava muito bem-disposto e dizia-lhe que, por terem pego o último trem em De Aar, “ganhamos quatro dias em relação a todos os outros correspondentes”. Churchill acrescentou: “Creio que estou destinado a grandes coisas no futuro.”

Assim que o trem chegou a East London, Churchill e Atkins tentaram ir o mais depressa possível para Durban, pretendendo prosseguir para Ladysmith pela estrada de ferro. “Embarcamos num pequeno barco costeiro e fizemos uma viagem esgotante”, recordou Atkins mais tarde. “Ficamos muito indispostos”. Ao chegarem a Durban, à meia-noite de 4 de novembro, Churchill ficou muito perturbado por encontrar Reginald Barnes a bordo de um navio-hospital, que fora atingido na durante uma das primeiras batalhas. Soube também em Durban

que Ladysmith estava isolada, que Sir George White e suas tropas estavam no interior da cidade e que o general Buller , embora tivesse recebido ordens para libertar Ladysmith o mais depressa possível, só chegaria a Durban três dias depois.

Buller precisava de mais alguns dias para que todos os seus estoques estivessem prontos para serem postos em movimento pela estrada de ferro. Churchill e Atkins decidiram continuar sozinhos. O primeiro passo, na manhã de 5 de novembro, foi pegar o trem para Pietermaritzburg, que ficava a cerca de cem quilômetros e a quatro horas de caminho. Contudo, descobriram que a linha para o norte já não estava em operação. Sempre criativo, Churchill alugou um trem especial e deu instruções ao maquinista para prosseguir até chegar o mais perto possível de Ladysmith. Ao chegarem a Colenso, a poucos quilômetros de Ladysmith, na margem sul do rio Tugela, viram que a linha da estrada de ferro para o norte estava cortada. “Os bôeres estavam do outro lado”, recordou mais tarde Atkins . Ladysmith estava sitiada.

“Saímos precipitadamente de Colenso, forçados a isso por tiros de canhão”, escreveu Churchill a Sir Evelyn Wood . Então, os correspondentes voltaram para Estcourt, uma estação mais abaixo, guardada por dois batalhões de tropas britânicas, naquilo que Churchill descreveu a Wood como “um indefensável buraco nas colinas”.

“Montamos nossas tendas no recinto da estrada de ferro de Estcourt”, escreveu Atkins . “Tínhamos encontrado um bom cozinheiro e havia algum vinho bom. Recebíamos amigos todas as noites, para nosso prazer e proveito profissional, e, acreditamos, para a satisfação deles.” Churchill era crítico em relação às autoridades militares britânicas na África do Sul. “É espantoso como nós subestimamos essa gente”, escreveu a Sir Evelyn Wood quando estava em Estcourt. Era também crítico em relação às forças britânicas que participavam da luta. Os bôeres tinham capturado o dobro dos soldados que haviam atingido, o que “não é uma proporção muito boa. Acho que deveríamos castigar as pessoas que entregam as tropas que comandam”.

Em 6 de novembro, seu livro, *The River War* , foi publicado em Londres. Dois dias depois, Churchill voltou às imediações de Colenso, viajando como passageiro num trem especial blindado preparado pelo Exército. O trem era composto, de uma ponta à outra, por um vagão provido de um canhão naval de nove polegadas, com marinheiros que sabiam utilizá-lo, três vagões blindados para tropas, uma locomotiva, um tênder e um vagão com uma equipe encarregada da reparação das linhas destruídas.

Ao chegarem a Chieveley, os homens que estavam no trem puderam ver o balão que os soldados cercados em Ladysmith tinham instalado com o intuito de localizar qualquer ataque bôer. O trem continuou até oitocentos metros de Colenso, onde Churchill desceu e seguiu a pé com um oficial e um sargento até as trincheiras britânicas abandonadas, nos limites da cidade, e depois entrando na cidade propriamente dita. Não havia bôeres em lugar nenhum. Numa extremidade da cidade, escreveu Churchill no telegrama para o *Morning Post*, alguns nativos, “alarmados com o aspecto do trem, agitaram, de um lado para o outro, um pano branco atado a uma vara”.

O trem prosseguiu um pouco mais para o norte, até onde, nas proximidades da ponte sobre o rio Tugela, a linha tinha sido cortada. Regressou, então, a Estcourt, sem passar por incidentes.

Em 9 de novembro, não de trem, mas a cavalo, juntamente com as tropas britânicas, Churchill voltou aos arredores de Colenso. Ele e Atkins subiram a cavalo até o cimo de um monte para observarem o outro lado do rio Tugela. Quando estavam diante do horizonte, foram cercados por cavaleiros armados. “Entreguem-se!”, disse um dos homens, mas felizmente o grupo era chefiado por um sargento britânico. Os jornalistas apresentaram suas licenças e a crise se resolveu. “O sargento pareceu desapontado”, relatou Churchill ao *Morning Post*, “mas ficou satisfeito por ser fotografado ‘para os jornais de Londres’”.

Depois de retornarem a Estcourt, Churchill escreveu a Evelyn Wood : “Tive medo de cavalgar pelo meio das linhas, embora isso tenha sido feito — vou ficar quieto até a chegada de um exército para abrir caminho.” Ladysmith estava “completamente bloqueada”, com a cavalaria britânica fechada lá dentro. Até mesmo a estrada de ferro era vulnerável. Se o general bôer, Joubert, decidisse colocar a segurança da linha bôer junto do rio Tugela e avançar sobre Estcourt, “nós teremos de voar”.

O oficial que comandava as tropas alocadas em Estcourt, temendo não ser capaz de manter sua posição ali se houvesse um ataque bôer, decidiu recuar suas tropas até Pietermaritzburg. Na noite da planejada retirada, jantou com Churchill e Atkins na tenda dos dois, enquanto, recordou Atkins mais tarde, “o ressoar dos canhões sendo colocados nos vagões continuava incessantemente”. Churchill estava convencido de que a retirada não era necessária. “Enquanto o jantar prosseguia”, escreveu Atkins, “Winston, com uma convicção que eu em parte invejava e em parte desaprovava, argumentou que Joubert talvez fosse cauteloso demais para avançar, que sem dúvida estava deliciado com a segurança do rio Tugela, que era uma pena dirigirem-se para Maritzburg etc.”.

O jantar terminou, e o oficial saiu. Pouco depois, notou Atkins , “o ressoar dos vagões, que tinha cessado, recomeçou. Os vagões estavam sendo descarregados. Winston resplandecia. ‘Consegui!’, exclamou ele, mas acrescentou com jovialidade: ‘Nós conseguimos!’ Se ele havia conseguido ou não, nunca saberemos. O oficial pode ter agido assim por ter obtido informações novas. De qualquer forma, o esforço de Winston para persuadir por meio da razão foi notável”.

Em seu nono dia em Estcourt, um amigo de Churchill dos tempos da fronteira indiana, o capitão Aylmer Haldane , recebeu a ordem de levar o trem, nas primeiras horas de 15 de novembro, para mais um reconhecimento na direção de Colenso. Em seu relatório oficial, Haldane escreveu que, ao receber a ordem e deixar as instalações, “vi Churchill, que, tal como os outros correspondentes, andava por ali recolhendo para seu jornal as migalhas de informação que conseguia arranjar”. Haldane contou a Churchill sobre as ordens que recebera, e “sabendo que ele já tinha estado fora com o trem e que conhecia alguma coisa da região por onde viajaríamos, sugeri que ele poderia estar interessado em acompanhar-me no dia seguinte”.

Churchill a princípio hesitou. Já tinha feito essa viagem duas vezes, mas acabou por concordar em ir. Seria um dos dias mais fatídicos de sua vida. O trem blindado, com 150 homens a bordo, deixou Estcourt às 5h10 em direção a Colenso. Uma hora e dez minutos depois, chegou à estação de Frere.

“Não se viu nenhum inimigo”, comunicou Haldane a Estcourt. Assim, após uma parada de quinze minutos, ordenou que o trem prosseguisse para Chieveley, onde chegou às 7h10, descobrindo que tropas bôeres tinham estado em Chieveley durante a noite.

Uma mensagem vinda de Estcourt conseguiu prevenir Haldane para o fato de cinquenta bôeres terem sido vistos a oeste da estrada de ferro, movendo-se para sul. Ele deveria, portanto, “permanecer em Frere, vigiando, para que pudesse realizar uma retirada segura”. Imediatamente, inverteu a marcha do trem, saindo de Chieveley em direção a Frere. Então, como escreveu mais tarde, “ao rodearmos o contraforte de um monte que dominava a estrada, o inimigo abriu fogo de artilharia sobre nós, a uma distância de seiscentos metros, tendo um projétil atingido o primeiro vagão”.

O condutor da locomotiva, Charles Wagner , na esperança de passar através da emboscada, acelerou a locomotiva. O trem desceu pela encosta a toda a velocidade. A quinhentos metros de Frere, quando chegou a terreno plano, o vagão com a equipe de reparação e os dois vagões blindados, que estavam agora

à frente da locomotiva, descarrilaram. Os bôeres tinham colocado uma grande pedra na estrada de ferro após a passagem do trem a caminho de Chieveley.

Como resultado do descarrilamento, um dos vagões blindados ficou atravessado na estrada. Churchill, que estava com Haldane em um vagão blindado próximo ao vagão que transportava o canhão, “ofereceu-me imediatamente seus serviços”, escreveu Haldane, “e, sabendo eu como podia confiar inteiramente nele, de bom grado aceitei, encarregando-me de reprimir o fogo inimigo enquanto ele se esforçava para desimpedir a passagem”.

Abandonando o trem, Churchill dirigiu-se aos três vagões descarrilados e começou a organizar os homens para empurrá-los para fora da via. Isso foi feito com o auxílio do maquinista, a quem Churchill deu instruções para que movesse a locomotiva para a frente e para trás, batendo a cada vez nos vagões descarrilados e empurrando-os gradualmente para fora da estrada de ferro. Então, Wagner foi ferido na cabeça por um fragmento de projétil. Mais tarde, ele diria ao criado de Churchill, Walden, que ao ser ferido se voltou para Churchill e disse-lhe: “Estou acabado.” A isso, Churchill respondeu: “Aguente um pouco. Não o abandonarei.”

“Temi que ele não pudesse manejar a locomotiva”, escreveu Churchill ao príncipe de Gales, duas semanas mais tarde. “Porém, quando lhe prometi que se o fizesse seria citado por coragem notável em ação, recompôs-se e, sob minha orientação, voltou ao seu posto.” Enquanto Churchill, o maquinista e os soldados trabalhavam em sua difícil tarefa, o canhão naval britânico abria fogo contra os bôeres. Depois de disparar quatro vezes, o equipamento foi atingido por um projétil inimigo e ficou inutilizado. Haldane ordenou então que os homens encarregados do canhão se refugassem no vagão blindado, de onde, informou ele, “foi mantido fogo contínuo sobre os canhões inimigos, o que prejudicou consideravelmente sua pontaria”.

Dois bôeres foram mortos pelo fogo disparado do vagão blindado. Entretanto, na estrada de ferro, Churchill continuava a concentrar os esforços para endireitar os vagões descarrilados enquanto fuzis, artilharia e metralhadoras Maxim atiravam diretamente contra ele, a locomotiva e os soldados. Quatro soldados foram mortos e trinta ficaram feridos. Churchill soube mais tarde, pelo comandante de artilharia bôer, que três canhões de artilharia pesada disparavam uma média de trinta descargas por canhão e por minuto. Ele mencionou isso ao príncipe de Gales na carta que lhe enviou duas semanas depois: “Quando pensar que a distância era de apenas oitocentos a 1.200 metros, poderá imaginar a intensidade de fogo que suportamos e o assombroso estrépito que faziam os

grandes projéteis que explodiam e caíam entre os vagões.”

“Durante uma hora”, escreveu Haldane em seu relatório oficial, “os esforços para desimpedir a linha foram infrutíferos, pois os vagões eram pesados e estavam presos uns nos outros e não conseguíamos encontrar a equipe de reparações”, mas Churchill, “com indômita perseverança, continuou em sua difícil tarefa”. Ele foi “o principal responsável” pela tentativa de libertar a locomotiva dos vagões descarrilados. Enquanto trabalhava nessa tarefa, “esteve frequentemente exposto ao intenso fogo do inimigo. Não há palavras elevadas demais para falar de sua corajosa conduta”.

Um dos homens no trem, o soldado raso Walls, escreveu um mês depois à irmã, que enviou a carta à lady Randolph : “Churchill é um esplêndido companheiro. Andava pelo lugar tão calmamente quanto se nada estivesse acontecendo e pediu voluntários para o ajudarem a tirar os vagões do caminho. Sua presença e seu comportamento valiam por cinquenta homens.”

Os esforços de Churchill foram bem-sucedidos. Por volta das 8h30, a locomotiva conseguiu abrir caminho, afastando o vagão que obstruía a linha, o qual, contudo, caiu novamente em cima da linha. A locomotiva tinha ultrapassado a obstrução. Churchill ordenou então a Wagner que tentasse engatar a locomotiva aos vagões de trás, que ainda estavam sobre a linha, e levasse a maioria dos homens de volta a Frere. Porém, o engate tinha sido danificado por uma bala bôer e não pôde ser usado. Churchill então “libertou-se de seu revólver e dos binóculos”, relatou Wagner , “e ajudou o maquinista a erguer vinte feridos e a colocá-los no tênder”. Wagner observou Churchill trazendo os feridos para a locomotiva. “Estava muito calmo”, disse ele ao criado de Churchill alguns dias depois, “e trabalhou como um burro. Nem se sabe como escapou, pois uns cinquenta tiros atingiram a locomotiva”.

Quando os feridos estavam na locomotiva, Churchill ordenou a Wagner , que depois citou para o recebimento de uma medalha Albert, que conduzisse a locomotiva e seu tênder devagar até Frere. Quando seguiam, foram vistos mais alguns homens feridos. Churchill conseguiu colocá-los a bordo. Sua conduta, disse um oficial ao *Natal Witness* dois dias depois, foi como a “do homem mais corajoso que se podia encontrar”.

Com a cabine e o tênder cheios de feridos, a locomotiva regressou a Frere. Churchill foi com ela. “Com a locomotiva desimpedida, Churchill foi com ela cerca de oitocentos metros e depois desceu calmamente e voltou a pé para ajudar os outros”, contou o soldado Walls à irmã. Depois de ter certeza de que Wagner e os outros feridos seriam tratados, Churchill voltou a pé ao local do

descarrilamento para “cuidar do capitão Haldane ”, disse Walden a lady Randolph . Haldane , entretanto, tinha esperança de levar seus cinquenta homens até uma quinta próxima e continuar a combater os bôeres de lá. Porém, precisamente no momento em que ele deu a ordem, dois soldados britânicos, que estavam a duzentos metros do trem, ergueram lenços brancos. A esse sinal de rendição, os bôeres pararam de disparar e avançaram.

Eram 8h50. Haldane não teve alternativa a não ser render-se juntamente com seus homens. Nessa altura, Churchill ainda se encontrava a caminho, ao longo da estrada de ferro, voltando ao local do descarrilamento. Nunca chegaria. Depois de ter andado cerca de duzentos metros, pensou ter visto dois trabalhadores da via férrea. Estava enganado; os dois homens eram bôeres que imediatamente lhe apontaram os fuzis. Ele se virou e começou a correr ao longo da linha, em direção à locomotiva, com “os dois bôeres disparando”, recordou ele mais tarde, “enquanto eu corria por entre os carris. As balas que eles atiravam, e que passavam à direita e à esquerda, pareciam errar o alvo por centímetros”.

Churchill estava num vale de cerca de dois metros de profundidade, mas os lados não o protegiam. Os dois bôeres apontaram de novo os fuzis. “Movimentar-me pareceu ser a única solução. De novo, corri em frente. De novo, dois suaves silvos atravessaram o ar, mas nada me atingiu.” Para sair do vale, escalou as margens e rastejou através do arame farpado que havia no topo. Então, deparou-se com um pequeno buraco e abaixou-se para se cobrir, “esforçando-me para recuperar o fôlego”. Olhou para cima e viu que estava a apenas duzentos metros de uma profunda garganta do rio. “Ali havia bastante proteção”, recordou mais tarde. Assim, levantou-se do buraco, determinado a correr até a garganta. Subitamente, viu um cavaleiro galopando “furiosamente” em sua direção.

Quando o bôer a cavalo e o britânico agachado estavam a uma distância de quarenta metros, o bôer, o corneteiro Oosthuizen, abrandou o cavalo e gritou qualquer coisa que Churchill não entendeu. “Eu achei que mataria aquele homem”, recordou mais tarde, “e, depois do tratamento que recebi, desejei seriamente tê-lo feito”.

Churchill levou a mão ao cinto, procurando a pistola. Não estava lá. Em seu esforço para ajudar o maquinista depois do descarrilamento, tinha-a tirado e deixado na locomotiva. A essa altura, devia estar em Frere. O bôer estava apontando o fuzil para ele, olhando-o através da mira. Churchill levantou as mãos. Era um prisioneiro.

Os soldados que estavam a salvo em Frere falaram ardentemente a favor de Churchill, cuja coragem no momento do descarrilamento foi notícia de primeira página em todos os jornais. Os cartunistas rivalizavam uns com os outros ao retratarem como ele tinha ajudado a endireitar a locomotiva. Muitos jornais sugeriram que ele fosse citado para receber a Victoria Cross. De Pietermaritzburg, Walden escreveu a lady Randolph : “Lamento dizer que o sr. Churchill foi feito prisioneiro, mas tenho quase certeza de que não está ferido.” Walden estava em Pietermaritzburg, explicou, “para trazer todo seu equipamento até o sr. Churchill ser libertado”. Todos os oficiais em Estcourt, acrescentou, “acham que o sr. Churchill e o maquinista vão receber a VC”. Ainda não eram 10h. No local do descarrilamento, os prisioneiros foram reunidos “como gado!”, contou mais tarde Churchill a Atkins . “A maior indignidade da minha vida!” Foi então conduzido, escreveu num de seus artigos de jornal cinco meses depois, “como um miserável prisioneiro, lançando olhares ansiosos para o balão de Ladysmith, cuidadosamente guardado pela escolta montada bôer”. Os prisioneiros foram obrigados a marchar durante dois dias pelo campo até Modderspruit, uma pequena estação de trem a caminho de Pretória. Enquanto esperavam por um trem, Churchill entregou suas credenciais como correspondente de imprensa e pediu que fossem enviadas “às autoridades competentes”. Foi então trancado na bilheteira.

A viagem de trem para Pretória durou quase 24 horas. Quando chegaram à capital bôer, os oficiais foram levados para o edifício da escola-modelo do Estado, perto do centro da cidade, que tinha sido requisitado como campo de prisioneiros de guerra. “Como estava desarmado e tinha todas as minhas credenciais como correspondente de imprensa”, escreveu Churchill à mãe, da prisão, três dias depois da sua captura, “acho que não me vão reter”. Estava enganado; os bôeres não tinham nenhuma intenção de deixá-lo partir. O general Joubert , num telegrama enviado ao secretário de Estado bôer, sublinhou que, embora Churchill proclamasse ser “apenas um jornalista correspondente”, pelos relatos da ação que surgiam no jornal, “a situação parece ser inteiramente diferente, e é por essa razão que insisto que ele deve ser mantido e vigiado como elemento perigoso para nossa guerra; de outro modo, ainda pode fazer-nos muito mal. Em outras palavras, não deve ser libertado durante a guerra. Foi devido à sua participação ativa que uma seção do trem blindado conseguiu passar”.

Particularmente humilhante para os bôeres foi sua incapacidade de capturarem a locomotiva, pois não tinham nenhuma que fosse para o sul de

Ladysmith.

Depois de três dias como prisioneiro, Churchill pressionou as autoridades bôeres para que o libertassem, escrevendo diretamente ao secretário da Guerra, Louis de Souza . Também procurou a ajuda de seu país. “Confio que fará tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir minha libertação”, escreveu à mãe, de Pretória, em 18 de novembro, comentando seu cativeiro: “É uma experiência nova, tal como foi o tiroteio com fogo pesado.” Não tendo recebido resposta ao seu pedido formal de libertação, escreveu novamente a Souza em 21 de novembro, perguntando que caminho seria tomado “a respeito da minha libertação”. Estava “naturalmente desejoso de continuar meu trabalho jornalístico e já estou preso há seis dias”. Certamente os bôeres gostariam de ver a guerra ser relatada “por alguém que teve a oportunidade de ser tratado com justiça por seus cidadãos”.

Cinco dias depois, Churchill escreveu uma terceira carta a Souza . Mais uma vez, negou ter participado ativamente da defesa do trem, embora “tenha naturalmente feito o que pude para fugir de tão perigosa situação e salvar minha vida. Na verdade, nesse aspecto minha conduta foi precisamente a mesma que mostraram os trabalhadores civis da via férrea e os empregados da estrada de ferro, que entretanto já foram libertados por seu governo”. Ofereceu-se, caso fosse libertado, para cumprir “qualquer liberdade condicional que o governo do Transvaal queira exigir”. Embora quisesse continuar seu trabalho jornalístico, concordaria, se assim lhe fosse pedido, “em retirar-se totalmente da África do Sul durante a guerra”.

Sua oferta não teve qualquer resposta; o capitão Theron , oficial bôer que estava presente na ação em Frere, opôs-se à libertação de Churchill, dizendo a Souza que durante a ação “Churchill pediu voluntários e chefiei-os num momento em que os oficiais se encontravam confusos”. De acordo com informações da imprensa, “ele agora alega não ter tomado parte na batalha. Isso é mentira. Também se recusou a imobilizar-se até o corneteiro Oosthuizen mandar que se rendesse. Só se rendeu quando ele lhe apontou a espingarda”. Theron acrescentou que, em sua opinião, Churchill era “um dos mais perigosos prisioneiros que temos nas nossas mãos”, ainda mais porque os jornais do Natal “estão o transformando num grande herói”.

Entre os membros do quadro de oficiais responsável pela prisão, havia um que sentia prazer especial em insultar e provocar os prisioneiros, inclusive Churchill, que certo dia foi à sua procura. Depois de lembrar-lhe “que na guerra qualquer um dos lados pode vencer”, perguntou-lhe se acharia sensato colocar-

se numa categoria separada “quanto a comportamento para com prisioneiros”.

— Por quê?

— Porque pode ser conveniente ao governo britânico dar um ou dois exemplos aos inimigos — respondeu Churchill. A partir daí, nem ele nem os outros foram novamente incomodados pelo homem.

Em 30 de novembro, Churchill fez 25 anos e passou o dia na prisão da escola-modelo do Estado, escrevendo cartas. Uma das correspondências era para o príncipe de Gales, informando-lhe que os prisioneiros de guerra tinham recebido autorização para se tornarem membros da Biblioteca Estatal do Transvaal , “por isso, embora seja irritante estar afastado de todos os acontecimentos, tenho agora um refúgio seguro e espero melhorar filosoficamente minha educação”. Seus pensamentos, escreveu a Bourke Cockran , estavam ocupados pelas “vastas combinações de capital” contra as quais muitos americanos se manifestavam. O capitalismo, na forma de *trusts* e cartéis, disse Churchill ao amigo americano, “alcançou um pico de poder que os velhos economistas nunca contemplaram e que provoca meu mais vivo terror”. Os ricos negociantes estavam “todos muito bem, mas, se tenho algo a dizer, o reino deles não será deste mundo”.

O novo século, disse Churchill a Cockran , “assistirá à maior guerra do indivíduo pela existência”. A prisão era “odiosamente prosaica”. Seu corpo estava encurralado, “e, ao mesmo tempo, são decididas grandes questões e a história é feita — história que, diga-se de passagem, eu deveria estar registrando. Faço hoje 25 anos. É terrível pensar quão pouco tempo falta!”. Fazia quase cinco anos desde a morte do pai, e Churchill ainda não conseguia afastar o receio de morrer jovem devido a alguma falha hereditária. Em 8 de dezembro, escreveu novamente a Souza , sublinhando: “Não lutei contra as forças bôeres; apenas ajudei a retirar da estrada de ferro os vagões descarrilados.” Tinha sido precisamente isso o que tinham feito os trabalhadores da linha de trem. “Eles já foram libertados.”

Nessa nova carta, Churchill se oferece novamente para, se for libertado, “cumprir qualquer liberdade condicional que lhe seja exigida, não lutar contra as forças republicanas nem dar qualquer informação relativa à situação militar”. Não recebeu resposta. Dois dias depois, perguntou a Haldane se desejava juntar-se a ele num plano de fuga, no qual Haldane e o primeiro-sargento Brockie , que viera de Joanesburgo e falava holandês, pulariam o muro perto das latrinas para o jardim de uma casa particular do outro lado e deixariam Pretória, escondendo-se durante o dia e viajando à noite, percorrendo assim os quinhentos

quilômetros até a fronteira portuguesa de Moçambique.

Brockie estava relutante em acrescentar uma terceira pessoa ao plano de fuga, especialmente alguém cuja ausência seria notada, mas Haldane concordou em que Churchill devia ir, “uma vez que serviu tão bem em Chieveley”. Fugiriam na noite de 11 de dezembro. Nesse dia, Haldane escreveu em seu diário: “Churchill está em um estado de grande agitação e deixa todos perceberem que pretende partir essa noite.” Durante o dia, a notícia de duas derrotas militares britânicas pareceram tornar a fuga mais urgente. “Passei a tarde em um verdadeiro terror”, escreveu Churchill onze dias depois, em seu primeiro relato desse dramático momento. “Nada, desde meus tempos de escola, fizera com que eu ficasse tão perturbado.”

Nessa tarde, Churchill tentou ler, mas não conseguiu concentrar-se. Então, jogou xadrez, “e fui irremediavelmente vencido”. Finalmente escureceu, e, às 18h50, Haldane e ele atravessaram o pátio nos fundos do edifício em direção às latrinas. Brockie seguiu-os dez minutos depois. As sentinelas, contudo, “não nos deram chance”, escreveu Churchill. “Não se deslocavam. Um ficou parado em frente à única parte acessível do muro. Esperamos durante duas horas, mas a tentativa foi totalmente impossível, e, assim, com um sentimento de alívio nada satisfatório, fomos dormir.”

Em 12 de dezembro, chegaram outras más notícias do campo de batalha. “Como se recordará”, escreveu Churchill a Haldane nove meses depois, “eu era a favor de uma tentativa desesperada, mesmo com a possibilidade de sermos pegos, enquanto você era a favor de termos paciência e esperarmos noite após noite pela melhor oportunidade”. Durante o dia, Churchill disse a Brockie que achava que podiam ter pulado o muro na noite anterior.

— Por que não disse isso? — perguntou Brockie .

— Onde estaria eu se tivesse pulado e, então, vocês vissem que era impossível seguir-me?

— Se conseguir pular — retorquiu Brockie —, nós o seguiremos. Não tenha receio.

Nessa tarde, a tensão entre os três futuros fugitivos era considerável. Haldane escreveu em seu diário: “Churchill, cujo estado de agitação enquanto andava de um lado para o outro no pátio era evidente para seus companheiros de prisão, disse-me: ‘Devemos ir essa noite.’ Eu respondi: ‘Iremos os três e pularemos se a ocasião for favorável.’”

“Insisti”, escreveu Churchill num relato privado doze anos mais tarde, “que, qualquer que fosse o risco, devíamos tentar naquela noite”. No dia anterior,

escrevera a quinta carta a Souza , que guardou embaixo do travesseiro. “Considero que seu governo não tem justificativa para me manter preso, eu que sou correspondente de imprensa e não um combatente, e, portanto, resolvi fugir”, começava a carta. Nela, Churchill falava de sua “admiração pelo caráter cavalheiresco e humano das forças republicanas” e expressava a esperança de que “quando essa guerra dolorosa e infeliz chegar ao fim, chegue-se a uma situação em que se preserve simultaneamente o orgulho nacional dos bôeres e a segurança dos britânicos e que ponha um ponto final na rivalidade e inimizade entre ambas as raças”. A carta terminava: “Lamentando que as circunstâncias não tenham permitido que eu me despedisse pessoalmente, atenciosamente, Winston S. Churchill.”

Assim que escureceu, mas antes que a lua surgisse no céu, Haldane e Churchill dirigiram-se outra vez para perto das latrinas. Aí, recordou Churchill mais tarde: “Esperamos por uma oportunidade para pularmos, mas, depois de muita hesitação, sem conseguirmos tomar uma decisão, pensando que era perigoso demais, regressamos à varanda.” Brockie estava sentado na varanda. “Ele fez pouco caso de nós”, escreveu Haldane em seu diário, “disse que tínhamos medo e que ele podia ir em qualquer noite. Eu lhe disse: ‘Então vá e veja com seus próprios olhos.’ Brockie atravessou o pátio até as latrinas. Depois de algum tempo, como ele não aparecia, Churchill disse a Haldane : ‘Eu vou. Depois você me segue.’” Churchill atravessou o pátio e chegou à latrina. Nesse instante, encontrou Brockie saindo de lá, mas, escreveu ele mais tarde, “não nos atrevemos a falar um com o outro na presença da sentinela e, embora ele tenha murmurado umas palavras quando passou por mim, não entendi o que era”. Churchill entrou na latrina. “Cheguei à conclusão”, recordou ele mais tarde, “de que perderíamos a noite toda em hesitações se não resolvêssemos o assunto de uma vez por todas. Então, quando a sentinela se virou para acender o cachimbo, saltei para o alto do muro e, poucos segundos depois, estava no jardim do outro lado, são e salvo. Ali, abaixei-me e esperei que os outros viessem”. Anos mais tarde, Churchill insistiria em que esperara que Haldane e Brockie pulassem o muro. “Segundo nosso acordo, que consistia em eu ir primeiro e esperar pelos outros”, escreveu ele a Haldane nove meses depois, “esperei meia hora, mas comecei a ficar muito inquieto”.

A espera foi angustiante. “Eu esperava que eles viessem a todo o momento”, escreveu Churchill mais tarde. “Minha posição no jardim era muito preocupante, porque eu tinha apenas um pequeno arbusto sem folhas para me esconder, pessoas não paravam de passar de um lado para o outro e as luzes da

casa estavam acesas.” Por duas vezes, enquanto esperava que Haldane e Brockie se juntassem a ele, um homem foi até o jardim e caminhou ao longo de um caminho a sete ou oito metros do local onde ele estava escondido.

Após quinze minutos, tornou-se claro para Churchill que alguma coisa tinha dado errado. De fato, Haldane e Brockie tinham ido até a sala de jantar, onde a refeição da noite era servida. Numa tentativa de contatá-los, ele conseguiu atrair a atenção de um oficial que tinha ido à latrina e pediu-lhe que dissesse a Haldane “que tinha conseguido pular e que ele devia juntar-se a mim o mais depressa possível”.

Após outros quinze minutos, Haldane e Brockie chegaram à latrina. Haldane tentou pular o muro, mas, no preciso momento em que seus ombros estavam no topo, a sentinela voltou-se, gritou e ergueu o fuzil para ele. Haldane foi obrigado a voltar ao edifício. A sentinela não suspeitou de que se tratava de uma tentativa de fuga.

Sozinho no jardim, Churchill esperou; não tinha bússola, não tinha mapa, não tinha dinheiro e não tinha remédios. Dependia de Brockie para se comunicar com qualquer um que encontrasse durante a caminhada de 480 quilômetros através do Transvaal. Passou-se uma hora. Então, Churchill ouviu umas pancadas. Era Haldane , “que viera dizer que tinha feito uma tentativa, mas que fora impedido pela sentinela; a posição da sentinela tornava impossível que Brockie e ele me seguissem naquela noite”.

Churchill pensou então em voltar atrás, mas, como o muro do lado do jardim era mais alto e não havia apoio, ele não conseguiria pulá-lo sem fazer barulho. Dar a volta até a frente do edifício e entregar-se apenas levaria a uma investigação e ao encerramento da “brecha de fuga” no futuro. Sussurrando, disse a Haldane que sua situação não tinha solução. Nunca chegaria à fronteira sem ser descoberto. “Haldane e eu discutimos a situação, por murmúrios, através das fendas da vedação de ferro ondulado”, escreveu mais tarde. “Ele concordou comigo que era impossível voltar atrás e que eu deveria ir sozinho. Foi uma grande desilusão para ele ser deixado para trás.”

“Se me lembro bem”, escreveu Churchill a Haldane nove meses depois dos acontecimentos, “você se ofereceu para jogar sua bússola, mas eu recusei, pensando que faria barulho, então você me disse adeus”.

Churchill convenceu-se de que jamais conseguiria fazer sozinho e a pé uma caminhada tão longa. Em vez disso, tentaria chegar à estrada de ferro que ligava Pretória ao porto português de Lourenço Marques , no oceano Índico, e fazer o resto da viagem escondido num trem de mercadorias. Abandonando seu

esconderijo no jardim, caminhou em frente e saiu pelo portão que dava para a rua, passando por uma sentinela que estava na estrada. Com o luar e os candeeiros elétricos acesos a intervalos regulares, ele caminhou pelo meio da rua na direção que achava que o levaria mais depressa à linha férrea. Felizmente, usava um casaco marrom e calças comuns. “Havia muita gente na rua, andando em todas as direções”, escreveu ele, “mas ninguém falou comigo”.

Cantarolando uma música, Churchill chegou à estrada de ferro. Então, calculou que teria mais chance de saltar para dentro de um trem se ficasse a uns duzentos metros da estação, numa curva e na encosta de um monte, pois ficaria escondido tanto do maquinista quanto do guarda e o trem estaria em velocidade mais lenta. Quando o trem surgiu, ele saltou para a ligação entre dois vagões. Depois, conseguiu entrar em um vagão cheio de sacos de carvão vazios. O trem dirigiu-se vagarosamente para leste durante a noite. Antes do nascer do sol, com receio de ser descoberto à luz do dia, saltou do vagão. Estava perto de Witbank, uma pequena comunidade mineira cerca de cem quilômetros a leste de Pretória. Aí esperou, perto da linha férrea, com a intenção de saltar para outro trem na noite seguinte e continuar até a costa. “Minha única companhia”, escreveu mais tarde, “foi um enorme abutre, que manifestou um extravagante interesse pela minha situação e que fazia uns gorgolejos medonhos e sinistros”.

Enquanto Churchill estava escondido junto da linha férrea em Witbank, sua fuga era descoberta em Pretória e iniciava-se uma grande busca na esperança de capturá-lo. Sua fotografia circulava em todo o Transvaal, assim como sua descrição: “Inglês, 25 anos, cerca de 1,77 metro de altura, complexão média, caminha com uma ligeira inclinação para a frente, aspecto pálido, cabelo castanho-avermelhado, pequeno bigode quase invisível, voz nasalada, não consegue pronunciar a letra ‘s’, não sabe falar holandês, foi visto pela última vez vestindo calças e casaco marrons.”

Nessa noite, cheio de fome e de sede, afastou-se um pouco da linha férrea em direção a umas luzes, que pensou virem de um aldeamento nativo que talvez o recebesse bem. Com receio de que o homem que veio à porta fosse hostil, Churchill perguntou-lhe: “É inglês?” O homem, com receio de que o estranho fosse um espião bôer, apontou-lhe uma pistola e, sem responder à pergunta, perguntou quem ele era. “Sou o Dr. Bentinck”, respondeu Churchill. “Caí do trem e me perdi.”

O homem deixou Churchill entrar, levou-o à sala de jantar e, ainda apontando a pistola para ele, instou-o a dizer a verdade. A princípio hesitante, Churchill declarou subitamente: “Meu nome é Winston Churchill.” Para sua sorte, o

homem era inglês, chamava-se John Howard , e era capataz da mina. “Graças a Deus que bateu aqui!”, exclamou Howard . É a única casa num raio de trinta quilômetros em que não o teriam entregado. Aqui somos todos britânicos e vamos ajudá-lo.” Nessa noite, Howard contou o segredo a quatro homens, entre eles o engenheiro da mina, Dan Dewsnap . Combinaram que Churchill ficaria escondido na mina. Quando o estavam escondendo, Dewsnap , que era de Oldham, apertou sua mão e disse: “Na próxima vez, votarão todos em você.”

Em 14 de dezembro, chegou a Londres um telegrama da agência de notícias Reuters, com apenas duas palavras: “Churchill fugiu.” Oliver Borthwick enviou uma cópia a lady Randolph , acrescentando mais palavras: “Conhecendo seu espírito prático, não tenho dúvida de que ele sabe o que está fazendo e de que aparecerá dentro de poucos dias, com mais um capítulo do seu livro pronto, em algum acampamento inglês.”

Churchill continuava escondido na mina em Witbank. Os bôeres procuravam-no por toda a parte e tinham anunciado uma recompensa de 25 libras para quem o encontrasse, vivo ou morto. Durante três dias, ficou escondido sob o chão de um estábulo recém-construído para os cavalos usados na mina. “A mina estava infestada de ratos brancos”, recordou mais tarde Howard . “Certa vez, fui fazer-lhe uma visita fortuita e encontrei-o na escuridão absoluta porque os ratos tinham roubado a vela.” Em outra ocasião, Churchill, que tinha fumado um charuto, foi descoberto por um rapaz africano na mina. “Quando viu a baforada”, recordou mais tarde Howard , “o nativo seguiu o rasto até o estábulo, mas fugiu assim que viu o sr. Churchill e foi contar aos outros rapazes que havia um fantasma naquela parte da mina. Por muito tempo depois, não conseguimos fazer com que nenhum dos rapazes se aproximasse daquele lugar”.

Depois de três dias escondido embaixo do chão, praticamente em reclusão solitária, Churchill adoeceu. Contaram o segredo e pediram ajuda a um médico, James Gillespie , que aconselhou que o trouxessem à superfície, pois tinha ficado “muito enervado”. Levaram-no para um depósito, deram-lhe uma chave e fecharam-no lá. Então, ao fim da tarde de 19 de dezembro, com a conivência de Howard e de outro inglês, Charles Burnham , Churchill abandonou esse esconderijo e seguiu viagem escondido entre uns fardos de lã num vagão que Burnham estava carregando na estação para despachar para a costa. Levou consigo um revólver, dois frangos assados, algumas fatias de carne fria, um pão, um melão e três garrafas de chá frio. O revólver, de fabricação alemã, marca Mauser e semiautomático, era um presente de seus amigos mineiros.

O vagão em que Churchill se escondeu foi levado pela locomotiva da mina,

com outros seis vagões, da mina de carvão até a estação de Witbank. Na estação, o vagão foi atrelado a um trem que ia para a costa. Burnham, que viajava no trem, ficou aliviado quando lhe disseram, numa estação por onde passaram, que “sim, Churchill passou por aqui dois dias atrás, vestido de padre católico romano”.

Churchill continuava escondido entre os fardos de lã quando o trem chegou à fronteira portuguesa do lado do Transvaal. A certa altura, alguns homens se aproximaram do vagão onde ele estava escondido e começaram a inspecioná-lo.

“Ouvi o barulho do oleado quando o puxaram”, escreveu ele mais tarde, “mas felizmente não inspecionaram o fundo do vagão”. O trem continuou então em seu caminho através da África Oriental. Churchill, que memorizara os nomes das estações, emergiu dos fardos de lã assim que ouviu o nome da primeira estação do lado português da fronteira e, recordou mais tarde, “cantei, gritei e berrei o mais alto que pude”.

Estava tão cheio de “gratidão e prazer”, escreveu ele mais tarde, “que disparei meu revólver duas ou três vezes para o ar”. Ao chegar ao destino do trem, um depósito de mercadorias em Lourenço Marques, saltou do vagão, “preto como um limpador de chaminés”, recordou Burnham mais tarde, “devido ao pó de carvão guardado no fundo do vagão”. Eram 16h de 21 de dezembro. Churchill foi imediatamente ao consulado britânico, onde o cônsul telegrafou para Milner: “Por favor, informe aos familiares que Winston Churchill chegou hoje.”

No consulado, Churchill encontrou “um banho quente, roupas lavadas, um excelente jantar e um telégrafo: tudo o que poderia desejar”. Entre os telegramas que enviou nessa tarde havia uma mensagem para Louis de Souza, em Pretória, em que lhe assegurou: “Fuga não devida a qualquer falha de seus guardas.” Foi um gesto magnânimo, que pretendia proteger as sentinelas de um castigo indevido.

Ao ler os jornais que o cônsul lhe fornecera, Churchill percebeu, pela primeira vez, a verdadeira dimensão das recentes derrotas britânicas, piores do que quaisquer outras desde a Guerra da Crimeia quase meio século antes. Entre os britânicos derrotados no campo de batalha encontrava-se o general Buller, que fora forçado a sair de Colenso quando tentava atravessar o Tugela e levantar cerco a Ladysmith. Ansioso por voltar à Frente, Churchill decidiu partir nessa mesma noite para Durban. Contudo, havia quem receasse que simpatizantes dos bôeres em Lourenço Marques tentassem raptá-lo e levá-lo de volta a Pretória. Para impedir tal coisa, um grupo de ingleses que viviam na cidade reuniu-se no jardim do consulado, totalmente armados, e escoltaram-no até o cais. Quatro

horas depois de sua chegada, ele estava a salvo a bordo do navio.

“É da cabine deste pequeno barco que navega ao longo das costas arenosas da África”, informou Churchill ao *Morning Post*, “que escrevo as linhas finais desta carta, e o leitor talvez compreenda por que as escrevo com um sentimento de triunfo, e melhor ainda, um sentimento de pura felicidade”.

Ao chegar a Durban na tarde de 23 de dezembro, Churchill ficou espantado por encontrar uma enorme e entusiástica multidão no cais. Aclamando-o, seguiram-no até os degraus da Câmara, onde ele lhes contou sobre sua fuga e falou com confiança sobre o resultado da guerra. “Depois de uma hora de confusão”, escreveu ele, “que eu, admito, apreciei muito, fugi para o trem”. Ansioso para chegar novamente à Frente, viajou pela mesma estrada de ferro em que tinha sido capturado um mês antes, de regresso a Pietermaritzburg, para unir-se às forças britânicas.

Nessa noite, Churchill foi convidado do governador de Natal. No dia seguinte, continuou pela via férrea até o quartel-general de Buller. Para sua surpresa, o quartel estava praticamente no mesmo local em que se dera a emboscada ao trem blindado. Era véspera de Natal, e Churchill passou na barraca dos funcionários da estrada de ferro a algumas centenas de metros do local onde tinha sido capturado 36 dias antes.

“Winston Churchill apareceu aqui após fugir de Pretória”, escreveu Buller a um amigo em 26 de dezembro. “Ele é realmente um ótimo indivíduo e tenho de admitir que o admiro muito. Quem me dera que ele chefiasse tropas irregulares em vez de escrever para um jornal sem valor. Aqui faltam bons homens, como parece que ele é.”

Numa fase ruim da guerra, a fuga de Churchill funcionou como um gratificante momento de animação e sucesso. Tornou-o conhecido em toda a Grã-Bretanha, fazendo com que seus relatos posteriores no *Morning Post* fossem muito lidos. Um popular musical em cartaz nesse mês chegou a citá-lo numa canção:

*Já ouviram falar da capela de Brimstone,
Por isso nem preciso dizer
Que ele é o mais recente
e o maior correspondente que podemos ter.*

Em 3 de janeiro de 1900, os jornais britânicos anunciaram que Churchill tinha aceitado uma comissão na Cavalaria Ligeira da África do Sul. Era novamente

um soldado, e, contudo, escreveu à mãe, Buller tinha lhe dado um posto de tenente “sem exigir que abandone meu estatuto de correspondente, por isso evidentemente gozo de grande favor”. No entanto, disse a Pamela Plowden , numa carta de 10 de janeiro, que o próprio Buller valia “muito pouco”. Havia apenas “um grande general — Sir Bindon Blood —, mas o Ministério da Guerra não o considerará, por isso de que adianta irritar o homem no leme?”. Churchill também incitou a srta. Plowden a ser “corajosa e ter confiança” no resultado do conflito, pedindo que “não permita que os incidentes da guerra obscureçam a tendência geral dos acontecimentos”. As repúblicas bôeres, acrescentou, “estão perdendo força”.

A determinação bôer era, no entanto, extraordinária. Quando Buller atravessou o Tugela na segunda semana de janeiro, Churchill escreveu sobre a batalha em seu artigo para o *Morning Post* : “Vi muitas vezes homens mortos na guerra — milhares em Omdurman e muitos em outros lugares, pretos e brancos, mas os bôeres mortos despertam as mais penosas emoções.” Então, descreve um homem de seus sessenta anos, “com firmes traços aquilinos e uma pequena barba”, que recusou todas as ofertas de rendição e que continuou carregando o fuzil quando sua perna esquerda foi acertada por uma bala. Junto com ele estava um rapaz de uns 17 anos que fora atingido no coração e, um pouco adiante, “nossos dois pobres atiradores jaziam com as cabeças arrebatadas como cascas de nozes”. Churchill acrescentou: “Ah, horrível guerra, assombrosa mistura do glorioso e do miserável, do desprezível e do sublime, se os homens modernos tão capazes e inteligentes vissem sua face mais de perto, os mortais comuns dificilmente voltariam a vê-la.”

Na travessia do rio Tugela, Churchill viu muitos exemplos da crueldade da guerra. “As cenas em Spion Kop estão entre as mais estranhas e mais terríveis que já testemunhei”, escreveu ele a Pamela Plowden em 28 de janeiro. A batalha tinha sido “um sério revés”, com a perda de setenta oficiais e de 1.500 soldados e “poucos avanços”. Ele tinha acabado de passar “cinco dias muito perigosos debaixo de fogo, e, numa ocasião, a pena do meu chapéu foi cortada por uma bala”. Mesmo não passando de um jornalista, não voltaria para casa agora. “Para o bem ou para o mal, estou comprometido e estou satisfeito. Não sei se verei o fim ou não, mas tenho quase certeza de que só deixarei a África quando o assunto estiver resolvido.”

Duas semanas antes, Churchill declinara um convite feito pelos eleitores conservadores de Southport para ser seu candidato nas próximas eleições gerais.

Em 28 de janeiro, lady Randolph chegou a Durban, encarregada do navio-hospital *Maine*, que ela tinha ajudado a organizar e a equipar. Churchill correu a Durban para vê-la e para levar consigo para a Frente do rio Tugela seu irmão Jack, agora oficial, que tinha ido com ela. Para seu primo, Hugh Frewen, que tinha escrito sobre o mau estado de espírito em casa, Churchill escreveu em 5 de fevereiro, a partir do Tugela: “Não deve permitir que sua mãe e amigos fiquem desanimados com essa guerra. É dever de alguns britânicos pegar em armas e atirar com precisão, mas é dever de todos permanecerem alegremente determinados.”

“Vamos fazer um ataque geral, essa tarde ou pela manhã, às posições bôeres além do Tugela”, disse Churchill a Frewen, “e espero e rezo para que em breve você tenha boas notícias da vitória”. Na ação que se seguiu, Jack foi ferido numa perna e enviado para o navio-hospital da mãe em Durban. “Coitado do Jack”, escreveu Churchill a Pamela Plowden. “Aí está um exemplo dos caprichos da sorte. Houve um tiroteio muito intenso, com balas que caíam no chão ou assobiavam ao nosso redor às dezenas. Jack estava prostrado. Eu andava de um lado para o outro sem qualquer proteção, eu que desafiei a sorte tantas vezes. E Jack foi atingido.”

Churchill ficou novamente no centro da ação em 25 de fevereiro. “Há duas horas quase fui morto por uma granada”, escreveu ele à srta. Plowden no mesmo dia. “Porém, embora eu estivesse no lugar onde explodiu, Deus protegeu-me. Oito homens ficaram feridos.” Agora perguntava a si próprio “se chegaremos ao fim e se viverei para vê-lo”. Havia “um contínuo fluxo de feridos” a caminho dos hospitais, perto de mil homens nos dois dias anteriores. “A guerra é muito amarga, mas eu tenho confiança de que não nos mostraremos menos determinados do que o inimigo.” A carta terminava com uma nota pessoal: “Meus nervos nunca estiveram melhores, e acho que cada dia me preocupo menos com as balas.”

Em 28 de fevereiro, lorde Dundonald preparou-se para entrar em Ladysmith com dois esquadrões de cavalaria e convidou Churchill para cavalgar com ele. Ronald Brooke, um dos soldados amigos de Churchill, também participou dessa histórica cavalgada. Seu irmão, Alan, seria chefe do Estado-Maior imperial na Segunda Guerra Mundial.

“Nunca esquecerei essa cavalgada”, escreveu Churchill ao *Morning Post*. “A tarde estava deliciosamente fresca. Meu cavalo era forte e estava descansado, pois eu o trocara ao meio-dia. O solo era irregular e com muitas pedras, mas

pouco nos importávamos com isso.” Enquanto a cavalaria avançava, eles podiam ouvir a artilharia britânica disparando. “O que estava acontecendo? Não importa. Já tínhamos quase atravessado o perigoso terreno. O brigadeiro, o Estado-Maior e as tropas deixaram seus cavalos.” De repente, surgiu uma patrulha armada.

— Alto, quem são?

— A coluna de libertação de Ladysmith — respondeu-se.

Então, escreveu Churchill, “das trincheiras e dos fossos de atiradores muito bem escondidos na vegetação saíram correndo vários homens esfarrapados, comemorando debilmente e alguns chorando. À meia-luz, pareciam espantosamente pálidos e magros. Um pobre oficial, de rosto muito pálido, agitava seu capacete de um lado para o outro, e ria loucamente; os altos e fortes cavaleiros coloniais, em pé nos estribos, elevaram um clamor forte e retumbante, pois então soubemos que tínhamos chegado à linha de patrulha de Ladysmith”.

O cerco a Ladysmith tinha terminado; nessa noite Churchill jantou com o defensor da cidade, Sir George White . Junto dele, à mesa, sentou-se outro defensor, seu amigo Ian Hamilton . “Nunca antes me sentara em tão valente companhia”, escreveu Churchill mais tarde, “nem estivera tão perto de tão grande acontecimento”. Seu relato da entrada em Ladysmith, que foi publicado no *Morning Post* , foi amplamente lido e apreciado. Além de descrever a animação do fim do cerco, expressou sua convicção de que, uma vez ganha a guerra, “o povo da Inglaterra deve dedicar-se a estimular e a apoiar o espírito do povo por meio de medidas de melhoria e reformas sociais”.

Entre os leitores de Churchill estava Joseph Chamberlain , que lhe escreveu dizendo quão “amáveis e claros” eram seus artigos e desejando “constante sucesso e distinção”. Também chegaram notícias de que seu romance *Savrola* tinha sido publicado. Muitos críticos tinham elogiado suas cenas de ação; o *Manchester Courier* qualificou-as como “absolutamente brilhantes”. Diversas frases do romance foram destacadas com comentários favoráveis, entre elas sua descrição de um imperialismo degenerado: “Nossa moral desaparecerá, mas nossas Maxim permanecerão.”

No dia seguinte à libertação de Ladysmith, Churchill enviou ao *Morning Post* um telegrama descrevendo o desfile de vitória. “Foi um cortejo de leões. E quando os dois batalhões se encontraram, ambos cheios de distinções, e velhos amigos saíram das fileiras e apertaram as mãos e gritaram, todos se entusiasmarão. Acenei com meu chapéu emplumado e aplaudi, cheio de alegria

por ver esse dia.”

Os relatos de Churchill eram muito apreciados; um oficial, o capitão Skipwith, após criticar numa carta privada a falta de experiência de muitos jornalistas então na África do Sul, acrescentou: “Winston Churchill é a exceção. Ele vai e vê as coisas com seus próprios olhos, e não através de um telescópio de longo alcance ou dos ouvidos de outros.” Enquanto ainda estava em Ladysmith, Churchill recebeu uma carta de um americano, o major James Pond, oferecendo-se para organizar um ciclo de palestras por todos os Estados Unidos. Churchill escreveu imediatamente à mãe: “Agora, por favor, não deixe que isso caia por terra.” Ele deu à mãe instruções para ela descobrir se o agente era “o homem mais importante, e, se não for, quem é”.

Cheio de criatividade, Churchill decidiu escrever também uma peça sobre a Guerra dos Bôeres, dizendo a Pamela Plowden que queria que fosse representada em Londres no outono, no Her Majesty’s Theatre: “Será perfeitamente fiel em todos os aspectos, e os efeitos cênicos deverão ser tão originais e surpreendentes que os espectadores devem se imaginar debaixo de fogo.” A peça teria de ser “espetacular”, acrescentou, “mas acredito que com meu nome e uma boa ajuda de um hábil dramaturgo obtenha grande sucesso”. Ele precisaria de ajuda para o enredo, mas estava confiante: “Eu consigo fazer as pessoas falarem e agirem como fariam numa guerra.”

Numa nota pessoal, Churchill expressou seu pesar por tantos amigos de Pamela terem morrido na guerra. “Tenho fé de que não serei mais um.” A um correspondente que lhe pediu que tivesse cuidado, respondeu: “Acho que os bôeres não estão fazendo esforços especiais para me matar. Se estão, não posso dar-lhes os parabéns pela eficácia, pois já tiveram muitas oportunidades e até agora, graças a Deus, não conseguiram.”

Agora, muitas pessoas apresentadas a Churchill percebiam que ele era uma figura notável. “Estou muito orgulhoso por tê-lo conhecido”, escreveu o perito de artilharia naval e capitão Percy Scott, na época comandante militar em Durban, “porque não foi por acaso que você fez uma maravilhosa carreira”. Scott tinha “certeza de que um dia apertarei sua mão como primeiro-ministro da Inglaterra, pois você possui os dois requisitos necessários: gênio e perseverança. Combinados, creio que nada pode detê-los”.

Em Ladysmith, Churchill ficou chocado com a violência do sentimento popular contra os bôeres. “Eu trataria os bôeres com toda a generosidade e tolerância”, escreveu ele a um correspondente em 22 de março, “suprindo as necessidades daqueles que ficaram feridos na guerra e das mulheres e crianças

desamparadas”. Para ser duradoura, a paz deve ser honrosa. “Nós não procuramos vingança”, escreveu para o *Natal Witness* em 29 de março, nem mesmo pelo “peso da vergonha” das primeiras derrotas. O objetivo da guerra tinha sido “obter a paz, e não para fazer sofrer”. Nada deve ser feito para impedir a consecução da paz. “Ao mesmo tempo que continuamos a fazer guerra com infatigável energia”, escreveu ele, “e sem remorsos, castigando aqueles que resistem a nós — até o último homem se for preciso —, devemos também facilitar para o inimigo a aceitação da derrota. Devemos persuadir e compelir”.

Churchill estabeleceu então uma regra geral para a última fase do conflito: “Cuidado para não conduzirem os homens ao desespero. Até um rato acossado é perigoso. Nós desejamos uma paz rápida, e a última coisa que queremos é uma guerrilha. Aqueles que pedem ‘olho por olho, dente por dente’, devem perguntar a si mesmos se esses áridos despojos valem cinco anos de sangrenta guerrilha e o consequente empobrecimento da África do Sul.”

Seria preciso “fusão e concordância” entre os holandeses e os britânicos, escreveu Churchill. Não se deve poder dizer que a população de Natal lutou bem, “mas estava embriagada com a animosidade racial”, que foi valente na batalha, “mas vingativa na vitória”. A reação a esse convite à moderação e a convites semelhantes em seus telegramas para o *Morning Post* foi hostil. “Winston está sendo severamente criticado por seus telegramas pacíficos”, escreveu Jack, que estava também em Ladysmith, à mãe no início de abril. “E aqui em Natal todos estão contra seus pontos de vista”, completou.

Nessa semana, sabendo que Haldane tinha fugido de Pretória por meio de uma passagem subterrânea que abrira para sair da escola-modelo, Churchill escreveu-lhe a felicitá-lo, contando também que o episódio do trem blindado em que ambos tinham sido capturados “ficara bastante famoso na história da guerra”.

Então, Churchill pediu permissão para se juntar à coluna de Ian Hamilton em seu avanço pelo Estado Livre de Orange até o Transvaal e Pretória. Mais tarde, soube que lorde Roberts não tinha querido que ele fosse para o Estado Livre de Orange como correspondente, com a desculpa de que sua presença ali, disse ele à mãe, “seria desagradável para lorde Kitchener por causa do livro *The River War*”. Contudo, Roberts submeteu-se à fama de Churchill e partiu a caminho de sua nova campanha, viajando de trem para Durban e passando pelo local da emboscada e pelos destroços do próprio trem, que, escreveu Churchill ao *Morning Post*, “ainda está ao lado da linha, para onde o arrastamos com tanto

trabalho e sob tanto perigo”.

De Durban, Churchill embarcou para East London, onde pegou o trem para a Cidade do Cabo. Depois, viajou em outro trem para Bloemfontein e além. Em Dewetsdorp, como tinha prometido ao amigo Angus McNeill alguns dias antes, juntou-se aos seus batedores. Era 22 de abril, e a tarefa nesse dia era expulsar um comando bôer que estava no topo de um monte. Quarenta ou cinquenta batedores, Churchill entre eles, cavalgaram em direção ao cume, mas os bôeres chegaram primeiro. McNeill ordenou que seus homens recuassem. No preciso momento em que os bôeres abriram fogo com suas espingardas, Churchill, que tinha desmontado, colocava um pé no estribo. “O cavalo, aterrorizado com os tiros, arrancou violentamente. Tentei saltar para a sela, mas ela rodou para a barriga do animal. Ele se afastou, galopando loucamente.”

Muitos batedores já estavam a uns duzentos metros enquanto Churchill estava sozinho, desmontado, ao alcance dos tiros dos bôeres e a pelo menos dois quilômetros de qualquer tipo de cobertura. “Tinha um único consolo: minha pistola. Não seria perseguido desarmado em campo aberto, como acontecera antes, mas a melhor perspectiva era um ferimento grave.” Virou-se e, como tinha acontecido no episódio da via férrea cinco meses antes, correu para escapar dos atiradores bôeres. Enquanto corria, pensou: “Finalmente, chegou a minha hora.”

De repente, um dos batedores de McNeill passou por ele. Churchill gritou-lhe: “Dê-me um estribo.” O batedor parou, e Churchill saltou para cima do cavalo. “Então cavalgamos. Estiquei os braços em volta dele para agarrar a crina. Minha mão ficou cheia de sangue. O cavalo tinha sido gravemente atingido, mas, corajoso, continuava com nobreza. As balas nos perseguiam, apitando e assobiando por cima das nossas cabeças.”

— Não tenha medo — disse o batedor a Churchill. — Meu pobre cavalo foi atingido por uma bala — gritou ele. — Inferno! Mas a hora deles chegará. Ah, meu pobre cavalo!

— Não se preocupe — disse Churchill. — Ele salvou minha vida.

— Ah — replicou o soldado —, mas é com o cavalo que estou preocupado.

Alguns minutos depois, Churchill estava a salvo e ileso. “Tive muita sorte”, foi seu comentário quando enviou a história por telegrama para o *Morning Post*, observando também que o soldado Charles Roberts, o cavaleiro que lhe salvara a vida, tinha sido mencionado como possível merecedor da Victoria Cross por sua bravura. Roberts, no entanto, não recebeu qualquer medalha. Somente em 1906, quando Churchill era secretário de Estado das Colônias,

conseguiu persuadir as autoridades a lhe concederem a Medalha por Conduta Distinta.

Churchill tinha consciência da sorte que tivera em Dewetsdorp. “Na verdade”, escreveu à mãe, “acho que nunca estive tão perto da morte”. Junto com o primo Sunny e com um novo amigo, “Bendor”, duque de Westminster, Churchill passou a cavalgar com a coluna do general Hamilton em direção a Pretória. À medida que avançavam, vários amigos mais próximos iam sendo mortos. Churchill escreveu à mãe para contar que George Brasier-Creagh, amigo de ambos, fora atingido no estômago e “morreu em grande sofrimento e completamente sozinho numa quinta”.

Outro amigo de Churchill, o irmão de Ronald Brooke, Victor, tivera a mão esquerda deformada. “É um rapaz muito simpático e inteligente”, disse Churchill à mãe. “Tem muito bom aspecto e é muito corajoso.” Ela deveria convidá-lo para almoçar “e tratá-lo muito bem em favor a mim”, e ainda pedir a um ou dois generais de suas relações que o recebessem. Catorze anos depois, Victor Brooke seria morto em combate na França ainda nos primeiros meses da Primeira Guerra Mundial.

Enquanto cavalgava com o exército de Hamilton em sua longa marcha através do Estado Livre de Orange, presenciando cada combate, Churchill decidiu aceitar os repetidos pedidos dos conservadores de Oldham para concorrer às próximas eleições gerais. Vários outros círculos eleitorais lhe tinham pedido, mas seria em Oldham. “Imploraram para eu não abandoná-los”, disse ele à mãe em 1º de maio.

“Vivi tantas aventuras”, escreveu Churchill à tia Leonie após duas semanas, “que apreciarei um pouco de paz e segurança. Já estive debaixo de fogo em quarenta ocasiões diferentes neste país, e uma pessoa não pode deixar de perguntar-se até quando durará a sorte”. No que lhe dizia respeito, “suporto muito bem o desgaste, e, na verdade, minha saúde, meus nervos e meu espírito nunca estiveram tão bem ao fim de sete meses de guerra”.

Em 15 de maio, enquanto seguia com Hamilton em direção a Pretória, foi publicado em Londres seu quarto livro. Baseado nos primeiros 22 artigos que enviara ao *Morning Post*, a obra recebeu o título de *London to Ladysmith via Pretoria*. Duas semanas depois dessa publicação, Churchill viveu outra aventura. Hamilton estava então ao sul de Joanesburgo, e lorde Roberts a oeste da cidade, que os bôeres ainda não tinham evacuado completamente. Querendo enviar para o *Morning Post* seu relato da mais recente batalha pelo meio mais

rápido possível, Churchill decidiu arriscar-se a atravessar Joanesburgo e enviar o texto no quartel-general de Roberts . Hamilton , impressionado com essa ousadia, deu-lhe seu próprio relatório oficial da batalha, que devia ser entregue em mãos a Roberts . Um francês chamado Lautré, que trabalhava numa das minas de ouro das redondezas, preveniu-o de que a viagem a cavalo através de Joanesburgo seria perigosa, pois os bôeres certamente aprisionariam qualquer cavaleiro que atravessasse a cidade. Ele achava, contudo, que a travessia poderia ser feita de bicicleta por alguém vestido como um civil.

Lautré ofereceu-se para ir com ele. “Tirei meu uniforme”, contou Churchill aos seus leitores no artigo seguinte, “vesti roupas comuns que tinha na mala e troquei meu chapéu de aba virada por um boné”. Usando esse disfarce, entrou em Joanesburgo com Lautré, pedalando uma bicicleta. “Se nos pararem, fale francês”, disse-lhe Lautré. Os dois homens prosseguiram caminho. “Grupos de pessoas de aspecto taciturno conversavam nas esquinas”, escreveu Churchill, “e olhavam para nós com desconfiança”. A certa altura, um bôer armado, a cavalo, aproximou-se. “Nossos olhos se encontraram. Então, ele se afastou despreocupadamente e logo esporeou o cavalo e galopou de forma branda.”

Ao sair da cidade em sua bicicleta, Churchill foi abordado por três soldados britânicos. Estavam à procura de alguma coisa para comer. Churchill avisou-os que ainda havia bôeres armados perambulando pelas ruas. Os soldados recuaram, acompanhando os dois ciclistas até as linhas britânicas. Churchill estava novamente a salvo. Pôde também informar Roberts de que os bôeres ainda não tinham evacuado completamente de Joanesburgo. Nessa noite, após ter enviado seu telegrama para o *Morning Post* e entregado o relatório de Hamilton , foi convidado a entrar pelo próprio Roberts . “Como conseguiu atravessar a cidade?”, perguntou-lhe o comandante-chefe. Churchill contou a ele. “Seus olhos brilharam”, escreveu Churchill. “Brilharam intensamente de prazer, divertimento, aprovação ou, de qualquer forma, de um sentimento amistoso.”

Joanesburgo foi ocupada e o avanço britânico continuou em direção a Pretória. Em 4 de junho, as forças bôeres foram derrotadas fora da capital. Na manhã seguinte, antes que o corpo principal das tropas britânicas entrasse na cidade, Churchill partiu com um grupo de oficiais, alcançando o general que avançava para a estação de trem. Enquanto cavalgavam, os oficiais foram parados pelas cancelas fechadas da via férrea. “Muito lentamente”, recordou Churchill mais tarde, “passou diante de nossos olhos um comprido trem puxado por duas locomotivas e repleto de bôeres armados, com fuzis apontados de

todas as janelas. Olhamos uns para os outros, estupefatos, a três metros de distância do trem. Um único tiro teria iniciado uma horrível carnificina de ambos os lados. Ainda que lamentássemos termos perdido o trem, foi com indisfarçável alívio que vi o último vagão deslizar lentamente diante de nós”.

Churchill continuou em seu trajeto até o novo edifício onde estavam os prisioneiros britânicos. Nessa manhã, cinquenta sentinelas bôeres, dentro e fora da prisão, guardavam 150 oficiais britânicos e trinta soldados. Um prisioneiro, Melville Goodacre , escreveu em seu diário que, por volta de 9h, “de súbito, Winston Churchill surgiu galopando pela colina, arrancou a bandeira bôer e içou a nossa entre vivas”.

“Tirei meu chapéu e gritei”, escreveu Churchill. “O grito foi instantaneamente respondido do interior do edifício.” Entre os homens que viram o chapéu erguido de Churchill, estava o tenente Frankland , que tinha sido capturado com ele no trem blindado.

“Houve uma corrida desenfreada através da cerca”, escreveu Frankland . “Com gritos roucos e discordantes, os prisioneiros precipitaram-se como loucos para dar as boas-vindas ao primeiro dos seus libertadores. E quem eu vi ao chegar ao portão senão Churchill?” Na Primeira Guerra Mundial, Frankland seria morto em Galípoli, após ter sido um dos primeiros oficiais britânicos a desembarcar na península.

Cinco horas depois da libertação dos prisioneiros, Roberts finalmente entrou em Pretória, onde recebeu a saudação de suas tropas vitoriosas. Com Pretória tomada, Churchill escreveu à mãe em 9 de junho: “Estou pronto para voltar para casa. A política, Pamela, as finanças e os livros precisam de minha atenção.” Aconselhou também o irmão, que ainda estava em serviço com as forças na província de Natal, voltando para a Inglaterra: “Na verdade, quando penso na condição desprotegida de nossa ilha, recomendo fortemente que se ofereça como voluntário para o serviço em Londres.”

Churchill continuou com o exército de Hamilton até Diamond Hill, onde, em 11 de junho, encontrou-se no meio de uma violenta batalha. “Uma ratoeira” de fuzis e artilharia, como descreveu em seu telegrama para o *Morning Post* . Porém, não escreveu nada sobre suas próprias ações nessa ocasião nem se referiu a elas nas suas memórias escritas trinta anos mais tarde. Contudo, 44 anos depois da batalha, Hamilton publicou um relato completo daquilo a que chamou de “a conspícua valentia de Churchill [frase frequentemente usada nas recomendações para a Victoria Cross], pela qual nunca recebeu verdadeiro reconhecimento”.

As tropas de Hamilton encontravam-se no sopé de um alto outeiro, cujo cume estava ocupado pelos bôeres. A chave daquele campo de batalha, escreveu Hamilton , estava no cume, “mas ninguém o sabia até Churchill, que tinha sido destacado para minha coluna pelo alto comando, arranjar uma maneira de me enganar e subir no monte, cuja maior parte não estava coberta pelos bôeres. Eles se alinhavam no cume, pois tinham de manter a cabeça baixa por causa do nosso intenso fogo. Ele subiu o monte, como nossos batedores eram treinados para fazer na fronteira indiana, e escondeu-se num nicho, a uma distância não muito maior do que um tiro de pistola quase na frente dos comandos bôeres — não foi uma proeza pequena em plena luz do dia”. Foi também um ato, refletiu Hamilton , que demonstrava “grande confiança” na precisão da artilharia britânica que disparava para o cume.

Bastava que meia dúzia de bôeres “tivessem corrido vinte metros no alto do monte”, escreveu Hamilton , “para o derrubarem do seu posto com uma saraivada de pedras. Assim, em seu esconderijo elevado, Winston teve a coragem de fazer um sinal para mim, se bem me lembro, com seu lenço branco atado a um pedaço de pau, indicando que, se eu conseguisse subir ao cume com minha infantaria montada, conseguiríamos vencer a batalha”.

Foi o que Hamilton fez; essa ação, que assegurou que os bôeres não conseguissem retomar Pretória, foi, na opinião de Hamilton , “o ponto de virada da guerra”. Nessa noite, os bôeres retiraram-se. Contemplando as tropas britânicas vitoriosas que marchavam diante de lorde Roberts , Churchill, que não fez referência ao seu papel na batalha, descreveu os homens como “cansados da guerra, mas animados pela esperança de paz e determinados a ver o assunto resolvido. Espera-se que todos regressem sãos e salvos ao seu país”.

De Diamond Hill, Churchill voltou a Pretória. Estava lá em 16 de junho quando 3 mil exemplares de seu livro *London to Ladysmith via Pretoria* foram publicados nos Estados Unidos. Quatro dias depois, pegou o trem para a Cidade do Cabo; 160 quilômetros ao sul de Joanesburgo, depois de ter passado pela estação de Kopjes, o trem parou subitamente. Churchill desceu. Então, para seu horror, um projétil bôer rebentou quase aos seus pés, “com um estampido espantoso”, recordou mais tarde, “arrancando pedaços do chão”. Cem metros adiante, uma ponte de madeira estava em chamas. O trem estava repleto de soldados enviados para o sul ou para casa. “Não havia ninguém no comando. Os soldados começaram a sair das carruagens no meio de uma grande confusão. Não vi oficiais.”

Churchill assumiu o comando, temendo uma emboscada semelhante ao

ataque com o trem blindado em Frere, correu ao lado da via até a locomotiva, “subi para a cabine e ordenei ao maquinista que tocasse o apito para que os homens voltassem para o trem e que recuasse imediatamente para a estação de Kopjes”. O maquinista obedeceu. “Enquanto estava parado no estribo, certificando-me de que os soldados tinham voltado para o trem”, recordou Churchill mais tarde, “vi, a menos de cem metros, no leito seco embaixo da ponte em chamas, um grupo de figuras escuras. Seriam os últimos bôeres que eu veria como inimigos. Coloquei a coronha de madeira na minha pistola Mauser e disparei seis ou sete vezes contra eles. Eles fugiram sem reagir. Então, o trem arrancou e, em breve, estávamos a salvo dentro da estação de Kopjes”. “Que fuga deve ter sido!”, escreveu Jack à mãe ao saber dos acontecimentos.

Na estação de Kopjes, souberam de uma feroz ação em andamento poucos quilômetros adiante, junto à linha, onde o trem anterior continuava sendo atacado por uma grande força de guerrilha bôer provida de artilharia. Mais de cinquenta soldados do trem haviam sido mortos ou feridos. Estando cortada a via férrea para a Cidade do Cabo, Churchill pediu um cavalo emprestado para continuar sua viagem de regresso à pátria. “Pensei durante muitos anos”, escreveu ele em 1930, “que o projétil Creusot que rebentou tão perto de mim era o último projétil de guerra que eu veria na minha vida”. De volta à Cidade do Cabo, Churchill teve uma terceira conversa com Milner, que tinha esperança de conseguir a ajuda de bôeres moderados contra os extremistas.

“Falei livremente das minhas ideias sobre o futuro”, escreveu-lhe Milner já no dia seguinte, “porque vi seu interesse e porque quero sua ajuda”. Enquanto estava na Cidade do Cabo, Churchill soube do enorme sucesso de seu livro *London to Ladysmith via Pretoria*. Tinham sido vendidos 11 mil exemplares em menos de seis semanas. “Isso significa 720 libras para mim.” O lucro resultante dos outros livros, habilmente investido por um amigo de seu pai, Sir Ernest Cassel, dera-lhe mais 427 libras. Os telegramas do *Morning Post* lhe renderam 2.050 libras, a soma mais elevada já paga a um jornalista por semelhante trabalho. Os problemas com dinheiro tinham terminado.

Churchill deixou a África do Sul em 7 de julho. Nunca mais voltaria a vê-la.

8.

No Parlamento

Em 10 de julho de 1900, enquanto Churchill estava num navio da África do Sul a caminho da Inglaterra, a revista *Vanity Fair* publicou uma caricatura dele feita por Spy e um esboço da sua personalidade. “É um indivíduo inteligente, que tem a coragem de suas convicções”, informava o texto. “Sabe escrever e sabe lutar.” “Desejou ardentemente entrar na política desde a infância e é provável que cada um dos seus esforços, militares ou políticos, tenha sido feito com essa intenção.” Tinha alguma coisa de esportista e “orgulha-se de ser mais prático do que dândi; é ambicioso, pretende seguir adiante e ama seu país, mas dificilmente será escravo de algum partido”.

Em 20 de julho, Churchill desembarcou em Southampton. Depois, em 25 de julho, foi a Oldham, onde foi lançado como futuro candidato às eleições gerais. Estava confiante em que conseguiria reverter a derrota do ano anterior. “Durante sua visita”, contou ao irmão, fizeram-lhe “uma extraordinária recepção. Mais de 10 mil pessoas saíram às ruas com bandeiras, tocando tambores e gritando durante duas horas até ficarem roucas, e, embora já fosse meia-noite quando deixei o Clube Conservador, as ruas ainda estavam apinhadas de gente”.

No dia seguinte, Churchill descreveu sua fuga diante de um público extasiado no Theatre Royal em Oldham. “Como nossas forças já tinham o distrito mineiro de Witbank”, recordou mais tarde, “e aqueles que me ajudaram se encontravam a salvo sob a proteção britânica, eu estava livre para contar toda a história pela primeira vez. Quando mencionei o nome de Dewsnap , o engenheiro de Oldham que me escondera na mina, o público gritou: ‘A mulher dele está na galeria!’ Houve uma manifestação de júbilo geral”.

A mãe de Churchill não fora a Southampton para recebê-lo, como ele esperava, estando prestes a casar com um oficial do exército, o capitão George Cornwallis-West , que era apenas dezesseis dias mais velho do que o filho dela e vinte anos mais novo do que ela. O casamento aconteceu em 27 de julho. “Correu tudo muito bem”, disse Churchill a Jack . “Toda a família Churchill, de Sunny para baixo, foi reunida em um sólido grupo, e sua aprovação ratificou o

assunto.”

Três dias depois do casamento da mãe, Churchill foi convidado por George Wyndham à Câmara dos Comuns . “Fui tratado com grande civilidade por muita gente”, disse ele a Jack . Foi recebido no terraço, e “vários membros, do senhor Chamberlain para baixo, estiveram presentes e, de modo geral, fizeram uma recepção muito lisonjeira”. Seu futuro político parecia garantido. “Os jornais sempre me dão alguns parágrafos onde quer que eu faça um discurso”, contou ao irmão, “e muitos jornais do país escrevem artigos importantes sobre eles. Estão sempre chegando grandes pilhas de recortes da imprensa e não tenho razão para estar descontente com os progressos feitos”.

Em agosto, Churchill falou não só em Oldham, mas em uma dúzia de outras cidades. “Esses discursos têm muita importância para mim”, disse à mãe. Em Plymouth, falou sobre a fraqueza do exército britânico no caso de uma guerra europeia. O *Times* fez uma extensa reportagem sobre suas palavras, quase enchendo uma coluna: “Poucos tomaram reais providências contra, pensam eles, uma possibilidade tão remota”, disse Churchill. Porém, tanto o governo quanto a oposição concordavam em que as potências da Europa, “armadas até os dentes, encaram-nos com animosidade e em que nossas disposições para defesa militar não permitem que possamos contemplar a situação sem ansiedade”.

Durante sete anos, Churchill tinha sido treinado na teoria e na prática da guerra moderna, como disse ao seu público em Plymouth. “Deus me livre fazer-me de perito, mas sei o suficiente para dizer-lhes que há poucas coisas na administração militar que um homem de negócios com um pouco de imaginação e bom senso não possa entender se dedicar sua atenção ao assunto; e quem lhes disser o contrário não passa de um mentiroso”, continuou ele. A coragem do soldado britânico era igual à coragem que sempre tivera no passado, “mas não há razão para que sua arma seja a mesma”. O governo deveria acelerar o abastecimento dos depósitos de guerra.

Ao ler o relato completo de seu discurso no *Times* , sob o título “sr. Churchill fala sobre a reforma do Exército”, Churchill apressou-se em agradecer ao diretor e ao editor do jornal, escrevendo em 20 de agosto a Charles Moberly Bell : “Estou realmente muito agradecido ao senhor e a Buckle pela excelente reportagem sobre meu discurso em Plymouth, que foi publicada na edição de sábado do *Times*. É extremamente amável de sua parte ajudar-me desse modo.” Catorze anos antes, Buckle tinha tentado, mas já era tarde demais, dissuadir o pai de Churchill da ideia de enviar sua carta de demissão a lorde Salisbury.

Aos poucos, Churchill ia dominando todos os aspectos da arte de discursar. “No final, coloquei em seus lugares todos aqueles que me interromperam, para a alegria do público”, escreveu ele à mãe depois de um esforço pré-eleitoral. Nesse outono, também falou no jantar anual do instituto dos jornalistas. Era “uma oportunidade imperdível”, disse à mãe, “falar diante de praticamente toda a imprensa, com todos os editores e escritores da Grã-Bretanha”.

Os políticos se apressavam para tê-lo como seu convidado. Lorde Rosebery, com quem jantou, incitou-o a ter lições de elocução, mas Churchill disse-lhe: “Receio que nunca aprenderei a pronunciar o ‘s’ decentemente”. E nunca aprendeu, embora por fim tenha aprendido a formar, em vez de “s”, o som “ch” um pouco mais discreto. Muriel Wilson recordou mais tarde os passeios com Churchill para cima e para baixo pela propriedade de seus pais, Tranby Croft, enquanto ele praticava a frase “*The Spanish ships I cannot see, for they are not in sight.*”

Em agosto, o primo de Churchill, Sunny, alugou para ele um apartamento de solteiro em Mayfair, no nº 105 da Mount Street. Nos seis anos seguintes, essa seria sua casa e seu escritório. Ele era seu próprio chefe; quando a mãe o convidou a ir à Escócia nesse agosto, recusou. Oldham era onde ele deveria estar. “Seria uma loucura desperdiçar qualquer possibilidade de ser eleito apenas para me divertir ou descansar”, respondeu ele.

Em 19 de setembro, Churchill estabeleceu seu escritório para a campanha eleitoral numa casa nas proximidades de Oldham. Estava preocupado, como disse à mãe, porque a organização do círculo eleitoral estava “longe de ser perfeita. Insistem em fazer tudo, não permitindo que um especialista faça o trabalho decentemente”. Churchill buscou remediar essa fraqueza, conseguindo convencer Chamberlain a falar a seu favor, o que foi um feito considerável. John Hulme, um escritor que cobria a campanha de Churchill, escreveu na *Temple Magazine* :

Em circunstâncias normais, [ele] usa apontamentos cuidadosamente planejados de acordo com o efeito pretendido. Seu temperamento é muito nervoso, o que pode explicar sua tendência a gesticular exageradamente. Uma atitude repetida quando está discursando, usada sempre que diz alguma coisa que considera importante, é colocar ambas as mãos na cintura, sempre com um sorriso de satisfação. Em outras ocasiões, quando está muito animado, parece martelar as palavras com as duas mãos erguidas no ar.

As eleições em Oldham aconteceram em 1º de outubro, para os primeiros assentos a serem disputados em eleições que se prolongaram por mais de três semanas. Churchill foi eleito, mas por pouco. No círculo eleitoral de dois membros, o maior número de votos, 12.947, foi para um de seus adversários liberais , que ficou com o primeiro assento. Churchill, com apenas dezesseis votos a menos, saiu também vitorioso. O segundo candidato liberal, com apenas 221 votos a menos, foi derrotado, tal como o segundo candidato conservador, que concorria com Churchill, com 187 votos a menos. Tinham sido eleições excepcionalmente disputadas. Cometendo um erro raro, o *Times* noticiou que Churchill tinha sido derrotado, mas corrigiu o erro no dia seguinte e, num artigo em destaque, deu-lhe as boas-vindas a Westminster. Churchill logo escreveu a Bourke Cockran , contando-lhe a novidade: “Fui eleito para o Parlamento como representante de um dos maiores círculos eleitorais da Inglaterra, que conta com 30 mil prósperos trabalhadores eleitores. Essa vitória, que aconteceu no início das eleições, foi de grande valor para o Partido Conservador , porque deu-lhe a dianteira e iniciou um movimento.”

A um pedido urgente de Balfour , Churchill, que se dirigia a Londres e foi alcançado por um mensageiro quando já estava dentro do trem, partiu para Manchester para falar no círculo eleitoral de Balfour , onde as eleições ainda não tinham sido realizadas. Mais tarde, recordou-se de como, ao chegar à sala onde Balfour já discursava, “toda a assembleia levantou-se e gritou”. Nessa noite, viajou com Balfour para Stockport, onde ajudaria a terminar a campanha de Balfour . “De repente, tornei-me um dos dois ou três oradores mais populares nessas eleições”, disse ele a Cockran , “e estou agora numa luta que você conhece: grandes audiências (5 mil ou 6 mil pessoas), duas ou até três vezes por dia, bandas, multidões e entusiasmo de toda a espécie”.

O esforço de Churchill foi apreciado. “Você trabalhou bem para o partido”, escreveu-lhe Chamberlain , “e isso será importante para você no futuro”. Com apenas 25 anos, Churchill era membro do Parlamento. “É o ponto de partida para grandes possibilidades, infinitos momentos de animação e perigosas vicissitudes”, escreveu-lhe lorde Curzon , de Viceregal Lodge, em Simla. “Não duvido de que triunfará sobre tudo isso.”

“Nenhum homem que entrou no Parlamento”, escreveu-lhe St. John Brodrick , o novo ministro da Guerra, “fez mais do que você fez nos últimos dois anos para ter o direito de representar um círculo eleitoral”. Seu “único desgosto”, acrescentou Brodrick , com uma infalível perspicácia, como mais tarde seria provado, “é que tudo indica que você não estará na oposição, pois sua artilharia

será inevitavelmente dirigida contra nós!”.

Em 12 de outubro, doze dias depois de sua eleição para o Parlamento, Churchill lançou mais um livro, baseado nas treze reportagens telegráficas que tinha enviado para o *Morning Post* entre Bloemfontein e Diamond Hill e intitulado *Ian Hamilton 's March*. “Esse também deverá vender bem”, disse ao irmão. De fato, vendeu 8 mil exemplares até o fim do ano e mais 1.500 cópias nos Estados Unidos. Era agora autor de cinco livros, todos eles lucrativos. Aos 25 anos, observaria mais tarde com uma risada, tinha escrito “tantos livros quanto o Moisés”.

Churchill estava prestes a embarcar em outra carreira, dessa vez como conferencista. Um especialista em palestras havia organizado um circuito que lhe permitiria, em troca de uma porcentagem sobre as entradas, contar a história da Guerra dos Bôeres em auditórios por toda a Grã-Bretanha. O circuito começou em Harrow. “É minha primeira conferência”, escreveu ele ao seu antigo reitor, Henry Davidson, “e receio que não seja um grande sucesso”. Porém, as palestras foram um sucesso notável, atraindo grandes multidões. Entre 25 de outubro e o dia de seu vigésimo sexto aniversário, um mês mais tarde, fez trinta palestras, viajando até Dundee, no norte, e atravessando o mar da Irlanda para falar em Belfast e Dublin. Também falou em Oxford e Cambridge. Seu tema era “A guerra como eu a vi”.

Quando Churchill falou no St. James's Hall, em Londres, o comandante-chefe, lorde Wolseley, estava presente. “Não é pouca coisa para um palestrante”, relatou o *Times*, “ter conseguido manter a atenção de todos nesse auditório espaçoso durante uma hora e meia”. A conferência em Londres lhe rendeu 265 libras, o mesmo que um jovem com uma profissão comum ganharia em um ano. Ele concordou imediatamente em colocar seus proventos num plano de investimento destinado a trazer lucro rápido proposto por seu colega e candidato conservador em Oldham, Charles Crisp, a quem escreveu em 30 de outubro: “Por favor, consiga-me alguns lucros se puder. Tenho cerca de mil libras, que pretendo investir em qualquer coisa relativamente sólida, mas não há motivo para que não cresçam antes. Não entendo seus folhetos, mas ficarei muito grato se me fizer ganhar algum dinheiro.”

A maior audiência de Churchill em novembro foi em Liverpool, onde sua parte das receitas foi de 273 libras. Em 30 de novembro, dia em que completou 26 anos, deu uma palestra em Cheltenham, com a qual ganhou 220 libras. Quando terminou o circuito de palestras, tinha ganhado 3.782 libras, o equivalente a mais de cinco anos de rendimento para um profissional de sua

idade. Mesmo assim, em 1º de dezembro, um dia depois da palestra em Cheltenham, embarcou para os Estados Unidos para começar um circuito de palestras ainda mais extenuante. “Não quero que me arraste de um lado para o outro”, havia escrito ao seu agente americano, James Pond, “e não quero me esfalfar falando para audiências baratas e fora do circuito”. Também não queria “ser arrastado para eventos sociais de qualquer espécie nem quero pensar em falar sobre minhas experiências se não estiver sendo pago para fazê-lo”.

Ao chegar a Nova York em 8 de dezembro, Churchill começou suas palestras imediatamente. Foi apresentado ao seu primeiro público por Mark Twain , que declarou: “O senhor Churchill é inglês pelo lado do pai e americano pelo lado da mãe, sem dúvida uma mistura que faz o homem perfeito.” Depois da conferência, Churchill conseguiu convencer Twain a autografar os 25 volumes de seus escritos reunidos. No primeiro volume, Twain escreveu uma dedicatória: “Ser bom é nobre; ensinar os outros a serem bons é mais nobre e não causa transtornos.”

Em Washington, Churchill conheceu o presidente McKinley , com quem, disse ele à mãe, “ficara bastante impressionado”. Em Albany, conheceu o recém-eleito vice-presidente, Theodore Roosevelt , que em um ano seria presidente em consequência do assassinato de McKinley . Em muitas cidades, o circuito de palestras foi perturbado pelo sentimento pró-bôer da audiência, mas o *Westminster Gazette* , falando sobre o evento em Nova York, escreveu que “a palestra teve um tom tão moderado e tão generoso em seu tributo ao inimigo vencido, tão leal, tão vivo na narração, tão eficaz na proporção e na perspectiva, que conquistou a total simpatia de um público brilhante e muito crítico”.

Depois de seu sucesso financeiro na Inglaterra, Churchill ficou desapontado com o resultado americano. O total de seus proventos na América foi 1.600 libras, muito menos do que esperava, em parte devido ao fato de seu agente ter ficado com mais de 75% das receitas. Mesmo assim, era uma quantia formidável. Sua saúde também parecia sofrer. “Um certo nervosismo no início do circuito”, contou ele à mãe, “e o trabalho duro concomitante, juntamente com uma gripe que acho que peguei quando viajei nesses trens abafados, cheios de correntes de ar ou quentes demais, ocasionaram um acesso de febre”. Quando fez sua palestra em Washington, estava com 38,9°C de febre.

Depois do circuito nos Estados Unidos, Churchill foi para o Canadá, onde falou para grandes e entusiásticas audiências em Toronto, Montreal e Ottawa. Quando estava em Ottawa, foi convidado pelo governador-geral a ir ao palácio do governo. Entre os outros convidados estava Pamela Plowden . O romance

entre eles já havia terminado. “Não tivemos discussões dolorosas”, disse Churchill à mãe, “mas não tenho dúvida de que ela é a única mulher com quem eu poderia viver feliz”. Voltando ao assunto de suas finanças e de seus ganhos literários e como conferencista, Churchill disse à mãe:

Estou muito orgulhoso, pois não existe uma única pessoa em um milhão que na minha idade tenha conseguido ganhar 10 mil libras sem nenhum capital inicial e fazê-lo em menos de dois anos. Mas às vezes é um trabalho muito desagradável. Na semana passada, cheguei a uma cidade americana para fazer uma palestra e descobri que Pond não tinha combinado nenhuma conferência pública, e sim que eu havia sido contratado por quarenta libras para trabalhar numa festa noturna particular — e como mágico.

Em várias ocasiões, Churchill falou em teatros locais diante de “bancos quase vazios”.

Enquanto estava em Ottawa, Churchill tomou providências para que aqueles que o haviam abrigado na mina em Witbank, depois da sua fuga de Pretória, recebessem relógios de ouro com inscrições de agradecimento gravadas. “Acho que não é exagero gastar trinta ou quarenta libras nisso”, disse ele à mãe. Também enviou a ela, pouco tempo depois, uma doação de trezentas libras para o Fundo Príncipe de Gales, destinado a mulheres de soldados que prestavam serviço na África do Sul. Tinha angariado o dinheiro numa palestra especial de caridade. “Em certo sentido, ele pertence a você”, escreveu, “pois eu nunca o teria ganhado se não me tivesse dado a inteligência e a energia necessárias”.

Artigos e palestras levam muito tempo para serem preparados. “Escrevo muito raramente”, explicou Churchill à mãe em resposta a um pedido para um artigo, “e, quando o faço, gosto de obter uma circulação muito vasta e de produzir algum efeito na opinião pública do país”.

Em 22 de janeiro de 1901, enquanto ainda estava no Canadá, dando uma palestra em Winnipeg, Churchill soube que a rainha Vitória tinha morrido. Dez dias depois, no dia do funeral, embarcou para a Inglaterra, tendo primeiro pedido à mãe que separasse os “arquivos completos” do *Times* e vários jornais semanais, garantindo que estivessem à sua espera no cais. Em 14 de fevereiro, tomou seu lugar no Parlamento. Daí em diante, sua vida se desenrolaria diante dos olhos do público. Cada discurso que pronunciasse no Parlamento ou fora dele seria noticiado nos jornais e estaria sujeito aos comentários da imprensa e do público. Até mesmo seu primeiro discurso na Câmara dos Comuns, em 28

de fevereiro, foi ouvido, observou o *Morning Post*, por uma audiência “que poucos membros novos tinham conseguido”, que incluía dois velhos políticos liberais, Campbell-Bannerman e Asquith. Também estavam presentes, na Galeria das Senhoras, sua mãe e quatro irmãs do pai, lady Wimborne, lady Tweedmouth, lady Howe e lady de Ramsey: as tias Cornelia, Fanny, Georgiana e Rosamond.

Quando, durante seu discurso, Churchill disse à Câmara, “se eu fosse um bôer, desejaria estar lutando no campo de batalha”, os membros irlandeses nacionalistas o aplaudiram, e Chamberlain murmurou para seu vizinho: “Que desperdício de assentos.” Porém, Churchill rapidamente desiludiu os membros irlandeses simpatizantes dos bôeres com suas palavras seguintes: “É admirável que ilustres membros do partido irlandês falem e ajam assim a respeito de uma guerra em que tanto se conseguiu com a coragem, os sacrifícios e, acima de tudo, a capacidade militar de homens irlandeses.”

Se houve quem “se regozijou com essa guerra”, disse Churchill, “e alimentou esperanças de emoção ou perigo, já tiveram mais do que o suficiente”. A guerra tinha provocado perdas que eram motivo de tristeza. Ele próprio perdera “muitos bons amigos”, mas acrescentou: “Não temos motivo para nos envergonharmos da guerra nem direito de ficarmos tristes ou lúgubres.”

Churchill terminou seu discurso com uma referência ao pai, agradecendo à Câmara sua bondade e paciência em ouvi-lo, “que me foi oferecida, eu sei bem, não por mim, mas por uma magnífica recordação que muitos dos ilustres membros ainda conservam”.

Poucos discursos iniciais foram, se é que algum foi, tão vastamente noticiados na imprensa. O jornal *Daily Express* o considerou “arrebataador”. O *Daily Telegraph* escreveu que “perfeitamente à vontade, com gestos vivos que pontuavam suas cintilantes frases, rapidamente captou o tom e os ouvidos de uma Câmara completamente cheia”. O jornal *Punch* dedicou-lhe toda a sua reportagem parlamentar, escrevendo que, embora “nada na voz nem nas atitudes de Churchill lembrasse lorde Randolph, ele tem o mesmo domínio de frases contundentes, a mesma calma, beirando talvez a presunção, o mesmo dom para ver assuntos antigos sob um novo ponto de vista e a mesma capacidade crítica perspicaz e confiante”. O *Daily Chronicle* observou “um lamentável ceceio na voz”, mas louvou as suas “qualidades hereditárias, sinceridade e independência”.

A marcante frase do discurso de Churchill, quando disse que “se eu fosse um bôer desejaria estar lutando no campo de batalha”, ofendeu muitos

conservadores . Depois de ler as cartas de protesto divulgadas na imprensa, Churchill escreveu no *Westminster Gazette* para defender-se: “Nenhum dos lados tem o monopólio do direito e da razão”; qualquer que seja o balanço final, o direito moral “raramente é suficiente” para pesar mais do que considerações patrióticas.

“Assim, eu afirmo que, enquanto a causa bôer certamente é errada, os bôeres que lutam por ela estão seguramente certos. E ainda mais certos estão os bôeres que lutam por ela com bravura.” E acrescentou: “Se eu tivesse a infelicidade de ser bôer, preferiria certamente ser a melhor espécie de bôer.”

Apenas duas semanas depois de seu primeiro discurso, Churchill falou num debate em que se exigia um inquérito sobre a demissão do general Colville , que tinha lutado na África do Sul. Embora apoiasse o governo em sua oposição ao inquérito, Churchill declarou:

Talvez não seja muito agradável para muitos amigos deste lado da Câmara ouvir que notei nas três últimas guerras em que estive envolvido, uma tendência — resultante em parte da vontade de não prejudicar seus camaradas e em parte da aversão ao escrutínio público — a abafar tudo, a fazer com que tudo pareça o mais justo possível, a dizer aquilo a que chamamos de verdade oficial, a apresentar uma versão da verdade que contém cerca de 75% do assunto verdadeiro.

E isso não foi tudo. “Assim que uma das forças obtém de alguma maneira a vitória”, continuou Churchill, “todos os fatos feios são polidos, as más reputações são esquecidas, e oficiais reconhecidos como incapazes seguem em seus postos na esperança de que no fim da guerra sejam encaminhados para a vida civil sem escândalo”. A oposição liberal aplaudiu. Embora Churchill continuasse a apoiar o governo, insistindo em que “o direito de selecionar, promover e demitir” deveria ser deixado às autoridades militares, tinha mostrado mais uma vez que não se moldaria ou refrearia seus pontos de vista para agradar ao partido. Contudo, sua defesa do governo tinha sido bem argumentada e eficaz. “Não há dúvida”, disse à mãe, “que o discurso mudou votos e opiniões num momento em que a corrente corria fortemente contra o governo”.

“Posso dizer que nunca fez um discurso tão bom quanto o que fez essa noite”, escreveu-lhe o ministro da Guerra, St. John Brodrick . “Evidentemente, falará sobre assuntos melhores, mas você encheu a Câmara, agarrou-a e conduziu o

debate para outras fronteiras. Foi um grande sucesso, aprovado por todos.” Aprovação e conselhos também vieram da Índia. “Não há posição mais difícil do que na bancada apoiando o governo”, escreveu lorde Curzon . “É muito difícil encontrar o meio-termo entre independência e lealdade. O mais importante é impressionar a Câmara com sua seriedade. Eles perdoam tudo exceto falta de respeito.” As correspondências e as obrigações de Churchill tinham aumentado de maneira extraordinária. “Tenho mais de cem cartas por responder”, contou à mãe em meados de março, “trinta ou quarenta ainda nem tive tempo de ler”. Nesse dia, tinha duas palestras em Hastings, a quinta e a sexta de quinze sobre a Guerra dos Bôeres realizadas entre março e maio. Para atenuar o fardo de escrever todas as cartas à mão, como havia feito até então, Churchill decidiu contratar uma secretária. Se não o fizesse, disse à mãe, “serei mandado para a cova por toda a espécie de coisas ridículas”. Nem sequer tinha uma papeteira para a correspondência: “Na minha mesa, há uma pilha que quase me sufoca.” Sua primeira secretária, a srta. Anning , estenografava as cartas que ele ditava, escrevia-as e levava-as para que ele assinasse. Também preparou pastas de arquivo onde sua correspondência era guardada.

Nessa primavera, Churchill voltou à Europa, viajando primeiro para Paris e seguindo para Madrid e Gibraltar. Quando voltou para a Inglaterra, deu uma palestra para oficiais veteranos do Exército sobre o papel da cavalaria na guerra na África do Sul. Entrou também numa controvérsia que enfureceria grandemente os líderes conservadores . St. John Brodrick , que tinha recebido muito bem seu apoio durante o debate sobre a demissão do general Colville , propôs um aumento de 15% nas despesas militares, mas Churchill, que estava convencido de que esses gastos adicionais eram desnecessários, argumentou que a medida seria ineficaz. Não tornaria o Exército mais forte. Era um desperdício de dinheiro. Se mais dinheiro público seria gasto, que fosse investido na Marinha, e não no Exército.

Churchill lançou essas críticas contra a política de seu próprio governo num discurso realizado na Associação Conservadora de Liverpool em 23 de abril. “Qualquer perigo que chegue à Grã-Bretanha”, insistiu, “não virá por terra, e sim por mar”. Dois dias depois, repetiu seus argumentos em Oxford. Tendo sido criticado no *Times* tanto pelo presidente quanto pelo secretário da Liga do Exército, escreveu em resposta: “Um exército melhor não significa necessariamente um exército maior. Deve haver uma maneira de reformar um negócio sem injetar mais dinheiro nele. Há muitas maneiras de esfolar um gato.” Sua carta terminava de forma provocadora: “Surpreende-me que isso não

tenha ocorrido nem ao vice-presidente nem ao secretário da Liga do Exército.”

Nem todos aprovaram o tom dessas réplicas, mas o estilo de Churchill era franco e vigoroso, acompanhando seus equivalentes escritos com um sorriso malicioso. Isso lhe acarretou inimigos, tal como seu método de atacar repetidas vezes, reforçando velhos argumentos e apresentando novos. Em 3 de maio, o *Times* publicou sua segunda carta em três dias, na qual citava uma de suas opiniões anteriores para mostrar que era consistente. Era seu telegrama para o *Morning Post* imediatamente após a libertação de Ladysmith, no qual tinha escrito que, uma vez acabada a guerra, “o povo da Inglaterra deve devotar-se a estimular e a apoiar o espírito do povo por meio de medidas de melhorias e reformas sociais”.

Em 10 de maio, enquanto Churchill se preparava para apresentar ao Parlamento suas críticas ao aumento de gastos com o Exército, um jornalista australiano entrevistou-o para o jornal *Melbourne Argus*. Ao comentar a descrição que os bôeres faziam, dizendo que “anda inclinado para a frente”, o jornalista escreveu: “Vemos essa inclinação para a frente não apenas quando anda, mas também quando está sentado.” Mesmo na Câmara dos Comuns, “quando ouve atentamente, quando concorda veementemente ou quando discorda ardentemente de tudo o que é dito”. Dava a impressão de “uma jovem pantera pronta para fazer uma desesperada corrida a qualquer momento”. Apesar de sua postura ser “indicativa de uma natureza muito impaciente, de ardor e de ambição”, devemos notar, acrescentou o jornalista, “a notável disciplina que permitiu ao sr. Churchill conquistar seu evidente desejo de fazer parte ativamente da batalha e de esperar pelo momento adequado”.

Em 13 de maio, tendo apresentado ao Parlamento uma emenda ao projeto de Brodrick para o Exército, Churchill expôs suas críticas na presença de uma apreensiva bancada do governo. “Demorei seis semanas preparando esse discurso”, recordou mais tarde, “e decorei-o tão bem que praticamente não importava por onde começasse ou o quanto modificasse sua ordem.” Foi um discurso de muita força, competência e coragem. Nele, Churchill observou que as despesas anuais com o Exército tinham totalizado 17 milhões de libras em 1894. Em 1901, chegara perto de 30 milhões de libras. Referiu-se depois ao fato de seu pai ter se oposto ao aumento das despesas militares, “se me é permitido lembrar um episódio bastante esquecido”. Como resultado, lembrou aos membros da Câmara, o pai tinha “saído para sempre, e com ele também parecia ter caído a causa da redução e da economia. Parece que até a própria lembrança desapareceu e que as próprias palavras ganharam uma ressonância curiosamente

antiquada”.

Depois, Churchill abriu um livro para ler a carta de demissão do pai para lorde Salisbury em 1886. Tinha decorado a carta e, num gesto dramático, fechou o livro ainda na metade da leitura, na altura em que lorde Randolph escrevera: “Não quero fazer parte daqueles que encorajam o círculo militar do Ministério da Guerra e do Almirantado a tomar parte nas altas e desesperadas questões em que outras nações parecem ser obrigadas a envolver-se.”

“Palavras sensatas, meu caro senhor, e que resistem ao tempo”, continuou o jovem membro do Parlamento, “e estou muito satisfeito que a Câmara me tenha permitido, depois de um intervalo de quinze anos, erguer outra vez a esfarrapada bandeira da contenção e da economia”. Chegara o momento de uma voz das bancadas dos conservadores se erguer para defender a causa da economia. “Se uma voz tiver de se erguer em defesa dessa causa, digo humildemente, mas, espero, com legítimo orgulho, que ninguém tem mais direito do que eu, pois essa é uma causa que herdei, uma causa pela qual o falecido lorde Randolph Churchill fez o maior dos sacrifícios já feitos por um ministro dos tempos modernos.”

Depois, Churchill expôs suas críticas à proposta de Brodrick para implementar três corpos de exército. Um desses corpos, disse ele, “é suficiente para lutar contra selvagens, mas três não são suficientes nem sequer para iniciar uma luta contra os europeus”. O sistema existente deveria ser adaptado, porém sem mais gastos, para resolver tranquilamente as emergências menores e guerras coloniais. “Mas não podemos esperar”, avisou Churchill, “que seremos capazes de enfrentar as grandes potências civilizadas dessa maneira simples”. Era esse aspecto europeu que ele queria realçar. Numa passagem que mostrava quão longe tinham ido seus pensamentos na compreensão daquilo que a guerra poderia se tornar, e certamente se tornaria, no novo século, declarou: “Uma guerra europeia só poderá ser uma luta cruel e dilacerante, e que, para saborearmos os amargos frutos da vitória, exigirá, talvez durante vários anos, toda a coragem da nação, a suspensão completa das indústrias de paz e a concentração de toda a energia vital da comunidade num único objetivo.”

“Tenho ficado frequentemente espantado, desde que estou nessa Câmara”, continuou Churchill, “ao ouvir com que calma e fluidez membros e até ministros falam sobre uma guerra europeia”. Não iria “dissertar sobre os horrores da guerra”, mas tinha havido uma “grande mudança que a Câmara não poderia deixar de notar”. Então, expôs suas razões para acreditar que, no que dizia respeito à guerra, aquela época fora exaurida. Na época em que as guerras

foram fruto da política de um ministro ou das paixões de um rei, quando eram travadas por pequenos exércitos regulares de soldados profissionais, quando o próprio combate era muitas vezes interrompido durante o inverno, “era possível limitar as responsabilidades dos combatentes”. Contudo, “quando populações consideráveis são impelidas umas contra as outras, quando cada indivíduo está cheio de azedume e irritação, quando os recursos da ciência e da civilização varrem tudo o que poderia mitigar essa ira, uma guerra europeia só poderá terminar com a ruína do vencido e com uma ligeiramente menos fatal desorganização comercial e exaustão dos vencedores. A democracia é mais vingativa do que os governos. As guerras entre os povos serão mais terríveis do que as guerras entre os reis”.

“Nós não sabemos o que é a guerra”, insistiu Churchill. “Tivemos um vislumbre dela na África do Sul. Mesmo em miniatura, é hedionda e aterradora”. Ele continuou, argumentando que o poderio e a prosperidade da Grã-Bretanha dependiam de uma economia forte — “o domínio econômico dos mercados” — e de uma Marinha forte. Porém, havia uma “razão mais importante ainda” disse ele, para não se gastar mais no Exército. Era sabido, tanto pelos povos como pelos governantes, que “de maneira geral, a influência britânica é saudável e bondosa e trabalha para a felicidade geral e para o bem-estar da humanidade”. Os membros do Parlamento farão “um negócio fatal” se permitirem “que seja diminuída, ou talvez até destruída, a força moral que durante tanto tempo esse país se esforçou por manter, fazendo-o em nome dos dispendiosos, ilusórios e perigosos brinquedos militares a que o ministro da Guerra se dedicou de alma e coração”.

A primeira fila da bancada conservadora ficou chocada com esse ataque por parte de um de seus membros mais recentes. Respondendo-lhe, Brodrick acusou Churchill de acalentar “um desejo hereditário de gerir o imperialismo sem gastar dinheiro”. Outros membros do Parlamento, particularmente os liberais e os radicais, elogiaram não só seus sentimentos como sua coragem em expressá-los. Um amigo do pai, lorde James de Hereford, membro do Gabinete de Salisbury, escreveu-lhe: “Embora eu não possa concordar com as opiniões expressas em seu discurso, quero sinceramente felicitá-lo pelos seus méritos.”

Nesse verão, Churchill viu-se como parte de um grupo de jovens membros conservadores do Parlamento que estavam insatisfeitos com a política do partido. Chamavam-se a si próprios de “Hooligans” ou “Hughligans”, em consequência do nome de um de seus mais importantes membros, o filho de lorde Salisbury, lorde Hugh Cecil . O grupo se reunia para jantar todas as

quintas-feiras na Câmara dos Comuns , convidando um personagem ilustre para unir-se a eles. Churchill também já havia estabelecido laços de amizade pessoal com vários líderes liberais . Em 23 de julho, jantou com lorde Rosebery em sua casa perto de Epsom. Sua carta de agradecimento pelo jantar revela outro passo na vida de Churchill. “Receio ter perturbado ontem seus cavalos com meu carro”, escreveu ele. “Estou aprendendo a dirigir, portanto é um período perigoso.”

Rosebery tinha sido um entre os primeiros convidados a jantar com os hooligans, e então convidara os jovens rebeldes a passarem um domingo com ele em Durdans, sua propriedade. Churchill foi mais cedo, no sábado à noite, para jantar e passar a noite. “Meu caro Winston”, escreveu Rosebery quando o fim de semana chegou ao fim, “não consigo expressar quanto apreciei a visita dos hooligans. Rejuvenesceu-me. Se desejarem repouso moral enquanto o Parlamento está reunido, sei que o encontrarão aqui”. Dez dias depois, outro líder liberal, o futuro ministro das Relações Exteriores, Sir Edward Grey , convidou Churchill e outro hooligan que não estava de férias a jantarem com ele e com Asquith .

Nesse verão, ao viajar para a Escócia, Churchill ficou com o tio, lorde Tweedmouth , um antigo ministro liberal, em Guisachan. “Tenho visto muitos imperialistas liberais ”, escreveu Churchill a Rosebery no final de setembro. “Haldane e Edward Grey estavam em Guisachan, onde passei uma agradável semana.” Richard Haldane viria a ser ministro da Guerra num futuro governo liberal.

Churchill também deu uma palestra em St. Andrews sobre a Guerra dos Bôeres. Os imperialistas liberais que conheceu partilhavam muitas das opiniões que amadureciam em sua mente, desejando que a Grã-Bretanha fosse forte, mas também que tivessem uma política social que beneficiasse toda a população e reduzisse os extremos de pobreza e privação.

Churchill não só se encontrou com políticos liberais , como também esteve em contato com vários funcionários do Estado que, embora ostensivamente não políticos, eram favoráveis a muitas aspirações liberais. Em 4 de setembro, enquanto estava com um parente, lorde Londonderry, em Stockton-on-Tees, encontrou-se com Sir Francis Mowatt , que durante os últimos sete anos tinha sido secretário do Tesouro e chefe do funcionalismo civil. Trinta anos depois, Churchill escreveu que “nessa época, embora eu tivesse o privilégio de encontrar muitos dos líderes conservadores em círculos agradáveis, e fosse sempre tratado com extraordinária amabilidade e com bonomia pelo sr. Balfour

, e embora visse frequentemente o sr. Chamberlain e o ouvisse discutir assuntos com a maior liberdade, eu era firmemente arrastado para a esquerda”.

O afastamento de Churchill foi acelerado pelas atitudes dos conservadores durante a Guerra dos Bôeres. Algumas das munições para os discursos em que expressava seu mal-estar vieram de dentro do funcionalismo civil: “O velho Mowatt [que tinha então 64 anos] disse-me umas coisas e me colocou em contato com alguns jovens funcionários, mais tarde eles próprios eminentes, com quem é muito útil conversar — não fatos secretos, porque esses nunca são divulgados, mas fatos publicados apresentados em sua verdadeira dimensão e com sua ênfase própria.”

Nesse outono, Churchill também protestou publicamente contra a execução de um comandante bôer pelas autoridades militares britânicas estabelecidas na África do Sul e trabalhou nos bastidores para impedir a execução de outro comandante: “Estava revoltado com a agressividade da política externa britânica”, explicou trinta anos depois. Em Saddleworth, Yorkshire, em 4 de outubro, apelou por um “esforço supremo” para pôr fim à guerra na África do Sul. “O fosso de ódio entre bôeres e britânicos é cada vez maior, e todos os dias a devastação e a ruína reinam em largas áreas.” Quantos na audiência, perguntou ele, “poderão amanhã, ao ler o jornal, encontrar, como encontrei na semana passada, algum nome familiar, e saber que olhos brilhantes — conhecidos e nos quais se podia confiar — estão fechados para sempre?”.

Durante seu discurso em Saddleworth, Churchill falou sobre dois líderes de seu partido, Balfour e Chamberlain : “Avisei a esses dois homens notáveis que eles não podiam fazer recair sobre outros o peso da guerra.” A Chamberlain , escreveu diretamente em 14 de outubro: “Não basta que o governo diga: ‘Nós entregamos a guerra aos militares e que eles a resolvam. Tudo o que podemos fazer é fornecer-lhes o que pedirem!’ Eu protesto contra esse ponto de vista. Nada pode desobrigar o governo de sua responsabilidade.” Um mês depois, num discurso feito em Hanley, regozijou-se pelo fato de os poderes de Kitchener como comandante-chefe na Índia terem sido finalmente cerceados e falou contundentemente sobre como, apenas algumas semanas antes, ele próprio tinha sido “ridicularizado” por um ministro do governo por ter sugerido tal coisa.

Em 30 de novembro, Churchill completou 27 anos. Dois anos antes, tinha sido feito prisioneiro. Agora era um ativo e controverso membro do Parlamento.

Em meados de dezembro de 1901, duas semanas depois de ter feito 27 anos,

Churchill jantou com John Morley , biógrafo de Gladstone e um importante reformador liberal. Durante o encontro, Morley recomendou-lhe a leitura de uma obra de Seebohm Rowntree, intitulada *Poverty: a study of town life* [*Pobreza: um estudo sobre a vida urbana*]. Quando leu, o sentido de missão de Churchill foi reforçado e fortalecido. Rowntree tinha examinado a difícil situação de cidadãos pobres em York. Era uma história lúgubre. “Quem nunca pensou”, escreveu Churchill em seu comentário sobre o livro, “em como gastaria uma grande fortuna? Porém, perante as coisas feias da vida, perante seus fatos mais obscuros e suas hediondas possibilidades, a imaginação retrai-se ou é deliberadamente anulada. É agradável nos demorarmos nos extremos da riqueza, mas não desejamos contemplar os extremos da pobreza”. A imaginação não era incentivada “pelos bairros miseráveis, pelos sótãos ocupados e pelos lugares pobres”.

Churchill fez um resumo da vida dura do trabalhador e, em particular, dos desastres que acontecem às suas famílias com a perda do emprego, uma doença ou a morte do trabalhador. As más condições de habitação foi outro tema que Rowntree examinou e que chocou Churchill. “Considerem o caso particular desses pobres e as consequências”, escreveu.

Embora o império britânico seja tão grande, eles não conseguem arranjar um lugar onde viver; embora seja tão magnificente, eles teriam mais chance de serem felizes se tivessem nascido canibais numa ilha dos mares do Sul; embora sua ciência seja tão profunda, eles teriam sido mais saudáveis se fossem súditos de Hardacanuto.

Concluindo seu comentário com amarga ironia, Churchill escreveu que seria “insolente” apresentar tais argumentos a um Parlamento “ocupado com assuntos que acontecem a tantos milhares de quilômetros de casa”. Havia “uma consideração mais importante” a se ter em mente ao pedir com insistência um alívio da pobreza:

Não o dever de homem para homem nem as ideias de que o esforço honesto numa comunidade rica deveria ser retribuído com certos direitos mínimos nem que essas vidas em putrefação no nosso país transformam em objeto de escárnio o poder mundial e desfiguram a imagem de Deus sobre a Terra, mas sim o fato de que a pobreza é um sério obstáculo ao recrutamento.

Foi evidente o impacto que o livro de Rowntree exerceu imediatamente sobre Churchill. “Quanto a mim”, escreveu a um destacado conservador de Birmingham em 23 de dezembro, “vejo pouca glória num império que pode dominar as ondas, mas que não consegue escoar seus esgotos”. Nessa carta, Churchill refere-se também aos desordeiros em Birmingham, que atacaram o político radical liberal David Lloyd George e quase o lincharam por suas opiniões “pró-bôeres”: “Espero que o Partido Conservador não esteja envolvido.” Ao saber que conservadores tinham estado ativamente envolvidos no distúrbio, Churchill escreveu, a título particular, que mesmo que considerasse Lloyd George “um reles e vulgar charlatão”, todos os homens têm “total direito” a expressar suas opiniões; a ideia de que essas opiniões devem ser caladas “porque são odiosas para a maioria no distrito é uma doutrina muito perigosa, e fatal, para o Partido Conservador”.

A desilusão de Churchill com o partido crescia a cada dia. Era necessário, escreveu em sua carta de 23 de dezembro, uma política “bem equilibrada”, que “coordenasse desenvolvimento e expansão e o progresso do conforto social e da saúde”. Era a “todos os deploráveis e mal organizados pseudopensadores” que ele agora queria associar-se. Todavia, para onde iria? Responderia às crescentes propostas do campo liberal imperialista e do “próprio imperialista”, lorde Rosebery ? “Como combinamos em Blenheim ”, escreveu-lhe Hugh Cecil pouco depois do Natal, “é mais prudente esperar e não responder aos convites do imperialismo antes que ele tenha construído uma casa onde o possa receber. Agora ele tem apenas um guarda-chuva em mau estado”.

Churchill não queria esperar. Na terceira semana de dezembro, redigiu uma lista de doze membros conservadores do Parlamento, muitos deles jovens, que partilhavam de sua frustração perante o que consideravam um governo e um partido exageradamente patrióticos e antiquados. Na segunda semana de janeiro de 1902, perante um público conservador em Blackpool, falou sobre a pobreza na Grã-Bretanha. Seria “horrível”, disse ele, que houvesse pessoas, como em York, “que tivessem apenas a casa de correção ou a prisão como únicas alternativas à sua situação presente”. “O partido *tory* mostra uma disposição brutal e sangrenta”, escreveu a Rosebery doze dias depois. Ele já tinha decidido. Tomaria a dianteira no ataque e apontaria não só os gastos militares do governo como também a incapacidade de utilizar o dinheiro dos contribuintes da maneira mais eficaz e benéfica.

Em 14 de abril, durante o debate do orçamento, Churchill denunciou “a chocante falta de controle do governo” sobre suas despesas. Fez também uma

notável profecia, avisando, um ano antes que a questão fosse abordada por Chamberlain e dilacerasse a estrutura da política britânica, sobre os perigos de uma campanha para restringir o comércio livre e para introduzir o protecionismo . “Eu gostaria de saber, Sir”, perguntou ele, “o que acontecerá a este país se a questão do comércio livre for audaciosamente levantada por uma pessoa responsável ou por uma eminente autoridade? Estaremos novamente num velho campo de batalha. Ao redor, haverá armas quebradas, trincheiras cobertas de ervas e sepulturas abandonadas, e reviveremos memórias antigas e o azedume dos partidos como essa geração nunca viu. Como organizações políticas existentes e agora tão artificialmente serenas serão divididas? Essas são as questões do futuro”.

Em 20 de abril, Churchill recebeu encorajamento em sua busca por uma política de limites econômicos por parte de um notável funcionário público, Sir Edward Hamilton , secretário financeiro permanente para o Tesouro e antigo secretário particular e confidente de Gladstone , que não só o felicitou pelo discurso no debate sobre o orçamento como escreveu-lhe: “Por favor, lembre-se de que as portas do Tesouro estão sempre abertas. Ficarei encantado ao lhe dar minha assistência em qualquer momento, em consideração ao seu pai e a você.”

Hamilton era 25 anos mais velho que Churchill. Tal como outros de uma geração mais velha, era atraído pelo entusiasmo, pela inteligência e pela avidez por aprender de Churchill, que agora pressionava Balfour sobre os gastos excessivos do governo. Em 24 de abril, pediu-lhe que nomeasse uma Comissão Especial de Inquérito da Câmara, “para informar e considerar se as despesas nacionais podem ser reduzidas sem prejudicar o funcionalismo público e se o dinheiro votado não pode ser dividido com maiores benefícios”.

Balfour recusou-se a aceitar os “ambiciosos” termos de referência propostos por Churchill. Não estando disposto a esquecer o assunto, Churchill acusou o governo, durante um debate em 12 de maio, de permitir que as despesas nacionais “ultrapassem o limite da prudência e da razão”. Quase imediatamente, Churchill recebeu um convite de Balfour para integrar uma Comissão Especial de Inquérito criada para examinar o controle do Parlamento sobre as despesas. Aceitou, tornando-se um participante regular nas suas deliberações. Porém, suas divergências de opinião com os líderes de seu partido continuaram a aumentar. Ele recordou mais tarde: “Eu achava que Rosebery , Asquith e Grey , e principalmente John Morley , compreendiam meus pontos de vista muito melhor do que meus próprios chefes.”

Nessa primavera, as autoridades militares britânicas recusaram autorização a

um jornalista bôer, que tinha cumprido uma pena de prisão de doze meses na África do Sul por um texto difamatório contra Kitchener, a ir à Inglaterra numa visita particular. Foi John Morley quem levantou a questão na Câmara. Ele foi apoiado por Churchill, que acusou as autoridades militares de abusarem de seus poderes ao abrigo da lei marcial. Em que outro local, perguntou ele, poderia a disseminação de ideias antibritânicas causar menos danos do que na própria Grã-Bretanha? No final do debate, Churchill e outros sete conservadores, inclusive todos os hooligans presentes, votaram contra o governo. Nessa noite, os hooligans convidaram Chamberlain para jantar. “Que sentido tem apoiar seu próprio governo apenas quando tem razão?”, perguntou-lhes ele. “É precisamente quando se encontra nesse tipo de dificuldade que vocês deveriam vir em nossa ajuda.”

Quando se despedia de seus jovens anfitriões, Chamberlain levantou subitamente uma questão que não tinha sido mencionada durante toda a noite. Era a mesma questão que Churchill tinha introduzido na Câmara dos Comuns um mês antes. “Vocês, jovens cavalheiros”, disse-lhes ele, “receberam-me como a um príncipe, e, em troca, vou contar-lhes um segredo inestimável. Tarifas alfandegárias! São a política do futuro, e de um futuro próximo. Estudem-nas bem e dominem-nas. Assim não lamentarão a hospitalidade que me proporcionaram”.

Nesse verão, os líderes bôeres aceitaram a derrota e concordaram em renunciar à sua tenaz campanha de guerrilha. Churchill falou imediatamente a favor de dar-lhes “todo o encorajamento” para que se associassem à Grã-Bretanha. Seu desejo de conciliar e unificar e até mesmo ver os bôeres protegerem-se daquilo que chamou de “delicada compaixão” dos legalistas da África do Sul afastou-o de muitos conservadores. Churchill escreveu aos seus eleitores em Oldham, dizendo que “passamos da guerra — uma guerra extenuante, cansativa e perigosa — à paz vitoriosa”. Chegara-se a um acordo “baseado não totalmente no esgotamento e no desespero de um inimigo valente, mas sim numa decisão honrosa entre raças em conflito que tinham aprendido na mais dura das escolas a respeitar as qualidades da outra”. Era um pacto que tinha assegurado à Grã-Bretanha “tudo o que o direito e a prudência exigem” e que tinha dado aos bôeres “toda a generosidade requerida”.

Agora não se passava um mês sem que houvesse mais um atrito entre Churchill e os líderes de seu partido. “Não consigo fazer discursos no país com qualquer satisfação”, escreveu a Rosebery nesse verão. “Não consigo provocar

o menor entusiasmo a favor do governo e, todavia, os públicos populares parecem ansiar pela verborreia partidária.” Em julho, Churchill dedicou-se a um assunto não político, envolvendo-se no caso de 29 cadetes de Sandhurst que tinham sido castigados coletiva e arbitrariamente após uma série de incêndios ateados no colégio por um incendiário desconhecido. Os castigos, escreveu ele no *Times* em 8 de julho, violavam “três princípios fundamentais da equidade”. Esses princípios eram “que uma suspeita não é prova, que as pessoas acusadas devem ser ouvidas em sua própria defesa e que compete ao acusador provar sua acusação, e não ao acusado provar sua inocência”. Todos os 29 cadetes tinham sido expulsos de Sandhurst. Nenhum fora acusado de qualquer delito. “Não foi feito nada que tivesse a menor semelhança com uma investigação judicial.” Os pobres pais tinham de continuar pagando por um período durante o qual não seria permitido que seus filhos frequentassem a academia e que não contaria para o tempo que deveriam passar ali. “Todos os cadetes com quem falei negam vivamente qualquer cumplicidade nos incêndios.” A carta de Churchill foi respondida pelo reitor da Sherborne School, o reverendo Frederick Westcott. “Os soldados precisam aprender as lições do castigo coletivo”, escreveu ele. “Os inocentes sem dúvida sofrem com os culpados, mas é o que sempre acontece. O mundo foi criado assim.”

“Será mesmo assim?”, perguntou Churchill em sua resposta em 8 de julho. Sem dúvida, Westcott considerara que “o pequeno mundo sobre o qual ele reina está disposto segundo esse admirável plano, mas é necessário explicar-lhe que em qualquer outro lugar o castigo de pessoas inocentes é visto como um crime ou como uma calamidade a ser evitada por todos os meios possíveis”. Enquanto as “delinquências de um reitor” estivessem dentro da lei, acrescentou Churchill, “a Câmara dos Comuns não teria o direito de intervir, mas quando um comandante-chefe e um secretário de Estado são encorajados a imitá-lo deve-se considerar a questão”. Sua carta terminava provocadoramente: “Será que o sr. Westcott açoita seus rapazes?”

Churchill quis discutir na Câmara dos Comuns os castigos aplicados em Sandhurst, mas Balfour, que havia sucedido ao tio, o enfermo lorde Salisbury, como primeiro-ministro, recusou conceder-lhe tempo para esse debate. Churchill encorajou Rosebery a intervir no assunto quando ele foi levado à Câmara dos Lordes. Durante esse debate, o comandante-chefe, lorde Roberts, concordou que cada caso individual deveria ser investigado e que nenhum cadete inocente perderia um período de estudos. Comentando o resultado, o *Times* elogiou os esforços de Churchill, apelidando-o de “advogado eficiente”.

Churchill decidiu embarcar num ambicioso projeto que tinha em mente havia muito tempo: uma biografia do pai. Não contente com o arquivo de documentos do pai, procurou material por toda a parte, pedindo ao *Times* , em 16 de setembro, cartas e documentos. Cinco dias depois, escreveu ao antigo primeiro-ministro, lorde Salisbury, que tinha aceitado a demissão do pai em 1886: “Escrevo pessoalmente para pedir-lhe que me empreste quaisquer cartas do meu pai que possa ter. Desejo também publicar alguns extratos das suas cartas para ele, mas tudo isso submeterei primeiro, é claro, à sua apreciação.”

Nesse mês de setembro, Churchill foi convidado por Edward VII a visitá-lo em Balmoral . “Fui muito amavelmente tratado pelo rei, que fez todo o possível para ser simpático”, escreveu à mãe. “Foi muito agradável e descontraído, e a caçada foi excelente, embora eu não tenha acertado meus veados.” De Balmoral, Churchill foi para Dalmeny, onde ficou com Rosebery , a quem explicou seu plano para dar continuidade ao ataque ao projeto militar de Brodrick por meio de uma ação conjunta de um compacto grupo de membros conservadores e unionistas liberais dispostos a atuar e a votar juntos contra os excessivos gastos militares.

De Dalmeny, Churchill seguiu para Oldham, ao sul, para falar aos seus eleitores. Durante essa visita, teve uma longa conversa com Samuel Smethurst , um importante conservador local que compartilhava muitas de suas preocupações. “É ao mesmo tempo curioso e encorajador”, escreveu a Smethurst alguns dias depois, “que nas suas reflexões tenha produzido uma ideia que sempre esteve em meu pensamento, mas que talvez eu não tenha especificado”. Essa ideia, que Churchill expôs em sua carta pela primeira vez, era “a criação gradual, por meio de um processo evolutivo, de uma ala democrática ou progressista dentro do Partido Conservador , que poderia unir-se a uma coligação central ou infundir vitalidade no corpo principal do partido”. “Ambas as possibilidades”, disse Churchill a Smethurst , “estão presentes em meu pensamento tal como estiveram nas ideias do meu pai toda a sua vida. E, quanto mais pondero sobre isso, melhor compreendo uma observação que lorde Salisbury fez uma vez ao meu pai depois de sua demissão, sugerindo ‘que essa mudança (e a mudança da democracia *tory*) virá depois da morte do sr. Gladstone ’”.

Churchill apressou-se para garantir a Smethurst que ele não deveria temer “qualquer ‘ação precipitada’; eu sou muito cauteloso”. Um dia talvez, mas não durante esse ano, ele correria “todos os riscos” de tal corrida. Era

Rosebery , escreveu, quem “entende melhor do que qualquer outra pessoa na vida pública meus ideais da democracia *tory*”, mas até que ele estivesse à frente de um partido definido com uma política “alargada e pormenorizada”, apoiá-lo era uma questão prematura e uma “discussão muito perigosa”. Mesmo que a questão de um novo agrupamento democrático se tornasse “madura para decisão” num tempo futuro, “terei de fazer uma difícil e perigosa escolha e meus sentimentos estarão divididos em todos os aspectos do problema: pessoalmente, devido à minha amizade com o sr. Chamberlain e o sr. Balfour , e politicamente, devido à minha ligação ao Partido Unionista , com a criação do qual meu pai tanto se preocupou”.

Quando escreveu essa carta, Churchill estava em Canford Manor, perto de Bournemouth, tendo ficado com a irmã do pai, lady Wimborne , estudando sua coleção de cartas familiares e de recortes de jornais como parte da preparação da biografia do pai, que ele esperava completar dentro de dois ou três anos. Na sua carta para Smethurst , Churchill expôs sua filosofia política:

Ideias amplas, tolerantes e moderadas; um desejo de compromisso e de concordância; um desdém por todo o tipo de hipocrisia; uma aversão aos extremistas, quer sejam nacionalistas ou pró-bôeres; e confesso que a ideia de um partido mais ao centro, mais moderno, mais livre, mais eficaz e, todavia, leal e patriótico acima de tudo, agrada-me muito.

Mais cedo ou mais tarde, acreditava ele, os liberais restantes teriam de juntar-se a esse partido de centro, “para lutarem conosco contra um grande movimento trabalhista, antinacional e irreligioso e talvez comunista. Eu acredito que um partido de centro pode adiar esse dia”.

Churchill estava muito entusiasmado por saber que sua ideia de um partido de centro tinha o apoio de um dos mais influentes conservadores de Oldham. Durante sua visita, disse a Rosebery em 6 de outubro: “Fui acarinhado por ambos os partidos com uma cordialidade muito satisfatória e até surpreendente, pois não estava com eles seis meses atrás.” Já tinha contado a Rosebery sobre seu plano para uma possível primeira jogada, sugerindo uma ação parlamentar conjunta de liberais e conservadores para reduzir as despesas militares do governo. Era um plano, escreveu, “que em determinada contingência pode ser desejável seguir”, e já o tinha apresentado a dois amigos do lado conservador.

Em 10 de outubro, Churchill enviou a Rosebery uma cópia de uma carta que

tinha mandado a Smethurst , apoiando a evolução de uma força de centro que ligasse conservadores e liberais . “Se por meio de um ‘processo evolutivo’ pudéssemos criar uma ala do partido *tory* capaz de infundir algum vigor nesse mesmo partido ou reunir uma coligação central”, disse ele a Rosebery , “meu plano seria muito importante como um incidente inicial ou possivelmente como precursor do movimento”. Porém, preveniu, os “riscos seriam muito grandes e poderiam trazer-me consequências que não posso prever, e apenas a convicção de que você carrega a bandeira pela qual meu pai lutou desastrosamente por tanto tempo me encoraja a arriscar”.

A carta de Churchill continuava:

O governo de centro — do partido que deve libertar-se imediatamente do egoísmo e da insensibilidade *tory* por um lado e dos apetites cegos das massas radicais por outro — pode ser um ideal que talvez nunca cheguemos a alcançar, que em todo o caso pode ser conseguido apenas durante um tempo, mas pelo qual mesmo assim vale a pena trabalhar; e, pela minha parte, não vejo razão para perder as esperanças.

Seu objetivo era uma coligação de centro “*tory-liberal*”. “A única dificuldade que antevejo é a suspeita de que sou movido por mera ambição insatisfeita, e, se alguma questão definida — como as taxas alfandegárias — fosse levantada, essa dificuldade desapareceria.”

Churchill tinha mencionado a verdadeira questão que, ao longo dos nove meses seguintes, causaria seu afastamento do Partido Conservador , um afastamento que duraria vinte anos. Isso surgiu quase imediatamente. No final de outubro, um artigo publicado no *Oldham Chronicle* acusou-o de inconsistência ao apoiar ao mesmo tempo os recentes impostos conservadores sobre cereais e açúcar e os princípios do comércio livre . Ambos os impostos, contra-atacou ele, eram apenas para efeito de rendimento, medidas de emergência impostas em tempo de guerra “quando era absolutamente vital conseguir o dinheiro necessário”. Não tinham a intenção de proteger os produtos coloniais da competição estrangeira.

“Assim, não há qualquer inconsistência”, escreveu Churchill, “entre o voto que dei em apoio a esse imposto e os princípios do comércio livre , do qual eu próprio tenho de confessar ser um moderado admirador”. O comércio livre ainda era a política do Partido Conservador ; cinquenta anos antes, Disraeli tinha declarado: “O protecionismo não só está morto como condenado.” Tanto

Balfour quanto seu ministro das Finanças eram partidários do comércio livre, mas esses conservadores , que tinham começado a fazer campanha pelas tarifas aduaneiras, estavam determinados a conquistar o partido.

Em tribunas públicas por toda a Grã-Bretanha, Churchill defendeu os méritos econômicos do comércio livre e da competição aberta nos mercados comerciais de todo o mundo. Alimentação e matérias-primas baratas estariam mais bem asseguradas, argumentou, pelo sistema de comércio livre. As tarifas protetoras de um país levam inevitavelmente à edificação de muros alfandegários em todo o mundo. O protecionismo faria subir os preços e causaria uma crescente tensão internacional, não só econômica, mas também política. “Parece uma política excêntrica termos de nos esforçar para vedar o império britânico”, escreveu ele a um eleitor em 14 de novembro. Por que razão a Grã-Bretanha deveria negar a si mesma “as boas e variadas mercadorias que o comércio mundial oferece, sobretudo considerando que quanto mais comercializarmos com os outros mais eles terão de comercializar conosco”? O planeta “não é grande se comparado a outros corpos celestes, e não vejo razão especial para nos empenharmos em criar, de dentro de nosso planeta, um planeta ainda menor chamado de império britânico, afastado de tudo por um espaço impossível”.

Em 20 de novembro, Churchill partiu da Inglaterra para o Egito, convidado por Sir Ernest Cassel a assistir à inauguração da nova barragem do Nilo em Assuã. Subindo o Nilo, Churchill ocupou-se todas as manhãs de escrever a biografia do pai. Visitou também os templos e as ruínas do Antigo Egito. Enquanto estava no país, festejou seu 28º aniversário. Ao chegar a Assuã, comentou numa carta para a mãe a mais recente disputa sobre sindicatos na Grã-Bretanha. Há “muita razão” nas alegações dos sindicatos, escreveu, “todavia eles fazem exigências pouco razoáveis. A essas exigências os conservadores respondem com uma terminante recusa. Gostaria de vê-los abordar com firmeza as alegações e conceder tudo o que é justo nelas, mas meios-termos são verdadeiramente impopulares”.

Ao regressar à Inglaterra, Churchill falou na Câmara dos Comuns , em 24 de fevereiro de 1903, contra a aprovação do aumento das despesas militares proposto pelo governo. “Estou muito satisfeito por você ter estado lá e gostado”, escreveu a Rosebery . “Acho que foi o discurso mais bem-sucedido que fiz até agora — e a Câmara dos Comuns ronronou como um gato amável.” Quando chegou o momento da votação, oito conservadores , incluindo Churchill, uniram-se à oposição liberal e votaram contra o governo. Outros quinze abstiveram-se. “Nossa ação foi bem-sucedida”, disse a Rosebery .

“Nossos amigos estão muito satisfeitos e mais combativos do que nunca.” Durante o debate, tanto Brodrick quanto Balfour tinham dado indicações de que a política podia mudar. “Meu único receio”, escreveu Churchill, “é que sejamos bem-sucedidos cedo demais”.

Churchill continuou em sua campanha contra Brodrick , publicando seus discursos contra o plano militar num pequeno livreto intitulado *Mr. Brodrick 's Army*. Um mês mais tarde, depois de um acordo de última hora entre as primeiras fileiras das bancadas conservadora e liberal, para evitar uma divisão sobre o plano militar, Churchill manifestou seu protesto a Campbell-Bannerman . “Alguns amigos meus ficaram bastante perplexos”, escreveu. Eles tinham a intenção “de convencer tantos unionistas quanto pudessem a votar contra o governo”. Sua oposição aos gastos do governo se limitava ao plano militar. “As despesas do Exército não são o único problema”, escreveu ele a um eleitor. “São apenas parte de um arco de extravagância.”

Em sua carta, Churchill expôs suas frustrações em relação à natureza da política parlamentar. “É claro que é absolutamente impossível”, escreveu ele, “a qualquer membro particular atuando sozinho influenciar no mais ínfimo grau a política de um governo poderoso. Ele pode fazer discursos, mas isso é tudo. Dificilmente qualquer questão será decidida por mérito seu. As divisões são tomadas em linhas estritas do partido, e os ministros têm à sua disposição um monopólio de opiniões de especialistas a favor e contra qualquer rumo concebível, um batalhão de apoiadores experientes e a última palavra em todos os debates”.

Churchill tinha encorajado os membros conservadores a arriscarem a ira do partido votando com os liberais , de modo a alterarem a política governamental de despesas militares. Porém, seu sonho não era apenas enfraquecer o monólito de um único partido; o que ele tinha em mente, escreveu ao seu eleitor, era “o grande ideal de um partido nacional com o qual lorde Randolph sonhara e pelo qual trabalhara duramente”. Essa carta foi escrita em 24 de abril. Três semanas depois, em 15 de maio, Chamberlain levantou a bandeira da reforma tarifária . Falando em Birmingham, contestou a política e ameaçou a unidade do Partido Conservador , exigindo que o sistema de comércio livre existente fosse posto de lado e que o poder econômico da Grã-Bretanha e de suas colônias fosse fortalecido por meio da preferência imperial. As mercadorias coloniais deveriam ser admitidas em seus preços atuais; as mesmas mercadorias europeias deveriam ser taxadas com um imposto nos portos, tornando-as mais caras e menos desejáveis.

No debate nacional que se seguiu, Churchill surgiu imediatamente como um entre os mais ardentes apoiadores conservadores do comércio livre . Tal como acontecera durante os debates sobre as despesas militares, contou com a ajuda do secretário do Tesouro, Sir Francis Mowatt , que, escreveu ele mais tarde, “armou-me com fatos e argumentos de caráter geral muito necessários a um jovem que, aos 28 anos, é chamado a tomar uma parte proeminente numa controvérsia nacional”.

Havia passado pouco mais de um ano desde o jantar em que Churchill e seus companheiros hooligans tinham sido informados por Chamberlain de que as tarifas alfandegárias eram “a política do futuro”. Churchill e Chamberlain estavam agora em lados opostos do debate nacional, ambos lutando pela alma do Partido Conservador . Em 20 de maio, cinco dias depois do discurso de Chamberlain , Churchill respondeu-lhe em Hoxton. Também tomou a iniciativa de tentar persuadir Balfour a dissociar-se de Chamberlain . “Oponho-me absolutamente”, escreveu Churchill a Balfour em 25 de maio, “ao que quer que seja que altere o caráter do comércio livre deste país”. Uma tentativa de Balfour para preservar “a política e o caráter do comércio livre do partido *tory* atrairia minha lealdade absoluta”. Contudo, se Balfour tinha decidido apoiar as tarifas alfandegárias, “terei de reconsiderar minha posição na política”.

Balfour não tinha tomado uma decisão. A questão era “muito difícil”, respondeu, “e requer toda a cautela”. Então, três dias depois, em 28 de maio, Chamberlain defendeu seu pedido de tarifas alfandegárias em um discurso na Câmara dos Comuns . Churchill ficou desapontado porque o principal orador liberal sobre assuntos financeiros, Asquith , não estava presente para responder-lhe. Portanto, foi Churchill quem falou imediatamente depois de Chamberlain , avisando que se aquela política fosse levada adiante o Partido Conservador se tornaria outro partido, baseado em impostos. Era um “absurdo econômico”, disse Churchill à Câmara, “afirmar que o protecionismo significa um maior desenvolvimento de riqueza e dizer que significa uma distribuição mais justa da riqueza é uma ‘completa mentira’”. Uma vez adotado o protecionismo, avisou, “o velho Partido Conservador, com suas convicções religiosas e seus princípios constitucionais, desaparecerá, e surgirá um novo partido, mais rico, materialista e secular, cujas opiniões se transformarão em tarifas e que fará com que os átrios se encham totalmente de angariadores de indústrias protegidas”.

“Que pena que seus tenentes não estiveram ontem nos seus lugares!”, escreveu a Rosebery . “Asquith teria tido uma oportunidade, após a fala de Chamberlain , que pode não voltar a acontecer. Toda a tarefa de protestar recaiu

sobre nós.” Sir Edward Grey também tinha estado ausente no debate de 28 de maio. Ao encontrá-lo dois dias depois, Churchill censurou-o por sua ausência. Ele tinha estado em York, e eu disse-lhe que “isso não era resposta”. Churchill compreendeu quão dependente era da estratégia e da competência parlamentar liberal em não fazer nada que pudesse tornar mais forte a ala protecionista do governo. Numa carta a Campbell-Bannerman , escrita em 29 de maio, tentou persuadir o líder liberal a separar suas críticas sobre as tarifas alfandegárias do ataque geral ao orçamento, que Churchill queria defender. “O senhor compreenderá, evidentemente”, escreveu Churchill, “que a posição desses conservadores que se opõem invariavelmente à mudança fiscal iminente é uma das grandes dificuldades e um perigo. Honestamente, espero que nos leve em consideração no rumo que tomar”.

Churchill mergulhou, então, na formação de uma Liga para Alimentos Livres , constituída por membros conservadores do Parlamento que dividiam ideias semelhantes, determinados a manter seu partido empenhado no comércio livre . “A menos que você aja agora”, escreveu a um potencial apoiador, “ficaremos atrofiados e não encontraremos lugar onde plantar nossos pés. Porém, uma ação determinada agora pode destruir fortemente o ‘chamberlainismo’ e preservar o caráter de comércio livre do partido *tory* ”.

Em 30 de maio, Churchill pôde informar Hugh Cecil sobre doze “certos”, onze “prováveis” e seis “possíveis” membros da Liga. “Nossos dois trunfos principais”, disse a Cecil em 3 de junho, “são a capacidade de discutir e falar na Câmara dos Comuns , e a oposição à aplicação de impostos sobre alimentos no país”. Quanto ao apoio dos jornais, comentou, “a imprensa lutará enquanto houver uma chance de vitória, mas somem na hora da derrota”. Quando a Liga foi lançada, em 13 de julho, sessenta membros conservadores do Parlamento tinham se juntado a ela. O grupo se autodenominou Unionistas pelo Comércio Livre . Três dias após sua formação, Churchill escreveu ao *Times* para protestar contra as atividades dos apoiadores de Chamberlain que usavam a maquinaria do partido “para disseminar propaganda protecionista”.

Enquanto Churchill lutava pelo comércio livre dentro do Partido Conservador , seu primo Sunny , a quem Balfour tinha oferecido um lugar no governo, escreveu para dizer quão “triste” ficara por Churchill “ter tomado uma atitude tão agressiva” contra as propostas fiscais do seu governo e de Chamberlain . “Significa sua derradeira ruptura com o partido *tory* ”, previu o duque, “e a sua identificação com Rosebery e com seus apoiadores”.

No dia seguinte, Churchill escreveu a um companheiro unionista, contando

que “no que diz respeito às perspectivas eleitorais e à situação do partido, deixe-me dizer na mais estrita confiança que minha ideia é, e sempre foi, a formação de uma espécie qualquer de governo de centro”. Nas próximas eleições gerais, os Unionistas pelo Comércio Livre deveriam fazer um pacto eleitoral com os liberais para não lutarem uns contra os outros. “Evidentemente”, escreveu Churchill, “tudo isso é muito vago e ainda confinado ao meu próprio crânio, mas o Partido Conservador não apreciará a ideia de eleições gerais nessas condições e numerosas forças entrarão em ação para prolongar a supremacia das forças conservadoras”.

A um correspondente que insistia em que os impostos sobre as mercadorias importadas eram a chave para a prosperidade nacional, Churchill respondeu: “Eu olho para os avanços na educação científica e técnica, para uma tributação branda, para uma política de paz e para uma sociedade estável e ordeira como os melhores meios de estimular a prosperidade comercial de nosso país.”

A amargura era crescente; no final de julho, os conservadores de Edimburgo cancelaram uma reunião para a qual tinham convidado Churchill devido à sua oposição ao protecionismo. “Lamento saber”, respondeu ele, “que há tanta intolerância e preconceito entre os conservadores de Edimburgo sobre essa questão da política fiscal que sequer conseguem contemplar sua discussão livre”. Ele prosseguiu alertando os conservadores de Edimburgo para o fato de que o partido poderia não gozar sempre “do apoio da grande maioria”. Poderia, no futuro, “ter de lutar duramente por muitas causas que por muito tempo ninguém contestara”. Se o “espírito de intolerância” que mostravam em relação a pessoas como ele tivesse como resultado “afastar das suas fileiras aqueles que aderem aos princípios do comércio livre — uma contingência que eu honestamente espero que possa ser evitada —, poderão lamentar isso nos anos futuros”.

Nesse verão, Chamberlain enviou a Churchill uma carta particular, em que lhe assegurava que “não alimento má vontade em relação à oposição política”. A carta prosseguia dando um claro relato da posição política de Churchill. “Há muito tempo sinto”, escreveu-lhe Chamberlain, “na realidade, desde as primeiras confidências que me fez, que você nunca se estabelecerá na posição daquilo a que se chama um ‘apoiador leal’. Não creio que haja na política muito espaço para um *tory* dissidente, mas os céus sabem como o outro lado necessita de novos talentos, e penso que você estará com eles em pouco tempo”. Num pós-escrito, Chamberlain deixou uma pergunta a Churchill: “É realmente necessário ser tão pessoal nos seus discursos?”

Irritado por Balfour não se declarar a favor das tarifas alfandegárias, Chamberlain demitiu-se do Gabinete em 16 de setembro. Persuadindo-o a não divulgar a notícia durante dois dias, Balfour, num extraordinário jogo político, procurou conseguir também a demissão dos três mais importantes ministros apoiadores do comércio livre, incluindo o ministro das Finanças. Quando as notícias das quatro demissões foram divulgadas, em 18 de setembro, ficou claro que Balfour tinha se libertado simultaneamente da ala de seu Gabinete que apoiava as tarifas e da ala que apoiava o comércio livre. Ninguém sabia de que modo reconstruiria o Gabinete.

Churchill comentou o assunto com a mãe em 18 de setembro, perguntando se seria “uma reconstrução protecionista de um Gabinete sem ministros apoiadores do comércio livre ou uma reconstrução voltada para o comércio livre num Gabinete a que JC renunciara? Todas essas hipóteses são possíveis”.

A resposta não demorou a chegar. Em 2 de outubro, num discurso em Sheffield, Balfour anunciou que o Partido Conservador embarcaria numa legislação protecionista. Claramente não haveria lugar para Churchill no novo governo. Suas opiniões sobre comércio livre eram extremas demais, até mesmo para seus eleitores, que cada vez mais se declaravam a favor de Chamberlain.

Em 9 de outubro, numa carta dirigida aos seus eleitores, Churchill expôs em pormenores seus argumentos a favor do comércio livre; três dias depois, a carta foi publicada no *Times*. Nela, Churchill dizia que Chamberlain “preocupa-se menos em baixar as tarifas alfandegárias de países estrangeiros do que em estabelecer uma tarifa alfandegária à volta do nosso”. Tarifas alfandegárias sobre todos os tipos de alimentos eram “remédios de charlatão”. Os trabalhadores “devem ver com desconfiança um plano para reduzir o custo de vida por meio de impostos sobre tudo aquilo que comem”. As colônias britânicas “rejeitarão propostas para restringir seu desenvolvimento econômico como as mulheres chinesas restringem o crescimento dos pés de seus filhos”.

Os eleitores de Churchill não foram convencidos. Na verdade, sua Associação Conservadora local começava a voltar-se contra ele. “Você parecerá ridículo”, escreveu-lhe em 11 de outubro o presidente de seu círculo eleitoral, um dos poucos apoiadores que lhe restavam, “se a maioria do seu próprio lado decidir não apresentá-lo como candidato quando chegarem as eleições”. O modo como defendia suas opiniões tinha causado profundas ofensas. Em 14 de outubro, foi aprovada uma resolução com a afirmação de que “essa assembleia lamenta o tom da carta do sr. Churchill”. “Minha carta”, disse Churchill a Morley dois dias mais tarde, “ativou vulcões em Oldham com uma fúria como nunca se viu.

Todo o eleitorado *tory* está louco pelo protecionismo ”.

Uma tia de Churchill, Cornelia, irmã de seu pai, esperava que o sobrinho se juntasse agora aos liberais . “Achei sua carta muito boa”, escreveu-lhe ela, “e lembrou-me a maneira como seu pai ia direito ao assunto. Acho que não há dúvida que Balfour e Chamberlain são iguais e que não há futuro para os partidários do comércio livre no Partido Conservador . Por que ficar?”. Churchill tinha chegado quase à mesma conclusão. “Eu sou um liberal inglês”, escreveu a Hugh Cecil em 24 de outubro. “Odeio o partido *tory* , seus homens, suas palavras e seus métodos. Não sinto nenhuma simpatia por eles, exceto pela minha própria gente em Oldham.”

Era sua intenção, disse Churchill a Cecil , que o Parlamento tomasse conhecimento “de minha separação do partido *tory* , completa e irrevogável, e, durante a próxima sessão, tenciono atuar solidamente com o Partido Liberal ”. O comércio livre era “tão essencialmente liberal em suas simpatias e em suas tendências que aqueles que lutam por ele devem tornar-se liberais ”. O dever daqueles que, como ele, pretendiam manter o comércio livre não era “continuar a ser um bando resmungão no flanco de um governo que pretende traí-lo, mas entrar audaciosa e honestamente nas fileiras de um grande partido sem cuja instrumentalização ele não pode ser preservado”.

Churchill manteve essa carta em segredo. Contudo, tornava-se claro que, se os Unionistas pelo Comércio Livre pretendiam manter-se no Parlamento como entidade política separada, não deviam esperar ajuda dos liberais . Os liberais não estavam dispostos, por exemplo, a permitir que os Unionistas pelo Comércio Livre se apresentassem numa eleição futura sem a oposição de candidatos liberais. “Estou desejoso”, apelou Churchill a Morley uma semana antes, “de que sua posição de comando incite o Partido Liberal a olhar além da simples vantagem que é para o partido a captura de alguns lugares com a destruição de homens que no futuro poderiam fazer algo pelo liberalismo ”. Churchill não só queria “fazer algo pelo liberalismo” como também queria, explicou a Cecil , “ajudar a preservar um Partido Liberal reconstituído contra os assaltos do capital e do trabalho”.

Churchill ainda estava tentando persuadir os liberais a permitirem que os Unionistas pelo Comércio Livre se candidatassem sem oposição. Porém, em 2 de novembro, durante uma conversa com o tio, lorde Tweedmouth , um importante liberal, ele contou a Cecil que “só obteremos apoio oficial dos liberais se nos apresentarmos como leais e sinceros candidatos liberais”. Tweedmouth desejava ajudar, acrescentou Churchill, “mas a máquina liberal

parece ser tão estúpida e embrutecida quanto a conservadora”.

Em 11 de novembro, Churchill e Cecil foram os principais oradores num encontro de comércio livre em Birmingham. Era uma última tentativa de afastar a opinião conservadora do protecionismo, fazendo-o onde o sentimento pró-Chamberlain era mais forte. “Revi cuidadosamente meu discurso”, disse Churchill a Cecil poucos dias antes do encontro, “de modo a evitar termos provocativos, e acho que não terei dificuldade em levar o público a ouvi-lo”. O encontro em Birmingham decorreu sem incidentes, com Churchill fazendo uma ardente defesa do comércio livre. Depois de ter falado, um liberal na audiência comentou: “Aquele homem pode chamar a si próprio do que quiser, mas é tão *tory* quanto eu.” Três semanas depois, a Associação Liberal de Birmingham convidou-o a candidatar-se nas próximas eleições gerais por Birmingham Central, onde o pai lutara uma vez.

Churchill ainda não se decidira a juntar-se ao Partido Liberal. Entretanto, falou em dezembro em apoio ao comércio livre em Chelsea e em Cardiff. Foi também a Oldham expor sua posição perante líderes da Associação Conservadora local. “É pouco provável que eu concorra por Oldham como candidato conservador nas próximas eleições”, disse-lhes. Porém, Churchill primeiro queria ver se conseguia influenciar os trabalhadores do círculo eleitoral com seus discursos. “Talvez consiga causar-lhes uma impressão verdadeira e obter partidários bastante independentes de qualquer organização partidária existente.”

Nesse dezembro, lorde Tweedmouth perguntou a Churchill se gostaria de candidatar-se como liberal por Sunderland: “O assento está em aberto e seria uma oportunidade muito boa.” Ele ainda não estava preparado para dar esse salto, mas, dois dias depois, ainda descrevendo a si próprio como unionista pelo comércio livre, enviou uma carta de apoio ao candidato liberal que defrontava um conservador numa eleição intercalar em Ludlow. “Os partidários do comércio livre de todos os partidos”, escreveu, “devem formar uma única linha de combate contra um inimigo comum”. Tinha chegado o momento para uma “ação unida”.

Cecil sentiu-se ofendido pelo apelo de Churchill a um voto anticonservador. “Você abandonou a ‘vida’ que tinha como membro do partido por nada”, escreveu-lhe. Até então, os Unionistas pelo Comércio Livre tinham concordado em lutar contra o protecionismo de dentro do Partido Conservador. “Agora, num de seus insensatos estados de espírito transitórios, você abandonou completamente essa linha e voou para os braços dos liberais.” Essa

“instabilidade”, escreveu Cecil, “torna quase impossível trabalhar com você; e, a não ser que se cure, ela será um perigo fatal para sua carreira”. Cecil cumpriria sua promessa de discursar com Churchill em Worcester e Aberdeen, mas depois “temos de nos separar”.

A mensagem de apoio de Churchill aos liberais em Ludlow também tinha irritado seus eleitores de Oldham. A ira aumentou com um discurso que fez em Halifax em 21 de dezembro, no qual disse “Graças a Deus temos uma oposição”, que foi considerado pelo presidente de seu círculo eleitoral como “presságio de sua adesão ao Partido Liberal”.

“Minha linguagem não o compromete”, escreveu Churchill a Cecil, procurando assegurá-lo tanto sobre sua mensagem em Ludlow quanto sobre seu discurso em Halifax, “e você é livre para repudiá-la se pensa que o merece. Também não me separei formalmente do Partido Conservador, embora seja um passo que não poderei adiar muito”.

Dois dias depois do discurso de Churchill em Halifax, o Comitê de Resoluções Gerais da Associação Conservadora de Oldham aprovou uma resolução informando-o de que ele tinha “abusado da confiança que nele tinham depositado como membro unionista por Oldham e, no caso de uma eleição, já não poderia ele confiar em utilizar a organização conservadora em seu benefício”. Sem se deixar desencorajar, Churchill dedicou-se a formar em Oldham uma organização local de Unionistas pelo Comércio Livre, que o apoiaria numa eleição intercalar. Sua ideia era renunciar ao assento e depois defender “a questão do comércio livre”. Com esse objetivo, assegurou ao Partido Trabalhista local que, se não se lhe fizesse oposição na eleição intercalar, não se candidataria por Oldham nas eleições gerais. Quatro dias depois, a Associação Conservadora confirmou a resolução do Comitê de Resoluções Gerais, garantindo que Churchill não receberia apoio oficial dos conservadores nas próximas eleições gerais.

No último dia de 1903, Churchill almoçou com Lloyd George. Seu objetivo era encontrar terreno comum entre os Unionistas pelo Comércio Livre e os liberais, caso estes aceitassem não se candidatar contra os unionistas em alguns círculos. Ficou agradavelmente surpreso por ver quão “tolerantemente” Lloyd George ouviu seus pontos de vista. Lloyd George falou a Churchill sobre a necessidade de seu grupo adotar um “programa positivo”, especialmente com respeito aos trabalhadores. “Não posso fingir que fiquei chocado”, escreveu Churchill a Cecil. “No geral, foi uma conversa muito agradável e instrutiva.” Cecil, contudo, que partilhava da profunda hostilidade dos conservadores para

com o radicalismo de Lloyd George, ficou furioso com o encontro de Churchill: “Sequer considero a hipótese de negociar com ele”, escreveu. Tinha também decidido não discursar com Churchill em Aberdeen.

Para que lado Churchill se voltaria? Deveria demitir-se em Oldham e manter seu assento como unionista pelo comércio livre ? Ou deveria, como tinha escrito a Cecil na carta que não enviara, deixar os conservadores e juntar-se plenamente aos liberais ? “As dificuldades da situação política me deprimem”, escreveu ele a Cecil no dia de Ano-Novo de 1904, “e parece que, independentemente do que façamos nas próximas eleições, o partido *tory* será permanentemente capitalista e protecionista no caráter, e o Partido Liberal será desfeito em pedaços entre o capital organizado e o trabalho organizado”.

Ainda parecia possível que os Unionistas pelo Comércio Livre sobrevivessem eleitoralmente como grupo independente; em 5 de janeiro, Tweedmouth informou Churchill de que Asquith e Herbert Gladstone , filho do antigo primeiro-ministro, tinham sido autorizados a “conferenciar com dois elementos do seu partido quanto a lugares e possíveis condições de entendimento”. Porém, a “primeira condição” para tal entendimento, avisou Tweedmouth , era que o grupo de Churchill votasse uma emenda sobre o comércio livre quando o Parlamento voltasse a reunir-se. Churchill aceitou a condição liberal e persuadiu seus colegas Unionistas pelo Comércio Livre a fazerem o mesmo.

Havia agora uma considerável fúria dos conservadores em relação ao seu importante papel na luta dos Unionistas pelo Comércio Livre . Um membro conservador do Parlamento declarou que ele “chegou ao mais baixo da ignomínia política”. Seus amigos conservadores mais chegados compreenderam a força de suas convicções. “É uma grande tristeza para mim que suas opiniões sobre esse assunto sejam o que são”, escreveu-lhe lord Dudley em 9 de janeiro, “mas, crendo tão fortemente, você tem todo o direito de lutar por elas até o fim”.

Em 2 de março, em seu primeiro discurso na nova sessão do Parlamento, Churchill atacou a adesão do governo à Convenção do Açúcar, assinada em Bruxelas, que protegeu o preço do açúcar vindo das Índias Ocidentais em relação a todos os outros mercados não coloniais. Ao felicitá-lo pelo “brilhante discurso”, o líder liberal, Campbell-Bannerman , escreveu que a primeira parte “foi a ironia mais bem elaborada que já ouvi na Câmara dos Comuns ”.

Contudo, fora uma ironia à custa de um partido que já não estava disposto a perdoar ou esquecer nem estava particularmente interessado em que lhe dessem lições sobre como governar. “Sempre foi considerada uma infelicidade para um

país ser governado por um ponto de vista particular ou no interesse de qualquer classe particular, quer fosse a corte, a Igreja, o Exército ou as classes mercantil ou trabalhadora”, disse ele. “Todos os países devem ser governados de um ponto de vista central em que todas as classes e todos os interesses estejam proporcionalmente representados, e atrevo-me a pensar que até nesses tempos modernos esse princípio se aplica ao nosso governo.” Quanto à Convenção do Açúcar propriamente dita, ele disse: “Nós vemos a alimentação não como declaração num folheto, não como instrumento parlamentar da oposição, não como uma ameaça para o futuro, mas como um fato consumado, declarado e admitido, e que agora é gabado como uma conquista da legislação que nos pedem para aprovar.”

Uma semana depois dessa declaração de Churchill contra o protecionismo, seus colegas unionistas apresentaram uma emenda expressando sua oposição ao protecionismo do governo. Inicialmente, na esperança de evitar um conflito, Balfour deu sua aprovação à emenda, mas, quando os *tories* protecionistas protestaram, ele retirou o apoio e a emenda foi derrotada. “Acho que o governo está em decomposição”, escreveu Churchill a Samuel Smethurst. “Estão sempre discutindo uns com os outros e são incapazes de chegar a alguma ação decisiva. Está reservado ao Partido Conservador um terrível desmoronamento.”

Churchill havia começado a votar regularmente contra os conservadores. Naquele março, apoiou um voto liberal de censura ao uso que o governo fazia, na África do Sul, de mão de obra chinesa contratada. Votou também a favor de projetos de lei liberais para devolver os direitos legais aos sindicatos e aplicar impostos às vendas de terras quando eram compradas baratas e vendidas a um preço mais alto para construção.

A Associação Liberal do Noroeste de Manchester convidou Churchill a ser candidato nas próximas eleições. Ele poderia concorrer se quisesse, não como liberal, mas como um “candidato especial” da Liga para Alimentos Livres. Sentiu-se tentado a aceitar, tendo dito a Cecil, em 26 de março, que o círculo eleitoral queria alguém para responder “taco a taco”, durante as eleições, aos discursos que Balfour fizesse, “e quando perceber que não há nenhum político partidário do comércio livre em Lancashire, mesmo da menor importância, verá por si próprio as possibilidades que isso oferece”.

“Os liberais de Manchester estão convencidos”, disse Churchill a Cecil, “de que o efeito de minha campanha se fará sentir em todos os nove lugares de Manchester e na dúzia de círculos que se agrupam em seu redor”. Ele propunha-se agora a colocar Balfour “numa situação embaraçosa” na Câmara dos Comuns

, fazendo “uma quantidade de perguntas incômodas sobre seus pontos de vista fiscais”. Iria também “ridicularizar” as mais recentes propostas econômicas de Balfour . “Não seja violento demais na terça-feira”, disse Cecil . “Adote uma posição responsável e demonstre-a com persistência.”

O debate aconteceu em 29 de março. Quando Churchill começou a falar, declarando que o público tinha o direito de saber o que pensavam os homens públicos sobre as questões públicas, Balfour levantou-se de seu lugar e saiu da Câmara. Churchill protestou imediatamente junto ao presidente do Parlamento, dizendo que a saída de Balfour mostrava “falta de deferência e de respeito” para com a Câmara. Nessa altura, todos os ministros na primeira fileira se levantaram e saíram, seguidos quase imediatamente pelos conservadores das outras bancadas, alguns dos quais se detiveram à porta para insultar Churchill, que ficou praticamente sozinho, com apenas alguns unionistas ao seu lado. Ele continuou seu discurso, mas com alguma dificuldade, pois tinha sido em grande parte concebido como uma série de perguntas ao agora ausente Balfour .

“Segui seu conselho sobre meu discurso”, disse Churchill a Cecil no dia seguinte, “e concebi-o num tom moderado e pesaroso, mas, como provavelmente pôde ver, fui objeto de uma demonstração muito desagradável e desconcertante. Preferia ter sido rudemente interrompido, porque eu teria acalmado esse tipo de oposição ou, na pior das hipóteses, rido dela. Porém, a sensação de toda uma audiência a se dissolver atrás de uma pessoa e ser deixado com os bancos liberais cheios e o lugar do governo totalmente vazio foi muito inquietante, e só com grande esforço obriguei-me a continuar até o fim meu discurso”.

Quando se sentou, Churchill foi vibrantemente aplaudido pelos liberais , alguns dos quais lhe escreveram depois para dizer como haviam ficado chocados com aquela demonstração. Sir John Gorst , um dos aliados políticos de lorde Randolph e um unionista pelo comércio livre , criticou seus colegas conservadores pela “maior descortesia que penso já ter visto”.

No mesmo dia em que os conservadores abandonaram a sessão parlamentar, um episódio ocorrido do outro lado do mundo despertou a ira de Churchill. Foi a morte, na aldeia de Guru, no Tibete, de seiscentos tibetanos. “Pobres camponeses miseráveis”, foi como os descreveu o comandante britânico coronel Younghusband , “ceifados por nossos fuzis e nossas Maxims”. Não tinha havido mortes britânicas.

“É muito cruel fazer semelhante coisa”, escreveu Churchill a Cecil .

O desprezo absoluto pelos direitos dos outros é totalmente errado. Não pode existir no mundo um povo com um espírito tão miserável que, encontrando-se nas circunstâncias a que os pobres tibetanos têm sido sujeitos, opte por não resistir. Aquela tem sido sua terra há séculos e, embora sejam apenas asiáticos, “liberdade e pátria” têm algum significado para eles.

O fato de a derrota dos tibetanos ter sido saudada “com um grito feroz de triunfo pela imprensa e pelo partido”, acrescentou Churchill, “é um mau presságio”.

Em 18 de abril, Churchill aceitou o convite dos liberais do noroeste de Manchester para se apresentar como candidato defensor do comércio livre, tendo o apoio total dos liberais. Em sua carta de aceitação, escreveu que a Grã-Bretanha necessitava de “uma decidida mudança dos dispendiosos e vistosos adornos da ambição marcial para um traje mais sóbrio, um retorno aos primeiros princípios, uma mais alta consideração pelos direitos dos outros, uma mais firme confiança nas forças morais da liberdade e justiça que a tornaram famosa”. A essa altura, era um liberal em tudo exceto no nome. Em 22 de abril, falou durante 45 minutos no debate do Projeto de Lei sobre Sindicatos e Disputas Comerciais, defendendo os direitos dos sindicatos e pedindo insistentemente uma política construtiva para eles. O conservador jornal *Daily Mail* caracterizou o discurso como de um “radicalismo do tipo mais vermelho”.

Numa fase final do discurso, Churchill havia começado uma frase com as palavras: “Compete ao governo convencer as classes trabalhadoras de que não há nenhuma justificação...” Nesse ponto, ele hesitou, parecendo procurar as palavras na memória. Depois, parou de falar, pareceu confuso, consultou suas notas e sentou-se. Quando o fez, cobriu o rosto com as mãos e murmurou: “Agradeço aos distintos membros por terem me ouvido.” Alguns membros conservadores mais novos sentiram-se tentados a rir do seu opositor, mas havia muitos membros mais velhos que recordaram os últimos vacilantes e por fim incoerentes discursos de lorde Randolph e ficaram espantados ao pensar que o filho talvez tivesse começado a sofrer do mesmo terrível colapso.

Não se tratava de um problema grave: “Acho que ele sobrecarregou demais seu sistema nervoso”, escreveu um médico especialista. A perda de memória fora resultado de “uma forte emoção, e aparece nos momentos menos oportunos. Felizmente, quase nunca se repete”. E realmente não se repetiu com Churchill. No futuro, contudo, já não confiaria por completo, como até então, na memorização dos discursos e ajudaria sua copiosa memória com notas

completas, quase palavra por palavra, para se guiar.

Churchill ainda não havia aderido “formalmente” ao Partido Liberal , explicou a um amigo em 2 de maio. “Essa circunstância ainda não chegou. Se ocorrerá ou não, isso depende do futuro rumo da política.” Onze dias depois, em 13 de maio, desferiu seu mais feroz ataque ao protecionismo . Falando na Federação Liberal em Manchester, com Morley ao seu lado, descreveu “o que se podia esperar” se o Partido Conservador voltasse ao poder sob a bandeira do protecionismo. Seria “um partido de grandes direitos adquiridos”, declarou, “unidos numa formidável federação, com corrupção em casa e agressão no estrangeiro para encobri-la, com a trapaça dos malabarismos com os impostos, com a tirania de uma máquina do partido, com sentimentalismo e patriotismo aos litros, com o Tesouro e a porta da Casa Pública abertos, com comida cara para milhões e com mão de obra barata para o milionário”.

Churchill terminou seu discurso com uma declaração de fé no liberalismo : “Nosso movimento”, declarou, “caminha para uma melhor e mais justa organização da sociedade, e nossa fé é forte e grande em que certamente virá o tempo — e virá mais cedo devido aos nossos esforços — em que as sombrias e cinzentas nuvens sob as quais milhões de compatriotas nossos labutam monotonamente se quebrarão, dissolverão e desaparecerão para sempre sob o brilho do sol de uma nova e nobre era”.

Nessa altura, apenas um obstáculo impedia Churchill de juntar-se ao Partido Liberal : sua oposição ao Projeto de Autonomia. Tinha herdado essa oposição do pai, e ela era parte do pensamento e da política conservadora e unionista. Em meados de janeiro, Sir Francis Mowatt , chefe da Administração Pública, tinha lhe dado algumas “notas sobre a Irlanda”. Na terceira semana de maio, depois de ter falado com um dos membros nacionalistas irlandeses do Parlamento, decidiu encurtar a última distância que o separava dos liberais e propor um plano específico para o maior controle irlandês de seus próprios assuntos.

Churchill expôs seu plano numa carta a Morley em 17 de maio. Não haveria Parlamento irlandês separado. O controle da polícia permaneceria em Westminster, mas seriam criados conselhos provinciais para educação, concessões de licenças, impostos municipais, sistemas de esgotos e estradas de ferro. Esses assuntos seriam confiados “absolutamente ao povo irlandês para orientá-los bem ou mal conforme escolhessem”. A nova política “constituiria um definitivo passo à frente a partir da política do governo local e poderia ser livremente descrita como ‘autonomia administrativa’. Poderia ser defendida

tanto pelos unionistas, pois eliminava tudo o que era pedido para a autonomia legislativa, quanto pelos autonomistas, pois era o penúltimo passo”.

Esse foi o primeiro passo de Churchill em seu caminho para o Projeto de Autonomia. Duas semanas depois, em 30 de maio, numa carta aos líderes judeus de Manchester, criticou publicamente a mais controversa de todas as novas legislações submetidas ao Parlamento, o Projeto sobre Estrangeiros, que fora apresentado pelo governo. Essa medida, que tinha sido entregue ao Parlamento dois meses antes, destinava-se a reduzir drasticamente a imigração de judeus da Rússia para a Grã-Bretanha. Na sua carta, Churchill anunciou que se oporia ativamente a esse projeto. Era contra abandonar “a velha e generosa prática de livre entrada e asilo a que este país aderiu há tanto tempo e com a qual tanto ganha”. Ainda advertiu sobre o perigo da legislação proposta cair nas mãos de um ministro do Interior “intolerante ou antisemita”. Estava preocupado com o efeito que causaria o projeto no “simples imigrante, no refugiado político, no indefeso e no pobre” que, quando a legislação entrasse em vigor, não teria “o menor direito de recorrer à ampla justiça dos tribunais ingleses”.

Atacando aqueles que eram ainda seus líderes, Churchill descreveu o Projeto sobre Estrangeiros como uma tentativa do governo “de gratificar uma pequena e barulhenta parte de seu eleitorado e comprar um pouco de popularidade nos círculos eleitorais, tratando com dureza desafortunados estrangeiros sem direito a voto”. O projeto seria recomendável “para aqueles que gostam de patriotismo à custa de outros povos e que admiram o modelo russo de imperialismo. Essa lei apelará aos preconceitos insulares contra os estrangeiros, ao preconceito racial contra os judeus e ao preconceito laboral contra a competição”. O ataque de Churchill ao Projeto sobre Estrangeiros foi publicado no *Manchester Guardian* em 31 de maio. Era o primeiro dia de atividade parlamentar depois do intervalo de Pentecostes. Nesse dia, Churchill, aos 29 anos de idade, entrou no recinto da Câmara dos Comuns, parou por um momento junto à barra, olhou durante breves instantes para as bancadas do governo e da oposição, caminhou pela coxia, cumprimentou o presidente do Parlamento e virou-se num gesto cortante e enfático para a bancada liberal, onde sentou-se junto de Lloyd George. Juntara-se aos liberais. Escolheu o lugar em que seu pai se sentara durante os anos em que estivera na oposição e em que agitara o lenço para festejar a queda de Gladstone em 1885. O filho “dissidente” de lorde Randolph colocava-se agora ao lado dos herdeiros liberais de Gladstone, determinado a enaltecer suas fileiras e a ajudá-los a obter a vitória eleitoral.

9.

Revolta e responsabilidades

Desde o momento em que se sentou na bancada da oposição liberal na Câmara dos Comuns , em 31 de maio de 1904, Churchill colocou-se na vanguarda dos esforços liberais para desacreditar os conservadores e mostrar ao público os méritos do liberalismo . Na Câmara, “seus ataques ao governo puseram-no de mal com o mundo conservador de sua família e de sua classe”. “Não pude deixar de pensar, na noite passada”, escreveu ele a Hugh Cecil em 2 de junho, “que desgraça é para mim romper com toda essa reluzente hierarquia e com que cuidado preciso organizar meu pensamento para ficar totalmente independente dela”. O “pior”, acrescentou, “é que, quando a questão do comércio livre se acalmar, minhas ambições pessoais ficarão encalhadas na praia — e elas são um feio e medíocre espetáculo, embora sejam uma vantagem quando empurradas pela maré de uma grande causa exterior”.

Em 4 de junho, quatro dias depois de sua adesão formal ao Partido Liberal , Churchill atacou as políticas protecionistas de Balfour num discurso público em Manchester. Quatro dias depois, na Câmara dos Comuns , foi um dos três oradores liberais que denunciaram o Projeto sobre Estrangeiros ; os outros dois foram Campbell-Bannerman , líder do Partido Liberal, e Asquith . Era o primeiro discurso de Churchill na bancada da oposição. No mês seguinte, conduziu o ataque ao Projeto sobre Estrangeiros cláusula a cláusula. “O senhor infundiu um novo espírito nos homens mais novos da oposição, como se viu na noite passada!”, escreveu-lhe, em 1º de julho, o diretor de Elbank, deputado liberal desde 1900.

O Projeto sobre Estrangeiros foi submetido a tantas e tão eficazes emendas, criticadas por Churchill a cada etapa, que foi retirado em 7 de julho. Um importante judeu de Manchester, Nathan Laski , escreveu a Churchill para agradecer pela “esplêndida vitória que obtive para a liberdade e para a tolerância religiosa”. Laski também encorajou Churchill a respeito de seu círculo eleitoral. “Tenho mais de vinte anos de experiência em eleições em Manchester”, escreveu ele, “e digo-lhe sinceramente que não houve um único

homem capaz de despertar o interesse que o senhor despertou, de modo que estou certo de seu futuro sucesso”. Outros importantes liberais locais reiteraram esse sentimento. “O povo está desejoso de vê-lo, não só como candidato do ‘comércio livre’ pelo noroeste de Manchester”, escreveu-lhe um deles nesse verão, “mas também como o principal combatente do ‘Partido Comércio Livre’ e como um líder liberal num futuro próximo”.

No final de julho, Churchill falou a lorde Tweedmouth a respeito das conversas que tivera com Lloyd George sobre a necessidade de estimular a chefia liberal. Tweedmouth deu-lhe alguns conselhos: “Seja vigoroso, mas evite ser cáustico ou sarcástico demais à custa de nossos moluscos da primeira fila; seja para eles mais uma voz animadora e um estímulo do que um chicote.” Da tia, lady Tweedmouth, irmã do pai, que estava doente, chegaram mais conselhos: “Ela pede-lhe que não seja violento e agressivo demais e que se lembre da verdade que existe na máxima *suaviter in modo, fortiter in re*.”

Churchill estava disposto a poupar a primeira fila liberal, mas não a primeira fileira *tory*. “É o fato de esses ministros serem exaltados, protegidos, servidos, louvados”, explicou a Cecil nesse julho, “que provoca meus ataques”. Em 2 de agosto, num ataque persistente sobre o modo como Balfour conduzia os assuntos do governo, Churchill declarou:

Há um aspecto sobre o qual devemos felicitar o primeiro-ministro. Afinal, estamos quase no final desta sessão parlamentar e ele continua lá! A atuação da Câmara dos Comuns foi mutilada. Não tem importância! Foi gasta uma enorme quantidade de dinheiro. Não tem importância! Mas aqui está o primeiro-ministro, neste final de sessão parlamentar, há muito mais tempo do que muita gente poderia esperar ou desejar. Eu apresento ao distinto cavalheiro, muito sinceramente, minhas mais humildes felicitações pelo seu feito.

Ao mesmo tempo que o estilo de Churchill, cheio de farpas, criava-lhe muitos inimigos, ele próprio era ferido pelas críticas privadas no círculo da família ao passar para a bancada liberal. “Se todos tivessem adotado uma atitude tolerante, a situação seria totalmente diferente”, escreveu ele à prima, lady Londonderry. Quanto às recentes expressões de tristeza por parte dela, por Churchill ter abandonado os conservadores: “Aprecio ainda mais sua atitude”, explicou ele, “pois deduzi, de histórias que me contaram nos últimos meses, que tinha comentado minhas ações mais severamente do que eu poderia esperar de uma

pessoa que me conheceu a vida toda”.

Nesse verão, enquanto a tempestade política soprava em torno dele, Churchill foi com a mãe a um baile oferecido por lady Crewe , esposa de um importante liberal. No baile, foi apresentado, pela mãe, a Clementine Hozier, uma bela jovem de 19 anos, cuja mãe era amiga de lady Randolph havia muitos anos. Feita a apresentação, Clementine esperou que Churchill a convidasse para dançar, mas ele não a convidou. “Winston ficou simplesmente me olhando”, recordou ela mais tarde. “Em nenhum momento pronunciou uma só palavra e estava muito atrapalhado — não me convidou para dançar nem para comer com ele.” Ela tinha, evidentemente, ouvido falar muito sobre quão controverso era Churchill: “Só coisas ruins. Tinha ouvido que era presunçoso, inconveniente etc. E, naquela ocasião, ele se limitou a ficar parado e me olhar.”

Clementine tinha arranjado a situação de modo a ser salva se fosse necessário. “Um admirador seu estava perto dela”, escreveu mais tarde sua filha, Mary , “e, obedecendo a um discreto sinal, aproximou-se e convidou-a para dançar com ele”. Enquanto dançavam, o jovem perguntou a Clementine o que estava conversando com “aquele horrível Winston Churchill”. Passariam quase quatro anos até ele voltar a encontrar Clementine Hozier.

Nesse outono, Churchill afastou-se das disputas políticas para tentar concluir a biografia do pai, passando três semanas na *villa* de Sir Ernest Cassel , em Moerel, nas montanhas suíças. Trabalhou no livro todas as manhãs, passeando à tarde e jogando bridge todas as noites. “Durmo como uma pedra e nunca me senti tão bem”, escreveu à mãe. De volta à Inglaterra, foi visitar Chamberlain para lhe falar sobre o pai. “Jantamos sozinhos”, recordou mais tarde. “À sobremesa, foi aberta uma garrafa de vinho do Porto de 1834. Foi feita apenas uma breve referência às atuais controvérsias.” Chamberlain disse a Churchill: “Acho que tem toda a razão, sentindo o que sente, em juntar-se aos liberais . Deve esperar ouvir tantas injúrias quanto eu. Mas, se um homem está seguro de si, isso apenas o atiza e o torna mais eficiente.” À exceção dessa referência às disputas atuais, a conversa, escreveu mais tarde Churchill, “concentrou-se nas controvérsias e personalidades de vinte anos antes”. Em dado momento, como Churchill contou à mãe, “apresentou a taça que meu pai lhe dera por ocasião de seu terceiro casamento e fez um grande estardalhaço acerca disso”.

“Você vai rir”, escreveu Churchill a um amigo unionista pelo comércio livre , “quando souber [do segredo] que passei uma noite muito agradável em Highbury e que tive uma conversa muito interessante e amistosa, durante cinco ou seis horas, com o grande Joe”. Ele ainda acrescentou: “Meu prognóstico é

que ele e o primeiro-ministro vão se engalfinhar e arrastar o partido para uma destruição tão completa que os liberais obterão uma vitória gigantesca nas eleições — muito maior do que eles pensam — e que eles ficarão reduzidos a pedaços em pouco tempo.”

Politicamente, Churchill tinha começado a aproximar-se da ala radical do Partido Liberal, chefiada por Lloyd George. Em Carnarvon, em 18 de outubro, partilhou a tribuna com o “feiticeiro galês”, e, em Edimburgo, em 10 de novembro, declarou que temia mais o “Partido Capitalista Independente” do que o Partido Trabalhista Independente, dizendo à sua audiência escocesa: “Hoje em dia, parece que ninguém se preocupa com coisa nenhuma a não ser com dinheiro. Nada importa exceto as contas bancárias. Qualidade, educação, distinção cívica e virtude pública parecem valer menos ano após ano. As riquezas naturais parecem ter cada vez menos valor.”

Num ataque ao mau uso do capital, Churchill disse aos cidadãos de Edimburgo: “Em Londres, temos um importante grupo que anda por aí pregando o evangelho de Mammon, defendendo os mandamentos dos dez por cento que rezam todos os dias a inspiradora oração: ‘O dinheiro nosso de cada dia nos dai hoje, Ó Deus!’” O último governo liberal tinha instituído a regra de não permitir que os ministros fossem diretores de empresas públicas. Churchill apurou que 31 dos então 55 ministros conservadores eram diretores, abarcando, entre todos, 68 cargos de direção. “Esse relaxamento de princípios é um sinal da degeneração da época.” O mesmo acontecia com a recente venda de um jornal do “comércio livre”, o *Standard*, a um proprietário protecionista. “O que diremos”, perguntou Churchill, “daqueles que utilizam sua vasta riqueza para envenenarem as fontes de informação pública?”.

Quando Churchill chegou ao fim de sua fala, toda a audiência se levantou e o aplaudiu. “Fiquei muito satisfeito com essa reunião, que foi à sua maneira um triunfo!”, escreveu a lorde Rosebery. “Ah, mas quanto trabalho e que batalha é derrubar esse governo com nosso exército dividido e indisciplinado!”

Antigos amigos conservadores continuavam apreensivos com os violentos ataques de Churchill ao seu velho partido. “Eu admito que minha conduta está aberta a críticas”, escreveu a um desses amigos em novembro de 1904, pouco antes de completar trinta anos, “não, graças a Deus, no que diz respeito à sinceridade, mas pelo ponto de vista do critério”. Ele continuou a explicar: “Tive de escolher entre lutar e assistir. Sem dúvida a última opção era mais decorosa, mas eu quis lutar — senti que podia lutar com todo o meu coração e com toda a minha alma —, portanto foi o que fiz.” A política era,

evidentemente, “uma forma de disputa em que calúnias e injúrias são armas reconhecidas, mas participar de uma rixa feia não prejudica, na minha opinião, as relações pessoais”.

Na Câmara dos Comuns , sustentando ainda a causa que o pai defendera sobre economia no Exército, Churchill criticou o novo ministro da Guerra, Hugh Arnold-Foster , pelos altos custos do Estado-Maior, que são, explicou ele, “aqueles dourados e emplumados funcionários com chapéus de latão e funções decorativas, que se multiplicam tão luxuosamente nas planícies de Aldershot e Salisbury”. Quando leu essa crítica, o rei Edward VII comentou: “Que belas palavras para um subalterno dos Hussardos!” Uma semana depois, Churchill apresentou sua própria moção contra as tarifas alfandegárias. Num poderoso discurso fortemente argumentado — “o melhor que fez até hoje”, escreveu Lewis Harcourt , futuro ministro liberal para as Colônias —, Churchill disse à Câmara:

Não queremos ver o império britânico degenerar numa confederação insociável, como uma cidade medieval separada por muralhas das regiões circundantes, abastecida de víveres para um cerco e contendo dentro do círculo de suas ameias tudo o que é necessário para a guerra. Nós queremos que nosso país e os estados associados a nós participem livremente e com imparcialidade no intercâmbio geral entre nações comerciais.

Quanto mais eficiência e energia Churchill mostrava em suas falas contra os conservadores , mais profundamente eles se melindravam com suas críticas. Em abril de 1905, sentiu-se obrigado a deixar o Carlton Club , do qual, como conservador do Parlamento, tinha sido membro nos últimos cinco anos. Estava, escreveu a lorde Londonderry, “em conflito tão permanente com o Partido Conservador em todos os aspectos que já não se justifica fazer parte de seu clube, que se tornou desagradável para mim”. Churchill acrescentou: “Velhas amizades foram quebradas e, por outro lado, foram contraídas novas obrigações.”

Dois meses depois, votaram por sua saída do Burlingham Club. “Trata-se de um fato quase sem precedentes na história do clube, pois os jogadores de polo são sempre bem-vindos”, escreveu ao diretor do Elibank. “Creio que nem você nem seus amigos liberais fazem ideia do intenso azedume político que sentem contra mim do outro lado”, acrescentou. Churchill respondia ferozmente aos que via como seus inimigos, de tal modo que amigos como Elibank ficaram

alarmados com o tom contundente de suas referências aos ministros do governo e a Balfour em particular. “Você é o único político que me influenciou e atraiu em dez anos no Parlamento”, explicou Elibank. “Eu falo do ponto de vista de ‘chefia’”, continuou ele. O sentimento entre aqueles “que inevitavelmente se situam entre seus apoiadores, com o objetivo fundamental de levarem você e sua política a serem bem-sucedidos no país”, era que a contínua depreciação de Balfour “pode diminuir, na estimativa do público, o peso e o efeito produzido pelo alto nível dos seus discursos sobre os problemas atuais”.

Churchill soube também, por intermédio de Ian Hamilton , que numa casa de campo, durante um fim de semana no verão, “homens e mulheres, no elegante grupo ali reunido, estavam preparados para criticá-lo severamente”, e foi Balfour quem “falou tão bem de você e expressou esperanças tão abundantes no seu futuro que ninguém levantou um dedo”.

Durante mais um breve tempo, Churchill pôs a política de lado para acabar de escrever a biografia do pai. “Por enquanto”, contou a Rosebery , “o homem de Estado está em repouso, e é o indivíduo literário e o jogador de polo que está em primeiro plano”. Durante as duas primeiras semanas de outubro, em Blenheim , corrigiu as provas tipográficas da biografia do pai. Estava também, disse à mãe, “tentando obter uma boa soma de dinheiro com meu livro”. Nessa tarefa foi extraordinariamente bem-sucedido, recebendo 8 mil libras, a mais elevada quantia já paga na Grã-Bretanha por uma biografia política.

Enquanto Churchill finalizava a biografia do pai, um escritor liberal, Alexander MacCallum Scott , publicou sua primeira biografia do próprio Churchill. Nela, Scott escreveu, em tom de aprovação, que Churchill estava determinado “a que o capital fosse o servo e não o dono do Estado” e que “a verdadeira felicidade das nações deve ser assegurada pelo desenvolvimento industrial e pela reforma social do próprio país, e não pela expansão territorial e pelas aventuras militares no estrangeiro”. Scott chamou também atenção para o fato de Churchill não estar de acordo com a afirmação de Chamberlain de que o futuro dependia dos grandes impérios territoriais. Se o império britânico se mantiver, teria dito Churchill, não será por sua extensão ou por seu Exército, mas “por basear-se na concordância de povos livres, unidos uns aos outros por princípios nobres e progressistas, porque é animado pelo respeito, pelo direito e pela justiça”.

Scott , que quinze anos mais tarde seria secretário parlamentar de Churchill no Ministério da Guerra, comentou que, depois de Chamberlain , Churchill era “provavelmente o homem mais odiado na política inglesa”. Porém, acrescentou:

Ele será sempre um líder, quer seja de uma causa desesperada quer seja de um grande partido. Ele já é, na Câmara dos Comuns , um líder por direito natural, algo que nenhum homem disputa. Ele toma a atitude inevitável na qual ninguém ainda pensara, tem a ideia original que é tão simples e óbvia uma vez proferida e diz a frase feliz que exprime o que todos os homens ansiavam por dizer e que subsequentemente surge de forma tão conveniente na linguagem de todo mundo.

Scott tinha certeza de que Churchill “reuniria em sua pessoa as forças dispersas do comércio livre numa única e longa linha de batalha”. Era “uma ideia audaciosa e ambiciosa, e a luta será verdadeiramente dramática. Vencerá? Será ele o homem destinado a devolver a hegemonia política das províncias a Lancashire? Ele aposta alto, mas sua energia é firme e seus tiros são certos. De qualquer modo, ele irá à luta, e essa luta será digna de ser vivida ou vista”.

O comércio livre não era a única questão que agitava a mente do público; numa reunião no noroeste de Manchester, em 13 de outubro, Churchill e seu companheiro orador, Sir Edward Grey , foram repetidamente interrompidos por duas importantes sufragistas, Cristabel Pankhurst e Annie Kenny. Escortadas para fora do recinto pela polícia, as duas mulheres foram multadas em quinze xelins por perturbação da ordem, mas se recusaram a pagar e foram condenadas a uma semana de prisão. Ao saber disso, Churchill se ofereceu para pagar as multas. As duas mulheres preferiram o martírio da prisão.

A um liberal que ficou indignado com o que parecia ter sido uma reação severa demais da polícia, Churchill escreveu: “Criar confusão numa reunião pública e desrespeitar o presidente da assembleia não pode ser defendido com base em razões democráticas.” A carta continuava: “O poder de conduzir ordeiramente assembleias muito concorridas é uma das mais valiosas riquezas do povo britânico. Com homens que perturbem essas reuniões, é fácil lidar, mas repugna a qualquer um que seja usada força contra mulheres. Porém, se o sexo confere proteção, deve também infundir comedimento.” Ele não acreditava que as interrupções poderiam “ajudar a causa que essas senhoras tão zelosa e corajosamente defendem”. Grey , sublinhou ele, era “um apoiador ativo e de longa data” do voto para as mulheres.

No último dia de outubro, Churchill jantou com Edward VII . A intenção do rei, disse ele à mãe, “era me fazer entender os erros em minha maneira de proceder”. Era a primeira vez em três anos, contou ele a Rosebery , que o rei aceitava recebê-lo. “Falou com grande severidade e até veemência sobre meus

ataques a Balfour . Eu aceitei suas palavras com toda a humildade. No fim, mostrou-se mais indulgente e conversamos durante uma hora.”

Duas semanas depois, Churchill ficou doente. Correram rumores de que ele tinha sofrido um colapso nervoso, e o rei foi um dos que se mostraram preocupados. No fim do mês, Churchill cancelou todas as reuniões e foi para Camborne Manor, a propriedade de sua tia Cornelia em Dorset. Ali, tentou recuperar-se com a ajuda de uma “maravilhosa” massagista que, contou ele à mãe, tinha “virtudes quase miraculosas e sinto-me muito confortável e calmo”.

Em 30 de novembro, ainda em Dorset, Churchill fez mais um aniversário. “Trinta e um são muitos anos”, escreveu à mãe. Nessa semana, recebeu uma carta inesperada, desejando-lhe uma rápida recuperação. Vinha de Hugh Arnold-Forster, de cujas propostas de gastos com o Exército ele era o principal crítico. “Lamento sinceramente que esteja doente”, escreveu Arnold-Forster, do Ministério da Guerra. “Por favor, cuide-se. Sabe que não concordo com sua política, mas você é o único homem, em seu lado da Câmara, que parece compreender o problema do Exército. Por isso, de um ponto de vista puramente egoísta, quero que você melhore. Talvez deva acrescentar que tenho a mesma opinião de um ponto de vista pessoal e aprecio muito sua vida.”

Em 1º de dezembro, enquanto ainda estava em Dorset, Churchill informou à mãe que a massagista americana tinha observado que ele tinha a língua “presa por um ligamento que ninguém mais tinha”. “Essa é a verdadeira explicação para minha fala pelo nariz”, comentou ele. Por isso, foi a Londres para pedir a Sir Felix Semon que cortasse o ligamento. Semon negou-se a fazê-lo, e, assim, Churchill disse à mãe, em 4 de dezembro, que sua língua continuava “presa”.

Nesse mesmo dia, Balfour demitiu-se do cargo de primeiro-ministro, imaginando que deixaria os liberais numa situação conflituosa e que os conservadores sairiam, por fim, mais fortes. O rei mandou chamar Campbell-Bannerman , que começou imediatamente a formar um governo. A perspectiva de chegar ao poder uniu as diversas alas do Partido Liberal — tanto radicais liberais quanto imperialistas, com exceção de Rosebery , aceitaram trabalhar sob a direção do novo primeiro-ministro. Um cargo ministerial menor, de secretário financeiro do Tesouro, sob a chefia do novo ministro das Finanças, Asquith , foi oferecido a Churchill, mas ele preferiu um departamento em que pudesse demonstrar suas capacidades administrativas sob a direção de um chefe menos brilhante e com mais independência do que teria com seu chefe na Câmara dos Comuns .

Churchill pediu o cargo de secretário de Estado no Ministério das Colônias .

O ministro, lorde Elgin , estaria na Câmara dos Lordes, ficando Churchill encarregado de conduzir os assuntos do Ministério na Câmara dos Comuns . Seu pedido foi aceito. “Estou organizando o Ministério das Colônias para que tudo fique bem”, telegrafou-lhe Campbell-Bannerman em 9 de dezembro. “Tive certa dificuldade em conseguir o que desejava”, escreveu Churchill a Cecil , “pois isso implicou alterações consideráveis em outros cargos menores”. Dez dias depois de fazer 31 anos, Churchill ocupava um cargo a nível ministerial. “Como andaram as coisas desde que armamos nossa tenda no triângulo da estação da estrada de ferro de Estcourt!”, escreveu John Atkins , seu colega jornalista na Guerra dos Bôeres.

Em sua primeira noite como membro do governo, Churchill participou de uma festa em Londres, onde foi apresentado a Edward Marsh , funcionário do Ministério das Colônias , dois anos mais velho do que ele.

— Como está? — perguntou Marsh . — Devo fazer a pergunta com grande respeito.

— Por que “com grande respeito”? — perguntou Churchill.

— Porque vai ser meu superior no Ministério das Colônias — respondeu Marsh .

Intrigado, Churchill fez averiguações. Depois, na manhã seguinte, em seu primeiro dia completo no Ministério, convidou Marsh ao seu gabinete e perguntou se ele queria ser seu secretário particular. Marsh aceitou. Nessa noite, os dois jantaram no apartamento de Churchill na Mount Street. “Ele se mostrou perfeitamente encantador comigo”, escreveu Marsh à tia de Churchill, Leonie, “mas deixou claro que tipo de ajuda espera da minha parte, e quase sei que não o poderei fazer”. Marsh permaneceria como secretário particular de Churchill em todos os cargos ministeriais que este ocupasse durante o quarto de século seguinte. “Quando conhecemos Winston”, disse-lhe Pamela Plowden , “só vemos seus defeitos, e passamos o resto da vida a descobrir suas virtudes”.

O novo governo liberal convocou eleições gerais, determinado a garantir maioria na Câmara dos Comuns . Churchill lançou seu manifesto eleitoral em 1º de janeiro de 1906, descrevendo-se como “inimigo” de qualquer forma de sistema tarifário. Era também a favor de “uma redução de gastos em armamento” e da aplicação de impostos sobre o valor das terras. Quanto à Irlanda, embora se opusesse a qualquer forma de separação em relação ao Reino Unido, “veria de bom grado que fosse concedido ao povo irlandês o poder de decidir seu próprio orçamento, sua própria educação e suas próprias obras públicas de acordo com ideias irlandesas”.

Em 2 de janeiro, quando a campanha eleitoral começou, foi publicado o novo livro de Churchill, intitulado *Lord Randolph Churchill*. Foi descrito pelo suplemento literário do *Times* como estando “certamente entre as duas ou três mais emocionantes biografias políticas escritas em língua inglesa”. Lorde Rosebery enviou-lhe uma carta particular com elogios ao livro: “Bem-humorado, imparcial, vivo, abrangente e escrito num estilo admirável, com pequenas ironias refrescantes para temperar a composição, é um livro que dificilmente se larga.”

No livro, Churchill referia-se, numa clara associação ao seu próprio pensamento, a uma Inglaterra “de homens sábios que contemplam sem ilusões os defeitos e as loucuras de ambos os partidos políticos; de homens corajosos e sérios que não encontram em nenhuma das facções um objetivo sério para seus esforços; de ‘homens pobres’ que duvidam cada vez mais da sinceridade da filosofia de partido”. Era para essa Inglaterra, escreveu ele, “que lorde Randolph Churchill apelava; era essa Inglaterra que ele esteve perto de conquistar; era por essa Inglaterra que ele seria julgado com justiça”.

Acompanhado por Edward Marsh, Churchill foi para Manchester, em 4 de janeiro, para iniciar sua primeira campanha eleitoral como liberal. Durante o primeiro dia de campanha, os dois homens percorreram a pé os bairros pobres do distrito. “Churchill olhou ao seu redor”, recordou Marsh mais tarde, “e o que viu despertou sua imaginação e sua capacidade de compreensão. ‘Imagine’, disse ele, ‘o que é viver numa dessas ruas, sem nunca ver nada bonito, sem nunca comer nada saboroso, *sem nunca dizerem nada inteligente!*’ (o itálico era dele; seria impossível dar uma melhor imagem dos itálicos em palavras faladas).”

Churchill fez campanha durante oito dias. Num comício, quando um espectador mais provocador citou algo que ele tinha dito quando era conservador, respondeu-lhe: “Eu disse muitas coisas estúpidas quando estava no Partido Conservador e deixei-o porque não queria continuar a dizer coisas estúpidas.” Quanto à acusação de ser um vira-casaca político, disse:

Admito que mudei de partido. Não o nego. Tenho orgulho disso. Quando penso em todo o esforço que lorde Randolph Churchill fez pelo Partido Conservador e no modo como foi tratado por eles quando obtiveram o poder, coisa que nunca teriam conseguido sem ele, fico muito satisfeito por separar-me deles enquanto ainda sou novo e tenho energia para dar à causa popular.

As eleições se realizaram em 13 de janeiro. Os resultados foram anunciados na mesma noite. Churchill foi eleito por uma maioria de 1.241 votos num eleitorado de 10 mil. Tal como acontecera em 1900, quando sua campanha ajudara seus companheiros conservadores nos outros círculos eleitorais, agora os companheiros de campanha liberais se beneficiaram de sua destreza e zelo eleitorais. Seus esforços em Manchester e arredores ajudaram seis outros candidatos liberais a derrubarem os conservadores. “Bravo!”, escreveu-lhe o primo Ivor Guest . “Você deu tal impulso ao pêndulo que os efeitos serão sentidos em todo o país.” A vitória liberal foi um triunfo político esmagador. Os liberais conquistaram 377 lugares, seus aliados do Partido Trabalhista ficaram com 53 e os nacionalistas irlandeses , com 83, em um total “ministerialista” de 513 lugares. Contra esse grupo formidável havia apenas 157 *tories*, 11 dos quais antigos aliados de Churchill, os Unionistas pelo Comércio Livre .

Churchill era agora ministro de um governo com grande autoridade, muito maior do que a esperada. Era também autor de uma biografia muito aplaudida. “Há agora uma abertura tão grande para um Dizzy ou um Randolph ”, escreveu William Money Penny , biógrafo de Disraeli , ao felicitá-lo tanto pelo livro quanto pelo início de uma carreira oficial, “que estou inclinado a lamentar que você esteja emparedado na Downing Street”. Porém, Churchill não estava “emparedado” em lugar algum; nem sua proximidade do poder nem suas responsabilidades ministeriais impediriam a mesma independência de ação e de ideias que tinha caracterizado a atuação de seu pai e de Disraeli no século anterior.

Em seu gabinete no Ministério das Colônias , com Edward Marsh ao seu lado e com a orientação de funcionários públicos, alguns dos quais tinham o dobro de sua idade, a primeira tarefa de Churchill como ministro consistiu em ajudar a esboçar uma constituição para o Transvaal. Desde a rendição dos bôeres, mais de cinco anos antes, ele tinha sido um forte defensor da conciliação com as duas repúblicas derrotadas. Durante mais de um ano, tinha apoiado a concessão da autonomia a bôeres e britânicos equitativamente, com o objetivo de culminar numa única confederação. Agora, era o responsável ministerial por essa autonomia. Em 2 de janeiro de 1906, no primeiro documento oficial de sua carreira, instou o Gabinete a abandonar o plano do governo conservador anterior, que visava à manutenção do controle, e instituir no Transvaal um governo responsável.

Mais cedo ou mais tarde, quaisquer poderes retidos por Londres seriam

exigidos pelo Transvaal. A essa altura, contudo, “o controle dos acontecimentos já terá escapado das nossas mãos. Talvez não sejamos capazes, sem o uso da força, de prescrever as bases eleitorais da nova Constituição ou até de conservar as funções necessárias para a manutenção da ordem pública e da autoridade do rei. O que poderíamos ter dado com coragem e distinção, tanto na pátria quanto na África do Sul, e segundo nossos próprios termos, será arrancado de nossas mãos, sem bondade de qualquer espécie, num momento em que o governo poderá estar enfraquecido, deixando-nos apenas uma influência nominal sobre os termos de um acordo”.

O Gabinete aceitou a argumentação de Churchill e deu-lhe instruções para preparar planos pormenorizados para o acordo constitucional. Ao fazê-lo, pretendia criar igualdade de direitos entre os bôeres derrotados e os britânicos vitoriosos. “Não façamos nada que nos transforme em defensores de uma só raça e, conseqüentemente, prive-nos para sempre da confiança da outra”, escreveu ele numa nota para o Gabinete em 30 de janeiro. Churchill participava agora de vários encontros de um Comitê de Gabinete criado para decidir se era possível ou não estabelecer um governo responsável. Ao fim de um mês, o Gabinete decidiu conceder autonomia ao Transvaal a curto prazo. Churchill foi encarregado de explicar as razões e os pormenores ao Parlamento.

Uma outra questão sul-africana também exigiu muito tempo de Churchill durante o ano de 1906 e fora um aspecto importante do ataque aos conservadores durante a campanha eleitoral, quando os candidatos liberais denunciaram como “escravatura” o uso de trabalhadores contratados chineses na África do Sul. Ao chegar ao poder, o governo liberal comprometeu-se a acabar com esse recrutamento de trabalhadores chineses e a permitir que os trabalhadores que já estavam na África do Sul regressassem ao seu país. Churchill detestava as condições em que os chineses trabalhavam e quis apressar seu repatriamento tanto quanto possível. Quando o Gabinete, de que Churchill não era membro, hesitou em levar adiante uma medida que poderia afastar muitos líderes sul-africanos, ele avisou a lorde Elgin da inevitável indignação da Câmara dos Comuns com a continuação do uso, pelos donos das minas, da “compulsão armada para manter um contrato imoral”.

O Gabinete liberal sentia-se obrigado a não suspender os contratos aprovados pelo governo conservador em seus últimos meses no poder. Embora concordando em não permitir mais nenhum recrutamento de trabalhadores e em encorajar o repatriamento dos chineses da África do Sul, decidiu-se, principalmente numa tentativa de não despedaçar a economia sul-africana,

evitar um fim abrupto do sistema de vínculo contratual. Numa nota enviada a Elgin , Churchill propôs o estabelecimento de um período máximo de seis anos para a eliminação total do trabalho “escravo” dos chineses. “Se for possível fazer alguma coisa que permita aos bancos da África do Sul resolver suavemente a situação e que permita que seus clientes façam o mesmo, ficarei muito satisfeito”, escreveu ele. “Todas as sugestões que impeçam uma quebra súbita devem ser cuidadosamente consideradas, mas, com quebra ou sem quebra, essa política precisa ir adiante, e quanto mais depressa for posta em prática, melhor será para todos os envolvidos.”

Coube a Churchill defender na Câmara dos Comuns a decisão de acabar com o vínculo contratual. “O sistema de trabalho chinês”, disse ele, era uma “má herança” e tinha sido uma “experiência sórdida”. O objetivo do governo liberal era “uma revogação” gradual do sistema. Sua fala sobre as acusações de “escravatura” feitas durante a campanha eleitoral provocou escárnio e ironia por parte da bancada conservadora:

Um contrato de trabalho que os homens aceitam voluntariamente, por um período limitado e breve, recebendo salários que consideram adequados, segundo o qual não são comprados nem vendidos e podem obter compensação, pode não ser um contrato desejável, pode não ser um contrato saudável ou correto, mas não pode, na opinião do governo de Sua Majestade, ser classificado como escravatura na extrema acepção da palavra sem correr o risco de inexatidão de terminologia.

A oposição conservadora protestou com vigor contra o termo “escravatura” ser apontado como “inexatidão terminológica”. Afinal, tinham sido os liberais que, durante a campanha eleitoral, beneficiaram-se tanto da acusação de “escravatura”. Calmamente, Churchill propôs retirar as palavras “inexatidão de terminologia”. A calma com que fez essa proposta irritou ainda mais os conservadores . Depois, em 27 de fevereiro, lorde Milner admitiu na Câmara dos Lordes que tinha sancionado a punição de trabalhadores chineses quando era alto-comissário britânico na África do Sul, embora os chineses não tivessem sido condenados por um magistrado. Milner admitiu que isso tinha constituído uma violação de suas próprias leis e que essas punições eram, na verdade, injustas.

Churchill falou então, na Câmara dos Comuns , sobre a “grave negligência no cumprimento do dever público” e a “violação indiscutível da lei” por parte de

Milner . Uma semana depois dessa acusação, um membro radical do Parlamento apresentou uma moção de censura a Milner e iniciou-se um debate. Num esforço de conciliação, Churchill, embora expressando simpatia para com a moção, argumentou que, no interesse de um acordo na África do Sul, os membros deviam abster-se de censuras pessoais. Apresentou então uma emenda de sua autoria, condenando a punição dos *coolies* chineses, mas sem fazer referência a Milner .

Ao apresentar sua emenda, Churchill teve o cuidado de não se referir à participação de Milner na autorização das punições, mas tudo o que disse enfureceu os conservadores que o ouviram. Milner , disse ele à Câmara, tivera “um papel que deixaria sua marca, para o bem e para o mal, nas páginas da história”. As palavras “para o mal” não foram bem escolhidas.

Churchill proferiu várias frases que pretendia que fossem moderadas e sensatas, mas que, quando ditas, enfureceram a oposição tanto quanto se fossem um ataque direto a Milner . “É provável que lorde Milner tenha deixado a África do Sul para sempre”, disse ele.

O serviço público já não o conhece. Tendo ocupado um cargo de grande autoridade, não exerce agora nenhum. Tendo tido um cargo elevado, não tem agora nenhum. Tendo determinado acontecimentos que modelaram o curso da história, é agora incapaz de influenciar em qualquer grau a política atual. Tendo sido durante muitos anos, ao menos durante muitos meses, árbitro do destino de homens que são “ricos para além dos sonhos de avareza”, é hoje pobre, e eu diria honrosamente pobre. Depois de vinte anos de exaustivos serviços à Coroa, ele é hoje um funcionário público aposentado, sem pensão ou recompensa monetária de qualquer espécie. Não vale a pena persegui-lo mais.

Os recém-eleitos membros liberais do Parlamento não deveriam olhar de cima ou menosprezar “o vexame e a mortificação que devem ser sentidos por qualquer homem veemente e zeloso que vê os ideais, os princípios e as políticas pelas quais trabalhou duramente serem totalmente desacreditadas pelo povo da Grã-Bretanha e que sabe que muitas das disposições em que consumiu todas as energias de sua vida estão prestes a ser alteradas ou suprimidas”. “Lorde Milner”, acrescentou Churchill, “deixou de ser um fator nos acontecimentos públicos”. Foram frases duras, embora verdadeiras.

Churchill terminou seu discurso apelando aos liberais a não votarem na

moção de censura a Milner e a não acenderem o rastilho das paixões da política partidária em consideração a um acordo. A Câmara dos Comuns “pode enviar à África do Sul uma mensagem que não poderá ser pervertida, desvirtuada ou mal interpretada, uma mensagem de consolo para um povo perturbado, uma mensagem de tolerância e conciliação para raças em luta, uma verdadeira mensagem de boa esperança para o Cabo”. Esse apelo ao consolo, à conciliação e à esperança tinha boas intenções. Na verdade, como resultado da intervenção de Churchill, a moção dos radicais condenando Milner foi retirada. Ainda assim, suas referências a Milner excitaram as emoções de seus inimigos e seriam referidas durante muitos anos como prova de sua maldade e de sua falta de equilíbrio. Balfour , ao falar imediatamente depois de Churchill, pediu que tanto a emenda de Churchill quanto a moção de censura original fossem rejeitadas com “igual desprezo”.

“Pomposo e impertinente”, foi a opinião de um membro conservador do Parlamento, Sir William Anson , reitor do All Soul’s College, de Oxford. “Simplesmente escandaloso”, comentou o rei, que protestou contra a “linguagem violenta e inconveniente” de Churchill. Como consequência imediata do debate sobre Milner , um membro conservador do Parlamento apresentou uma moção para que o salário de Churchill fosse reduzido como protesto por sua “linguagem amarga e venenosa” ao insultar Milner , “um homem que tanto estimamos, honramos e amamos”. A moção não teve sucesso.

Churchill estava seguro de ter feito o que considerava correto. “No final das contas”, escreveu ao sucessor de Milner como alto-comissário, lorde Selborne , “nenhum outro caminho teria impedido lorde Milner de ser censurado formalmente pela Câmara dos Comuns ”. No entanto, as causas da censura permaneciam. Quando Selborne relatou que os proprietários de minas na África do Sul continuavam açoitando seus trabalhadores chineses, Churchill escreveu a Elgin : “O que se pode fazer com pessoas tão indiferentes aos seus próprios interesses que continuam com essas punições e com procedimentos condenáveis depois de tudo o que aconteceu?” Sua resposta consistia em continuar com o plano de repatriamento, que foi anunciado por Churchill em 3 de maio.

Em 31 de julho, Churchill anunciou o estabelecimento de um governo responsável para o Transvaal. Esperava-se que as eleições resultassem numa maioria britânica que equilibrasse o poder, mas os bôeres garantiram a vitória, e o adversário anterior da Grã-Bretanha, o general Botha , tornou-se primeiro-ministro. No seu discurso de 31 de julho, Churchill pediu à oposição que apoiasse o governo responsável e que abandonasse os controles imperiais que os

conservadores tinham querido manter. “Nós podemos apenas transformá-lo num presente de um partido”, disse ele. “Eles podem transformá-lo num presente da Inglaterra.”

O apelo de Churchill, observou um companheiro liberal, “atingiu o ponto certo e emocionou a estranha audiência”. Ao defender o acordo do Transvaal junto ao rei, Churchill escreveu: “Qualquer comunidade inteligente preferirá governar mal a si mesma a ser governada bem por outra comunidade, e nós, quaisquer que sejam nossas intenções, não conhecemos os problemas que vivem de modo a podermos dar-lhes um bom governo.” Churchill continuou sublinhando que todos os assuntos sul-africanos abordados na Câmara dos Comuns tinham sido colocados “inteiramente” em suas mãos. Ele tivera de falar mais do que qualquer outro ministro, exceto o ministro da Educação, “e de responder a umas quinhentas perguntas, além de um grande número de questionamentos suplementares feitos e respondidos sob o impulso do momento”.

Churchill disse ao rei:

Não tive nenhuma experiência anterior nesse tipo de trabalho. Tive de lidar com uma Câmara dos Comuns nova e inexplorada a respeito de assuntos acerca dos quais ela está estranhamente envolvida e de considerar pelo menos quatro correntes de opinião perfeitamente diferentes. Portanto, se por vezes digo frases desastradas ou não calculo bem o tempo ou o tom, tenho certeza de que Vossa Majestade dará uma interpretação favorável às minhas palavras e acreditará que minhas intenções são leais e sérias.

Outros, porém, o elogiavam. “Se os mortos têm consciência daquilo que fazemos”, escreveu-lhe nesse outono seu antigo professor, C. H. E. Mayo , “seu pai deve visitar o lugar de seu próprio triunfo com não menos sensação de triunfo agora.”

Em agosto de 1906, Churchill partiu da Inglaterra para férias prolongadas. Em Deauville, na costa francesa do canal, alojou-se no iate de um amigo, o barão de Forest , e jogou várias partidas de polo em Trouville. “Tenho estado muito inativo e muito disperso”, escreveu a Marsh , “jogando todas as noites até as 5h. Ganhei algum dinheiro; na verdade, ganhei muito”. Ao irmão Jack , escreveu mais tarde: “Ganhei 260 libras no cassino de Deauville, em parte gastas em Paris em belas edições francesas — que poderia colocar provisoriamente na

estante francesa perto da janela — e em parte gastas em outras coisas.” Ele sempre sentiria prazer em visitar as mesas de jogo e frequentemente sairia vencedor.

De Paris, Churchill viajou de trem para a Suíça, onde se alojou uma vez mais na *villa* que Cassei tinha nas montanhas. Ali, conforme disse ao rei, ele e Cassei “emprendiam grandes caminhadas pela neve e pelas montanhas”. Os dois escalaram o pico Eggishorn, de 2.900 metros de altitude. “Uma longa caminhada”, contou Churchill à mãe, “e nunca teria voltado sem a ajuda de uma mula. *Le vieillard* — Cassei tinha então 54 anos — movia-se como um pássaro. O que não me favorece em nada, creio eu”. Da Suíça, Churchill foi para Berlim e depois para a Silésia, convidado pelo Kaiser, sobrinho do rei Edward, para assistir às manobras do exército alemão. Campbell-Bannerman enviou a Churchill algumas palavras de advertência; ele tinha falado com o rei, que lhe tinha “pedido para preveni-lo de que não fosse comunicativo e franco demais com seu sobrinho”. Churchill escreveu à mãe: “Espero ter cuidado com o que digo para parecer completamente sincero, sem, no entanto, dizer nada trivial ou indiscreto.”

Durante as manobras, Churchill conversou por vinte minutos com o Kaiser, que lhe falou sobre as qualidades combativas da tribo herero, que habitava um domínio alemão do sudeste africano; na época, os alemães tentavam reprimir implacavelmente a revolta dos hereros. “Eu respondi-lhe que em Natal, pelo contrário, nossa principal dificuldade não fora matar os rebeldes nativos, mas sim impedir que nossos colonos (que tão bem compreendiam a guerra nativa) matassem muitos deles”, disse Churchill a Elgin. A carta continuava: “Nos planos militares alemães, o que salta aos olhos é a enorme simplicidade e força; embora eu ache que eles não percebam o terrível poder das armas que possuem e das modernas condições de fogo, e tenham aí e em outros aspectos menores muito o que aprender com nosso Exército, o número, a qualidade, a disciplina e a organização são quatro bons caminhos para a vitória.”

Da Silésia, Churchill foi de trem para Veneza, onde passou uma semana antes de embarcar para uma viagem turística pela Itália, viajando no carro de Lionel Rothschild com o próprio, Muriel Wilson e lady Helen Vincent, “a sessenta quilômetros por hora”, disse ele à mãe. “Vimos igrejas, santos e quadros imensos.” Nada podia exceder a “tranquila *banalité* de suas relações com a srta. Wilson. Depois, retornando a Veneza “numa só jornada de 330 quilômetros”, embarcou no trem noturno para Viena e continuou pela província morávia da Áustria-Hungria, onde ficou alguns dias em Eichhorn como convidado do barão

de Forest . Os três homens que o receberam nesse verão, Cassei , Rothschild e Forest , eram judeus, o que fez renascer a brincadeira que costumava fazer com seu pai de que ele “só tinha amigos judeus”.

Churchill voltou a Londres após quase dois meses fora. Ao Kaiser , que lhe enviara fotografias assinadas das manobras, escreveu contando como elas lhe recordavam “o magnífico e formidável exército cujas operações pude observar tão agradavelmente por amabilidade de Sua Majestade e a maravilhosa Silésia, que vale a pena ser admirada por si mesma — e que se lute por ela”. Trinta e oito anos depois, no fim da segunda das duas guerras entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, Churchill aprovaria a transferência da Silésia para a Polônia e a sua separação da Alemanha.

No outono de 1906, foi concedido ao Estado Livre de Orange os mesmos direitos que haviam sido concedidos ao Transvaal. Ao anunciar esse fato na Câmara dos Comuns em 17 de dezembro, Churchill falou sobre as vastas implicações sociais desse acordo. “A causa dos pobres e dos fracos em todo o mundo”, disse ele, “precisa ser apoiada; assim, em toda a parte os povos pequenos terão mais espaço para respirar e em toda a parte os impérios serão encorajados por nosso exemplo a avançar em direção ao brilho de uma era mais afável e mais generosa”.

O trabalho de Churchill no que diz respeito ao acordo sul-africano suscitou “uma palavra especial de congratulação e reconhecimento pelo grande papel que teve” por parte do primeiro-ministro, Campbell-Bannerman , que acrescentou que a criação de estados autônomos no Transvaal e no Estado Livre de Orange era não só a “maior realização” do seu governo, mas a “melhor e mais nobre obra do poder britânico nos tempos modernos. E o senhor identificou-se de tal modo com essa corajosa e justa política, e contribuiu tanto para sua aplicação bem-sucedida, que grande parte do crédito deve ser-lhe atribuída”.

O acordo do Transvaal deixou o controle dos assuntos nativos nas mãos do novo governo predominantemente bôer. A sensatez desse fato foi questionada pelos que consideravam que um governo liberal na Inglaterra não deveria deixar de ser responsável pela população negra. “Com certeza não irei fazer pressão sobre as colônias sul-africanas quanto a direitos dos nativos que elas não estão prontas para aceitar”, disse Churchill a um correspondente. “Mas nossas responsabilidades para com as raças nativas continuam a ser reais, e não podemos abandoná-las até que um governo federal sul-africano tenha colocado

o tratamento das raças nativas numa plataforma ampla e segura, além do alcance dos pânicos locais.” Sobre as queixas dos nativos, Churchill escreveu energicamente a lorde Selborne : “Eu desejaria que quaisquer restrições contra as quais eles protestam fossem modificadas — se não totalmente retiradas — se tivéssemos uma autoridade federal digna de respeito, e não um grupo de governos mesquinhos com objetivos locais e egoístas.”

Durante o tempo em que ocupou o cargo de ministro das Colônias, Churchill esforçou-se por infundir princípios liberais na administração colonial. Suas minutas para Elgin eram tão francas que em várias ocasiões ele lhe pediu que as fechasse para que os funcionários subalternos não as vissem. O princípio que animava os textos era claro: “Nosso dever”, escreveu ele a Elgin , “é insistir em que os princípios de justiça e as garantias de procedimento judicial sejam rígida e meticulosamente seguidos”. Depois de ler uma informação sobre a “pacificação” das tribos do norte da Nigéria e sobre as represálias propostas por um governador-geral a serem aplicadas a uma tribo que tinha queimado um depósito da Niger Company, Churchill disse a Elgin : “É evidente que se a paz e a ordem da colônia dependem de uma vigorosa ofensiva, devemos apoiá-lo com todo o ânimo, mas o crônico derramamento de sangue que mancha a África Ocidental é odioso e inquietante.”

A justiça era um tema central das intervenções de Churchill. Quando o governador do Ceilão argumentou que era por razões de “inconveniência” que se recusara a responder a um pedido de reincorporação apresentado por um antigo chefe de guardas da estrada de ferro do Ceilão, Churchill escreveu numa minuta: “A inconveniência que existe em toda a reparação de injustiças é uma das garantias contra a sua recorrência.” Churchill acrescentou que as explicações dadas pelo governador, “uma mistura de argumentos confusos, uma indiferença pelos princípios mais simples da justiça e do jogo limpo, são intelectualmente desprezíveis, se não moralmente desonrosas”. A Elgin , Churchill enviou uma nota particular sobre esse episódio: “Permita-me dizer da maneira mais solene que importa muito ao Partido Liberal o direito dos indivíduos a um tratamento justo e dentro das leis, e importa muito pouco o orgulho mesquinho de um governador colonial.” Ele estava preocupado com “o tom e o comportamento das altas autoridades do governo do Ceilão em relação às pessoas amistosas, civilizadas e cultas que estão encarregadas de governar”.

Quando Elgin se recusou a tratar o caso como Churchill desejava, recebeu uma zangada carta privada: “Ao decidir contra mim, não apresenta nenhuma razão nem tenta fazer justiça aos argumentos muito sérios que tão

encarecidamente lhe apresentei.” Isso lhe causou “a mais profunda inquietação”. A demissão de um segundo guarda das estradas de ferro do Ceilão e seu segundo julgamento pela mesma acusação levaram a um novo protesto de Churchill.

Julgar novamente um homem pela mesma acusação, rever sem nenhuma das garantias de justiça um caso já decidido num tribunal, esquecer a absolvição pronunciada por um juiz e por um júri e declarar, afinal, baseado na autoridade departamental, que o homem é culpado, é cometer quase todos os erros possíveis e cometê-los da maneira mais estúpida.

A administração da justiça no Ceilão era “o mais vil escândalo do serviço colonial”.

Quando uma revolta zulu foi esmagada na província de Natal, Churchill protestou junto a Elgin pela “repugnante carnificina dos nativos”, mas não era só nos assuntos coloniais que defendia os princípios liberais . Num discurso em Glasgow em 11 de outubro de 1906, esboçou uma visão ampla e humana do futuro, sugerindo que “toda a tendência da civilização” ia na direção “da multiplicação das funções coletivas da sociedade”. O Estado devia desempenhar um papel cada vez mais relevante e, por exemplo, “preocupar-se cada vez mais intensamente com o cuidado dos doentes e idosos e, acima de tudo, das crianças”.

Churchill também aprovava a determinação de muitos liberais de “interceptar futuros incrementos imerecidos que pudessem decorrer do aumento especulativo do valor da terra” e queria que o Estado tomasse a dianteira na questão do florestamento. “Lamento que não tenhamos as estradas de ferro deste país nas nossas mãos”, disse ele, querendo que o Estado assumisse cada vez mais “a posição de empregador da reserva de mão de obra”. Principalmente, declarou, “desejava o estabelecimento universal dos padrões mínimos de vida e de trabalho para todos e sua progressiva elevação à medida que o aumento da produção permitisse”.

Havia um caminho intermediário entre o capitalismo e o socialismo. “Não desejo ver o vigor da competição enfraquecido”, disse Churchill ao seu público em Glasgow, “mas podemos fazer muito para mitigar as consequências do fracasso. Queremos traçar uma linha abaixo da qual não permitiremos que as pessoas vivam e trabalhem, elevando-as para que possam competir com toda a força de sua humanidade. Queremos uma livre competição dirigida para cima e

nos negamos a permitir que essa livre competição leve para baixo. Não queremos destruir as estruturas da ciência e da civilização, mas sim estender uma rede sobre o abismo”.

No final de 1906, considerava-se a hipótese de promover Churchill a uma posição no Gabinete, dando-lhe o cargo de ministro da Educação. “Tenho receado a cada nomeação que os rumores se tornem realidade e que eu perca sua colaboração”, escreveu-lhe Elgin em 27 de dezembro. “Evidentemente, eu gostaria de entrar para o Gabinete”, respondeu Churchill, “pois assim teria maior participação nos assuntos nacionais em contraste com as políticas departamentais. Porém, posso facilmente imaginar que não será criado num futuro próximo um lugar que convenha a mim e ficarei bastante satisfeito e feliz por continuar a trabalhar sob suas ordens no Ministério das Colônias durante mais um ano, se os acontecimentos assim determinarem”.

Churchill continuou com Elgin , escrevendo para ele nesse inverno: “Nunca houve um chefe tão confiante e indulgente quanto o que tive a sorte de encontrar na primeira vez que entrei para o governo; aprendi muito sobre a condução de assuntos oficiais com suas instruções e seu exemplo, coisas que nunca aprenderia se tivesse ido para qualquer outro lugar.” Elgin , com a esposa doente e muitas obrigações locais em sua Escócia nativa, estava satisfeito, apesar de seus desentendimentos, por ter alguém com tão inesperada energia administrativa para cuidar dos assuntos em Londres.

Nesse inverno, Churchill tirou férias na ilha de Wight . “Infelizmente, o mar tem estado muito calmo, de modo que não há grandes ondas que eu possa observar durante horas”, disse ele a Elgin . Tinha agora 32 anos de idade. Entre as pessoas que conhecera naquele ano, estava a filha do ministro das Finanças, Violet Asquith , que se sentou ao seu lado durante o jantar. “Por muito tempo ficou absorto”, recordou ela mais tarde. “Depois pareceu se dar conta da minha existência. Olhou para mim com um ar carrancudo e me perguntou abruptamente que idade eu tinha. Respondi-lhe que tinha 19 anos. ‘E eu já tenho 32 anos’, disse ele quase desesperadamente. ‘Contudo, mais novo do que qualquer outro homem importante.’” Depois de um longo discurso, terminou subitamente com as imortais palavras: “Somos todos desprezíveis, mas creio que sou um desprezível luminoso.”

Em março de 1907, durante as férias, Churchill foi para Biarritz, onde ficou em outra das magníficas casas do barão de Forest , seu amigo, e do pai dele, o barão de Hirsch.

“O rei janta ou almoça aqui diariamente”, escreveu ele a Elgin , “e está sempre muito bem-disposto”. Churchill acrescentou: “O tempo aqui é glorioso e encontro muitas pessoas que conheço há bastante tempo — todas *tories*! Sou alvo de muitas piadas e alfinetadas, especialmente por parte dos altos postos, que sempre se empenham em formular réplicas adequadas.” Depois das conversas que tiveram em Biarritz, o rei Edward escreveu a Churchill:

Conheci seus pais muitos anos atrás (mesmo antes de se casarem), e conheço você e seu irmão desde a infância. Percebendo as grandes capacidades que possui, observo com grande interesse sua carreira política. Meu único desejo é que suas grandes qualidades possam ser orientadas para boas causas e que seus serviços ao Estado possam ser apreciados.

Em 15 de abril, após preparativos nos quais Churchill esteve profundamente envolvido, os primeiros-ministros das colônias encontraram-se em Londres. O primeiro-ministro do Transvaal, eleito menos de dois meses antes, era o general Botha , antigo comandante dos exércitos bôeres, que chegou em Londres com a filha, Helen, de 19 anos. “Ouvi dizer que está noivo da srta. Botha”, escreveu Muriel Wilson a Churchill, esperando ansiosa o dia “em que você e a srta. Botha e todos os pequenos venham me visitar”. Era um boato falso; nesse outono, sem estar casado nem noivo, Churchill deixou a Grã-Bretanha para uma prolongada viagem pela Europa e África, acompanhado pelo antigo criado do pai, George Scrivings .

Na França, na segunda semana de setembro, Churchill assistiu a manobras do exército francês perto de Angoulême, tendo ficado muito mais impressionado com o esforço militar francês do que com aquilo a que chamou de “grosseiros disparates” da “apresentação teatral” alemã a que assistira no ano anterior. Da França foi para a Itália, onde viajaria de carro por algumas semanas, dessa vez com um novo amigo, F. E. Smith , um membro do Parlamento perspicaz e brilhante, que logo se tornou seu companheiro mais próximo apesar das diferenças políticas. Da Itália, seguiram de carro para o castelo do barão de Forest em Eichhorn, na Morávia, onde caçaram perdizes e lebres. Churchill retornou depois à Itália, viajando ao longo da península até Siracusa, a cidade siciliana onde encontraria consolo em 1955, depois de sua retirada definitiva da vida pública.

De Siracusa, acompanhado por Edward Marsh , Churchill foi a Malta, onde passou uma semana visitando a prisão, os estaleiros, as escolas e os hospitais da

ilha. No fim da visita, escreveu a Elgin e disse que a razão de queixa dos malteses, “que nunca foram conquistados pela Inglaterra, mas cujo dinheiro nosso país gasta sem permitir que os malteses tenham qualquer espécie de controle, é bem real e, quanto a mim pelo menos, muito dolorosa”. De Malta, Churchill dirigiu-se num cruzador do Almirantado a Chipre; confrontado em Nicósia por uma grande manifestação que exigia a união à Grécia, disse aos manifestantes que ficaria mais impressionado com argumentos do que com o agitar de bandeiras. Contudo, tal como em Malta, concluiu que a política britânica para o Chipre também precisava de alterações e telegrafou a Elgin : “A ilha tem sido terrivelmente submetida a privações pelo Tesouro e apresenta profundas cicatrizes em condições morais e materiais.”

Após deixar a ilha, o cruzador levou Churchill pelo Mediterrâneo, passou pelo canal de Suez e dirigiu-se para o sul pelo mar Vermelho até chegar a Adém. “Tenho duas belas cabines para mim”, disse ele à mãe, “uma das quais é bastante ampla com uma deliciosa varanda onde posso observar as ondas”. Passava “uma boa parte do dia e quase todas as madrugadas na ponte, e estou quase me transformando num homem do mar”. De Adém, foi para Berbera, para estudar os assuntos do protetorado da Somália, no qual, como disse à mãe, “gastamos 76 mil libras num ano com um retorno estranhamente pequeno”.

Durante a viagem por mar, Churchill preparou seis extensos memorandos que enviou ao Ministério das Colônias , “sobre coisas que quero feitas”, explicou ele à mãe. Esses memorandos, que detalhavam o que ele considerava necessário ou justo, fizeram com que Sir Francis Hopwood, o funcionário público civil mais antigo do Ministério das Colônias, escrevesse diretamente a Elgin : “É muito cansativo lidar com ele e temo que traga problemas, tal como aconteceu com o pai, em qualquer cargo que assumo. A energia inquieta, o incontrolável desejo de notoriedade e a falta de percepção moral o tornam realmente uma angústia!” Hopwood acrescentou: “Marsh faz uma viva descrição de catorze horas de trabalho num só dia dedicadas a redigir esses memorandos no meio do calor e do desconforto do mar Vermelho.”

Ao chegar ao porto de Mombaça no final de outubro, Churchill escreveu à mãe sobre “dois dias de funções, inspeções e discursos”. Depois atravessou o protetorado do Quênia por trem. “Para mim, tudo se move suavemente, sobre as rodas mais bem oleadas, num trem especial com restaurante e cama à minha disposição durante todo o trajeto; onde eu queria parar, ele parava.” Churchill viajava com o marido da tia Sarah, Gordon Wilson , que mais tarde, em 1914, seria morto em combate na França. Os dois homens se deram muito bem.

Churchill disse à mãe que enquanto o trem viajava pelo Quênia, “nós nos sentávamos (Gordon e eu) à frente da locomotiva, com nossas espingardas, e, assim que víamos alguma coisa em que atirar, fazíamos um sinal com a mão, o trem parava, e por vezes acertávamos um antílope sem sequer descermos do veículo”.

Pela via férrea, escreveu Churchill, “podem ver-se literalmente todos os animais do zoológico. Zebras, leões, rinocerontes, antílopes de todas as espécies, avestruzes, girafas, tudo!”. Em Simba, a 350 quilômetros da costa, o trem ficou parado por dois dias numa linha de manobras, enquanto eles faziam excursões de caça nos arredores. “No primeiro dia, matei uma zebra, um gnu, dois búfalos, uma gazela e uma abetarda”, contou Churchill à mãe. No terceiro dia, foi “a festa do rinoceronte”. Churchill, Wilson e Marsh haviam começado a caçada ansiosos. Então, contou ele à mãe, “ao fazermos uma curva numa colina, chegamos a uma vasta planície coberta por erva seca e vimos, a quase quinhentos metros de distância, um rinoceronte pastando sossegadamente. Não tenho palavras para descrever a impressão que me causou a visão da ameaçadora silhueta preta desse possante animal, um sobrevivente dos tempos pré-históricos, vagueando pela planície tal como ele e seus antepassados têm feito desde o início do mundo. Foi como se tivesse sido transportado para a Idade da Pedra”.

Enquanto caminhavam para atacar o rinoceronte, os caçadores viram mais dois, “bem perto de nós”. Churchill disparou contra o maior e acertou-lhe no peito. “O animal virou-se e veio contra nós num curioso trote cheio de energia, que é quase tão rápido quanto o galope de um cavalo e surpreendentemente ágil. Todos nós disparamos, e os dois rinocerontes afastaram-se.” Seguiram então o menor rinoceronte, que encontraram mais tarde e mataram. “Devo dizer que achei isso muito emocionante”, disse Churchill à mãe. “A vitalidade desses animais é tão grande que eles continuam a andar como uma enorme locomotiva apesar de terem cinco ou seis balas no corpo. Não conseguimos resistir à sensação de que são invencíveis e de que nos pisotearão por mais que atiremos. No entanto, tudo está bem quando termina bem.”

Conforme se aproximavam do cume nevado do monte Quênia, Churchill se regozijava com a vastidão e a beleza da paisagem. Prosseguindo viagem até a nova estação britânica em Embo, “aberta no ano passado numa região até então impenetrada”, dormiu no chão “sem mais roupa do que tinha no corpo e apenas com uma banana no estômago”, disse à mãe. “Que diferença do tédio de um dia em Londres. Minha saúde melhora a cada dia que passo ao ar livre.” Em Thika,

passou um dia caçando leões, mas não teve êxito: “Encontramos apenas três ferozes javalis, que matamos”, contou ele à mãe. “Fizemos um javali correr a galope até o esgotarmos e depois o matamos com meu revólver.”

Nessa noite, 5 de novembro, durante um jantar com o governador em Nairóbi, Churchill disse ao seu anfitrião que agora podia “avançar mais nesse país e estabelecer uma nova estação e uma guarnição em Meru, a oitenta quilômetros de Embo”. Essa decisão, segundo Churchill explicou à mãe, “trará mais 150 mil nativos para nosso controle direto e agregará vários distritos ingleses à nossa área administrativa. Creio que não haverá derramamento de sangue, pois os chefes nativos desejam nossa chegada e cerca de cem soldados serão suficientes. Isso acontecerá no próximo mês, e não temos a intenção de consultar o Ministério das Colônias até que seja um fato consumado!”. Churchill acrescentou: “E assim o império cresce sob a administração radical!”

Enquanto Churchill viajava pela África, seu irmão Jack lhe escreveu para informá-lo de que estava noivo de lady Gwendeline Bertie, filha do sétimo duque de Abingdon. “Já estive realmente apaixonado uma vez e sabe o que isso significa”, escreveu-lhe Jack. “Mas tem outras coisas em que pensar. Sua carreira e seu futuro preenchem mais de metade da sua vida.” Churchill conhecia lady Gwendeline, “Goonie”, como era conhecida, e gostava dela. Antes de deixar a Inglaterra, ela escrevera-lhe com conselhos sobre sua viagem à África: “Por favor, não se converta ao islamismo; tenho reparado que você tem certa tendência para o orientalismo.”

Em Nairóbi, Churchill começou a enviar uma série de relatos de sua viagem para a *Strand Magazine*, recebendo um total de 1.150 libras. Os artigos foram mais tarde transformados no livro *My African Journey*. Ao chegar a Jinja, onde o Nilo deixa o lago Vitória e começa sua viagem de 5 mil quilômetros até o mar, Churchill entusiasmou-se, num de seus artigos, com a possibilidade de construir uma barragem no rio, nas cataratas Ripon, como fonte de energia elétrica. Quarenta e seis anos mais tarde, nesse mesmo local, a rainha Elizabeth II inauguraria um plano hidroelétrico e telegrafaria a Churchill, então seu primeiro-ministro: “Sua visão tornou-se realidade.”

De Jinja, o grupo, composto por Churchill, Wilson, Marsh e Scrivings, continuou para norte durante três semanas, através do protetorado de Uganda, a pé e de canoa, numa região onde recentemente tinham morrido 200 mil pessoas com a doença do sono. “Populações inteiras foram completamente varridas”, escreveu Churchill ao rei. Foi também muito eloquente sobre os benefícios que a estrada de ferro traria à região e, quando regressasse a Londres, faria pressão

em prol de uma política de rápida e extensiva construção de vias férreas.

Durante a viagem para norte, Churchill festejou seus 33 anos. Em 22 de dezembro, enquanto desciam o Nilo num barco a vapor, Churchill escreveu ao jornalista liberal J. A. Spender, sublinhando a necessidade de reformas sociais radicais: “Nenhuma legislação em vista interessa à democracia”, afirmou ele.

Eles estão voltados cada vez mais para a questão social e econômica. Não se pode resistir a essa revolução. Não tolerarão mais o sistema existente, através do qual a riqueza é adquirida, partilhada e empregada. Talvez não sejam capazes e talvez desejem reconhecer-se como incapazes de inventar um novo sistema, mas acho que estão aptos e são mais do que pacientes. Eles decididamente se oporão ao poder do dinheiro, o herdeiro de todos os poderes e tiranias derrotados.

Por mais dispostas que estivessem as classes trabalhadoras a “permanecer na oposição passiva”, disse Churchill, “elas não continuarão a suportar, e não podem suportar, as terríveis incertezas das suas vidas. É por isso que melhores salário, conforto e seguros contra doença, desemprego e velhice são questões, as únicas questões pelas quais os partidos viverão no futuro”. Quando regressasse, disse a Spender, “suas lutas seriam: ‘Baluarte social’, ‘segurança’ e ‘uniformização’”.

Em 23 de dezembro, Churchill e seus companheiros estavam em Cartum. Nesse mesmo dia, Scrivings ficou doente, tendo diarreia decorrente de cólera, e morreu no dia seguinte, véspera de Natal. “A morte de Scrivings foi um grande choque para mim, que lançou tristeza sobre todas as recordações dessa agradável e até então maravilhosa viagem”, escreveu Churchill a Jack. “Todos nós possivelmente comemos do mesmo veneno — seja uma lata de peixe envenenado com ptomaína ou espargos estragados ou qualquer outra coisa —, mas nunca saberemos.”

Nesse dia de Natal em Cartum, Churchill cuidou das formalidades para o enterro de Scrivings. “Tivemos um dia terrível”, contou a Jack. “Enterrei-o à tardinha com todas as honras militares, como se ele fosse um fidalgo rural. Os fuzileiros de Dublin enviaram sua banda e uma companhia de homens, e todos fomos em cortejo para o cemitério enquanto o sol se punha sobre o deserto e a banda tocava aquela bonita marcha fúnebre que você conhece tão bem.” À mãe, Churchill escreveu: “Enquanto caminhava atrás do caixão em Cartum — aqui sempre assisto a funerais —, pensei em como poderia facilmente ter sido eu, em

como ainda pode ser. Não devo ter pensado tanto quanto a mãe imagina. Acho que ainda tenho trabalho a realizar.”

Depois do funeral, Churchill e seus companheiros passaram “dois dias bastante penosos até que terminasse o período de perigo”, disse ele a Jack , na expectativa de um ou outro cair doente, pois Scrivings , escreveu à mãe, “comeu o mesmo que nós”. Churchill acrescentou: “Para mim, que estava tão dependente desse bom homem para todos os pequenos confortos do dia a dia, foi uma perda intensa e palpável. Não consigo deixar de pensar na esposa dele e nos filhos, que ansiavam pelo seu regresso — sempre chegam cartas — e que agora receberão essas horríveis notícias.”

Antes de deixar Cartum, Churchill tomou algumas providências para que fosse erguido um monumento no túmulo de Scrivings e preparou uma inscrição para ele. Também pediu a Jack que dissesse à senhora Scrivings, que durante dez anos havia sido cozinheira de Churchill, “que não se preocupe com o futuro, pois tanto quanto meus limitados meios permitirem, farei o possível para cuidar dela e de seus filhos”. A morte de seu criado foi “ainda mais triste”, acrescentou Churchill, “por já terem terminado todas as zonas insalubres e as partes perigosas da viagem e por estarmos vivendo havia dez dias num confortável navio a vapor no Nilo. Mas a África reclama sempre seus direitos!”.

Um agente britânico no Egito providenciou um navio a vapor para que Churchill fizesse a viagem de Cartum para o Cairo. O navio “para sempre que queremos ver os templos”, contou ele a Jack . Em Assuã, escreveu um memorando sobre a necessidade de uma estrada de ferro através de Uganda para unir o lago Vitória ao lago Albert, chamando-lhe de “Estrada de Ferro Vitória e Albert”. Ainda em Assuã, escreveu a Walter Runciman , secretário financeiro do Tesouro: “Tenho um esquema que permitirá construir essa estrada de ferro por cerca de 500 mil libras (mais os transportes fluviais) durante os próximos dois anos. Se isso for feito, e a política for decidida em breve, acredito que será possível captar todo o comércio do Congo.” Seu objetivo era “a solvência comercial”. Ele tinha discutido essa estrada de ferro com os funcionários britânicos mais importantes no Sudão, “e estamos totalmente de acordo sobre essa política”. Explicaria tudo “com mapas e números” quando regressasse.

Ao chegar ao Cairo, Churchill trabalhou nos pormenores do esquema de política social britânica que já tinha esboçado a Spender . Numa carta para um funcionário mais velho do Ministério do Comércio, que incluía uma cópia do esquema, escreveu: “Se possível, por favor, examine, esclareça e reforce o esquema.” Com base na premissa de que a principal necessidade das classes

trabalhadoras inglesas era a segurança, propôs a introdução de um sistema de reforma social semelhante ao executado na Alemanha, onde “existem determinações uniformes e simétricas para assegurar os trabalhadores contra acidentes e doenças, providências em favor dos idosos e vários serviços contra o desemprego”. O que o tinha atraído no sistema germânico era que “engloba a todos. As malhas de nossa rede de segurança só seguram os inscritos, e todos aqueles que não se encontram em nenhuma dessas inumeráveis listas acabarão no chão”.

Eram precisamente essas pessoas, explicou Churchill, “os últimos, a retaguarda, como você quiser chamá-los, para as quais não existem providências em nosso maquinismo inglês, que não têm nem a energia nem os recursos para tomar providências por eles próprios, que precisam da ajuda do Estado”. Ele queria pôr fim a uma situação em que os padrões mínimos de vida, de salário e de segurança “vão por água abaixo através de acidentes, doenças ou fraqueza de caráter”. Seu objetivo era a “competição para cima, e não para baixo”.

Em 17 de janeiro de 1908, Churchill voltou a Londres depois de uma ausência de cinco meses. No dia seguinte, foi o convidado de honra no Clube Nacional Liberal. “Voltei à linha de combate”, disse ele a 250 ouvintes entusiasmados. “Tenho a melhor saúde possível e um desejo de forçar a luta até onde puder”. Essa luta seria travada no campo social; ao falar em Manchester em 22 de janeiro, enfatizou a necessidade de os “interesses financeiros” evitarem, por meio de sua busca por lucros, “um maior empobrecimento dos grandes e abandonados interesses do trabalho”. No dia seguinte, em Birmingham, defendeu “a organização, por parte do Estado, da aprendizagem e do treinamento adequados de qualquer pessoa, mesmo que isso implique novos e amplos gastos”.

Churchill também defendeu, em Birmingham, várias outras intervenções do Estado, como promover “métodos apropriados de instrução técnica”, “mitigar as tristezas da velhice”, abrir a terra “de forma mais livre a milhões” e ajustar “com maior justiça a carga de impostos sobre ganhos merecidos e imerecidos”.

Em 7 de março, Churchill apresentou esses temas radicais num artigo no jornal *The Nation*, intitulado “O campo inexplorado na política”. A liberdade política, escreveu ele, “por mais que seja necessária, é profundamente incompleta sem ao menos uma medida de independência social e econômica”. O Estado deveria auxiliar o indivíduo por meio de treinamento técnico,

desenvolvendo indústrias e atividades nacionais — mencionou então as estradas de ferro, os canais e as florestas —, solucionando os “problemas” do emprego e do subemprego e estabelecendo um “mínimo nacional” abaixo do qual não se permitiria que a competição criasse pobreza e privação piores, mas acima do qual a competição “pudesse ser saudável e livre para vivificar e fertilizar o mundo”.

Nesse mês de março, num jantar em Londres, Churchill encontrou mais uma vez Clementine Hozier, a moça com quem não tinha dançado nem jantado no baile de lady Crewe em 1904. Sem que ele soubesse, Clementine tinha estado secretamente comprometida com um banqueiro de 34 anos, Sidney Peel, filho do primeiro visconde Peel, mas ela tinha rompido o compromisso duas vezes. Churchill sentou-se ao lado dela durante o jantar e dedicou-lhe toda a sua atenção, para a aflição da dama sentada do outro lado.

Ele perguntou se ela havia lido a biografia de lorde Randolph que ele escrevera. “Não”, respondeu ela. “Se eu lhe enviar o livro amanhã, vai ler?”, insistiu ele. Clementine concordou em ler o livro, mas Churchill não o enviou. “Isso me causou uma má impressão”, recordou ela mais tarde. De qualquer forma, a história não acabaria aí.

10.

O campo social

Depois de um longo período de pouca saúde, Campbell-Bannerman aconselhou o rei, em 3 de março de 1908, a chamar Asquith em caso de uma renúncia. Nesse mesmo dia, o rei encontrou-se com Asquith, que escreveu à mulher sobre a audiência: “Ele tinha ouvido rumores de que Winston estava ansioso para entrar para o Gabinete, conservando seu atual cargo de secretário de Estado.” O rei opunha-se a tal promoção a um secretário de Estado, mas Asquith disse a ele que Churchill tinha “todo o direito de integrar o Gabinete” e que se portara “muito bem” no ano anterior, quando fora preterido duas vezes em favor de dois homens, “ambos com direitos inferiores”. Asquith observou na carta à esposa que o rei concordou com ele e “mostrou-se muito caloroso em seus elogios a Winston, mas entendia que se devia esperar que vagasse algum verdadeiro cargo de Gabinete”. Nove dias depois da conversa com o rei, Asquith pediu para falar com Churchill, que disse ao futuro primeiro-ministro que sua esperança era suceder a Elgin como ministro das Colônias. “Praticamente toda a ação construtiva e toda a exposição parlamentar foi minha”, explicou a Asquith numa carta enviada dois dias depois. “Tenho muitos fios nas mãos e muitos planos em movimento.” Havia também a possibilidade de ir para o Almirantado, mas Churchill considerava uma dificuldade pessoal discutir esse assunto, uma vez que seu tio enfermo, lorde Tweedmouth, ainda era o primeiro-lorde.

Em seu encontro, Asquith tinha sugerido que Churchill entrasse no Gabinete como presidente da junta do governo local, mas isso não o atraía. “Não há cargo no governo mais difícil, mais angustiante, mais ingrato, mais sufocado de pormenores mesquinhos e até sórdidos, mais cheio de dificuldades insolúveis e mais sem esperança de resultados”, explicou ele. No que dizia respeito “à paz e ao sossego” de sua vida, ele preferia continuar como secretário de Estado das Colônias, sem ocupar um lugar no Gabinete.

Churchill disse a Asquith que desde seu regresso da África, tinha passado a examinar um amplo quadro social: “Nebulosamente, através de ondas de

ignorância, vejo o contorno de uma política a que chamo mínima. É mais nacional do que departamental.” Porém, se tentasse pô-la em ação, refletiu ele, “em breve me encontraria em rota de colisão com alguns dos meus melhores amigos — como por exemplo John Morley , que no fim de uma vida de estudo e reflexão, chegou à conclusão de que não se pode fazer nada”.

Churchill estava convencido de que era possível fazer muito para estabelecer padrões mínimos de vida, trabalho e tempo livre. Na carta que enviou a Asquith , falou sobre a necessidade de acabar com a exploração do trabalho de rapazes, regulamentar as horas de trabalho e criar centrais de trabalho com o objetivo de “desprecarizar” o emprego. Principalmente, escreveu ele, embaixo do “imenso tecido desarticulado de garantias e seguros que cresceu por conta própria na Inglaterra, deve estender-se uma espécie de rede germanizada de intervenção e regulamentação do Estado”.

Asquith , que se tornou primeiro-ministro em 8 de abril, estava impressionado; conhecendo a energia e a capacidade de Churchill, ofereceu-lhe a presidência da Junta de Comércio, um cargo de Gabinete que lhe permitiria empreender sua reforma social. Churchill aceitou. Aos 33 anos, fazia parte do Gabinete. Assumiu seu posto em 9 de abril, sentando-se junto de Morley , novo ministro para a Índia, que questionava se o Estado podia ou não desempenhar o papel principal na reforma social que Churchill havia delineado.

Como ministro da Coroa, Churchill tinha de ir ao palácio de Buckingham para “beijar a mão” por sua designação. No fim de semana anterior a essa cerimônia, foi visitar a mãe em sua casa de campo, onde se encontrou com Clementine Hozier. “Gostei de nossa longa conversa no domingo”, escreveu-lhe ele em 16 de abril, quando já estava em Londres, “e que consolo e prazer foi para mim conhecer uma moça com tantas qualidades intelectuais e tão nobres sentimentos. Espero que nos encontremos outra vez e que cheguemos a nos conhecer melhor e a gostarmos mais um do outro. Não vejo razão para que não possa ser assim”. Em sua carta de agradecimento a lady Randolph , Clementine referiu-se “ao encanto e ao brilho dominadores” de Churchill.

No Gabinete, de acordo com as regras da época, Churchill deveria tentar ser reeleito para o Parlamento. Ele sabia que seria uma luta muito mais difícil do que a disputa que travara em Manchester. Mais de um ano antes, ele tinha visto seus eleitores judeus, quase um terço do eleitorado total, voltarem-se contra ele porque o governo liberal tinha apresentado uma versão do Projeto sobre Estrangeiros , apesar da oposição na qual Churchill tivera um papel predominante. “Fiquei preocupado”, escrevera Churchill a um colega liberal

dois anos antes, “ao ver quão amarga e decepcionada ficou a comunidade judaica em consequência da continuação dessa medida tão severa e tão indefensável”. Um perigo ainda mais sério era a ameaça de deserção de muitos votantes católicos, zangados por Churchill não ter se comprometido com a introdução do Projeto de Autonomia para a Irlanda .

No entanto, Churchill estava otimista. “Mesmo correndo o risco de um resultado contrário ser proclamado antes que essa carta chegue às suas mãos”, escreveu à srta. Hozier em 16 de abril, “devo dizer que estou confiante num sucesso considerável”. A carta continuava com uma nota pessoal: “Mandarei notícias periodicamente sobre como estou aguentando a tempestade e poderemos estabelecer as fundações de uma amizade franca e sincera, que eu certamente acarinharei com os mais sérios sentimentos de respeito.”

As eleições intercalares em Manchester aconteceram em 24 de abril. Foi uma luta acirrada, mas Churchill perdeu; seu adversário conservador saiu vitorioso com a estreita maioria de 429 votos. “Foi uma luta muito dura”, escreveu ele à srta. Hozier três dias depois, “e, se aqueles rabugentos católicos irlandeses não tivessem mudado de lado no último minuto, pressionados pelo clero, o resultado teria sido diferente”. A carta de Churchill continuava: “Devo dizer que o Partido Liberal é um bom partido, pelo qual vale a pena lutar. Nunca vi tanta lealdade e bondade na desgraça. Eu deveria ter conseguido uma grande vitória por eles pelo modo como me trataram. Já foram postos à minha disposição oito ou nove lugares seguros.” Por essa razão, explicou, a derrota poderia vir a ser uma “bênção disfarçada”, pois é um “obstáculo terrível”, disse à srta. Hozier em sua carta de 27 de abril, “para alguém na minha posição ser sempre obrigado a lutar pela vida e conformar suas opiniões sobre política nacional às exigências locais”. Procuraria um lugar que o “garantissem” por muitos anos. “Ainda assim, não pretendo fingir que não fiquei vexado. A derrota é sempre odiosa, por mais que sejamos consolados, que seja explicada ou que receba o devido desconto.”

Churchill encontrou rapidamente outro círculo eleitoral, dessa vez em Dundee. Correu para lá e, em 9 de maio, candidatou-se a deputado. Teve 7.079 votos. Seus adversários, um conservador e um trabalhista, tiveram juntos mais votos do que ele, 8.384, mas divididos quase por igual. Era, disse Churchill à mãe, “um lugar para toda a vida”.

Ao voltar a Londres, Churchill iniciou sua primeira ação de conciliação industrial, procurando resolver uma disputa de construção naval no rio Tyne, onde 14 mil mecânicos estavam em greve. Depois da paralisação dos construtores navais, a greve estendeu-se aos rios Clyde e ao Mersey. Durante

três semanas, Churchill procurou chegar a um acordo entre os grevistas e os patrões. Depois de encontros com representantes dos patrões e dos empregados, os grevistas aceitaram uma redução nos salários em troca de uma oferta, por parte de Churchill, de um “maquinismo permanente” de arbitragem para o futuro. Foi uma negociação difícil. A votação dos trabalhadores da construção naval terminou com 24.745 votos a favor e 22.110 votos contra a proposta de Churchill.

Não satisfeito com esse acordo, Churchill procurou aumentar a prosperidade dos estaleiros por meio de encomendas do governo, pedindo ajuda a Lloyd George para resolver o assunto “num espírito napoleônico”. Encomendas de construção naval em regiões onde havia taxas elevadas de desemprego “teriam um efeito decisivo na votação e libertariam os fundos de desemprego do governo para serem aplicados em outras direções”. Churchill continuou:

Não se pode fazer alguma coisa para o Almirantado, algumas encomendas na costa nordeste e no Clyde em antecipação do inevitável programa para o próximo ano? Se não puderem ser navios grandes, certamente alguns cruzadores podem começar a ser feitos para ajudar os operários e os donos de estaleiros a sobreviver aos meses de inverno, que prometem ser excepcionalmente rígidos. Parece-me uma inépcia deixar essas pessoas passarem fome e terem seus lares destroçados durante todo o inverno, e depois, em junho ou julho, quando as coisas começarem a melhorar, atirar-lhes uma série de novas construções e fazê-los trabalhar horas extras. São situações desse tipo que você e eu deveríamos ser capazes de resolver.

Em 6 de julho, Churchill apresentou uma segunda leitura do Projeto da Jornada de Oito Horas de Trabalho nas Minas, cujo objetivo era reduzir as horas de trabalho nas minas de carvão. Ele havia trabalhado arduamente nesse projeto, utilizando um método que seria repetido em outras ocasiões e que consistia em consultar todos aqueles que tinham mais motivos para queixa. Em 1948, diria a um crítico trabalhista na Câmara dos Comuns : “Passaram quarenta anos desde que apresentei a segunda leitura do Projeto da Jornada de Oito Horas de Trabalho nas Minas. Em colaboração com o sr. Bob Smillie — não sei se o distinto membro já ouviu falar dele, mas era um líder muito admirado naquele tempo —, introduzi banhos nos poços.” Durante seu discurso sobre o projeto, Churchill apresentou a seguinte visão da futura sociedade laboral da Grã-Bretanha: “A democracia industrial não caminha para a aplicação de horas

inadequadas de trabalho, mas sim para uma concessão de horas suficientes de lazer.” Os trabalhadores não queriam que suas vidas fossem “meras alternâncias” entre a cama e a fábrica: “Eles exigem tempo para cuidarem de si mesmos, tempo para verem suas casas à luz do dia, tempo para verem seus filhos, tempo para pensarem, lerem e tratarem dos seus jardins — em resumo, tempo para viverem.” Ninguém devia ser lastimado por ter de trabalhar duramente. A natureza dava “um prazer extra, que, num breve espaço, permite-lhe extrair dos prazeres simples uma satisfação em busca da qual o ocioso vagabundearia em vão ao longo das 24 horas do dia”. Porém, a recompensa pelo trabalho árduo, “tão preciosa, é arrebatada ao homem que a ganhou se as horas de trabalho são tão rigorosas que não lhe deixam tempo algum para desfrutar aquilo que ganhou”.

Nesse verão, Churchill trabalhou para estabelecer o sistema de centrais de trabalho, através das quais pessoas sem trabalho poderiam conseguir empregos e patrões que precisassem de empregados poderiam contratá-los. “A escassez de trabalho num distrito pode coincidir com um excedente de trabalho semelhante em outro distrito”, explicou ele num memorando para o Gabinete. As centrais de trabalho ajudariam a remediar esse desequilíbrio e mostrariam também “a necessidade, em qualquer momento, de medidas de assistência ou emergência”. Churchill apresentou seu plano a Sidney Webb, que o considerou “um admirável depoimento”. Por sugestão de Webb, Churchill entrou em contato com um jovem professor universitário, William Beveridge, que estava imerso em planos de reformas sociais e através de quem Churchill testou muitas das suas ideias e passou a conhecer outras. Com um funcionário superior do Ministério, Sir Hubert Llewellyn Smith, discutiu se a legislação para restringir o trabalho extenuante e mal remunerado deveria ser apresentada por membros privados do Parlamento ou pelo governo. Churchill era favorável à ação do governo.

Para auxiliá-lo nesse trabalho diário, Churchill pediu a transferência de Edward Marsh, que estava no Ministério das Colônias. “Poucas pessoas tiveram tanta sorte quanto eu”, escreveu ele a Marsh nesse agosto, “por ter encontrado nos monótonos e enegrecidos recessos do Ministério das Colônias um amigo que estimarei e manterei por toda a vida”. Em 6 de agosto, Churchill e Marsh estavam em Burley-on-the-Hill, em Rutland, numa casa que o primo de Churchill, Frederick Guest, arrendara para passar o verão. Nessa noite, houve um incêndio que devastou a casa. Churchill, de pijama, sobretudo e capacete, ajudou a dirigir os bombeiros em seu trabalho para extinguir as chamas e a

salvar valiosos tapetes e quadros.

Ao saber sobre o incêndio, Clementine Hozier enviou um telegrama a Churchill expressando preocupação pela sua segurança. Churchill respondeu: “Fiquei encantado ao receber seu telegrama essa manhã e descobrir que não me esqueceu.” O incêndio tinha sido “muito divertido”. “Todos nos divertimos muito. É uma pena que divertimentos tão agradáveis sejam tão caros. Lamento pelos arquivos, que passaram à glória em cerca de dez minutos.” Era muito estranho, acrescentou ele, “estar envolvido num abraço mortal com um elemento tão cruel. Não fazia ideia, exceto pelo que lera, do poder e da majestade de um grande incêndio. Salas inteiras convertidas em chamas como que por encanto. Cadeiras e mesas queimadas como fósforos. Pisos desabados e janelas desfeitas. O teto derreteu e caiu. Todas as janelas cuspiam fogo e um vulcão que se elevava ao céu num remoinho de chispas rugia no centro da casa”.

Nessa carta, enviada em 7 de agosto, Churchill disse a Clementine que seu irmão Jack tinha casado nesse mesmo dia com lady Gwendeline Bertie num cartório em Abingdon. Toda a família tinha “surgido de repente em automóveis”, escreveu ele, “como se houvesse sido um rapto, com pais irados ofegando pelo caminho”. Na carta, Churchill também convidava Clementine para ir a Blenheim . “Tenho muita vontade de mostrar-lhe esse lugar maravilhoso, e nos jardins encontraremos muitos lugares para conversar e muitas coisas de que falar.” Uma segunda carta seguiu pouco depois, dizendo que Clementine deveria pegar o trem de Southampton para Oxford via Didcot. “Eu a encontrarei em Oxford num automóvel, se me telegrafar informando que horas chega.”

Nessa segunda carta, Churchill fazia referência “a esses estranhos e misteriosos olhos seus, cujo segredo tenho tentado com grande esforço conhecer”. Quanto às mulheres, escreveu que “sou estúpido e desajeitado nessa relação, e naturalmente muito fechado e muito reservado”. Por esse caminho, admitiu tristemente, tinha conseguido “chegar à solidão”.

Clementine foi a Blenheim ; nos dois primeiros dias, Churchill mostrou-se tímido demais para pedi-la em casamento. Na manhã do terceiro dia, seu primo Sunny entrou em seu quarto quando ele ainda estava na cama e insistiu para que se levantasse e não perdesse a oportunidade, que talvez fosse a última. Churchill seguiu o conselho do primo e convidou Clementine para passear com ele no jardim. Enquanto passeavam, começou a chover. Abrigaram-se num pequeno templo de Diana que ornamentava o jardim. Então, Churchill reuniu coragem

para perguntar-lhe se queria ser sua mulher. Ela aceitou.

O casal decidiu manter a notícia do noivado em segredo até que Churchill escrevesse à mãe de Clementine , que estava em Londres. Porém, enquanto caminhavam de volta ao palácio, ele viu o amigo F. E. Smith e comunicou-lhe a novidade. Quando chegou ao palácio, escreveu à mãe de Clementine : “Não sou rico nem estou poderosamente estabelecido, mas sua filha me ama, e, com esse amor, sinto-me suficientemente forte para assumir essa responsabilidade grande e sagrada, e penso que posso fazê-la feliz e dar-lhe uma posição e uma carreira dignas da sua beleza e das suas virtudes.”

Churchill pediu a Clementine que levasse a carta quando regressasse nesse mesmo dia a Londres, mas, no último instante, decidiu ir com ela e retornar com mãe e filha para Blenheim . Por isso, embarcou no trem para Londres e depois regressou a Blenheim com ambas num trem especial. “Ele é tão parecido com lorde Randolph ”, escreveu a mãe de Clementine a uma amiga. “Tem alguns dos mesmos defeitos e todas as qualidades. É amável, terno e afetuoso com aqueles que ama e muito odiado pelos que não experimentam seu encanto pessoal.”

A notícia do noivado de Churchill tornou-se pública em 15 de agosto. “Acredito que sua nova aliança lhe trará forças”, escreveu Morley , “e que tornará mais suave sua árdua ascensão”. Dois dias depois, em Swansea, durante um importante discurso sobre as relações anglo-alemãs, Churchill criticou aqueles “que espalham neste país a crença de que uma guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha é inevitável”. Para ele, a política naval de qualquer partido que estivesse no governo deveria basear-se em “medidas razoáveis de defesa naval”. Isso garantiria o desenvolvimento pacífico da Grã-Bretanha e, ao mesmo tempo, “libertaria da praga do militarismo continental”. Não havia “colisão de interesses essenciais” entre a Grã-Bretanha e a Alemanha em nenhuma região do globo. “Eles estão entre nossos melhores clientes e, se alguma coisa acontecer a eles, não sei o que faremos neste país para arranjar um mercado igual.”

Aos que argumentavam que a Alemanha era uma ameaça, uma rival e um perigo, Churchill respondeu que “essas duas grandes nações não têm razões para lutar, não têm prêmios pelos quais lutar e não têm um local onde lutar”. Eram apenas uns 15 mil “rabugentos e resmungões que lançavam a discórdia” na Grã-Bretanha e na Alemanha, que falavam do perigo da guerra e que queriam a guerra.

E o que se passa com os restantes? O que se passa com as centenas de

milhões de pessoas que trabalham arduamente nestas ilhas e na Alemanha? Somos todos uns carneiros? A democracia do século XX está tão enfraquecida que não consegue fazer valer sua vontade? Será que somos todos uns fantoches e marionetes que nos deixamos manobrar contra nossos interesses em convulsões tão horrendas?

Churchill estava confiante em que os alarmistas não sairiam vencedores. “Tenho uma grande fé na bondade essencial dos grandes povos”, disse ele. “Acredito que as classes trabalhadoras em todo o mundo reconhecem que têm interesses comuns, e não interesses divergentes. Acredito que aquilo a que se chama de ‘solidariedade internacional do trabalho’ tem muito a dar a todos os povos do mundo.”

Nesse agosto, Churchill refletiu sobre o procedimento de arbitragem que implicava que ele interviesse em todas as disputas da indústria e do comércio quando se agravassem. No início de setembro, ele sugeriu que era necessário “um mecanismo mais formal e permanente”. Para sua criação, propôs um Tribunal Permanente de Arbitragem, constituído por dois representantes dos trabalhadores, dois representantes dos patrões e um presidente nomeado pelo Ministério do Comércio. Esse tribunal se reuniria sempre que as duas partes numa disputa o exigissem. O Gabinete aprovou o plano de Churchill, que foi posto em prática imediatamente. Em doze meses, sete disputas industriais tinham sido resolvidas pelo tribunal.

Enquanto isso, Churchill e sua noiva planejavam o casamento para meados de setembro. Mesmo durante o curto noivado, Clementine hesitou. “Ela viu o rosto da única verdadeira rival que conheceria nos 57 anos de casamento que os esperavam e vacilou por breves instantes”, escreveu mais tarde sua filha Mary. Essa rival era a vida pública que, nas palavras da filha, “reclamava constantemente o tempo e o interesse dele”. Enquanto Clementine hesitava, seu irmão Bill escreveu-lhe a lembrar-lhe que ela já tinha rompido dois noivados e que não podia expor-se e humilhar uma personalidade pública como Churchill. “Porém, mais do que a fraternal admoestação de Bill”, escreveu Mary, “foi o ardor com que Churchill se apressou a tranquilizá-la e sua confiança suprema no futuro dos dois que afastaram as dúvidas que a assaltavam”.

Uma semana antes do casamento, um dos sindicatos de eletricitistas pediu a Churchill que presidisse a uma arbitragem industrial. Ele aceitou. Numa reunião com ambas as partes, que se realizou em 9 de setembro, os trabalhadores

ameaçados pela recusa dos patrões em ceder os instrumentos de trabalho necessários aprovaram a proposta de Churchill e aceitaram reduções salariais em troca de uma promessa de que não haveria mais reduções durante pelo menos seis meses. A votação foi disputada, com 4.606 a aceitarem e 3.739 a rejeitarem o plano, mas ajudou a estabelecer a reputação de Churchill como conciliador, uma tarefa que assumiria frequentemente ao longo de sua carreira. Três dias depois desse ato de arbitragem, Churchill se casou. A cerimônia aconteceu em St. Margareth, Westminster, na igreja paroquial da Câmara dos Comuns. Churchill tinha 33 anos, e Clementine era dez anos mais nova. A maioria dos seus colegas do Gabinete estava de férias, e cinco deles, inclusive o primeiro-ministro, estavam na Escócia. Foi o antigo reitor de Churchill, dr. Welldon, quem fez o discurso de casamento. Também estavam presentes na cerimônia seu professor de matemática em Harrow, C. P. H. Mayo, e Lloyd George, que assinaram o registro. Entre os presentes de casamento havia uma bengala com castão de ouro enviada por Edward VII, que Churchill usaria pelo resto da vida.

“Que alívio essa cerimônia ter terminado de forma tão feliz”, escreveu Churchill à mãe no primeiro dia de sua lua de mel. Tudo estava “muito confortável e satisfatório em todos os aspectos, e Clemmie estava muito feliz e bonita”. O tempo, contudo, estava “um pouco austero, com apenas alguns raios de sol; ambos ansiamos pelo quente sol italiano”. Em breve, Clementine e ele voltariam a Londres, para uma casa que ele adquirira na Bolton Street, nº 12. Depois foram para a Itália, visitando primeiro Baveno, junto do lago Maggiore, e depois para Veneza. “Só passeamos e amamos”, contou Churchill à mãe. “Uma boa e séria ocupação para a qual as histórias fornecem respeitáveis precedentes.”

De Veneza, Churchill levou a esposa ao castelo do barão de Forest, em Eichhorn, na Morávia. Quando voltou à Grã-Bretanha, apresentou-a aos seus eleitores em Dundee, onde falou sobre as oportunidades que se abriam para a intervenção do Estado no campo social. Asquith e Lloyd George tinham acabado de apresentar um plano de pensões financiadas pelo governo para aqueles com mais de 70 anos. Falando em Dundee em 10 de outubro, Churchill declarou que essa medida marcava “a afirmação, em nosso sistema social, de um princípio totalmente novo no que diz respeito à pobreza, e esse princípio, uma vez afirmado, não poderá ser restringido para além dos seus limites existentes”. Havia também a necessidade de intervenção direta do governo nas questões do desemprego, do trabalho não especializado e do trabalho de

menores. O “cruel abismo da pobreza” podia ser visto por todos. Embora muitos homens eminentes quisessem “fechar a porta” a essa visão, muitos mais “estão preparados para descer ao abismo e lutar com os demônios — como por vezes se vê um grupo de socorro avançar destemidamente por entre a fumaça e o vapor depois de uma explosão numa mina de carvão”.

Em 30 de novembro, Churchill fez 34 anos. Nesse momento, tinha como objetivo esboçar um plano de seguro-desemprego com contribuição financeira do Estado. Enquanto ele preparava as linhas básicas de seu plano, seu colega de Gabinete, Reginald McKenna, primeiro-lorde do Almirantado, pressionava para obter um aumento na construção naval e pedia ao Gabinete que concordasse com a construção de seis couraçados em 1909, o que significava uma carga adicional no orçamento. Churchill e Lloyd George queriam que pelo menos a verba necessária para a construção de dois couraçados fosse gasta em reformas sociais. O Partido Conservador rejeitou essa proposta e contra-atacou com um pedido de construção de mais dois couraçados: “Queremos oito e não esperamos.” Enquanto a controvérsia acerca dos couraçados prosseguia, Churchill foi outra vez alvo do escárnio dos conservadores: “Quais são as razões de Winston para agir dessa maneira nesse assunto?”, perguntou um nobre a outro. “Evidentemente não pode ser por convicção ou princípio. Só a ideia de ele ter uma coisa ou outra me faz rir.”

Churchill não era apoiado por ninguém em sua insistência para que a Grã-Bretanha preservasse sua supremacia naval, mas estava convencido de que isso poderia ser feito por meio da construção de apenas mais quatro navios de guerra no próximo ano financeiro, deixando fundos disponíveis para um plano de seguro-desemprego polivalente. Esse plano estava pronto e foi apresentado ao Gabinete em 11 de dezembro. Três milhões de trabalhadores, em sua maior parte empregados da construção naval e mecânicos, seriam os beneficiários imediatos de sua proposta. Por meio de uma contribuição total de quatro *pences* por semana, o trabalhador poderia ser assegurado contra doença, acidente ou enfermidade durante até quinze semanas. Dos quatro *pences*, o trabalhador deduziria dois *pences* de seu salário e o patrão e o Estado pagariam um *penny* cada um. Ao reexaminar os pormenores financeiros, Churchill alteraria esses números para dois *pences* por semana por parte dos patrões e trabalhadores respectivamente e um *penny* e meio por parte do Estado.

Determinado a não deixar que a proposta de seguro-desemprego fosse destruída pela resistência de “uma grande armada”, Churchill apoiou Lloyd George em sua crítica a McKenna, apresentando uma grande quantidade de

estatísticas ao Gabinete. “Eu sou um celta”, escreveu-lhe Lloyd George após a reunião do Gabinete, “e você deve me perdoar se lhe disser que durante todo o tempo em que atormentou o esquadrão McK tive uma intensa sensação de que seu pai observava com orgulho o modo hábil e resoluto com que o brilhante filho alcançava a vitória numa causa pela qual ele tinha sacrificado a carreira e a vida”.

A princípio, Asquith apoiou o pedido de seis novos couraçados em 1909. Irado, escreveu à sua mulher, Margot, contando que Churchill e Lloyd George, “mediante suas maquinações combinadas, tinham reunido a maior parte da imprensa liberal a seu favor”. Ambos andavam por aí, “dando obscuros indícios de resignação (o que é um blefe)”. Havia momentos em que se sentia “disposto a demiti-los sumariamente”. A disputa continuou durante os quatro meses seguintes, quando, por fim, o próprio Asquith propôs, como Churchill e Lloyd George desejavam, que se construíssem apenas quatro couraçados em 1909. Porém, tranquilizou os defensores “da grande armada”, aceitando que se construíssem mais quatro navios em 1910.

A Marinha não sofreria com essa decisão, que Churchill aceitou, mas a batalha dos couraçados proporcionou aos seus inimigos conservadores mais munições para minar sua credibilidade e difamar seu caráter. É evidente que esses críticos não tinham conhecimento de sua construtiva sugestão durante uma reunião de uma subcomissão da Comissão de Defesa Imperial em 25 de fevereiro de 1909, quando o assunto da navegação aérea foi discutido pela primeira vez. Havia sido pedido a um dos pioneiros da engenharia de aviões, C. S. Rolls, que fizesse experiências com um aeroplano Wright em terrenos do governo. Churchill queria ir mais longe. Como ficou registrado nas minutas secretas da reunião, “o sr. Churchill pensou que existia o perigo de que essas propostas fossem consideradas amadoras demais. A questão do uso de aeroplanos está entre as mais importantes e deveríamos entrar em contato com o sr. Wright e servirmo-nos de seus conhecimentos”. Daí em diante, Churchill mostraria um grande interesse por todos os progressos da aviação, assistindo às demonstrações aéreas anuais em Hendon, travando amizade com aviadores e encorajando-os em suas experiências e em seus esforços.

As reformas sociais continuaram a ocupar os pensamentos de Churchill; numa carta para Asquith escrita imediatamente após o Natal de 1908, explicou que em decorrência das dificuldades acerca da inclusão de enfermidades de longa duração na legislação do seguro-desemprego, ele primeiro daria andamento à criação das centrais de trabalho. Queria também estabelecer “alguma forma de

controle do Estado” sobre as estradas de ferro no sentido de, explicou ele, “garantir o interesse público”. Acima de tudo, deveriam “considerar o futuro e fazer arrojados planos para os próximos dois anos”. Havia uma “impressionante política social a ser desenvolvida”, que teria de passar pelas duas câmaras do Parlamento e que “deixaria uma marca duradoura na história nacional”.

Entre os projetos que ele estava preparando, um deles se destinava a eliminar os abusos do trabalho mal remunerado. “Preocupo-me pessoalmente”, disse a Asquith , “e penso que o país se preocupa mais com esses problemas do que com meras alterações políticas, e, de qualquer modo, estou seguro de que há um importante trabalho a fazer e de que somos os homens indicados para fazê-lo”.

Numa segunda carta para Asquith , escrita três dias antes do dia de Ano-Novo, Churchill insistiu em que era possível “dar suporte” às organizações voluntárias de melhoria social existentes mediante um sistema polivalente de ação do Estado. “Uma verba de menos de 10 milhões de libras por ano”, arguiu, “não em auxílio, mas em mecanismos e estímulos para poupança tornarão a Inglaterra um país diferente para os pobres”. Também desejava introduzir melhorias na questão da falência de pequenas empresas. Nesse inverno, presidiu a uma conferência no Ministério do Comércio para examinar e estudar a legislação francesa sobre falências, mais avançada do que as leis britânicas. John Bigham , um importante advogado que esteve presente na conferência, exprimiu mais tarde sua admiração pelos conhecimentos que Churchill tinha sobre o assunto. Contudo, não foram apenas seus conhecimentos que impressionaram. “Seu vigor e versatilidade eram qualidades que teriam feito dele um excelente advogado no tribunal”, disse Bigham .

Nesse inverno, Churchill insistiu com Asquith para que a legislação para o seguro-desemprego e o seguro nacional de doença fosse adiante. Para sua desilusão, Asquith decidiu que a discussão do Projeto de Lei do Seguro Nacional ficaria adiada para outra sessão parlamentar devido às complicações envolvendo as doenças de longa duração. Devido a esse adiamento, foi Lloyd George quem apresentou o plano de seguro-desemprego em que Churchill tão arduamente trabalhara e recebeu os créditos. Apesar dessa contrariedade, Churchill completou duas propostas de lei polivalentes nessa primavera, a Proposta de Conselhos de Comércio, para eliminar o uso generalizado de trabalho mal remunerado, e o Projeto de Centrais de Trabalho. O conteúdo de ambos os projetos, disse ele a Asquith em 12 de janeiro, baseava-se “na mesma ideia daquilo a que os alemães chamam *paritätisch*, com representação conjunta e igualitária de patrões e empregados e um elemento imparcial e habilitado de

arbitragem”.

Um dia depois de enviar essa carta, Churchill disse no Clube Liberal de Birmingham: “Para onde quer que olhe, o legislador é confrontado com uma grande quantidade de sofrimentos, que são em grande parte evitáveis e até curáveis.” Enquanto a “vanguarda” do povo britânico “desfruta de todas as delícias em todas as idades, nossa retaguarda luta em condições mais cruéis do que a barbárie”. As “principais aspirações” do povo britânico, disse Churchill ao seu público em Birmingham, eram mais sociais do que políticas. “Eles veem ao redor, em toda a parte e quase todos os dias, confusão e miséria que não podem conciliar-se com nenhuma concepção de humanidade ou justiça.” As pessoas perguntam-se “por que se fez tão pouco até agora e exigem que se faça mais”.

Churchill repetiu esse apelo a uma mudança social quando falou em Newcastle em 5 de fevereiro. O objetivo do novo programa social era “levar o povo ao governo, abrir todas as carreiras ao talento de todas as classes, colocar mais pessoas em cargos de autoridade”. Um mês depois desse discurso, presenteou o Gabinete com seu Projeto de Tribunais de Comércio . Esses novos tribunais, que funcionariam por meio de inspetores especiais, teriam poderes para proceder contra qualquer empregador que explorasse sua força de trabalho. A exploração poderia definir-se como o pagamento de salários abaixo dos mínimos prescritos pelo Ministério do Comércio ou como trabalho em “condições prejudiciais ao bem-estar físico e social”.

Em um mesmo projeto, Churchill havia estabelecido o princípio de salário-mínimo e o direito a pausa para alimentação. Esse projeto teve sua segunda leitura na Câmara dos Comuns em 28 de abril. “Foi maravilhosamente recebido e será aprovado”, disse Churchill a Clementine numa carta escrita na bancada do governo no Parlamento. Balfour se mostrara “muito amistoso” e “toda a oposição desaparecera”. O projeto foi aprovado com uma larga maioria.

Então, em 19 de março, apresentou seu Projeto de Centrais de Trabalho, dizendo à Câmara que os transportes e as comunicações “unem o país como nunca nenhum país esteve ligado, e apenas os trabalhadores não se beneficiaram dessa melhoria”. O projeto solucionaria a necessidade “de andar à procura de trabalho”. Mais de duzentas centrais de trabalho forneceriam informações sobre onde havia trabalho disponível e em que atividades. Uma vez estabelecidas as centrais de trabalho, e com o plano de seguro-desemprego a ser introduzido, estariam “o homem e a mulher mutuamente sustentados e apoiados um no outro”.

Um importante trabalhista classificou a proposta de Churchill como “uma das declarações de maior alcance em todo o tempo em que estive associado ao Parlamento”. Nesse verão, numa série de reuniões com líderes sindicais e empregadores, ele explicou que o Tribunal de Comércio, de acordo com essas propostas, teria o papel de árbitro e conciliador entre o capital e o trabalho. As centrais de trabalho não seriam utilizadas para fornecer aos empregadores mão de obra durante as greves. Elas ajudariam os trabalhadores a encontrar trabalho e ajudariam os empregadores a formarem uma força de trabalho.

Entre as explicações de seus projetos ao público e ao Parlamento, Churchill arranhou tempo para supervisionar as reformas de sua nova casa em Londres, na Eccleston Square, nº 33. Clementine, que estava à espera de seu primeiro filho, passava longas temporadas na tranquilidade de Blenheim. Até os menores detalhes da nova casa em Londres chamavam a atenção de seu marido. “Chegou o lavatório de mármore”, escreveu ele a Clementine. “Sua janela está pronta, o que é uma grande melhoria. Todas as estantes estão em seus lugares e encomendei mais duas para as laterais recuadas da janela. A sala de jantar resplandece em branco. A sala já tem papel de parede e o banheiro está bastante avançado.”

Em 1º de maio, a cunhada de Churchill, lady Gwendeline, deu à luz um filho, John George. O bebê de Clementine deveria nascer dois meses depois. “Meu querido pássaro”, escreveu-lhe Churchill, “esse feliz acontecimento será de grande ajuda para encorajá-la. Eu me arrepio só de pensar nisso, porque não gosto que tenha de suportar dores e passar por essa provação. Estamos nas mãos do destino, mas da dor sairá a alegria e da fraqueza nascerão novas forças”.

Como major dos Hussardos, Churchill participou nessa semana do acampamento anual do regimento Oxfordshire Yeomanry. No dia seguinte às manobras, escreveu a Clementine: “Esses militares são muitas vezes incapazes de ver as simples verdades subjacentes às relações das Forças Armadas e como as alavancas de poder podem ser usadas sobre elas.” Refletindo sobre “soldados e ‘pseudossoldados’ a galopar aqui e ali” enquanto oito regimentos simulavam uma batalha, disse à sua mulher:

Você sabe como eu gostaria de ter alguma prática no comando de grandes forças. Tenho muita confiança em meu bom senso sobre as coisas quando enxergo claramente, mas creio que sinto melhor a verdade nas combinações táticas do que em qualquer outra coisa. É presunçoso e ridículo dizê-lo, mas não ria. Tenho certeza de que tenho em mim a capacidade, mas temo que

nessa existência ela não encontre chance para desabrochar numa flor vermelho-viva.

Nesse verão, uma guerra diferente ocupava os pensamentos de Churchill. Era “uma guerra contra a pobreza”, como escreveu numa carta para Lloyd George em 20 de junho. Refletindo sobre vários aspectos da legislação social, incluindo as leis de sua autoria, ele chegara à conclusão de que “devemos copiar, para a defesa deste país contra a pobreza e o desemprego, os mesmos maquinismos que usamos na Comissão de Defesa Imperial contra agressões vindas de fora”. Ele propunha a criação de um Comitê de Organização Nacional presidido pelo ministro das Finanças. Essa era “a única maneira”, em sua opinião, de garantir “a resolução fácil e rápida de uma série de questões”, cada uma envolvendo três ou quatro departamentos do governo, de evitar “sobreposições, desperdícios, atritos e omissões” e de ter uma “política contínua” de reformas sociais.

Churchill pôs de lado todas as preocupações relacionadas à política e ao Parlamento quando, em 11 de julho, Clementine deu à luz uma filha, Diana . O parto tinha sido um esforço considerável para Clementine , provocando-lhe um grande cansaço nos dias seguintes. Churchill fez tudo o que pôde para lhe proporcionar paz e sossego, conseguindo que ela se recuperasse longe da confusão da vida e da política londrinas. Três semanas depois do nascimento da filha, Churchill estava outra vez no centro de uma arbitragem industrial, pois uma greve ameaçava paralisar a produção de carvão. “Tivemos vinte horas de negociações nos últimos dois dias”, disse ele à mãe em 4 de agosto, “e penso que não teríamos conseguido um resultado satisfatório se eu não tivesse desempenhado meu papel de maneira eficaz”.

“Até onde pude julgar, fazia falta sua firmeza, confiança e perspectiva para se chegar a um acordo”, escreveu Sir Edward Grey a Churchill quando terminou a disputa. Grey considerou a atuação de Churchill “um serviço público da melhor espécie”. Asquith e o rei Edward VII enviaram-lhe também suas felicitações. “Foi uma grande jogada, muito útil e oportuna”, contou Churchill à mãe.

Contudo, uma nova crise ameaçava todos os planos de reforma de Churchill, assim como as reformas de outros departamentos do governo, pois os pares conservadores haviam anunciado sua intenção de rejeitar o orçamento de Lloyd George, que já tinha passado na Câmara dos Comuns com uma grande maioria.

A princípio, Churchill não considerou trágica a atitude dos lordes: “Nunca vi ninguém fazer papel tão ridículo quanto fazem esses duques e duquesas”, disse ele à mãe. “Um após outro, ameaçam cortar suas contribuições para obras de

caridade e pensões e despedir funcionários velhos, gritando e gemendo porque se pede que paguem a sua parte, como se estivessem falindo.” O último recrutado era o duque de Portland. Cada linha do que ele dizia, “vale cem votos do país para nós”.

Além da possível derrota do orçamento, a perspectiva de um conflito externo também ameaçava os planos de reforma de Churchill. No final de agosto, ele havia tido uma longa conversa com o embaixador alemão em Londres, o conde Metternich , dizendo-lhe que a perspectiva de um aumento substancial na construção naval alemã “era causa de uma profunda inquietação espalhada por todas as classes e por todos os partidos”. Não era “bom fechar os olhos aos fatos”, acrescentou Churchill; por mais arduamente que trabalhassem os governos e os indivíduos “para construir uma relação de verdadeira confiança e fé entre os dois países”, avançariam muito pouco enquanto houvesse uma “política naval continuamente florescente na Alemanha”.

A recuperação de Clementine após o esgotamento provocado pelo parto se prolongou pelo outono, que ela passou em Southwater, perto de Brighton. Ao longo da vida, ela sofreria de acessos de fadiga acompanhados de esgotamento nervoso. O marido encorajou-a a descansar, recuperar-se e libertar-se das preocupações do dia a dia. Mandava-lhe regularmente cartas contando o que fazia e dando notícias da família. Diana estava “muito bem”, escreveu ele no fim de agosto, “mas a ama tem tendência a me olhar com uma expressão carregada, como se eu fosse um cansativo intruso”. Nessa manhã, tinha perdido o banho, “mas amanhã tomarei a liderança!”.

Em 6 de setembro, enquanto Clementine ainda estava em Southwater, Churchill falou em Leicester contra a intenção de voto da Câmara dos Lordes na questão do orçamento e sobre os perigos da luta de classes se as propostas do orçamento, e tudo o que elas representavam, fossem rejeitadas. “Se continuarmos na velha despreocupação, os mais pobres continuarão mergulhados ou mergulharão ainda mais fundo no desamparo e na miséria sem esperança, e não haverá nada à nossa frente, penso eu, senão o conflito selvagem entre as classes e uma desorganização crescente, com o desperdício de energias e de virtudes humanas”, avisou ele

O rei ficou tão zangado com essas palavras que seu secretário particular escreveu um protesto no *Times* , num ato sem precedentes. “Ele e o rei devem ter enlouquecido”, comentou Churchill.

De Leicester, Churchill foi para Swindon, onde assistiria às manobras do

exército britânico. Durante a viagem, enviou palavras de encorajamento à esposa: “Querida Clemmie, tente reunir energias. Não gaste suas forças à medida que as recupera. Permita que se acumulem. Lembre-se das minhas duas regras: não ande mais de oitocentos metros e não se arrisque a pegar uma gripe. Há muita coisa a fazer e, se houver eleições, você terá um papel importante.” Churchill compreendia o peso que sua vida política exercia, e continuaria a exercer, na relação entre os dois. “Estou tão centrado em minha política que muitas vezes acho que sou uma companhia muito chata para qualquer pessoa que não esteja também nessa atividade”, disse-lhe ele. “Dá-me muita alegria fazer você feliz, e muitas vezes desejaria ser mais variado nos meus temas. No entanto, é melhor sermos fiéis a nós mesmos — a não ser que se tenha uma personalidade terrivelmente entediante!”

Acompanhado por Edward Marsh e pelo primo Frederick Guest, em cujo carro viajavam, Churchill foi assistir às manobras do exército alemão. Em Metz, visitou o campo de batalha de Gravelotte, da guerra franco-prussiana, onde os franceses haviam sido derrotados em agosto de 1870. “Os túmulos dos soldados estão espalhados por ali às centenas, precisamente onde tombaram, e todos são muito bem cuidados”, escreveu ele a Clementine. “Assim, podemos seguir as fases da batalha pelos movimentos dos homens que tombaram.”

Ao atravessar as montanhas dos Vosges em direção a Estrasburgo, a capital da província alemã da Alsácia, Churchill escreveu a Clementine em 12 de setembro:

Hoje faz um ano que minha querida gatinha branca veio até mim, e espero e rezo para que ela não encontre nesta manhã de setembro nenhum motivo para arrependimento, por mais vago ou secreto que seja. Os sinos da velha cidade estão tocando e lembro-me dos carrilhões que saudaram nosso casamento e das pessoas que nos aplaudiram. Passou-se um ano, e, se ele não trouxe a você todas as brilhantes e perfeitas alegrias que a imaginação cria, trouxe todavia uma clara e brilhante luz de felicidade e algumas outras coisas importantes. Minha preciosa e amada Clemmie, meu mais sincero desejo é entrar ainda mais completamente no seu querido coração e na sua natureza e enrolar-me nos seus braços amorosos. Sinto-me muito seguro com você e não preciso esconder nada.

Nessa carta, Churchill devaneia sobre a filha. “Pergunto-me como será quando crescer e se será feliz ou infeliz por ter sido arrancada do caos. Terá

provavelmente algumas qualidades raras, tanto intelectuais quanto físicas, mas isso nem sempre significa felicidade ou paz. Todavia penso que uma estrela cintilante brilha para ela.” Essas eram palavras tragicamente prescientes. Muitas estrelas cintilantes brilhariam para Diana , mas a felicidade e a paz não a acompanhariam.

De Estrasburgo, Churchill seguiu até Frankfurt: “Uma grande estrada de 220 quilômetros, cujas últimas três horas foram feitas na escuridão e na chuva”, contou ele a Clementine . “É estranho que alguém possa gostar dessas coisas, mas existe tal sensação de independência quando se viaja de carro que, se puder, nunca mais pensarei em viajar de trem.” Durante a viagem de carro pela Alemanha, ficou impressionado com as inúmeras pequenas fazendas e com a ausência de parques murados e de propriedades rurais. “Esse lugar nos faz pensar no fardo que as pessoas pobres de nosso país são obrigadas a suportar, com os parques e palácios das famílias ricas rurais, quase uns em cima dos outros, a sufocar as vilas e a indústria”, escreveu. Em Frankfurt, visitou as centrais de trabalho locais. “Não há nenhuma dúvida de que percebi uma coisa extraordinária nessas centrais”, disse-lhe ele. “A honra de tê-las introduzido na Inglaterra é por si uma rica recompensa.”

Churchill chegou a Wurzburg na noite de 14 de setembro e passou o dia seguinte vendo as manobras do exército alemão, observando cinco corpos de exército e três divisões de cavalaria em ação. “Tenho um ótimo cavalo nos estábulos do imperador e posso cavalgar por onde quero e com uma considerável comitiva”, contou ele a Clementine . Em 15 de setembro, teve uma conversa de alguns minutos com o imperador, “que zombou dos ‘socialistas’ de modo bem-humorado”. Nessa noite, ao jantar, conversou “formalmente e aos arrancos, em francês ruim”, com um general prussiano e com o ministro da Guerra bávaro. Quanto ao exército alemão, contou a Clementine , “é uma máquina terrível. Por vezes faz marchas de cinquenta quilômetros por dia. É tão numeroso quanto os grãos de areia no mar e tem todo o equipamento moderno. Há uma separação total entre os imperialistas e os socialistas. Nada os une. São duas nações diferentes”.

Com os britânicos há “tantas cores”, escreveu Churchill. “E aqui é tudo preto e branco (as cores prussianas).” Ele continuava otimista: “Acredito que daqui a cinquenta anos teremos um mundo mais sábio e mais afável, mas nós não seremos seus espectadores.” A filha, porém, viria a “brilhar num cenário mais feliz”. Depois, repetindo um sentimento que tinha expressado pela primeira vez dez anos antes, durante a Guerra dos Bôeres, disse à mulher: “Com que

facilidade os homens poderiam tornar as coisas melhores do que são se ao menos tentassem em conjunto!” Um único dia assistindo às manobras tinha confirmado seus instintos mais profundos. “Por mais que a guerra me atraia e me fascine com suas situações extraordinárias”, escreveu ele, “a cada ano sinto mais profundamente, e posso medir o sentimento aqui no meio das armas, que tudo isso é uma baixeza, uma loucura perversa e uma barbárie”.

No último dia das manobras, Churchill encontrou-se novamente com o imperador. “Foi muito amável, dizendo ‘Meu caro Winston’ etc., mas não descobri nada com ele.” Foi apenas uma conversa de dois minutos. Ele teve uma conversa mais longa com o representante turco nas manobras, Enver Pasha, “o jovem turco que fez a revolução. É um sujeito encantador, muito bonito e muito capaz. Ficamos amigos imediatamente”. Cinco anos depois, Churchill recorreria diretamente a Enver, então ministro da Guerra, para que não aliasse a Turquia à Alemanha, mas seria em vão.

Enquanto Churchill estava na Alemanha, Clementine acompanhou Asquith a uma reunião política em Birmingham. “Saímos por uma porta lateral”, contou ela ao marido no dia seguinte. “Um empregado disse à multidão ‘Está aqui a sra. Churchill’, e todos eles aplaudiram você, Pug. Dois meninos se debruçaram na carruagem e disseram: ‘Dê a ele nossos cumprimentos.’ Aquela pobre gente gosta e confia totalmente em você. Senti-me muito orgulhosa.”

De Wurzburg, Churchill foi de carro ao campo de batalha de Blenheim, palco do triunfo de seu antepassado sobre os franceses em 1704. Quando voltou à Grã-Bretanha, viu-se na primeira linha da luta liberal contra a Câmara dos Lordes. Em 16 de outubro esteve em Dundee, falando aos seus eleitores, e disse a Clementine: “Aqui todos estão muito animados e desejosos de lutar.” Os inconvenientes de estar longe de casa eram muitos. “Ontem pela manhã tinha comido meio arenque quando encontrei uma enorme larva! Hoje só consegui encontrar umas panquecas para o almoço. São essas as provações que os grandes e os bons homens precisam suportar no serviço ao seu país!” Sua saúde não estava mal: “Dormi como uma pedra no trem, sem nenhum barbitúrico. Isso deve ser considerado um bom sinal de nervos e saúde.” Quanto à continuação da recuperação de sua mulher, escreveu: “Minha doce gata, devote-se a acumular saúde. A inatividade é salutar em certas circunstâncias. Quem me dera que você estivesse aqui, mas tenho certeza de que mais tarde não se arrependerá desse período de repouso.”

Clementine descansou por algumas semanas num hotel em Sussex, na cidade de Crowborough. “Eu preferia que não ficasse presa a semana inteira em

Crowborough”, escreveu-lhe Churchill em 25 de outubro. “Queria tanto apertá-la nos meus braços, cheia de frio e cintilante depois do banho.” Ele estava ocupado com um novo livro, uma série de 21 discursos sobre política social que tinha feito nos três anos anteriores. Foi publicado um mês depois com o título *Liberalism and the Social Problem*, seguido três semanas mais tarde por mais uma série de discursos, intitulada *The People’s Rights*.

Em 3 de novembro, com a lembranças da visita que fizera à Alemanha ainda frescas em sua mente, Churchill expôs ao Gabinete o que pensava sobre as intenções alemãs. Não existia “praticamente nenhuma restrição à expansão naval alemã”, escreveu ele, “exceto as dificuldades de conseguir dinheiro”. Essas dificuldades eram consideráveis, com uma crise econômica tão séria que “o período de grave tensão interna” que estava criando era motivo para alarme. “A tensão será aliviada com moderação ou quebrada com violência? Não há dúvida de que ambos os caminhos estão abertos.” O que quer que o governo alemão decidisse, precisava fazê-lo rapidamente. “Se for um caminho pacífico, deve mostrar-se logo pacífico.”

Com o encorajamento de Asquith, Churchill preparou um discurso a ser apresentado em Bristol em 14 de novembro, uma semana antes do debate da questão do orçamento na Câmara dos Lordes. Clementine foi a Bristol com ele. Enquanto desciam do trem, uma jovem sufragista, Theresa Garnett, correu para eles e tentou atingir Churchill com um chicote. Para proteger o rosto, ele a agarrou pelos pulsos. Então, ela começou a empurrá-lo para a borda da plataforma. Nesse momento, o trem começou lentamente a sair da estação. Passando por cima de uma pilha de malas, Clementine conseguiu agarrar o casaco do marido e puxá-lo. A sufragista foi pega por algumas pessoas da comissão de recepção e foi presa imediatamente. Quando os policiais a levaram, ela gritou para Churchill: “Seu bruto! Por que não trata decentemente as mulheres inglesas?”

Apesar de abalado pelo incidente, Churchill fez um poderoso discurso contra as pretensões da Câmara dos Lordes. Os pares conservadores, declarou ele, eram “uma orgulhosa facção *tory*”, que pensavam que eram “as únicas pessoas capazes de servir à Coroa”. Viam o governo “como um mero complemento de sua riqueza e de seus títulos” e “não suportam ver um governo apoiado na classe média e na classe trabalhadora”. Tudo o que conseguiriam, “se ficassem loucos”, era “pôr uma pedra no caminho e tirar dos trilhos o trem do Estado, e é isso que nos dizem que vão fazer”.

Churchill foi respondido por seu velho adversário, lorde Milner, que declarou

que o dever da Câmara dos Lordes era votar contra o orçamento “e que se danem as consequências”. O apelo de Milner foi ouvido com atenção, e, em 30 de novembro, dia do 35º aniversário de Churchill, a Câmara dos Lordes rejeitou o orçamento por 350 votos contra 75. Quatro dias depois, Asquith interrompeu os trabalhos parlamentares e iniciou a campanha para eleições gerais. O grito de guerra para todos os liberais , inclusive o neto do duque de Marlborough , era: “Os conservadores *versus* o povo.”

11.

Ministro do Interior

Ao longo da campanha para as eleições gerais, Churchill liderou o ataque liberal à Câmara dos Lordes. Num discurso em Leven, na Escócia, em 9 de janeiro de 1910, descreveu o antigo ministro das Relações Exteriores, lorde Lansdowne, como “o representante de uma assembleia esgotada, obsoleta, anacrônica, a sobrevivência de uma ordem feudal que perdeu por completo seu significado original, uma força caduca há muito tempo, que agora requer apenas um golpe esmagador dos eleitores para ser extinta para sempre”. Durante a campanha em Lancashire, expôs o ponto de vista liberal com enorme habilidade e energia. “Seus discursos, do primeiro ao último, alcançaram seu apogeu e ficarão na história”, escreveu Asquith na terceira semana da campanha.

Os resultados das eleições foram anunciados em 15 de fevereiro de 1910. Os liberais tinham conservado o poder, mas por uma estreita maioria: 275 contra 273 lugares. Com 84 assentos, os nacionalistas irlandeses mantinham novamente o equilíbrio do poder político. O Partido Trabalhista, com seus 42 lugares, era mais uma vez o menor partido na Câmara dos Comuns. Churchill conservou seu lugar por Dundee com a mesma maioria que obtivera antes, chegando a pouco mais de 9 mil votos.

No mesmo dia em que os resultados das eleições foram anunciados, Churchill aceitou um cargo no importante no Ministério do Interior, ficando responsável pela polícia, pelas prisões e pelos prisioneiros. Apenas Robert Peel, fundador da força policial, tinha ocupado esse cargo quando ainda era tão novo, aos 33 anos. As perspectivas do novo cargo encheram-no “de entusiasmo e júbilo”, recordou mais tarde Violet Asquith:

Ele ansiava por progredir e por desbravar novos terrenos e já estava explorando com fervor as possibilidades de seu novo reino. Teria um bom exército para comandar, a força policial, mas estava sobretudo preocupado com o destino dos criminosos. Sua própria experiência de cativo o tinha convertido no “Amigo dos Prisioneiros”, e sua mente fervilhava com planos

para tornar mais leve o destino desses, com reduções de pena aos que merecessem e, enquanto estivessem presos, bibliotecas e entretenimento.

“Devem ter alimento para as ideias — muitos livros —; foi do que mais senti falta. Exceto evidentemente a chance de quebrar as correntes e sair daquele maldito lugar, mas *isso* suponho que não posso lhes dar!”, disse Churchill.

Em seus primeiros dias como ministro do Interior, Churchill iniciou um amplo programa de reforma prisional. Em 21 de fevereiro, seis dias após assumir o cargo, assistiu à estreia da peça *Justice*, de John Galsworthy, no teatro Duke of York. Levou com ele Sir Evelyn Ruggles-Brise, presidente dos Comissários das Prisões, nomeado por Asquith quinze anos antes e um defensor do confinamento solitário. A peça era uma poderosa denúncia do confinamento solitário, e Churchill ficou muito comovido com ela. Todavia, explicou ele em 7 de março ao seu secretário de Estado, Sir Edward Troup, também ficou impressionado com “a importância de fazer do primeiro período de encarceramento um severo curso disciplinar, de interpor um hiato entre o mundo que o condenado deixou e o mundo que integrará”.

Dois meses depois, Churchill anunciou que o confinamento solitário seria reduzido para um mês para aqueles que não eram reincidentes e para aqueles que estavam na categoria intermediária e para três meses para reincidentes. Quando as novas regras foram anunciadas, Galsworthy escreveu à tia de Churchill, Leonie: “Sempre admirei a coragem, a capacidade e a veia imaginativa dele, que é bastante rara entre políticos. Percebo agora que ele tem coração e que é muito humano. Creio que chegará muito longe, e ainda mais se conseguir domar os elementos combativos que existem nele.”

Naquele março, Churchill criou uma distinção, até então desconhecida, entre prisioneiros que praticaram crimes e prisioneiros políticos. Essa medida resultou no benefício imediato de muitas sufragistas presas. As regras das prisões, que eram “adequadas a criminosos presos por desonestidade, por crueldade ou por outros crimes que impliquem vileza moral”, explicou ele na Câmara dos Comuns, “não deveriam ser aplicadas inflexivelmente àqueles cujo caráter é bom e cujas ofensas, ainda que repreensíveis, não trazem desonra pessoal”.

Tal como havia dito a Violet Asquith, Churchill também tentou organizar bibliotecas para os prisioneiros; a comissão que designou para examinar essa questão recomendou que o catálogo de “uma biblioteca pública bem orientada” servisse como guia para uma lista de livros para prisioneiros. Porém, o principal assalto de Churchill ao sistema existente dizia respeito às penas de prisão

excessivas. Sobre esse assunto, manteve uma vigorosa correspondência dentro de seu departamento e, após estudar pormenorizadamente casos individuais, expressou com frequência sua insatisfação a juízes. Comentando uma sentença de dez anos de prisão por sodomia, enviou uma nota aos seus funcionários: “O prisioneiro já havia recebido duas terríveis penas de sete anos de prisão: uma por roubar limonada e outra por roubar maçãs. Não é impossível que tenha contraído esses hábitos anormais na prisão.”

Churchill considerava que era necessário determinar um limite para as sentenças. “Apenas circunstâncias de rara e peculiar gravidade”, escreveu ele, “deveriam, na minha opinião, ser suficientes para justificar uma pena superior a dez anos de prisão por um crime que não implique perigo de vida. Esse limite poderia ser excedido quando fosse usado dinheiro para a corrupção sistemática de menores, quando fosse usada força com tal brutalidade que provocasse danos permanentes, quando houvesse perfídia vil, como no caso de um professor, ou quando houvesse evidência de envolvimento recorrente de um homem em relações criminosas desse teor. Contudo, para atos isolados de bestialidade, mesmo quando acompanhados de violência e até estupro, sete anos de prisão parecem-me ser a sentença-padrão que deve estar em nossa mente”.

Em 3 de julho, enquanto preparava propostas destinadas a reduzir o número de jovens delinquentes enviados para centros de detenção, Churchill escreveu aos seus conselheiros: “Certamente não aceitarei ser responsável por nenhum sistema que venha a agravar a severidade do Código Penal.” Em 20 de julho, apresentou suas reformas na Câmara dos Comuns. Uma de suas intenções era abolir o encarceramento imediato pelo não pagamento de multas. “Deixemos que a Câmara veja quão injuriosa é essa operação”, explicou ele. “O Estado perde sua multa. O homem vai para a prisão, talvez pela primeira vez, o que é um acontecimento chocante. Para uma sentença de quatro ou cinco dias, passa por todas as formalidades que seriam aplicadas se fosse condenado a uma longa pena de prisão. É fotografado, levado num carro e tiram-lhe as impressões digitais. Todo esse penoso processo se desenrola como se tivesse recebido uma longa sentença.”

Churchill queria estabelecer o princípio de “tempo para pagar”. No ano anterior, 95.686 pessoas tinham sido enviadas para a prisão, por quatro ou cinco dias cada, por não poderem pagar uma multa imposta pelos tribunais. Devido ao congestionamento do programa de atividades parlamentares, essa reforma foi adiada até 1914. Nos cinco anos de vigência da nova lei, o número de presos por não pagamento de multas caiu para pouco mais de 5 mil. A maioria desses

presos era constituída por quem tinha sido multado por embriaguez; esses números caíram de 62.822 em 1908-1909 para menos de 2 mil em 1919.

A reforma seguinte de Churchill consistiu em reduzir o número de jovens já presos. Todos os anos, mais de 5 mil jovens entre 16 e 21 anos iam para prisões. Tudo isso mudaria. Daí em diante, nenhum jovem poderia ser enviado para a prisão “a menos que seja incorrigível ou tenha cometido um crime grave”. O encarceramento de jovens, disse Churchill ao rei numa das cartas regulares com as quais seguia a tradição de ministro do Interior, enviando ao soberano um relato completo dos procedimentos do Parlamento, era “puro desperdício”. Era preciso um sistema de “reabilitação para delinquentes”, baseados em exercícios físicos, “muito saudáveis e muito desagradáveis”, que talvez pudessem ser ministrados nos estabelecimentos da polícia. “Nenhum jovem entre 16 e 21 anos deve ser mandado para a prisão por mero castigo”, disse Churchill ao soberano. “Cada sentença deve ser concebida com o objetivo de recuperá-los e prepará-los para o mundo: seria de fato uma medida mais disciplinar e educativa do que penal.”

Na Câmara dos Comuns, Churchill defendeu a redução do encarceramento de jovens criminosos chamando atenção para o fato de que “o mal cai apenas sobre os filhos das classes trabalhadoras. Os filhos de outras classes cometem muitos dos mesmos delitos, influenciados pelos ânimos turbulentos e exuberantes em Oxford e Cambridge, sem que lhes seja aplicada qualquer pena”. Quando Churchill se tornou ministro do Interior, havia 12.376 rapazes com menos de 21 anos nas prisões. Em 1919, esse número tinha diminuído para menos de quatro mil. Porém, o plano de Churchill para os exercícios para delinquentes, embora apoiado pela polícia e pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, não sobreviveu ao escrutínio de seus funcionários; o princípio que ele tentou estabelecer precisou esperar pela promulgação do Projeto de Justiça Criminal, em 1948, para que fosse implementado.

Subjacente às reformas das prisões pretendidas por Churchill estava uma compreensão real da natureza do encarceramento na perspectiva do prisioneiro. Em seu discurso de 10 de julho, referiu-se em termos comoventes a esse aspecto:

Não devemos esquecer que mesmo com todas as melhorias materiais nas prisões, mesmo com a temperatura ajustada, mesmo com comida apropriada para manter a saúde e a força, mesmo com visitas, médicos e capelães, o condenado continua privado de tudo aquilo a que um homem livre chama de

vida. Não podemos esquecer de que todas essas melhorias, que são por vezes calmantes para nossas consciências, não alteram essa situação.

Churchill falou também das considerações que acreditava que deveriam guiar o sistema penal de qualquer país progressista:

A disposição e o estado de espírito do público em relação ao tratamento do crime e dos criminosos é um dos mais infalíveis testes da civilização de qualquer país. Um calmo e desapassionado reconhecimento dos direitos do acusado contra o Estado, e até de criminosos condenados contra o Estado, um constante exame de consciência por parte de todos aqueles que estão encarregados da função de punir, um desejo e uma vontade de reabilitar para o mundo todos aqueles que já pagaram suas dívidas na dura moeda da pena, esforços incansáveis para que se descubram processos curativos e regeneradores e uma fé inabalável em que existe um tesouro, se o conseguirmos encontrar, no coração de cada homem são símbolos que marcam e medem a força acumulada de uma nação e são o sinal e a prova da virtude que nela existe.

Nesse verão, Churchill defendeu várias outras alterações pioneiras, que seriam colocadas em prática enquanto ele ainda estava no Ministério do Interior. Uma inovação foi introduzir o entretenimento nas prisões, oferecendo uma palestra ou um concerto quatro vezes por ano. “Esses infelizes devem ter alguma coisa em que pensar e que quebre a longa monotonia”, disse ele ao rei. Seriam também feitas concessões especiais aos presos idosos e aos incapacitados.

Além das reformas dentro dos muros das prisões, Churchill aboliu a supervisão policial de ex-condenados e substituiu pela ação de uma agência central destinada a cuidar dos prisioneiros condenados depois de sua libertação. Os ex-prisioneiros não seriam mais supervisionados exclusivamente pela polícia, mas por um organismo separado constituído por membros oficiais nomeados e por representantes de várias sociedades de auxílio a prisioneiros.

Ao explicar essa reforma a um colega liberal quando ainda em sua fase de planejamento, Churchill sublinhou que três em cada quatro condenados libertados entre 1903 e 1905 já tinham voltado para a prisão. “É essa terrível proporção de reincidência que desejo interromper.” A supervisão policial e a ajuda após a libertação “falham ambas no aspecto de capacitar ou encorajar um

condenado a retomar seu lugar na indústria. É necessário um acompanhamento mais individualizado, mais íntimo, mais cuidadoso, mais filantropicamente inspirado”. Essa necessidade havia levado à ideia de um entrelaçamento de todas as sociedades de auxílio a prisioneiros existentes “numa forte confederação para apoiá-las com fundos superiores aos que têm atualmente, colocá-las em contato com indivíduos condenados muito antes de serem novamente atirados para o mundo e somente usar os métodos ordinários de supervisão policial em casos absolutamente refratários”. Os esforços de Churchill foram apreciados pelos reformadores penitenciários. “Essas mudanças são inspiradas pela imaginação, sem a qual a reforma é nociva, e pelo bom senso, sem o qual é perigosa”, escreveu Galsworthy no *Times* em 23 de julho.

Nesse verão, ciente do direito do ministro do Interior de suspender a imposição de pena capital, Churchill estudou os documentos de um caso em que tinha sido aplicada a pena de morte, escrevendo um memorando detalhado em dez pontos, no qual tentou explorar a evidência com argumentos e possibilidades que não tinham sido apresentados na defesa do homem condenado. Depois de examinar cuidadosamente os pontos litigiosos, não se sentiu capaz de recomendar a suspensão da pena.

Um ano após deixar o Ministério do Interior, Churchill diria a um amigo que “se tornou um pesadelo” exercer esse poder de vida e morte no caso de criminosos condenados. Em outra ocasião, num debate sobre a pena capital em 1948, diria na Câmara dos Comuns :

Considerarei isso muito angustiante quando há quarenta anos estive no Ministério do Interior. Não houve cargo no governo que deixei com maior satisfação. Não era tanto o fato de tomar decisões em casos de pena capital que me afligia, embora essa fosse uma dolorosa obrigação. Eu costumava ler as cartas de apelo escritas pelos condenados a longas sentenças ou a prisão perpétua implorando que fossem libertados. Essa foi uma tarefa ainda mais perturbadora para mim.

Lembro-me de um caso em particular de pena capital. Tratava-se de um soldado de cerca de 25 anos, que, num ataque de fúria, matara a mulher com quem havia muito vivia. Depois do crime, desceu as escadas e encontrou à sua espera algumas crianças a quem costumava dar doces. Tirou do bolso todo o dinheiro que tinha e deu-lhes, dizendo: “Já não preciso de dinheiro.” Caminhou então até a esquadra e entregou-se. Eu fiquei comovido com a

história e com muitas características do caráter desse infeliz. O juiz aconselhou que a sentença fosse cumprida até o fim e os funcionários do Ministério do Interior, com sua grande experiência, sugeriram que eu não interferisse no caminho da lei, mas eu tinha minha opinião e liberdade de ação a esse respeito.

Churchill recomendou a suspensão da pena de morte. Pouco tempo depois, o soldado cometeu suicídio. Embora abalado pelo fato de o homem ter considerado “a prisão perpétua pior do que a pena de morte”, Churchill estava orgulhoso do fato, como disse na Câmara dos Comuns em 1948, de que “em cada uma das etapas do nosso sistema de justiça criminal é dado o benefício da dúvida ao acusado. Em cada uma das etapas subsequentes à aplicação da pena capital foi mostrada a mesma predisposição em favor da pessoa condenada. Mas, mesmo quando a justiça e a lei fizeram seu melhor dentro dos seus limites, quando os precedentes foram procurados e considerados, a clemência ainda vagueia ao redor da prisão em busca de alguma fenda por onde possa penetrar”.

Confrontado com o desafio contínuo imposto pela Câmara dos Lordes contra as reformas sociais liberais, Asquith pensou em demissão, a qual se seguiriam novas eleições com base no poder dos Lordes. Churchill encontrava-se entre aqueles que se opunham a esse caminho, argumentando que o Gabinete devia lutar, apesar de sua maioria ser precária. Asquith aceitou esse conselho, anunciando, em 18 de março, que a Câmara dos Lordes deveria ser reconstruída sobre uma base democrática. Em Manchester, no dia anterior, Churchill tinha defendido publicamente que “a Coroa e a Câmara dos Comuns deveriam atuar em conjunto contra os abusos dos lordes”.

As propostas do governo para que os poderes dos lordes fossem restringidos foram apresentadas na Câmara dos Comuns em 31 de março. Churchill foi o principal orador do governo. Sobre os pares conservadores que somente iam à Câmara dos Lordes para votar contra a questão do orçamento, declarou:

Não há nada mais curioso do que o modo como eles se deixam conduzir. Ali comparecem todos aqueles nobres, instalados em seus lugares, desfrutando de uma educação completa a que tiveram acesso e dos benefícios de uma sociedade culta, protegidos em todos os assuntos deste mundo e tão longe de mostrar um espírito de independência que se permitem ser mantidos sob uma disciplina muito estrita, que se permitem ser conduzidos e levados de

um lado para o outro, não direi como um rebanho de ovelhas, porque isso não seria respeitoso, mas como um regimento de soldados, ordenado nessa ou naquela direção.

Churchill terminou seu discurso com a seguinte fala:

Atingimos um período fatídico na história da Grã-Bretanha. Passou o tempo das palavras e chegou o tempo da ação. Uma vez que a Câmara dos Lordes, por uma perversa e antipatriótica instigação, em minha opinião, usou seu veto para enfrentar a prerrogativa da Coroa e para invadir os direitos da Câmara dos Comuns , tornou-se agora necessário que a Coroa e a Câmara dos Comuns, atuando em conjunto, restaurem o equilíbrio da Constituição e restrinjam para sempre o veto da Câmara dos Lordes.

“Foi um discurso admirável, um dos melhores”, escreveu-lhe Asquith . “A única coisa que lamento foi a última frase associando ‘a Coroa’ e o povo. Espero que seja ignorada.”

Em 28 de abril, o orçamento foi novamente apresentado à Câmara dos Lordes. Evitando uma confrontação constitucional, foi aprovado sem quaisquer votos contra. Não desejando correr o risco de mais interferências em medidas financeiras, Asquith decidiu seguir em frente com o Projeto do Parlamento, ainda que isso significasse pedir ao rei que criasse até quinhentos novos pares liberais para assegurar a passagem do projeto. Porém, em 6 de março, enquanto grassava a controvérsia sobre a possibilidade da criação de tantos novos pares, Edward VII morreu.

Dada a inexperiência do novo rei, George V , foi declarada uma trégua de seis meses na luta constitucional. Churchill não só apoiou essa medida como apelou ao estabelecimento de um governo nacional em que tanto liberais quanto conservadores , livres de pressões e exigências dos respectivos extremistas, trabalhassem em conjunto para resolver a questão constitucional, idealizar um sistema federal para a Irlanda, levar adiante um programa geral de bem-estar social e, se a situação europeia assim exigisse, introduzir o serviço militar obrigatório, que os conservadores vinham defendendo havia algum tempo.

Nesse verão, Churchill tirou férias de dois meses com Clementine a bordo do iate *Honor* do barão de Forest . O cruzeiro os levou através do Mediterrâneo e do mar Egeu e ao longo da costa da Ásia Menor até Constantinopla. Edward Marsh , que tinha passado do Ministério do Comércio para o Ministério do

Interior com Churchill, mandou ao seu chefe vários “pacotes” de trabalho à medida que as atividades se acumulavam; o primeiro estava à espera dele quando chegou em Atenas. Um mês depois, em Creta, Churchill escreveu a Sir Edward Grey : “Recebi três volumes substanciais com trabalho do departamento e já trabalhei numa boa quantidade de trabalhos complicados que havia deixado de lado para os dias de ócio.”

A partir do porto turco de Esmirna, acompanhado por “uma escolta adequada contra ladrões”, Churchill percorreu, num trem especial, toda a estrada de ferro construída pelos britânicos até Aidin, “com um assento instalado na locomotiva”, numa viagem de quatrocentos quilômetros. Não havia “maneira melhor”, disse ele a Grey , “de ver um país num relâmpago”. Refletindo sobre suas viagens pela Grécia e pela Turquia, disse ao ministro das Relações Exteriores: “A única conclusão a que cheguei sobre essa parte do mundo de civilizações arruinadas e raças cruelmente misturadas é um questionamento sobre por que a Inglaterra e a Alemanha não podem se unir em ações relevantes e de benefício geral.”

Quando voltou à Inglaterra, Churchill foi convidado pelo comandante-chefe, Sir John French , a assistir às manobras do exército britânico. “Penso em você galopando pela planície de Salisbury nesse delicioso tempo fresco, desejando ser comandante-chefe às vésperas da guerra em vez de ministro do Interior diante de um período parlamentar de outono”, escreveu-lhe Clementine . As férias ainda não tinham terminado; Churchill e Clementine também viajaram para Gales como convidados de Lloyd George em Criccieth, onde jogaram golfe, passearam pelos campos galeses e pescaram no alto-mar.

“Minha mulher e eu recordaremos para sempre sua gentileza e hospitalidade, e o País de Gales, ao pôr do sol, honrou-nos no mar e em terra não menos agradavelmente”, escreveu Churchill a Lloyd George em sua última etapa das férias, no condado de Inverness, onde “passei os dias andando atrás de animais com chifres, e as noites me recuperando dos efeitos de tais esforços”. Quanto às discussões políticas que haviam tido em Criccieth, Churchill escreveu que “se nos mantivermos unidos, seremos suficientemente fortes para dar um caráter progressista à política ou para pôr fim a uma administração que falhou nos seus objetivos”.

Durante o cruzeiro no Mediterrâneo, Churchill tinha escrito um memorando para Asquith , apontando quais áreas da administração prisional ainda precisavam de reformas. Desejava pôr fim ao processo de encarceramento existente, de acordo com o qual metade dos encarceramentos era para cumprir

pena de duas semanas ou menos. Quase metade era primeiro encarceramento, “um terrível e inútil dispêndio de dinheiro público e de caráter humano”. Nenhum delinquente primário devia ser enviado para a prisão para cumprir uma pequena pena. Segundo explicou a Asquith, “há dois tipos de pequenos delinquentes: o ocasional e o habitual. Nenhum delinquente ocasional deve ser enviado para a prisão por um único delito trivial”.

Outra proposta levada adiante por Churchill enquanto esteve no Ministério do Interior foi a criação de instituições de recuperação para bêbados inveterados, “brigões” e pequenos delinquentes que tivessem cometido determinado número de delitos durante um ano. Propôs também a uniformidade de sentenças para crimes idênticos, e, com esse objetivo, elaborou uma classificação de crimes em graus de gravidade. Delitos de primeiro grau eram aqueles que atentavam contra a vida; delitos de segundo grau, aqueles que eram cometidos contra a pessoa humana; e delitos de terceiro grau, aqueles que atentavam contra a moral. Dentro de cada categoria, os delitos deveriam ser diferenciados de acordo com sua gravidade e eram sugeridas penas apropriadas. Era fornecido em separado um esquema de castigos para pequenos crimes; os criminosos ocasionais não deviam ser encarcerados a não ser que o delito fosse suficientemente grave para justificar pelo menos um mês de prisão.

Para os pequenos delinquentes habituais, ele propunha um sistema pelo qual, depois de certo número de delitos não punidos, haveria “detenção disciplinar numa instituição adequada por um período não inferior a um ano e não superior a dois anos”.

Churchill pretendia criar uma escala de delitos relacionada com o dano social provocado e atribuir-lhes uma escala apropriada de punições, mas não conseguiu levar o plano adiante; como seus funcionários observaram, suas propostas poderiam ser interpretadas como uma tentativa de ditar sentenças aos juízes. O rascunho de uma carta destinada ao ministro da Justiça, em que explicava suas ideias, ainda estaria em seus arquivos quando deixasse o Ministério do Interior. Seu sucessor seria questionado quanto a retomar o assunto, mas replicaria concisamente: “Não posso me comprometer a tratar dessa questão no momento.” O assunto foi abandonado.

Na primeira semana de novembro, foi iniciada uma greve nas minas de carvão do vale Rhondda. Dois dias depois do início da greve houve saques em duas aldeias perto das minas. O chefe da polícia de Glamorgan, com 1.400 policiais do condado à sua disposição, receando mais motins e pilhagens, apelou

diretamente ao Exército, pedindo ao oficial-general do Comando do Sul que lhe enviasse quatrocentos soldados de cavalaria e infantaria. Os soldados partiram na manhã seguinte.

Somente às 11h, Churchill foi informado de que as tropas estavam a caminho do País de Gales. Ele telefonou imediatamente ao chefe da polícia e, depois de ouvir seu relato, decidiu, disse ao rei, “utilizar a polícia em vez dos militares para tratar do problema”. A infantaria, que ainda estava a caminho, recebeu ordem para que parasse em Swindon. A cavalaria foi detida em Cardiff. Em vez dos soldados, Churchill ordenou que reforços policiais de Londres — duzentos policiais a pé e setenta montados — fossem enviados para o sul do País de Gales.

Enquanto o chefe da polícia aguardava os reforços, os grevistas fizeram alguns ataques em uma das minas de carvão, mas a polícia local obrigou-os a se retirar. “Quando a polícia metropolitana chegou”, disse Churchill ao rei, “os desordeiros já tinham sido expulsos das minas sem a ajuda de qualquer reforço”. Derrotados em seu ataque às minas, os grevistas dirigiram-se à aldeia vizinha, Tonypany, destruindo muitas lojas. Esse ato, explicou Churchill ao rei, “não tinha sido previsto por ninguém no local, e por isso não poderia ter sido impedido, nem mesmo pela presença de soldados na própria mina”. Mais quinhentos policiais londrinos estavam a caminho. Parecia “não haver razão para abandonar a política de manter os militares fora de contato direto com os desordeiros”.

Nessa noite, os motins pareciam estar fora de controle. Em resposta a repetidos apelos do chefe da polícia, Churchill permitiu que um esquadrão de cavalaria fosse deslocado para a confluência dos dois vales, onde havia distúrbios, mas não mais além, tendo dito ao rei que estava confiante em que os policiais que já estavam nos vales seriam capazes “não só de impedir ataques às minas como também controlar todo o distrito e lidar prontamente com qualquer sinal de desordem, grande ou pequeno. Não era provável que fosse necessário recorrer aos militares. Seriam mantidos o mais longe possível das populações, embora suficientemente próximos para intervir se necessário”.

Em 8 de novembro, numa mensagem conciliatória, Churchill propôs aos grevistas um encontro com o principal árbitro governamental para assuntos industriais. No dia seguinte, foi violentamente atacado pelos jornais conservadores, particularmente pelo *Times*, por sua mensagem conciliatória e por não ter permitido que fossem enviadas tropas militares para Tonypany. Se ocorressem “perdas de vidas” como resultado dos distúrbios, declarou o *Times*,

“a responsabilidade recairá sobre o ministro do Interior”, que deveria ter apoiado o pedido de tropas feito pelo chefe da polícia. “O sr. Churchill parece ter dificuldade em perceber que existe uma crise aguda, que deve ser tratada com firmeza. A tranquilidade da conciliação é muito boa no momento certo, mas seu lugar não é uma turba selvagem embriagada pelo desejo de destruição.”

Em contraste com o *Times*, o *Manchester Guardian* defendeu a atuação de Churchill em conter as tropas, uma ação “que muito provavelmente salvou muitas vidas”. Era verdade, acrescentou o *Manchester Guardian*, que os motins pareceram ser, em determinado momento, tão graves “que o sr. Churchill decidiu permitir que as tropas se deslocassem para o interior do distrito e ficassem prontas para qualquer eventualidade, mas ele nunca vacilou em sua determinação de não empregar as tropas a não ser que os desordeiros cometessem atos que estivessem além do controle da polícia”.

Os grevistas aceitaram a oferta de negociação proposta por Churchill, e o árbitro conciliador encontrou-se com eles em Cardiff em 11 de novembro. Porém, dez dias depois houve novos distúrbios em Tonypandy. Mais uma vez, não foram utilizadas tropas. “A polícia foi suficientemente forte para dispersar os desordeiros e expulsá-los da cidade”, disse Churchill ao rei. “Os militares estavam prontos, mas não tiveram de disparar.” Seis policiais haviam ficado gravemente feridos. Os distúrbios continuaram no dia seguinte, mas foram contidos. “Os desordeiros receberam uma boa lição por parte dos policiais e ainda foi possível manter os militares afastados do confronto direto com as multidões”, escreveu Churchill ao rei. Analisando a questão, “os donos estão tão errados quanto os trabalhadores”, disse Churchill, “e ambos os lados lutam um contra o outro sem considerarem os interesses humanos ou o bem-estar público”.

Em 25 de novembro, na Câmara dos Comuns, Churchill defendeu sua decisão de reter as tropas, afirmando que “deve ser um objetivo da política pública evitar colisões entre tropas e pessoas envolvidas em disputas industriais”. Os conservadores aceitaram o argumento e os liberais acolheram com prazer essa declaração de princípio. Contudo, pelo Partido Trabalhista, Keir Hardie protestou contra a “inconveniência” de enviar tropas e contra “os duros métodos” da polícia. Foi essa acusação de falta de severidade, e não a crítica original dos conservadores, que criou o mito trabalhista de que Churchill tinha sido não o conciliador que conteve as tropas e ofereceu a arbitragem, mas sim o beligerante que enviou tropas e procurou o confronto. Para os liberais, Tonypandy representou o sucesso da moderação. Para os trabalhistas, tornou-se

parte do mito da agressividade de Churchill.

Em 22 de novembro, no auge da disputa de Tony pandy, Churchill se viu em meio a outra guerra, dessa vez em Londres. Durante a reunião do Gabinete nesse dia, sufragistas mulheres e seus apoiadores masculinos reuniram-se na Downing Street para exigirem o direito de voto para as mulheres. Quando os ministros saíram da reunião, houve um tumulto. Asquith teve de ser empurrado para dentro de um táxi e outro ministro ficou bastante ferido. Churchill, ao ver como a polícia tentava enfrentar os desordeiros, gritou enquanto eles lutavam com a sra. Cobden-Sanderson : “Levem essa mulher; ela é obviamente uma das líderes.”

Quatro dias depois, enquanto falava em Bradford, Churchill foi constantemente interrompido por Hugh Franklin , um apoiador das sufragistas que tinha ouvido por acaso seu comentário para a polícia na Downing Street e que tinha ele próprio sido preso. Depois do comício, Franklin seguiu Churchill até a estação e embarcou no trem noturno para Londres. Enquanto Churchill se dirigia para o vagão-restaurant, Franklin atacou-o com um chicote e gritou: “Tome, cachorro miserável!” Foi condenado a seis semanas de prisão por assalto.

As sufragistas estavam convencidas de que Churchill era um opositor declarado à concessão do direito de voto às mulheres. Isso não era verdade; “a desqualificação com base no sexo não era verdadeira nem lógica”, disse ele aos seus eleitores em 2 de dezembro, e por conseguinte ele era “a favor do princípio de conceder o direito de voto às mulheres”. Porém, não estava disposto a votar uma lei que daria “uma indubitável preponderância ao voto dos ricos” ou que não traria por trás de si a “maioria genuína” dos eleitores. No passado, seu apoio ao voto para as mulheres em “discussões amigáveis” sobre o assunto “sempre levava a novos abusos e insultos”. Cada passo dado “amigavelmente” para favorecer as sufragistas “tinha apenas encontrado insultos grosseiros e mais ações afrontosas”. Na votação da Câmara dos Comuns em 1917, Churchill votou a favor do direito de voto para as mulheres.

Em 18 de novembro, o Parlamento havia sido dissolvido e foram convocadas eleições gerais, as segundas no intervalo de doze meses. “O partido *tory* ”, escreveu Churchill em seu manifesto eleitoral, “vê a si mesmo como a casta dominante, exercendo por direito uma autoridade divina sobre toda a nação”. Também disse a uma audiência em Birmingham que o veto da Câmara dos Lordes era “duro e cruel”; o poder dos Lordes precisava ser “destruído e

reduzido a pó”.

Em 30 de novembro, dia em que completou 36 anos, Churchill disse num comício eleitoral em Sheffield que, uma vez quebrado o poder de veto dos Lordes, ele ansiava trabalhar com os conservadores em harmonia, para criar, através da reconciliação e da unidade, “uma melhor, mais justa, mais equitativa e mais científica organização da vida social do povo, uma correção adequada dos abusos da riqueza e de monopólios e para estabelecer a igualdade religiosa e o progresso industrial”, assim como uma reforma prisional e “instrução para nossos jovens”.

Quando terminou a campanha eleitoral, Churchill foi caçar com seu tio, lorde Tweedmouth, e outros liberais na propriedade de lorde Nunburnholme, no priorado de Warter, perto de York. “Amanhã faisões aos milhares, os melhores que já se viu”, escreveu a Clementine em 19 de dezembro. “Hoje à noite, pôquer; perdi um pouco, mas o jogo estava fraco.” Ele ainda acrescentou: “De maneira geral, o poder e os grandes negócios são muito mais interessantes para mim do que essas coisas, embora pareçam agradáveis em contraste com nosso humilde modo de entretenimento. Creio que terei uma dor de cabeça amanhã à noite depois de disparar tantos cartuchos. Todo o brilho desse mundo me atrai, mas, graças a Deus, sem comparação com as coisas sérias.”

Os resultados eleitorais foram anunciados na última semana de dezembro. O governo liberal continuaria no poder, mas sem alteração no empate existente. Os liberais perderam três lugares e os conservadores, dois. O Partido Trabalhista e o Partido Nacionalista Irlandês ganharam dois lugares cada um, mantendo mais uma vez o equilíbrio e apoiando o governo liberal com seus votos e exigências.

Churchill ainda era a favor de um compromisso com os conservadores para trabalharem em conjunto nas políticas social e imperial, mas, numa carta de 3 de janeiro de 1911, disse a Asquith que o veto dos lordes “precisa ser restrito; essa é uma condição preliminar indispensável a qualquer cooperação”. O Projeto do Parlamento deveria portanto ir adiante e deveriam ser criados novos pares em número suficiente para garantir a passagem do projeto na Câmara dos Lordes. Não se deve permitir que os Lordes atrasem questões por “tolices dilatórias”. Até que o veto estivesse fora do caminho, “não pode haver paz entre os partidos e não há demonstração de unidade nacional. Quanto mais depressa e mais firmemente se resolver o assunto, melhor para todos”. Depois que o veto fosse restringido, “espero que possamos ser capazes de prosseguir *une politique d’apaisement*”. Essa deve incluir “uma concessão liberal de honras” aos líderes conservadores, a Ordem de Mérito para Chamberlain, “um número

proporcional de pares e baronetes *tories*” e “alguma coisa para a imprensa *tory*”.

Segundo Churchill, o governo liberal deveria então oferecer-se para “conferenciar” com os conservadores sobre a Irlanda, a questão dos pobres, o trabalho de jovens, os seguros e a Marinha e deveria ser dado a Balfour “total acesso às informações do Almirantado”. Como parte das propostas econômicas de compromisso entre os partidos, os direitos sucessórios não deveriam recair sobre propriedades agrárias “mais de uma vez em cada 25 anos”. Ao esboçar seus futuros planos, os liberais deveriam procurar “uma política nacional, e não uma política setorial”. Tudo isso, acrescentou, “pode levar-nos ainda mais longe”.

Churchill escrevia essa carta em sua casa em Londres, na Eccleston Square, quando um mensageiro do Ministério do Interior chegou com notícias urgentes. Durante um assalto na noite anterior, três homens, Fritz Svaars, “Joseph” e um anarquista russo conhecido como “Peter, o Pintor”, tinham atingido e matado três dos seis policiais que tentavam prendê-los; os três já tinham sido localizados numa casa na Sidney Street, no East End. Os três homens estavam armados; como as armas Mauser que possuíam tinham maior alcance do que os revólveres usado pela polícia, um oficial superior tinha mandado chamar um destacamento da Torre de Londres composto por vinte guardas escoceses armados com espingardas. Os assaltantes disparavam de dentro da casa e um policial tinha sido morto.

Churchill foi imediatamente para o Ministério do Interior, onde, depois de consultar seus conselheiros, deu sua autorização retroativa ao envio de tropas já efetuado. Eram 11h15. Impossibilitado de obter mais informações e sabendo apenas que havia uma “fuzilaria contínua”, escreveu ele mais tarde, “considerarei que era meu dever ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo”. Ele foi de carro até o local do cerco, onde chegou poucos minutos antes do meio-dia. “Era uma cena surpreendente numa rua londrina”, contou a Asquith em sua carta interrompida. “Havia disparos de todas as janelas e balas batendo nos tijolos; os policiais e os guardas escoceses tinham armas carregadas, artilharia etc.”

Churchill foi posteriormente acusado de tomar o comando do cerco e de ter dado ordens que deveriam ter sido dadas pela polícia. Sydney Holland, diretor do sistema de metrô, que esteve com ele do princípio ao fim, escreveu-lhe nove dias depois: “A única desculpa possível para que alguém diga que você deu ordens é o fato de você, e muito bem, ter ido lá e, com gestos, incitado a multidão, que estava no extremo da rua, a recuar. Se os assaltantes tivessem

saído da casa enquanto a multidão ainda estava na rua, teria havido muita gente ferida pelos soldados.” E, acrescentou ele, “você também deu ordem para que não fôssemos atingidos nos traseiros pelo policial que estava atrás de você com uma arma de calibre 12!”.

Churchill não dirigiu o cerco em momento algum. “Contudo, depois de ver o que se passava na frente, dei uma volta pela casa para confirmar que não havia chance de os criminosos escaparem pela intrincada área de muros e de pequenas casas nos fundos”, observou ele uma semana depois. Quando regressou de seu reconhecimento, Churchill viu que a casa estava pegando fogo. Nesse momento, um jovem oficial dos bombeiros chegou perto dele e disse que a brigada de incêndios tinha chegado e sido informada de que por enquanto não deveria apagar o fogo.

— Essa informação está correta? — perguntou o oficial.

— Totalmente correta — respondeu-lhe Churchill. — Eu assumo toda a responsabilidade.

Pelo que via naquele momento, como contou mais tarde ao magistrado encarregado do caso, “uma aproximação teria causado morte ou sequelas aos bombeiros”. Ao concordar com o fato de que os bombeiros deviam recuar, Churchill estava atuando “como uma autoridade e dando cobertura” para o policial que chefiava a operação no que era claramente uma situação de dificuldade “fora do normal”. “Era melhor deixar a casa queimar”, explicou a Asquith, “a desperdiçar boas vidas para salvar aqueles tratantes”.

A certa altura, foi trazida uma metralhadora Maxim, à qual se seguiu a chegada de uma companhia da Real Artilharia Montada. Mais tarde, foi dito que ambas tinham sido trazidas por instigação de Churchill e dirigidas por ele. “Nunca ordenei a ninguém que mandasse uma metralhadora Maxim”, disse ele durante o inquérito. “Nem mandei chamar mais forças militares. A artilharia chegou quando eu já ia embora.”

O incêndio acabou por se extinguir por conta própria. Ao entrar na casa, a polícia encontrou dois corpos; um dos homens tinha sido atingido e o outro tinha morrido asfixiado. O terceiro, Peter, o Pintor, nunca foi encontrado. A presença de Churchill no cerco rapidamente se tornou parte das piadas que os conservadores faziam à sua ação. “Ele estava, julgo eu, naquilo que militarmente é conhecido como zona de fogo, junto com um fotógrafo. Ambos punham em risco vidas valiosas. Eu compreendo o que o fotógrafo estava fazendo, mas o que estava fazendo o ilustre cavalheiro?”, questionou Balfour na Câmara dos Comuns.

Os conservadores riram do comentário perspicaz de Balfour . Numa carta para o rei, Churchill chamou a fala de Balfour de “o merecido divertimento deles”. Uma curta filmagem daquela que rapidamente ficou conhecida como “A batalha de Stepney” mostrou Churchill a espreitar por trás de um muro. No Palace Theatre, em Londres, o filme foi exibido noite após noite. Marsh , que tinha acompanhado seu chefe ao local, escreveu a um amigo: “Tenho uma aparição muito satisfatória, quase como a figura central de ‘O sr. Churchill dirige as operações’, exibido no Palace, que é recebido todas as noites com vaias unânimes e gritos de ‘deem-lhe um tiro’.” Marsh continuava com uma pergunta: “Por que o público dos espetáculos musicais londrinos é tão fanática e uniformemente *tory*?” O próprio Churchill, numa carta publicada no *Times* em 12 de janeiro, protestou contra “os relatos sensacionalistas” do cerco publicados nos jornais e “os maldosos comentários resultantes”.

Durante todo o seu período como ministro do Interior, Churchill interessou-se por casos com sentenças excessivamente severas. Depois de uma visita à prisão de Pentonville, utilizou seus poderes para recomendar ao rei que comutasse as penas de sete jovens delinquentes. Membros conservadores do Parlamento, liderados por lorde Winterton , atacaram sua ação na Câmara dos Comuns . “Devo confessar que fiquei muito satisfeito com a oportunidade de recomendar o uso da prerrogativa nesses casos”, replicou ele “pois eu queria chamar a atenção do país, mediante casos perfeitamente legítimos, para o fato de que 7 mil rapazes das classes pobres são mandados para a cadeia todos os anos por delitos que, se tivessem sido cometidos nos colégios dos nobres, não encontrariam o menor grau de contrariedade”.

Dentro do Ministério do Interior, Churchill fez fortes críticas a juízes e até ao Ministério Público quando entendeu que eles estavam impondo ou procurando impor penas severas demais. O recém-criado sistema de prisão preventiva provocou profundo mal-estar. “Tenho sérias apreensões de que as instituições de prisão preventiva possam levar a um regresso às terríveis sentenças da última geração” escreveu ele numa nota interna. “Afinal, a prisão preventiva é um encarceramento em seus aspectos essenciais, mas ela acalma a consciência dos juízes e do público e existe o grave perigo de que a administração da lei possa, sob nomes mais suaves, assumir de fato um caráter mais severo.”

Dentro do Ministério do Interior, a posição de Churchill era reconhecida como construtiva e notável; ele chamou atenção do Parlamento para os assuntos sob sua alçada de um modo que poucos ministros do Interior tinham feito

anteriormente ou fariam depois dele. Seu funcionário mais velho, Sir Edward Troup , recordou mais tarde: “Uma vez por semana, por vezes mais, o sr. Churchill chegava ao Ministério com um projeto audacioso ou impossível, mas, depois de meia hora de discussão, tinha se desenvolvido qualquer coisa que continuava a ser aventureira, mas já não impossível.”

Mantendo a tradição de enviar cartas ao rei sobre os debates no Parlamento, Churchill irritou consideravelmente o novo rei quando, depois de informar sobre uma proposta para enviar “mendigos e vagabundos” para colônias de trabalho especiais para que pudessem ganhar consciência “de seus deveres para com o Estado”, comentou: “Não se deve contudo esquecer que há ociosos e vagabundos nos dois extremos da escala social.” Um comentário desses, protestou o rei, era “muito socialista”. Churchill desculpou-se, dizendo ao rei: “Ao escrever essas cartas diárias e ao tentar torná-las interessantes e confiáveis é sempre possível que surja algum sentimento ou opinião que não tenha sido alvo do severo e cauteloso escrutínio e da reconsideração que devem ser dados a um documento de Estado.”

Em março de 1911, Churchill apresentou a segunda leitura do Projeto de Lei das Minas de Carvão , propondo padrões de segurança mais estritos, a construção de banheiros nos poços das minas e a diminuição da crueldade para com os pôneis das minas. Menos bem-sucedido foi seu esforço para melhorar a vida dos trabalhadores de lojas. O seu Projeto das Lojas pretendia reduzir a jornada de trabalho de oitenta para sessenta horas por semana, estabelecer intervalos para refeições, regulamentar as horas extras, fortalecer as regulamentações de condições sanitárias e ventilação e estabelecer um dia por semana em que as lojas fechassem mais cedo. Os comerciantes se opuseram energicamente a essas medidas, que foram retiradas ou enfraquecidas ainda na fase de apreciação do projeto pelos respectivos comitês, tornando-se, queixou-se Churchill à comissão, “inúteis”.

Quando por fim o projeto passou, tudo o que Churchill conseguiu assegurar foi a cláusula de encerramento mais cedo em um dia da semana e os intervalos obrigatórios para as refeições. Através dessa última parte da lei, Churchill elevou à lei a britânica pausa para o chá, mas nove anos se passariam até que a lei completa entrasse em vigor.

Em 4 de abril, Lloyd George apresentou o plano de seguro-desemprego do governo. Embora mais tarde viesse a ser totalmente associado ao seu nome, muitos dos seus princípios, assim como muitos pormenores, foram idealizados

em colaboração com Churchill e aperfeiçoados pelo seu departamento. “Lloyd George tomou só para si o seguro-desemprego, e eu fui excluído desse vasto campo no qual coloquei tantas ideias e esforços”, disse Churchill a Clementine . “Não faz mal! Há muito peixe no mar”, continuou ele.

Enquanto prosseguiram os debates sobre o Projeto do Parlamento, Churchill era cada vez mais chamado pelo primeiro-ministro a intervir. Certa noite, Asquith estava afetado demais pela bebida para continuar as negociações com Balfour . Assim, Churchill conduziu as negociações. “Na quinta-feira à noite, o primeiro-ministro esteve muito mal, e senti-me muito envergonhado”, contou Churchill a Clementine . “Ele mal conseguia falar e muitas pessoas perceberam seu estado. Continuou muito amável e benevolente, mas me confiou tudo depois do jantar.” Até o jantar, explicou Churchill, “ele está em boa forma, mas depois! É uma situação terrível e lamentável, e só a persistente maçonaria da Câmara dos Comuns impede um escândalo. Eu gosto dele e admiro sua inteligência e seu caráter, mas os riscos que se corre!”.

O Projeto do Parlamento mostrou-se menos controverso do que os liberais temiam. A oposição “atingiu seu ponto mais baixo ontem à noite”, disse Churchill ao rei em 10 de maio. “A dada altura, apenas sete deputados conservadores estavam em seus lugares para se oporem à maré de revolução, e dois estavam profundamente mergulhados nas páginas do Projeto de Lei do Seguro Nacional .”

Oito dias depois, numa sala privada do hotel Savoy, Churchill esteve presente no jantar inaugural de um novo clube, do qual ele e F. E. Smith eram os membros fundadores. Chamado Other Club , seu objetivo era reunir numa única mesa de jantar, de quinze em quinze dias, enquanto decorriam as sessões parlamentares, até 28 membros do Parlamento, de ambos os partidos, e um número igual de pares, militares, advogados, escritores, artistas, homens de negócios e jornalistas. Uma regra do Other Club declarava que “nada nas normas ou relações do clube deve interferir com o rancor ou a rudeza da política partidária”. Seu objetivo era suavizar o azedume que a política do último ano tinha criado, e entre seus membros encontrava-se seu mais recente crítico, lorde Winterton .

Ao mesmo tempo, Clementine esperava o segundo filho. Ao saber que ela poderia não estar presente na abadia de Westminster para a coroação, o rei ofereceu-lhe um convite para assistir à cerimônia em seu próprio camarote no local, para que ela tivesse todo o conforto. Em 28 de maio, menos de um mês antes da coroação, nasceu seu filho, um rapaz a quem foi dado o nome de

Randolph , em homenagem ao pai de Churchill.

Dois dias depois do nascimento do filho, Churchill proferiu na Câmara dos Comuns um ataque feroz aos juízes que acreditava terem sido injustos em casos relacionados com os sindicatos . Tinha a intenção “de libertar os sindicalistas dos litígios vexatórios a que tinham sido sujeitos e dar-lhes a liberdade de desenvolverem e fazerem seu trabalho sem o controle perpétuo, sem a incerteza de julgamentos frequentes e sem serem constantemente levados aos tribunais”. Nos últimos anos, os sindicatos tinham sido “enredados, incomodados, importunados e controlados a cada passo e a cada hora por toda a espécie de decisões legais, o que causa grande surpresa aos maiores advogados deste país”.

Onde havia “questões de classe”, continuou Churchill, “e questões partidárias é impossível fingir que os tribunais apliquem o mesmo grau de confiança geral” usado nos casos criminais. “Pelo contrário, não o fazem, e grande parte de nossa população foi levada a achar que eles são, sem dúvida inconscientemente, influenciados.” Das bancadas conservadoras ergueram-se imediatamente gritos de “Não!” e “Retire o que disse!”. Os inimigos políticos de Churchill também não permitiram que a acusação fosse esquecida; em 3 de junho, a revista *Spectator* descreveu-a como “profundamente deplorável” e “maliciosa”.

Churchill, entretanto, aproveitava as delícias da paternidade. “Recebo muitas congratulações por esse filho”, escreveu ele a Clementine quando estava no campo militar dos Hussardos, em Blenheim , em 2 de junho. “Com a falta de inveja que enobrece minha natureza, ponho-as aos seus pés.” Antes de Randolph nascer, os pais chamavam-lhe, apenas entre si, Chumbolly. “Minha preciosa gatinha”, escreveu Churchill numa carta em 2 de junho, “espero e confio que esteja se comportando bem, que tenha repousado e que não tenha feito esforços. Fique boa e forte e desfrute da riqueza que esse novo acontecimento trouxe, como eu sei, à sua vida. Chumbolly deve fazer sua parte e ajudá-la com seu leite; diga isso a ele da minha parte. Na idade dele, a voracidade e até mesmo a imundície à mesa são virtudes”.

A coroação do rei George V e da rainha Mary aconteceu em 22 de junho. Churchill e Clementine participaram do cortejo. “Todos admiraram a gata, a carruagem, os cavalos e o tigre”, escreveu ele a Clementine quando tudo terminou. Ele tinha certeza de que ela “recordaria no futuro” o passeio no cortejo e contaria a história desse dia à filha e ao filho, “que se tornaria uma tradição na família e será transmitida a outros que nós já não veremos”. Clementine tinha viajado para beira-mar, buscando descansar dos esforços

daquele dia. Churchill tinha ficado em Londres, e, em 28 de junho, ofereceu um jantar a Lloyd George no Café Royal. “Ele não parou de elogiá-la”, contou Churchill a Clementine . “Disse que você é minha ‘salvação’ e que sua beleza era o mínimo que se podia dizer de você. Renovamos nosso pacto de aliança por outros sete anos.”

Em 29 de junho, Churchill acompanhou o rei em um cortejo à City de Londres e regressou por North London. “Evidentemente, fui aplaudido em todo o trajeto e vaiado vigorosamente em algumas partes”, contou a Clementine . Em sua carruagem, viajaram a duquesa de Devonshire e a condessa de Minto: “Foi bastante embaraçoso para essas duas damas *tories*, que ficaram horivelmente deprimidas quando os vivas eram altos, mas se animaram um pouco perto da Mansion House, onde houve demonstrações de hostilidade. Foram muito delicadas, mas estavam bastante agitadas. Ignorei os aplausos e não dei nenhuma importância às multidões.”

Nessa noite, Churchill jantou com o Other Club ; Kitchener , que estava prestes a partir para o Egito como agente geral, foi um dos convidados. Ainda na carta a Clementine , escrita na casa da Eccleston Square, ele prometeu vê-la em breve: “Minha querida, vou visitá-la no sábado, a partir de Walton Heath, e chego para jantar. Irei inspecionar a infantaria no dia seguinte. Todos são muito diretos e alinhados. Vai ser muito bom vê-la. Essa casa está muito silenciosa sem você; e estou voltando ao meu temperamento de solteiro com uma rapidez melancólica.”

Quatro dias depois da coroação, a hostilidade dos conservadores em relação a Churchill veio novamente à tona na Câmara dos Comuns quando Alfred Lyttelton , antigo ministro das Colônias, disse dele que “certamente não estava livre de algo que é, bem, pouco característico do Ministério do Interior, e que, penso, não é geralmente apreciado pelos ingleses — e com isso quero dizer certos apelos às galerias”. O motivo da ira de Lyttelton era uma recente decisão de Churchill de libertar sete jovens delinquentes da prisão. Referindo-se a outros casos em que Churchill também criticara a severidade das sentenças aplicadas a jovens delinquentes e depois conseguira reduzi-las, Lyttelton declarou:

Todos esses casos servem para mostrar que se desenvolveu o hábito, com o Ministério do Interior, de alterar, mitigar e até cancelar sentenças sem primeiro consultar os juízes que as impuseram. Isso é feito com base numa reivindicação desse direito pelo ministro do Interior, que, acredito ter

mostrado com a mais elementar evidência, não se deu ao trabalho de estudar a lei nos casos em que decidiu inverter a pena.

Lyttelton levantou ainda a questão do fotógrafo que tinha tirado os retratos de Churchill na Sidney Street cinco meses antes. Churchill replicou:

Tenho certeza de que ele não acha que há uma seção do Ministério do Interior destinada a organizar os movimentos do fotógrafo. Muitos têm o infortúnio de encontrar em suas caminhadas diárias um número cada vez maior de pessoas armadas com máquinas fotográficas, que tiram fotografias para a imprensa, que evolui tão rapidamente. Devo lembrar ao ilustre cavalheiro que seu próprio líder [A. J. Balfour] foi vítima de publicidade semelhante quando arriscou sua preciosa vida numa máquina voadora, mas certamente não irei tão longe a ponto de imitar o ilustre cavalheiro e sugerir que ele estava interessado na presença de um fotógrafo para testemunhar seu temerário feito na experiência aérea.

Lyttelton tinha mais uma acusação a fazer, criticando Churchill pela maneira como “os militares tinham sido impedidos de ir a Tonypany”. Como resultado da ação, disse ele, “muito sofrimento tinha sido causado, assim como pesadas perdas de propriedade”. Precisamente enquanto Churchill defendia sua ação de substituir tropas por policiais, surgiam mais casos de agitação industrial em portos e estaleiros por toda a Inglaterra. Uma greve de estivadores em Hull levou-o a enviar policiais de Londres, que se viram envolvidos numa série de confrontos com os grevistas. “É impossível negar que a violência desempenhou seu papel nesses casos, mas a culpa não foi minha”, escreveu ele a Clementine no dia seguinte. “A Câmara apoiou-me calorosamente pelo envio da polícia”, completou ele. Outros policiais e tropas foram enviados na mesma semana para as docas de Manchester, mas, por volta de 10 de julho, a greve foi resolvida. “Os homens receberam grandes e justificadas concessões no que diz respeito a salários”, escreveu Churchill ao rei.

Nessa noite, antes de ir visitar a mulher e os filhos à beira-mar, Churchill saiu para comprar alguns brinquedos para Diana , que tinha então 2 anos, e escreveu a Clementine em 11 de julho:

Ela é tão pequena que é difícil saber o que a diverte. Tenha cuidado e não

deixe que chupem a tinta dos animais da arca de Noé. Hesitei muito, sem saber se deveria comprar simplesmente animais de madeira branca, mas, por fim, decidi me arriscar pelos coloridos. São muito mais interessantes. O homem da loja falou, cheio de confiança, sobre as qualidades nutritivas da tinta e as quantidades de brinquedos vendidos — presumivelmente chupados sem contratempos —, mas não acredite.

A carta de Churchill também continha uma referência às suas alterações de humor. A mulher de seu primo Ivor Guest, Alice, com quem tinha jantado na noite anterior, “despertou minha atenção com uma conversa sobre seu médico alemão, que a curou completamente de uma depressão. Penso que esse homem me poderá ser muito útil, se esse problema voltar. Agora, ele parece estar bastante afastado, o que é um alívio. Todas as cores regressaram ao quadro. A mais brilhante é sua face adorada, minha querida”.

Nesse julho, a crise constitucional atingiu seu clímax. Nas suas cartas ao rei, Churchill pintou um quadro vivo do estado de espírito de ambos os lados, informando, em 24 de julho, que Asquith tinha sido sujeito a “prolongados insultos e a interrupções organizadas” durante quase meia hora por parte de uma seção do Partido Conservador. O instinto do próprio Churchill era pela conciliação; o governo deveria aceitar várias emendas propostas pelos conservadores “que não eram vitais”, explicou ao rei em 8 de agosto, “de modo a tornar a submissão de homens conscienciosos e distintos menos humilhante”. A “pobre e fria tentativa de insultar o primeiro-ministro e impedir o debate” viera apenas de uma seção do Partido Conservador. “Mesmo entre pessoas fortemente opostas umas às outras são mantidas relações extremamente boas”, disse Churchill ao rei. “Tudo aponta para uma solução caracteristicamente britânica para essa grande crise.”

Ao concordarem, em 10 de agosto, com uma resolução do governo sobre o pagamento aos membros do Parlamento, os Lordes aceitaram que não podiam vetar leis financeiras. Foi um momento “memorável e dramático”, disse Churchill ao rei. Tinha terminado a “longa luta e a inquietante crise constitucional”. Não seria preciso criar nenhum novo par. Era desejável “que se instale agora um período de cooperação entre os dois ramos da legislatura e que a resolução de várias querelas antigas possa conduzir a um sentido mais verdadeiro de unidade nacional”.

No dia anterior, a greve nas docas tinha chegado a Londres. A Junta do

Comércio estava tentando arbitrar, usando procedimentos estabelecidos por Churchill dois anos antes. Se as negociações fossem “abortivas”, disse ele ao rei, “será preciso tomar medidas extraordinárias que assegurem o abastecimento de alimentos da capital, que deve ser mantido a todo o custo”. Vinte e cinco mil soldados estavam prontos “e podem estar na capital seis horas depois de recebida a ordem”. As negociações nas docas de Londres continuaram até 12 de agosto, mas Churchill disse ao rei nesse dia que a situação em Liverpool era “menos satisfatória e é possível que a força militar disponível precise ser fortalecida”. Dois dias depois, os desordeiros manifestaram-se ruidosamente pelas ruas de Liverpool. “Não é preciso se preocupar muito com os distúrbios de ontem à noite”, telegrafou a Churchill o chefe da polícia em 15 de agosto. “Eles aconteceram numa área onde as desordens são uma característica crônica, prontas a rebentar quando surge qualquer excitação anormal. O objetivo da desordem era apenas atacar a polícia, que eles procuravam atrair para as ruas laterais onde estavam colocadas barricadas feitas de caixotes de lixo e arame farpado.”

Ao todo, 250 soldados de infantaria tinham sido chamados para auxiliar a polícia. Seis soldados e dois policiais foram feridos. Não houve perdas de vidas civis. “É necessário, em momento assim, deixar claro que a polícia será apoiada eficazmente e avisar as pessoas em multidões para não tomarem liberdades com os soldados”, disse Churchill ao rei. Três dias depois, autorizou o envio, para Liverpool, de um regimento de cavalaria e de um batalhão de infantaria, mas também de 250 policiais londrinos com instruções ao general que chefiava a ação para não utilizar os militares “antes que todos os outros meios tenham sido esgotados”.

As simpatias de Churchill estavam novamente com os grevistas; era “muito desejável”, disse ele ao rei, que os mediadores do Ministério do Comércio, que estavam então em Liverpool, chegassem a um acordo. “Os grevistas são muito pobres”, explicou ele. “São miseravelmente pagos e quase morrem de fome.”

Em 17 de agosto, Churchill informou o rei de que, no porto de Londres, os armadores tinham sido “dissuadidos de fomentar provocações” e que os líderes dos trabalhadores pressionavam os grevistas que ainda insistiam na greve a voltarem ao trabalho. As docas de Londres estavam calmas, mas havia sido enviado um batalhão de infantaria para Sheffield, onde se iniciaram desordens. “Embora uma inquietação incomum ainda agite todo o mundo do trabalho”, disse Churchill ao rei, “devido principalmente ao fato de os salários não terem acompanhado o aumento do custo de vida nos últimos anos, não há motivo para

apreensão”. As forças à disposição do governo eram suficientemente “amplas para assegurarem o cumprimento da lei”. A dificuldade, porém, não era manter a ordem, “mas mantê-la sem perda de vidas”.

Em 18 de agosto, foi convocada uma greve nacional das estradas de ferro. Asquith propôs aos trabalhadores uma comissão real, mas eles recusaram, afirmando que o processo seria muito lento. O governo fez planos para distribuir alimentos, combustível e outros bens essenciais com escoltas de polícia ou militares. “Eles não farão isso porque estão do lado dos patrões ou dos trabalhadores, mas porque são obrigados a proteger o público dos perigos e das misérias que a fome e a parada geral das indústrias provocariam”, disse Churchill na Câmara dos Comuns. Sua tarefa como ministro do Interior era proteger as vias férreas e manter os abastecimentos. Nessa noite, pôde informar o rei de que menos da metade dos trabalhadores das estradas de ferro havia respondido ao apelo à greve e que todos os serviços necessários tinham sido mantidos em toda a extensão do sistema. Um acordo, “em termos honrosos para os trabalhadores”, tinha sido alcançado nas docas de Londres nesse dia. Os salários seriam consideravelmente aumentados.

Os estivadores de Londres, disse Churchill ao rei, tinham “realmente razão para queixa, e o grande aumento dos salários que obtiveram contribuirá para promover a saúde e o contentamento de uma classe de trabalhadores excessivamente esforçada e encarregada, como pudemos perceber, de funções vitais em nossa civilização”. A intenção do governo “de usar grandes forças militares para manter a ordem e o abastecimento de alimentos se a greve não fosse resolvida rapidamente”, acrescentou, “teve uma forte influência na decisão dos homens. Perceberam que tinham atingido o momento psicológico para entrarem num acordo, e que ir mais além era arriscar tudo o que tinham nas mãos”.

A pedido de Churchill, estavam sendo contratados policiais civis especiais para aumentar as forças caso as greves da estrada de ferro e das docas continuassem. Em Llanelli, no sul do País de Gales, alguns desordeiros tinham aproveitado a greve para pilhar e provocar distúrbios. Na tarde de 19 de agosto, atacaram um trem que passava pela estação sob proteção militar. O trem foi obrigado a parar e o maquinista foi maltratado. Os soldados que chegaram foram apedrejados, e um homem ficou ferido na cabeça. Foram disparados tiros e dois civis morreram.

Pouco depois do ataque ao trem, os desordeiros incendiaram o escritório do magistrado local, pilharam os vagões e danificaram muitas lojas na área das

docas, mas as tropas não intervieram, deixando que a polícia restaurasse a ordem, o que fez atacando os desordeiros com os cassetetes. Mais tarde, uma esquadra de polícia foi atacada. Chegaram soldados e os atacantes foram afastados sem perda de vidas. “Lamento pelo incidente desagradável em Llanelli”, telegrafou o rei a Churchill. “Estou convencido de que as medidas que tomar impedirão a perda de vidas em diferentes partes do país.”

Durante todo esse dia, foram conduzidas em Londres, por Lloyd George, negociações que pretendiam, como disse Churchill ao rei, “obter um acordo de paz”. Ao cair da noite a greve terminou. “O principal responsável pelo feliz resultado é o ministro das Finanças”, telegrafou Churchill ao rei pouco antes da meia-noite. As tropas já estavam sendo retiradas das estações da estrada de ferro e voltando aos quartéis. “Pode anunciar que foi conseguida a paz e tome cuidado para evitar colisões com aqueles que ainda não sabem”, telegrafou Churchill ao presidente da Câmara de Birkenhead à 1h de 20 de agosto. Essas instruções conciliatórias refletiam o instinto de Churchill durante toda a crise e seu conhecimento das razões de queixa dos trabalhadores. Estava também determinado, e isso fazia parte de sua responsabilidade ministerial, a não permitir que a violência se alastrasse. Era “óbvio e certo”, disse na Câmara dos Comuns depois das greves, “que todos os governos devem, com a força do Estado, esforçar-se por impedir esse tipo de catástrofe, e é certo que ao agir assim será apoiado pelo bom senso e resolução de todo o povo”.

Em muitas ocasiões durante os distúrbios, Churchill tinha dado início ou apoiado ações imediatas e em força com o objetivo de pôr fim à violência destrutiva. Alguns, porém, para obter vantagem política ou para vingar sua traição ao Partido Conservador cinco anos antes, usavam contra Churchill tudo o que ele fazia e já tinham adotado dois novos *slogans*, “Tonypondy” e “Sidney Street”, acrescentando à lista a agitação de Liverpool e Llanelli.

Durante o verão de 1911, uma crise no norte da África ameaçou a Europa com uma guerra. Numa tentativa de assegurar uma base naval no oceano Atlântico, o governo alemão enviou uma canhoneira, a *Panther*, ao porto marroquino de Agadir. A França, que ao abrigo da *entente* anglo-francesa de 1904 tinha uma predominante influência no Marrocos, pediu à Grã-Bretanha que desafiasse a ação alemã enviando uma canhoneira britânica.

“É um passo muito sério, que não podemos dar sem estarmos preparados para ir até o fim se for preciso”, escreveu Churchill a Clementine em 3 de julho de 1911. Como ministro do Interior, as preocupações de seu departamento eram

outras, mas seu conhecimento das rivalidades europeias sempre fora considerável e sua presença nas manobras do exército alemão tinha servido apenas para aumentar esse conhecimento. Quando o Gabinete se reuniu em 4 de julho, ficou decidido, disse ele a Clementine, “usar uma linguagem direta com a Alemanha e dizer-lhe que está muito enganada se pensa que o Marrocos pode ser dividido sem John Bull”.

Numa carta para Lloyd George, Churchill concordou que a Alemanha tinha “algumas reivindicações (menores) acerca do Marrocos, as quais, se formuladas de maneira amistosa, seria bom ver resolvidas ali ou em qualquer outro local, desde que os interesses da Grã-Bretanha sejam salvaguardados”. Contudo, a ação alemã em Agadir “colocou-a numa posição errada e obriga-nos a considerar suas reivindicações à luz de sua política e de seus métodos”. Se a Alemanha iniciasse uma guerra contra a França no decurso das negociações, argumentou ele, a menos que a França não tenha razão num acordo, “devemos unir-nos à França”. Também não deveria ser mantido em segredo o curso de ação que a Grã-Bretanha se propunha a tomar. Na verdade, ele aconselhava Lloyd George a informá-lo imediatamente à Alemanha.

Lloyd George avisou mesmo a Alemanha. A paz ao preço da rendição, declarou ele na Mansion House em 21 de julho, “seria uma humilhação intolerável para um grande país como o nosso”. Os alemães reagiram denunciando as palavras de Lloyd George como “uma advertência que beirava a ameaça”. De súbito, parecia que a guerra poderia iniciar-se a qualquer momento.

No mais estrito sigilo, usando sua autoridade como ministro do Interior, Churchill emitiu uma ordem de “inspeção de correspondência” para os serviços secretos. As cartas de qualquer indivíduo suspeito de receber instruções da Alemanha eram abertas. As correspondências interceptadas, disse ele a Grey quatro meses depois, mostravam “que éramos objeto de um estudo minucioso e científico por parte das autoridades navais e militares alemãs e que nenhuma outra nação do mundo era alvo dessa atenção”.

Numa carta para Grey escrita em 25 de julho, Churchill propôs um esforço britânico para tirar a Espanha de sua posição pró-germânica, “fazer amizade com ela” e promover boas relações entre a Espanha e a França. “Penso que ainda não é tarde demais.” Dois dias depois, Churchill disse ao rei que tinha ficado impressionado com a concordância entre os membros do Parlamento de que a Alemanha deveria ser impedida de fazer o que queria pela ameaça da força. Asquith fizera uma declaração “cuidadosa e amistosa na forma e no

sentimento, mas forte na substância”. Balfour o tinha apoiado, assim como o líder do Partido Trabalhista , Ramsay MacDonald , “sóbrio, triste, mas perfeitamente correto”. Mais ninguém tinha falado. “Pode ser que esse episódio, acompanhado do discurso do ministro das Finanças, tenha exercido um efeito decisivo sobre a paz da Europa. Ele certamente atua a favor da vida pública britânica”, concluiu Churchill.

Numa festa no nº 10 da Downing Street quatro dias depois, enquanto conversava com o comissário-chefe da polícia, Churchill soube que, como ministro do Interior, era tecnicamente responsável pela segurança de todas as reservas navais de cordite da Grã-Bretanha. Três dessas reservas estavam guardadas em Londres. Ao regressar ao Ministério do Interior, telefonou para o Almirantado, pedindo que fosse enviado um destacamento de infantaria para guardar essas munições vitais. O almirante no comando recusou-se a enviar um destacamento. Chocado com essa atitude, Churchill telefonou para o Ministério da Guerra e convenceu o ministro, lorde Haldane , a enviar tropas para os três depósitos.

O próprio Churchill informou o rei nessa noite de que “sentiu que era seu dever tomar medidas mais eficazes para garantir a segurança dos grandes depósitos navais, agora sob a guarda da polícia metropolitana. Chattenden e Lodge Hill, por si só, armazenam sessenta por cento das munições de cordite da Armada”. Tinha tomado medidas para que uma companhia de infantaria fosse enviada para cada depósito, escrevendo a Clementine dois dias depois e contando-lhe que tinha “enviado muitos soldados para os dois locais de que falei e agora já está tudo bem”. Quanto às notícias sobre Agadir, parecia que “o brigão está recuando e parece que tudo vai terminar bem e triunfante”. Não havia dúvidas, disse-lhe ele quatro dias depois, de que os alemães fariam um acordo com os franceses “de forma amigável”. Ele acrescentou: “Mandaram sua Panther para Agadir, e nós mandamos nossa pantera para a Mansion House com os melhores resultados.”

Em preparação para uma reunião da Comissão de Defesa Imperial em 23 de agosto, Churchill expôs suas reflexões sobre os perigos que a França enfrentaria caso os alemães lançassem um ataque militar e sobre o papel que a Grã-Bretanha teria de desempenhar para ajudar a evitar uma derrota francesa. O exército alemão, prognosticou, irromperia pela linha do rio Meuse ao vigésimo dia de guerra. Os franceses recuariam na direção de Paris. “Todos os planos baseados na suposição oposta pedem demais da sorte.” O ímpeto do avanço alemão enfraqueceria lentamente quanto mais fosse alargado. A partir do

trigésimo dia, o exército russo começaria a exercer pressão na Frente Oriental. O exército britânico deveria estar colocado em Flandres. Por volta do quadragésimo dia, as forças alemãs no Ocidente “estariam estendidas ao máximo, tanto internamente quanto nas suas frentes de guerra”. A tensão dessa situação se tornaria dia a dia “mais severa” sem uma vitória “definitivamente esmagadora”. Seria então que poderia haver “oportunidades para a verdadeira prova de força”.

Balfour era membro da Comissão de Defesa Imperial quando o memorando de Churchill foi submetido à apreciação. Quando voltasse a lê-lo em 1914, no 35º dia de guerra, comentaria: “É um triunfo da profecia!” Cinco dias depois, as forças alemãs seriam paradas no Marne e obrigadas a recuar.

Em 30 de agosto, enquanto prosseguiram as negociações no Marrocos, Churchill sugeriu a Grey que, se as negociações fracassassem, a Grã-Bretanha propusesse uma tripla aliança, em que participariam a própria Grã-Bretanha, a França e a Rússia, para salvaguarda da independência da Bélgica, da Holanda e da Dinamarca. A Grã-Bretanha deveria também “dizer à Bélgica que, se sua neutralidade for violada, estamos preparados para ir em seu auxílio” e para tomar “quaisquer medidas militares mais eficazes para esse propósito”. Garantias semelhantes deveriam ser oferecidas à Holanda e à Dinamarca, desde que os três estados “se esforçassem ao máximo” uma vez começada a guerra. Para defender a Bélgica, a Grã-Bretanha estaria preparada para abastecer a Antuérpia e qualquer exército no local e também para exercer “extrema pressão” sobre os holandeses para manterem aberto o rio Escalda, linha de abastecimento da Antuérpia. Se os holandeses fechassem o Escalda, “devemos retaliar com um bloqueio do Reno”.

O Almirantado tinha proposto colaborar com a França num bloqueio naval da costa marroquina. Churchill opôs-se. Se os navios de guerra franceses se deslocarem para o Marrocos, escreveu a Grey em 30 de agosto, “devemos deslocar nossa frota principal para o norte da Escócia, para seus postos de guerra. Nossos interesses são europeus, e não marroquinos.

Churchill procurava examinar em pormenores como a Grã-Bretanha poderia ajudar melhor a França a resistir a um ataque alemão. Em 31 de agosto, discutiu suas ideias com o general Henry Wilson, recentemente nomeado diretor de operações militares no Ministério da Guerra, que concordou que teriam “grandes vantagens estratégicas” se a Grã-Bretanha pudesse deslocar seu exército para uma Bélgica amiga “e se conseguissem ameaçar o flanco alemão

em conjunto com o exército belga”. Ao informar Lloyd George sobre essa conversa, Churchill estabeleceu um princípio que governaria seu pensamento sobre assuntos exteriores antes de duas guerras mundiais: “Não é pelo Marrocos, nem na verdade pela Bélgica, que tomo parte nesse terrível assunto. Uma única causa pode justificar nossa participação — impedir que a França seja pisoteada e pilhada pelos proprietários de terra prussianos —, um desastre para o mundo e que seria rapidamente fatal para nosso país.”

Em 2 de setembro, Churchill recebeu uma carta com a orientação “Segredo: Destruir”, enviada pelo secretário da Comissão de Defesa Imperial, Sir Charles Ottley. A carta continha pormenores da iminente concentração da frota alemã de alto-mar em Kiel. “Não devemos afrouxar nossa vigilância nem por um momento”, advertia Ottley. Churchill enviou a carta a Lloyd George com um comentário: “Espero que McKenna não esteja cheio de confiança, pois seu almirante é deficiente em imaginação.” O almirante era o primeiro-lorde do mar, Sir Arthur Wilson.

Churchill ficou profundamente insatisfeito quando supervisionou as disposições do Almirantado no mar do Norte. “Tem certeza de que os navios que temos em Cromarty são suficientemente fortes para derrotar toda a frota alemã?”, perguntou a Asquith em 13 de setembro. “Se não são, deveriam ser reforçados sem demora.” A frota concentrada no mar do Norte devia ser forte para travar uma batalha decisiva com a Marinha alemã “sem mais ajuda”. “É preciso ter em conta certa margem para perdas por ataques-surpresa com torpedos.”

Churchill ficou irritado com as atitudes do Almirantado e outra vez escreveu a Asquith: “Tem certeza de que o Almirantado se dá conta da grave situação na Europa? Fui informado de que quase todos estão de licença nesse momento.” Contudo, tinha confiança em que bastaria uma boa liderança, dizendo a Asquith: “O Almirantado tem amplas forças à sua disposição. Só é preciso que estejam prontas e que sejam usadas sabiamente, mas um único erro, tão estúpido quanto o revelado na nossa reunião, e será a defesa da Inglaterra, mais do que a proteção da França, que nos fará entrar em combate.”

O almirante Wilson estava prestes a deixar o Almirantado em férias, dizendo ao Ministério da Guerra, na noite de 13 de setembro, que tudo estava pronto para qualquer emergência naval e que bastava “apertar um botão”, o que podia ser feito por qualquer pessoa. Ao informar Lloyd George dessa fala, Churchill comentou: “Só posso dizer que espero que possa ser assim.”

A crise de Agadir tinha dado a Churchill uma ideia das forças e das fraquezas

navais da Grã-Bretanha, e ele estava convencido de que tinha a energia e a visão e de que podia rapidamente adquirir o conhecimento para tornar a Grã-Bretanha invulnerável no mar. Determinado a suceder a McKenna no Almirantado, estava particularmente ansioso para criar um Estado-Maior de Guerra Naval baseado no modelo do Exército e para planejar todas as possíveis contingências bélicas. A questão de quem deveria assumir a posição de primeiro-lorde foi muito discutida nesse outono. “De modo geral”, escreveu Asquith a lorde Crewe em 7 de outubro, “estou convencido de que Churchill é o homem certo e de que ele gostaria de ocupar esse cargo”.

12.

No Almirantado

Quando o Parlamento voltou a se reunir, em 24 de outubro de 1911, cinco semanas antes do aniversário de 37 anos de Churchill, foi anunciado que ele seria nomeado primeiro-lorde do Almirantado. “Espero que veja com bons olhos essa mudança”, escreveu a Morley .

É uma grande responsabilidade e agora aprecio mais do que há três anos a importância desse cargo, com suas implicações tanto na política nacional quanto nas relações internacionais. Sempre me senti especialmente atraído por assuntos navais e militares. Li, e quase escrevi, muito mais sobre guerra do que sobre qualquer outro assunto. Sou, espero, um sincero economista. Os tempos são bons — orçamentos no máximo, a esquadra muito forte, o governo muito unido. Poderei colher com proveito onde outros semearam mal. Estávamos absolutamente certos em tudo o que dissemos nos tempos de medo. Nem um dos fatos por nós citados deixou de se concretizar!

Churchill acrescentou confiantemente: “Creio que conseguirei encontrar meu caminho.”

Quatro dias depois dessa nomeação, Churchill elaborou um memorando para o Gabinete, defendendo o estabelecimento de um Estado-Maior de Guerra Naval: “Uma preparação adequada para a guerra é a única garantia de preservação da riqueza, dos recursos naturais e do território do Estado, e apenas se pode basear, em primeiro lugar, nos perigos que possam surgir, em segundo lugar, no melhor método para enfrentá-los, como nos ensinam os princípios que devemos retirar dos acontecimentos históricos; e, em terceiro lugar, na mais eficaz aplicação do equipamento de guerra existente no momento”, escreveu ele. Era a época de fazer preparativos. Em tempo de paz, a preparação é “o único campo possível para uma ação imediata, sustentável e útil”.

Nos dois anos e meio seguintes, Churchill dedicou-se a preparativos navais, visitando estações e estaleiros, tentando dominar os aspectos intrincados de

armamento naval e de tática, vigiando o desenvolvimento da construção naval na Alemanha e trabalhando para elevar o moral. Uma nota para Asquith , escrita duas semanas depois da nomeação, caracteriza essa vigilância: “Tomei conhecimento de um fato desconcertante: faltam 120 torpedos de 21 polegadas, o que significa que trinta dos nossos melhores contratorpedeiros terão de ser lançados ao mar sem qualquer espécie de reserva além dos dois torpedos que transportam.” Essa deficiência “não poderá ser totalmente resolvida antes de abril ou maio, na melhor das hipóteses”. Porém, o caso seria resolvido: “É essencial que todos os navios estejam completos para entrar em serviço e que todas as reservas de munições e torpedos estejam à mão”, escreveu ao quartel-general do mar dez dias depois.

Cada deficiência devia ser cuidada, cada falta, preenchida e cada contingência, antecipadamente prevista. A carta de Churchill a Asquith , datada de 5 de novembro, foi escrita durante seu primeiro dia a bordo do navio do Almirantado, *Enchantress* , que, com uma tripulação de 196 oficiais e marinheiros, seria sua casa e seu escritório durante mais de duzentos dias nos dois anos e meio seguintes. Nessa primeira viagem, que se iniciou em Cowes, Churchill inspecionou o estaleiro e o centro de submarinos em Portsmouth. Na segunda viagem, três dias depois, juntou-se às embarcações que escoltavam o rei e a rainha na saída do porto de Portsmouth, a caminho de Nova Déli. Na terceira viagem, que teve início em 17 de novembro, inaugurou o couraçado *Centurion* em Devonport. Na quarta viagem, inspecionou o contratorpedeiro *Falcon* . E, em 9 de dezembro, durante a quinta viagem em menos de seis semanas, inspecionou os quartéis navais em Portsmouth e visitou a escola de submarinos.

Havia um ramo de ciência da guerra ainda mais recente, que Churchill estudou durante seus primeiros meses no Almirantado: a guerra no ar. Nesse dezembro, insistiu em que os termos e as condições para um serviço naval aéreo fossem encarados “de modo a tornar a aviação para fins de guerra o mais honroso serviço, pois é a mais perigosa profissão que um jovem inglês pode escolher”. Nenhuma consideração de idade ou hierarquia deveria “impedir que os verdadeiramente jovens e capazes, que já fizeram tanto, sejam colocados no comando dos corpos de aviadores”. O Exército encarava o serviço aéreo essencialmente como meio de reconhecimento, evitando, sempre que possível, batalhas aéreas. Churchill queria que a Marinha utilizasse os aviões de modo mais agressivo e que tanto o lançamento de bombas quanto o uso de metralhadoras se tornassem parte da experiência e do treinamento no Real

Serviço Aeronaval.

Churchill continuou a ter amigos em outros partidos. Quando Andrew Bonar Law , um entre os membros fundadores do Other Club , foi eleito líder do Partido Conservador , Churchill escreveu-lhe para dizer que sua eleição “me dá garantias de que se uma emergência nacional fizer esmorecer os interesses do partido, veremos no líder da oposição alguém que, sem más intenções, colocará em primeiro lugar o país e o império”. Tinha esperança de que o clube prosseguisse. No entanto, será necessário “muito tato” ao marcar os encontros para evitar “maus momentos”. Contudo, ninguém poderia dizer que “em relação às coisas públicas” a sorte não seguiu as pegadas de muitos dos seus membros “ou que a chance de haver entre eles um primeiro-ministro seja menor desde nosso início”. Na verdade, já havia três futuros primeiros-ministros no clube: Lloyd George, Bonar Law e Churchill.

De um ex-primeiro-ministro veio um encorajamento a Churchill em seu novo posto: “Estou feliz por você ter ido para o Almirantado”, escreveu-lhe Balfour . “É muito importante que haja ideias novas nesse momento.” De um ex-primeiro-lorde do mar e contra-almirante, Sir John Fisher , veio uma visita e constantes cartas de exortação e encorajamento, às quais Churchill respondia com entusiasmo. “Gostaria que visse o modelo dos novos navios para esse ano”, escreveu-lhe Churchill em 3 de dezembro. “Está de acordo com praticamente todos os requisitos que discutimos em conjunto.”

Fisher encorajou Churchill a desenvolver armamentos de quinze polegadas para couraçados, a criar uma divisão rápida de navios de guerra capazes de atingir uma velocidade de 25 nós e a construir navios movidos não a carvão, mas a petróleo, tornando possível atingir velocidades tão altas. Alguns observadores ficaram chocados ao saber que Churchill solicitara conselhos a um oficial da reserva conhecido por sua controvérsia e por sua franqueza, mas os dois homens, de 70 e 38 anos, criaram uma instantânea afinidade de zelo e propósitos. Ao recordar a defesa de Fisher de peças de quinze polegadas, Churchill escreveu mais tarde: “Ninguém que não tenha tido essa experiência faz ideia da paixão e da eloquência desse velho leão quando era espicaçado por uma questão técnica. Era decidido e até violento. Por isso, endureci meu coração e fui em frente. A ordem para a execução do armamento foi dada imediatamente.”

A preocupação de Churchill com o desenvolvimento naval germânico cresceu em dezembro; numa carta enviada a um correspondente pouco antes do Natal de

1911, referiu-se ao “rápido crescimento” da Marinha alemã nos últimos anos. A união da Marinha ao já grande exército alemão, avisou, “será um fato sinistro e perturbador”, em especial porque “essas gigantescas máquinas de destruição” não serão manejadas por um governo democrático, mas por “uma oligarquia militar e burocrática apoiada numa poderosa classe de senhores proprietários”. Cabia à Alemanha, acrescentou Churchill, “sem colocar em risco sua própria segurança ou liberdade, acabar imediatamente com a preocupante tensão que existe atualmente”. A quaisquer passos que ela possa dar para reduzir o ritmo da construção naval, “responderemos não só com palavras e sentimentos, mas também com ações”.

Talvez como resultado da firmeza britânica durante a crise de Agadir, escreveu Churchill, do discurso de Lloyd George na Mansion House, o “dia amaldiçoado” foi adiado; era “um assunto sério”, escreveu Churchill, porque “não acredito na teoria de guerras inevitáveis. O mundo inteiro está passando por mudanças repentinas e pode ser que dentro de poucos anos as forças democráticas na Alemanha voltem a ter maior controle sobre seu próprio governo e que a ascensão dos proprietários aristocratas seja substituída por elementos mais pacíficos e menos formidáveis”. Entretanto, a Rússia, à medida que se recuperava da derrota na Manchúria para os japoneses em 1905, era “uma grande restrição às ações agressivas por parte da Alemanha”.

No começo de janeiro de 1912, Churchill falou com Sir Ernest Cassei , que viajava ao encontro do Kaiser . Até que a Alemanha “desistisse da ameaça naval”, disse ele a Cassei , sua política seria vista na Inglaterra “com crescente suspeita e apreensão”. Qualquer afrouxamento por parte da Alemanha produzirá “uma *détente* imediata, com muito boa vontade por parte da Inglaterra”. Sem esse afrouxamento, “vejo poucas perspectivas além de cortesia e preparativos”.

Esses preparativos seguiam num bom ritmo. Três dias depois de ter enviado a carta a Cassei , Churchill escreveu a Fisher para informá-lo de que em breve as esquadilhas de combate fariam voos regulares. Seria preciso um acréscimo no número de submarinos em construção. Os cruzadores que estavam sendo construídos em 1912 atingiriam uma velocidade até dois nós maior.

Ao responder aos conservadores que achavam que Churchill não estava fazendo o suficiente e que queriam que as unidades navais britânicas fossem mais acentuadamente dispersadas por todo o império, Churchill foi enfático ao responder que tal dispersão seria imprudente. “Não se deve partir do princípio de que o domínio dos mares depende da ocupação simultânea de todos os mares”, escreveu ele. “Ao contrário, depende da capacidade de derrotar a

esquadra mais forte ou de uma combinação que possa resistir a ela. Essa capacidade não pode ser mantida com uma política de dispersão.” O princípio supremo da estratégia de Napoleão, que buscava concentrar forças superiores num teatro de guerra decisivo, deve dominar todas as decisões navais. “A dispersão de forças, desperdiçando dinheiro e fazendo desfiles de navios ‘de bandeiras desfraldadas’ em mares pouco frequentados, são seguramente aspectos de uma política que leva, por meio da extravagância, à derrota.”

Em 31 de janeiro, Sir Ernest Cassei , retornando de Berlim, encontrou-se com Churchill e Lloyd George para um café da manhã. As notícias que trouxe de seu encontro com o Kaiser eram sobre uma iminente expansão naval germânica; em vez dos doze couraçados que estavam planejados, haveria um programa acelerado de construção, com duração de seis anos, que incluiria a fabricação de quinze couraçados. Quando os alemães anunciassem seu novo programa, disse Churchill a Grey ainda naquele dia, a Inglaterra teria de “dar uma resposta imediata e eficaz”. Assim, se os alemães diminuíssem o ritmo de sua expansão, de modo que os novos planos previssem um prazo de doze anos, e não de seis, “haveria boas relações” entre os dois países e a Inglaterra também poderia “desacelerar o ritmo”.

Cassei convenceu o Kaiser a mostrar antecipadamente a Churchill a nova Lei Naval Alemã . Mal tomou conhecimento dela, Churchill percebeu que continha ainda outro elemento de perigo para a Inglaterra: o aprofundamento do canal de Kiel entre o Báltico e o mar do Norte. Atualmente, disse ele a Grey , os couraçados alemães que estão no “lado errado” do canal de Kiel só podem chegar ao mar do Norte fazendo um grande desvio, e “o aprofundamento do canal em 1915 anulará essa margem de segurança”. Uma vez que todos os 25 couraçados alemães possam ser enviados rapidamente para o mar do Norte, em “momentos escolhidos” pela Alemanha, a Inglaterra precisará ter “pelo menos quarenta navios prontos num período de 24 horas”.

Em 14 de fevereiro, Churchill expôs a nova Lei Naval Alemã ao Gabinete. A necessidade de um aumento da construção naval britânica era evidente. Ao contrário de 17 couraçados, 4 cruzadores de batalha e 12 pequenos cruzadores, a Alemanha planejava agora construir 25, 12 e 18 respectivamente. Seriam construídos mais 50 submarinos e acrescidos 15 mil oficiais e marinheiros aos 86.500 já existentes. Das cinco esquadras de combate da Alemanha, duas eram formadas, em abril de 1914, pelos mais modernos couraçados e cruzadores. Não se tratava apenas da construção naval alemã, explicou Churchill, pois importava também o acréscimo de pessoal e navios de todos os tipos, “mantidos em ordem

de batalha”. Na prática, a situação equivalia “a ter 75% da Marinha alemã permanentemente preparada para a guerra”.

Assim que a nova Lei Naval Alemã entrasse em vigor, informou Churchill ao Gabinete em 9 de março, a Alemanha teria, “em todas as estações do ano”, pelo menos 25 couraçados disponíveis no mar do Norte contra 22 couraçados britânicos, “incluindo a esquadra do Atlântico”. Por isso, Churchill propôs que a cada couraçado alemão construído ao abrigo da nova lei, assumindo que entraria em vigor, a Inglaterra deveria construir 2. “Dois navios para cada um construído sob a nova Lei Naval Alemã”; Churchill fez esse anúncio na Câmara dos Comuns em 18 de março. Ao mesmo tempo, tentando evitar uma corrida armamentista, propôs “férias navais”, por meio das quais a construção naval seria suspensa durante um ano por ambos os países:

Qualquer adiamento ou redução da produção alemã será, dentro de certos limites, seguida imediatamente aqui por meio de reduções proporcionais. Por exemplo, se a Alemanha desistir de um ou dois navios e aplicar esse dinheiro para felicidade de seu povo e para o desenvolvimento de sua própria prosperidade, cancelaremos nossa cota correspondente, considerando a ausência de quaisquer desenvolvimentos perigosos que agora não podem ser previstos, e a diminuição do ritmo por parte da Alemanha será naturalmente acompanhada por nós.

A proposta de Churchill, inesperada e dramática, continuava:

Tomemos em consideração o ano de 1913 como exemplo dessa proposta que apresento. Nesse ano, creio, a Alemanha construirá três navios importantes, e, em consequência disso, teremos de construir cinco. Suponhamos que entremos de férias nesse ano. Suponhamos que coloquemos uma página em branco no livro do desentendimento; se a Alemanha não construir navios nesse ano, poupará entre 6 e 7 milhões de libras esterlinas. Mas há mais. Em condições normais, não começaremos a construir enquanto a Alemanha não começar. Os três navios que ela não construir reduzirão automaticamente, em pelo menos cinco unidades, os potenciais supercouraçados britânicos, e isso é mais do que espero que eles consigam fazer numa ação naval brilhante. Quanto aos resultados indiretos, mesmo que consideremos apenas para um ano, não podem pura e simplesmente ser medidos. São incomensuráveis em esperança e sabedoria.

Enquanto esperava uma resposta alemã à sua proposta de “férias navais”, Churchill regressou ao *Enchantress* e às suas inspeções a estaleiros e navios de guerra. Tinha agora um novo estenógrafo, Harry Beckenham, que trabalharia para ele enquanto estivesse no Almirantado. No final de março, tendo passado cinco dias em Portland, Churchill escreveu a Clementine: “Há muito desperdício de dinheiro com o conserto e o reparo de navios desnecessariamente apenas para manter os estaleiros em atividade. Investigar, suprimir o supérfluo e preparar: não se pode fazer isso em demasia.” Estava confiante no processo: “Dentro de um ano, estaremos muito mais fortes. Gostaria de ter sete vidas como um gato para poder trabalhar a fundo em cada área. Atualmente, tenho de confiar muito nos outros, mesmo pensando que sozinho faria melhor.” Estava também orgulhoso dos homens que trabalhavam sob seu comando: “Há aqui boa gente: são bons, trabalhadores, inteligentes, capazes e com boa conduta.” Havia onze couraçados em Portland e “sete ou oito” outros grandes navios. “Infelizmente, não há alemães à vista. Os homens estão aborrecidos, mas a oportunidade chegará.”

Churchill enviou aos seus colegas do Gabinete cópias da Lei Naval Alemã original, na qual, disse a Morley em 7 de abril, “a política, tão resoluta e avidamente desenvolvida durante os últimos catorze anos, está exposta em toda a sua franqueza. É uma sorte termos a situação tão bem dominada. Desde a lei original, houve quatro aumentos sucessivos”.

No entanto, Churchill continuava a aguardar uma resposta à sua proposta de férias navais e escreveu a Cassei em 14 de abril, com a esperança de que a carta fosse lida pelo Kaiser:

Certamente é quase impossível para a Alemanha, com seus esplêndidos exércitos e sua população guerreira capaz de defender seu solo nativo contra invasores, estando situada no interior, com comunicações por estrada e por vias férreas por todos os lados, apreciar os sentimentos de um estado insular como a Inglaterra diante do desenvolvimento firme e sem remorsos de uma potência naval rival altamente eficaz.

Porém, nem tudo estava perdido: “No entanto, paciência e moderação dão bons frutos, e à medida que os anos passam, muitas dificuldades e perigos parecem acalmar-se pacificamente.”

Os alemães ainda não tinham anunciado seu programa naval. Num banquete

da Academia Real, em Londres, em 4 de maio, Churchill disse que o único objetivo da política naval britânica e as únicas medidas a tomar para evitar uma derrota numa eventual guerra naval consistiam no desenvolvimento de um potencial máximo de guerra “em certo momento e num ponto particular”. Tudo no mundo naval estava dirigido “para a manifestação, num local particular e num intervalo de tempo de poucos minutos, de uma força dominadora, destruidora, esmagadora”.

Nesse dia, Churchill também se aventurou a fazer uma profecia: “Se duas nações grandes e desenvolvidas entrarem em guerra entre si, ficarão profundamente fartas do conflito antes do seu fim.” Um mês havia passado desde que fizera a proposta de férias navais, mas não tinha recebido resposta.

Em 9 e 10 de maio, estava em Weymouth, acompanhando a revista real da esquadra, quando dois importantes avanços foram demonstrados aos espectadores: o uso de aviões para detectar submarinos abaixo da superfície e para lançar bombas em alvos no solo. Durante a inspeção, Churchill levou Balfour e Morley a uma torre de artilharia do couraçado *Orion*. Um jornal comentou: “O sr. Churchill, grande entusiasta naval, parece instilar em seus convidados algumas das suas mais apaixonadas opiniões sobre homens e material naval.”

Ao falar em Londres, em 15 de maio, Churchill sublinhou os horrores de uma possível guerra, mas concluiu: “É muito mais provável, e digo-o com a mais sincera convicção, que não haja guerra — e talvez tenha desaparecido em todo o mundo por um período que nossa mais aventureira imaginação permita-nos prever.”

Essa profecia não se realizou. Em 21 de maio, a lei naval foi aprovada pela Alemanha. Daí em diante, as energias de Churchill seriam concentradas na preparação da Marinha para um conflito com a Alemanha. Seis semanas depois, Churchill apresentou ao Gabinete suas propostas para “um extraordinário aumento da capacidade de ataque de todos os navios”. Estava confiante em que podia inspirar seus subordinados e fortalecer o poderio da Marinha. Quando visitou um submarino em Portsmouth, em junho, o *Daily Express* escreveu: “Conversou com praticamente todos os marinheiros, perguntando por quê, o que e como eram feitas as coisas. Todos os marinheiros ‘gostaram muito’ dele, porque não faz estardalhaço e surpreende. Ele está aqui, ali e em todo o lado.”

Em junho e julho, Churchill embarcou no *Enchantress* até os portos da Irlanda e de Spithead; entre os convidados estava Austen Chamberlain, filho de Joe, um adversário de partido, mas amigo pessoal. Durante a viagem, a

prolongada doença de Clementine continuava a ocupar seus pensamentos. “Minha querida, estou muito angustiado por saber que está doente e desencorajada”, escreveu-lhe em 9 de julho. “Esperanças adiadas machucam o coração. Fico na expectativa de que fique boa depressa. É um momento cruel, mas você lutará bravamente, minha querida, e emergirá triunfante à luz do sol.”

Em 22 de julho, com a Lei Naval Alemã já divulgada ao público, Churchill apresentou ao Parlamento um orçamento naval suplementar. Era um momento grave de sua carreira e da história da Grã-Bretanha e da Europa. Falando durante mais de duas horas, explicou em pormenores tanto a Lei Naval Alemã quanto a resposta britânica. A Grã-Bretanha construiria os navios de guerra que fossem necessários para garantir sua segurança no mar. “A Europa e o mundo parecem ter muito mais germes de perigo agora do que ao longo de nossas vidas.” Ele queria afirmar dois princípios gerais: “Primeiro, precisamos ter pronta uma ampla margem de força; segundo, deve haver um desenvolvimento firme e sistemático de nossas forças navais a ser levado adiante sem descanso durante vários anos.”

Em 1º de agosto, Churchill escreveu a Clementine, que estava à beira-mar: “Meu trabalho tem sido *incessante* e parece aumentar todos os dias.” Queria muito estar com ela. “Não fiz planos para domingo, exceto ir tranquilamente aí para visitá-la. Encontramos uma praia com sol, onde poderei fazer um belo e fortificado castelo de areia — ou, melhor ainda, com um riacho que o atravessasse. Você pode explorar a área e me informar.” Ele ainda acrescentou: “Minha querida, tenho sentido muita vontade de beijar sua querida face e acariciar sua suave pele nesses dias solitários.”

Ao longo de agosto e setembro, Churchill visitou estações navais por toda a Grã-Bretanha, observando treinos de tiro, exercícios táticos e lançamentos, inspecionando estaleiros e trabalhos de armamento e examinando os últimos desenvolvimentos técnicos. “Nessa tarde, estudei novamente o torpedo com um jovem oficial”, escreveu numa carta para Clementine. “É um emaranhado de complicações, e a segunda lição abriu horizontes com os quais eu nunca tinha sonhado. Eu poderia escrever dez páginas sobre o ‘grupo de válvulas’.”

Nesse outono, Churchill conversou com o ministro da Marinha francês sobre a melhor forma de reforçar a França como potência naval no Mediterrâneo, permitindo que a Grã-Bretanha concentrasse seu poderio naval no mar do Norte. No entanto, relutava à ideia de unir-se ao sistema francês de alianças, em especial com a Rússia, dizendo a Asquith que se opunha a qualquer acordo que

resultasse em “unirmo-nos demais à França, privando-nos da liberdade de escolha, da qual pode depender nossa capacidade de dar fim a uma guerra”. Não deviam ser feitos acordos militares ou navais que pudessem expor a Grã-Bretanha à acusação de má-fé “se, quando chegar o momento, quisermos assumir uma posição de destaque”.

O orçamento naval suplementar garantiria que a Marinha estivesse numericamente forte; Churchill também queria que os marinheiros estivessem satisfeitos. Para isso, insistiu em aumentos para os marinheiros do convés inferior e em infraestrutura para recreação em terra. Depois de uma visita a Harwich, conseguiu fundos para um campo de futebol, uma cantina com sala de leitura, mesas de sinuca, pistas de boliche e acomodações para pernoite na cidade, “para que os homens tenham locais convenientes onde passar a noite”.

Nenhum aspecto da cena naval lhe escapava; em outubro, ao avisar Lloyd George de que em breve seria necessário um aumento nas despesas com a Marinha, explicou que o cruzador de batalha *Seydlitz*, o último navio alemão sobre o qual o Almirantado tinha conseguido detalhes, era “superior em blindagem, ligeiramente inferior em poder de fogo e pelo menos equivalente em todos os outros aspectos ao nosso modelo mais recente, o *Tiger*”.

Churchill teve de lutar repetidamente pelo seu departamento com o chanceler do Tesouro. Quando, quatro dias depois da carta sobre o *Seydlitz*, pediu fundos adicionais para aumentar o pagamento dos marinheiros, Lloyd George protestou, dizendo que ele “andava à procura de situações para esbanjar dinheiro”. Duas semanas depois dessa repreensão, Churchill soube que a Áustria-Hungria podia estar à beira de construir três couraçados adicionais e escreveu imediatamente a Lloyd George: “Entende o que isso significa se for verdade? Não ganha nada se irritando comigo ou me repreendendo. Não posso controlar esses fatos mais do que você.” Se a Áustria construísse esses navios, “mais avançados do que qualquer coisa” da Grã-Bretanha, “teremos de tomar medidas suplementares”, avisou Churchill.

Churchill não tinha qualquer intenção de gastar dinheiro se não houvesse razões bem fundamentadas; como estava preparando o orçamento naval para 1913-1914, prometeu ao governo “um fundamento inabalável para a necessidade de cada artigo”. Ao escrever a Lloyd George em 9 de dezembro, declarou com confiança: “Tenho certeza de que bastará o governo colocar suas razões, clara e sinceramente, à Câmara dos Comuns, para receber, de uma fonte ou outra, sem grande dificuldade, as somas necessárias para a segurança do

Estado.”

As pressões sobre Churchill começaram a afetar sua vida privada. “Fui estúpido na noite passada, mas você sabe como sou vítima de nervosismos e preocupações”, escreveu à mulher a partir do *Enchantress* após uma semana separados. Lamentava que ela não estivesse com ele. “Queria beijar sua querida face e afagar suas bochechas de bebê e ouvi-la ronronar suavemente nos meus braços.” Ele acrescentou: “Não seja desleal a mim nos seus pensamentos. Você é a única pessoa que me resta para quebrar a solidão de uma vida alvoroçada e agitada.”

No começo de 1913, depois de uma visita à estação aeronaval de Eastchurch, na ilha de Sheppey, Churchill pediu aos jovens pilotos que o ensinassem a pilotar. Era um empreendimento perigoso. No ano anterior, tinha havido uma morte para cada 5 mil voos. Era raro que um civil ou alguém com mais de 32 anos pilotasse um avião. Seu primeiro instrutor foi Spenser Grey, de 23 anos, descendente de Earl Grey e pioneiro de experiências com hidroaviões, que tinha levado a cabo em seu próprio avião no ano anterior. Os pilotos ficaram encantados com o fato de o primeiro-lorde querer aprender a pilotar aquelas perigosas máquinas. Seu entusiasmo era revigorante. Um piloto, Ivon Courtney, recordou mais tarde que, antes do primeiro voo juntos, Churchill disse-lhe: “Estamos na era de Stephenson do voo. Agora, nossas máquinas são frágeis, mas um dia serão robustas e valiosas para nosso país.”

Os parentes e os amigos de Churchill desaprovaram essa sua nova atividade, especialmente quando souberam dos acidentes ocorridos com pilotos; o próprio Spenser Grey ficou seriamente ferido quando o avião que pilotava entrou em parafuso e caiu. “Acho que não terei muitas oportunidades de lhe escrever cartas se continuar com seus passeios de avião”, escreveu-lhe o primo Sunny em março de 1913. “Acho que deve à sua mulher, à sua família e aos seus amigos desistir de uma prática ou passatempo — como quer que chame — que apresenta tanto perigo para a sua vida. O que está fazendo é errado.”

Certo ou errado, Churchill continuou a ter aulas de voo em cada oportunidade que se apresentava, passando muitos fins de semana em Eastchurch. “Churchill e eu voávamos até dez vezes num só dia”, recordou mais tarde Courtney. “Ele ficava muito mais entusiasmado do que muitos dos alunos para ‘decolar outra vez’. Não suportava cometer erros. Queria corrigi-los imediatamente. Lembrou-me de uma vez que, ao pousarmos, partiu as rodas de aterrissagem. Pensei que ele não desejaria mais voar nesse dia, mas o susto não o deteve nem por um

instante e tornou-o ainda mais decidido. E lá fomos novamente.”

Durante 1913, o *Enchantress* foi a segunda casa de Churchill; no Almirantado, o primeiro-lorde do mar, príncipe Louis de Battenberg, e os outros membros do Conselho do Almirantado, despachavam os pedidos de seu primeiro-lorde. Em 6 de abril, em Portsmouth, Churchill escreveu a Clementine : “Passei toda a manhã trabalhando tranquilamente em minha bela cabine e passei pelo estaleiro à tarde. Depois, voltei para casa para tomar chá e trabalhei durante cerca de duas horas antes do jantar. Os jornais chegam aos montes. Mal conseguimos acompanhar as notícias.”

Nesse ano, Churchill também conheceu o filho mais velho do príncipe Louis , Dickie, que mais tarde recordou: “Eu era apenas um cadete naval de trinta anos de idade, mas ele falou comigo como se eu fosse um oficial de alta patente. Não é estranho que eu tenha sido rapidamente atraído pelo seu fascínio.” Em 1942, Churchill nomeou esse cadete naval, então almirante lorde Louis Mountbatten , chefe de Operações Conjuntas.

Em Londres, Clementine preparava-se para mudar da casa da Eccleston Square para a residência oficial do primeiro-lorde, com vista tanto para a Parada da Guarda Montada quanto para Whitehall. “Gosto das salas espaçosas”, disse-lhe Churchill na mesma carta. “Acho que você também vai gostar. Receio que tudo isso dê muito trabalho, pobrezinha, mas lembre-se de que vou virar uma nova página! Eu prometo. O único mistério é o que está escrito do outro lado. Só pode ser ‘Idem! Idem!’”

Sempre que possível, Clementine visitava Churchill no *Enchantress* . Quando ela partia, ele escrevia-lhe afetosamente sobre a separação. “Miei quando a gatinha foi embora”, escreveu ele em junho, em Portland, “mas devo admitir que não era nada agradável para ela estar aqui. Vento, chuva e mar, grupos de homens a falar de negócios, frio e granizo e mais negócios. Essas são as coisas que me divertem — sou um pateta que não deveria ter nascido”.

Apesar da resistência de Clementine , Churchill continuou com as lições de pilotagem. Em 28 de junho, participou de um encontro de pilotos no aeródromo Hendon, em Londres. “Hoje fui voar”, confessou-lhe no dia seguinte. “Aqui, com vinte máquinas no ar ao mesmo tempo e milhares de voos feitos sem acidentes, é difícil encarar isso como um risco muito sério. Não se zangue comigo. Voltarei amanhã entre onze e doze.”

Nesse verão, Clementine juntou-se ao marido para uma longa viagem. Asquith , sua mulher, Margot , e sua filha, Violet , foram com eles. Viajaram de trem para Veneza, embarcaram no *Enchantress* e viajaram pelo Adriático e pelo

Mediterrâneo, visitando Malta, Sicília e Córsega. Em Malta, Churchill encontrou-se com Kitchener, conversou com ele durante muitas horas sobre a defesa do Mediterrâneo, e tentou, com algum sucesso, encurtar o abismo de idade e desconfiança.

Ao retornar à Inglaterra, Churchill envolveu-se numa tentativa de resolver o impasse irlandês. No início do ano anterior, em Belfast, onde seu pai tinha prevenido que os protestantes do Ulster poderiam recorrer a métodos inconstitucionais para impedir a implementação do Projeto de Autonomia, Churchill havia exaltado as virtudes desse projeto e incitado os seis condados do Ulster a aceitarem-no. Em resposta, Sir Edward Carson declarara a total oposição do Ulster ao Projeto de Autonomia, sendo apoiado por Bonar Law. O Projeto de Autonomia havia sido apresentado em abril de 1912; num discurso durante o debate que se seguiu, Churchill apelou aos homens do Ulster para que ajudassem a varrer a questão irlandesa “para a história e libertar o reino da Grã-Bretanha da úlcera que envenenou corações durante gerações”. Se recusarem, disse ele, “se optarem por se retirar para os barcos, resta-nos dizer que não obstruirão o trabalho de salvamento e que nós prosseguiremos — a qualquer preço — até o fim”.

Durante os debates de 1912, Churchill tinha dito que a oposição de Bonar Law ao Projeto de Autonomia era “quase uma atividade de traição”. Nesse outono, um deputado do Ulster, Ronald O’Neill, tinha atirado um livro em Churchill dentro da Câmara, acertando-lhe na cabeça e fazendo-lhe sangrar. Falava-se sobre uma rebelião do Ulster, instigada pelos discursos extremistas tanto de protestantes quanto de católicos. Quando voltou do Mediterrâneo, no verão de 1913, Churchill tomou a iniciativa de tentar acalmar os ânimos.

Na terceira semana de setembro, em Balmoral a convite do rei, Churchill conheceu Bonar Law e falou com ele sobre uma solução baseada em alguns direitos especiais para o Ulster, possivelmente fora do âmbito do Projeto de Autonomia. “A história nos ensina que em tais casos o bom senso geralmente triunfa na Grã-Bretanha”, disse ele ao líder conservador. “Se a Irlanda tem o direito de exigir um governo separado, não pode ser negada ao Ulster uma separação semelhante do governo por parte de um parlamento irlandês.” Porém, não se podia esperar que a Irlanda, “vendo a taça quase aos lábios, deixasse que ela caísse”.

O Projeto de Autonomia seguiria em frente, mas poderia ser feita “uma espécie de negociação” em relação ao Ulster, confirmou Asquith depois das

conversas de Churchill em Balmoral . No entanto, deveriam cessar todas as conversas sobre uma guerra civil. As ameaças de desordem eram, nas palavras de Asquith, “quase pueris em sua simplicidade”. Churchill trabalhava agora por intermédio de seu amigo F. E. Smith e no ambiente multipartidário do Other Club para tentar conseguir um compromisso por meio do qual o Ulster pudesse ter um estatuto especial, pelo menos nas primeiras fases da evolução de um autogoverno irlandês. Nenhum acordo, disse a uma audiência em Manchester em 18 de outubro, deve destruir a unidade da Irlanda.

Em seu discurso em Manchester, Churchill repetiu seu apelo à Alemanha para uma moratória sobre construção naval. “Se os alemães recusarem, terei as mãos livres para agir”, escreveu ele a Clementine no dia seguinte. “Se aceitarem, será um grande acontecimento para os assuntos mundiais.” Porém, acrescentou, “eles não vão aceitar — e vão simplesmente fazer na água o que fizeram no ar!”.

Num esforço para reduzir as despesas navais onde fosse possível, Churchill decidiu cancelar as grandes manobras anuais em 1914. Estavam estimadas em 230 mil libras. Em substituição às manobras, propunha uma mobilização menos dispendiosa da Terceira Esquadra. A poupança seria de 180 mil libras, a maior parte em combustível. Como resultado dessa decisão, a Terceira Esquadra, em vez de dispersar-se pelo Atlântico em manobras em julho de 1914, ficou concentrada e totalmente mobilizada no mar do Norte.

Além da economia de dinheiro, Churchill estava preocupado, como explicou ao príncipe Louis de Battenberg em 19 de outubro, com “a inspeção minuciosa dos preparativos de mobilização”. Nada devia ser deixado ao acaso. Além de mobilizar a Terceira Esquadra, pretendia fazer um teste à reserva da Real Esquadra e aos oficiais na reserva, dizendo ao príncipe Louis: “É necessário tomar essa medida, e com urgência.” Além desses planos para um teste de mobilização, e enquanto esperava por uma resposta dos alemães ao seu segundo apelo para que houvesse férias navais, Churchill continuava a defender com firmeza não só os homens do convés inferior como todos aqueles que trabalhavam nos estaleiros. “Quanto aos funcionários dos estaleiros”, escreveu a Fisher em novembro, “é socialmente justo que, tendo trabalhado com entusiasmo para o Estado durante a vida inteira, tenham uma garantia de trabalho e de pensões à semelhança dos almirantes!”.

Nesse outono, Churchill começou novamente as aulas de pilotagem. Entre seus instrutores estavam Eugene Gerrard e Richard Bell Davies , que receberiam a Victoria Cross em Dardanelos. Enquanto continuava a aprender a

pilotar aviões, acumulando horas para obter a licença de pilotagem, Churchill vigiava todos os aspectos da guerra e do treinamento aéreos. Em agosto, autorizou a entrada direta de pilotos civis para a força aeronaval e elevou a idade de entrada de 22 para 24 anos. Em setembro, fez planos para organizar uma força de cem hidroaviões; na verdade, foi ele quem estabeleceu o termo “hidroavião”, fato de que muito se orgulhou anos mais tarde.

Em outubro, partindo de Sheerness, Churchill voou num balão dirigível sobre Chatham e Medway. “É uma aeronave muito satisfatória, e tão fácil de manobrar que me deixaram pilotá-la sozinho durante uma hora”, escreveu a Clementine . Nesse dia, voou também num hidroavião e inspecionou os estaleiros de Sheerness. “Foi tão bom quanto os dias que passei na guerra da África do Sul. Vivi intensamente esses momentos, sem me preocupar com as cansativas políticas partidárias, com os jornais, com as incômodas eleições intercalares, com os amuados protestantes irlandeses, com os obnóxios Cecils ou com os convencidos Runcimanos.”

O dia que passou em Sheerness deu-lhe um grande encorajamento. “É muito satisfatório ver tantos sinais de progresso em todos os ramos do serviço aeronaval”, disse a Clementine . “Em mais um ano — se eu for poupado de cargos ministeriais — haverá um grande desenvolvimento. Quando injetar mais um milhão, tudo ganhará força.” Em 3 de novembro, escreveu novamente a Clementine sobre esse tema: “Os assuntos ligados a esses aviadores são particulares e intrincados, e têm surgido dificuldades em relação a postos, patentes, uniformes e perspectivas.”

Churchill fez o melhor que pôde para criar nos homens da aviação um sentimento de independência em relação a patentes, fardas e promoções, mas a infelicidade de Clementine por ele continuar a voar o levou a escrever-lhe:

Conhece-me muito bem, e com sua intuição mede o bom e o mau na minha natureza. Infelizmente, não tenho boa opinião a meu respeito. Por vezes, penso que posso conquistar tudo, e, no entanto, sei que não sou mais que um tolo fraco e vão. Mas seu amor por mim é a maior glória e o maior reconhecimento, que nunca me faltarão; a ligação que sinto com você não pode ser alterada pelas coisas que acontecem neste mundo. Gostaria apenas de poder ser mais útil para você, mais capaz de dar resposta às mais íntimas necessidades de sua alma.

O fascínio pela aviação e sua crença nela eram absolutos; em meados de

novembro, Churchill levou adiante a construção de bases de hidroaviões ao longo das costas sul e leste e preparou exercícios a serem realizados no verão seguinte. Disse também a seus conselheiros que “é necessário providenciar uma banda e tudo o que puder contribuir para que haja coesão, unidade e espírito de equipe nesse novo serviço”. No final de novembro, voltou a Eastchurch para fazer novos voos. Nessa ocasião, seu copiloto foi o capitão Gilbert Lushington. “Comecei a instrução às 12h15”, escreveu Lushington à noiva, Airlie Hynes. “Ele estava tão entusiasmado que tive dificuldade em tirá-lo do avião, e, tirando cerca de 45 minutos para o almoço, voamos até 15h30. Ele parece ter muito talento e vai voltar para mais instrução e prática.”

Antes do almoço, Churchill foi ao alojamento de Lushington para lavar as mãos e viu a fotografia de Airlie Hynes, a noiva dele. “Ele perguntou quando eu me casaria, e eu respondi que me casaria quando tivesse dinheiro.” Nessa noite, ao jantar, comendo ostras trazidas para ele de Whitstable, Churchill estava, nas palavras de Lushington, “absolutamente entusiasmado e falou muito sobre o que pretendia fazer”. Em 30 de novembro, Churchill fez 39 anos. Numa carta que escreveu a Lushington nesse dia, perguntou-lhe se podia “esclarecer a questão do controle do manche e dizer qual foi a real dificuldade que tive com o leme de direção. Provavelmente foi puxar o manche para mim, mas não tenho certeza. Talvez seja porque são muito difíceis de manobrar”.

Churchill perguntou a Lushington se poderia voar com outro instrutor e “você, no banco de trás, vendo se existe alguma dificuldade em manobrar ou se é apenas falta de jeito minha”. Pediu também ao seu principal conselheiro no Almirantado que preparasse um biplano de Eastchurch com controles duplos “exatamente iguais”. Tal máquina, disse, “será útil para voos de longa distância e permitirá que um piloto substitua outro”. Lushington fez o voo que Churchill lhe pedira, sentado no lugar do passageiro. “Creio que o senhor cometeu um erro comum em principiantes e até em quem tem experiência, que é puxar para si”, escreveu-lhe em 2 de dezembro. “Eu deveria tê-lo avisado dessa possibilidade antes de decolarmos. Essas falhas são corrigidas com o tempo.”

Pouco depois de ter escrito essa carta, Lushington voou no mesmo avião em que tinha treinado com Churchill. Ao aterrissar, o avião desviou-se da rota e despencou. Lushington morreu. A carta que tinha enviado a Churchill chegou ao Almirantado alguns dias depois. “Creio que deve ficar com ela”, escreveu Churchill a Airlie Hynes, “e peço-lhe que aceite meus mais profundos sentimentos pelo golpe que a atingiu. Ser morto instantaneamente, sem dor e sem medo, em serviço, sendo necessário ao seu país, quando se é feliz e a vida

está cheia de sucessos e esperanças, não é a maior das desgraças, mas para quem fica a perda é terrível”.

Na sequência da morte de Lushington, os jornais exortaram Churchill a deixar de voar, assim como fizeram seus amigos mais chegados. “Por que continua a fazer essas coisas?”, escreveu-lhe F. E. Smith em 6 de dezembro. “É injusto com sua família, sua carreira e seus amigos.” Contudo, Churchill não pensava em desistir de melhorar sua capacidade de pilotar, prática que começava a dominar.

Churchill começou a preparar o orçamento naval para 1914-1915. Um contratempo em sua tentativa de economizar foi a recusa do governo canadense em financiar a construção de três couraçados no futuro programa britânico. Outro problema foi a contínua recusa dos alemães a considerarem uma moratória na construção naval, bem como sua própria decisão de que os navios mercantes que transportassem alimentos para a Inglaterra fossem armados, permitindo-lhes assim responder ao fogo de qualquer inimigo. Já tinham sido armados trinta navios, e ele pretendia armar mais quarenta no ano seguinte. Essa medida não incluía os navios mercantes convertidos pela Marinha em cruzadores auxiliares para proteger as rotas de transporte de víveres para a Grã-Bretanha.

Também era inevitável fazer despesas adicionais nas três principais áreas de modernização: a mudança de propulsão dos navios de carvão para petróleo e a necessidade de construir depósitos de combustível; a expansão do Real Serviço Aeronaval e a necessidade de construir estações navais e instalações; e a dispersão do serviço de telegrafia sem fios como o principal meio de comunicação secreta no mar e no ar.

O Gabinete estava dividido sobre conceder ou não a Churchill 3 milhões de libras extras, num total de 50 milhões. Alguns ministros ainda sentiam que o liberalismo e o aumento de armamentos navais eram incompatíveis. A princípio, Lloyd George apoiou Churchill, mas depois se juntou àqueles que exigiam uma “redução substancial” do orçamento naval, incluindo o adiamento da construção de pelo menos um dos quatro couraçados que seriam entregues em 1914-1915. Na última semana de dezembro, Churchill ameaçou demitir-se caso sua proposta para a construção dos quatro novos couraçados fosse rejeitada. “Sou inflexível — graças a Deus — em algumas coisas”, escreveu a Grey no dia de Natal de 1913.

Churchill preparou gráficos e quadros estatísticos para demonstrar que suas

propostas eram o mínimo necessário para acompanhar a expansão naval germânica, que nessa altura prosseguia. “Estou inabalável e não posso fazer mais nada”, escreveu a Morley em 13 de janeiro. “Os quatro navios são vitais e não é possível fazer qualquer compromisso.” “Enquanto eu for responsável, o que é necessário será fornecido”, escreveu a Lloyd George duas semanas depois. O orçamento naval de 1914-1915 havia sido preparado “nos mais estritos princípios de economia”. Para todas as despesas propostas há “justificativa e fundamentação”.

À medida que a crise se desenrolava, Lloyd George dispôs-se a aceitar o orçamento naval em troca de uma promessa de redução definitiva nas despesas em 1915-1916. Churchill rejeitou essa proposta: “Não posso comprar um ano no cargo com um acordo feito sob pressão”, respondeu ele. Na primeira semana de fevereiro, Asquith pediu a Churchill que “tirassem uma ou duas crianças do trem”, de modo a conseguir um acordo com aqueles a quem ele chamava de “o grupo crítico (que sabe que tem atrás de si grande parte da opinião do partido)”. Churchill respondeu:

Não gosto dessas despesas navais e me preocupo ao me ver na posição de capataz, mas eu mesmo sou um escravo dos fatos e de forças que são incontroláveis a menos que se abandone decididamente a eficácia naval. O resultado de toda essa pressão e controvérsia me deixa ansioso, em especial pelo receio de que os serviços tenham de ser cortados. Já não há crianças no trem e, mesmo que o grupo quebre os ossos do condutor, o inverno não terminará.

Uma semana depois, Churchill concordou em fazer dois pequenos cortes no programa dos cruzadores e de recrutamento. O Gabinete aceitou então seu orçamento naval para o ano seguinte. Fosse outro o chanceler do Tesouro, o orçamento teria sido reduzido “em milhões”, comentou um crítico do Partido Trabalhista. “Também haveria outro primeiro-lorde do Almirantado!”, foi a resposta de Churchill. “E quem sabe se não haveria outro governo?”, disse a Lloyd George. “O que não significaria necessariamente um orçamento mais baixo.”

Três dias antes de apresentar seu orçamento naval ao Parlamento, Churchill falava em Bradford, onde, em 1886, seu pai defendera uma política voltada para conter gastos e evitar conflitos externos. Dois dias antes de ir a Bradford, esteve presente numa reunião do Gabinete, onde se soube de notícias alarmantes

vindas do Ulster. Os líderes protestantes tinham rejeitado o compromisso governamental acerca do Projeto de Autonomia, por meio do qual cada um dos seis condados do Ulster poderia decidir por meio de um plebiscito excluir-se por seis anos do Projeto de Autonomia. Para os unionistas do Ulster, isso não bastava. Queriam uma exclusão completa da supremacia do Parlamento predominantemente católico que o Projeto de Autonomia estabeleceria em Dublin. Os voluntários do Ulster preparavam-se para lutar, ameaçando enfrentar a polícia pela força se fosse feito qualquer esforço para desarmá-los.

Na reunião do Gabinete em 12 de março, como Asquith reportou ao rei, foram mencionados relatórios recentes da polícia, que previam “a possibilidade de atentados por parte dos ‘voluntários’, visando ocupar, por meio de *coups de main*, instalações militares e da polícia e depósitos de armamento e de munições”. No Ulster estavam estacionados apenas 9 mil soldados britânicos regulares; a maior parte da força, com 23 mil homens, estava estacionada na Irlanda do Sul, em especial em Curragh, nas imediações de Dublin. O Gabinete concordou em que poderia ser necessário enviar essas tropas contra os voluntários, mas decidiu que um ministro do Governo deveria fazer um aviso público aos unionistas antes que fosse tomada qualquer iniciativa. Churchill foi escolhido para essa incumbência. “Você é o único membro do Gabinete que pode fazer tal discurso”, disse-lhe Lloyd George. “Você é conhecido por ter sido favorável à conciliação do Ulster. Agora pode dizer que, tendo assumido um compromisso, os homens do Ulster terão de aceitá-lo ou aguentar as consequências.”

Ao falar em Bradford, em 14 de março, Churchill desafiou nos mais firmes termos o aforismo de seu pai “O Ulster lutará, o Ulster acertará”, fazendo-o a pedido do Gabinete e com uma linguagem com a qual Asquith já concordara. A “mentalidade *tory*”, declarou, denuncia “todas as violências exceto a sua própria. Apoia todas as leis, exceto as leis que escolhe para quebrar. Seleciona as leis a que obedecerão e as leis a que resistirão”. Essa foi a doutrina política “com que saudou a entrada no século XX”. Porém, o governo não permitiria que o reino da Grã-Bretanha se “reduza à condição da República do México”. Se todo o “falatório vago, desmedido e excessivo que temos sido obrigados a ouvir esses meses se destina a revelar um sinistro propósito revolucionário, então apenas posso dizer que vamos caminhar juntos e em frente e pôr esses graves assuntos à prova”.

Na volta para Londres nessa noite, Churchill trabalhou em seu discurso de apresentação do orçamento naval, que seria feito dentro de três dias, em 17 de

março. Com duas horas e meia de duração, foi “o mais longo e talvez o mais importante e eloquente discurso que a Câmara dos Comuns ouviu na presente geração”, escreveu o *Daily Telegraph*. Churchill defendeu o aumento do orçamento para as despesas navais britânicas, apontando o acelerado aumento da construção naval da Alemanha e da Áustria-Hungria, e marcou bem a distinção entre as necessidades desses países e da Grã-Bretanha. Nenhuma das grandes potências precisava de armadas para defender “sua atual independência ou sua segurança”, disse ele. “Eles constroem navios para terem um papel nos assuntos mundiais. Para eles, é um esporte. Para nós, é uma questão de vida ou morte.”

Não era sugerido, disse Churchill na Câmara dos Comuns, que “todo o mundo nos atacará ou que nossos preparativos prevejam tão monstruosa contingência. Por meio de uma conduta sóbria e modesta e de uma hábil diplomacia, poderemos em parte desarmar e em parte dividir os elementos de perigo”. Porém, a diplomacia britânica, por meio da qual essas melhorias se realizarão, depende “em grande parte de quão efetiva for nossa posição naval”. O poderio naval da Grã-Bretanha era “a única grande força com a qual podemos contribuir para nossa própria segurança e para a paz no mundo”. Vinte anos depois, diante de uma segunda ameaça alemã, Churchill insistiria em que o poderio aéreo britânico seria igualmente vital para a preservação da paz.

Churchill venceu a batalha do orçamento naval. Assim que o fez, a Irlanda voltou a dominar o centro do palco político. Não houve maneira de o governo liberal convencer o Ulster de que seu interesse não era ser sacrificado a Dublin. A proposta de Asquith sobre uma exclusão de seis anos era inaceitável pelos protestantes do Ulster, que defendiam que nunca deveriam ficar sob o domínio de um governo de Dublin e que eles próprios poderiam governar, afastando as forças da lei e da ordem, se necessário por meio de violência.

Em 15 de março, Churchill foi nomeado para um comitê do Gabinete, que reportou, três dias depois, que os quatro principais depósitos de armas e de munições no Ulster corriam o perigo de serem “invadidos” pelos voluntários. O Ministério da Guerra tinha dado instruções ao general Paget, comandante das forças na Irlanda, para que montasse uma guarda adequada para esses depósitos. Paget recusou-se, receando que o movimento das tropas de Curragh para o Ulster “pudesse precipitar a crise”. Churchill preparou-se para usar a Marinha para defender a política do governo. As manobras de treino do Terceiro Esquadrão, disse ele ao Gabinete em 18 de março, seriam realizadas em Lamlash, na costa da Escócia, a apenas pouco mais de cem quilômetros de

Belfast. Se a companhia das estradas de ferro se recusasse a colaborar, os navios da Marinha transportariam tropas por mar, levando-as do sul da Irlanda para o Ulster. O Gabinete aprovou essa ação.

O Terceiro Esquadrão estava então na costa atlântica da França. “Dirija-se imediatamente, em velocidade normal, para Lamlash”, ordenou Churchill ao almirante no comando em 19 de março. Nesse mesmo dia, ordenou que três contratorpedeiros se dirigissem a um porto no sul da Irlanda, onde receberiam instruções para transportar uma companhia de infantaria para perto de Belfast, onde seria desembarcada. Foi ordenado a outros dois contratorpedeiros que transportassem 550 soldados de infantaria do sul para o norte. O comandante de um contratorpedeiro recebeu ordens para desembarcar em Bangor, “à paisana”, e juntar-se às unidades do Exército que ali se encontravam. Outra missão era providenciar a defesa de depósitos de munições e de instalações em Carrickfergus. “O local precisa ser defendido de ataques por todos os meios”, assinalou Churchill, “e, se for necessária a cooperação da Marinha, por meio de canhões e de holofotes dos navios”.

As notícias do Ulster falavam numa contínua determinação por parte dos voluntários a capturar armas e munições, mas as mãos do general Paget ficaram dramaticamente atadas quando o comandante da 3ª Brigada de Cavalaria, general Gough, e 57 dos seus setenta oficiais, pediram demissão por se recusarem a serem deslocados de Curragh para o Ulster. Devido a essa “rebelião de Curragh”, Page se viu mais dependente da Marinha do que antes. Em 21 de março, a seu pedido, foram embarcados quatro canhões no navio capitânia do Terceiro Esquadrão de Batalha, então estacionado em Devonport.

As tropas já disponíveis no Ulster provaram ser suficientes para defender as instalações e nenhum local foi atacado. O Terceiro Esquadrão manteve-se em Lamlash. A Marinha não foi requisitada para enfrentar os voluntários do Ulster, mas os preparativos navais de Churchill, apesar de integralmente sancionados pelo Gabinete, tornaram-se objeto de um virulento ataque por parte das bancadas conservadoras, que o acusaram de tentar instituir um “*pogrom* do Ulster”. Quando disse à Câmara dos Comuns que as movimentações da Marinha tinham sido “puras medidas de precaução”, foi acusado de agir para que essas movimentações conduzissem “à luta e ao derramamento de sangue”. Isso, contestou, era uma “insinuação vergonhosa”. De qualquer forma, o comentário generalizou-se e muita gente acreditou que era verdadeiro.

A hostilidade em relação a Churchill atingiu o auge num comício no Hyde Park, em 4 de abril, quando Edward Carson, líder parlamentar dos unionistas

do Ulster, denunciou “o renegado filho de lorde Randolph , que desejava ficar conhecido pela posteridade como o carniceiro de Belfast e que ameaçou abater aqueles que seguiram o conselho de seu pai”. Churchill ainda acreditava na possibilidade de um acordo e trabalhou para consegui-lo. “Tanto os movimentos federais quanto conciliatórios caminham firmes em frente”, disse ele a Clementine em 23 de abril, “e há bastante movimentação, de ambos os lados, para que seja feito um acordo”. Na noite de 24 de abril, as esperanças de um acordo pareceram chegar abruptamente a um fim quando os voluntários do Ulster, com a conivência de Carson , desembarcaram 30 mil espingardas e 3 milhões de cartuchos em Larne, distribuindo-os rapidamente. Isso constituiu a mais séria ameaça feita até então pelos homens do Ulster, porém, “de um ponto de vista parlamentar”, garantiu Churchill a Clementine dois dias depois, a situação tinha se “alterado muito a nosso favor por essa corrida às armas por parte dos homens do Ulster, pois colocaram-se inteiramente numa situação errada”.

No preciso momento em que a opinião pública liberal estava mais inflamada contra o Ulster, Churchill decidiu tomar uma iniciativa pessoal direcionada para um acordo. O momento era de muita tensão, e os conservadores acusavam o governo de hostilidade às necessidades do Ulster. Churchill começou por censurar a própria moção de censura. Era, disse ele, “como um criminoso fazendo um voto de censura à polícia”.

Após defender as ações do governo no Ulster, Churchill terminou com um notável apelo de conciliação dirigido ao próprio Carson :

Hoje acredito mais firmemente, apesar de todo o antagonismo e a parcialidade das nossas políticas e dos nossos interesses partidários em conflito, que a paz e a honra ainda possam ser alcançadas. Amanhã, pode ser tarde demais. Vou correr alguns riscos pelo que vou dizer. Por que o honrado e culto cavalheiro não diz corajosamente “Deem-me as emendas que peço nesse Projeto de Autonomia, para salvaguardar a dignidade e os interesses do Ulster protestante, e em troca usarei toda a minha influência e boa vontade para dar à Irlanda uma unidade integral num sistema federal”? Se o honrado cavalheiro utilizar esse tipo de linguagem, com a sinceridade que todos lhe creditarão, irá muito longe no sentido de transformar a atual situação política, e todos os homens reconsiderarão sua própria posição em relação a essas grandes controvérsias.

Muitos liberais ficaram ofendidos por Churchill ter abordado, se não até proposto a Carson , o plano federal que para os nacionalistas irlandeses parecia ser um estratagema para abafar e asfixiar o Projeto de Autonomia. “É absolutamente vital que se entenda o grau de fúria, pois nenhum outro termo mais suave descreveria os fatos, que surgiu no Partido Irlandês e entre grande número dos nossos colegas liberais com a oferta a Carson no término do seu discurso”, escreveu-lhe um ministro do Gabinete.

Apesar da fúria dos liberais e dos nacionalistas irlandeses , a oferta de Churchill arrefeceu as paixões do Ulster, permitindo que as negociações continuassem ao longo do verão. “Ontem, no final do meu discurso, muito ousado por minha própria conta, atirei a Carson , na Câmara dos Comuns , uma frase que revolucionou a situação, e estamos todos de volta à conciliação”, escreveu ele a Clementine em 29 de abril.

Em maio, Churchill procurou obter outra conciliação, dessa vez com a Alemanha. Tinha sido convidado pelo Kaiser a visitar Kiel durante a regata naval no final de junho. O pai da Marinha alemã, o grande-almirante Tirpitz , também havia expressado o desejo de vê-lo. Churchill desejava ir, esperando que “uma discussão pessoal e direta” com Tirpitz pudesse revelar um prelúdio para um acordo mais amplo. Como disse a Asquith e Grey , ele explicaria ao grande-almirante a sinceridade de sua proposta de férias navais para a redução mútua do número de navios de guerra “caso as circunstâncias tornem a proposta admissível”.

Churchill também queria utilizar a sugestão feita anteriormente por Tirpitz para limitar as dimensões dos maiores navios de guerra. “Mesmo que não se possa alterar o número, uma limitação do tamanho seria uma grande economia e é desejável em todos os aspectos”, disse ele. Pretendia até ir mais longe e propor “o abandono do sigilo em relação ao número e às características gerais (exceto invenções especiais) dos navios construídos e em construção nos estaleiros da Grã-Bretanha e da Alemanha”. Adidos navais de ambas as marinhas visitariam os estaleiros uns dos outros “e veriam o que está sendo feito”. Isso, arguiu Churchill, “seria um grande passo para pôr fim à espionagem em ambos os lados, que é uma causa permanente de suspeita e de sentimentos desfavoráveis”.

No final de junho, duas esquadras navais britânicas estariam no Báltico, convidadas pela Marinha russa e pela Marinha alemã. Churchill propunha juntar-se a eles, viajando no *Enchantress* para a base naval imperial russa de Kronstadt e depois para Kiel. Não havia nada nessa visita que pudesse ofender

os franceses, sublinhou, pois ele já estivera na base naval de Toulon. O ministro das Relações Exteriores, Sir Edward Grey , hesitou em sancionar essa viagem. Até então, segundo ele, Tirpitz tinha “recebido mal” todos os esforços para discutir as despesas navais. “Estou muito relutante em me intrometer no seu caminho”, escreveu-lhe sobre as visitas a Kronstadt e a Kiel, “mas elas terão um terrível impacto na imprensa europeia e darão à viagem de nossas esquadras uma importância que está muito além da intenção que tivemos quando foram planejadas”. Circulariam “as notícias mais desordenadas”, e a Grã-Bretanha seria envolvida “em constantes explicações aos embaixadores no Ministério das Relações Exteriores e em desmentir à imprensa fatos que nos serão atribuídos”.

Grey aconselhou que o Kaiser fosse informado sobre a “incapacidade” de Churchill de ir a Kiel. Isso não deveria ser “interpretado de modo algum como falta de respeito para com o imperador”. Porém, pôs um fim às esperanças de Churchill quanto a melhorar a rivalidade naval. Em vez da planejada viagem ao Báltico, passou a primeira semana de junho no *Enchantress* , atracado em Plymouth e em Cherbourg. Visitou também os cadetes navais em Dartmouth. “Os rapazes não parecem estar tão agitados quanto antes, e todas as minhas sugestões foram no sentido de ‘facilitar’”, escreveu Churchill a Clementine em 1º de junho.

O que não contou a Clementine foi que, antes da semana que passou no *Enchantress* , tinha continuado com as lições de voo, tendo passado dois dias na Escola Central de Aviação. Ele sabia que ela não aprovava a atividade, “por isso não escrevi quando estava lá, pois sabia que você ficaria aborrecida”, explicou-lhe ele em 19 de maio. Então, a bordo do *Enchantress* na sua viagem de Portsmouth para Portland, “apresso-me em dizer quanto e quão frequentemente você e os bebês têm estado nos meus pensamentos durante esses dias felizes e interessantes”. Tinha voado até um acampamento da cavalaria a dezoito quilômetros de distância da escola. “Tivemos uma grande recepção, com os homens correndo num grande grupo como se nunca tivessem visto um avião.”

O instrutor de voo de Churchill nessa ocasião foi o tenente Thomas Creswell , um jovem fuzileiro de 27 anos. Seis dias depois de ter voado com Churchill, ele e um copiloto, o capitão-tenente Arthur Rice , morreram quando o hidroavião em que voavam, o mesmo em que Churchill voara, caiu no mar. Ao saber desse fato, Clementine , que estava à espera do terceiro filho para outubro, pediu ao marido que parasse de voar. Ele concordou com seu pedido, escrevendo-lhe do *Enchantress* em 6 de junho:

Minha querida,

Não voarei mais até que você esteja completamente restabelecida do parto. Então, talvez mais tarde os riscos sejam muito reduzidos.

Isso é para mim causa de grande sofrimento, pois estava prestes a conseguir minha licença de pilotagem. Bastavam algumas manhãs calmas, e eu tenho certeza de que conseguiria muito respeitavelmente. Certamente gostaria de chegar a esse ponto, que seria o momento apropriado para voar sozinho, mas reconheço que as numerosas mortes ocorridas esse ano justificariam suas queixas se eu continuasse a partilhar os riscos — como me orgulho de fazer — desses bons colegas. Por isso desisto decididamente por muitos meses e talvez para sempre. Esse é um presente — por mais absurdo que pareça — que me custa mais do que qualquer coisa que pudesse comprar com dinheiro. Assim, fico muito contente por colocá-lo a seus pés, porque sei que se alegrará e aliviará seu coração.

De qualquer modo, sinto que sei bastante sobre essa fascinante nova arte. Consigo facilmente manobrar a máquina no ar e um pouco mais de prática nas aterrissagens me teria permitido voar sozinho com razoável segurança. Já voei mais de 140 vezes, com muitos pilotos e em quase todos os tipos de aviões, de modo que conheço as dificuldades, os perigos e as alegrias de voar suficientemente bem para apreciá-las e para entender todas as questões de política que surgirão num futuro próximo. É curioso que, enquanto tive sorte, aconteceram acidentes fora das proporções normais a outros que voaram comigo. Esse infeliz tenente cuja perda tanto a perturbou levou-me com ele na semana passada naquele mesmo avião!

Tenho certeza de que você me dará alguns beijos e me perdoará pelas aflições do passado. Embora eu não precisasse e talvez não tivesse o direito de fazê-lo, foi uma parte importante da minha vida durante os últimos sete meses e certamente que minha coragem, minha mente e minha virtude melhoraram, mas à sua custa, minha querida gatinha! Lamento.

Churchill parou de voar, mas intensificou seus esforços para garantir que o Real Serviço Aeronaval fosse treinado e equipado adequadamente. Em 9 de junho, aprovou a entrada de duzentos civis no serviço e o desenvolvimento de cinco bases aeronavais, três a menos do que desejava, devido a cortes no orçamento da Marinha. Deu continuação também à sua vigilância a respeito das condições sociais na Marinha, fazendo pressão para a introdução de pensões para as viúvas de marinheiros mortos em serviço. Contudo, seria preciso mais

uma década, com quatro anos de guerra, até que, como ministro das Finanças, coubesse ao próprio Churchill introduzir pensões para todas as viúvas e os órfãos de guerra.

Em 17 de junho, numa das suas mais importantes iniciativas como primeiro-lorde, Churchill pediu à Câmara dos Comuns que autorizasse uma transação comercial revolucionária que ele tinha negociado: a aquisição, pelo governo britânico, de 51% de participação nos lucros de todo o petróleo produzido pela Anglo-Persian Oil Company, assim como o direito a ser o primeiro utilizador de todo o petróleo produzido nos poços da companhia. Com essa aquisição, explicou ele, pelo preço de pouco mais de 2 milhões de libras, a Marinha britânica garantia todo o petróleo de que necessitava para seus navios de guerra sem depender de qualquer empresa privada ou governo estrangeiro.

Dois anos antes de apresentar os pormenores de seu plano ao Parlamento, Churchill tinha pedido a Fisher que examinasse as exigências de petróleo da Marinha, uma das quais era que “controlasse um campo petrolífero em qualquer local”. Quando Fisher sugeriu o campo petrolífero da Anglo-Persian, Churchill começou imediatamente as negociações para adquiri-lo; auxiliado por um jovem funcionário do Tesouro, Richard Hopkins, seguiu nas negociações com sua maestria nos detalhes e sua capacidade de conciliar os vários interesses dos diferentes departamentos governamentais. “O que queremos agora é uma proposição comprovada, um fornecimento imediato e uma perspectiva definitiva de potenciais de desenvolvimento à qual possamos nós próprios presidir. Tudo isso encontramos na Pérsia”, disse ele na Câmara dos Comuns em 17 de junho.

A aquisição foi aprovada por 254 votos contra 18. O Almirantado controlava agora o petróleo de que precisava, extraído de uma região incluída na esfera de influência britânica desde a Convenção Anglo-Russa de 1906, com perspectivas de lucros consideráveis; nos cinquenta anos seguintes, os lucros pagariam sozinhos o custo de todos os navios de guerra construídos depois de 1914.

Em 28 de junho, onze dias depois do sucesso de Churchill na aquisição do petróleo de que a Marinha necessitava, um acontecimento nos Bálcãs deu início a um processo que destruiria o mapa da Europa: era o assassinato, na cidade bósnia de Sarajevo, do arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, e de sua mulher. Houve imediatamente um grande tumulto na Áustria-Hungria contra o assassino, um nacionalista sérvio, e contra a Sérvia.

Parecia certo que a Áustria exigiria uma compensação à Sérvia e que

possivelmente entraria em guerra com ela. As simpatias da Rússia favoreceriam os sérvios, irmãos eslavos que lutavam para manter sua independência. De acordo com os sentimentos e com as alianças, a Alemanha ficaria ao lado da Áustria-Hungria e a França, ao lado da Rússia. No entanto, tudo isso era apenas especulação. Em 9 de julho, onze dias depois do assassinato, o secretário de Estado das Relações Exteriores da Grã-Bretanha disse a Sir Edward Grey : “Duvido que a Áustria desencadeie qualquer ação séria e espero que a tempestade se acalme.”

A bordo do *Enchantress* , os pensamentos de Churchill estavam longe da possibilidade de um grande conflito. Em 9 de julho, ele escreveu ao rei Afonso da Espanha, mencionando sua esperança de ter “a honra de encontrar-me com Vossa Majestade, no isolamento do mundo do polo, durante sua visita em setembro”. Contudo, não haveria “isolamento” nem “mundo do polo” em setembro de 1914.

13.

O advento da guerra de 1914

Em 13 de julho de 1914, Churchill escreveu a Clementine contando-lhe várias novidades; o Parlamento continuaria a reunir-se até o final de agosto e a nova sessão teria início em dezembro. Asquith queria “vir passear no navio na segunda-feira”, disse-lhe. “Você deve fazer um esforço. Tenho certeza de que o empenho valerá a pena. Vou elaborar um bom plano e você ficará proibida de se preocupar ou se aborrecer.” Churchill não mencionou as tensões que tinham surgido na Europa na sequência do assassinato do arquiduque Ferdinando duas semanas antes. Em Londres, o assunto era a iminente conferência sobre a Irlanda, que teria início no palácio de Buckingham em 21 de julho.

Nessa noite, Sir Edward Grey disse a Churchill que duvidava de que fosse possível chegar a uma fórmula aceitável tanto para os nacionalistas irlandeses quanto para os unionistas do Ulster. A disputa centrava-se em determinados limites, em particular o condado de Tyrone. “Se um acordo para a Irlanda falhar, a Grã-Bretanha será obrigada a tomar uma decisão”, escreveu Churchill a Grey em 22 de julho. É evidente que os partidos irlandeses em confronto “podem pensar que uma guerra vale a pena, e, do seu ponto de vista, pode mesmo valer, mas esse dificilmente será o ponto de vista dos 40 milhões que residem na Grã-Bretanha, e seus interesses devem, no fim das contas, ser nossa principal preocupação”.

Churchill fez então uma analogia baseada na situação europeia. Foi a primeira vez que se referiu à crise europeia, mas apresentou um cenário de esperança: “Nas relações estrangeiras, devemos proceder em duas fases”, explicou Churchill. “Primeiro, esforçamo-nos para evitar que a Áustria e a Rússia entrem em guerra; depois, se isso falhar, é preciso evitar que a Inglaterra, a França e a Alemanha sejam arrastadas para ela.” Exatamente o que Grey faria. Para Churchill, a Europa estava bem na zona de perigo, com a diferença de que no continente o segundo passo “poderá apenas limitar o conflito a certos locais enquanto que em casa, se for praticável e adotado, evitará conflitos na ilha”.

Nessa noite, o iminente fracasso nas negociações relativas à Irlanda dominou

a carta de Churchill a Clementine : “A reunião foi *in extremis*. Estamos preparando uma partilha de Tyrone, com a relutante aquiescência dos nacionalistas. Carson recusa inteiramente a ideia.” A reunião no palácio de Buckingham tinha falhado, mas Carson veria seu desejo ser satisfeito dois dias depois, quando o Gabinete decidiu tanto permitir que todos os condados do Ulster votassem sua exclusão da área do Projeto de Autonomia quanto abolir o limite de seis anos para essa exclusão. O Ulster podia agora afastar-se do governo de Dublin.

Restava resolver a questão dos limites exatos dos condados de Fermanagh e Tyrone, que poderiam votar pela exclusão. Era claro que a maioria esmagadora de católicos em ambos os condados, contíguos à Irlanda do Sul, deveria ser livre para aderir a Dublin.

Em 25 de julho, logo depois do fracasso das negociações no palácio de Buckingham , o Gabinete voltou a reunir-se. “Fazendo todo o possível para tentar encontrar uma solução para esse beco sem saída, o Gabinete esforçou-se pelas lamacentas veredas de Fermanagh e Tyrone”, escreveu Churchill mais tarde. “Esperava-se que os acontecimentos em Curragh e Belfast em abril tivessem chocado a opinião pública britânica e formado uma unidade suficiente para impor um acordo às facções irlandesas. Aparentemente, tinham sido insuficientes, e o conflito seria levado adiante por ambas as facções, com consequências incalculáveis para ambos os lados.”

Os ministros falaram por mais de uma hora. “A discussão tinha chegado a um beco sem saída”, escreveu Churchill mais tarde, “e o Gabinete estava prestes a terminar a reunião quando a voz grave e tranquila de Sir Edward Grey foi ouvida lendo um documento que tinha acabado de receber, vindo do Ministério das Relações Exteriores”. Tratava-se de um ultimato austríaco à Sérvia, entregue quase um mês depois do assassinato do arquiduque.

Grey leu e falou sobre o documento “durante vários minutos antes que eu pudesse libertar meus pensamentos do entediante e desconcertante debate que acabara de ser encerrado”, recordou Churchill.

Estávamos muito cansados, mas gradualmente, à medida que as frases se seguiam umas às outras, começaram a formar-se em mim impressões muito diferentes. Conforme a leitura prosseguia, parecia absolutamente impossível que qualquer Estado pudesse aceitar aquele ultimato ou que essa aceitação, por mais abjeta que fosse, satisfizesse o agressor. As partilhas de Fermanagh e Tyrone desvaneceram-se nas brumas e nos ventos da Irlanda, e uma estranha

luz começou a iluminar o mapa da Europa.

Ao regressar ao Almirantado, Churchill escreveu a Clementine , que estava de férias com Diana e Randolph em Cromar: “A Europa treme à beira de uma guerra generalizada, sendo o ultimato da Áustria à Sérvia o mais insolente documento dessa espécie já feito. Com isso, o governo provisório do Ulster, agora iminente, parece ser um assunto banal.” Nessa noite, Churchill jantou com Alfred Ballin , magnata alemão da construção naval e confidente do Kaiser . Ballin falou com preocupação sobre uma sequência de acontecimentos que poderiam levar a uma guerra entre a Inglaterra e a Alemanha. “Se a Rússia marchar contra a Áustria, nós teremos de marchar”, advertiu Ballin . “E, se nós marcharmos, a França marchará, e o que vai a Inglaterra fazer?”

Churchill respondeu que não sabia e que competia ao Gabinete decidir, mas que seria um erro assumir que a Inglaterra não faria nada na eventualidade de uma guerra franco-germânica. O governo britânico, disse ele a Ballin , “julgará os acontecimentos à medida que surgirem”. Os dois homens despediram-se, e Churchill, com lágrimas nos olhos, implorou a Ballin que não permitisse que a Alemanha entrasse em guerra com a França.

O governo sérvio, na esperança de evitar a guerra com a Áustria, enviou uma resposta conciliatória ao ultimato, concordando em suprimir todos os movimentos contra a Áustria em solo sérvio e em levar à justiça todos que estivessem implicados no assassinato do arquiduque. Apesar de não concordar com a presença de qualquer representante austríaco nesse processo judicial, a Sérvia pretendia submeter o assunto à consideração do Tribunal Internacional de Haia ou do Concerto Europeu. O Kaiser alemão ficou impressionado: “Foi uma grande vitória moral para Viena, e assim desapareceram os motivos para fazer a guerra”, escreveu ele. No entanto, do ponto de vista do Kaiser, “como uma visível *satisfaction d’honneur* para a Áustria, o exército austríaco deveria ocupar temporariamente Belgrado como garantia”. Tal ação não envolveria necessariamente a Inglaterra. “Felizmente, parece não haver razão para que sejamos mais do que espectadores”, disse Asquith ao rei em 25 de julho. A resposta conciliadora da Sérvia foi enviada para Viena na mesma data. Nessa manhã, Churchill e o príncipe Louis discutiram sobre lançar juntos os navios da Terceira Esquadra, já mobilizados, como resultado dos planos feitos no ano anterior, mas decidiram que a situação não era suficientemente séria para ordenar isso. Ao meio-dia, tendo adiado uma reunião com seus conselheiros, marcada para aquela tarde, Churchill embarcou no trem para Norfolk para se

juntar à família, que estava à beira-mar. Às 9h de 26 de julho, Churchill telefonou ao príncipe Louis, utilizando o posto local dos correios em Cromer. As notícias que recebeu não eram boas; aparentemente, a Áustria-Hungria ficara insatisfeita com a resposta conciliatória da Sérvia ao seu ultimato. Churchill foi à praia, onde brincou com os filhos durante três horas, obstruindo as cascatas que corriam dos penhascos baixos para o mar. Ao meio-dia, voltou ao posto dos correios para falar novamente com o príncipe Louis. Dessa vez, tomou conhecimento de notícias ainda mais perturbadoras: a Áustria havia rejeitado liminarmente a resposta da Sérvia.

De repente, tornou-se muito próxima a possibilidade de uma invasão austríaca à Sérvia arrastar a Alemanha, a Rússia e a França para o conflito. A Alemanha poderia tentar derrotar a França no início da guerra, e, então, voltar-se para a Rússia. Ao atacar a França, era quase certo que a Alemanha avançaria para a Bélgica, cuja neutralidade a Inglaterra se comprometera a apoiar.

Churchill e o príncipe Louis discutiram o que fazer. Era difícil, se não impossível, falar sobre assuntos tão delicados ao telefone. Como escreveu um ano depois, Churchill acreditava ter pedido especificamente ao príncipe Louis “que não permitisse que a esquadra se dispersasse”. O príncipe Louis recordava de modo diferente a conversa, insistindo em que Churchill não lhe dera nenhuma instrução específica, mas que “pediu que eu desse todos os passos que considerasse aconselháveis sem ter de consultá-lo pelo telefone. Eu tinha muita dificuldade em ouvi-lo. Certamente não ouvi qualquer referência a manter a esquadra unida”. Por iniciativa própria, alegou o príncipe Louis mais tarde, foi às Relações Exteriores e, às 16h05, telegrafou ao comandante da esquadra metropolitana, ordenando-lhe que não dispersasse os navios.

Ao regressar a Londres à noite, Churchill foi primeiro ao Almirantado e depois às Relações Exteriores, onde Grey disse-lhe que a Áustria parecia determinada a levar adiante sua questão com a Sérvia e até declarar guerra. Churchill perguntou se seria útil emitir uma declaração pública anunciando que tinha sido suspensa a dispersão da Esquadra. Grey disse que sim, pois serviria como um aviso salutar tanto à Áustria quanto à Alemanha. De volta ao Almirantado, Churchill rascunhou, com o príncipe Louis, um comunicado oficial para a imprensa: “Foram dadas ordens à Primeira Esquadra, que está concentrada em Portland, para que não se disperse em manobras. Todos os navios da Segunda Esquadra se mantêm em seus portos na Inglaterra, próximos às suas tripulações.

Esse anúncio foi publicado no *Times* na manhã de 27 de julho. “Parecia ser

perfeitamente inocente, mas esperávamos que o imperador germânico entendesse”, escreveu Churchill mais tarde. Quando o Gabinete se reuniu nessa manhã, no entanto, uma maioria de ministros opôs-se a qualquer ação britânica contra a Alemanha mesmo que houvesse uma invasão germânica à França. Foi realçado que a Inglaterra não tinha nenhuma aliança formal com a França. “O governo estava totalmente contra a guerra e nunca concordaria em entrar no conflito naquele momento”, escreveu Churchill mais tarde.

O dever de Churchill como primeiro-lorde do Almirantado era garantir que a Inglaterra não fosse pega desprevenida no caso de ataques navais ou aéreos. Nessa tarde, foi à Downing Street e conseguiu a aprovação de Asquith para o envio de guardas armados para todos os depósitos de munições e de combustível. Foram também dadas ordens para o posicionamento de guardas armados em todas as regiões costeiras. A reserva de torpedos estava completa. Ainda em 27 de julho, Churchill ordenou que o bloqueio naval a Dundalk e Carrickfergus fosse interrompido; todos os navios envolvidos no controle do tráfico de armas para o Ulster deveriam dirigir-se para suas estações de guerra.

Em vista do poderio naval da Áustria-Hungria no Mediterrâneo e dos interesses da Inglaterra nessa região, em especial no Egito, Churchill escreveu ao comandante-chefe no Mediterrâneo em 27 de julho: “A situação política na Europa torna uma guerra entre as potências da Tríplice Aliança e da Tripla Entente perfeitamente possível. Esse telegrama não é um aviso, mas se prepare para talvez ter de perseguir navios de guerra hostis.” Também foram dadas indicações ao almirante para que concentrasse seus navios em Malta e abastecesse as embarcações com provisões e carvão. “É uma medida de pura precaução”, sublinhou Churchill. “Será preciso manter o mais estrito sigilo, e só as pessoas absolutamente necessárias deverão ser informadas.”

Ao fim da tarde de 27 de julho, todos os pontos vulneráveis ao longo da costa do mar do Norte, em especial os depósitos de combustível e de munições, tinham sido protegidos com armamento antiaéreo. Todas as flotilhas de patrulha foram preparadas em sua capacidade máxima, e Churchill informou o rei no dia seguinte de “que estão sendo deslocadas sucessivamente para suas estações de guerra”. Quanto à defesa aérea da Grã-Bretanha, “os aviões estão reunidos no estuário do Tâmesa e em torno dele para defesa contra ataques aéreos”.

Em 28 de julho, Churchill almoçou com Kitchener, que estava na Inglaterra para uma curta visita, vindo do Egito, para receber o título de conde. Churchill ficou tão impressionado com a total compreensão de Kitchener quanto à muito provável severidade de um ataque alemão à França que conseguiu persuadir

Asquith a não autorizar que seu ex-adversário regressasse ao Egito. Asquith decidiu nomear Kitchener para o cargo de ministro da Guerra; tal nomeação debilitaria as críticas dos conservadores contra uma chefia de guerra composta apenas por liberais . Entretanto, Kitchener tinha partido de trem para Dover; Churchill enviou mensagens com ordens para o trem parar e regressar a Londres.

Durante esse dia, o alto comando militar alemão em Berlim pressionou a Áustria-Hungria para que invadisse a Sérvia imediatamente e apresentasse ao mundo o *fait accompli*. Grey , por sua vez, pressionou a Áustria para que não entrasse em guerra, mas o embaixador inglês em Viena disse-lhe que o adiamento ou a anulação da guerra com a Sérvia “seria sem dúvida uma grande decepção nesse país, que ficou entusiasmado com a perspectiva de uma guerra”. Nesse dia, prosseguindo em seus preparativos navais, Churchill ordenou que fossem reunidos navios-varredores e tomou medidas para reforçar a pequena força naval britânica no Extremo Oriente, buscando impedir que fosse superada pela força naval alemã naquela zona.

A Primeira Esquadra, tendo recebido ordens para que não se dispersasse, estava no canal, concentrada junto à ilha de Wight . Apesar de constituir uma formidável força de combate nesse local, sua estação, na eventualidade de uma guerra com a Alemanha, não era no canal, mas no mar do Norte. Na tarde de 28 de julho, após consultar o príncipe Louis , Churchill decidiu enviar a esquadra para o mar do Norte, na esperança de assim dissuadir os alemães da ideia de desencadear um ataque-surpresa na costa leste e, ao mesmo tempo, dar a entender que, se necessário, a Inglaterra estava preparada para entrar no conflito europeu. “Receei trazer esse assunto ao conhecimento do Gabinete, pois poderia erroneamente ser considerado uma provocação, que colocaria em risco a possibilidade de paz”, escreveu Churchill mais tarde. Depois, foi à Downing Street para falar com Asquith e expor-lhe suas intenções. “Ele olhou para mim fixamente e deu uma espécie de grunhido. Eu não precisava de mais nada.”

Retornando ao Almirantado, Churchill ordenou que o almirante que chefiava a Primeira Esquadra fosse de Portland para o mar do Norte. “O destino deve ser mantido em segredo, exceto aos oficiais em comando. Ao sair de Portland, deve dar a entender que se dirige para o sul, e, já na metade do canal, o curso deve ser alterado para o estreito de Dover. As esquadilhas devem atravessar os estreitos com as luzes apagadas”, comandou ele. Ainda nesse dia, o Gabinete soube que a Áustria-Hungria tinha declarado guerra à Sérvia. À meia-noite, Churchill escreveu à sua mulher:

Minha querida e minha linda,

Tudo tende para uma catástrofe e um colapso. Estou interessado, entusiasmado e feliz. Não é horrível que esteja me sentindo assim? Os preparativos criam em mim um medonho fascínio. Peço a Deus que me perdoe por esses terríveis sentimentos de leviandade. No entanto, faria tudo o que estivesse ao meu alcance para que houvesse paz e nada me levaria a atacar.

Não posso sentir que nós, nessa ilha, somos responsáveis em qualquer grau pela onda de loucura que varreu a mente da cristandade. Ninguém pode medir as consequências. Pergunto a mim mesmo se não seria possível esses estúpidos reis e imperadores juntarem-se e revivificarem a monarquia, salvando assim as nações do inferno, mas todos nós estamos à deriva, numa espécie de transe cataléptico. Como se isso fosse assunto de outros.

Os dois cisnes negros do lago do St. James Park tiveram um cisnezinho cinzento, peludo e precioso. Eu os observei durante algum tempo nessa tarde para aliviar todos os planos e esquemas. Estamos colocando toda a Marinha em ordem de combate (exceto os reservistas). Tudo parece estar perfeitamente preparado e pronto. Os marinheiros estão entusiasmados e confiantes. Todos os fornecimentos estão no nível do que é exigido. Tudo está pronto como nunca estive. E nós estamos alertas até a ponta dos dedos. Mas a guerra é o desconhecido e o inesperado!

Deus nos guarde e toda a nossa história. Você sabe com que vontade e orgulho eu arriscaria — ou daria, se necessário — minha vida para manter esse país famoso, próspero e feliz. Mas os problemas são muito difíceis. Temos de tentar medir o indefinido e pesar o imponderável.

No entanto, tenho certeza de que daremos uma boa surra na guerra, se ela vier.

A referência de Churchill a “reis e imperadores” nessa carta não foi à toa; ao falar aos seus colegas do Gabinete sobre a possibilidade de uma guerra europeia, na manhã de 29 de julho, declarou que era “uma terrível calamidade para as nações civilizadas” e que acreditava que os soberanos europeus tinham a possibilidade “de se juntar pelo bem da paz”.

Nesse mesmo dia, o Gabinete concordou com o pedido de Churchill para que uma série de medidas preventivas de defesa fosse posta em ação. Todas as embarcações civis foram retiradas dos portos militares e foram enviados guardas armados para pontes e viadutos e vigias para a costa, com a ordem de

informarem da presença de qualquer embarcação hostil. Porém, o Gabinete dividia-se sobre o que constituiria causa para a guerra; pelo menos metade dos ministros de Asquith consideravam que um ataque à França por parte da Alemanha não seria motivo para entrar na guerra, insistindo no fato de a Inglaterra não ter nenhuma aliança com a França.

Churchill estava convencido de que uma invasão germânica à França constituiria uma razão para a Inglaterra entrar na guerra. Receando uma divisão no Gabinete, um caso de indecisão ou mesmo a queda do governo liberal, começou a sondar, quando terminou a reunião do Gabinete e por intermédio de F. E. Smith , a possibilidade de uma coligação governamental que tivesse como base um apoio militar britânico à França. Vários conservadores contatados por Smith, incluindo Carson , eram favoráveis a essa coligação. No entanto, Bonar Law rejeitou a ideia.

Na manhã de 30 de julho, enquanto Churchill e seus funcionários superiores estavam em sua reunião diária, chegou um telegrama informando que a Primeira Esquadra tinha chegado ao mar do Norte. Churchill sentiu um enorme alívio. “Sempre esteve presente no meu pensamento, nos anos de preparativos, o episódio da esquadra russa que foi surpreendida por um ataque com torpedos quando estava ancorada em Porto Artur. O início de hostilidades antes ou simultaneamente à declaração de guerra tem sido nosso maior pesadelo”, escreveu ele mais tarde.

Nesse dia, convencido de que a Inglaterra acabaria por entrar na guerra como aliada da França, Churchill deu instruções ao comandante das forças britânicas no Mediterrâneo para que estivesse preparado para auxiliar na passagem de tropas francesas do norte da África para a França, “dando-lhes cobertura e, se possível, induzindo navios alemães isolados à ação”, em especial o cruzador de batalha *Goeben* , que se deslocava do Adriático para o Mediterrâneo. Nessa noite, Churchill jantou com Asquith . “Serenos como sempre”, contou a Clementine . “Mas me apoia em todas as medidas necessárias.”

No dia seguinte, 31 de julho, o governo tomou conhecimento da forte oposição do Partido Liberal a qualquer envolvimento da Grã-Bretanha na guerra em apoio da França. “Enquanto não estiver envolvida nenhuma obrigação resultante de um tratado e enquanto não for do interesse da Inglaterra”, escreveu Churchill a um deputado liberal adepto da não intervenção, “minha opinião é de que devemos manter neutralidade. As querelas nos Bálcãs não nos dizem respeito. Fizemos tudo o que foi possível para manter a paz e assim continuaremos a fazer, mas a marcha dos acontecimentos é sinistra”.

Nesse dia, o governo alemão sugeriu secretamente que a Inglaterra se mantivesse neutra em troca da promessa alemã de que não ocuparia o território francês nem invadiria a Holanda. No entanto, a Alemanha pretendia adquirir as colônias ultramarinas francesas e não podia prometer que não invadiria a Bélgica. Contudo, a Alemanha estava obrigada, por tratado, “não só a respeitar como a defender a Bélgica”, disse Churchill a Clementine .

Grey respondeu às propostas alemãs, descrevendo-as como “impossíveis e vergonhosas”. Assim, tudo apontava para uma colisão entre esses dois pontos. “A esperança ainda não morreu”, escreveu Churchill a Clementine . Para ele, a Alemanha percebia “quão grandes eram as forças que se opunham a ela e estava tentando, tardiamente, restringir sua idiota aliada”, a Áustria-Hungria. Por seu lado, a Inglaterra estava fazendo esforços para “tranquilizar a Rússia”. Porém, “todos se preparam rapidamente para a guerra, e o golpe pode ser dado a qualquer momento. Nós estamos preparados”, acrescentou Churchill.

Orgulhosamente, ele disse a Clementine : “Não consigo pontuar tudo o que fiz e as responsabilidades que me couberam nesses últimos dias, mas tudo corre bem e todos reagiram bem. Os jornais têm mantido uma admirável reticência.” Foi dito ao barão de Forest , seu amigo austríaco e deputado britânico, que seu barco deveria abandonar o porto de Dover. Apressadamente, ele deixou Londres a caminho de Dover. “Ao longo do caminho, viu que todas as pontes e os túneis estavam guardados e ficou cada vez mais aterrorizado”, escreveu Churchill. “Telegrafou exigindo debates e perguntas no Parlamento. Ninguém se movimentou — não houve qualquer pergunta ou menção nos jornais. O país se unirá quando se justificar. Pode ter a certeza disso.”

Nessa noite, Churchill autorizou seus conselheiros navais a consultarem o adido francês em Londres sobre quais medidas deveriam ser tomadas em conjunto se a França e a Inglaterra se aliassem na guerra. Enviou também convocatórias a todos os reservistas para permitir que houvesse uma completa mobilização da esquadra no momento em que o Gabinete assim decidisse.

Na manhã de 1º de agosto, apesar do fracasso de sua sugestão de coligação, Churchill recebeu uma carta de F. E. Smith , que mencionava a garantia dos conservadores : “Nos fatos como os entendemos, e em particular na assunção (que pensamos ser correta) de que a Alemanha considera violar a neutralidade belga, o governo pode contar com o apoio do Partido Unionista .” Churchill transmitiu essa garantia ao Gabinete, onde, reportou a Smith , esta “produziu uma profunda impressão”. Seu próprio ponto de vista era claro. “Creio que agora a guerra já não poderá ser evitada”, disse ele a Smith . “A Alemanha

marchará contra a Bélgica, e creio que nos nossos partidos a maioria se colocará firmemente contra isso.”

Nessa manhã, Churchill perguntou se o Gabinete autorizava uma mobilização naval completa, mas os ministros continuavam divididos. Lloyd George liderava o grupo relutante em relação a um compromisso com a França. Numa carta enviada para a prima de Clementine, Venetia Stanley, Asquith escreveu: “Lloyd George, adepto da paz, atua como estadista e quer manter a questão em aberto. Winston, muito belicoso, exige uma mobilização imediata.”

Enquanto o Gabinete discutia a crise, ficava claro que muitos ministros não queriam que a Inglaterra entrasse na guerra, apesar da ameaça alemã à França ou mesmo à Bélgica. O próprio Churchill estava relutante naquele dia quanto ao comprometimento de entrar na guerra se a Bélgica fosse invadida. Numa nota que empurrou sobre a mesa em torno da qual se reunia o Gabinete, Churchill disse a Lloyd George: “Eu agiria de modo a impressionar a Alemanha com nossa intenção de preservar a neutralidade da Bélgica. Sabe-se tão pouco sobre os propósitos verdadeiros da Alemanha que eu ficaria por aí.” Ainda assim, Churchill avisou que se os alemães invadissem a Bélgica, a opinião pública inglesa “poderia alterar-se, e devemos estar preparados para ir ao encontro dessa opinião”.

Churchill tentava persuadir Lloyd George de que poderia ser necessário entrar na guerra. “Espero, com toda a sinceridade, que nossa longa cooperação não se quebre”, disse ele em outra nota que empurrou sobre a mesa de reunião do Gabinete. “Recorde-se de sua atuação em Agadir”, pediu-lhe. “Imploro-lhe que venha e que traga sua poderosa ajuda para o cumprimento de nossa obrigação. Depois, ao participarmos na paz, podemos regular desentendimentos e evitar uma renovação das condições de 1870.”

Numa tentativa posterior de influenciar Lloyd George, ainda nesse dia, Churchill enviou um oficial do Exército, o major Ollivant, para falar com ele. No ano anterior, Ollivant tinha sido oficial de ligação do Ministério da Guerra com o Estado-Maior Naval de Guerra. “O principal objetivo da Alemanha no que diz respeito a esse país consiste em evitar a chegada do exército expedicionário britânico”, explicou ele a Lloyd George. “Há motivos para supor que a presença ou a ausência do exército britânico determinará a ação do exército belga. Isso, muito provavelmente, decidirá o destino da França.”

Lloyd George ainda não tinha decidido se um ataque alemão à Bélgica constituiria uma razão adequada para declarar guerra à Alemanha. “Ficaremos em campos opostos pelo resto de nossas vidas”, avisou-o Churchill. “Estou

profundamente ligado a você e segui seu instinto e orientação durante quase dez anos”, acrescentou ele.

Em 1º de agosto, Churchill recebeu a garantia, por parte de um influente membro do Partido Conservador , lorde Robert Cecil , de que se o governo enviasse uma força expedicionária através do canal, “poderá contar com o apoio de todo o Partido Unionista ”. Ainda nesse dia, no entanto, acreditou-se que a crise poderia diminuir de intensidade.

“As notícias dessa noite trouxeram de novo esperanças”, escreveu a Cecil .

Parece que a Áustria e a Rússia podem negociar com base numa proposta feita pela Alemanha e serão feitos todos os esforços nesse sentido. Porém, um choque de exércitos pode suceder a qualquer momento devido a um incidente ou acidente. E continuo a pensar que, em quaisquer circunstâncias, se permitirmos que a neutralidade belga seja esmagada pela Alemanha sem ajudarmos a França, ficaremos numa posição muito débil tanto no que diz respeito aos nossos interesses quanto à nossa honra.

Nessa noite, Churchill jantou sozinho. Pouco depois das 21h, F. E. Smith pediu para falar com ele. Estava acompanhado de Max Aitken , mais tarde lorde Beaverbrook , um financeiro canadense, deputado conservador e confidente de Bonar Law . Churchill repetiu-lhes o que tinha escrito a Cecil , dizendo que agora havia uma possibilidade de evitar a guerra.

“A expectativa se tornava intolerável”, escreveu Churchill mais tarde. “Eu estaria com o primeiro-ministro nessa noite, às 23h. Entretanto, nada se podia fazer. Sentamo-nos a uma mesa de jogo e começamos a jogar bridge. Mal as cartas foram distribuídas, chegou mais uma caixa vermelha das Relações Exteriores. Abri-a e li: ‘A Alemanha declarou guerra à Rússia.’”

Churchill sabia que não demoraria muito para que a Alemanha atacasse a França, aliada da Rússia. Então, deixou os amigos, atravessou a Parada da Guarda Montada a caminho do nº 10 da Downing Street e disse a Asquith que, apesar da recusa do Gabinete, pretendia emitir uma ordem imediata para uma mobilização naval completa. “O primeiro-ministro simplesmente olhou para mim e não disse nada”, recordou Churchill mais tarde. “Não havia dúvida de que se sentia limitado pela decisão do Gabinete tomada naquela manhã. No entanto, tive a impressão de que não mexeria um dedo para me impedir. Retornei ao Almirantado, atravessando outra vez a parada, e dei a ordem.” Era meia-noite.

“Lamento dizer que depois de lhe ter escrito soubemos oficialmente que a Alemanha declarou guerra à Rússia”, escreveu ao lorde Robert Cecil já depois da meia-noite. “Creio que a ruptura com a França não demorará a chegar. E o curso dos acontecimentos tende a ser muito sério em relação à Bélgica.”

À 1h, Churchill escreveu a Clementine : “Gatinha, consumou-se. A Alemanha extinguiu as últimas esperanças de paz ao declarar guerra à Rússia e espera-se uma declaração contra a França.” Na véspera, ela tinha-lhe escrito dizendo que a guerra seria uma insanidade. “Entendo profundamente seus pontos de vista”, respondeu ele, “mas o mundo enlouqueceu —, e tenho de olhar por nós e por nossos amigos”. Ele esperava que ela pudesse passar um ou dois dias com ele em Londres. “Tenho muitas saudades — a sua influência, quando me guia sem me contrariar, é muito útil para mim.”

O governo russo exigia que a França honrasse o Tratado Franco-Russo de 1894 . A Alemanha preparava-se para lutar primeiro contra a França, após uma investida inicial através da Bélgica, e depois voltar-se para a Rússia. Foi baseado nesse plano que Churchill predisse, em 1911, que a batalha decisiva seria travada no quarto dia e calculou o que provavelmente aconteceria até o quadragésimo dia.

Pouco depois das 12h de 2 de agosto, o governo britânico informou a Alemanha de que “não autorizaria a passagem de navios alemães pelo canal da Inglaterra ou pelo mar do Norte para atacar a costa ou os navios mercantes franceses”. Ao enviar o texto dessa nota aos comandantes navais no canal e no mar do Norte, o Almirantado acrescentou: “Preparem-se para ataques-surpresa.”

Lloyd George gradualmente aceitava o ponto de vista de que a Inglaterra deveria ajudar a Bélgica, mas ainda não tinha assumido um compromisso. Para encorajá-lo a se comprometer, Churchill entregou-lhe outra nota durante uma reunião do Gabinete na tarde de 2 de agosto, apontando as oportunidades que a guerra poderia abrir no campo social: “Juntos, podemos levar a cabo a ampla política social — baseada em conferências, ideia sua — que você me ensinou. A batalha naval será barata — não mais de 25 milhões de libras por ano.” Churchill acrescentou, com um apelo às qualidades que ele tanto admirava em Lloyd George e à sua vaidade: “Só você pode tomar medidas que garantam alimentos abundantes e baratos para o povo.”

As tropas alemãs ainda não haviam atravessado a fronteira da Bélgica, mas dirigiam-se para lá e já tinham ocupado o grão-ducado de Luxemburgo. Na manhã de 3 de agosto, o Gabinete soube que os alemães tinham enviado um ultimato à Bélgica, exigindo o direito de passagem das tropas alemãs pelo país.

Concordou-se em que a Inglaterra devia finalmente intervir, sublinhando que a neutralidade belga devia ser mantida. Devastado pelo pensamento de um envolvimento britânico numa guerra na Europa, lorde Morley disse a Churchill que apresentaria sua demissão. Churchill respondeu, como recordou mais tarde, que se Morley esperasse mais dois ou três dias, “tudo ficará claro e estaremos totalmente de acordo. Os alemães pacificarão a consciência de todos. Aceitarão todas as responsabilidades e dissiparão todas as dúvidas. A vanguarda de seus exércitos atravessa Luxemburgo e aproxima-se da fronteira belga. Nada pode pará-los ou desviá-los”.

Morley não se convenceu. Churchill ofereceu-se para mostrar-lhe os movimentos militares alemães num mapa, mas Morley não se demovia. “Se tivermos de lutar, será preciso fazê-lo com uma firme convicção”, disse ele. “Não há lugar para mim nesse assunto.” Morley demitiu-se, bem como fizeram dois outros ministros do Gabinete. Os outros membros do Gabinete começaram a discutir, não sobre o que estava certo ou errado no envolvimento numa guerra europeia, mas sobre o modo mais eficaz de participar do conflito. “Fico muito satisfeito por você dedicar seus pensamentos à questão vital do crédito e do abastecimento de alimentos desse país”, escreveu Churchill a Lloyd George em mais uma nota empurrada por sobre a mesa de reuniões do Gabinete.

Nessa mesma tarde, as tropas alemãs atravessaram a fronteira belga. Ao falar na Câmara dos Comuns, Grey sublinhou que esse fato, uma violação do Tratado da Inglaterra de 1839, poderia obrigar o país a entrar na guerra. Depois de seu discurso, abandonou o Parlamento juntamente com Churchill.

— E agora? — perguntou Churchill.

— Agora enviamos a eles um ultimato para que cessem a invasão à Bélgica dentro de 24 horas — respondeu Grey.

Ao regressar ao seu quarto no Almirantado, Churchill enviou uma mensagem a Asquith e a Grey, pedindo-lhes autorização imediata “para colocar em prática as disposições anglo-francesas para a defesa do canal”. A menos que fosse expressamente proibido, “agirei em conformidade”, acrescentou Churchill. Essa ação conjunta, apesar de ser essencial para a segurança contra um ataque naval da Alemanha, “não implica qualquer ação ofensiva ou uma ação de guerra, a não ser que sejamos atacados”, garantiu a Asquith e a Grey. A extensão dos preparativos de Churchill era conhecida por todos e vista com bons olhos. Na manhã de 4 de agosto, o *Times* descreveu-o como o único ministro “cujo domínio da situação e os esforços para dominá-la merecem os mais altos louvores”.

O ultimato inglês à Alemanha, exigindo a manutenção da neutralidade belga, expirava à meia-noite do dia 4, pelo horário de Berlim. Ao longo desse dia, o Gabinete esperou com tensão e expectativa. Churchill estava particularmente preocupado acerca da rapidez com que as forças navais britânicas podiam entrar em combate. Durante o dia, o cruzador de batalha alemão *Goeben* bombardeara o porto francês de Philippeville, no norte da África, enquanto o cruzador ligeiro *Breslau* bombardeava Bône. Como resultado das ordens anteriores de Churchill, os navios de guerra britânicos seguiam os navios alemães, mas, como a Inglaterra ainda não estava em guerra, não podiam entrar em ação. Durante o dia, Churchill implorou a Asquith e a Grey que lhe permitissem ordenar que os navios disparassem. “Seria uma grande desgraça perder esses navios, como é possível que aconteça nas horas difíceis.”

Antecipando outra resposta favorável por parte de Asquith, Churchill telegrafou ao almirante britânico: “Se o *Goeben* atacar os transportes franceses, deve atacá-lo imediatamente”, disse-lhe ele. Porém, Asquith pretendia colocar o assunto ao Gabinete e, ao meio-dia, escreveu a Venetia Stanley: “Winston, que já se pintou para a guerra, está ansioso por uma batalha no mar às primeiras horas da manhã, que termine com o afundamento do *Goeben*.”

O Gabinete ouviu as explicações de Churchill sobre por que razão o cruzador alemão devia ser afundado. A capacidade da Marinha alemã de impedir que chegassem a França reforços vindos do norte da África era considerável, e somente os navios de guerra britânicos tinham o poder de fogo necessário para contê-la. No entanto, o Gabinete insistia em não fazer nenhum ato de guerra antes que o prazo do ultimato expirasse, uma hora antes da meia-noite.

Ao regressar ao Almirantado, às 14h, Churchill telegrafou para todos os navios: “Não deve ser cometido nenhum ato de guerra antes dessa hora.” Na comunicação ao almirante que acompanhava os dois navios de guerra alemães no Mediterrâneo, acrescentou que essa ordem “cancela a autorização” para atacar o *Goeben*.

Os alemães ainda não haviam respondido ao ultimato inglês. Nessa tarde, suas tropas entraram mais profundamente na Bélgica. Enquanto isso, Churchill jantava em casa com a mãe, o irmão e Geoffrey Robinson, editor do *Times*. Quando o jantar terminou, foi a uma reunião com a delegação de almirantes franceses, que perguntaram se podiam utilizar uma base naval britânica no Mediterrâneo para proteger seus transportes de mercadorias e de tropas. Churchill respondeu com entusiasmo: “Usem Malta como se fosse Toulon.”

Somente chegavam a Londres notícias sobre a continuação do avanço alemão

pela Bélgica. Às 23h, o prazo para resposta do ultimato expirou. Churchill autorizou que fosse enviada imediatamente uma comunicação do Almirantado a todos os navios e estabelecimentos navais, informando que estavam abertas as hostilidades contra a Alemanha. A Inglaterra e a Alemanha estavam em guerra. Às 23h15, Churchill voltou a atravessar a Parada da Guarda Montada para ir ao nº 10 da Downing Street, onde disse a Asquith que tinha sido enviado o aviso. Lloyd George, que ainda estava com o primeiro-ministro, disse mais tarde a um amigo: “Winston entrou apressado na sala, radiante e entusiasmado, com a face resplandecente e as palavras a saírem aos montes, dizendo que enviaria telegramas para o Mediterrâneo, o mar do Norte e sabe Deus para onde. Facilmente se via que era um homem feliz.”

14.

A guerra

Churchill ainda não tinha completado 40 anos e já pesava sobre seus ombros as muitas responsabilidades da guerra naval. Para que as tropas britânicas pudessem ir em socorro da Bélgica, tinham de ser transportadas pelo canal. No conselho de guerra que se realizou na tarde de 5 de agosto de 1914, relatou que o estreito de Dover estava totalmente interditado a qualquer intrusão naval germânica. As tropas podiam fazer a travessia sem problemas. Três dias depois, partiram os primeiros navios; num prazo de duas semanas, 120 mil homens foram transportados através do canal, sem a perda de um único navio ou vida.

“A força expedicionária em relação à qual você está tão inquisitiva chegará a seu destino a tempo”, escreveu Churchill a Clementine em 9 de agosto. No entanto, consciente dos perigos da guerra, estava preocupado com a mulher e as crianças, que estavam perto do mar do Norte. Clementine estava grávida de sete meses. “É de cem para um a probabilidade de não haver um ataque”, escreveu Churchill à esposa. “Mas, apesar disso, há uma possibilidade, e Cromar tem um bom local de desembarque. Espero que consiga que o motor seja reparado, de modo que possa sair daí ao menor sinal de problema.”

Em 6 de agosto, o cruzador ligeiro *Amphion* afundou um lança-minas alemão e capturou a tripulação. Pouco tempo depois, o próprio *Amphion* foi afundado por uma mina que o lança-minas tinha lançado, matando afogados 150 marinheiros britânicos e os alemães capturados. Na Câmara dos Comuns, Churchill decidiu relatar em detalhes o que sucedera. Foi uma importante decisão, e sem precedentes, que levou o *Manchester Guardian* a comentar: “Muito admiramos a franqueza do sr. Churchill ao contar imediatamente ao público sobre a perda do *Amphion*.”

Não querendo que a Inglaterra tivesse um papel passivo na guerra naval, Churchill incitou o príncipe Louis, em 9 de agosto, a “apoiar e manter” ações defensivas no mar por meio de “operações de pequena amplitude”. Sugeriu um assalto a Ameland, uma das ilhas holandesas da Frísia, que deveria então ser fortificada e utilizada como base naval para cercar a armada alemã e como base

aérea a partir da qual se pudesse bombardear o canal de Kiel e os navios que lá se encontrassem. A neutralidade holandesa não seria obstáculo. O que importava era que tal iniciativa “mantivesse vigorosamente o espírito de empreendimento e ataque, que, se excluído do teatro de operações, restaria esperar, interrogando-nos sobre onde seremos atacados”.

O Estado-Maior de Guerra Naval considerou que um desembarque em Ameland era impraticável e não foram feitos planos, mas Churchill nunca deixou de procurar áreas de ação efetivas. Quando, em 11 de agosto, dois navios de guerra alemães, *Goeben* e *Breslau*, tendo escapado aos seus perseguidores britânicos no Mediterrâneo Oriental e no mar Egeu, entraram nas seguras águas turcas, Churchill imediatamente instruiu o almirante inglês para que “bloqueasse” o estreito de Dardanelos. Quando lhe chamaram a atenção para o fato de que a Inglaterra não estava em guerra com a Turquia, alterou a ordem para “vigiar atentamente a embocadura para o caso de cruzadores inimigos saírem”.

Em 12 de agosto, com o apoio do Gabinete, Churchill preparou um bloqueio naval aos portos alemães do mar do Norte, com o objetivo de evitar a entrada ou saída de provisões de alimentos. Quatro dias depois, na tentativa de absorver a grande quantidade de homens que se alistaram voluntariamente, estabeleceu uma nova divisão da Marinha, cujos homens mais tarde combateriam na Frente Ocidental e em Galípoli. Quando as coisas corriam bem, chamavam-se a si mesmos de “os animais de estimação de Churchill”, mas, quando as coisas corriam mal, passavam a ser “as vítimas inocentes de Churchill”. Nos primeiros dias, apresentaram-se às centenas, alguns pedindo lugares ao próprio Churchill. O poeta Rupert Brooke foi um dos que obtiveram uma posição por decisão de Churchill.

Churchill passou a enviar meios de transporte de tropas para o Báltico, para permitir que o exército russo pudesse desembarcar em grande quantidade na costa alemã do Báltico e marchar sobre Berlim. Um mês depois, conseguiu que vários submarinos ingleses fossem enviados para o Báltico para ajudar a Marinha russa a lutar contra os navios de guerra alemães. Também encorajou Kitchener a enviar à França a última divisão de soldados profissionais, então estacionados na Inglaterra. O Almirantado estava confiante, garantiu ele a Kitchener em 22 de agosto, de sua capacidade de defender a Inglaterra no caso de uma invasão.

Dois dias depois, enquanto Churchill trabalhava em seu quarto no Almirantado, a porta foi aberta por Kitchener, que se postou à entrada do

quarto. “Apesar de aparentar calma, seu rosto estava diferente”, escreveu Churchill mais tarde. “Tive uma sensação subconsciente de que estava desfigurado e pálido, como se tivesse levado um soco. Seus olhos moviam-se como nunca.” Kitchener vinha dizer-lhe que a fortaleza belga de Namur tinha sido tomada pelos alemães. Até então, pensava-se que esses fortes eram obstáculos praticamente impenetráveis por qualquer exército invasor. Agora, Namur estava em mãos alemãs e estava aberto o caminho para a costa do canal.

Profundamente perturbado pelas notícias, Churchill procurou Lloyd George. Era sua primeira conversa privada desde o início da guerra. “Senti uma intensa necessidade de falar com ele e quis saber como aquilo o atingiria e que medidas ele tomaria”, escreveu mais tarde Churchill. Ao regressar ao Almirantado, disse ao novo comandante-chefe naval, o almirante Jellicoe: “Não nos metemos nessa guerra sem determinação e posso garantir-lhe que nossa ação será proporcional à gravidade dos fatos. Tenho absoluta confiança no resultado final.” Um dia depois, enquanto as tropas britânicas e francesas continuavam a recuar perante os avanços germânicos, Churchill escreveu ao irmão: “Ninguém pode dizer aonde essa grande aventura nos levará. A menos que a vitória nos sorria, não desejo continuar vivo. Mas vamos vencer.”

As iniciativas de Churchill eram incessantes. Em 26 de agosto, conseguiu que o Gabinete aprovasse o envio da Brigada da Marinha para o porto belga de Oostende, com o intuito de obrigar os alemães a desviarem tropas do seu principal avanço para o sul. O estratagema foi um sucesso.

Clementine tinha regressado a Londres e estava com o marido quando chegaram notícias da primeira vitória naval britânica, marcada pelo afundamento de três cruzadores alemães na enseada de Heligoland. Nenhum navio britânico fora afundado. Lorde Haldane escreveu a Churchill: “A vitória da esquadra é digna da inteligência inspiradora do primeiro-lorde. O povo britânico e nossos aliados se sentirão mais confiantes quando souberem amanhã o que sucedeu.” A vitória animou o público; em Guildhall, em 4 de setembro, depois de Asquith e Bonar Law terem falado, a audiência exigiu que Churchill falasse. Suas palavras foram recebidas com entusiasmo. “Tenho certeza absoluta de que basta perseverar para vencer. Temos de perseverar para salvar a nós mesmos e a todos que confiam em nós. Basta seguir decididamente em frente, e, no fim do caminho, seja curto ou longo, encontraremos a vitória e a honra”, disse ele.

Depois de trinta dias de guerra, os exércitos inglês e francês estavam batendo em retirada. As pessoas se sentiam deprimidas. Ao falar em Guildhall, Churchill

havia mostrado que tinha capacidade para elevar o moral. Em 2 de setembro, numa tentativa de elevar o moral dos seus colegas no Gabinete, fez circular seu memorando de 1911. “Nessa tarde, Asquith disse-me que você era equivalente a uma grande força no campo de batalha, e é verdade”, escreveu Haldane a Churchill em 3 de setembro. “Você nos inspira com sua coragem e sua determinação.”

No mesmo dia, Kitchener pediu a Churchill que assumisse integralmente a defesa aérea da Grã-Bretanha. Ele concordou, e uma de suas primeiras ações foi estabelecer uma esquadrilha especial em Hendon, que se manteria em comunicação telefônica com as estações aéreas perto da costa, “com a finalidade de atacar os aviões inimigos que façam tentativas para atacar Londres”.

Ainda em 3 de setembro, na França, um piloto do Real Serviço Aeronaval, baseado em Dunquerque, voou até a zona de batalha e lançou uma bomba sobre uma unidade militar alemã que estava perto da frente. Foi o primeiro ato bélico do que ficou conhecido como o “Circo de Dunquerque”, que em breve seria reforçado por carros de combate, quase todos Rolls Royce blindados, para permitir que se estabelecessem bases de aviões até 80 quilômetros para o interior. Foram enviadas três esquadrilhas de aviões, com 24 aeronaves no total. Cada esquadrilha era comandada por um dos pilotos que tinham ensinado Churchill a pilotar: Eugene Gerrard, Spenser Grey e Richard Bell Davies.

Depois de um mês de guerra, os jornais estavam cheios de histórias sobre as contínuas retiradas. Em 30 de agosto, durante uma retirada em Mons, o *Times* falou nos “destroços de muitos regimentos” e nos soldados britânicos “extenuados pelas marchas”. Quando Churchill protestou contra a publicação de tais “artigos alarmistas”, Asquith pediu-lhe que publicasse, anonimamente, um comunicado à imprensa que não deixasse margem para dúvidas. Churchill assim fez. “Não há dúvida de que nossos homens estabeleceram superioridade pessoal em relação aos alemães e de que estão conscientes de que, com igual número de soldados, não haveria dúvidas sobre o resultado”, dizia o comunicado publicado em 5 de setembro. “Vou pedir a Winston que repita a façanha do último domingo, escrevendo, com todos os condimentos jornalísticos, a história militar da semana”, disse Asquith a Venetia.

O memorando escrito por Churchill em 1911 previa que o avanço alemão sobre a França seria interrompido no quadragésimo dia. Em 8 de setembro, 38 dias depois de iniciado o avanço alemão, as forças britânicas e francesas

começaram a movimentar-se ao longo do rio Marne, fazendo os alemães recuarem. Paris estava salva. Nesse dia, Churchill falou sobre seus planos a Balfour . “Ele fala, um tanto aéreo, de um exército britânico de um milhão de homens”, reportou Balfour a Asquith . “Disse-me que está fabricando morteiros de cerco em Woolwich tão grandes ou maiores do que os usados pelos alemães, para esmagar as fortalezas do Reno.”

Em 10 de setembro, avisando apenas a Asquith , Churchill foi à França, sendo o primeiro ministro a fazê-lo desde o início da guerra. Durante 24 horas, examinou as fortificações, as bases aéreas e os carros de combate que estavam em Dunquerque . Discutiu também a defesa do porto com o governador francês, que, nas palavras do cônsul britânico, foi “muito encorajado” pela visita de Churchill, cuja presença teve um “efeito benéfico” no moral da cidade. Poucos dias depois, a pedido de Kitchener , Churchill enviou a Brigada Naval a Dunquerque, com o intuito de desviar a atenção dos alemães, que movimentavam unidades de cavalaria para a costa do canal.

Ao retornar a Londres, Churchill foi o orador num “Apelo às Armas” feito pelo Partido Liberal na Royal Opera House . Independentemente de suas breves palavras em Guildhall uma semana antes, esse foi seu primeiro discurso público sobre a guerra. O efeito foi eletrizante, e o *Manchester Guardian* classificou-o como “um discurso de alta voltagem e extremamente poderoso”. À semelhança de muitos dos seus discursos, continha não só determinação e confiança, mas frases impressionantes que prenderam a imaginação do público. “O focinho do buldogue é virado para cima para que ele possa respirar sem largar a presa”, disse ele em certo momento. Seu discurso não escondeu os perigos, e ele afirmou que a guerra seria “longa e sombria”. Haveria “muitos reveses da sorte e muitas esperanças desfeitas”.

Havia quem pensasse que Churchill encontrava prazer na guerra. “Quase estremeço quando ouço Winston dizer que a última coisa pela qual ele rezaria seria pela paz”, escreveu Asquith a Venetia em 14 de setembro. No dia seguinte a esse comentário, tendo presidido uma reunião no Almirantado para que se acelerasse a construção de aviões, Churchill regressou à França a pedido de Kitchener . Sua missão consistia em explicar ao comandante-chefe, Sir John French , por que a Força Expedicionária Britânica deveria tomar posições ao longo do canal, em contato com a Marinha, para a proteção dos portos do canal.

No quartel-general francês, Churchill jantou com Hugh Dawnay, que havia sido seu companheiro de armas em Omdurman e na África do Sul. Também observou, escondido em um monte de feno, a artilharia francesa em ação perto

de Soissons. “Vi pela primeira vez, no que então me pareceu um prodígio, um avião britânico furar as nuvens de fumaça dos obuses”, recordou mais tarde. “Vi os terríveis obuses alemães, ‘Caixas de Carvão’ e ‘Jack Johnson’, como eram chamados, explodirem sobre a aldeia de Paissy. Quando caiu a escuridão, vi o horizonte iluminado pelos rápidos clarões dos canhões. Essas cenas tornaram-se banais, mas foram emocionantes na primeira vez.”

De volta à Inglaterra, Churchill falou em outra reunião de recrutamento do partido, em Liverpool, em 21 de setembro. Segundo ele, se a armada alemã não saísse da toca e lutasse seria retirada “como ratos de uma toca”. Essa expressão, comentou o rei, “não era digna de um ministro do Gabinete”. Sentiu-se o mais infeliz dos homens quando, no dia seguinte, os alemães afundaram três cruzadores ingleses, com a perda de 1.459 oficiais e marinheiros. Os três navios estavam patrulhando perto de Dogger Bank, apesar das instruções de Churchill, por escrito, quatro dias antes, afirmarem que “não se deve continuar essa ação” devido aos riscos. Sua instrução não conhecida pelo público e foi mantida em segredo pelo governo. Como resultado, Churchill foi acusado pela perda dos navios e das respectivas tripulações.

No dia do desastre de Dogger Bank, Churchill estava na França, em sua terceira visita em duas semanas. Seu objetivo era encorajar tanto os fuzileiros quanto as tripulações baseadas em Dunquerque a atacarem as linhas de comunicação alemãs. As tropas germânicas, que já ocupavam Bruxelas, dirigiam-se para a costa da Bélgica. Cinco dias depois do seu regresso à Inglaterra, decidiu atravessar novamente o canal e dirigir-se mais uma vez à França. Clementine tentou dissuadi-lo ou pelo menos persuadi-lo a consultar previamente Kitchener .

Aflige-me vê-lo tão deprimido e insatisfeito com a posição única que atingiu ao longo de anos de incessante trabalho e percepção. O primeiro-ministro apoia-se em você e cada vez mais ouve suas opiniões. Você é o único jovem vital no Gabinete. É imoral não se sentir muito orgulhoso por ser o primeiro-lorde do Almirantado durante a maior guerra desde o início do mundo. Ainda há muito a fazer e você é o único que pode fazê-lo.

Churchill seguiu o conselho de sua mulher e perguntou a Kitchener se podia ir, recebendo permissão. Kitchener sem dúvida via com bons olhos a visita ao quartel-general de Sir John French , pois permitiria que Churchill “resolvesse quaisquer mal-entendidos” entre Kitchener e os franceses. Permitiria também

que Churchill dissesse ao comandante dos fuzileiros, que deslocava seus homens de Dunquerque para Cassei , que selecionasse seus alvos e os atingisse sem contemplação.

Em 2 de outubro, as forças alemãs que avançavam para o canal tinham alcançado Ypres e pretendiam cortar o acesso dos exércitos aliados à fortaleza belga e à cidade portuária da Antuérpia. Asquith considerava a queda da Antuérpia como ainda mais desastrosa do que a queda de Namur. “Isso deixará toda a Bélgica à mercê dos alemães”, disse ele a Venetia.

Nesse dia, Churchill deixou Londres para sua quinta visita à França, onde avaliaria o estado do moral dos fuzileiros, da aviação e das tripulações dos carros de combate que tinham sido obrigadas a se retirarem de Cassei para Dunquerque e discutir seu futuro com o comandante-chefe. No entanto, mal chegou à estação Victoria, recebeu uma mensagem de Kitchener e Grey pedindo-lhe que não fizesse a viagem e que se dirigisse imediatamente à casa de Kitchener . Lá já se encontravam Grey e o príncipe Louis . A causa da preocupação eram notícias de que o governo belga se preparava para abandonar a Antuérpia.

Durante várias horas, os quatro homens discutiram sobre como reforçar a cidade. Era claro que toda a resistência armada ruiria se o governo belga abandonasse a cidade. Kitchener receava que, se a Antuérpia não conseguisse resistir pelo menos por uma semana, os alemães venceriam a corrida para o mar, e Dunquerque e até Calais seriam tomadas, pondo em perigo a Grã-Bretanha. Para impedir que isso acontecesse, pretendia enviar uma força de apoio à cidade e encorajar os franceses a fazerem o mesmo. À medida que chegavam cada vez mais telegramas, ficava evidente que a situação na Antuérpia era obscura e o perigo, imediato. Nem sequer havia garantia de que o círculo exterior de fortalezas ainda estava intacto. Churchill, que havia pretendido passar aquela noite em Dunquerque, oferecia-se agora para ir à Antuérpia e relatar a Kitchener a situação militar; se possível, persuadiria os belgas, com a ajuda anglo-francesa, a não entregarem a cidade até que as forças aliadas conseguissem alcançar a costa belga e se reagrupar.

Churchill regressou à estação Victoria; pouco depois da meia-noite, um trem especial levou-o a Dover, onde embarcou num contratorpedeiro para Oostende e seguiu para a Antuérpia. Havia a esperança, telegrafou Grey ao embaixador inglês na Bélgica, de que Churchill fosse recebido pelo rei Alberto “antes que fosse tomada uma decisão final sobre a partida do governo”.

O “intrépido” Winston, disse Asquith a Venetia na manhã de 3 de outubro,

“seguirá em frente, enfrentará rei e ministros e tentará fortalecê-los”. Tanto ele quanto Kitchener aguardavam o relatório de Churchill. “Não sei se ele fala fluentemente francês, mas se conseguir fazer-se entender numa língua estrangeira, os belgas ouvirão um discurso como nunca ouviram. Não tenho qualquer dúvida de que vai fortalecê-los tanto quanto possível”, acrescentou Asquith.

Mais tarde, seria moda, até para Asquith, ridicularizar a missão de Churchill na Antuérpia, mas na manhã de 3 de outubro muito dependia dele. Quando chegou à Antuérpia, pouco depois do meio-dia, o governo belga ainda estava na cidade, tendo decidido não a abandonar antes de ouvir o que Churchill tinha a dizer e a oferecer. O círculo exterior de fortalezas estava intacto.

No início da conversa, Charles de Broqueville, o primeiro-ministro belga, disse a Churchill que esperava que a cidade resistisse pelo menos nos próximos dez dias, mas que os belgas não o fariam a partir do quarto dia se não fossem prometidos reforços ingleses. Na tentativa de evitar o pesadelo previsto por Kitchener, que imaginara um avanço alemão para Calais, Churchill ofereceu aos belgas não só a brigada de fuzileiros então estacionada em Dunquerque como as duas brigadas da Divisão Naval, que tinha sido criada em agosto e ainda estava em fase de instrução. Num telegrama para Kitchener, pedindo-lhe que autorizasse o envio imediato das três brigadas para ajudarem os belgas, Churchill escreveu: “É preciso enfatizar a necessidade de que esses homens deprimidos e exaustos coloquem suas almas nessa ação, ou tudo irá por água abaixo.”

Os primeiros 2 mil fuzileiros chegariam à Antuérpia na manhã seguinte. Churchill decidiu ficar na cidade para garantir uma operação harmoniosa com os belgas. Durante o dia, visitou os fortes e telegrafou a Kitchener dizendo que os defensores belgas estavam “exaustos e desmoralizados”. Nesse dia, enquanto os fuzileiros chegavam à Antuérpia, um telegrama de Kitchener o informou de que as brigadas navais recém-formadas podiam dirigir-se à cidade imediatamente.

Sentindo que sua presença podia ajudar a animar a defesa e a integrar os reforços britânicos, Churchill tomou uma medida extraordinária, telegrafando a Asquith no início da manhã de 5 de outubro e oferecendo-se para se demitir do cargo de primeiro-lorde “e comandar as forças de apoio e defesa na Antuérpia”. Ele impunha apenas uma condição: que lhe fosse “atribuído o posto e a autoridade necessários e os poderes totais de um comandante de uma força destacada para a Frente”. Considerava seu dever oferecer seus serviços desse

modo, “pois tenho certeza de que isso permitirá que haja melhores perspectivas de um resultado vitorioso num empreendimento em que estou profundamente envolvido”.

Asquith recusou a oferta de Churchill, mas ficou impressionado com a extensão dos seus esforços. “Winston conseguiu animar os belgas, que desistiram da ideia de se retirarem para Oostende e que resistem por tanto tempo quanto podem, confiantes em que iremos em seu auxílio”, escreveu ele a Venetia.

Nessa manhã, numa reunião do Gabinete, vários ministros pressionaram Asquith para que informasse quando Churchill voltaria. Ele leu então o telegrama de Churchill: “Lamento dizer que foi recebido com uma gargalhada homérica”, disse Asquith a Venetia. “W. é ex-tenente dos Hussardos, e, se sua proposta tivesse sido aceita, comandaria dois distintos maiores-generais, para não mencionar brigadeiros, coronéis etc. enquanto a Marinha contribui apenas com pequenas brigadas.” Consciente de que as “pequenas brigadas” eram as únicas forças britânicas disponíveis para defesa da Antuérpia, e sabendo que Churchill estivera intimamente envolvido com sistemas de guerra modernos nos quinze anos em que fora tenente, Kitchener disse a Asquith que estava preparado para nomeá-lo tenente-general. Porém, Asquith insistiu em que Churchill regressasse à Inglaterra o mais cedo possível.

Um general britânico, Henry Rawlinson, recebeu ordens para se dirigir à Antuérpia com sua divisão, mas Rawlinson informou a Kitchener de que levaria pelo menos três dias, talvez quatro, para chegar à cidade. Enquanto isso, o bombardeio dos fortes por parte dos alemães intensificou-se. “Considerando a situação e o desencadeamento do ataque alemão, é meu dever manter-me aqui e prosseguir em minha condução dos assuntos até ser substituído por alguém com poder”, telegrafou Churchill a Kitchener na tarde de 5 de outubro. “Se conseguirmos aguentar os próximos três dias, as perspectivas não são desfavoráveis, mas os belgas devem ser apoiados em sua tarefa, e minha presença aqui é necessária.”

Nessa noite, Churchill foi ao quartel-general da brigada de fuzileiros, que ficava perto de um dos fortes. Um correspondente de guerra italiano viu-o e escreveu: “Fumava tranquilamente um longo charuto e via o decorrer da batalha debaixo de uma chuva de projéteis no mínimo assustadora.” As duas brigadas navais eram esperadas na Antuérpia dentro de doze horas. Churchill reportou esse fato ao Conselho de Guerra belga, que ficou muito aliviado. “Encontrei ministros que resolveram ficar e lutar, aconteça o que acontecer”, informou a

Kitchener nessa noite.

Quando as brigadas navais chegaram, na manhã de 6 de outubro, Churchill notou que estavam esgotadas demais para desencadear uma ofensiva e acordou com os belgas que deveriam ocupar posições defensivas entre a linha de frente e a cidade. Inadvertidamente, uma unidade havia sido enviada imediatamente para a frente. Ao passar por eles no seu regresso, Churchill ordenou que voltassem às trincheiras mais atrás.

Ao meio-dia de 6 de outubro, havia 8 mil soldados britânicos na cidade. “Sob o estímulo de Winston, os belgas estão mantendo uma resistência resoluta”, disse Asquith a Venetia nesse dia. “Ele fez um bom trabalho ao animar e endurecer os belgas.” Asquith acrescentou que embora o general Rawlinson fosse chegar à cidade naquele dia, “Winston persistiu em se manter lá, o que deixa o Almirantado sem chefia, e tive de dizer-lhes (sem que, *entre nous*, eu tenha muita confiança nas capacidades do príncipe Louis e dos seus colaboradores) que passassem por mim todas as suas decisões”.

Nessa tarde, Rawlinson chegou à Antuérpia. Ele e Churchill foram juntos a um conselho de guerra dos belgas. Apesar de terem conseguido convencê-los de que havia mais reforços a caminho, incluindo 40 mil homens de Rawlinson que estavam desembarcando em Oostende, os belgas decidiram que a cidade devia ser abandonada. Em breve, os pesados canhões alemães estariam suficientemente perto para bombardearem o centro. Num telegrama a Kitchener, Churchill chamou a atenção para “o completo esgotamento e a iminente desmoralização” do exército belga.

Nessa noite, Churchill fez uma visita final às posições da linha de frente. Depois, deixando Rawlinson no comando, regressou a Londres durante a noite, via Oostende e Dover. Quando chegou em Dover, na manhã de 7 de outubro, Clementine estava dando à luz o terceiro filho, uma menina chamada Sarah. Depois de visitar mãe e filha, Churchill reuniu-se imediatamente com o Gabinete para fazer um relato dos três dias e meio que passara na Antuérpia. “Winston está em grande forma, e creio que apreciou verdadeiramente a aventura”, disse Asquith a Venetia.

É certamente uma das pessoas que poderíamos escolher para ir conosco à caça ao tigre, se bem que, como você muito verdadeiramente diz, ele devesse ter nascido nos séculos antes da especialização da caça. Ele estava preparado para dirigir a Bélgica, e de fato foi isso que fez durante dois dias — o Exército, a Marinha e o governo civil.

Ao escrever a Clementine da sala do Gabinete nessa manhã, Sir Edgar Grey disse-lhe que estava sentado ao lado de Churchill e “senti um brilho provocado pelo pensamento de que estava sentado ao lado de um herói. Não tenho palavras para dizer o quanto admiro sua coragem e sua genialidade para a guerra”.

Ainda nesse dia, Churchill foi falar com Asquith e, este disse a Venetia, “tornou-se muito confidente e implorou-me que não ‘encarasse de modo convencional’ seu futuro. Tendo, como ele diz, ‘saboreado sangue’ nesses últimos dias, quase parece um tigre à procura de mais e pediu que, mais cedo ou mais tarde, e quanto mais cedo melhor, seja liberado de seu atual cargo e receba um comando militar qualquer”. Churchill perguntou a Asquith se os novos exércitos de Kitchener, esses “reluzentes comandos, seriam entregues ao cuidado da ‘escória das trincheiras’ treinada segundo as táticas obsoletas de 25 anos antes”. Para ele, uma carreira política “não era nada se comparada à glória militar”. Ele estava, concluiu Asquith, “sendo muito sincero”.

Em 8 de outubro, a situação na Antuérpia se degradara a tal ponto que os 40 mil soldados britânicos enviados como reforço, que estavam a caminho da cidade, foram mandados recuar, e o comandante britânico dos fuzileiros e da Divisão Naval pediu autorização para retirada. Churchill telefonou imediatamente ao comandante e ordenou-lhe que “resistisse a qualquer preço”. Nessa noite, no entanto, estando a própria Antuérpia em chamas como resultado de bombardeios alemães, Churchill concordou que as tropas britânicas se retirassem. “O pobre Winston está muito deprimido, pois sente que a missão foi em vão”, disse Asquith a Venetia.

De fato, os seis dias extras de resistência desde que Churchill tinha convencido os belgas a não evacuarem a cidade permitiram que o exército inglês regressasse em segurança à costa do canal e que se reorganizasse em Flandres. A Antuérpia rendeu-se aos alemães na noite de 10 de outubro. “Essa última semana, que adiou a queda da Antuérpia pelo menos por sete dias e que impediu que os alemães juntassem suas forças, não foi em vão e pode ter sido de vital importância para Sir John French”, disse Asquith a Venetia.

Churchill voltou rapidamente à Antuérpia e passou ali três dias que se tornaram motivo de escárnio para os conservadores. Numa carta privada, Bonar Law, que nada sabia sobre o que motivara a anterior visita de Churchill ou seus efeitos no prolongamento da resistência da Antuérpia, escreveu que o episódio foi “totalmente estúpido” e que Churchill “parece ter uma mente desequilibrada, o que nesses tempos significa um perigo real”. O *Morning Post* chamou o envio de tropas britânicas para a Antuérpia de “um absurdo dispendioso, pelo qual o

sr. W. Churchill deve ser responsabilizado”. O *Daily Mail* chamou-lhe “um grave exemplo de desorganização que custou vidas valiosas”.

Durante a luta ao redor da Antuérpia morreram 57 defensores britânicos. A expressão “absurdo da Antuérpia”, como muitos chamaram o ocorrido, ficou inexoravelmente ligada ao nome de Churchill. Desconsolado, ele contou aos seus amigos mais chegados sua vontade de se demitir. Haldane tentou demovê-lo. “Você é único e inestimável para a nação, cheio de coragem e de recursos”, escreveu ele. “Não dê atenção aos loucos que escrevem e falam na imprensa. O que é importante é que a nação confia verdadeiramente em você.”

Churchill sentiu que a explosão de críticas tinha enfraquecido sua posição. “A Antuérpia foi um fracasso”, escreveu ele a Sir John French. “Alguns dos aspectos deram força aos meus inimigos, e talvez durante algum tempo minha capacidade de ser útil fique reduzida.”

Em 8 de outubro, no auge da luta pela Antuérpia, Churchill havia autorizado um de seus antigos instrutores de voo, Spenser Grey, a comandar uma missão de quatro aviões até a Colônia, que jogaram dezesseis bombas numa estação militar da estrada de ferro. No dia seguinte, um piloto do Real Serviço Aeronaval lançou duas bombas num zepelim estacionado em Düsseldorf, destruindo o interior do dirigível. De acordo com um relatório alemão de que Churchill tomou conhecimento naquele mês, “a ocorrência produziu grande consternação em Berlim, pois não acreditavam que um piloto britânico pudesse desencadear tais ataques”.

As forças alemãs chegaram a Oostende e começaram a deslocar-se para oeste. Em resposta a um apelo do Exército francês, Churchill ordenou um bombardeio naval à costa dominada pelos alemães, que seria iniciado em 17 de outubro. Ordenou também que uma pequena força dos fuzileiros e da milícia a cavalo, na qual servia seu irmão, fizesse uma série de surtidas a partir de Dunquerque em direção a Oostende, para assim tentar manter as linhas germânicas tão para leste quanto possível. “Meu coração marcha com você ao longo do caminho para Dunquerque”, escreveu ele ao irmão. “Ouvi o ruído dos obuses alemães durante quatro dias na Antuérpia e garanto-lhe que ficaria muito satisfeito se pudesse acompanhá-lo em sua caminhada”, acrescentou ele.

A ação combinada foi eficaz ao ajudar a deter o avanço germânico ao longo da costa do mar do Norte, mantendo uma pequena faixa da costa belga nas mãos dos Aliados durante o resto do ano. Contudo, Churchill estava frustrado pela falta de oportunidades de ação. Tanto ele quanto Asquith consideravam que o príncipe Louis tinha uma influência negativa no que dizia respeito às propostas

de ação; no final de outubro, Asquith disse a Venetia que ele e Churchill “tinham falado sobre a falta de iniciativa e de pensamento construtivo por parte dos atuais conselheiros navais”. Por exemplo, disse-lhe Asquith, nada tinha sido feito para produzir equipamentos de proteção contra submarinos. Para ele, o príncipe Louis “deve sair”.

Churchill queria que lorde Fisher , de 74 anos, fosse seu novo primeiro-lorde do Mar. “Estar em contato com você é como respirar ozônio”, escrevera ele a Fisher no dia de Ano-Novo de 1914. Apesar do feitio irascível de Fisher , Churchill tinha confiança em que sua energia revitalizasse a Marinha e ajudasse a levar à vitória. Numa audiência no palácio de Buckingham , no entanto, o rei disse a Churchill que se opunha à nomeação de Fisher , argumentando que o almirante era idoso e causador de divergências. Mais tarde, Fisher disse a um amigo: “Quando o rei disse a Winston e ao primeiro-ministro (para dissuadi-los!) que o cargo me mataria, Winston respondeu: ‘Sir, não consigo imaginar uma morte mais gloriosa!!!’ Não é encantador?”

Segundo uma nota elaborada pelo secretário privado do rei, Churchill respondeu à crítica com relação à idade de Fisher com uma leve insinuação de sua própria demissão, dizendo ao rei que “não lamentaria abandonar o Almirantado, pois o trabalho é muito desconfortável; queria ir para a guerra e lutar como um soldado”. Depois de ter consultado Asquith , o rei aceitou Fisher como primeiro-lorde do Mar. Churchill podia contar agora com um dedicado parceiro. O *Times* saudou a mudança, na convicção de que Fisher restringiria o poder de ação de Churchill. O rei avisou a Asquith de que Fisher “quase seguramente entrará em conflito com Churchill”, fazendo-o comentar com Venetia que tinha “alguns maus pressentimentos”.

Fisher regressou ao Almirantado como primeiro-lorde do Mar em 29 de outubro. Nesse mesmo dia, o *Goeben* e o *Breslau* , que tinham sido transferidos pelos alemães para o controle turco, bombardearam os portos de Odessa, Nikolaev e Sebastopol no mar Negro. O governo britânico enviou imediatamente um ultimato aos turcos, ordenando-lhes que expulsassem as missões militares e navais alemãs em Constantinopla e que retirassem todo o pessoal alemão dos dois navios de guerra. Os turcos se recusaram. Ao saber disso, Churchill pediu a Fisher que encarasse a possibilidade de bombardear os fortes do estreito de Dardanelos, dizendo-lhe que era “conveniente aplicar um bom golpe”.

Churchill queria estar preparado para entrar em ação. “Precisamos de meios para atacar”, disse a Fisher em 31 de outubro. O ultimato britânico expirava ao

meio-dia. Dois dias depois, tendo conseguido a aprovação de Fisher , Churchill ordenou ao vice-almirante Carden , que comandava as forças navais britânicas no Mediterrâneo Oriental, que bombardeasse os fortes exteriores do estreito de Dardanelos. “Devem se retirar antes que os fortes ataquem”, disse Churchill a Carden . No dia seguinte, foi realizado o bombardeio. Durou dez minutos. Um obus, ao atingir o depósito de munições do mais importante forte de Sedd el Bahr, destruiu quase todas as peças pesadas guardadas no local. Os danos nunca foram reparados.

O regresso de Fisher ao Almirantado coincidiu com o maior desastre naval britânico na guerra, marcado pelo afundamento de dois cruzadores ingleses ao largo de Coronel, na costa chilena do Pacífico, por um esquadrão naval germânico sob o comando do conde Von Spee. O almirante britânico, Sir Christopher Cradock , dispunha de um couraçado, o *Canopus* , que, apesar de mais lento do que o resto da frota, tinha poder de fogo suficiente para manter os navios alemães distantes. Por essa razão, o Almirantado tinha dado instruções para não afastarem o *Canopus* do restante da frota. Cradock não levou esta instrução em consideração, arriscando-se, como sucedeu, a uma derrota, à sua morte e à perda de 1.500 homens.

Desconhecendo os fatos, houve quem se apressasse para acusar Churchill pela derrota, mas o que mais se exigiu foi vingança. Asquith escreveu a Venetia: “Se o almirante tivesse seguido as instruções, não teria defrontado os alemães com uma força inferior. Como eu disse a Winston na noite passada (e ele não pode ser minimamente responsabilizado), é hora de quebrar alguns pratos.” Com o dinamismo de Fisher a espicaçá-lo, Churchill ordenou que uma força formidável se concentrasse contra o vitorioso Von Spee. Dentro de seis semanas, seu esquadrão foi localizado e destruído na batalha das Malvinas. À semelhança de Cradock ao largo de Coronel, Von Spee afundou-se junto com seu navio.

As tragédias da guerra começavam a atingir Churchill. No final de outubro, soube que seu primo, Norman Leslie, de 28 anos, tinha sido morto em Armentières. “Meu coração sangra por vocês”, escreveu ele à mãe de Norman, sua tia Leonie. “Devemos vencer a todo o custo. A vitória é maior bênção do que a vida, e sem ela a vida seria intolerável. O Exército britânico reviveu perante o mundo, em poucas semanas de guerra, as glórias de Azincourt, Blenheim e Waterloo, e Norman desempenhou seu papel. Depende de nós garantirmos que esses sacrifícios não tenham sido feitos em vão.”

Em 6 de novembro, Hugh Dawnay, amigo de Churchill, foi morto no saliente de Ypres. “O que aconteceria se súbita e simultaneamente os exércitos entrassem em greve e dissessem que deviam ser encontrados outros meios de resolver disputas?”, escreveu Churchill a Clementine nesse mês. “Entretanto, novas avalanches de homens se preparam para participar do conflito, que se alarga de hora em hora.”

O exército britânico lutava agora para manter uma linha em Flandres além da qual os alemães não pudessem passar. Com o estabelecimento dessa Frente Ocidental e das suas fortificações entre trincheiras, arame farpado e postos de metralhadoras, quase não passava uma semana sem que um ou mais amigos de Churchill fossem mortos. “Meu caro, estou sempre ansioso por sua causa”, escreveu ele em novembro ao irmão, que a essa altura estava em Ypres. “Minha dor desapareceria se pudesse estar contigo. Creio que teria muito medo, mas disfarçaria.”

Em 30 de novembro, Churchill fez 40 anos. Nessa semana, numa tentativa de confinar as discussões sobre a política da guerra ao mínimo de pessoas, Asquith criou um Conselho de Guerra composto por ele próprio, Lloyd George, Kitchener e Churchill. Numa reunião em 1º de dezembro, com a aprovação de Fisher, Churchill propôs um assalto britânico à ilha de Sylt, no mar do Norte. A ilha seria transformada numa base aérea britânica, da qual se controlariam quaisquer preparativos alemães para uma invasão à Grã-Bretanha, mantendo as movimentações da armada alemã sob constante observação e permitindo que os pilotos ingleses “lançassem bombas de poucos em poucos dias” sobre a Alemanha.

O Almirantado estava autorizado a examinar o plano em pormenores. “Mas não consigo encontrar ninguém que o coloque em prática com eficiência”, queixou-se Churchill a Fisher três semanas mais tarde. A situação da Grã-Bretanha, acrescentou Churchill, “é como eu já lhe disse, e como você mesmo disse, esperar ser atingida, perguntando-se quando e onde será”.

Nesse inverno, os pensamentos de Churchill não estavam apenas no mar do Norte. “Sua mente volátil está na Turquia e na Bulgária”, disse Asquith a Venetia em 5 de dezembro. “Ele quer organizar uma heroica aventura contra Galípoli e o estreito de Dardanelos, ao que me oponho.” Na esperança de persuadir a Grécia, então neutra, a juntar-se às potências da Entente e ir em auxílio à Sérvia, Churchill sugeriu que lhe fosse oferecida Constantinopla. Como primeiro passo para que a Grécia merecesse esse prêmio desejado há tanto tempo, previa a união do exército grego à Marinha britânica, num ataque

naval e militar à península de Galípoli.

Em 14 de dezembro, o exército sérvio expulsou os austríacos da cidade de Belgrado. Por enquanto não havia necessidade de ir em ajuda da Sérvia, mas logo surgiu uma nova esfera de possíveis operações militares, divulgada ao Conselho de Guerra num telegrama vindo da Rússia em 21 de dezembro. Esse telegrama chamava atenção para o fato de que o exército russo dispunha de pouquíssimas munições e necessitava urgentemente de um desvio do exército alemão a oeste. Churchill sugeriu uma iniciativa naval britânica e a captura da ilha dinamarquesa de Bornholm. A Dinamarca era um estado neutro, e Churchill tentou persuadi-la a juntar-se à Entente. Segundo seu plano, Bornholm seria uma base anglo-russa, o que permitiria às tropas britânicas atravessarem o Báltico e desembarcarem em Kiel, e às tropas russas, desembarcarem na costa alemã do Báltico, de onde poderiam marchar por terra até Berlim. “O Báltico é o único teatro de operações em que uma ação naval pode encurtar de modo significativo a guerra”, disse a Fisher em 22 de dezembro. “A Dinamarca deve juntar-se a nós e os russos devem entrar livremente em Berlim.”

Churchill trabalhou incansavelmente para estruturar um plano de campanha que pudesse apressar o fim da guerra, assistido por seu secretário no Almirantado, James Masterton-Smith , e por Edward Marsh . Em 22 de dezembro, Asquith disse a Venetia: “Escrevo da sala do Gabinete no início do crepúsculo e vejo através da janela a bandeira do Almirantado a flutuar e as luzes, ‘que começam a acender’, nas salas em que Winston e seus dois colaboradores (Eddie e Masterton) arquitetam seus planos.”

Um desses planos foi posto em prática no dia de Natal, quando sete aviões da Marinha atacaram os navios de guerra alemães que estavam na baía de Schillig, ao largo de Cuxhaven; à exceção de um, todos os pilotos regressaram. Quatro dias depois, numa carta a Asquith , Churchill reiterou seu plano para o Báltico, argumentando que não se conseguiria naquele momento qualquer progresso na Frente Ocidental, onde estavam sendo cavadas e fortificadas linhas de trincheiras desde o mar do Norte até a fronteira suíça. “Não há alternativa senão enviar nossos exércitos para mastigar arame farpado em Flandres?”, perguntou ele. “Além disso, a Marinha, com seu poderio, não pode ser utilizada mais diretamente para dominar o inimigo?” Quando os navios britânicos controlarem Bornholm, o exército russo pode desembarcar “a 140 quilômetros de Berlim”, disse ele.

Lloyd George também tentava encontrar uma zona de guerra alternativa à Frente Ocidental. Seu plano, que ele também apresentou a Asquith no final de

dezembro, consistia num desembarque britânico no porto grego de Salonica para estabelecer uma ligação com o exército sérvio. Pretendia também atacar na Turquia, desembarcando 100 mil homens na costa da Síria. Isso, explicou, aliviaria a pressão turca sobre a Rússia no Cáucaso.

Nessa semana, o secretário do Conselho de Guerra , Maurice Hankey, ex-coronel dos fuzileiros, sugeriu que a Alemanha “pode ser atacada de modo mais eficaz, e com os mais duradouros resultados para a paz no mundo, por intermédio de seus aliados, em particular a Turquia”. “Uma combinação de três corpos do Exército britânico com tropas gregas e búlgaras, deveria ser suficiente para ocupar Constantinopla”, escreveu ele. Fisher ficou tão impressionado com a proposta de Hankey, que enviou a Churchill um plano em oito pontos para a derrota da Turquia e da Áustria-Hungria. O plano incluía o desembarque de 75 mil soldados britânicos na baía de Besika, pouco ao sul do estreito de Dardanelos, um desembarque grego na península de Galípoli e um ataque naval para pressionar o estreito com velhos couraçados. “Acho que o ataque à Turquia dará resultados”, escreveu Fisher a Churchill em 3 de janeiro de 1915. “Mas somente se for desencadeado já.”

No dia anterior, inesperadamente, a opção turca se tornara mais atrativa e urgente quando Grey recebeu um telegrama do embaixador britânico na Rússia, informando que o exército russo, muito pressionado pelos turcos no Cáucaso, queria que os britânicos fizessem “qualquer tipo de demonstração contra os turcos em outro local, tanto naval quanto militar”, para obrigá-los a deslocarem algumas de suas forças que estavam no Cáucaso. Grey enviou esse apelo a Kitchener , que escreveu imediatamente a Churchill: “Na sua opinião, será possível desencadear operações navais para impedir que os turcos enviem mais tropas para o Cáucaso?”

Antes que Churchill pudesse responder, Kitchener foi visitá-lo no Almirantado. “Não poderíamos fazer alguma demonstração no estreito de Dardanelos?”, perguntou-lhe. Churchill respondeu que um ataque naval seria ineficaz, mas um ataque combinado, militar e naval já seria diferente. Kitchener regressou ao Gabinete de Guerra para consultar seus conselheiros, mas eles foram inflexíveis na decisão de que não poderiam ceder tropas para essa ação. “Não estaremos preparados para nenhuma ação de grande proporção durante vários meses”, disse Kitchener a Churchill, mas continuou a expressar sua convicção de que “o único local” onde uma demonstração poderia “ter algum efeito para estancar os reforços que se dirigem para leste seriam o estreito de Dardanelos”, em especial se fossem divulgados relatórios com a informação de

que Constantinopla estava sendo ameaçada.

Churchill convocou seus conselheiros para discutirem uma possível demonstração naval no estreito de Dardanelos. Houve ceticismo geral, partilhado por ele, sobre a eficácia de apenas um ataque naval. De qualquer modo, um ataque desse tipo precisaria ser realizado com velhos couraçados que não fossem necessários no mar do Norte. Churchill telegrafou então ao almirante Carden , cujos navios ainda bloqueavam os Dardanelos:

Acha que seria praticável forçar o estreito de Dardanelos apenas com navios? Seriam utilizados velhos couraçados equipados com proteções contra minas, precedidos de navios carvoeiros ou outros navios mercantes que poderão servir como proteção ou como navios-varredores. A importância do resultado justifica as pesadas perdas. Diga-me o que pensa sobre isso.

No entanto, Churchill sentia que, à semelhança do que tinha feito uma semana antes, a principal contribuição da Marinha para a vitória seria capturar uma ilha alemã na costa do mar do Norte; na época, tinha sugerido Sylt, mas agora sugeria Borkum. Em 3 de janeiro, enquanto aguardava que Carden respondesse sobre o estreito de Dardanelos, propôs março ou abril como data para a ação, tendo escrito uma carta privada a Fisher : “Borkum é a chave para todas as possibilidades no norte, quer defensivas, contra ataques ou invasões, quer ofensivas para bloquear o inimigo ou invadir tanto Oldemburgo quanto Schleswig-Holstein.” Uma divisão de infantaria deveria ser encarregada pelo Ministério da Guerra da captura de Borkum. Quanto ao plano de Fisher sobre uma invasão à Turquia, “eu não resistiria em dar 100 mil homens, devido ao grande efeito político na península dos Bálcãs, mas o inimigo é a Alemanha, e não é bom fazer guerra procurando vitórias baratas e inimigos fáceis”.

Fisher tentou conseguir o apoio de Balfour para a invasão à Turquia. “As vantagens navais da posse de Constantinopla e a obtenção de trigo do mar Negro são tão importantes que considero vital, imperativo e urgente o plano do coronel Hankey para a operação na Turquia”, escreveu-lhe em 4 de janeiro. No dia seguinte, o almirante Carden respondeu à pergunta sobre um possível ataque naval no estreito de Dardanelos. Para a surpresa do Almirantado, não resistiu à ideia. Sua resposta foi breve e positiva: “Em resposta ao seu telegrama do dia 3, não considero que o estreito possa ser tomado de assalto”, escreveu ele. “Eles devem ser forçados por meio de operações extensas com a utilização de muitos navios.”

O Conselho de Guerra reuniu-se nessa tarde. Churchill ainda desejava levar em frente seu plano para o mar do Norte e queria marcar uma data. Depois da reunião, Asquith enviou a Venetia um resumo dos planos que tinham sido propostos: Churchill defendia a captura de Borkum e um desembarque militar perto do canal de Kiel; Lloyd George era a favor de um desembarque em Salonica ou na costa dalmata da Áustria-Hungria; F. E. Smith enviara ao conselho um plano para desembarcar uma força britânica na costa turca, perto de Esmirna; e Kitchener era a favor de “Galípoli e Constantinopla”.

Em apoio ao pedido russo, Kitchener pressionou seus colegas do Conselho de Guerra a aprovarem uma ação no estreito de Dardanelos. Churchill leu-lhes então o telegrama de Carden , que aparentemente contemplava a possibilidade de usar apenas navios no estreito, permitindo assim que os navios de guerra britânicos alcançassem Constantinopla. Ao regressar ao Almirantado, Churchill tomou conhecimento de que seus principais conselheiros navais partilhavam dos pontos de vista de Carden , que sugerira que um bombardeio naval dos fortes turcos poderia ser eficaz. O bombardeio anterior, em 3 de novembro, impressionara a todos eles. “Altas autoridades aqui concordam com seu ponto de vista”, telegrafou Churchill a Carden em 6 de janeiro. “Por favor, envie-me um telegrama com os pormenores sobre o que pensa que pode ser feito por meio de operações extensas, que força será necessária e como considera que deve ser usada.”

O ataque naval aos Dardanelos tornou-se então uma questão de planejamento e de pormenores, mas Churchill continuava a considerar seu plano para o mar do Norte como uma iniciativa naval potencialmente eficaz e apresentou-o em detalhes numa reunião do Conselho de Guerra em 7 de janeiro. Fisher apoiou-o, dizendo ao conselho que a Marinha devia estar pronta para capturar Borkum dentro de três meses. Kitchener concordou em alocar uma divisão para participar do desembarque. “W. insistiu em seu esquema para capturar a base em Borkum”, disse Asquith a Venetia. “É um ataque de peso, muito fortificado, e os preparativos levarão até o fim de março. Demos-lhe autoridade para fazê-los.”

Na Frente Ocidental, as condições do combate de trincheiras pioravam com a continuação do inverno. Ao ler uma proposta de Hankey para uma máquina que pudesse atravessar as trincheiras, a imaginação de Churchill agitou-se. Em 5 de janeiro, escreveu a Asquith :

Seria bastante fácil conseguir, em pouco tempo, tratores a vapor com áreas

de proteção blindadas nas quais se poderiam colocar homens e metralhadoras. Usados à noite, não seriam afetados por fogo de artilharia. O sistema de esteira permitiria atravessar as trincheiras e o peso das máquinas destruiria todos os obstáculos de arame farpado. Quarenta ou cinquenta dessas máquinas, preparadas secretamente e colocadas em posição ao cair da noite, poderiam quase certamente avançar para as trincheiras inimigas, esmagando todos os obstáculos e varrendo as trincheiras com suas metralhadoras e com granadas lançadas por cima. Conseguiriam assim muitos *points d'appui* para que as tropas de apoio da infantaria britânica pudessem avançar e reunir-se a eles. Podem então continuar para atacar a segunda linha de trincheiras.

Churchill queria que Asquith autorizasse os gastos necessários à preparação de um protótipo. “O custo seria reduzido”, escreveu-lhe. “Se a experiência não der resultado, que prejuízo provocará? Uma óbvia medida de prudência teria sido iniciar algo desse tipo há dois meses, mas seguramente devemos fazê-lo agora.” Asquith enviou a carta de Churchill a Kitchener, que iniciou alguns projetos no Ministério da Guerra. Isso não satisfez Churchill, que sentia que as autoridades militares não estavam verdadeiramente convencidas nem de que a máquina podia ser produzida nem de que seria útil quando estivesse pronta.

O impasse e as pesadas baixas na guerra de trincheiras continuavam. Em 7 de janeiro, dois dias depois de sua proposta para a produção do que em devido tempo se tornaria uma nova arma de guerra, Churchill voltou a escrever a Asquith acerca da Frente Ocidental. “Não deveríamos manter uma linha mais confortável, seca e habitável, mesmo que tenhamos de recuar uns quilômetros?”, perguntou ele. “Nossas tropas estão apodrecendo.” No dia seguinte, na reunião do Conselho de Guerra, Lloyd George insistiu em que se fizessem desembarques militares na costa adriática da Áustria-Hungria. Kitchener opôs-se, sublinhando novamente que “o objetivo mais conveniente” de qualquer nova ação militar era o estreito de Dardanelos, onde “poderia ser feito com a cooperação da esquadra”. Se tivesse sucesso, explicou, “restabeleceria comunicação com a Rússia, resolveria a questão do Oriente Próximo, conseguiria a cooperação da Grécia e talvez da Bulgária e da Romênia e libertaria trigo e navios atualmente bloqueados no mar Negro”.

A sugestão de Kitchener para um assalto militar e naval ao estreito foi apoiada por Hankey. Para ele, uma ação bem-sucedida “garantiria o Danúbio como linha de comunicação para qualquer exército que penetrasse no coração da Áustria e permitiria que nosso poderio naval pressionasse o centro da Europa”. Churchill,

apesar de disposto a “estudar” essas operações, defendeu energicamente seu conceito báltico, enfatizando que era possível persuadir os holandeses a entrarem na guerra ao lado da Entente, providenciando assim uma base naval britânica no mar do Norte, “sem que seja preciso lutar para consegui-la”. Isso permitiria também que os exércitos britânicos avançassem pelo território holandês rumo ao coração industrial da Alemanha. Somente depois de esgotadas as “possibilidades do norte”, escreveu ele em 11 de janeiro a Sir John French , “considerarei o sul da Europa para um vantajoso emprego de nossas forças militares em expansão”.

No entanto, o almirante Fisher , conselheiro naval sênior de Churchill, estava cada vez mais voltado para as possibilidades do teatro de operações turco. “Se os gregos desembarcarem 100 mil homens na península de Galípoli em sintonia com um ataque naval britânico ao estreito de Dardanelos, podemos contar com uma fácil e rápida chegada a Constantinopla”, escreveu Fisher a um amigo.

Apesar desses debates cruciais diários, Churchill conseguiu encontrar algum tempo para se descontraír. Em 10 e 11 de janeiro, Clementine e ele foram convidados de um par liberal, lorde Beauchamp , ao castelo de Walmer, na costa de Kent, onde Asquith também se encontrava. Ao falarem da guerra, Churchill disse, segundo anotou Margot Asquith em seu diário:

Meu Deus! Isso é história ao vivo. Tudo o que fazemos ou dizemos é emocionante! Será lido por mil gerações, pensem nisso! Eu não ficaria fora dessa gloriosa e deliciosa guerra por nada neste mundo (seus olhos brilhavam, mas com uma pequena ansiedade na palavra “deliciosa” me impressionava). Por favor, não repitam a palavra “deliciosa”... Sabem bem o que eu quis dizer.

A família Asquith estava fascinada com Churchill; por vezes, eram seus mais inflexíveis críticos, por outras, seus mais calorosos admiradores. Dois meses antes, Asquith tinha enviado a Venetia uma breve descrição de Churchill: “Muita gente considera Winston repelente, mas seus olhos, quando está realmente interessado, têm o brilho da genialidade.” Em outra ocasião, ao refletir sobre o caráter e as qualidades de Churchill, citou uma descrição de genialidade feita por Edward Grey : “Um raio de luz, em ziguezague, a atravessar o cérebro.”

Em 12 de janeiro, o grupo de guerra de Churchill no Almirantado, chefiado por Fisher , recebeu um telegrama de Carden com pormenores do seu plano para forçar o estreito de Dardanelos, sugerindo que podia ser iniciado no prazo

de um mês. Carden fizera uma lista do que seria necessário e tratava-se apenas de excedentes de materiais navais que os ingleses não necessitavam em outros locais, incluindo quatro couraçados lançados ao mar antes de 1906 e que já não tinham qualquer uso no mar do Norte. Fisher estava tão entusiasmado com a ideia de utilizar apenas navios que propôs que se acrescentasse o *Queen Elizabeth*, o mais moderno de todos os couraçados britânicos, cujos canhões de quinze polegadas ainda não tinham disparado. Seriam experimentados em Gibraltar, mas melhor ainda, sugeriu Fisher, seria dispará-los contra os fortes do estreito de Dardanelos.

De repente, Churchill viu-se atraído pela ideia de ver o *Queen Elizabeth* em ação. Pela primeira vez, imaginou as perspectivas que poderiam se abrir quando um navio de guerra tão poderoso estivesse no mar de Mármara. O *Goeben* e o *Breslau* seriam ultrapassados em poder de fogo; Constantinopla ficaria à mercê da Inglaterra; Enver Pasha, agora ministro da Guerra, que se encontrara com Churchill antes da guerra tanto nas manobras do exército alemão quanto em Wurzburg e em Constantinopla, abandonaria a causa alemã. Churchill explicou tudo isso ao Conselho de Guerra na tarde de 13 de janeiro. De acordo com as minutas da reunião, Lloyd George “gostou do plano”, assim como Kitchener. Asquith ouviu enquanto dava atenção também a outras ideias; Grey queria que fosse feito um desembarque em Cattaro, no Adriático, para persuadir a Itália a juntar-se à Entente anglo-francesa. Lloyd George voltou à ideia de um desembarque em Salonica. Churchill apresentou mais uma vez seu plano para aquilo que as minutas da reunião chamaram de “ação na Holanda”.

“Mantive um silêncio ininterrupto até o fim, quando decidi intervir com minhas conclusões”, disse Asquith a Venetia. Eram duas: que o Almirantado deveria considerar “imediatamente” a possibilidade de uma ação naval em Cattaro ou em qualquer outro local no Adriático, “com o intuito (*inter alia*) de pressionar a Itália”, e que o Almirantado “deveria preparar-se para uma expedição naval em fevereiro para bombardear e ocupar a península de Galípoli, tendo Constantinopla como objetivo”.

O planejamento da “expedição naval” começou imediatamente. Os navios solicitados por Garden foram preparados, e o estaleiro de Malta montaria neles sistemas varredores de minas. Seria estabelecido um local de aterrissagem para os aviões na ilha grega de Tênedos, que ficava perto do estreito. A pedido de Fisher, Churchill convenceu Asquith a desistir do plano do Adriático. O ataque naval ao estreito “exigirá praticamente todos os recursos disponíveis”, explicou ele. O sucesso na ação, segundo Fisher, “produzirá resultados que sem dúvida

influenciarão todas as potências no Mediterrâneo”.

No dia seguinte, o entusiasmo e o apoio construtivo que Fisher demonstrara já esmorecia, e ele quis que a flotilha de contratorpedeiros, já sob o comando de Carden, fosse substituída por navios franceses. Quando um submarino australiano chegou ao estreito de Dardanelos e juntou-se à esquadra de Carden, ele considerou que era “indesculpável desperdiçá-lo com os turcos”. Escreveu, então, a Jellicoe, falando sobre a necessidade da ação de 200 mil soldados “junto com a Esquadra”; se não for assim, declarou ele, “abominarei a ação no estreito”. Churchill, que tinha escolhido Fisher para fortalecer as iniciativas de guerra do Almirantado, considerava agora que a conduta dele era bizarra e perturbadora. Outros viam claramente o perigo que Fisher representava. “Está velho, desgastado e nervoso”, escreveu em seu diário, em 19 de janeiro, o capitão Richmond, diretor adjunto de operações no Almirantado. “É nocivo ter o destino de um império nas mãos de um ancião enfraquecido, ansioso por popularidade e receoso de qualquer contratempo que possa ser atribuído às suas determinações.”

Em 25 de janeiro, numa carta para Churchill, Fisher pôs seu cargo à disposição. Já o tinha feito uma vez, em protesto à recusa do governo a fuzilar prisioneiros de guerra alemães como represália pelos ataques de zepelins à Inglaterra. Agora era o envio de velhos navios para o estreito de Dardanelos que o provocava, “pois não podem ser perdidos sem que se percam homens, e eles são a única reserva que apoia a Grande Esquadra”. Churchill respondeu que os navios excedentes seriam usados em operações auxiliares e que “com cuidado e perícia, as perdas podem ser reduzidas ao mínimo”. “Você e eu seremos muito mais fortes se estivermos juntos”, escreveu ele ao fim da carta.

Fisher queria que seu protesto e a resposta de Churchill fossem divulgados ao Conselho de Guerra, mas Asquith não permitiria. Enquanto isso, os navios que Carden queria estavam a caminho, vindos da América do Sul, de Santa Helena, do Ceilão e do Egito. Ao todo, foram-lhe enviados treze navios, incluindo não só o *Queen Elizabeth*, que Fisher tinha sugerido, mas mais dois que sugerira depois, apesar de sua carta de protesto: o *Lord Nelson* e o *Agamemnon*.

Em 26 de janeiro, Churchill conseguiu o apoio do governo francês e sua participação no bombardeio no estreito. Então, poucas horas antes da reunião do Conselho de Guerra para que fosse dada a aprovação final, Fisher escreveu a Asquith dizendo que era contra os planos, a menos que houvesse “cooperação militar”. Ele não estaria presente nessa reunião do Conselho de Guerra. Vinte minutos antes da reunião, Churchill persuadiu Fisher a ir com ele falar com

Asquith. Nesse encontro, Asquith foi claro, dizendo que “a ação precisa prosseguir”. Porém, na reunião, na qual finalmente concordou em estar presente, Fisher levantou-se subitamente e tentou abandonar a sala. Kitchener , ao ver que ele tentava sair, seguiu-o até a porta e perguntou-lhe o que pretendia fazer. Fisher respondeu, como o próprio recordou mais tarde, falando na terceira pessoa, “que não regressaria à mesa da reunião e que se demitia do cargo de primeiro-lorde do Mar”. Kitchener disse então que Fisher era “o único dissidente e que a operação tinha sido decidida pelo primeiro-ministro”.

Fisher concordou em voltar à mesa do conselho a tempo de ouvir Asquith perguntar que grau de importância os membros atribuíam à operação no estreito de Dardanelos. Kitchener , que foi o primeiro a falar, disse que considerava o ataque naval “de vital importância”. Se tivesse sucesso, “seus efeitos seriam equivalentes aos resultados de uma campanha bem-sucedida utilizando novos exércitos”. Balfour , convidado a dar sua opinião na condição de ex-primeiro-ministro, disse ao conselho que um ataque bem-sucedido não só “coloca Constantinopla sob nosso controle” como também “abre uma passagem para o Danúbio”. “É difícil imaginar uma operação de maior sucesso”, acrescentou ele. Grey também estava entusiasmado e disse ao Conselho de Guerra que um bom resultado no estreito “finalmente decidiria a atitude da Bulgária e dos Bálcãs”. Os turcos, disse Grey , ficariam “paralisados de medo quando souberem que os fortes estão sendo destruídos um por um”.

Fisher voltou a mudar de opinião, dizendo a Churchill, quando a reunião terminou, que apoiaria o ataque naval. “Quando por fim decidi fazer parte, sabia que o faria até o fim, *totus porcus*”, disse a uma comissão de inquérito dois anos depois. Esperava-se começar o bombardeio do estreito de Dardanelos em meados de fevereiro, mas o atraso na chegada dos navios-varredores adiou a operação. Nesse momento, os conselheiros de Churchill começaram a dizer que era necessária uma força militar que desse prosseguimento ao sucesso naval, fazendo um desembarque na península de Galípoli. Essa fora a ideia original de Churchill, que agora Asquith e Hankey aprovavam.

Mas onde buscariam essas tropas? A única divisão de tropas regulares disponível, a 29ª Divisão, seria enviada para Salonica com o intuito de ajudar a Sérvia. Contudo, numa reunião de emergência do Conselho de Guerra em 16 de fevereiro, soube-se que o rei grego Constantino, parente do Kaiser , afirmara que não permitiria que tropas britânicas desembarcassem em solo grego. Dessa forma, a 29ª Divisão estava livre para desembarcar em Galípoli. O Conselho de Guerra aprovou esse plano com entusiasmo e concordou também com o envio

de tropas australianas e neozelandesas — que estavam no Egito e se deslocavam para a França — para a ilha de Lemnos, como apoio à operação em Galípoli. Churchill recebeu instruções para preparar o transporte dessas tropas.

O ataque no estreito de Dardanelos era agora uma operação militar e naval conjunta. “Siga em frente”, disse Kitchener a Churchill. “Eu conseguirei os homens.” Se a operação naval “prosperar”, escreveu Churchill a Kitchener, “será possível conquistar enormes vantagens, mas não sem a ajuda militar”. Pelo menos 50 mil homens teriam de estar disponíveis no prazo de três dias, “tanto para ocupar a península de Galípoli quando for evacuada quanto para ocupar Constantinopla se houver uma revolução. Nunca nos perdoaremos se a operação naval tiver sucesso e seus frutos se perderem com a ausência do Exército”.

Tudo parecia estar decidido; três dias depois, na manhã de 19 de fevereiro, o almirante Carden iniciou os bombardeios aos fortes exteriores no estreito de Dardanelos, uma ação preliminar essencial para forçar a passagem. Nessa tarde, o Conselho de Guerra reuniu-se para fazer o envio da 29ª Divisão para o Mediterrâneo Oriental, mas Kitchener disse que, em função de notícias recentes sobre a derrota dos russos na Prússia Oriental, a 29ª Divisão poderia ser necessária na França. Trinta mil soldados australianos e neozelandeses então estacionados no Egito seriam alocados para apoiar o ataque naval no estreito.

Lloyd George, Asquith e Grey insistiram que a 29ª Divisão deveria ser enviada para o Mediterrâneo Oriental. Não se chegou a nenhuma decisão. Na manhã seguinte, Carden comunicou que, apesar de não ter havido golpes diretos no armamento turco em 19 de fevereiro, os depósitos de munições de dois dos fortes tinham sido explodidos. Depois, ventos fortes e pouca visibilidade tornaram os bombardeios impossíveis durante quatro dias.

Num jantar na terceira semana de fevereiro, dando seguimento às ideias que tinha expressado a Asquith no início do ano, Churchill ficou impressionado com uma proposta que lhe foi feita pelo major Thomas Hetherington, que estava destacado para a Real Divisão Aeronaval no Almirantado, de exercícios experimentais para a construção de um veículo blindado que transportasse armamento e pudesse ultrapassar obstáculos, trincheiras e arame farpado. Churchill pediu imediatamente ao diretor de construção naval do Almirantado, o capitão Eustace Tennyson D'Eyncourt, que tentasse projetar um “navio terrestre” com essas características. Para confundir supostos espões, chamou os veículos de “caixas d'água para a Rússia”, mas, quando foi sugerido que

poderiam vir a ser conhecidos como “banheiros para a Rússia”, o nome foi mudado para “tanques de água” e abreviado para “tanques”.

Em 20 de fevereiro, Churchill convocou uma reunião do Almirantado para discutir os melhores métodos de proceder com os testes. Como sofria de uma forte gripe, a reunião realizou-se em seu quarto. Como resultado, foi formada uma Comissão para o Navio Terrestre, presidida por D'Eyncourt . A primeira reunião foi realizada dois dias depois, quando ele apresentou suas propostas a Churchill, que as aceitou “realizar conforme proposto e com toda a urgência”. Foi feita uma encomenda do primeiro tanque a uma empresa de engenharia agrícola, que sugeriu que se utilizasse um trator como modelo para a primeira máquina. Tendo conseguido a aprovação de Asquith para as primeiras experiências, Churchill atribuiu à comissão a soma de 70 mil libras de fundos do Almirantado para que prosseguissem o mais rapidamente possível.

Quando os primeiros modelos foram apresentados, em 9 de março, Churchill mandou que prosseguissem nos desenvolvimentos. Doze dias depois, D'Eyncourt perguntou se podia construir dezoito protótipos diferentes. Churchill aprovou. “Muito urgente. Enviem-me relatórios se houver atrasos”, dizia sua minuta. No relatório que elaborou depois da guerra, a Real Comissão de Invenções de Guerra disse ao Parlamento que “se deveu principalmente à receptividade, à coragem e ao impulso” de Churchill a concretização da ideia de utilizar tanques como instrumentos de guerra.

Com a opção turca ainda dominando as discussões do Conselho de Guerra na terceira semana de fevereiro, Churchill continuou a pressionar Kitchener para que enviasse tropas do Egito para o mar Egeu. “A operação no estreito de Dardanelos pode decorrer de forma muito mais acelerada do que se previa”, escreveu Churchill em 20 de fevereiro. Nesse caso, seria “vital” que houvesse homens suficientes para bloquear a península no ponto mais estreito, as linhas de Bulair. Quatro dias depois, no entanto, Kitchener disse ao Conselho de Guerra que, se a esquadra conseguisse silenciar os fortes, a guarnição turca em Galípoli “provavelmente se retiraria”, em vez de correr um “risco de isolamento”.

Uma vez mais, Churchill pediu que a 29ª Divisão fosse enviada para o estreito. Com um número relativamente pequeno de tropas — 18 mil homens da 29ª Divisão, 30 mil australianos então no Egito, 8.500 homens da Divisão Aeronaval a caminho do Mediterrâneo Oriental e 18 mil soldados franceses —, poderiam “chegar a Constantinopla no final de março”. Ao mesmo tempo, se o

ataque naval fosse “temporariamente atrasado pelas minas”, seriam necessárias tropas para “algumas operações militares” na própria península. Porém, Kitchener tinha tão baixa consideração pelas tropas turcas que disse ao Conselho de Guerra , em 24 de fevereiro, que não seriam necessárias tropas. Para ele, antes mesmo que forçassem a passagem pelo estreito, aos primeiros sinais de que os fortes estavam sendo “silenciados um por um”, a guarnição turca da península fugiria para a Ásia enquanto a guarnição de Constantinopla, o sultão e até o exército turco na Trácia “fugirão também para as costas asiáticas”. Kitchener estava inflexível; a rendição da Turquia seria conseguida apenas com o armamento naval britânico. Não eram necessárias tropas.

Kitchener estava tão convencido de que os turcos abandonariam a península de Galípoli sob o impacto da artilharia naval que quando Asquith lhe perguntou se as tropas australianas e neozelandesas “eram suficientemente boas” para uma operação de guerra tão importante, ele respondeu que “seriam suficientemente boas se fosse apenas um passeio pelas águas do mar de Mármara”. Asquith tentou persuadi-lo a permitir que os 18 mil homens da 29ª Divisão fossem enviados para o estreito, mas em vão. “Temos de correr muitos riscos na guerra”, explicou a Venetia assim que terminou a reunião do Conselho de Guerra . “Estou plenamente convencido de que a chance de forçar a passagem pelo estreito, de ocupar Constantinopla, de dividir a Turquia em duas e de colocar do nosso lado toda a península dos Bálcãs apresenta uma oportunidade tão soberana que devemos arriscar muito em outros locais sem desperdiçá-la”, escreveu ele.

Apesar da insistência de Asquith , Kitchener recusou-se a ceder a 29ª Divisão para o ataque no estreito de Dardanelos. Desapontado, Churchill regressou ao Almirantado e telegrafou a Carden para confirmar que deveria forçar a passagem pelo estreito “sem assistência militar”. Se a operação tivesse sucesso, acrescentou Churchill, seria disponibilizada uma ampla força militar para “colher os frutos”.

O bombardeio naval foi desencadeado em 25 de fevereiro, silenciando quatro fortes exteriores. Enquanto Carden fazia planos para limpar os campos de minas e destruir os fortes intermediários no começo de março, um novo apelo de Churchill pelo envio de tropas era recusado; Kitchener disse ao Conselho de Guerra , em 26 de fevereiro, que não disponibilizaria a 29ª Divisão. Para ele, os turcos não eram um inimigo a temer. “Toda a situação em Constantinopla poderá mudar no momento em que a esquadra garantir uma passagem pelo estreito”, disse ele.

A confiança de Kitchener na fraqueza turca foi um fator decisivo nos acontecimentos seguintes. Mais uma vez, houve uma discussão complicada. Hankey apoiou Churchill, insistindo na necessidade de tropas, “para limpar a península de Galípoli”. Lloyd George também apoiou Churchill, dizendo ao Conselho de Guerra que duvidava de que se conseguisse uma vitória tão fácil quanto Kitchener imaginava, mas Balfour e Grey apoiaram Kitchener, sendo Grey particularmente mordaz acerca dos turcos.

As minutas registram que Churchill, zangado, disse ao Conselho de Guerra : “A 29ª Divisão não será a diferença entre fracasso e sucesso na França, mas pode ser no Oriente. Quero que fique registrado que discordo globalmente da retenção da 29ª Divisão neste país. Se ocorrer um desastre na Turquia devido à insuficiência de tropas, não poderão atribuir a mim qualquer responsabilidade.”

A contestação de Churchill foi em vão. “Aceitamos os pontos de vista de K. em relação à situação imediata, para a imensa e manifesta indignação de Winston”, escreveu Asquith a Venetia. Disse-lhe também que tinha ficado tão zangado com os modos de Churchill, que descreveu como “barulhentos, retóricos, indelicados e destemperados”, que tomou a inusitada atitude de chamá-lo ao seu gabinete, tendo falado com ele “para seu próprio bem”. Percebendo que seu senso de urgência não era amplamente partilhado, Churchill escreveu nessa noite ao irmão, que prestava serviço na França:

A capacidade de correr riscos está cada vez mais escassa. Só se fala em segurança. A guerra está entrando num caminho sombrio, e é evidente que nos esperam sofrimento e luta. O limitado resto de vida e de energia que ainda possuo não tem grande préstimo para influenciar outros nesses difíceis momentos. Sigo em frente com dificuldade.

Em 28 de fevereiro, Churchill soube por intermédio do comandante-chefe russo, o grão-duque Nicolau, que a Rússia enviaria 47 mil homens para atacarem Constantinopla a partir do mar Negro assim que a esquadra de Carden forçasse passagem pelo estreito de Dardanelos. A confiança de Churchill renasceu. “Se atravessarmos o estreito, como agora se mostra provável, não nos contentaremos com nada menos do que a rendição de tudo o que é turco na Europa”, disse a Grey. “Lembrem-se de que Constantinopla é apenas um meio para um fim. O único fim é a marcha dos estados dos Bálcãs contra as potências centrais”, acrescentou ele.

Em 1º de março, houve mais motivos para que os britânicos se sentissem

otimistas, pois os gregos se ofereceram para enviar 60 mil soldados contra a Turquia. De repente, a 29ª Divisão já não parecia tão essencial. “Winston está muito entusiasmado com o estreito de Dardanelos”, disse Asquith a Venetia. Nesse dia, imediatamente depois do bombardeio naval, um pequeno grupo de fuzileiros navais desembarcou à entrada do estreito e destruiu trinta peças de artilharia turcas, quatro metralhadoras e dois holofotes, regressando em segurança ao seu navio. Quando, em 3 de março, o Conselho de Guerra discutiu a captura de Constantinopla e o futuro da Turquia, era como se Carden já tivesse chegado ao mar de Mármara. Houve uma animação geral ao imaginarem os estados dos Bálcãs, depois de seu regresso do território turco, dirigindo seus exércitos contra a Áustria-Hungria. Churchill chegou ao ponto de sugerir que a Inglaterra “contratasse os exércitos turcos como mercenários”.

Havia um motivo por trás da sugestão. Para Churchill, a participação militar dos estados dos Bálcãs e até de soldados turcos contra a Áustria libertaria tropas britânicas para o que ele considerava ser a verdadeira linha de avanço para a vitória. Segundo as minutas do Conselho de Guerra, ele mantinha opinião de que a verdadeira linha de estratégia era avançar para o norte através da Holanda e do Báltico. As operações no Oriente “devem ser encaradas como um mero interlúdio”.

Churchill esperava com ansiedade pelo ataque naval. Enquanto isso, os russos, desesperados para ocuparem Constantinopla, anunciaram que não autorizavam uma participação militar grega na campanha, temendo que os gregos ocupassem Constantinopla. Foi um duro golpe, assim como as notícias de Carden de que os obuses turcos nas costas do estreito tinham obrigado o *Queen Elizabeth* a afastar-se dos fortes intermediários. O reconhecimento aéreo também não tinha sido eficaz, pois problemas nos motores tinham impedido que os hidroaviões voassem suficientemente alto para localizar os obuses móveis.

A primeira tentativa de forçar passagem pelo estreito realizou-se em 18 de março. Oito dias antes, para espanto de todos no Conselho de Guerra, Kitchener, que duas semanas antes se recusara terminantemente a ceder a 29ª Divisão para o ataque no estreito de Dardanelos, anunciou que a situação na Frente Oriental já não apresentava perigo e que a 29ª Divisão podia partir. No entanto, Carden informara que estava confiante que, quando estivesse terminada a destruição das baterias costeiras turcas, a limpeza dos campos de minas “levaria poucas horas”. Então, ele se dirigiria rapidamente para o mar de Mármara. Em 10 de março, Churchill disse ao Conselho de Guerra que o Almirantado acreditava que tal coisa seria possível apenas “por meio de

navios”. Não eram necessárias tropas. O ataque naval podia prosseguir sem esperar pela 29ª Divisão.

A perspectiva de sucesso entusiasmou de tal modo o Conselho de Guerra que no mesmo dia foram discutidos ganhos territoriais. A Rússia ficaria com Constantinopla, e a Inglaterra ficaria com Alexandreta. Lloyd George queria que a Inglaterra tomasse a Palestina. Falou-se também de uma derrota alemã obrigá-la a abandonar suas possessões africanas e no Pacífico. Balfour falou em neutralizar o canal de Kiel. Kitchener queria que a Inglaterra “exigisse uma indenização” à Alemanha a ser paga “a longo prazo”.

Desde que a guerra se iniciara, os líderes do Partido Conservador tinham sido excluídos de todas as decisões. Churchill, apesar de suas prolongadas querelas com os conservadores, e em particular com seus líderes, sentiu que uma coligação de todos os partidos podia ajudar a uma evolução da política de guerra. Por sua sugestão, Bonar Law e Lansdowne foram convidados para integrarem o Conselho de Guerra. “A inesperadamente bem-sucedida destruição dos fortes exteriores do estreito de Dardanelos deu-me um poder momentâneo”, recordou mais tarde Churchill. “Voltei imediatamente ao plano de uma coligação e persuadi o primeiro-ministro a convidar os líderes da oposição para uma reunião — ostensivamente para discutir o futuro de Constantinopla, mas na realidade para tentar trazê-los para o círculo.” Porém, a reunião não foi um sucesso. “Os líderes da oposição sentaram-se em silêncio e famintos e o sr. Asquith não fez muito para ajudar.”

Na manhã de 11 de março, mensagens telegráficas interceptadas, oriundas dos oficiais alemães destacados para o exército turco, revelaram que os fortes do estreito tinham sérias faltas de munições. Novos fornecimentos deveriam ter chegado da Alemanha, mas não chegavam havia semanas. Ao saber disso, Fisher convenceu-se de que tinha chegado o momento de atacar com força o estreito, e até ofereceu-se para partir imediatamente e liderar as forças navais no lugar de Carden. Foi persuadido a manter-se em seu posto.

Com a aprovação de Fisher, Churchill disse então a Carden que, mesmo que as instruções originais tenham “ênfasis cauteloso e métodos ponderados”, queriam que ele se sentisse agora “totalmente livre para atacar vigorosamente”, como o próprio Carden tinha sugerido. Os fortes eram os objetivos imediatos. “Cercar Chanak pode decidir toda a operação e trazer consequências decisivas ao desenrolar da guerra”, escreveu Churchill.

Em 12 de março, o recém-nomeado comandante das forças militares no estreito de Dardanelos, o general Sir Ian Hamilton, partiu para o Mediterrâneo

Oriental. Churchill, amigo de Hamilton desde os dias na África do Sul, conseguiu que ele viajasse num cruzador rápido a partir de Marseille. Antes da despedida, Hamilton esteve com Maurice Hankey, que escreveu em seu diário:

Ele está numa posição complicada, pois Churchill quer que ele atravesse o estreito por meio de um *coup de main* com as tropas que estiverem disponíveis no levante (30 mil australianos e 10 mil homens da Divisão Naval). Por outro lado, lorde K. quer que ele não se apresse, para permitir que a Marinha continue a massacrar o estreito enquanto espera pela 29ª Divisão.

Nesse dia, Churchill escreveu a Kitchener para perguntar se Hamilton podia desembarcar tão depressa quanto possível na península de Galípoli para prosseguir qualquer sucesso naval e para proteger os navios do fogo costeiro turco, mas Kitchener disse que não; a 29ª Divisão deveria chegar primeiro e estar pronta “para participar no que se prevê que seja difícil e que envolva severos tiroteios”. De repente, para Kitchener, os turcos já não eram inimigos desprezíveis. “Não vejo como se pode calar esses obuses ocultos sem tomar o planalto”, escreveu Hamilton a Churchill em 14 de março enquanto atravessava a França por trem.

O momento decisivo era iminente, mas as informações que chegavam a Churchill não o tranquilizavam. Um telegrama de Carden falava numa operação de retirada de minas “insatisfatória devido a fogo pesado”, embora não tivesse havido baixas. “Não compreendo como uma limpeza de minas pode sofrer interferência devido a fogo que não causa baixas”, respondeu Churchill. “Duzentas ou trezentas baixas seriam um preço moderado a ser pago pela retirada de minas num percurso tão longo quanto existe no estreito.” Sabia-se, por intermédio de mensagens de rádio interceptadas, que os turcos tinham pouca munição e que os alemães estavam tão preocupados com a situação que consideravam enviar um submarino. “Tudo isso são claras indicações de que as operações devem prosseguir metódica e resolutamente, noite e dia, e de que temos de aceitar perdas inevitáveis. O inimigo está perturbado e nervoso. O tempo é precioso, pois uma interferência de submarinos seria uma séria complicação.”

Como sinal claro do zelo e do senso de urgência do Almirantado, Fisher ordenou o envio de mais dois couraçados para o estreito. Em 15 de março, ele e Hankey discutiram como tornar a remoção de minas menos perigosa por meio de uma forma qualquer de cortina de fumaça. Tudo indicava, segundo o último

telegrama de Carden , que os navios-varredores não conseguiam realizar seu trabalho devido ao fogo da artilharia ligeira dos turcos, que não era possível localizar. Poderia ser necessário desembarcar unidades navais que localizassem e destruíssem esses canhões. Churchill compreendeu o perigo e disse a Carden que deveria agir em conjunto com Hamilton “em qualquer operação de larga escala que considere necessária”. Não se podia perder tempo, mas “a pressa não pode provocar prejuízo”. Não queria que Carden “forçasse a passagem prematuramente”. Talvez chegassem à conclusão, avisou ele, “de que um ímpeto naval poderia custar caro sem que fosse tomada uma ação militar para dominar o planalto de Balir”.

Carden decidiu não esperar pelo exército e atacar em 18 de março, mas quando faltavam apenas dois dias informou a Churchill de que se via doente e era obrigado a passar o comando a seu subcomandante, o contra-almirante John de Robeck . Churchill telegrafou imediatamente a Robeck , perguntando-lhe se concordava com os planos existentes: “Se não o satisfizerem, não hesite em dizê-lo.” Em resposta, Robeck disse que lhe agradavam e que prosseguiria com o plano de atacar dentro de dois dias.

Às 10h45 de 18 de março, Robeck desencadeou o ataque naval ao estreito de Dardanelos. Com o intuito de forçar a passagem e chegar ao mar de Mármara, seis couraçados britânicos e quatro franceses entraram no estreito e atacaram os fortes intermediários. À 1h45, nenhum dos fortes atacados respondia ao fogo. Tinha chegado o momento de retirar os couraçados e enviar os navios-varredores. Ao deixar o estreito, o couraçado francês *Bouvet* bateu numa mina, numa área afastada da principal zona de minas, e afundou. Mais de seiscentos marinheiros morreram afogados.

Robeck deu continuidade à ação. Foram dadas ordens para removerem as minas da baía de Kephez e avançarem antes do crepúsculo para Chanak, mas as minas ainda não tinham terminado seu trabalho de destruição. Pouco depois das 16h, o couraçado britânico *Inflexible* bateu numa mina; depois, um segundo couraçado, o *Irresistible* , começou a embocar, sem conseguir se mover. Robeck ordenou o encerramento imediato da ação. Enquanto dava cobertura ao salvamento dos homens do *Irresistible* , um terceiro couraçado, o *Ocean* , foi atingido por uma mina.

Apesar da perda de três couraçados, as baixas britânicas foram leves, com 50 marinheiros mortos e 23 feridos em um dia de operações. Contudo, os campos de minas não tinham sido limpos, e os canhões móveis dos turcos continuavam a fazer fogo em ambas as margens. Churchill e Fisher souberam do revés na

manhã de 19 de março. Ambos estavam convencidos de que Robeck desencadearia outro ataque em breve. “Robeck é de fato melhor do que Carden”, escreveu Fisher a Churchill nesse dia. “Temos a Providência do nosso lado.” Entusiasta de ações, Fisher ordenou que fossem enviados mais dois couraçados para reforçar a frota de Robeck. Prevvia-se a perda de um número próximo de doze navios, segundo disse ao Conselho de Guerra nesse dia. O conselho autorizou Robeck a prosseguir no ataque naval, “se sentir que é possível”. Os ministros já discutiam a partilha do império otomano. Grey queria que houvesse Estados árabes independentes na Síria, na Arábia e na Mesopotâmia. Kitchener queria que Meca, o centro do mundo islâmico, ficasse sob controle britânico.

Em 19 de março, Robeck telegrafou a Churchill, informando que sua frota estava pronta “para ação imediata”, mas que primeiro teriam de conseguir meios para lidar com as minas flutuantes. Esperava que esses meios “fossem eficazes”. Porém, em 20 de março, o tempo estava ruim, impossibilitando as operações “essenciais para garantir o sucesso”. Então, Robeck mudou de ideia, e disse a Hamilton, em 22 de março, que, antes que pudesse enviar seus navios novamente para o estreito, o Exército teria de ir demolir os fortes em terra. Hamilton ficou encantado com o pedido auxílio, mas apontou que, segundo as ordens de Kitchener, seria preciso esperar pela chegada da 29ª Divisão, que vinha da Inglaterra. Isso só sucederia dentro de três ou quatro semanas.

O telegrama de Robeck anunciando que tinha suspenso o ataque naval chegou a Londres na manhã de 23 de março. “É preferível preparar um esforço decisivo para meados de abril a arriscar muito no que poderá ser apenas uma solução parcial”, escrevera ele. Churchill preparou imediatamente um telegrama para pressionar Robeck a tentar uma vez mais, apenas com navios, “na primeira oportunidade favorável”. Deveria “dominar os fortes no estreito, limpar os campos de minas e então fustigar os fortes a uma pequena distância, sem pressa, utilizando os aviões e todos os métodos de defesa contra minas”. Desejando que esse telegrama fosse enviado em nome dos cinco membros do Grupo de Guerra do Almirantado, Churchill terminou com as seguintes palavras: “Pensamos que ainda não chegou o momento de desistir do plano de forçar a passagem pelo estreito de Dardanelos, substituindo-o por uma simples operação naval.” Foi depois à Downing Street para mostrar o telegrama ao Gabinete. Tanto Asquith quanto Kitchener concordavam que Robeck deveria pressionar mais. “O almirante parecia estar muito atrapalhado”, disse Asquith a Venetia. “Concordo com Winston e com K. quando dizem que a Marinha deve caminhar resolutamente em frente assim que as condições climáticas permitirem.”

Churchill regressou ao Almirantado, onde soube que os três membros mais velhos do Grupo de Guerra, Fisher e os outros dois almirantes, não só apoiavam o desejo de Robeck sobre somente repetir o ataque em conjunção com o Exército, mas queriam que o telegrama fosse retido. Churchill regressou à Downing Street para tentar que Asquith, com sua autoridade, liberasse o envio do telegrama. Porém, apesar de estar de acordo com o teor do telegrama e apoiar a ideia de um novo ataque naval, Asquith não queria que Churchill passasse por cima dos conselheiros mais velhos.

Por momentos, Churchill considerou apresentar sua demissão. “Se com isso pudesse conseguir que uma decisão fosse tomada, teria pedido minha demissão sem um momento de hesitação”, escreveu ele mais tarde. Em vez disso, enviou um telegrama secreto a Robeck, pedindo-lhe que tentasse mais uma vez, mas deixando que a decisão fosse de inteira responsabilidade do almirante. Parecia ser “muito provável”, argumentou Churchill, que “assim que ficar claro que as fortalezas do estreito não poderão conter a esquadra, sucederá uma evacuação geral da península, mas, de qualquer modo, todas as tropas que ficarem serão condenadas a morrer de fome ou a renderem-se. Além disso, há o efeito político da chegada da esquadra a Constantinopla, que é incalculável e que pode ser absolutamente decisivo”. Robeck não mudaria de ideia. “Atacar o estreito agora, com a esquadra, seria um erro e prejudicaria a execução de um plano melhor e maior”, respondeu ele. Uma operação conjunta era “essencial” para o sucesso.

Nessa noite, Churchill jantou com Asquith. “O primeiro-ministro parecia desapontado por não termos enviado a Robeck uma ordem definitiva para prosseguir com o ataque na primeira oportunidade”, disse ele a Fisher na manhã seguinte. Contudo, seu irmão, Jack, que se retirara da Frente Ocidental para juntar-se ao pessoal de Sir Ian Hamilton, enviou-lhe uma confirmação de que o ataque com navios não deveria ser repetido. “Os marinheiros estão inclinados a concordar que não conseguirão prosseguir sem a cooperação de tropas”, escreveu Jack em 25 de março. “Tiros de longa distância contra os fortes são ineficazes e é preciso que a infantaria ocupe os fortes e se mantenha lá. São necessários navios-varredores mais potentes contra a corrente. Metade dos alvos está escondida e os navios têm grande dificuldade em localizar e disparar contra os canhões móveis.” O reconhecimento feito pelos aviões foi “muito ruim” e os observadores tinham pouca experiência.

Agora Robeck esperava que uma força do Exército se reunisse e estivesse preparada para atacar, quando ele poderia colaborar com fogo de apoio. No

entanto, durante os desembarques militares que Kitchener planejava para abril e os nove meses seguintes de luta na península de Galípoli, a Marinha nunca conseguiria limpar os campos de minas nem forçar a passagem pelo estreito. Todas as decisões subsequentes em Galípoli foram tomadas por Kitchener ou por Hamilton e seus comandantes.

Churchill se tornara um espectador dos acontecimentos que teve a esperança de dominar e controlar. Sem que tivesse havido um desastre naval, sem que tivesse havido as terríveis carnificinas que se tornaram comuns na Frente Ocidental, sem quaisquer sinais conclusivos de que uma vitória naval era impossível, ele tinha sido obrigado a abandonar um projeto que podia ter tirado a Turquia da guerra, unido os estados dos Bálcãs contra as potências centrais, dado à Rússia uma linha de abastecimento que lhe permitiria renovar suas ofensivas a leste e acabado com o impasse na França e em Flandres.

15.

Isolamento e fuga

Mais de trinta anos após o revés no estreito de Dardanelos em março de 1915, numa frase que suprimiu, no último momento, de suas memórias, Churchill escreveu acerca do período em que esteve à frente do Almirantado, entre 1911 e 1915: “Foi minha idade de ouro.” Apesar de ter continuado como primeiro-lorde, essa “idade de ouro” havia terminado, e ele não voltou a estar no centro da política de guerra do governo de Asquith . Manteve-se no Gabinete de Guerra e expunha suas opiniões sempre que uma oportunidade se apresentava, mas o Gabinete de Guerra não foi convocado durante as três semanas finais dos planejamentos pormenorizados dos desembarques na península de Galípoli nem Kitchener enviou-lhe qualquer plano em desenvolvimento, quer para que comentasse, quer mesmo para uma simples informação.

À medida que se aproximava a data para o desembarque em Galípoli, Churchill tentava atenuar dúvidas ainda existentes. Escreveu a Balfour , que em 8 de abril sugeriu que o desembarque fosse adiado até que o exército turco na Síria tivesse sido derrotado por um desembarque em Haifa e um avanço sobre Damasco:

Nenhuma outra operação nessa parte do mundo poderá encobrir a derrota de abandonarmos os esforços no estreito de Dardanelos. Acredito que não há nada a fazer senão seguir adiante e não lamento que seja assim. Ninguém pode contar com o resultado de uma batalha, mas temos as possibilidades a nosso favor e podemos ter ganhos vitais apostando valores não vitais.

Ao seu irmão Jack , Churchill escreveu seis dias antes do desembarque em Galípoli: “Essa é a hora, na história do mundo, para um belo feito com armas, em que os frutos da vitória justificarão amplamente seu preço. Queria estar contigo. Seria mais fácil do que estar aqui à espera.”

Em círculos do Partido Conservador e no Parlamento, levantaram-se vozes afirmando que Churchill tinha sido responsável pelo fracasso do ataque naval de

8 de março, uma vez que não conseguira prever o que aconteceria. Essas críticas foram o início de uma convicção generalizada do público, segundo a qual Churchill teria negligenciado medidas básicas de segurança, desautorizado seus conselheiros e intimidado os almirantes no estreito de Dardanelos. A primeira acusação específica foi não ter previsto o perigo das minas flutuantes. Em 24 de abril, em sua defesa, Churchill fez circular pelo Gabinete as ordens do Almirantado para Carden , dadas em 5 de fevereiro, nas quais fazia um alerta específico acerca dessas minas e sugestões sobre como neutralizá-las. Porém, ao longo do debate sobre as ações no estreito, iniciado durante a própria campanha e prolongado por mais de meio século, memorandos e documentos nunca teriam a força dos boatos, das malevolências ou da necessidade de arranjar um bode expiatório.

Em 22 de abril, chegou a Londres um relatório dos serviços secretos, oriundo da embaixada da Áustria-Hungria em Constantinopla, informando que os turcos não tinham munição suficiente no estreito para repelir mais dois ataques navais semelhantes às ações de 18 de março. Encorajado por este fato, e após consultar Fisher , Churchill enviou um telegrama a Robeck sugerindo que, mesmo então, um novo assalto ao estreito tinha chances de sucesso. “É claro que tem liberdade para agir conforme achar melhor”, garantiu-lhe Churchill. “Por isso estou assinando este telegrama como sendo pessoal, visto que sua intenção é apenas de auxílio e de guia e que essa não é uma ordem imperativa e imediata.”

Robeck não tinha qualquer desejo de alterar a decisão tomada no mês anterior sobre não tentar forçar a passagem pelo estreito utilizando apenas navios. Agora, ele encarava como sua única tarefa auxiliar o Exército a desembarcar e estava firmemente empenhado nesse objetivo. A 29ª Divisão tinha finalmente chegado e iniciou o assalto à península de Galípoli em 25 de abril. Mais de 30 mil homens desembarcaram no primeiro dia. Muitos deles, feridos nas praias pelo fogo das metralhadoras turcas, lutaram com bravura para alcançar o alto dos penhascos. Contudo, aqueles que conseguiram foram incapazes de forçar seu avanço para o interior e alcançar o terreno dos fortes turcos no lado europeu da costa, seu objetivo para o primeiro dia. Houve dois conjuntos de desembarques, no cabo Helles, no extremo sul da península, e em Gaba Tepe, mais ao norte. Devido a um erro de navegação, o contingente destinado a Gaba Tepe não desembarcou no melhor ponto, onde não havia penhascos para escalar, mas mais ao norte, no sopé de uma alta escarpa que barrou seu avanço e levou apenas a obstáculos ainda mais elevados a caminho do interior.

Numa das praias do cabo Helles, a praia Y, os soldados que desembarcaram,

em número superior às forças turcas em toda a área do cabo, chegaram à terra sem encontrar oposição e alcançaram o alto dos penhascos sobranceiros à praia sem incidentes. Não encontraram quaisquer turcos, mas sua mensagem, perguntando o que fazer em seguida, não teve resposta. Em vez de avançarem para o interior, ficaram à espera. Então, doze horas mais tarde, chegaram as tropas turcas. Os britânicos repeliram-nas sem que os turcos fossem capazes de insistir. No entanto, ainda sem ordens de seus comandantes, os soldados britânicos entraram em pânico, com medo do desconhecido, e em apenas três horas marcharam de volta à praia e aos seus navios.

Na manhã de 26 de abril, os leitores do *Times* leram não só os primeiros relatos da batalha, muito romanceados, como também o obituário do poeta Rupert Brooke, que tinha morrido, vítima de um envenenamento, enquanto ainda estava na reserva numa das ilhas gregas do mar Egeu. O obituário foi redigido por Churchill, que tinha conhecido Brooke na época de seu alistamento na Divisão Naval, então a caminho da Antuérpia.

Rupert Brooke morreu. Um telegrama do almirante, em Lemnos, diz-nos que sua vida terminou no momento em que parecia ter alcançado sua primavera. Uma voz se fez ouvir, uma nota soou, mais verdadeira, mais emocionante, mais capaz de fazer justiça à nobreza de nossa juventude armada, empenhada na presente guerra, do que qualquer outra, mais capaz de exprimir seus pensamentos de sacrifício e com um poder de levar conforto àqueles que tão atentamente observam de longe. A voz foi rapidamente silenciada. Só subsistem os ecos e a recordação, mas esses vão permanecer.

Após cinco dias de desorganização, confusão e combates intensos, as praias e os cumes dos penhascos tinham sido ocupados, mas pouco mais foi conquistado. No cabo Helles, a 29ª Divisão e divisões da Marinha jamais atingiriam seus objetivos para o primeiro dia ou dominariam o estreito. Em Gaba Tepe, as tropas australianas e neozelandesas também não alcançariam o objetivo do primeiro dia. Havia uma grande força em terra, mas não nas posições necessárias para auxiliar a Marinha a avançar pelo estreito. Os fortes turcos estavam a quilômetros de distância das tropas em terra e não corriam o risco de serem atacados pela retaguarda.

No entanto, a Marinha não considerava que os desembarques haviam sido tão ruins. Jack Churchill, que tinha observado a batalha a bordo de um dos navios, relatou ao irmão: “A Marinha nunca viveu coisa parecida. Explodiram grandes

pedaços das colinas com lidite. As coisas parecem evoluir muito bem e espero que os navios estejam no mar de Mármara dentro de quinze dias.” Jack acrescentou: “Acho Robeck tentará atravessar tão cedo quanto possível.” Ele tinha razão: Robeck não tinha desistido de retomar a ação naval. “A esquadra está preparada para tentar um novo ataque às defesas de Chanak e aguarda apenas o momento oportuno”, escreveu ele a Churchill em 28 de abril. Enquanto isso, dava-se continuidade à remoção de minas.

Robeck não informava quando esse segundo ataque naval seria possível. As notícias também não eram encorajadoras no que dizia respeito ao Exército. Em 29 de abril, Robeck mencionou a Churchill “o estado de exaustão das tropas que combatem continuamente desde a alvorada do dia 25”. Em 2 de maio, informou que a brigada indiana que tinha desembarcado em Helles estava “formando trincheiras”. Dois ataques noturnos dos turcos a Helles foram repelidos, em 2 e 3 de maio. Os britânicos estavam na defensiva. Na noite de 4 de maio, depois de um pânico entre tropas francesas do Senegal ter causado uma brecha na primeira linha, um batalhão da Divisão Naval foi deslocado às pressas para preencher o hiato à frente.

Entretanto, os aprovisionamentos aliados e as zonas de desembarque continuavam a ser atacados pela artilharia turca. “Os turcos podem trazer seus homens da Ásia Menor etc., pois nada os ameaça e, mais importante, podem disponibilizar as divisões de Constantinopla e enviá-las para nos esmagar aqui”, escreveu Jack Churchill ao irmão em 5 de maio. Numa tentativa de atingir os objetivos previstos para o primeiro dia, Hamilton lançou um novo ataque em 6 de maio, mas que não resultou em qualquer avanço sério. No dia seguinte, quando tropas francesas tentaram avançar sobre Helles, Jack Churchill observou com horror que os turcos “despejavam um fogo terrível de artilharia pesada — suspeito que Jack Johnsons, como na França — e não poupavam seus próprios homens; turcos e franceses foram feitos em pedaços”. Em uma carta escrita em 9 de maio, acrescentou: “Nessa guerra, os feridos estão em grande evidência. Quando se desembarca, é preciso caminhar por sobre macas acumuladas no pequeno cais improvisado, e parece haver sangue e ataduras por toda a praia.”

Churchill estava na França no dia em que Jack escreveu essa carta. Tinha viajado três dias antes para colaborar com as negociações da Convenção Naval Anglo-Italiana, parte do acordo que previa a entrada da Itália na guerra ao lado da Entente. Em 9 de maio, passou o dia na zona de batalha observando o fracasso do ataque maciço das tropas britânicas ao cume de Aubers. Ele também se lembraria mais tarde do “pavoroso espetáculo” formado pelos feridos:

Mais de mil com horríveis ferimentos de todos os tipos, queimados, estropiados, trespassados, sufocando, morrendo, sendo separados segundo seus sofrimentos e mandados para as diversas partes do convento de Merville. A entrada, a chegada e a partida das ambulâncias, cada uma levando quatro ou cinco seres humanos despedaçados e martirizados, eram incessantes; pela porta traseira eram transportados cadáveres em breves intervalos de tempo, destinados a um grupo de coveiros que trabalhavam incessantemente.

Para onde quer que Churchill olhasse, havia “sangue e trapos ensanguentados. Fora, o trovejar dos canhões proclamava que o curso de morte e de mutilação continuava em seu auge”.

Churchill regressou a Londres em 10 de maio. Um telegrama de Robeck estava à sua espera, indagando se “forçando o estreito” a Marinha poderia “garantir o sucesso” das operações militares, agora numa situação de equilíbrio. O temor de Robeck era de que o exército não fosse capaz de tirar partido em terra de uma vitória naval e atingir os objetivos de 25 de abril enquanto corriam o risco de os turcos “fecharem” o estreito na retaguarda da esquadra britânica.

Relutante em pôr o exército em perigo com um avanço naval para além do estreito, após o qual a esquadra não poderia voltar para prestar auxílio às tropas, Churchill decidiu, em 11 de maio, que tudo o que poderia fazer seria encorajar Robeck a limpar os campos de minas e a avançar então até o estreito, destruindo os fortes. No entanto, Fisher recusou-se a concordar até mesmo com essa ação limitada. Irritado com o pedido de Churchill, disse-lhe que se demitiria se fosse feita qualquer ação naval no estreito “até que as margens tenham sido efetivamente ocupadas”.

Fisher também disse a Hankey, para que transmitisse a mensagem a Asquith, que apresentaria sua demissão se fosse empreendida qualquer ação somente com navios. Asquith disse a Hankey que a mensagem era “muito insensata”, mas, procurando acalmá-lo, enviou-lhe uma resposta que garantia que não seria empreendida qualquer ação naval isolada sem o “acordo” de Fisher. Churchill também tentou dissuadir Fisher dessa possível demissão, escrevendo-lhe nesse mesmo dia: “Você nunca receberá nenhuma proposta minha para apressar-se no estreito Dardanelos.” Então, apelou a ele numa linguagem forte e emocional:

Encontramo-nos numa situação muito difícil. Ser minha culpa por ter tentado ou meu infortúnio por não ter tido poder para concretizar é uma questão imaterial. Estamos empenhados num dos maiores empreendimentos

anfíbios da história e estamos absolutamente comprometidos. Camaradagem, recursos, firmeza e paciência serão necessários no mais alto grau para levar esse empreendimento à vitória.

Um grande exército a resistir desesperadamente numa praia rochosa, confrontado com o poder das armas do império turco sob a orientação militar alemã; todas as reservas da esquadra britânica — tudo o que se pôde arranjar — dependendo desse exército e de sua sorte enquanto a luta se arrastar, a aparição do muito temido submarino, nossas inúmeras necessidades e obrigações, as inúmeras vantagens, possivelmente decisivas para toda a guerra, a serem obtidas com um sucesso.

Certamente temos aqui uma conjuntura e uma situação que exigem de nós todo o esforço e o engenho concebíveis e imagináveis. Peço-lhe encarecidamente sua total ajuda e sua boa vontade, e, finalmente, o sucesso será certo.

Fisher parecia decidido a demitir-se. Em 12 de maio, ao encontrar na rua um alto funcionário do Almirantado, disse-lhe: “Acabo de me demitir e vou embora.” Churchill ainda tentava persuadir Fisher a ficar, concordando nessa mesma tarde em que o *Queen Elizabeth* deixasse imediatamente o estreito. Churchill sabia que a presença desse poderoso couraçado no estreito era o que mais preocupava Fisher (ainda que o navio tivesse ido para lá por sugestão do próprio almirante), dada a possível chegada de submarinos alemães. Nessa tarde, na presença de Fisher, Churchill disse a Kitchener que o *Queen Elizabeth* estava retornando à Inglaterra. Kitchener ficou furioso, perdendo a paciência e descrevendo o retorno do navio como “uma deserção, abandonando o exército em seu momento mais crítico”. Foi a vez de Fisher explodir. Ou o *Queen Elizabeth* voltava imediatamente, regressando naquela mesma noite, ou ele, Fisher, abandonaria o Almirantado naquele mesmo momento. Churchill cedeu perante a ameaça de Fisher, telegrafando a Robeck nessa tarde: “O *Queen Elizabeth* deve regressar à base imediatamente e com toda a urgência.”

Nesse mesmo dia, corriam críticas entre os conservadores acerca da mais recente visita de Churchill à França. Ele tinha estado em Paris “a tratar de assuntos do Almirantado”, disse Asquith na Câmara dos Comuns. Quando pediram que confirmasse que Churchill não tinha desempenhado quaisquer funções oficiais em sua visita à Frente, Asquith replicou: “Confirmo, não desempenhou nenhuma função.” Isso provocou gritos furiosos e trocistas de “Mentira!” por parte das bancadas conservadoras. “Lamento que façam uma

pergunta dessas”, continuou Asquith, que prosseguiu, em defesa do colega, dizendo que Churchill não tinha estado ausente do Almirantado “mais de catorze dias em todos esses nove meses”.

Na noite de 12 de maio, um navio torpedeiro turco conseguiu deixar Chanak em marcha a ré e, insinuando-se pelo estreito até as posições britânicas próximas de Sedd-el-Bahr, torpedeou o couraçado *Goliath* ; 570 marinheiros morreram afogados. Fisher insistiu imediatamente para que fossem enviadas ordens a Robeck desencorajando qualquer iniciativa naval, mas Churchill insistiu em que deveriam permitir a Robeck , se assim desejava, avançar pelo estreito em conjunto com o exército. Não podia deixar o exército desamparado.

Em 13 de maio, Fisher pediu a Churchill que ordenasse a Robeck que não tomasse qualquer ação independente. Churchill recusou-se, dizendo a Fisher : “Não posso concordar em enviar um telegrama que pode paralisar uma ação naval considerada necessária pelo almirante responsável pelo teatro de operações.” Concordou, no entanto, em telegrafar a Robeck , dizendo que achavam que “o momento para uma tentativa naval independente pelo estreito já passou e não tornará a acontecer nas presentes condições”. Agora, a tarefa de Robeck limitava-se a apoiar as forças já desembarcadas, protegendo as praias e bombardeando as defesas turcas.

Procurando acalmar Fisher , Churchill passou várias horas com ele na tarde de 14 de maio, quando juntos analisaram uma lista de reforços que Churchill acreditava serem necessários para que Robeck pudesse apoiar o exército. Fisher não teve quaisquer queixas. Seu secretário naval ouviu Churchill dizer ao almirante: “Bem, boa noite, Fisher . Já resolvemos tudo, e o senhor precisa ir para casa e ter uma boa noite de descanso. As coisas parecerão melhores pela manhã e conseguiremos levá-las adiante juntos.”

Fisher foi para casa. Churchill permaneceu no Almirantado. Entre os telegramas enviados por Robeck , havia um pedido por mais submarinos. Cinco submarinos novos deveriam estar prontos na Inglaterra até o fim do mês. Churchill acrescentou dois à lista de reforços sobre a qual ele e Fisher tinham acabado de concordar. Então, enviou uma cópia da lista a Fisher , com uma nota explicando que a lista não seria enviada ao Grupo de Guerra do Almirantado sem que Fisher tivesse a oportunidade de vê-la novamente, “de modo que possamos discutir alguma possível dúvida”. Churchill acrescentou ainda num tom conciliatório: “Espero que concorde.”

Churchill foi deitar-se bem depois de meia-noite. Na manhã seguinte, 15 de maio, foi ao Ministério das Relações Exteriores para uma discussão sobre os

pormenores finais da entrada da Itália na guerra. Quando regressava, ao atravessar a Parada da Guarda Montada até o Almirantado, seu secretário particular, James Masterton-Smith , correu ao seu encontro. “Fisher demitiu-se, e penso que dessa vez é mesmo sério”, disse ele. Masterton-Smith entregou a Churchill uma carta de Fisher que começava com a seguinte frase: “Sou incapaz de continuar por mais tempo como seu colega.” Não entrava em pormenores, mas declarava: “Acho cada vez mais difícil ajustar-me às exigências crescentes do estreito de Dardanelos de modo a concordar com suas opiniões.” Ainda que Fisher não os mencionasse, os dois submarinos para Robeck tinham, aparentemente, constituído o ponto de ruptura. A carta terminava da seguinte forma: “Parto imediatamente para a Escócia com o intuito de evitar quaisquer perguntas.”

Churchill não podia acreditar que o chefe executivo da Marinha havia simplesmente abandonado seu posto. Regressando ao edifício do Almirantado, procurou-o por toda a parte, confiante em que seria mais uma vez capaz de acalmar seu ânimo acerca dos reforços para Robeck , com os quais tinham concordado na véspera, e acerca dos dois submarinos a mais. Porém, Fisher não se encontrava em parte nenhuma. Tornando a atravessar a Parada da Guarda Montada, Churchill dirigiu-se à Downing Street para contar a Asquith o que acontecera. O primeiro-ministro viu imediatamente o perigo político do desaparecimento de Fisher , que uma vez conhecido conduziria a um pedido de explicações, talvez até mesmo de demissões, por parte dos conservadores . Em papel timbrado, Asquith escreveu: “Lorde Fisher , em nome do rei, ordeno-lhe que regresse ao seu posto. H. H. Asquith, 15 de maio de 1915.”

Foi iniciada uma busca a Fisher , que foi localizado no hotel Charing Cross, a cinco minutos do Almirantado. Ele concordou em encontrar-se com Asquith e dirigiu-se à Downing Street, onde encontrou Lloyd George também à espera do primeiro-ministro, que se encontrava num casamento. “Eu me demiti”, foi a saudação de Fisher . Quando Lloyd George lhe perguntou a razão, respondeu que não estava disposto a continuar a participar da “loucura” do estreito de Dardanelos. Partiria para a Escócia naquela noite. Lloyd George pediu encarecidamente a Fisher que permanecesse em seu posto pelo menos até a reunião seguinte do Gabinete de Guerra, dali a dois dias, mas Fisher “recusou-se a esperar uma hora que fosse”. Nesse momento, Asquith chegou, mas não conseguiu persuadir Fisher a retirar seu pedido de demissão nem a voltar ao Almirantado. Tudo o que Fisher aceitou fazer foi deixar Londres e ir para a Escócia.

Uma crise política era iminente. Asquith pediu que Churchill escrevesse uma carta a Fisher para tentar aplacá-lo. Churchill acatou ao pedido. “A única coisa em que devemos pensar nesse momento é no que é melhor para a pátria e para os bravos que estão em combate”, escreveu ele. “Tudo o que prejudique esses interesses será duramente julgado pela história, em cujo palco estamos.” Quanto à causa específica que tinha conduzido à demissão de Fisher, Churchill não conseguia compreendê-la. “Se eu a entendesse, poderia resolvê-la. Quando nos separamos, na noite passada, achei que estávamos de acordo.” As propostas de reforços para Robeck “estavam, para mim, de acordo com suas ideias, e, de qualquer forma, poderiam ser discutidas entre nós”.

Fisher manteve-se escondido durante todo o dia. Quando Churchill pediu que conversassem, ele recusou. No mesmo dia, enviou a Bonar Law um recorte de um jornal antigo, em que sublinhou a frase: “Lorde Fisher foi recebido pelo rei em audiência durante uma hora.” Fisher não tinha estado com o rei recentemente, mas a sugestão era óbvia; Fisher não voltaria. Mesmo que não houvesse nenhuma carta ou bilhete junto com o recorte, o envelope estava endereçado com a conhecida caligrafia de Fisher. Os conservadores tinham sido alertados para a crise.

Durante o dia 16 de maio, acreditando que a demissão de Fisher era definitiva, Churchill pediu aos outros membros do Conselho do Almirantado que se mantivessem. Eles concordaram, e o segundo-lorde do Mar estava disposto a ocupar o lugar de Fisher. No caminho para Sutton Courtenay, onde Asquith passaria o domingo, Churchill disse-lhe que dessa vez Fisher tinha realmente deixado o cargo. Então, disse ao primeiro-ministro: “Meu lugar está à sua disposição, se necessitar fazer uma mudança.” “Não. Já pensei sobre o assunto”, respondeu Asquith. “Eu não queria, mas consegue reunir um conselho?”

Churchill garantiu a Asquith que já tinha um Conselho do Almirantado pronto para servir sob um novo primeiro-lorde do Mar, mas já era tarde demais. Bonar Law tinha decidido explorar a informação que Fisher lhe enviara e, ao visitar Lloyd George na Downing Street, na manhã de 17 de maio, perguntou-lhe se era verdade que Fisher se demitira. Ao receber uma resposta afirmativa, disse a Lloyd George que a oposição não podia aderir por mais tempo à trégua partidária. “Havia um descontentamento crescente entre os conservadores com essa atitude de apoio ilimitado.”

“Ele foi especialmente enfático acerca da impossibilidade de manter o senhor Churchill no Almirantado se lorde Fisher realmente saísse”, recordou mais tarde

Lloyd George. Sobre esse ponto, “ele deixou claro que a oposição pretendia fazer um debate parlamentar”. Pedindo a Bonar Law que esperasse, Lloyd George foi pelo corredor até o edifício ao lado, onde disse a Asquith que, a fim de evitar um ataque em força por parte dos conservadores e o desmoronar da unidade nacional, era necessária uma coligação. Asquith concordou. “Essa decisão foi tomada em um tempo incrivelmente curto”, lembraria Lloyd George mais tarde.

Sem que Lloyd George ou Churchill soubessem, Asquith encontrava-se no meio de uma intensa crise pessoal. Dois dias antes, Venetia Stanley tinha-lhe comunicado que se casaria. Ele a pediu que continuasse a escrever-lhe, mas ela recusou. Sozinho por um momento após a saída de Lloyd George, Asquith escreveu-lhe: “Nunca, desde que a guerra começou, tive tamanha acumulação (agora não compartilhada!) de ansiedade.” Ele acrescentou: “Um dos aspectos mais infernais desses dias infernais é que justamente você, a quem eu sempre recorri em momentos de provação e dificuldade e de quem sempre tive apoio, inspiração e confiança, seja a pessoa que não pode fazer nada e a quem eu não posso pedir nada. Até o dia da minha morte, essa será a mais amarga recordação de minha vida.”

Asquith precisava decidir se traria ou não os conservadores para seu governo, dando fim a quase uma década de domínio liberal da vida política britânica e provocando uma partilha de poder na condução da guerra. “Encontro-me diante das decisões mais espantosas, capazes de abalar o mundo, que eu nunca teria tomado sem seu conselho e consentimento”, disse ele a Venetia. “Parece tudo tão estranho, vazio e anormal.”

Churchill não via razão para ceder à pressão dos conservadores e já tinha um novo Conselho do Almirantado e um discurso para ser lido no Parlamento naquela tarde, descrevendo e defendendo cada aspecto de sua condução dos assuntos do Almirantado, no estreito de Dardanelos e em outros locais, e explicando sua relação com Fisher e por quais motivos ele pedira demissão. Apressando-se a ir ao gabinete de Asquith na Câmara dos Comuns, pediu-lhe que lhe fosse permitido defender a si próprio e ao governo, esmagando a oposição. Churchill leu ainda os nomes dos membros de seu novo Conselho, mas, assim que ele terminou, Asquith disse-lhe: “Não, isso não servirá. Decidi formar um governo nacional por meio de uma coligação com os unionistas e será necessária uma reconstrução mais vasta.”

Churchill ficou em choque, ainda mais quando Asquith perguntou-lhe, a seguir, o que faria com ele. Subitamente, percebeu que seus dias como primeiro-

lorde tinham terminado. Asquith estava determinado a evitar uma crise parlamentar. Lloyd George também estava interessado em tirar o máximo proveito da presença dos conservadores no governo. Se quisesse, a oposição poderia criar problemas sérios em muitos aspectos, inclusive um relato amplamente divulgado três dias antes sobre a falta de munição para a artilharia na França.

Para evitar uma ameaça à sua posição de primeiro-ministro, Asquith havia decidido convidar os conservadores não só para integrarem sua administração, mas também para fazerem parte do Gabinete de Guerra. Os dirigentes conservadores ficaram encantados com a oferta para que finalmente tivessem alguma participação na condução política e estratégica da guerra e já não teriam nenhum motivo para desafiar publicamente qualquer decisão da política de guerra liberal. Contudo, os conservadores tinham uma condição: Churchill deveria deixar o Almirantado. Uma década de hostilidade por parte dos conservadores encontrava-se prestes a ser satisfeita; o homem que tinha esmagado Brodrick em 1901, diminuído Balfour em 1904, insultado Milner em 1906, rido de Lansdowne em 1910 e denunciado Carson em 1914 seria forçado a abandonar sua posição de autoridade e influência.

Asquith, entretanto, perguntou a Churchill se gostaria de assumir algum outro cargo no novo governo ou se preferia um comando na França. Antes que Churchill tivesse tempo de responder, Lloyd George entrou na sala. “Por que não enviá-lo para o Ministério das Colônias?”, perguntou ele. “Há muito trabalho a fazer por lá.” Churchill ficou indignado; ele queria um departamento que lhe permitisse ter alguma influência na condução da guerra. A oferta para liderar o Ministério das Colônias, ocupando um cargo que em tempos de paz era considerado uma das grandes posições do Estado, era nesse momento um rebaixamento e um insulto.

Churchill permaneceu no Almirantado por mais dez dias. Numa série de cartas, primeiro a Asquith e depois aos dirigentes conservadores, tentou obter uma posição de influência e autoridade. A princípio seu tom foi duro: “Não aceitarei nenhuma posição fora de um departamento militar, e, se isso não for conveniente, tenho esperança de que me arranjem um emprego no campo de batalha”, escreveu ele a Asquith em 17 de maio.

Na manhã de 18 de maio, o *Times* escolheu Churchill como alvo de suas críticas, referindo-se às suas “perturbadoras aventuras pessoais no continente”. Na qualidade de ministro civil responsável por um departamento de guerra, ele tinha procurado “abarcas poderes que não devem passar às suas desamparadas

mãos”. Churchill reconheceu a força dessa advertência, tendo escrito nesse mesmo dia a Asquith : “Se um posto no Ministério das Colônias , como sugerido, ainda me for oferecido, não terei razões para recusá-lo.” Para ele, partir para as trincheiras, “a não ser que assim deseje”, seria como “lançar um descrédito imerecido sobre o trabalho que fiz aqui”.

Churchill se sentia orgulhoso de seu trabalho no Almirantado, dizendo a Asquith : “Mais do que tudo, eu gostaria de ficar aqui e completar meu trabalho, cuja parte mais difícil está acabada. Foram feitas provisões completas e a situação naval está garantida em todos os aspectos. Após quatro anos de trabalho administrativo e nove meses de guerra, sinto que posso dizer isso.” Nessa noite, Churchill convidou Max Aitken e F. E. Smith para irem ao Almirantado. Churchill conversou com seus dois amigos até tarde, entrando pela madrugada. “Ele se agarrou ao desejo de conservar o Almirantado como se a salvação da Inglaterra dependesse desse fato”, recordou mais tarde Aitken .

Na manhã seguinte, sem o conhecimento de Churchill, Fisher escreveu a Asquith e estabeleceu seis condições segundo as quais ele poderia “garantir o término — vitorioso — da guerra”. A primeira dessas condições era que Churchill não estivesse no Gabinete “sempre contornando minhas ações”. Também não estava disposto a servir sob as ordens de Balfour . Sua principal condição era que lhe fosse dada “total responsabilidade pela guerra no mar, absoluta autoridade sobre a Armada e a nomeação de todos os oficiais, de todos e quaisquer postos e patentes, e o comando sem interferências de todas as forças navais”.

“Lorde Fisher está mais louco do que nunca”, comentou Hankey. A opinião de Asquith foi a mesma; ele disse ao rei que a carta “indica sinais de perturbação mental!”. Havia um consenso geral de que, conforme Churchill havia escrito a Kitchener quatro dias mais tarde, Fisher havia “enlouquecido”.

Churchill tentava persuadir os dirigentes conservadores da sensatez com que conduzia os assuntos do Almirantado. Em 19 de maio, enviou a Bonar Law os telegramas trocados durante dois episódios nos primeiros meses da guerra, escrevendo numa nota que os acompanhava: “Carreguei em silêncio, durante todos esses meses de angústia, a acusação de ter sido culpado pela perda de três cruzadores, após uma interferência junto aos peritos navais, e pela tática incorreta que antecedeu a ação ao largo de Coronel.” Também em 19 de maio, Churchill procurou Grey e Lloyd George para perguntar-lhes se podia publicar na imprensa uma declaração que havia acabado de escrever sobre a evolução no estreito de Dardanelos. Eles o dissuadiram argumentando que o público ficaria

alarmado ao saber que o sucesso da ação estava em dúvida.

Em 20 de maio, o proprietário de jornais Sir George Riddell , em visita a Churchill no Almirantado, registrou em seu diário uma conversa angustiada:

— Sou vítima de uma intriga política. Estou acabado!

— Não está acabado. Tem 40 anos e capacidades notáveis!

— Não. Estou acabado no que diz respeito a tudo que é importante para mim: a condução da guerra e a derrota dos alemães. Ofereceram-me um alto cargo, uma posição que já foi ocupada por muitas figuras distintas e com um salário elevado, mas tudo isso não vale nada. É para isso que vivo. Preparei uma exposição do meu caso, mas não posso utilizá-la.

Churchill leu para Riddell a declaração que Lloyd George e Grey o tinham dissuadido de publicar. Riddell notou que “todos os empregos de navios e as decisões sobre cada ponto das diretivas foram sancionados por Fisher e que a tentativa naval para forçar a passagem pelo estreito de Dardanelos tinha sido aconselhada pelo almirante Carden e confirmada pelo almirante Robeck ”.

Nessa noite, Churchill encontrou-se com Bonar Law para mostrar-lhe a mesma declaração e para pedir-lhe que o mantivesse no Almirantado. Deu também ao dirigente conservador uma carta com a seguinte mensagem: “Deixo uma situação naval absolutamente garantida, uma Armada que cresce constante e rapidamente em força, abastecida abundantemente com munições de todos os tipos, uma organização operando com perfeita eficiência e mares sobre os quais não flutua nenhuma bandeira inimiga.”

Bonar Law prometeu falar com seus colegas conservadores , mas advertiu a Churchill que eles não desejariam mantê-lo no Almirantado. Enquanto aguardava a resposta final dos conservadores, Asquith recebeu uma carta com elogios a Churchill, uma “carta de um maníaco”, segundo descreveu numa de suas últimas cartas a Venetia Stanley . A carta provinha da prima de Venetia, Clementine . “Se expulsarem Churchill, cometerão um ato de fraqueza, e seu novo governo de coligação não será uma máquina de guerra tão formidável quanto o governo atual”, escreveu ela.

Winston pode ter defeitos aos seus olhos e aos olhos daqueles com quem trabalha, mas ele possui uma qualidade suprema, que me atrevo a dizer que poucos do seu Gabinete têm: força, imaginação e determinação para combater a Alemanha. Se o enviarem para qualquer outro lugar, ele deixará de combater. Se esse valioso material de guerra for desperdiçado, a nação será prejudicada.

Asquith não respondeu e não renovou sua oferta sobre o Ministério das Colônias . Em 21 de maio, Churchill fez a Asquith seu apelo final para que o deixasse permanecer no Almirantado: “Deixem-me viver ou morrer pelo estreito de Dardanelos, mas não o tirem das minhas mãos.” A essa carta, Churchill acrescentou um pós-escrito: “Não fui ao seu encontro, embora gostaria de ter ido, mas seria simpático de sua parte me chamar a qualquer hora do dia de hoje.” Asquith não o fez. Em vez disso, escreveu a Churchill que estava decidido que ele não ficaria no Almirantado. Bonar Law também o escreveu nesse dia, destruindo quaisquer esperanças de um apaziguamento por parte dos conservadores . “Acredite que o que lhe disse na noite passada é inevitável”, disse ele.

Esmagado e humilhado, Churchill escreveu a Asquith na tarde seguinte: “Estou disposto a aceitar qualquer cargo — por mais modesto que seja — que possa oferecer e continuarei a servir, neste tempo de guerra, até que os assuntos nos quais me encontro profundamente envolvido sejam resolvidos de modo satisfatório, como creio que serão.” No mesmo dia, escreveu outra carta a Asquith: “Conte comigo em tudo, se é que posso ser de alguma utilidade; caso contrário, dê-me qualquer lugar no campo de batalha.” Dois dias depois, Asquith propôs-lhe a posição de chanceler do ducado de Lancaster, um cargo não ministerial de natureza inteiramente ornamental, permitindo que mantivesse o assento no Gabinete de Guerra. Churchill aceitou.

Durante mais dois dias, Churchill manteve-se no Almirantado. Kitchener foi visitá-lo; com uma atitude compreensiva, conversou durante algum tempo acerca do trabalho que Churchill e ele tinham feito juntos. Então, ao levantar-se para ir embora, voltou-se para Churchill e disse: “Bom, existe ao menos uma coisa que não lhe podem tirar. A Armada está pronta.”

Os dias de Churchill como primeiro-lorde do Almirantado chegaram ao fim. A maior parte dos comentadores políticos achava que sua carreira também tinha acabado, mas o editor do *Observer* , J. L. Garvin , escreveu confiantemente a seu respeito: “Ele ainda é novo. Tem uma coragem de leão. Nenhuma quantidade de inimigos será capaz de esmagar sua força e sua competência. A hora de triunfo ainda chegará.”

Deixando a Casa do Almirantado, sua residência enquanto primeiro-lorde, Churchill mudou-se com Clementine e os três filhos para a casa do irmão, na Cromwell Road, no nº 41, em frente ao Museu de História Natural. O irmão encontrava-se no estreito de Dardanelos; sua esposa, lady Gwendeline , e seus

dois filhos arranjaram acomodações para os recém-chegados e acolheram a todos, mas Churchill ainda se sentia desesperançoso diante do fracasso do plano no estreito. “Ele sempre acreditou nesse plano”, recordaria Clementine . “Quando deixou o Almirantado, ele se sentiu acabado. Pensei que ele nunca conseguiria deixar o assunto do estreito para trás e achei que ele morreria de tristeza.”

Churchill teve bastante tempo para refletir e tentar entender o que tinha dado errado. “Se errei em alguma coisa, foi em tentar realizar uma iniciativa sem ter certeza de ter à minha disposição todos os meios e poderes para garantir seu sucesso”, escreveria a Hankey em junho. Desde a expedição da Antuérpia até a ação no estreito “não houve intenções claras nem decisões”. E “sem decisão nem intento, pode sobrevir uma terrível catástrofe” no estreito de Dardanelos.

Ao longo desse verão, Kitchener fez planos para um novo ataque, por terra, à península de Galípoli. Balfour , sucessor de Churchill no Almirantado, forneceu apoio naval às tropas em terra, tal como Churchill havia feito; uma de suas primeiras ações foi concordar com o envio de mais dois submarinos, os reforços que tinham levado Fisher a demitir-se. Churchill falava frequentemente nas reuniões do Gabinete de Guerra, rebatizado de Comissão de Dardanelos, expondo suas ideias sobre a retomada da ofensiva por terra, alcançando os fortes turcos, de modo que a Marinha pudesse tentar novamente atravessar o estreito. Contudo, suas opiniões não tinham força; ele não tinha um Estado-Maior para analisá-las e elaborá-las nem um vasto departamento de Estado com orçamento e pessoal próprios.

Repetidas vezes, Churchill se sentiu obrigado a defender seu trabalho anterior como primeiro-lorde. Discursando em Dundee, em 5 de junho, disse aos seus eleitores: “Os arquivos do Almirantado podem mostrar com todos os detalhes o papel que desempenhei em todas as grandes decisões tomadas. É com eles que conto para minha defesa.” Ele exigiu também “maior capacidade de chefia e discernimento por parte dos governantes”, vendo-se claramente como alguém fora do poder. Em troca dos sacrifícios que todos estavam preparados para fazer, a necessidade naquele momento era agir: “Ação, não hesitação; ação, não palavras; ação, não agitação. A nação aguarda suas ordens. É dever do governo declarar o que deve ser feito.”

Na conclusão do discurso, Churchill voltou ao otimismo que tinha sido uma característica marcante de seus discursos logo após o início da guerra:

Olhem para a frente, e não para trás. Reúnam, no coração e na mente, todas

as suas energias e juntem-se em um novo esforço supremo. Os tempos são difíceis, a necessidade é desesperadora e a agonia da Europa é infinita, mas o conflito não poderá resistir ao poder de uma Grã-Bretanha unida. Nós somos a grande reserva da causa aliada e devemos marchar em frente como se fôssemos um só homem.

O apelo de Churchill foi muito elogiado. “Sinto-me agora senhor de mim mesmo e em paz, e ontem tive a consciência de que já não estou sem poder”, escreveu ele a um amigo. Estava, no entanto, sem poder para influenciar o curso dos acontecimentos no estreito de Dardanelos; observava, sofria e dava avisos aos seus colegas, mas não tinha a autoridade executiva para atuar. Na segunda semana de junho, soube das pesadas perdas da Divisão Naval no cabo Helles durante uma tentativa de conquistar o objetivo previsto para o primeiro dia de desembarque, quase dois meses antes.

Com mais de seiscentos homens mortos, tornou-se necessário extinguir dois entre os cinco batalhões. “Pobre Divisão Naval”, escreveu Churchill ao seu irmão em 12 de junho. “O massacre foi cruel. Todos que eu conhecia desapareceram. Isso me faz desejar estar aí contigo, mas meu dever é aqui, onde posso influenciar o curso dos acontecimentos.” Essa era uma esperança vã. A influência de Churchill era praticamente nula e seus avisos aos colegas raramente eram escutados. Ele havia falado repetidamente, na Comissão de Dardanelos, contra o ataque aos turcos com tropas insuficientes. Seria preferível adiar as ofensivas até que se conseguisse superioridade. “Tenho lutado uma dura batalha nessas últimas semanas, combatendo a cada polegada do caminho”, disse ele ao irmão em 19 de junho. Estava sendo planejada uma nova ofensiva para o começo de agosto. “Minha preocupação é que vocês não tenham homens suficientes para levá-la até o fim.”

Churchill tinha uma preocupação ainda maior, tendo dito ao seu irmão que “a certeza” de que a guerra não terminaria naquele ano “enche-me de pensamentos melancólicos. A juventude da Europa, quase uma geração inteira, será ceifada”.

Churchill tinha encontrado uma casa no campo onde descansar nos fins de semanas, próxima a Godalming. A propriedade, chamada Hoe Farm, era uma casa em estilo Tudor localizada num vale escondido. “É realmente um lugar encantador, com um jardim que refulge com as joias do verão”, escreveu ele ao irmão. “Vivemos com grande simplicidade, mas com todo o conforto que queremos: banhos quentes, champanhe gelado, ervilhas frescas e brandy

antigo.” Num fim de semana, sua cunhada, lady Gwendeline , armou seu cavalete de pintura em Hoe Farm. Churchill ficou intrigado, e ela, ao ver que ele a observava, pensou se não seria possível atenuar a depressão do cunhado encorajando-o a arriscar-se na pintura. Ela sugeriu que ele experimentasse pintar com as aquarelas de seus filhos e ensinou-lhe o essencial. À medida que se concentrava na tela, Churchill sentiu suas preocupações evaporarem. Tinha encontrado um escape para a tensão e a depressão.

Uma semana depois, Churchill convidou Hazel Lavery , pintora e esposa do pintor Sir John Lavery , para uma visita a Hoe Farm. Quando ela chegou, Churchill já estava sentado em frente ao cavalete que havia comprado naquela semana, juntamente com tintas a óleo, paletas, terebintina e pincéis. Queria pintar a cena defronte da casa, com o caminho, o lago, as moitas, as árvores e o céu. Mais tarde, recordaria que sua visitante desceu do carro e, ao vê-lo junto à tela, exclamou: “Pintura! Mas por que hesita? Dê-me um pincel, o grande.” E, então, lembraria Churchill, “mergulhou-o na terebintina, sujou-o no azul e no branco, formando manchas brilhantes na paleta — que continua assim hoje — e deu várias pinceladas largas e golpes de azul numa tela absolutamente submissa. Era evidente que ela não reagiria. Nenhum destino vingou essa atrevida violência”.

Lady Lavery tinha feito bem seu trabalho. “A tela olhava impotente para mim”, escreveu Churchill. “O feitiço fora quebrado. As inibições desapareceram. Peguei o maior pincel e caí sobre minha vítima numa fúria enlouquecida. Nunca mais tive medo de uma tela.”

Edward Marsh , que acompanhava Churchill desde os dias do Ministério das Colônias , quase uma década antes, e que se manteve com ele no ducado de Lancaster, esteve presente durante essas primeiras experiências com a pintura. Esse “novo entusiasmo”, relataria mais tarde, “era uma distração que trouxe certo alívio à sua frustração”. O Tesouro tinha atribuído a Churchill uma sala na Abingdon Street, nº 19, em frente à Câmara dos Lordes e permitido que mantivesse os serviços de Marsh e de seu estenógrafo no Almirantado, Harry Beckenham . No entanto, sua frustração era aguda e acentuada no começo de julho, quando perguntou a Asquith se poderia acompanhar o primeiro-ministro nas próximas discussões ministeriais sobre a estratégia interaliada em Calais. Asquith disse que não.

Uma semana mais tarde, a sorte de Churchill pareceu virar. Kitchener pediu-lhe que visitasse o estreito de Dardanelos para dar uma opinião ministerial acerca das condições e perspectivas na preparação da futura ofensiva em agosto.

Tanto Asquith quanto Balfour haviam dado sua aprovação. Ao fazer os preparativos para a viagem, Churchill prometeu ao seu agente de seguros que não participaria diretamente dos combates, mas estava bem consciente de que “minha missão pode ser alargada e posso precisar visitar os Estados balcânicos”. Sabendo que estaria em risco, dado o fogo da artilharia turca, enquanto estivesse na península de Galípoli, Churchill escreveu uma carta para ser entregue a Clementine “no caso de sua morte”. Após explicar que suas apólices de seguro a protegeriam financeiramente e que suas ações e seus títulos seriam suficientes para pagar as contas e para cobrir gastos, ele escreveu: “Desejo ansiosamente que recolha meus papéis e textos, especialmente aqueles que se referem à minha liderança do Almirantado.” Ele a tinha nomeado sua agente literária. Masterton-Smith a ajudaria a “garantir tudo o que fosse necessário para um registro completo”. Sua carta prosseguia:

Não há pressa, mas eu gostaria que a verdade fosse conhecida algum dia. Randolph irá à frente, guiando-os pelo caminho.

Não chorem demais por mim. Confio em meus direitos. A morte é apenas um incidente e nem é o mais importante em nossa existência. De todo fui feliz, especialmente desde que te conheci, minha querida, e desde que você me ensinou quão nobre pode ser o coração de uma mulher.

Se existe outra vida, ficarei à sua espera. Até então, olhe para o futuro, seja livre, ame as crianças e lembre-se de mim. Deus te abençoe.

Churchill passou o domingo de 18 de junho em Hoe Farm, despedindo-se da família. No dia seguinte, após uma reunião, permaneceu por alguns minutos na sala de reuniões do Gabinete para despedir-se de Asquith, Kitchener e Grey. Enquanto apertavam-lhe a mão e desejavam-lhe sorte, Curzon, um dos ministros conservadores, regressou inesperadamente e quis saber para onde ia Churchill para lhe desejarem boa sorte.

Curzon concordou com a viagem, mas apressou-se em procurar seus colegas e contar-lhes o que se passava. Eles ficaram chocados. Bonar Law, cujo veto tinha tirado Churchill do Almirantado dois meses antes, informou imediatamente Asquith de que ele e outros ministros temiam uma crise política se Churchill fosse enviado para tal missão. Conhecendo a força da hostilidade dos conservadores, Churchill escreveu a Asquith informando-o de que não viajaria. “Acho uma imensa pena”, respondeu Asquith. “Acredito que você teria podido prestar um valioso serviço ao governo e à nação.”

Nas semanas seguintes, Churchill inquiriu várias vezes, na Comissão de Dardanelos, sobre as reservas de munições em Galípoli e sobre os objetivos a longo prazo do ataque de agosto, mas não recebeu respostas nem foi incluído nas discussões militares ou navais. Um apelo feito a Balfour para que considerasse o uso de meios aéreos britânicos para bombardear fábricas de munição em Constantinopla também não teve resposta. A esperança que tinha de ser nomeado ministro de um departamento especial da aviação, independente em relação ao Exército e à Marinha, também não se concretizou nesse verão. Essa “Força Aérea britânica” poderia, segundo disse ele a Asquith, ser “indisputavelmente a maior, mais eficiente e mais empreendedora de qualquer das forças beligerantes”.

Em 15 de julho, Churchill escreveu a Sir Archibald Sinclair, um jovem amigo da ala liberal com quem antes da guerra tinha compartilhado o entusiasmo pelo voo e que estava servindo como oficial de infantaria na Frente Ocidental. “Eu não quero um cargo, apenas a possibilidade de comandar a guerra”, confidenciou-lhe. Porém, não acreditava que conseguiria obtê-la. “Todo o resto, mas isso não. Pelo menos é o que sinto em meus maus momentos.” Ele prosseguiu, dizendo a Sinclair :

Sinto-me profundamente inquieto e não posso utilizar meu dom. Não tenho quaisquer dúvidas sobre isso. Não sinto que minha capacidade de julgamento tenha sido deturpada ou que minha política através de todos os riscos necessários estava errada. Eu faria tudo outra vez, da mesma forma, se as circunstâncias se repetissem, mas estou enfrentando o problema de viver ao longo de dias de 24 horas cada um e de afastar minha mente do assunto intrincado que tinha nas mãos e que era a minha vida.

Novos desembarques militares e uma ofensiva renovada na península de Galípoli estavam planejados para 6 de agosto. Três dias antes, Churchill escreveu ao seu irmão: “Existem tantos ‘homens competentes’ nesse Gabinete que é muito difícil decidir o que quer que seja. Os diversos grupos mantêm-se num empate. A tendência para o pessimismo é extremamente forte. Não interessa. Eles estão metidos no estreito até o pescoço e agora só se pode seguir em frente.” Ele estava “soberbamente esperançoso” de que o novo ataque tivesse sucesso, mas não tinha ilusões quanto ao seu custo. “As perdas serão cruéis, sem dúvida, mas antes ali, onde a vitória será proveitosa, do que na carnificina sem proveito do buraco de Ypres.”

Os novos desembarques de Galípoli realizaram-se na baía de Suvla. “Eu adoraria que você estivesse aqui nesse momento”, escreveu Hamilton a Churchill na véspera do ataque. “Tenho certeza de que você teria sido muito útil, percorrendo as trincheiras e animando os homens.” A Kenneth Dundas, com quem tinha feito safáris na África Oriental em 1908 e que devia participar do novo assalto com a Divisão Naval, Churchill escreveu em 6 de agosto: “Confio e tenho esperança de que, quando esta carta chegar às suas mãos, a situação tenha mudado substancialmente a nosso favor.” A carta foi-lhe devolvida mais tarde, com o envelope marcado por uma única palavra: “Morto.” Dundas havia morrido em combate em 7 de agosto, deixando um filho de 4 anos.

Os objetivos dos desembarques de 6 de agosto nunca foram alcançados. Embora quase não houvesse oposição turca na baía de Suvla, os oficiais ingleses hesitaram em conduzir seus homens para a frente. Chunuk Bair, a crista que deveriam capturar, ainda não se encontrava ocupada pelos turcos, mas, enquanto as tropas britânicas se mantinham estacionadas na larga planície, a crista foi rapidamente guarnecida e tenazmente defendida. Após quatro dias de violentos combates corpo a corpo, todas as esperanças de avançar até a zona do estreito, permitindo finalmente que a esquadra forçasse passagem até o mar de Mármara, deram em nada. Churchill recebeu de seu irmão um relato completo sobre a batalha. Na planície de Suvla, Jack se deparara com o general comandante de uma de duas divisões enviadas especialmente para os novos desembarques. “Ele parecia apático. Pelo que entendi, os brigadeiros tinham dito que não podiam fazer mais nada. Todo mundo parecia desligado.” A apatia dos oficiais superiores se alastrara pelos soldados. Sobre eles, Jack disse ao irmão:

Com todas as histórias da guerra, eles aprenderam a considerar que um avanço de cem metros é algo da maior importância. Tinham desembarcado e avançado um quilômetro e meio e achavam que tinham realizado algo maravilhoso. Não tinham qualquer padrão para se orientarem. Não havia outras tropas para mostrar-lhes o que era correto. Parecia não saberem o que fazer.

Churchill insistiu em fazerem mais um esforço militar em Galípoli, mas não antes que fossem levados ao local pelo menos 20 mil homens de tropas novas do Egito. Ao mesmo tempo, manifestou-se contra qualquer tentativa de renovar

a ofensiva na Frente Ocidental, onde as defesas alemãs tinham sido “continuamente reforçadas”, mas onde a artilharia pesada e as munições não tinham sido “acumuladas em número correspondente pelos aliados”. Suas opiniões foram ignoradas.

Em 21 de agosto, em Galípoli, utilizando, conforme Kitchener queria, apenas as tropas que já tinham participado do ataque anterior, Hamilton lançou um novo assalto sobre Chunuk Bair. Foi um novo fracasso. Churchill propôs outro ataque naval, mas Balfour vetou a ideia e recusou também um pedido seu para fazer circular pelo Gabinete uma nota sobre o aprovisionamento que deveria ser feito para enfrentar as condições de inverno que se avizinhavam no estreito de Dardanelos.

No começo de setembro, Sir John French sugeriu que Churchill assumisse o comando de uma brigada na Frente Ocidental. Churchill sentiu-se aliviado, pedindo autorização a Asquith para deixar o governo e partir para a França. Asquith mostrou-se a favor da ideia, consciente do quanto as sugestões de Churchill eram ignoradas. No entanto, Kitchener recusou a proposta. Não se importaria que Churchill assumisse a chefia na Antuérpia temporariamente ou que fosse mandado numa breve missão ao estreito de Dardanelos, mas não o queria numa posição de comando permanente. Desapontando, Churchill escreveu a Asquith: “Fui influenciado demais por French, que sempre foi tão amável comigo, e vi, por um momento, um modo de escapar de uma situação que por diversas razões, públicas e privadas, me desagradava cada vez mais.”

Desde sua saída do Almirantado, Churchill era atormentado por ataques verbais ou impressos nos jornais. Era como se todos os erros da guerra no mar, desde agosto de 1914 até maio de 1915, bem como a campanha da península de Galípoli, fossem atribuídos a ele. Dois dias depois de saber que não teria o comando militar na França, pediu a Asquith que entregasse ao Parlamento os documentos referentes a todos os controversos episódios. “Sou repetidamente alvo de acusações muito sérias sobre todos esses assuntos, acusações que nunca foram refutadas e que parecem confirmadas pelo fato de eu ter deixado o Almirantado”, escreveu ele. Algumas vezes essas acusações apareciam na imprensa, “mas são principalmente mantidas vivas por conversas ou por referências constantes em artigos de jornal, e não existe dúvida de que se espalhou a crença de que agi de forma errada e inconsciente nessas ocasiões”.

Asquith recusou-se a apresentar os fatos reais ao Parlamento. Então, Churchill decidiu fazer circular entre seus colegas do Gabinete três volumosos conjuntos de telegramas relativos àqueles episódios, incluindo Coronel, Antuérpia e o

estreito de Dardanelos, “em referência aos quais existem ideias erradas”. Churchill tinha fé na capacidade que os documentos tinham para convencer seus críticos. Mais tarde, esses mesmos documentos formariam a base dos primeiros volumes de suas memórias da Primeira Guerra Mundial. Ainda assim, ele continuava a ser provocado em ocasiões públicas com o grito de “E o estreito?”. Nenhuma quantidade de documentos históricos, por mais exata, pormenorizada ou convincente que fosse, seria capaz de silenciar esse brado ou dar fim às suspeitas que o sustentavam.

Em 21 de setembro, quando começavam as primeiras discussões ministeriais acerca da retirada das tropas do estreito de Dardanelos, Churchill escreveu a um amigo: “Para mim, é odioso permanecer aqui, observando preguiça e estupidez, com conhecimento completo e sem ocupação.” Nesse dia, ele propôs que fosse feito um desembarque de tropas na margem asiática do estreito a fim de “tomar Chanak”. Nove dias depois, ao tomar conhecimento das perdas sofridas na Frente Ocidental durante a ofensiva à qual se tinha oposto, ele disse a outro amigo: “Com a quarta parte do esforço militar que foi necessário para tomar a aldeia de Loos teríamos conseguido atravessar o estreito.” Um dia depois, Churchill escreveu a Lloyd George: “O esforço e os recursos que nos deram a aldeia de Loos poderiam dar-nos Constantinopla e o domínio do mundo oriental.”

Entre os mortos em Loos estava o capitão William Sheridan, marido de Clare, prima de Churchill, cujo filho tinha nascido cinco dias antes da morte do pai.

Ao longo de outubro, a Comissão de Dardanelos discutiu se deveria ou não evacuar a península de Galípoli. A incapacidade de chegar a uma decisão enfureceu Churchill. “Os soldados que são enviados para a morte têm direito a um plano e a uma causa”, escreveu ele num memorando que acabou optando por não divulgar. Em 20 de outubro, enviou aos seus colegas uma proposta de utilizar gás mostarda numa tentativa final de forçar as defesas turcas. Dado o massacre dos armênios pelos turcos, bem como a morte de muitos soldados ingleses que tinham tentado render-se, ele tinha esperanças de que “cessasse o preconceito nada razoável sobre nosso uso de gás contra os turcos”. Deveriam ser enviadas grandes instalações de gás para Galípoli “sem demora”. O inverno no estreito era frequentemente marcado por rajadas de vento de sudoeste, “que seriam uma oportunidade perfeita para nosso emprego do gás”.

A sugestão de Churchill foi ignorada, assim como seu apelo para um serviço militar obrigatório e sua proposta, feita a Asquith em particular, de que

Kitchener fosse substituído por Lloyd George no Ministério da Guerra para garantir uma condução mais eficaz do conflito. No final de outubro, face a críticas públicas sobre a ineficácia do governo, críticas semelhantes às aquelas que o próprio Churchill tinha feito na confidencialidade do Gabinete, Asquith anunciou a substituição da Comissão de Dardanelos por um pequeno grupo de três pessoas — ele próprio, Kitchener e Balfour — com competência diretiva. Sem nenhum departamento governamental para orientar, Churchill não tinha agora sequer um fórum ao qual propor seus conselhos. Hankey sugeriu a Asquith que Churchill fosse enviado numa missão à Rússia para apressar as comunicações com Arcangel e Vladivostok para a importação de fuzis e munições, mas isso não teve qualquer resultado. Nessa mesma semana, Churchill mencionou de novo a possibilidade de um departamento específico para a guerra aérea, mas também isso não teve qualquer resultado. Por fim, em 30 de outubro, apresentou sua demissão, dizendo a Asquith que a mudança no sistema de condução da guerra “priva-me de prestar qualquer serviço útil”.

Com a esperança de que Asquith defendesse sua participação na campanha dos Dardanelos ao falar sobre a história dessa operação à Câmara dos Comuns em 2 de novembro, Churchill forneceu-lhe uma pasta repleta de documentos. Porém, Asquith não utilizou os documentos nem defendeu Churchill da principal acusação que faziam a ele, de passar por cima de seus conselheiros navais.

Churchill havia sido transformado no bode expiatório do fracasso do estreito de Dardanelos, mesmo no período posterior a sua saída do Almirantado, quando já não era responsável pela Marinha nem mesmo pelas ações em terra, que eram do domínio de Kitchener. Ele não queria continuar na Inglaterra. Em 6 de novembro, pediu a Asquith que o nomeasse governador-geral da África Oriental Britânica e comandante-chefe das forças locais. Surpreendentemente, Bonar Law apoiou o pedido de Churchill, dizendo a Asquith que “estamos sofrendo com uma falta de cérebros nas posições de comando”. Contudo, Asquith recusou o pedido.

Em 11 de novembro, foi criado um novo Gabinete, que teria cinco membros em vez de três, mas Churchill não fora incluído nele. Nesse dia, ele enviou a Asquith uma segunda — e decisiva — carta de demissão. Não se sentia capaz de, em tempos como aqueles, “continuar numa inatividade bem remunerada”. Tinha a consciência limpa, que lhe permitia arcar com sua responsabilidade por acontecimentos passados com perfeita compostura. “O tempo fará justiça à minha administração no Almirantado e atribuirá minha justa parte na vasta série

de preparativos e operações que nos garantiram o domínio dos mares.”

Após quase dez anos de responsabilidades ministeriais, Churchill não tinha um lugar no governo. Uma década de vida, centrada em Whitehall e na Downing Street, gasta em reuniões governamentais e com funcionários públicos, tinha chegado ao fim. Ainda era membro do Parlamento, mas sabia a que ponto essa instituição se tornara ineficaz em tempo de guerra. Numa declaração pessoal feita ao Parlamento em 15 de novembro, manifestou seu desejo de que todos os documentos de sua fase na administração da Marinha fossem publicados e afirmou, em relação ao estreito de Dardanelos, que se Fisher não estava de acordo com a operação “era seu dever ter recusado sua autorização”. Ele, Churchill, não tinha recebido de Fisher “nem diretivas claras nem apoio firme, que eu tinha direito de esperar”.

Ao longo de todo o ano anterior, continuou Churchill, “dei os mesmos conselhos ao governo: a oeste, não empreender nenhuma operação que fosse mais onerosa para nós do que para o inimigo; a leste, tomar Constantinopla, com navios se possível, mas com soldados se for preciso, por meio de qualquer plano militar ou naval preferido pelos peritos militares, mas tomá-la depressa, enquanto ainda temos tempo”. Churchill estava confiante quanto ao eventual desfecho da guerra. “Nós estamos passando por um mau momento agora e provavelmente as coisas ficarão piores antes de ficarem melhores, mas vão ficar melhores — se resistirmos e persistirmos —, disso não tenho qualquer dúvida.”

A queda de Churchill — porque se tratou de uma queda — levou Bonar Law a afirmar na Câmara dos Comuns : “Ele tem os defeitos de suas qualidades, e, como suas qualidades são grandes, a sombra que lançam é também grande, mas afirmo deliberadamente, na minha opinião, que em poder intelectual e em força vital ele é um dos homens mais notáveis de nossa nação.”

Churchill tinha decidido juntar-se ao seu regimento na França. Antes de partir, ofereceu um almoço de despedida na Cromwell Road. A filha de Asquith , Violet , que se encontrava entre os presentes, lembraria mais tarde: “Clementine estava admiravelmente calma e digna, o pobre Eddie piscava os olhos para esconder as lágrimas e os restantes tentavam ‘animar-se’ e esconder nosso desgosto. Apenas Churchill se encontrava alegre.”

Na manhã de 18 de novembro, usando seu uniforme de major dos Hussardos de Oxfordshire, Churchill partiu de Londres a caminho da Frente Ocidental. Clementine tinha lhe dado um pequeno travesseiro para tornar as noites mais confortáveis. No final desse dia, Masterton-Smith , no Almirantado, escreveu a

Clementine : “Ele deixou em todos que compartilharam sua vida aqui uma recordação inspiradora, de grande coragem e incansável capacidade de trabalho, e leva consigo para Flandres tudo o que temos para lhe oferecer: nossos melhores votos.”

Três semanas depois, ao saber da decisão britânica de sair do estreito de Dardanelos, Churchill escreveu a Curzon :

Não parti porque desejava desligar-me da situação ou porque temia o peso desse golpe, mas porque estava e estou certo de que minha utilidade está exaurida por enquanto e de que apenas posso recuperá-la por meio de um definitivo e talvez prolongado afastamento. Se eu tivesse previsto a mais breve possibilidade de ser capaz de influenciar os acontecimentos, eu teria ficado.

16.

Nas trincheiras

Ao viajar para a França em 18 de novembro de 1915, Churchill tinha a intenção de juntar-se ao seu regimento em Bléquin, a cerca de 36 quilômetros de Boulogne, mas quando chegou ao cais deparou-se com um carro que o aguardava; tinha sido enviado por Sir John French, com ordens para conduzi-lo ao seu quartel-general em St. Omer. Ele conseguiu ir primeiro a Bléquin, onde passou algumas horas com seus amigos dos tempos de Oxfordshire, antes de continuar até St. Omer, onde foi sua primeira noite como soldado no quartel-general do comandante-chefe. Era “um belo *château*”, escreveu ele a Clementine, “com banhos quentes, camas, champanhe e todas as comodidades”.

Durante essa tarde, French sugeriu a Churchill que se juntasse ao seu Estado-Maior como ajudante de campo ou que assumisse o comando de uma brigada com o posto de brigadeiro-general. Churchill optou pela brigada, mas perguntou se poderia primeiro adquirir alguma experiência na guerra de trincheiras. “Estou decidido a não regressar a nenhum governo durante essa guerra, a não ser com poder executivo pleno e efetivo, e não é muito provável que essa condição seja satisfeita”, escreveu ele ao irmão durante o primeiro dia completo na França. “Por isso, proponho-me a fazer o máximo para progredir por conta própria no Exército, que é minha velha profissão e onde, como você sabe, meu coração se encontra há muito tempo.”

Churchill deveria efetuar seu treino na Divisão dos Guardas. Em seu primeiro dia completo na França, visitou o quartel-general da divisão, em La Gorgue. “Para minha surpresa, eles têm apenas quinze mortos e feridos por dia, isso com 8 mil homens na primeira linha!”, escreveu a Clementine. “Vou ficar aborrecido se pensar que você se aflige por um risco assim.” Após o primeiro dia na França, suas frustrações pareciam ter desvanecido. “Estou muito satisfeito aqui”, disse a Clementine. “Eu não sabia verdadeiramente o que era me libertar das preocupações. Como pude desperdiçar tantos meses numa infelicidade impotente, meses que poderiam ter sido gastos na guerra, é algo

que não posso explicar.”

Em 20 de novembro, Churchill apresentou-se no 2º Batalhão dos Guardas Granadeiros, que avançou para um período de doze dias nas trincheiras, seguindo um sistema de 48 horas na linha de frente propriamente dita e 48 horas na reserva. Sua primeira noite foi passada a norte de Neuve Chapelle, no quartel-general da linha da frente do batalhão, “num lugar em ruínas chamado fazenda Ebenézer”. Nessa noite, recordou ele mais tarde, “trouxeram um granadeiro morto, que foi colocado nos destroços da casa principal para ser sepultado no dia seguinte”.

As suspeitas dos outros oficiais em relação ao recém-chegado eram consideráveis, mas rapidamente desvaneceram. As condições de vida no batalhão, segundo disse Churchill à sua mulher, “ainda que árduas, não deixam de ser saudáveis e certamente não há razões para queixa, com exceção dos pés gelados”. A pequena almofada que ela lhe dera era uma “ajuda e um objeto de estimação”. No segundo dia, passou da fazenda Ebenézer para um abrigo numa das trincheiras da frente de batalha. Esse abrigo não era mais perigoso do que o posto de comando do batalhão, apressou-se a explicar para tranquilizar Clementine, “porque evitamos marchas frequentes para lá e para cá numa área em que há balas perdidas”.

O primeiro período de 48 horas nas trincheiras mostrou a Churchill um mundo cujos desconfortos e perigos ele compartilharia durante quase seis meses. “Imundice e lixo por toda a parte”, escreveu ele a Clementine em sua segunda noite, “com sepulturas escavadas nas próprias defesas e espalhadas de forma promíscua, com pés e roupas a saírem do solo, água e lama por todos os lados, e, sobre esse cenário, sob a luz ofuscante do luar, pelotões de morcegos enormes deslizam com um constante acompanhamento de fuzis e metralhadoras e do venenoso silvo das balas que passam por cima”. Contudo, no meio desse ambiente, “encontrei satisfação e tranquilidade como não sentia havia muitos meses”.

Em Londres, o governo havia decidido evacuar a península de Galípoli. Hankey, que como Churchill tinha sido um persistente defensor do empreendimento, escreveu em seu diário que achava que essa última decisão era “totalmente errada”. “Desde que Churchill foi embora do Gabinete e do Conselho de Guerra tivemos mais falta de coragem do que nunca”, acrescentou ele.

Churchill escreveu à mãe em 24 de novembro, quando se encontrava na reserva por 48 horas: “Acredita que me sinto completamente jovem de novo?”

Dois dias depois, outra vez na linha de batalha, ficou aborrecido ao receber uma ordem para recuar bastante até um ponto onde um carro iria buscá-lo para uma reunião com o comandante do corpo. Churchill era agora um oficial na ativa e tinha de obedecer. Quando se preparava para partir, os alemães começaram a bombardear a linha de frente. “Escapei por pouco de uma salva inteira que caiu no caminho, cerca de cem metros atrás de mim”, disse ele a Clementine . Então, depois de uma hora de marcha, “por campos alagados nos quais sempre caem balas perdidas e por trilhas constantemente bombardeadas”, alcançou a encruzilhada onde o carro do comandante do corpo deveria buscá-lo. Porém, um oficial do Estado-Maior chegou para explicar-lhe que o veículo tinha sido “afugentado” pela artilharia e que o general queria apenas conversar um bocado, portanto “qualquer outro dia serviria igualmente”.

Furioso com a viagem desperdiçada, Churchill voltou ao seu abrigo, caminhando por mais uma hora “pelos campos ensopados agora mergulhados na escuridão”. “Você pode imaginar como insultei para mim mesmo a complacência desse general — que sem dúvida tinha boas intenções — ao arrastar-me pelo vento pela chuva rigorosamente para nada”, disse ele a Clementine . Então, ao alcançar a linha de frente, Churchill soube que quinze minutos depois de sua partida “o abrigo em que eu estava foi atingido por um obus que explodiu a poucos metros do lugar onde eu normalmente estaria sentado, destruindo a estrutura e matando um dos três homens que ali estavam. Quando vi as ruínas, não fiquei tão aborrecido com o general”.

Ao escapar por pouco da morte, Churchill escreveu a Clementine : “Pode ver como é vão preocupar-se com as coisas. Tudo é pura sorte, e é melhor darmos nossos passos sem fazer muitos cálculos. Uma pessoa deve entregar-se, simples e naturalmente, ao espírito do jogo e confiar em Deus, o que é outra forma de dizer a mesma coisa [...] Coisas assim são comuns aqui”, refletiu ele. Elas “não provocam grande espanto nem interesse”. Ele próprio tinha sorte pelo fato de que a aproximação de um obus não “acelera minha pulsação, não põe meus nervos à prova e não me faz tremer, como acontece a tantos”. Era “satisfatório”, acrescentou, “descobrir que tantos anos de vida de luxo não diminuíram meu tônus vital. Espero ser tão bom quanto outros nessa espécie de jogo”.

Churchill permaneceu com os guardas durante cinco dias ao todo, passando mais 48 horas nas trincheiras da linha de frente. “Fiquei de guarda durante parte da noite para que os outros pudessem dormir”, contou ele a Clementine . “Na noite passada, encontrei uma sentinela adormecida em seu posto. Deixei-a tremendamente apavorada, mas não a acusei. Não passa de um garoto e nem

sequer sou um oficial do regimento. O castigo pode ser pena de morte ou pelo menos dois anos de prisão.”

Foi um período de ventos frios e cortantes, chuva, granizo e neve. Em menos de uma semana na linha de frente, tinham sido mortos dois homens, outros dois tinham morrido em decorrência de ferimentos e oito tinham ficado feridos. “Se meu destino ainda não se cumpriu, certamente estou protegido”, escreveu Churchill a Clementine, na reserva, em 28 de novembro. “Se já se cumpriu, nada do que fiz pela pátria poderá envergonhar Randolph.”

Churchill regressou ao seu abrigo na linha de frente, um buraco de apenas oitenta centímetros de altura. O comandante da companhia descreveu numa carta para casa como Churchill tinha aceitado a lama úmida e o espaço restrito “com ótima disposição e nós até nos divertimos. Ele já se esqueceu da herança política de lorde Randolph e pensa muito mais, creio eu, nos instintos militares que herdou do grande duque de Marlborough. O resultado é um oficial estritamente disciplinado, que faz a continência ao comandante tão corretamente quanto qualquer um de nós. É curioso”.

Churchill passou uma boa parte do seu quadragésimo primeiro aniversário no abrigo. “Fomos bastante bombardeados”, contou a Clementine.

Durante cerca de três horas, as trincheiras estiveram sob fogo de artilharia, atacada com dois obuses por minuto. Tive uma vista esplêndida de todo o espetáculo. Estilhaços e destroços caíram muito perto, a centímetros, mas só dois homens ficaram feridos. Todos ficaram muito aliviados com o fim das 48 horas e, no nosso regresso, celebrei meu aniversário com um jantar muito animado.

Churchill passou os oito dias seguintes com o batalhão em Merville, fora do alcance da artilharia alemã. Em 1º de dezembro, voltou ao quartel-general de French em St. Omer, onde divertiu os presentes ao referir-se a si próprio como o “bode expiatório fugido”. Ao saber que Galípoli provavelmente seria evacuada, declarou que, se isso fosse decidido, ele voltaria à Câmara dos Comuns para denunciar seus antigos colegas. Falando sobre sua posição na Comissão de Dardanelos entre maio e novembro, afirmou: “Fui um dos servos de Sua Majestade, mas não um dos servos superiores.” Um dos presentes comentou: “Ele não perdeu nenhuma de suas qualidades nas trincheiras, nem mesmo seu brilhante poder de conversador.”

O poder inventivo de Churchill também não estava diminuído e encontrava-se

focado na situação de empate e nas crueldades da guerra de trincheiras. Enquanto em St. Omer, em 1º de dezembro, ele voltou à sua ideia de um dispositivo para atravessar o arame farpado, sugerindo, num memorando que F. E. Smith concordou em fazer circular pelo Gabinete, que em vez do “peito nu dos soldados” fosse inventado um escudo coletivo, de metal, “empurrado sobre rodas ou, melhor ainda, sobre um trator com esteiras” que fosse “capaz de atravessar obstáculos, fossos, parapeitos ou trincheiras”. Cada uma dessas blindagens seria capaz de transportar duas ou três metralhadoras Maxim e seria equipada com equipamentos lança-chamas. A resistência do metal seria tal que esmagaria todo o arame farpado à sua frente e apenas o impacto direto de uma peça de artilharia poderia travar seu avanço. Poderiam também ter metralhadoras blindadas montadas em cima.

Tanto Clementine quanto lady Randolph temiam pela vida de Churchill na frente de batalha. “Se for morto após se expor demais, todos pensarão que procurou a morte por causa da sua mágoa com o estreito de Dardanelos”, escreveu Clementine na carta de aniversário de Churchill. “É seu dever para com sua pátria tentar viver (de um modo consistente com sua honra de soldado).” De lady Randolph veio um aviso: “Por favor, seja sensato. Eu acho que deveria acostumar-se com as trincheiras em doses pequenas, depois de dez anos de uma vida mais ou menos sedentária, mas estou certa de que não vai ‘ser bobo’. Lembre-se de que está destinado a coisas ainda maiores do que já teve.”

Apesar dos golpes políticos que haviam caído sobre ele e das circunstâncias dramaticamente alteradas de sua vida, Churchill não levou as mudanças para o lado trágico. A partir do quartel-general de French , em St. Omer, em 1º de dezembro, ele escreveu a Clementine : “Aqui estou eu, após um estupendo banho quente, no meio dos lençóis, confortável, descansando antes do jantar.” Ele já tinha enviado um telegrama informando que estava “tudo bem”, o que deveria, “por algum tempo, pôr fim à sua angústia”.

Sua partida dos Granadeiros foi muito diferente de sua chegada.

Quando cheguei, o coronel disse-me: “Não queremos ser menos hospitaleiros, mas acho que deve saber que sua vinda não foi um assunto sobre o qual tivemos qualquer escolha.” Contudo, hoje foi só sorrisos, acenos e convites insistentes para que eu volte quando quiser e fique todo o tempo que desejar etc. Claro que eu tive o maior cuidado e mantive o melhor comportamento, mas o fato é que tinha obtido sucesso e sentia-me quase como se abandonasse um local onde tivesse estado durante meses. Nossas

perdas totais no batalhão tinham sido 35, em 700 homens, durante seis dias sem fazer nada.

A parte seguinte da carta dizia respeito aos cestos da Fortnum & Mason que Clementine se preparava para lhe enviar:

Minha querida, onde estão os envios de comida que deveriam chegar duas vezes por semana? Eles são minha única contribuição para com os outros. Nós comemos as rações, mas todos os oficiais recebem pacotes extras vindos de casa. Também quero contribuir com o todo. Por isso, mande-me uns artigos úteis e práticos. Brandy de pêssego parece-me uma boa escolha para a seção de bebidas.

Quanto ao seu futuro militar, Churchill havia almoçado pela segunda vez com lorde Cavar, comandante da Divisão de Guardas, e tido uma longa conversa com ele. “Ele aconselhou com insistência que eu tomasse conta de um batalhão antes de tentar uma brigada, e é isso o que vou fazer, se me for proposto. Ele falou sobre uma posição de alto comando para mim como se fosse a coisa mais natural, mas frisou bem a importância de avançar passo a passo.”

Churchill concluiu a carta com conselhos sobre o moral e as finanças enquanto Clementine vivia com a cunhada e a sogra na Cromwell Road: “Mantenha uma boa mesa. Conserve um número suficiente de criados e sua criada particular, receba visitas com critério e distraia-se de tempos a tempos. Não vejo qualquer razão para uma economia despropositada.”

Durante seu tempo em St. Omer, aguardando notícias sobre que brigada comandaria, Churchill tornou-se amigo de um jovem capitão chamado Louis Spears . Em 5 de dezembro, ele e Spears visitaram o setor francês da linha de frente, próximo a Arras. “Os alemães, como costumam fazer, evitaram bombardeios”, escreveu Churchill a Clementine . O general francês, comandante do setor, ofereceu-lhes um capacete francês de aço, cujas qualidades superiores Churchill reconheceu imediatamente. Passou a usá-lo “porque fica muito bem em mim e talvez proteja melhor meu valioso crânio”. Dois dias depois dessa visita, Churchill foi com Spears a La Panne, na costa belga, o flanco extremo da linha de defesa aliada, onde viu o ponto onde as trincheiras chegavam ao mar.

Na viagem de regresso, Churchill falou a Spears sobre seus planos para encurtar a guerra, atacando os alemães pela Holanda ou por Borkum. Sempre

inventivo, falou ainda sobre “torpedos lançados a partir de hidroaviões”. De volta a St. Omer, encontrou uma carta de Curzon com um relatório do almirante Wemyss , o sucessor de Robeck no estreito de Dardanelos, que Curzon parecia aprovar francamente, propondo um ataque naval redobrado. A reação de Churchill foi tentar apoiar essa ideia. “Disse que as coisas estavam andando mais rápido e que era possível que tivesse de regressar a Londres”, anotou Spears em seu diário nessa noite.

À luz fria da manhã, Churchill percebeu que seu regresso era impossível. “Não teria servido para nada tomar parte nessas discussões”, escreveu a Clementine . “Um campeão novo e não comprometido como Curzon tem uma chance melhor do que eu poderia ter.” Porém, a carta de Curzon e seu apêndice tinham reavivado “pensamentos deprimentes”. Se a evacuação fosse acompanhada por um desastre, os fatos seriam “incríveis para o mundo. O ajuste de contas será pesado e irei assegurar-me de que ele seja pago”. Na realidade, a evacuação da península de Galípoli realizou-se sem uma única baixa.

Churchill escreveu animadamente ao próprio Curzon , dizendo-lhe que ter deixado “essa triste situação de nossos assuntos em todo o mundo sair da mente depois de tanto tempo provocou a sensação de finalmente abandonar um pesado fardo”. Ele acrescentou: “Além disso, como uma pessoa aqui pode ser morta a qualquer momento — ainda que espero que não —, as preocupações, grandes e pequenas, recuam para distâncias remotas e vagas.”

Em 8 de dezembro, Clementine voltou ao edifício do Almirantado, onde, com o auxílio de Masterton-Smith , foi posta em contato telefônico com seu marido em St. Omer. Churchill ficou muito entusiasmado ao escutar sua voz, mas explicou em sua carta seguinte que, como um oficial do Estado-Maior estava na sala, “não pude dizer muito e temi que tenha pensado que fui um pouco abrupto”.

“Há tanto que eu queria dizer que não pode ser gritado a um aparelho insensível”, escreveu Clementine no dia seguinte. Enquanto estava no Almirantado, após seis meses sem ir ao edifício, viu Hankey sair da antiga sala de Churchill. Ele disse-lhe: “Nesses momentos de ansiedade e dificuldade, sinto falta da coragem de seu marido e de sua capacidade para tomar uma decisão.” A maior parte das decisões de Churchill eram agora tomadas por ele. Em 9 de dezembro, foi-lhe comunicado que comandaria a 56ª Brigada, com o posto de brigadeiro-general. “No geral, é uma solução muito satisfatória”, disse a

Clementine . Antes de apresentar-se em sua brigada, deveria passar mais alguns dias na Divisão de Guardas, então na reserva em Laventie, estudando o sistema de abastecimentos. “Vou seguir o percurso desde a base até as trincheiras etc.” Ele tinha passado uma noite com sua antiga companhia a cantar cantigas, “algumas de natureza muito picante”. Clementine tinha lhe enviado “o mais divino e glorioso saco de dormir”, e ele tinha passado sua primeira noite nele, “num longo ronronar”. Seu capacete francês era “causa de muita inveja”. “Tenho um aspecto muito marcial com ele e pareço um soldado de Cromwell. Pretendo usá-lo sempre que estiver sob fogo, mas principalmente pela aparência”, escreveu ele. Segundo relatou, era opinião corrente entre os granadeiros que depois de liderar sua brigada seria nomeado para comandar uma divisão.

Clementine estava atormentada. “Vivo ansiosa e angustiada”, escreveu-lhe. “Todas as noites, quando me deito, digo para mim mesma: “Graças a Deus, ele ainda está vivo.” As quatro semanas de sua ausência parecem-me quatro anos. Se ao menos, meu querido, você não tivesse ambições militares. Se ao menos ficasse com os Hussardos de Oxfordshire em seus quartéis.”

A esperança que Churchill tinha de comandar uma brigada, e, em devido tempo, uma divisão, foi subitamente posta em dúvida quando Asquith informou French de que o próprio comandante-chefe seria substituído. “Uma brigada ou uma companhia dos Guardas é quase a mesma coisa para mim durante o atual intervalo”, escreveu Churchill a Marsh quando ouviu as notícias. “Deixei-me cair descansadamente nos braços do destino, mas com um instinto subjacente de que tudo correrá bem e de que meu trabalho mais importante está próximo.” Nessa mesma noite, escreveu a Clementine : “Acredite quando digo que sou superior a tudo o que possa acontecer aqui. Minha convicção de que a mais importante parte de minha obra ainda está para acontecer é forte em mim e cavalgo tranquilamente sob a tempestade.” Contudo, seus pensamentos ainda se centravam num regresso a Londres num futuro não muito distante: “Espero que seja meu dever, nos primeiros meses do próximo ano — se eu estiver bem —, tomar meu lugar no Parlamento e lutar para obter a demissão de Asquith e Kitchener . Quando eu tiver certeza de que chegou a hora, não fugirei de qualquer esforço ou luta. Sinto grande confiança em meus poderes, e agora, nu, nada pode me atingir.”

Churchill necessitaria muito do ânimo que sua carta proclamava. Poucos momentos depois de tê-la fechado, Sir John French , que se encontrava em Londres, telefonou para St. Omer para falar com ele. French tinha acabado de

receber uma carta de Asquith vetando seu comando de uma brigada. “Talvez um batalhão possa ser dado a ele”, acrescentara Asquith, numa despromoção de brigadeiro para tenente-coronel e numa redução de mais de 5 mil para menos de mil homens sob seu comando. O fato é que Asquith sabia que já no dia seguinte seria interrogado na Câmara dos Comuns por um deputado conservador sobre ter prometido uma brigada a Churchill e seria questionado se ele já tinha comandado ao menos um batalhão de infantaria e por quantas semanas ele havia servido na frente como oficial de infantaria. E Asquith estava determinado a esquivar-se desse ataque.

Churchill tornou a abrir a carta para Clementine e escreveu um pós-escrito: “Cancele a encomenda do novo dólma!” Então, acrescentou: “Não permita que o primeiro-ministro discuta com você assuntos relacionados a mim. Seja muito fria e distante e evite qualquer sinal de aquiescência em relação ao que ele disser.” A sugestão de que ele liderasse um batalhão o irritara. Não tinha qualquer interesse por esse posto, a não ser sob as ordens de um comandante-chefe “que confie em mim e que pretenda promover-me dentro de poucas semanas”. Os “riscos e esforços” de comandar um batalhão eram consideráveis. Ele se veria numa situação “de muita preocupação e nenhum alcance real”.

Em 18 de dezembro, o último dia de Sir John French como comandante-chefe, Churchill e ele fizeram um almoço-piquenique num campo próximo, regressando depois a St. Omer. Então, French disse ao seu sucessor, Sir Douglas Haig, que estava ansioso para que Churchill, tendo sido vetado para o comando de uma brigada, tivesse pelo menos um batalhão. Haig escreveu em seu diário: “Respondi que não tinha qualquer objeção, uma vez que Winston tinha feito um bom trabalho nas trincheiras e que faltam bons comandantes de batalhão, e despedi-me.”

Haig pediu então para falar com Churchill. Os dois homens conheciam-se desde o tempo em que Churchill era um jovem deputado e Haig, major. O encontro correu bem. “Ele me tratou com a maior cortesia e consideração”, contou Churchill a Clementine. “Assegurou-me que nada lhe daria maior prazer do que me proporcionar uma brigada, que seu maior desejo era que homens capazes fossem para a frente e que eu podia contar com sua simpatia em todos os aspectos.”

Era “perfeitamente claro”, acrescentou Churchill, que Haig estava disposto a dar-lhe uma “oportunidade razoável”. Nessas circunstâncias, decidiu aceitar um batalhão. Na manhã seguinte, French preparou-se para deixar St. Omer pela última vez. Após se despedir de vários generais, abriu a porta do gabinete e

disse a Churchill, que aguardava na antecâmara: “Winston, é justo que meus últimos quinze minutos aqui sejam passados com você.” Conversaram por algum tempo. Então, conforme Churchill relatou à sua mulher, “lá foi ele, com uma guarda de honra, oficiais a fazerem continência, soldados e gente da cidade a aclamarem, passando rapidamente do palco da história para a triste monotonia da vida comum”.

Churchill não achava que a demissão de French era necessária ou correta, mas, conforme disse a Clementine, “Asquith está preparado para atirar quem quer que seja aos lobos para se manter no lugar”. Nesse momento, sua mente estava concentrada em seu batalhão, embora ainda não soubesse qual seria. “Espero chegar a esses homens como uma brisa. Espero que eles fiquem contentes por serem chefiados por mim e que se entreguem, com verdadeira confiança, em minhas mãos. Pretendo dar-lhes meu melhor.” Quanto aos seus sentimentos mais íntimos, escreveu:

Penso em todas as coisas que ficam por fazer e em minhas próprias energias e capacidades para fazê-las e conduzi-las, todas desperdiçadas sem uma dor real. Observo, tão distante quanto possível, o fraco, irresoluto e incompetente rumo da política do governo, penso no que realmente deveria ser feito e então deixo que tudo se desvaneça sem mais angústia.

A F. E. Smith, que tinha entrado para o governo em junho como procurador-geral, Churchill escreveu em 18 de dezembro: “Encontro-me aqui, onde sou tratado com consideração e, acredito, respeito por todos os lados, ainda que normalmente me peçam para ‘ir para casa’ e dar fim a esse maldito governo.” Por ocasião do Natal, ainda sem nenhum batalhão, Churchill fez uma breve visita a Londres, durante a qual jantou com Lloyd George, que encontrou profundamente distanciado de Asquith e do verdadeiro centro do poder político. Almoçou também com o editor do *Observer*, J. L. Garvin, amigo de Fisher, que se esforçou por obter a reconciliação entre os dois homens. “Ele está disposto a acabar com a briga e é totalmente a favor de seu navio-maravilha”, contou Garvin a Fisher, falando entusiasmamente. “Por que não reabrir a velha firma, num programa de comum acordo, e acompanhar os chapéus atirados ao ar por todo o país? Haveria glória suficiente para os dois aqui e ainda sobraria.”

Seria isso uma mera fantasia? Churchill ficou entusiasmado, durante seus quatro dias em Londres, com os rumores de uma crise iminente relacionada ao serviço militar obrigatório. Ao regressar à França, em 27 de dezembro, disse ao

capitão Spears , que registrou suas observações no diário de bolso, que se encontrara com Lloyd George em Londres, “que vai tentar esmagar o governo; nesse caso, Bonar Law ou o próprio L. G. será primeiro ministro, e Churchill ficará com Munições ou com o Almirantado”. Escrevendo a Lloyd George nesse dia, Churchill o animou: “Não perca essa oportunidade. Chegou a hora.”

Enquanto estava em St. Omer, aguardando notícias sobre seu batalhão, Churchill mudou-se do quartel-general para a casa de Max Aitken , que tinha então a função de observador canadense na frente. Uma amizade floresceu entre os dois. Aitken encorajava Churchill a pensar em retornar a uma posição de governo e de autoridade. Churchill necessitava desesperadamente de um encorajamento nesse sentido e nunca esqueceria a fé que Aitken teve nele nesse período negro de sua vida. Enquanto Churchill estava com Aitken em St. Omer, Lloyd George almoçava com Clementine na Cromwell Road. “Temos de trazer Winston para Londres”, disse Lloyd George, perguntando se ele estaria disposto a regressar à Inglaterra para se encarregar do departamento de armas pesadas do Ministério das Munições. Uma centena de canhões com entrega prevista para março não estariam prontos a tempo, “devido à falta de poder de chefia do homem então responsável”.

A sugestão de Lloyd George não deu resultados. Na Frente Ocidental, Churchill visitou duas partes da linha que ainda não tinha visto. Em 28 de dezembro, esteve em Neuve-Chapelle, onde “os alemães, muito amavelmente, suspenderam a artilharia quando chegamos, e assim pude ver essa parte da linha sem grande risco, preenchendo um hiato em minha agora extensiva inspeção da frente de batalha”. No dia seguinte, foi com Spears à parte mais afastada das linhas britânicas em Vimy Ridge, onde começavam as posições francesas. “Em alguns lugares, as linhas estão separadas por apenas alguns metros, mas aqui prevalece uma disposição muito menos agressiva do que no setor dos Guardas”, escreveu a Clementine . “Lá não se pode mostrar nem a ponta do bigode sem que se corra um grave risco de morte. Aqui, as sentinelas se olham por cima do parapeito, e, enquanto estivemos lá, os alemães avisaram aos franceses que se abrigassem porque o superior ordenaria umas salvas de artilharia.” Felizmente, as salvas foram dirigidas para a trincheira de comunicação pela qual Spears e ele tinham chegado, e “não para aquela por onde regressariam”.

No dia de Ano-Novo de 1916, Churchill soube que comandaria o 6º Batalhão de Fuzileiros Escoceses, pertencente à 9ª Divisão. Nessa noite, em Merris, jantou com os oficiais da 9ª Divisão. Depois, contou a Clementine que a maior parte dos homens já o conhecia “da vida de soldado aqui e ali, e passamos um

agradável fim de tarde”. Dos doze coronéis comandantes de outros batalhões da 9ª Divisão, um tinha estado com Churchill em Harrow e em Sandhurst e diversos outros o conheceram em campanhas dos seus dias no Exército. O comandante da seção de engenharia da 9ª Divisão, o major Hearn, tinha servido com ele em Malakand. Numa carta a Clementine, descreveu Hearn como “um conhecido da Índia, gordo, astuto, plácido e sensato”.

Também contou a Clementine que seu batalhão tinha sofrido tantas baixas na batalha de Loos que apenas um oficial era militar de carreira, um jovem de 18 anos que tinha chegado ao batalhão havia poucos meses. Os outros oficiais eram voluntários, homens que tinham profissões variadas na Escócia, na maior parte sem qualquer experiência de guerra nas trincheiras. Churchill teria apenas duas semanas para “treiná-los e deixá-los sob controle”. Seu jovem amigo liberal Archibald Sinclair, que ele tinha conseguido garantir como segundo-comandante, o ajudaria nessa tarefa.

Churchill ansiava por suas novas obrigações com grande entusiasmo, pedindo a Clementine que lhe enviasse uma edição em um volume da obra de Burras. “Pretendo acalmar e levantar os ânimos com citações dele”, explicou. “Preciso ser cuidadoso para não cair numa imitação do sotaque escocês! Como você sabe, sou um grande admirador desse povo. Uma esposa, um círculo eleitoral e agora um regimento atestam minha sinceridade!” Enquanto isso, Asquith ocupava seus primeiros pensamentos políticos de 1916: “Ele foi um chefe fraco e desleal”, disse Churchill a Clementine em 2 de janeiro. “Tenho esperança de nunca mais servir sob suas ordens. Depois da carta em que disse ‘talvez possa ser dado a ele um batalhão’, não posso voltar a ter a menor consideração por ele.” Acerca do estreito de Dardanelos, Asquith tinha sido um “coaventureiro, acompanhando e aprovando cada etapa. E teve a oportunidade de corrigir tudo que quis a meu respeito e em minha política, mas sua intolerância e sua indecisão destruíram sua política e seu oportunismo político custou-lhe a confiança”.

Ao saber, nessa semana, que sua ideia para um veículo blindado movido por esteiras e destinado a atravessar trincheiras continuava a não ter um seguimento adequado, e que Asquith continuava a evitar a aprovação do serviço militar obrigatório, Churchill exclamou para sua mulher: “Meu Deus, o que eu não daria por um mês de poder e um bom estenógrafo!”

Em 4 de janeiro, Churchill foi formalmente nomeado para suas novas funções, recebendo a patente de tenente-coronel. “Estou muito satisfeito por ter o que fazer depois desse longo e deprimente desperdício de minhas energias,

ainda que um final mais apropriado talvez fosse possível”, escreveu ele. No dia seguinte, deixou St. Omer, seguindo para a aldeia de Moolenacker, quinze quilômetros atrás da linha de frente, onde seu batalhão se encontrava na reserva. As notícias de sua chegada provocaram um “espírito de motim”, recordou mais tarde um jovem oficial. Esse político arruinado não poderia ter ido para outro batalhão? Quando ele chegou, o batalhão espantou-se, como lembrou outro oficial, ao deparar-se com uma “curiosa geringonça” que Churchill tinha trazido consigo: uma banheira grande e uma caldeira para aquecer água.

Nessa tarde, Churchill reuniu seus oficiais e dirigiu-se a eles com as seguintes palavras: “Meus senhores, vamos fazer guerra: aos piolhos.” E, então, lançou-se, recordou mais tarde um dos oficiais, “num discurso sobre *o pulex europaeus*, sua origem, crescimento, natureza, habitat e importância nas guerras antigas e atuais, deixando todos boquiabertos e maravilhados com a erudição e a força de seu autor”. Essa preleção foi apenas o começo; quando terminou, Churchill nomeou uma comissão de comandantes para coordenarem as medidas “para o total extermínio de todos os piolhos do batalhão”. Ao contrário da Comissão de Dardanelos, na qual tão recentemente havia servido, essa nova comissão funcionava com total determinação face a um objetivo claramente definido. O oficial francês de ligação com a divisão recebeu ordem para ajudar. Cubas encontradas numa fábrica de cerveja em Bailland foram trazidas para Moolenacker para uma desinfestação coletiva. “Foi um momento extraordinário e, por Deus, funcionou”, recordou um oficial. O francês, Émile Herzog, também ficou impressionado; mais tarde, utilizando o pseudônimo literário Andre Maurois, viria a tornar-se um distinto romancista e historiador.

A paz interior de Churchill foi brevemente perturbada em 7 de janeiro, quando leu no *Times* do dia anterior a notícia de uma nova crise política centrada na recusa de Asquith a introduzir o serviço militar obrigatório. “Tenho de confessar que isso anima e perturba meu espírito”, disse ele a Clementine. “Eu tento, no entanto, não olhar muito para trás, tendo não só posto, mas amarrado, minha mão ao arado.” Ele se entregara ao trabalho em seu batalhão “com flexibilidade e placidez, mas o fato é que paz aqui e crise aí são combinações perturbadoras para mim”.

Nesse mesmo dia, numa carta para a mãe, Churchill escreveu mais uma vez amargamente acerca de Asquith :

Meus sentimentos quanto a ele se devem ao fato de que, conhecendo meu trabalho e tendo sido um coaventureiro em meus empreendimentos (e não um

mero “aprovador”), ele deixou-me cair sem fazer o menor esforço para pelo menos apresentar os fatos verdadeiros em minha defesa; daí em diante, em toda a plenitude de seu poder, não foi capaz de atribuir-me uma esfera de ação que garantisse plena utilização de minhas energias e meus conhecimentos.

Churchill acrescentou ainda: “Se eu for morto no humilde serviço que consegui obter, não tenho dúvidas de que ele ficará desolado e chocado, mas permanecerá o fato de que me tratou com injustiça e desperdiçou qualidades que poderiam ter sido utilizadas de muitas maneiras para um melhor serviço público neste tempo de guerra.”

Durante duas semanas, auxiliado pelos oficiais de seu comando, Churchill treinou seus homens para o regresso às trincheiras; apenas uma semana havia decorrido desde que tinham sido retirados da linha de frente em Ypres. Durante seu primeiro dia completo em Moolenacker, ele descreveu a Clementine que todos os oficiais eram “escoceses de classe média, valentes, cheios de boa vontade e inteligentes, mas, está claro, todos muito novos em relação à vida de soldado. Todos os mais velhos e todos os profissionais morreram”. Os soldados estavam “cheios de força e vida e acredito que serei uma boa ajuda para eles”.

Sua determinação foi eficaz. “Após um período muito curto, ele tinha elevado o moral dos oficiais e dos soldados a um grau quase incrível”, recordou mais tarde um jovem oficial, Jock MacDavid . “Era uma questão de personalidade. Nós ríamos de muitas coisas que ele fazia, mas havia outras que não nos faziam rir, porque percebíamos quão sensatas eram.”

Não havia detalhe da vida dos soldados que Churchill não notasse, por mais insignificante que fosse. A disciplina e o conforto preocupavam-no da mesma forma. “Em vez de um olhar passageiro ao que estava sendo feito, ele parava e falava com todos e chegava ao fundo de todas as atividades. Nunca conheci um oficial que tivesse ido a tais extremos para inspirar ou ganhar confiança”, recordou MacDavid , que serviria na Frente Ocidental até agosto de 1918. “Na realidade, ele inspirava confiança à medida que a conquistava.”

No entanto, a paz de espírito de Churchill era continuamente abalada pela sua leitura diária dos jornais. As notícias da Inglaterra vinham agitar pensamentos furiosos. “Sempre que minha mente não está ocupada, sinto profundamente a injustiça com que foi tratado meu trabalho no Almirantado”, escreveu a Clementine em 10 de janeiro. “Não posso evitar, ainda que eu tente. Toda a maldita incompetência que arruinou o empreendimento no estreito de Dardanelos e que esbanjou em vão tantas vidas e oportunidades precisa ser

compensada, e, se eu sobreviver, chegará o dia em que exigirei publicamente essa compensação.”

“Como eu gostaria de poder animá-lo”, respondeu Clementine .

Mais tarde, quando você estiver em perigo, nas trincheiras, sei que se sentirá mais calmo e satisfeito, enquanto eu, que estou comparativamente em paz, sentirei uma angústia mortal. Tente não pensar demais sobre tudo isso; eu ficaria muito triste se sua natureza aberta e sem desconfiança se tornasse azeda e amargurada. A paciência é a única virtude necessária nesse momento.

Clementine sentia-se confiante acerca do futuro político de Churchill: “Se não for morto, tão certo quanto o dia se segue à noite, tornará a vencer.”

Ao ler no *Times* sobre a evacuação final e bem-sucedida da península de Galípoli e sobre o discurso de Carson na Câmara dos Comuns , criticando “a hesitação, as dúvidas e a incapacidade de decisão” em Galípoli como “uma mancha na condução dessa guerra”, Churchill escreveu a Clementine em 14 de janeiro:

Aos poucos, as pessoas começarão a ver o que eu vi tão claramente no ano passado, mas infelizmente será tarde demais. Graças a Deus, todos conseguiram sair em segurança. Se as coisas nunca vão tão bem quanto nós esperamos, a verdade é que também nunca vão tão mal. Não houve um fim catastrófico, apenas uma história cruel de esforços, vidas, dinheiro e oportunidades — únicas e sem preço — perdidas para sempre.

Após uma semana de marchas, exercícios, inspeções, disciplina em trincheira, treinos com máscaras de gás e prática de granada e fuzil em Moolenacker, Churchill soube que ficariam mais uma semana na reserva. “Lamento que haja mais esse atraso, porque uma guerra sem ação é realmente muito desagradável, mas esses rapazes ficaram claramente encantados”, escreveu ele a Clementine .

Os soldados também estavam encantados com a atitude de Churchill em relação à disciplina. Descobrimos com uma pergunta que um presumível delinquente havia combatido em Loos, Churchill anulou a queixa contra o homem. A princípio, os oficiais ficaram descontentes com sua benevolência, mas Robert Fox , um metralhador de 20 anos que também tinha estado em Loos recordaria mais tarde que “Churchill era escrupulosamente justo em relação a

qualquer homem sob acusação”. Ele tinha ouvido Churchill interrogar um sargento que lhe trouxera um soldado sob acusação “com toda a perícia de um advogado no tribunal. As provas não o satisfizeram, e ele anulou a acusação”.

“Eu reduzi as punições em quantidade e em método”, explicou Churchill numa carta a Clementine em 16 de janeiro. Ele também se preocupava, como no tempo em que era Ministro do Interior, com possibilidades de entretenimento para aqueles cujas vidas eram restritas ou confinadas. Nessa tarde, organizou um dia de prática de esportes e de música para seus homens. “Acho que eles têm mais necessidade de cuidado e encorajamento do que de ‘sargentices’.” Corridas de mulas e de obstáculos, guerras de travesseiros e muito mais seguidas por um concerto. “Canções como nunca se ouviu. Gente sem a menor ideia dos versos ou de música cantou com o maior ânimo.” O concerto foi seguido por um banquete, durante o qual os homens fizeram uma ovação especial a Clementine . “Ninguém jamais tinha feito uma coisa parecida aos coitados”, escreveu-lhe Churchill. “Eles não têm muitas coisas para alegrar a vida, por mais simples que possam ser.”

Churchill lembrou-se mais uma vez de sua situação política em 17 de janeiro, quando observou uma série de aviões alemães em combate durante toda a manhã acima de seus acampamentos. “Não existe desculpa para não termos domínio do ar”, disse ele a Clementine . “Se tivessem dado a mim o comando desse serviço quando deixei o Almirantado, teríamos supremacia atualmente. Asquith também queria isso, mas calava-se diante da menor dificuldade e resistência, como sempre.” Dois dias depois, Churchill escreveu, com paixão:

Estou cheio de ideias e opiniões sobre muitos assuntos militares e da guerra, mas não tenho meios para expressá-los. Não posso dar tudo o que deveria ser dado — em verdade, valor e urgência. Sou forçado a aguardar em silêncio o sombrio movimento dos acontecimentos. De qualquer modo, é preferível estar amordaçado a dar conselhos e não ser ouvido.

Ele estava escrevendo essa carta às 18h, contou a Clementine , “uma hora ruim para mim, em que sinto ainda mais a necessidade do poder como um escape, em que a energia do corpo e da mente é forte dentro de mim”. Nessa carta, ele pediu-lhe para manter contato com o mundo nascente da oposição política, incluindo Lloyd George, Carson e Bonar Law , e com os jornalistas que criticavam a forma como Asquith conduzia a guerra. “Não descuide desses assuntos”, escreveu em 19 de janeiro. “Não tenho ninguém mais para agir por

minha conta.” Suas instruções políticas eram misturadas com pedidos de encomendas, incluindo brandy, charutos, queijo enlatado, botas novas, um periscópio e um novo dólma “com bolsos menos espaçosos”.

Em 23 de janeiro, o último dia do batalhão em Moolenacker, Churchill ofereceu um jantar a seus oficiais no hotel da estação em Hazebrouck. No dia seguinte, avançaram, durante dois dias, até a aldeia de La Crèche. “Em breve estaremos bem perto dos alemães”, escreveu Churchill a Randolph, seu filho de 4 anos. “Então, vamos disparar contra eles e tentar matá-los. Isso é por eles terem feito o mal e terem causado toda essa guerra e essa mágoa.” Churchill encontrava-se em La Crèche no dia do aniversário de morte de lorde Randolph. “Pensei muito em meu pai no dia 24 de janeiro e imaginei o que ele pensaria de tudo o que está acontecendo”, escreveu ele à mãe. “Tenho certeza de que estou agindo bem.”

Em paralelo, chegavam notícias preocupantes sobre o possível estabelecimento de um Ministério da Aviação em Londres. “Você acha que existe alguma possibilidade?”, perguntou-lhe Clementine. “É claro que eu aceitaria um Ministério da Aviação se me fosse proposto, com a condição de que isso implicasse um lugar no Conselho de Guerra”, respondeu Churchill. “Mas o primeiro-ministro jamais será capaz de enfrentar as menores dificuldades que viriam com essa iniciativa e estou certo de que seus interesses serão melhor servidos pela minha extinção — política ou outra.”

Churchill estava novamente pensando em “uma série de grandes planos”, como disse a Clementine, “mas é melhor continuar aqui por enquanto”. Ainda assim, não se passava um único dia sem que voltasse a ter pensamentos políticos. Em 25 de janeiro, enviou uma longa carta pessoal a Lloyd George, dizendo que Asquith se encontrava “mais forte que nunca”. A aliança que Lloyd George tinha feito com outros que apoiavam o serviço militar obrigatório “traz a primeiro plano forças e personalidades intratáveis, que têm uma visão de mundo diferente. O sonho e a intenção *tory* é um governo *tory*. Você ganha a impopularidade de conspirador junto àqueles que se opõe. Outros ganham os créditos”. Churchill continuou: “A tragédia do ano passado se repetirá, ainda maior, esse ano? A campanha nos Bálcãs será o equivalente de Galípoli, numa escala ainda mais vasta? A próxima grande ofensiva terá um custo de 500 mil homens em vez de 250 mil? E tudo isso com um islã triunfante na Ásia e a um custo de 5 milhões por dia.” Lloyd George não respondeu. Conhecia a angústia de Churchill, mas não estava em posição de ajudá-lo.

O 6º Batalhão de Fuzileiros Escoceses tinha como tarefa defender um setor de mil metros da linha de frente, junto à aldeia belga de Ploegsteert, conhecida entre os soldados britânicos como “Plug Street”. Como soldados de infantaria, eles deveriam passar seis dias nas trincheiras da linha de frente e outros seis dias na reserva imediata. Ao chegar a seu novo posto de comando na reserva, um abrigo dentro da aldeia, pertencente à ordem das Irmãs de Sião, Churchill ficou encantado, segundo contou a Clementine em 26 de janeiro, por ter sido recebido por freiras que lhe disseram que “nós tínhamos salvado das mãos alemãs essa pequena parcela da Bélgica”. Por trás do abrigo, “uma arma de campanha inglesa ladra como um *spaniel* a intervalos regulares, mas as mulheres e as crianças que ainda vivem na aldeia riem das granadas que ocasionalmente acertam a velha igreja”. Nessa noite, Churchill persuadiu as freiras “a prepararem sua excelente sopa, de modo que por agora estamos livres da ‘Maggi’ e do resto de nossa dieta”.

Pouco antes do nascer do sol em 27 de janeiro, Churchill deveria tomar posse de seu setor nas trincheiras. “Fique descansada, pois, desde os Alpes até o mar, essa vai ser a parte da linha mais bem defendida”, escreveu ele a Clementine. “Será vigiada com todo o cuidado que dinamizou a Armada.” Convocando seus oficiais, transmitiu-lhes seu código de conduta:

Não sejam descuidados, mas também não sejam cuidadosos demais. Conservem sempre um par de botas para dormirem e só permitam que se sujem numa verdadeira emergência. Bebam com moderação e não tenham muitas garrafas no abrigo. Tentem viver bem, mas sem ostentação. Riam um pouco e ensinem seus homens a rir, pois é bom que haja humor debaixo de fogo. A guerra é um jogo que se joga com um sorriso. Se não conseguirem sorrir, façam uma careta. Se não conseguirem fazer uma careta, desapareçam até que consigam.

O posto de comando de Churchill na linha de frente era uma pequena propriedade, já atacada pela artilharia, na metade do caminho entre o hospício e as trincheiras. Tinha um quarto só para ele. Havia também um celeiro protegido com sacos de areia para se abrigar quando começavam os bombardeios. A fazenda Laurence, como o lugar era conhecido, seria sua casa durante cada período de seis dias passados na frente. No primeiro dia, passou três horas nas trincheiras, “decidindo quais melhorias vou fazer”. À noite, enviou a Clementine uma lista de pedidos: “grandes fatias de *corned beef*, queijos

Stilton, presuntos, sardinhas, frutas secas, talvez uma grande torta de carne, mas nada de conservas enlatadas nem pato. Quanto mais simples e substancial, melhor, pois a carne de nossa ração é dura e sem sabor”.

Durante seus três meses e meio na frente, a linha não foi ameaçada por nenhuma ofensiva, quer alemã quer britânica, mas o fogo de artilharia alemão era um perigo constante. O primeiro período de dois dias e cada turno subsequente de seis dias foram acompanhados por risco de morte ou ferimento. Cada repouso de seis dias trazia uma relativa segurança, apesar dos tiros frequentes de uma bateria britânica a poucas centenas de metros. “O homem da artilharia, em especial o homem de artilharia alemão, é uma criatura de hábitos e agarra-se ao alvo que o atrai”, explicou Churchill a Clementine . “As armas são tão certas que mesmo a cem metros do alvo uma pessoa está segura — ou quase.”

A banheira e a caldeira de Churchill continuavam a acompanhá-lo, garantindo-lhe “o mais importante dos confortos”. Em busca de comida decente, enviou Émile Herzog à “caça de carneiro (estou farto de carne congelada e dura)”, verduras, leite e manteiga. Ele tinha ainda “seduzido as freiras (não se assuste) no sentido da vocação culinária”. Contudo, esses confortos podiam por vezes ser rudemente interrompidos. “Eu tinha acabado de tomar um estupendo banho quente”, escreveu ele a Clementine após o seu regresso ao hospício a 29 de janeiro, “o melhor banho em um mês, e sentia-me deliciosamente limpo quando houve um tremendo estouro acima de mim e fiquei coberto de fuligem soprada pela chaminé. Fora efeito de um obus disparado por esses alemães desleixados, que rebentou acima de nosso telhado, partindo todas as janelas e deixando-me todo sujo! Bom, esse é um mundo bizarro e já vi muito dele”. Escreveu nesse mesmo dia à mãe, dizendo-lhe que se enervava quando pensava “nas muitas coisas por fazer e em minha capacidade que é ignorada nessa grande ocasião”, mas deveria lembrar-se de que “temos de perseverar para conquistar”. Para ele, “numa posição importante ou humilde, no governo ou nas linhas de fogo, vivo ou morto, minha máxima é ‘Combater sempre’”. Entretanto, conviria que ela se mantivesse em contato com seus amigos.

Três desses amigos e antigos aliados políticos de Churchill visitaram o campo de batalha na França. Na tarde de 31 de janeiro, encontrou-se com eles no quartel-general de Max Aitken , em St. Omer. Eram Lloyd George, Bonar Law e F. E. Smith . Um jovem oficial que tinha acompanhado Churchill a St. Omer recordaria mais tarde que tinha havido “completo acordo quanto à necessidade

de se verem livres de Asquith a qualquer custo”. Lloyd George deixou claro que pretendia ser ministro da Guerra. “Espero que ele consiga”, escreveu Churchill a Clementine . O grupo com que pretendia trabalhar, “criando um efetivo instrumento de governo”, era constituído por Lloyd George, F. E. Smith, Bonar Law, Carson e Curzon . “Mantenha isso em seu pensamento”, disse-lhe ele. Era o “governo alternativo” para quando os dias de Asquith chegassem ao fim.

Churchill não tinha pressa. “Se eu sair ileso, minha força será muito maior do que antes”, escreveu a Clementine , do hospício, quando regressou de St. Omer. “Prefiro francamente voltar essa noite para as trincheiras a ter qualquer posição de autoridade medíocre em Londres, mas eu queria voltar a ver minha querida gatinha.”

Em fevereiro, Churchill passou três períodos de seis dias na fazenda Laurence e nas trincheiras da linha de frente. Depois de escurecer, ele avançava, através do arame farpado, para visitar os postos avançados do batalhão, situados nas crateras de bombas entre os dois exércitos. Uma noite, quando ele e seus oficiais se aproximavam de uma das crateras, um metralhador alemão abriu fogo contra o grupo. “Mergulhamos para nos abrigarmos na cratera, que ficou lotada”, recordou mais tarde um dos oficiais. “Tivemos de ficar agachados. De repente, surgiu um clarão luminoso no fundo do buraco, acompanhado por uma ordem abafada do comandante: ‘Apaguem essa maldita luz!’ Foi uma questão de segundos até ele perceber que pressionava com o próprio corpo o interruptor de sua lanterna, apagando-a rapidamente.”

Por vezes, os obuses caíam no gramado da fazenda Laurence. Numa ocasião, após o almoço, Churchill e seus oficiais ainda estavam sentados à mesa para “café e vinho do Porto” quando um ataque começou. Uma granada caiu muito perto, “fazendo sacudir a janela”. Estavam discutindo se deveriam ir para o abrigo no celeiro quando, segundo ele contou a Clementine , “houve um estrondo, terra e estilhaços voaram por todos os lados, pratos partiram-se e cadeiras espatifaram-se”. Todos ficaram cobertos por destroços, e o adjunto de comando, Jock MacDavid , foi atingido num dedo.

O que Churchill não contou a Clementine foi sua grande sorte nessa ocasião. “Winston estava mexendo na lanterna dele”, recordaria mais tarde MacDavid . “Estava sentado às voltas com a lanterna quando caiu a granada. Um estilhaço quase partiu ao meio o compartimento de pilhas, ficando cravado no metal. Foi a menos de cinco centímetros da mão direita dele. Se tivesse sido mais próximo, provavelmente teria cortado seu pulso.”

MacDavid voltou à Inglaterra numa licença médica. Ao passar por Londres,

visitou Clementine , levando-lhe o cone do obus que havia causado toda aquela destruição. Levou-lhe também as “emocionantes notícias” de que seu marido tinha sido temporariamente elevado a brigadeiro, com seu quartel-general na vizinha fazenda London Support, estando responsável por 4 mil homens. Porém, a promoção durou apenas 48 horas, enquanto o brigadeiro se encontrava ausente.

No primeiro de seus dois dias no quartel-general da brigada, Churchill recebeu um visitante inesperado: lorde Curzon . “Conduzi-o até minha fazenda em ruínas”, contou ele a Clementine . “Levei-o para dar uma volta pelas trincheiras, e ele me contou todas as novidades e expôs suas opiniões acerca de pessoas e de política em seu habitual estilo animado.” Felizmente, “evitamos quer granadas quer balas de metralhadora, que caíram, com tato e discrição, nos locais que havíamos deixado ou em que ainda não havíamos chegado”.

No segundo dia como brigadeiro, Churchill foi visitado por Hugh Tudor , um amigo de seus dias em Bangalore, que era agora general de artilharia e que havia combatido em Loos. “Minha querida, os erros que se cometeram em Loos! É impossível acreditar”, disse Churchill a Clementine . Os dois homens criticaram também o sistema de telefones na frente.

Se tivéssemos aceitado andar a esse ritmo no Almirantado, nunca teríamos derrotado os submarinos alemães. Além disso, deveria haver (pelo menos) dez vezes mais linhas de estrada de ferro na frente. Essa é uma guerra de mecânica e cérebros — e o sacrifício da valente e dedicada infantaria não é e nunca será um substituto. Meu Deus, eu os faria pular se tivesse o poder nas mãos — nem que fosse apenas por um mês.

Em 10 de fevereiro, na reserva na confortável fazenda Soyer, Churchill observou Ploegsteert ser bombardeada. “Os tiros que acertavam a igreja criavam enormes nuvens de pó vermelho dos tijolos, que se misturavam, num efeito alegre, com a fumaça branca. Outras granadas de fragmentação explodiram sobre as ruas e acertaram as casas. Três homens nossos, que passavam na vila, foram atingidos — dois morreram imediatamente.” Nas primeiras 48 horas de reserva, o batalhão tinha perdido oito homens, mais do que em seis dias na linha de frente. “Tenho menos de seiscentos homens em vez de mil”, explicou Churchill a Clementine . “E há muitos outros batalhões na mesma situação.”

Os bombardeios da artilharia tinham se tornado um perigo diário. Numa visita

com Hugh Tudor às posições britânicas no bosque de Ploegsteert, Churchill observou as peças de Tudor abrirem fogo contra as trincheiras alemãs. Então, os alemães retaliaram. “Foi a primeira vez que estive sob fogo de artilharia realmente eficiente e sem dúvida me pareceu muito perigoso”, contou a Clementine . Além das peças, os alemães disparavam também morteiros de trincheira.

Podemos vê-los no ar; depois que caem, há um bom intervalo de tempo para se decidir o que fazer a seguir. Foram desses intervalos que mais gostei. Verifiquei que meus nervos estão em excelente estado e não creio que meu pulso tenha acelerado em nenhum momento. Porém, depois de tudo terminado, senti-me estranhamente fatigado, como se tivesse completado um dia de trabalho árduo num discurso ou num artigo.

Quarenta anos depois, Churchill escreveu a Tudor , que tinha lhe recordado esse episódio: “Na realidade, aquela foi a única amostra significativa de bombardeio de linha de frente que tive a oportunidade de testemunhar. Acho que não teria gostado tanto se tivesse durado oito horas em vez de uma. No entanto, eles pararam quando você parou, com uma simpática pontualidade.”

Churchill regressou à fazenda Laurence em 13 de fevereiro. “Quase me parece que toda a minha vida no mundo foi um sonho e que me movi lentamente no Exército, durante todos esses anos, de oficial subalterno a coronel”, escreveu a Clementine nesse dia. Na noite seguinte, avançou outra vez além das trincheiras, até a terra de ninguém, “e por lá andei, a inspecionar nosso arame farpado e a visitar nossos postos de escuta. Isso é sempre emocionante”.

Voltando à fazenda Laurence, pouco conseguiu dormir. Havia um duelo de artilharia em curso a norte de Ypres, e ele ouvia os canhões “atirando e roncando durante toda a noite”. Contudo, os pensamentos políticos não se afastavam com o barulho do bombardeio. Ao saber, no dia seguinte, que era provável que Curzon fosse nomeado ministro da Aviação, escreveu: “Tenho de confessar que me irrita ver como são ingratos. Se não fossem minhas lutas pessoais, não teríamos metade da Força Aérea que temos hoje.”

Na manhã de 16 de fevereiro, a fazenda Laurence foi novamente bombardeada, recebendo vários impactos diretos. Dois homens foram atingidos, incluindo um dos cinco oficiais do Estado-Maior de Churchill. “Recolhemos às pressas nossos ovos e presuntos, pães e compotas, e procuramos refúgio em nosso abrigo”, contou ele a Clementine . “Lá ficamos enquanto umas vinte

granadas eram lançadas em nossa granja e estábulos.” O café da manhã prosseguiu: “Parecia estranho comer presunto e compota em nosso abrigo enquanto o médico costurava as feridas em carne viva de nosso pobre oficial a menos de um metro de nós.” Antes de ser enviado para convalescença, o oficial ferido recebeu como recordação o cone da granada que o tinha ferido. “Ele o beijou!”, relatou Churchill a Clementine em 17 de fevereiro. “Sua satisfação em partir quase triunfou sobre as dores severas que seus ferimentos provocavam.”

Nesse dia, Churchill recebeu um relato dos primeiros testes com um tanque de guerra, do qual ele tinha sido um dos primeiros e mais persistentes defensores. “Como vê, a ideia está dando frutos”, escreveu ele a Clementine em 17 de fevereiro. “Mas que esforço para se conseguir qualquer coisa! E como me sinto impotente! São eles meramente estúpidos em não quererem utilizar meu cérebro ou patifes à espera de sua destruição por um estilhaço voador? Eu não temo morte nem ferimentos e gosto da vida aqui, mas a complacência e a insolência me tornam às vezes rancoroso.”

No período que passou na fazenda Laurence, Churchill causou espanto em seus jovens oficiais ao montar seu cavalete e tela e pôr-se a pintar. Seus temas eram a fazenda em ruínas, com as crateras provocadas pelas bombas, e os obuses a explodirem sobre a aldeia de Ploegsteert. A pintura absorvia energias mentais que o levavam a cogitações sobre política. Ele reconhecia o valor que a pintura tinha assumido em sua vida: “Acho que se tornará um grande prazer e recurso para mim, se eu escapar vivo”, disse a Clementine em 22 de fevereiro. Também refletiu, nesse dia, sobre o contraste entre sua vida no Almirantado, quando ele tinha sido primeiro-lorde, e seu ambiente agora sob as ordens de Balfour. “Como é fácil destruir. Como é difícil construir. Quão fácil evacuar, quão difícil capturar. Como é fácil não fazer nada, quão difícil é conseguir seja o que for. A guerra é ação, energia e risco. Aqueles carneiros só querem pastar no meio das flores.”

Churchill não tinha qualquer intenção de perder tempo; enquanto estava na linha de frente, a segurança de suas trincheiras era sua preocupação constante e ele insistia em que os parapeitos fossem suficientemente espessos para travar qualquer bala e os abrigos, devidamente protegidos pelos sacos de areia. “Todos já ouviram falar sobre as melhorias que você efetuou no batalhão”, escreveu-lhe Clementine na terceira semana de fevereiro. “Todos os soldados que regressam da frente falam sobre isso.” Nessa semana, um coronel conhecido escreveu-lhe da França acerca de Churchill: “Ele está muito bem, melhor do que quando o vi bastante tempo atrás, cheio de vigor e vitalidade, e transformou seu batalhão de

razoável em muito bom.”

O bombardeio de Ploegsteert e dos acampamentos da reserva era contínuo. Mesmo atrás da aldeia, junto à fazenda Soyer, “os projéteis perseguiam-nos; ao longo dos campos lavrados, os estilhaços acompanhavam nosso passo”, narrou Churchill a Clementine . “Uma pessoa acaba por viver calmamente à beira do abismo, mas posso compreender por que as pessoas ficam cansadas quando isso continua mês após mês. Toda a animação acaba e fica apenas um ressentimento surdo.”

Na tarde anterior, uma bomba havia derrubado a torre da igreja. “Por isso, atacamos um campanário deles, e eles estão retaliando, espalhando projéteis em levadas de dois e três.” Enquanto o ataque continuava, aviões alemães “sobrevoadam-nos calmamente, sem serem incomodados, observando o tiroteio, em total desprezo por nossas peças antiaéreas. Não há qualquer dúvida sobre quem é o senhor dos ares aqui!”.

Em 26 de fevereiro, Churchill regressou pela terceira vez à fazenda Laurence e às trincheiras. A neve cobria o solo, mas, dentro de seu quarto, bem protegido por sacos de areia, havia um braseiro aceso, de forma que ele podia dormir “quente e tranquilo”. No dia seguinte, dois homens de seu batalhão foram mortos por tiros de artilharia britânica que caíram longe do alvo. No dia seguinte, três soldados foram mortos por tiros alemães. Um sexto homem foi morto por um obus alemão no último dia na linha.

Churchill recebeu sete dias de licença. Em 2 de março, ainda cedo, após o regresso de seu batalhão aos alojamentos da retaguarda em Ploegsteert, partiu para Boulogne, de onde um contratorpedeiro o levou a Dover. À noite, estava em casa em Londres. Sua intenção era apenas descontraí-la, estar com amigos, jantar na casa da mãe, ir duas vezes ao teatro com Clementine e, em seu único compromisso público, inaugurar seu retrato no Clube Liberal Nacional, onde, segundo tinha dito a Clementine , “talvez faça um discurso”. Porém, ao chegar à Cromwell Road soube, para sua surpresa, que Balfour pretendia apresentar o orçamento da Marinha dali a cinco dias. Decidiu falar no debate, denunciando aquilo que considerava uma incapacidade do governo de tomar qualquer iniciativa no mar e de apresentar suas ideias sobre uma política efetiva em relação aos ares.

Ao longo de 3 de março, depois de abandonar seus planos originais de descanso, Churchill trabalhou em seu discurso. Nessa noite, sua mãe ofereceu um jantar em sua honra, para o qual convidou alguns dos que, como J. L. Gavin, tinham tentado reparar a ruptura entre Churchill e Fisher . Também foi

convidado um dos homens que mais ativamente insistiram no regresso de Fisher ao Almirantado, C. P. Scott , editor do *Manchester Guardian* , que tinha sido chamado por telegrama.

No dia seguinte, para horror de Clementine , seu marido convidou Fisher para almoçar na Cromwell Road. “Não mexa com meu marido”, explodiu ela durante a refeição. “Da última vez, o senhor quase o arruinou. Agora, deixe-o em paz.” Contudo, Churchill continuava fascinado por Fisher , queria voltar a trabalhar com ele e sabia que ele era ainda muito popular no país. Um mês antes, no início de uma campanha na imprensa para trazer Fisher de volta ao governo, Churchill tinha escrito a Clementine : “Fisher , sem mim para controlá-lo, seria desastroso.” Agora, no entanto, via a possibilidade de apoiar a campanha pelo regresso de Fisher e de si mesmo.

Na noite de 5 de março, Churchill e Fisher encontraram-se outra vez. Churchill leu o discurso que pretendia fazer dali a dois dias, em que não só atacaria a condução dos assuntos do Almirantado por parte de Balfour , defendendo a sua própria, como terminaria sua intervenção pedindo o regresso de Fisher . Às 4h da manhã seguinte, Fisher escrevia a Churchill: “Pensei sobre o que me disse na noite passada. Essa é sua hora! Pretendo me limitar a ser um humilde instrumento! Uma prova tão magnífica de que seu único objetivo é a guerra terá (merecidamente) um efeito imenso em sua popularidade. Aproveite essa popularidade!”

Clementine estava alarmada com a possibilidade de Churchill se associar a Fisher , qualquer que fosse a forma, pois considerava a deserção de seu posto em maio de 1915 como o ato de traição que tinha levado à queda de Churchill e temia que mais uma vez ele se definisse como uma força negativa. Ao longo de 6 de março, ela pressionou Churchill a não participar do debate e a regressar ao seu batalhão, mas ele estava decidido a falar e foi encorajado nesse sentido por C. P. Scott , que Fisher tinha persuadido a ir falar com ele. “Eu insisti em que, por razões políticas, não podia haver dúvida de que ele seria mais útil no Parlamento”, registrou Scott em seu diário. “Disse que, no que dizia respeito à Marinha, não havia um dia a perder na correção das grandes e reconhecidas deficiências e que todo o movimento nesse sentido, e também a revitalização do Exército — a cujo respeito ele tinha opiniões fortes —, se desmoronaria se ele fosse embora.”

Nessa noite, Asquith e sua esposa jantaram com os Churchill na Cromwell Road. Quando Margot Asquith disse a Churchill que lamentava saber que ele participaria do debate, ele respondeu, “com um brilho hostil no olhar”, contou

Margot à sua filha Violet , que tinha “muitas coisas importantes a dizer acerca da Marinha”. Margot contou ainda à filha que estava convencida de que Churchill “sonhava com uma oposição espantosa, que ele chefiaria”. Asquith também tentou dissuadir Churchill, mas sem resultado. Na manhã do debate, C. P. Scott visitou Churchill novamente e disse-lhe que fazer esse discurso “exigia mais coragem do que lutar a guerra nas trincheiras”.

Enquanto Churchill dava os últimos retoques em sua fala, Fisher escreveu-lhe, temendo que Asquith o tivesse persuadido a não falar. “Já é tarde demais?”, perguntou ele. “A providência colocou a ameixa em sua boca. Primeiro-ministro certamente! Não há rival para líder da oposição!”

O objetivo do discurso de Churchill era provocar nos deputados um sentimento de perigo iminente. Faltavam à Marinha força e poder de antecipação; os objetivos que ele e Fisher tinham estabelecido, um ano e meio antes, não tinham sido cumpridos. A capacidade alemã de fazer e manter-se em guerra não tinha sido igualada. Os deputados estavam profundamente atentos quando ele disse: “Nós vemos nossa grande expansão, mas não esqueçam que todos à nossa volta se desenvolvem ao mesmo tempo. Não podemos permitir-nos o luxo, nem pelo menor intervalo de tempo, de parar de remar. Temos de continuar a obrigar a vasta máquina a avançar à velocidade máxima. Perder o impulso não é apenas parar, é cair.” A nação se recuperava da falta de munições do Exército, apontou ele. “A um custo horrendo em vidas e em bens recuperamos o controle, e à nossa frente, a uma pequena distância, encontra-se a supremacia.” Uma falta no material naval naquele momento, “por qualquer razão, não nos deixaria qualquer possibilidade de recuperação futura. Nem sangue nem dinheiro, por mais generosamente derramados que fossem, não poderiam reparar as consequências do que teria sido, mesmo que inconscientemente, um afrouxar dos esforços”.

Churchill falou então sobre o perigo proveniente dos submarinos e da necessidade de maiores esforços contra os crescentes ataques de zepelins. Uma “política puramente negativa para a Marinha”, advertiu ele, “não implica de modo algum que esteja sendo seguido o caminho de maior prudência”. E, então, numa referência a Fisher , bem como a si próprio, declarou: “Desejo deixar registrado aqui que o extinto conselho certamente não teria ficado satisfeito com uma atitude de pura passividade durante todo o ano de 1916.” No ar, o Almirantado tinha agora recursos “muito maiores do que aqueles que lorde Fisher e eu alguma vez possuímos”, mas não conseguiu dar continuidade à política de fazer ataques às bases dos zepelins, “que mesmo no início tinham

levado pilotos de aviação da Marinha a Colônia, Düsseldorf e Friedrichshafen e até mesmo Cuxhaven”.

Churchill chegou então à sua conclusão, sem a qual, disse ele, “eu não teria falado hoje”. Não teria usado palavras de advertência “sem primeiro ter certeza de que elas são ditas a tempo de darem fruto e sem ter uma proposta prática e definida a fazer”. Não havia “qualquer espécie de dúvida” quanto ao que devia dizer.

Houve uma época em que não creio que seria possível forçar-me a dizê-lo, mas estou afastado há alguns meses e meus pensamentos estão bem claros. Os tempos são cruciais. O que está em jogo é tremendo. A guerra aprofunda-se, alarga-se e expande-se à nossa volta. A existência da nossa nação e da nossa causa dependem da Armada. Não podemos nos dar ao luxo de nos privarmos, ou a Marinha, das mais fortes e das mais vigorosas forças que estão disponíveis. Nenhuma consideração de ordem pessoal pode ficar entre a pátria e aqueles que melhor a podem servir.

Lloyd George segredou a Bonar Law que se interrogava sobre o que Churchill proporia. “Ele vai sugerir que Fisher seja chamado”, respondeu Bonar Law. “Eu não pude acreditar”, contou Lloyd George a um amigo no dia seguinte, mas Bonar Law tinha razão.

Churchill continuou: “Eu peço ao primeiro-lorde do Almirantado que, sem mais demora, fortifique, revitalize e reanime seu Conselho do Almirantado com o regresso de lorde Fisher ao seu posto de primeiro-lorde.” A Câmara ficou atônita e em choque. Seguiu-se imediatamente uma ridicularização de Churchill. “Não sei quantos lugares ele já ocupou em sua curta e brilhante carreira”, disse um deputado conservador, o almirante Sir Hedworth Meux. “Ele teve sucesso em todos eles e teria tido mais se ficasse mais tempo em cada cargo, mas não é seu gênero e acredito que o que direi agora será aprovado por um grande número de membros dessa Câmara: desejamos-lhe um enorme sucesso na França e esperamos que ele fique por lá.”

Churchill ficou abalado pela reação hostil à sua proposta. No entanto, decidiu não regressar à França. Em vez disso, falaria uma semana depois no debate do orçamento do Exército, convencido de que as deficiências e as carências do Ministério da Guerra deveriam ser tornadas públicas. Na manhã de 8 de março, Fisher foi à Cromwell Road para incitá-lo a continuar em Londres e a prosseguir com suas críticas no Parlamento. Durante a visita, teve uma

divergência com Clementine , que duvidava de que seu marido conseguiria obter qualquer espécie de apoio no Parlamento como resultado do discurso de Fisher .

Nessa tarde, na Câmara dos Comuns , Balfour recordou aos deputados, em tom azedo, a declaração do próprio Churchill em novembro de 1915, segundo a qual Fisher não o tinha apoiado nem orientado no momento crítico da crise do estreito de Dardanelos. Churchill disse algumas palavras em sua própria defesa. Balfour não deveria “ficar ofendido ou humilhado pelo discurso que fiz, porque, no fim das contas, um discurso é algo muito pequeno enquanto um fracasso de qualquer espécie nesse assunto é algo vital”. Era correto que fosse lançado um aviso e que fosse “lançado a tempo”. Quanto à sua proposta para o regresso de Fisher , que tinha proporcionado a Balfour todas “as suas retóricas e devastadoras réplicas”, o “fato real é que se conseguisse associar o poder e a energia de lorde Fisher à execução do programa, não há razão para supor que não resultará daí um grande benefício público”.

Em 9 de março, acreditando que poderia pôr em discussão os problemas reais das deficiências militares, navais e aéreas e já sem interesse pela obtenção de uma brigada ou mesmo de uma divisão, Churchill pediu a Kitchener que o demitisse de seu comando militar, “assim que isso possa ser feito sem prejuízo para o serviço”. Enquanto isso, queria um prolongamento de sua licença; caso contrário, teria de voltar à França no dia seguinte. Kitchener mostrou a carta a Asquith , que aprovou. Asquith também esteve com Churchill nesse dia, recordando-lhe que seu pai havia cometido “suicídio político devido a uma atitude impulsiva”. Churchill respondeu que tinha muitos “apoiadores” que contavam com ele para liderá-los. “Nesse momento, você não tem ninguém que conte”, disse-lhe Asquith.

Quando se separaram, Churchill tinha lágrimas nos olhos. Asquith estava convencido de que ele voltaria para a França. Porém, no dia seguinte, quando o candidato do governo a uma eleição em East Hertfordshire foi derrotado por um candidato independente — Noel Pemberton Billing , comandante de esquadrilha do Real Serviço Aeronaval, que tinha disputado o lugar no interesse de uma política aérea forte —, Fisher e Garvin correram à Cromwell Road para encorajarem Churchill a ficar e a falar no Parlamento. Para sua satisfação, descobriram que ele já tinha preparado um discurso para o orçamento do Exército. Fisher leu-o e, mais tarde, ao escrever a C. P. Scott , considerou-o “incomparável”. “Acredito que o governo logo vai cair se nosso amigo se mantiver na Inglaterra, como deve, e discursar sobre o orçamento do Exército

na próxima terça-feira.”

Na tarde de 10 de março, enquanto Churchill começava a ter dúvidas acerca da sensatez do discurso no debate do orçamento do Exército, Fisher o visitou. Na manhã seguinte, usando a linguagem que tinha contribuído para seu afastamento anterior, Fisher escreveu a Churchill dizendo que “se alguma bobagem acerca de honra ou algum malabarismo ‘asquithiano’ o persuadir a não se erguer na primeira fila da bancada da oposição na próxima terça-feira para marcar a ferro o governo pelo massacre de nossas tropas e pela total inépcia na condução da guerra, então digo que você se tornou o ‘assassino’, porque é o único homem capaz de evitar o que pode acontecer e de pedir o afastamento de Kitchener”.

Na tarde de 11 de março, Churchill e Kitchener encontraram-se. Churchill ainda não se decidira sobre o que fazer. Max Aitken tentou persuadi-lo a permanecer em Londres e a falar no debate sobre o orçamento do Exército, mas, pensando melhor, optou por regressar à França. “No fim das contas, não me senti capaz de seguir seu conselho”, escreveu a Aitken quando chegou a Ploegsteert. “Embora meu instinto estivesse de acordo com o seu, eu tinha pequenos mas insistentes compromissos aqui, que não podiam ser postos de lado apressadamente em favor de oportunismo pessoal.” Ele também não se sentia com “a virtude necessária para a tremenda tarefa que me indicou. Meus interesses eram evidentes demais e não se pode prever a que ponto influenciam meu julgamento”. De que “tremenda tarefa” ele falava? Seria a chefia de uma oposição composta por liberais e conservadores descontentes, procurando derrubar Kitchener e até mesmo Asquith ?

Pressionado por Clementine , Churchill concordou em voltar para a França, mas ainda pensava, segundo disse a um dos principais críticos liberais de Asquith , em regressar antes do final do debate sobre o Exército. “Creio que em uma semana terei a possibilidade de regressar à Câmara dos Comuns ”, escreveu ele, perguntando se havia alguma chance de o debate “se prolongar até a semana parlamentar seguinte. Se for esse o caso, avise-me, e ajustarei de novo meu espírito ao tópico de que lhe falei”.

Churchill regressou à Frente Ocidental em 13 de março. Em seu percurso até Dover, com Clementine , ensaiou diversos argumentos a favor de participar da oposição parlamentar. Clementine , que quatro meses antes estivera muito preocupada com o que lhe poderia acontecer nas trincheiras e muito relutante em vê-lo partir para a frente, estava agora muito cética acerca de suas possibilidades políticas se ele regressasse a Londres e temerosa das acusações

de inconsistência e de oportunismo que lhe seriam feitas se ele abandonasse seu batalhão apenas dois meses depois de o ter recebido. Churchill não se convenceu e escreveu uma carta a Asquith durante a viagem até Dover, pedindo para ser retirado de seu comando. Entregou essa carta a Clementine , junto com uma declaração que lhe pediu que entregasse à Associação de Imprensa.

Desconsolada, Clementine visitou Carson , em Rottingdean, na costa sul. Seu conselho foi que evitasse um regresso precipitado. Churchill atravessou o canal para Boulogne, seguindo depois para leste até Ploegsteert. Seus homens estavam novamente nas trincheiras da linha de frente. Durante o percurso, ele decidiu que Clementine tinha razão. Se ele voltasse, mesmo que apenas para os últimos dias do debate sobre o orçamento do Exército, pareceria absurdamente abrupto e oportunista. Por isso, telegrafou a Asquith nessa mesma noite, retirando o que havia dito na carta. Asquith enviou então seu secretário particular à Cromwell Road para recuperar a declaração destinada à Associação de Imprensa. Clementine , que tinha acabado de chegar a Londres, vinda de Rottingdean, ficou muito aliviada.

O cancelamento da carta foi apenas uma trégua temporária. Churchill estava determinado a voltar à arena política. A única dúvida era quando o faria. “Você me viu quando eu estava fraco, tonto e confuso nessa semana”, escreveu ele a Clementine na primeira noite em “sua trincheira”. “Eu estava dividido por um conjunto duplo de obrigações, ambas honradas, ambas importantes, mas tenho certeza de que meu verdadeiro posto nessa guerra é na Câmara dos Comuns .”

Três dias depois, na reserva na fazenda Soyer, pediu-lhe que mantivesse contato com Garvin , Scott e outros: “Não deixe que se afastem nem que pensem que desisti.” Ao ler, um dia depois, um relato do debate sobre o Exército, no qual tivera esperanças de assumir a liderança, escreveu-lhe: “Eu podia ter mudado completamente o debate! Fortalece-se a cada dia minha convicção de que meu lugar é lá e de que eu o preencheria com mérito e proveito público.”

No regresso ao seu batalhão, Churchill soube que tinha sido criticado pelo brigadeiro por “indevida brandura na aplicação de castigos”. Então, preparou imediatamente estatísticas para demonstrar que desde que tinha assumido o comando do batalhão as faltas e as punições haviam diminuído. Na tarde seguinte ao seu regresso, foi “dar um passeio” até as linhas de batalhões adjacentes, como contou a Clementine :

As mesmas condições repetem-se em cada seção: construções em ruínas,

habitações de sacos de areia, trincheiras com arame farpado, crateras formadas por bombas, frequentes cemitérios com grupos de pequenas cruzes, vegetação selvagem, estradas lamacentas, soldados vestidos de caqui e assim por diante ao longo de centenas e centenas de quilômetros para cada lado. Desgraçada Europa. Apenas alguns tiros de fuzil e ocasionais estampidos de canhão quebravam o silêncio do fim de tarde. Uma pessoa pode se perguntar se as nações estão gastando bem seu dinheiro nesses exércitos tristes e apáticos.

Ele poderia “colaborar mais para uma ‘paz vitoriosa’ na Câmara dos Comuns do que nas trincheiras?”, perguntou a Clementine . “Essa é a questão fundamental. Se minha vida aqui pudesse auxiliar substancialmente nossa sorte, eu não a regatearia.”

Mais uma agitação da vida militar veio perturbar por algum tempo a equanimidade de Churchill. Subitamente, o brigadeiro que o comandava foi transferido, e a promoção que Churchill esperava desde janeiro pareceu uma possibilidade real, bem como sua própria brigada. Contudo, o posto foi dado a um oficial dos granadeiros três anos mais novo do que ele. “Isso mostra que não tenho perspectivas de futuro”, escreveu então a Clementine . De qualquer forma, já não se importava. Ele sabia agora o que “devia fazer”. Seu lugar era no Parlamento. “Peço-lhe que não creia que sou incapaz de encarar as perplexidades e os riscos de estar na bancada da oposição”, escreveu ele a Garvin em 20 de março, da fazenda Laurence, “ou que me absterei de tomar decisões, mas me sinto relutante em abandonar minha posição (e é ainda mais estranho ao pensar que posso fazê-lo a qualquer momento) e estou particularmente ansioso em, quando efetivamente regressar, fazê-lo nas circunstâncias mais favoráveis do ponto de vista de minha utilidade”.

Clementine tinha esperança de que o marido voltasse à rotina e aos desafios de suas funções na linha de frente, mas ele já não conseguia ter paz de espírito e escreveu-lhe no dia seguinte: “Não faça nada que desencoraje os amigos que desejam meu regresso.” Ela fazia o que podia para lhe acalmar. “Aguardando a oportunidade certa, com paciência, o futuro é seu”, respondeu-lhe. Ela ainda queria que ele obtivesse uma brigada e permanecesse na França. “Essa é minha esperança”, escreveu ela.

A carta de Clementine agitou em Churchill um ardente sentimento de injustiça por sua exclusão do comando da guerra. Ele se demitira de seu cargo e prescindira de um salário anual de 4.300 libras “em vez de conservar uma

sinecura”. Ele serviria durante cinco meses na frente, “desempenhando funções árduas, satisfazendo completamente meus superiores e defendendo meus oficiais e soldados”. Ele tinha uma “posição reconhecida” na vida pública britânica, adquirida ao longo de “anos de serviço público”, permitindo-lhe “obter a atenção (de qualquer modo) de meus conterrâneos de uma forma que não mais do que três ou quatro outros homens podem fazer”. Esse período do destino nacional da Grã-Bretanha era “crítico e grave e levantam-se agora praticamente todas as questões que afetam as condições de paz ou de guerra às quais estive ligado”. Ele não podia excluir-se dessas discussões nem se despojar das responsabilidades que diziam respeito a elas. “Será que esses fatos bastarão como resposta a escárnios e objeções triviais?”, perguntou ele a Clementine .

Churchill estava sendo corroído pela raiva e pela frustração de quase um ano inteiro de exclusão e pela falta de influência e poder de decisão, mas a confiança que tinha em suas capacidades e em sua popularidade mantinha-se intacta. “Minha querida, não subestime a contribuição que dei à causa comum nem a solidariedade de uma posição política adquirida em muitos anos de trabalho e autoridade”, escreveu ele a Clementine em 22 de março. “Golpes de má vontade e ataques em jornais são comuns, mas os homens públicos realmente conhecidos pela grande massa da nação não perdem seu lugar, exceto por algo que toque em sua privacidade e em sua honra.”

Clementine reunia argumentos contra o regresso prematuro de seu marido em suas cartas quase diárias, mas ele não ficava impressionado. “Tenha confiança e não se entregue facilmente às visões daqueles que não ficarão satisfeitos até que um último sopro deixe meu corpo”, escreveu-lhe. Nada poderia desviá-lo de sua intenção agora. “Quanto mais frio e indiferente me sinto aqui, no meio do perigo, mais forte me sinto para o trabalho que está à minha frente.” Carson também tentou dissuadi-lo de um retorno. No entanto C. P. Scott o apoiava, dizendo-lhe: “Seu lugar é aqui, e não aí.”

Clementine era sacudida por muitos conselhos contraditórios. “Essas graves ansiedades públicas são muito fatigantes”, escreveu ela na última semana de março. “Tenho esperança em que haja um pouco de tempo só para nós dois quando nos virmos novamente. Ainda somos novos, mas o tempo voa, roubando o amor e deixando apenas amizade, que é cheia de paz, mas não muito emocionante nem muito calorosa.” Churchill ficou abalado com essa melancólica confissão:

Ah, minha querida, não me escreva sobre “amizade” — eu te amo mais a

cada mês que passa e sinto cada vez mais necessidade de você e da sua beleza. Minha preciosa e encantadora Clemmie, eu também por vezes sinto desejo de descanso e paz. Tanto esforço, tantos anos de luta incessante e preocupações, tanta agitação, e agora essa vida dura e violenta sob o martelo de Thor, tudo isso faz com que meu espírito, agora mais velho, se volte — pela primeira vez, creio eu — para coisas diferentes da ação.

Será que é “quarenta e acabou”, como escreveu a duquesa do diabo? Não seria delicioso passarmos algumas semanas num local encantador na Itália ou na Espanha e simplesmente pintar e passearmos juntos sob um sol quente e luminoso, longe do choque das armas ou dos gritos do Parlamento? Nós já nos conhecemos muito bem e estaríamos melhor do que nunca.

Por vezes, eu também penso que não me importaria muito em deixar de viver — sou de tal modo devorado pelo meu egoísmo que gostaria de ter outra alma em outro mundo e poder encontrar você em outro cenário e dar-lhe todo o amor e a honra dos grandes romances.

Churchill prosseguiu, contando a Clementine que, dois dias antes, em 26 de março, Sinclair e ele andavam para as trincheiras quando ouviram o som de vários obuses à esquerda, cada um mais próximo que o anterior, “enquanto o canhão fazia um varrimento à procura de vítimas”. Eles conseguiram calcular mais ou menos onde a granada seguinte cairia. A estrada passava ao lado de um convento em ruínas e Churchill disse: “O próximo projétil vai atingir o edifício.” E, quando Sinclair e ele passaram ao lado do convento, de fato, contou ele a Clementine :

O obus chegou com um guincho, um rugido e um tremendo estouro, seguido pela chuva de tijolos, por nuvens de fumaça e por homens saltando, correndo e espreitando de dentro dos buracos e de esquinas. Mas a explosão não me fez saltar nem um pouco nem acelerou meu pulso. Ao contrário de muita gente valente, não me incomoda o barulho, mas pensei que, se tivesse caído mais vinte metros para a esquerda, acabavam-se as trapalhadas para resolver, as angústias para enfrentar, os ódios e as injustiças para combater, uma alegria para todos os meus inimigos, alívio para aquele velho patife, um bom final para uma vida bem variada, um último presente — não valorizado — para uma pátria ingrata, um empobrecimento do poder britânico de fazer guerra que ninguém jamais conheceria, mediria ou lamentaria.

Porém, não pretendo desistir nem me deixar cansar. Vou continuar a

combater até o fim, em todo e qualquer posto que me seja acessível e em que eu possa mais eficazmente conduzir essa guerra até a vitória. Se eu estivesse convencido de que não sou competente para um papel de maior âmbito, ficaria perfeitamente satisfeito aqui, acontecesse o que acontecesse, mas, se me convencer de que meu valor está em outro lugar, não serei desviado por nenhuma corrente de malevolência ou crítica.

Churchill fez um último esforço para convencer sua esposa de que o mais sensato de sua parte seria voltar o mais cedo possível. Se, conforme ela havia sugerido, ele esperasse até que houvesse uma crise ministerial, “não parecerá que voltei como um sultão que chega a uma festa sem ser convidado? Ao passo que, não obstante todas as crônicas injuriosas que sempre me afligiram, eu poderia, sem dúvida, a partir da tribuna de Westminster, exercer influência e chamar a atenção para assuntos de vital urgência e importância, que por si só justificariam o passo dado”.

Clementine continuava convencida de que qualquer regresso prematuro enfraqueceria ainda mais a reputação de seu marido. O presidente de seu círculo eleitoral avisou-o de que pensavam da mesma forma em Dundee, onde o sentimento era de que opor-se publicamente a Asquith seria o mesmo que pôr uma arma na mão de seus inimigos, “que lhe atirariam a acusação de instabilidade e a utilizariam ao máximo para prejudicar seu progresso”. Garvin concordava. Com grande relutância, Churchill permaneceu na frente, meditando sobre o que poderia ter feito, no passado, e sobre aquilo que ainda poderia fazer. “Para ser grande, é necessário que as ações de uma pessoa possam ser compreendidas pela gente simples”, escreveu-lhe Clementine. “Foi fácil entender seus motivos ao partir para a frente. Seu motivo para voltar é que exige explicação. Essa é a razão pela qual seu discurso sobre Fisher não foi um sucesso — as pessoas não puderam compreendê-lo. Seria necessário outro discurso para esclarecê-lo.”

Enquanto Churchill se encontrava em Ploegsteert, os alemães tentaram, sem sucesso, subjugar as defesas dos franceses em Verdun, lançando um esmagador bombardeio de artilharia, sem precedentes na guerra, e onda após onda de ataques de infantaria. Em 6 de abril, ele escreveu a F. E. Smith : “Estou completamente no escuro quanto ao panorama geral, mas Verdun parece dar razão a tudo aquilo que sempre disse e escrevi acerca da ofensiva na Frente Ocidental.” Nesse mês de abril, os críticos de Asquith tentaram mais uma vez exigir o serviço militar obrigatório. Numa carta a F. E. Smith, em 8 de abril,

Churchill comentou que Bonar Law e Lloyd George tinham agora “a suprema oportunidade” de formar um governo e criar “uma eficaz organização de guerra”. Se qualquer um passasse a ser primeiro-ministro, “poderia formar-se o partido do futuro”. O “melhor posto” para Churchill seria em Munições; se bem que, “é claro, o senhor conhece minhas preferências, se forem possíveis”, registrou ele, numa referência quase certa ao Almirantado ou ao Ministério da Aviação.

“Penso que Asquith provavelmente cederá no último momento”, escreveu Churchill a Lloyd George em 10 de abril. “Caso contrário, terá chegado o momento para agir.” Cinco dias depois, não sabendo para que lado Asquith se viraria ou se Lloyd George pediria demissão, Churchill, na fazenda Laurence, escreveu a Clementine : “Quando não estou consumido por uma fúria interior por causa das malditas voltas que me são impostas, a engolir em seco a fúria, sinto-me disposto e animado.”

Conforme Churchill esperava, Asquith fez uma concessão ao pedido de serviço militar, concordando com uma extensão do sistema vigente, mas ainda recusando a necessidade de um serviço militar obrigatório completo. Convocou também uma sessão privada da Câmara dos Comuns , para explicar sua orientação política sem a presença da imprensa ou do público e sem que informações sobre o debate vazassem. Churchill pediu uma licença para poder estar presente na sessão, que lhe foi concedida com a condição de regressar assim que o debate terminasse. “Boa sorte, Sansão”, escreveu-lhe Sinclair , que ficou em Ploegsteert, quando Churchill estava a caminho de Londres. “Se descobrir que sua força voltou, fique onde mais pode contribuir para a derrota dos filisteus.”

Churchill falou durante a sessão privada, mas nenhum registro do que ele disse foi publicado. “Se seu discurso tivesse sido noticiado, estou certa de que a imprensa insistiria por seu regresso”, escreveu-lhe Clementine três dias depois, quando ele já tinha voltado ao seu batalhão. Imediatamente após o debate, ele quis continuar em Londres, sabendo que os chefiados por Carson , que desejavam o serviço militar obrigatório, desafiariam Asquith . Ele queria ser parte desse desafio. Haig não tinha qualquer objeção, enviando-lhe até uma mensagem em que lhe desejava sorte “pela causa”, mas o general e comandante da divisão interpôs-se, enviando-lhe um telegrama que exigia seu regresso imediato, visto o batalhão encontrar-se novamente nas trincheiras.

O debate crucial sobre o serviço militar aconteceu na ausência de Churchill. Asquith apresentou sua medida parcial, mas Carson foi tão eficaz na oposição

que Asquith concordou em retirar a proposta e em introduzir imediatamente uma lei para o serviço militar obrigatório completo.

Carson havia triunfado, e Churchill havia sido completamente excluído do drama. Então, em 3 de maio, seu batalhão deixou Ploegsteert pela última vez. Os batalhões de infantaria estavam tão enfraquecidos como resultado das perdas diárias pelo fogo de artilharia que se verificavam consideráveis fusões e amálgamas. O 6º Batalhão de Fuzileiros Escoceses passou a fazer parte da 15ª Divisão. Churchill não procurou obter um novo comando. Em vez disso, pediu que lhe fosse permitido “atender aos meus deveres parlamentares e públicos que assumiram caráter de urgência”. Seu pedido foi atendido. Antes de ir embora, tentou obter boas colocações para seus jovens oficiais. “Ele teve imenso trabalho”, recordaria um dos homens. “Pedi automóbiles emprestados e percorreu a França, tendo conversas com oficiais de Estados-Maiores, superiores e inferiores, num esforço para fazer algo que auxiliasse aqueles que tinham servido sob suas ordens.”

Em 6 de maio, três dias depois de terem deixado Ploegsteert pela última vez, Churchill ofereceu aos seus oficiais um almoço de despedida em Armentières. No dia seguinte, disse adeus aos seus homens, contando que passara a considerar os escoceses como um povo “formidável em combate”. Quando se levantou para apertar-lhes a mão, recordaria um dos homens mais tarde, “acredito que cada homem naquela sala sentiu sua partida como uma verdadeira perda pessoal”.

17.

“Tormento profundo e incessante”

Churchill regressou a Londres em 7 de maio de 1916 e nunca mais voltaria a servir nas trincheiras, mas seu regresso não lhe trouxe qualquer perspectiva de emprego no governo. Dois dias depois de ter chegado em Londres, falou na Câmara dos Comuns sobre a necessidade de mais homens e argumentou que a Irlanda, até então excluída da lei de serviço militar obrigatório por razões políticas, deveria ser incluída. “Essa é uma boa ocasião para se tentar vencer dificuldades, e não para ficar desencorajado ou ser facilmente bloqueado por elas”, afirmou Churchill. Quando terminou de dizer essas palavras, um deputado nacionalista irlandês gritou: “E o estreito?”

Esse brado perseguiria Churchill por muitos anos. Numa tentativa de limpar seu nome desse estigma, pressionou Asquith para que permitisse a publicação dos fatos acerca da ação no estreito de Dardanelos. Quando Asquith assentiu, Churchill começou a reunir os documentos que mais claramente mostravam sua participação no desenrolar do empreendimento. Tinham passado doze meses desde sua saída do Almirantado e desde sua perda de autoridade e influência. “Esse amaldiçoado ano chegou ao seu fim”, escreveu ele a Fisher em 14 de maio. “Queira Deus que tenhamos mais sorte no próximo ano e alguma possibilidade de ajudar nossa pátria a salvar-se e a tudo o que depende dela. Não perca o ânimo. Estou convencido de que ainda não chegou ao seu destino.”

A convicção de Churchill foi mal colocada. Fisher nunca mais seria convidado para qualquer posto de autoridade. Também não foi oferecido a Churchill o lugar de ministro do Ar, que tanto queria. Ao falar no debate sobre o Conselho do Ar, em 17 de maio, Churchill descreveu seu papel na defesa aérea da Grã-Bretanha imediatamente após o desencadear da guerra e o estabelecimento de bases aéreas na França e em Flandres, defendendo também os primeiros *raids* aéreos aos hangares dos zeplins no mar do Norte e no Reno. Entre as distorções sobre sua carreira que tinham surgido e permanecido, afirmava-se, disse ele, que tinha gerido mal e negligenciado a defesa aérea da Grã-Bretanha no final do outono de 1914. Ele negou tais alegações dando

exemplos do sucesso de seus esforços.

Asquith tinha acabado de criar um Conselho do Ar, mas a instituição seria totalmente ineficaz, segundo Churchill, visto não ter quaisquer poderes departamentais. A Grã-Bretanha tinha perdido a superioridade aérea que possuía no princípio da guerra. “Porém, nada impede que possamos recuperá-la. Nada, a não ser nós mesmos, barra o caminho para a obtenção da supremacia aérea nessa guerra.”

Seis dias depois desse discurso e seis semanas antes do início da batalha do Somme, Churchill participou do debate do orçamento do Exército, pedindo compreensão para o injusto fardo colocado sobre os homens nas trincheiras enquanto tantos soldados, mesmo aqueles que serviam na França, nunca chegaram perto da linha de frente. Essa era “uma das mais trágicas distinções de classe já estabelecidas neste mundo”. A Câmara deveria saber sobre a pesada carga suportada por aqueles que realmente iam para as trincheiras.

Eu me pergunto todos os dias o que está acontecendo enquanto estamos aqui sentados, enquanto vamos calmamente jantar, enquanto vamos para casa, enquanto dormimos? Perto de mil homens — ingleses, britânicos, homens de nossa raça — são reduzidos a montes de trapos ensanguentados em cada 24 horas e carregados para covas abertas às pressas ou para enfermarias de campanha.

Insistindo em que não houvesse outras ofensivas fúteis, Churchill afirmou na Câmara: “Não sejamos arrastados para qualquer linha de ação que não seja justificada por considerações puramente militares. O argumento de que ‘agora é a nossa vez’, que tem sido utilizado, não tem qualquer lugar no pensamento militar.” Para derrotar a Alemanha e a Áustria-Hungria era necessária “uma genuína e substancial supremacia de força”. Então poderiam ser feitos os ataques e poderiam “saturar e sobrecarregar” a vantagem das comunicações interiores do inimigo. “A hora da vitória decisiva estaria ao alcance das mãos.” “Essa hora terá de chegar se combinarmos paciência e energia e se todos os recursos à disposição dos Aliados forem desenvolvidos sem cessar até sua suprema capacidade.”

Churchill queria desesperadamente ter autoridade ministerial para seguir essas orientações de guerra, mas não havia lugar para ele, permanecendo como uma voz angustiada na Câmara dos Comuns. Na votação sobre o Ministério da Guerra na Câmara, em 31 de maio, nem mesmo Carson e seu recém-criado

grupo de pressão, a Comissão Unionista de Guerra, tinham quaisquer planos no sentido de forçarem uma divisão. Apenas Churchill falava em carências e em falta de vontade, bem como na incapacidade de utilizar os recursos da nação, inclusive os recursos humanos, da maneira mais eficaz. “Estamos tentando fazer o melhor possível, mas será que estamos alcançando os melhores resultados para o grande esforço que é feito pela nação?”, questionou ele. “Eu não consigo acreditar que sim.” Assim que o debate sobre o Exército terminou, Churchill escreveu a Fisher e falou sobre a Marinha: “Uma mão morta pesa sobre nossas nobres esquadras, e elas beijam essa mão.”

Ao lerem os dois discursos de Churchill sobre o Exército, publicados sob a forma de um panfleto de rua intitulado *A linha de combate*, várias mulheres de soldados escreveram-lhe citando exemplos do desperdício de recursos humanos na guerra, mas não havia praticamente nenhum trabalho que Churchill pudesse fazer. Em uma ocasião, Curzon convidou-o a estar presente numa reunião do Conselho do Ar para dar sua opinião sobre como garantir a superioridade aérea. Nesse mesmo mês, na sequência da depressão pública generalizada causada por um comunicado do Almirantado após a Batalha da Jutlândia, que falava principalmente sobre as baixas, Balfour pediu-lhe que redigisse um comunicado patriótico para reavivar a confiança da sociedade. Isso foi tudo que lhe pediram que fizesse.

Em 5 de junho, Kitchener deixou a Grã-Bretanha, por mar, a caminho do norte da Rússia. No dia seguinte, como parte da preparação de evidências para a Comissão de Dardanelos, Churchill e Sir Ian Hamilton analisaram os telegramas de Kitchener a Hamilton para garantir que não seria omitido nenhum documento importante acerca das hesitações, mudanças de opinião e negligências de Kitchener, em especial em relação à situação do Exército após seu desembarque. Enquanto trabalhavam no escritório de Churchill, na Cromwell Road, ouviram barulhos na rua. “Winston abriu a janela”, escreveu Hamilton mais tarde. Passava um vendedor de jornais. “Tinha um maço de jornal debaixo do braço e, quando abrimos a janela, apregoava: ‘Kitchener afogado! Não há sobreviventes!’”

Kitchener havia morrido. “Seu desaparecimento no momento exato em que Winston e eu preparávamos um processo inabalável contra ele foi mais um dos golpes que encheram sua carreira — ele não precisaria responder”, escreveu Hamilton. De modo geral, esperava-se que Lloyd George sucedesse a Kitchener como ministro da Guerra. Churchill achava que poderiam oferecer-lhe o lugar de Lloyd George como ministro das Munições, mas a sombra das

ações no estreito de Dardanelos continuava a pairar sobre sua cabeça. “O senhor pode compreender meu desejo de que a verdade seja conhecida”, escreveu ele a Asquith dois dias depois da morte de Kitchener . Asquith não queria que os documentos fossem publicados integralmente, documentos em que ele próprio aparecia como um dos principais apoiadores da ação no estreito, e decidiu não permitir a inclusão de quaisquer minutas do Conselho de Guerra nos documentos que eram preparados para publicação.

Churchill tomou conhecimento desse novo golpe sobre suas esperanças em 19 de junho. No dia seguinte, soube que o Almirantado também se opunha à publicação de muitos telegramas navais cruciais. “Será preciso um considerável período de tempo até que esses documentos estejam prontos para publicação”, comunicou Asquith à Câmara dos Comuns em 26 de junho. Quatro semanas depois, Asquith escreveu-lhe para informá-lo de que o governo tinha decidido não autorizar qualquer publicação de documentos sobre o estreito de Dardanelos.

Em 7 de julho, Lloyd George tornou-se ministro da Guerra; Churchill fez-lhe imediatamente um apelo em favor da publicação dos documentos. “O aspecto pessoal desse assunto não é, em si, muito importante, exceto na medida em que afeta o comportamento dos colegas entre si”, escreveu ele.

Porém, o aspecto público, sim, é sério. Essa nação — cujo sangue tem sido vertido em vão — e seus domínios têm o direito de saber a verdade. O governo já tinha decidido que a verdade deveria ser contada e tinha feito uma promessa formal ao Parlamento, mas, agora, quando se aproxima o momento, eles tentam evitar que o processo prossiga.

O governo não tinha qualquer vontade de remexer nas cinzas do passado. Muitos homens em altos cargos tinham representado papéis, apoiando ou prejudicando o empreendimento. Furioso, mas impotente, Churchill foi com a família para Blenheim . “Não lhe causa fúria que me neguem toda e qualquer possibilidade de servir à pátria nessa hora tão importante?”, escreveu ao seu irmão Jack , então na Frente Ocidental, em meados de julho. Ele ainda alimentava esperanças de uma “situação que me seja favorável”. Lloyd George, ainda que não tivesse lutado tanto para tentar obter o cargo de ministro das Munições para Churchill, era “muito favorável, de acordo com a informação que tenho”. Entretanto, “Asquith reina apático, ensopado e supremo”.

Churchill tinha decidido não voltar à França. “Minha vida é plena de conforto

e prosperidade, mas me contorço todo por não poder cravar os dentes nos alemães”, disse ele ao irmão. “Contudo, mergulhar no completo caos, salvo ordem em contrário, quando uma volta da roda do destino me pode permitir fazer 10 mil vezes mais, não seria manter-me na via do patriotismo nem da sensatez. Haverá tempo para ações dessas. Jack , meu caro, acho que estou aprendendo a odiar.”

Nesse verão, Churchill posou para seu retrato feito por Orpen. Muitos anos mais tarde, a secretária de Lloyd George, Frances Stevenson , escreveria em seu diário:

Orpen descreveu-me uma cena passada em seu estúdio quando estava pintando Winston após ele ter perdido seu cargo. Winston havia ido ao estúdio para uma sessão, mas a única coisa que fez foi ficar sentado numa cadeira junto à lareira, com a cabeça apoiada nas mãos, sem dizer uma única palavra. Orpen saiu para almoçar sem o perturbar e, quando regressou, encontrou Winston na mesma posição. Às 16h, W. levantou-se, pediu a Orpen que chamasse um táxi e foi embora sem proferir nenhuma outra palavra.

Em 1º de julho, as forças britânicas e do império atacaram as trincheiras alemãs no Somme. Churchill se opunha, havia muito tempo, a ataques frontais deste gênero, efetuados sem uma clara superioridade de homens e de tanques. Nesse verão, ele escreveu quatro artigos para o *Sunday Pictorial* , descrevendo no último texto a mudança de atitude nacional nas batalhas de desgaste desde Loos até o Somme. “A imaginação está embotada, a emoção e o entusiasmo cederam lugar à capacidade de aguentar, a excitação está esgotada, a morte é familiar e a dor está dormente”, escreveu ele. “O mundo está no crepúsculo, e, para além de fracos lampejos do horizonte, ouve-se o incansável estrondo surdo dos canhões.”

Em 24 de julho, durante a votação suplementar do crédito para a continuação da guerra, Churchill falou mais uma vez na Câmara dos Comuns , assumindo seu papel de amigo dos soldados, pedindo um sistema mais justo de serviço na linha de frente, uma forma de promoção mais rápida para aqueles que serviam na frente e um reconhecimento mais amplo dos atos de bravura. “Eu não acredito que as pessoas deste país compreendam o que os homens fazem nas trincheiras e na batalha e quais são seus sofrimentos e suas realizações”, disse ele.

Churchill apelou ainda a um maior esforço no sentido de melhorar a

segurança das trincheiras, obter sistemas de luzes pelo menos tão bons quanto os modelos utilizados pelos alemães e usar capacetes de aço iguais aos franceses, que ele tinha usado ao longo de seu tempo nas trincheiras: “Se essa proposta não tivesse sido ignorada no começo da guerra, muitos homens poderiam estar vivos, mas estão mortos, muitos homens poderiam ter ferimentos ligeiros, mas estão gravemente feridos.” Também o Almirantado deveria perseverar “noite e dia” em novas formas de construções, ou seja, “em construções que salvam as vidas de nossos homens e não os expõem a perigos desesperados e desnecessários”.

Em 1º de agosto, num memorando que F. E. Smith fez circular pelo Gabinete, Churchill argumentou que as energias acumuladas do Exército eram dissipadas a cada nova ofensiva na Frente Ocidental, permitindo que os alemães pudessem libertar soldados do oeste para ajudarem a travar os recentes avanços dos russos no leste.

Reconhecendo o quanto Churchill tinha a oferecer em ideias e em sugestões práticas, Lloyd George começou a convidá-lo para ir ao Ministério da Guerra e a ouvir suas opiniões e discuti-las com seus assessores. Ao fim de vários desses convites, os protestos começaram. “Eu sei quais são os sentimentos em relação a ele”, escreveu o diretor-geral de Recrutamento, lorde Derby , a Lloyd George nesse mês de agosto. “Tenho grande apreço pelo sentimento que o faz não querer bater num homem quando ele está caído, mas Winston não está caído, ou, melhor, nunca admitirá que está caído, e asseguro-lhe que a presença dele no ministério é — para não pôr isso de forma forte — muito desagradável para todas as pessoas que trabalham lá.”

Derby foi muito enfático ao afirmar que o Partido Conservador nunca trabalharia com Churchill e que ele próprio, Derby , não apoiaria “qualquer governo” do qual Churchill fizesse parte. “Eu gosto dele pessoalmente”, escreveu Derby . “Ele tem uma personalidade muito atraente, mas não é, de modo algum, uma pessoa de confiança, tal como seu pai, e ele precisa aprender que, tal como o pai teve de desaparecer da política, ele também terá de desaparecer, no mínimo, da vida oficial.”

Porém, Churchill recusava-se a “desaparecer”. No início de setembro, quando soube que os tanques com esteiras, cujo desenvolvimento ele tanto tinha tentado forçar em 1915, se encontravam prestes a ser utilizados em combate pela primeira vez no Somme, procurou Asquith imediatamente, pedindo-lhe que não fossem usados até poderem aparecer em grande quantidade, juntando assim sua eficácia técnica a um elemento de surpresa. Asquith ouviu-o com tanta atenção

que Churchill se convenceu de que o uso dos tanques seria adiado até que pudessem ser utilizados com o máximo, e talvez decisivo, efeito, provavelmente no começo de 1917. Por isso, quando soube, em 16 de setembro, que os tanques tinham sido empregados no Somme — apenas quinze —, ficou profundamente decepcionado. “Meus pobres ‘couraçados terrestres’ foram lançados prematuramente e numa escala insignificante”, escreveu ele a Fisher. “Nessa ideia residia uma verdadeira vitória.”

Ao longo de agosto e setembro, Churchill preparou sua defesa para a Comissão de Dardanelos. Como Asquith não lhe autorizou a utilizar as minutas do Gabinete de Guerra, ficou faltando à sua apresentação uma de suas principais fontes e justificativas. Suas esperanças de que poderia estar presente quando outras pessoas testemunhassem foram desfeitas quando o presidente, lorde Cromer, informou-o de que todas as sessões seriam conduzidas em segredo e de que apenas a testemunha do próprio dia participaria.

Em 28 de setembro, Churchill apresentou-se perante a comissão, expondo documentos e argumentos para ilustrar aquilo que ele chamava de “cinco verdades distintas” sobre o ataque naval no estreito de Dardanelos: “Que tinha havido autoridade completa; que tinha havido uma possibilidade razoável de sucesso; que interesses maiores não haviam sido comprometidos; que todo o cuidado e o planejamento possíveis tinham sido empregados na preparação; e que foram demonstrados vigor e determinação na execução.”

Churchill apresentou um volumoso conjunto de provas documentais para sustentar suas afirmações. Seu desejo era que, quando o trabalho da comissão estivesse terminado, esse material fosse publicado. Tinha também empreendido uma série de três artigos na revista mensal *London Magazine*, intitulada “A guerra em terra e no mar”. Ao irmão de Clementine, William, que tinha servido no estreito e que agora comandava agora o cruzador *Edgar*, escreveu:

É claro que me sinto terrivelmente mal por não encontrar meios para fazer com que meus conhecimentos influenciem diretamente a guerra. Ainda tenho bastante influência aqui e posso fazer com que as coisas aconteçam no Parlamento, mas queria ter poder para utilizar contra o inimigo. Uma volta do mundo ainda pode devolver esse poder a mim, mas, enquanto isso, vejo-me num ócio vicioso. Esse é o período mais duro que já passei em minha vida. Se a guerra não constituísse meu único pensamento, eu não me interessaria por qualquer cargo político, mas ver as coisas tão pouco compreendidas e ser impotente para orientá-las é, nesse grande momento, um profundo e

incessante tormento para mim.

Eu poderia ter sido útil no Exército se French tivesse permanecido, pois então eu poderia ter minhas ideias, que seriam consideradas e postas em ação, mas sua partida deixou-me sem qualquer perspectiva para além de ser um oficial regimental. Os cinco meses em que servi nas trincheiras foram uma experiência marcante e não completamente desagradável, mas que me isolou, quer em relação à informação, quer à atividade real. Por isso, quando meu batalhão foi desmantelado, eu regressei. E aqui permaneço. Estou escrevendo e reunindo grandes quantidades de dinheiro, e, julgando pela forma como fiz aumentar a circulação do *Sunday Pictorial* e do *London Magazine*, tenho um bom público no país.

O sucesso do tanque com esteiras foi para mim uma grande alegria; esse era o último dos meus projetos ainda levados adiante. Não foi utilizado da maneira certa, nem em quantidade suficiente, mas não há dúvidas acerca de seus méritos e de sua relação com a concepção real dessa guerra. Creio que em breve será publicada uma declaração oficial sobre sua origem.

Bem, suponho que para você tenha sido um período um pouco entediante, mas você cumpriu seu dever e, após dois anos e meio de Armagedom, ainda tem fôlego em seu corpo. *Voilà déjà quelque chose*. Quantos já se foram? E quantos mais ainda irão? O Almirantado está profundamente adormecido, e letargia e inércia estão na ordem do dia, mas todos parecem encantados, de modo que não há nada a dizer. Não há planos, não há empreendimentos, não há luta para ir em auxílio à causa comum. Apenas continuar a cochilar no espaçoso trono.

A Comissão de Dardanelos ocupa uma boa parte do meu tempo e tenho esperanças num resultado favorável. Talvez eu consiga encontrar algum lugar na França mais tarde, se os assuntos políticos permitirem. Nellie presenteou-nos com um filho para compensar as baixas. Penso frequentemente em você, meu caro Billie. Você sabe que sempre pode contar comigo como seu querido amigo.

Esmond, o bebê de Nellie, a irmã de Clementine, seria morto em ação em 1942, como piloto da Força Aérea canadense.

Os jornais conservadores apegaram-se tenazmente às velhas acusações. Quando, nesse outono, o *Daily Mail* referiu-se ao “desprezível fiasco da Antuérpia e ao trágico erro em Galípoli”, Churchill escreveu imediatamente à

Comissão de Dardanelos, protestando, pois o artigo “mostra claramente a espécie de ataque a que me encontro exposto e contra o qual tenho todo o direito de defender-me perante a comissão”. Ao longo de todo o mês de outubro, ele apresentou mais material, em resposta ao que outros teriam dito à comissão, que ele tinha sido autorizado a ler como concessão especial. Também testemunhou mais uma vez.

Churchill sabia que qualquer esperança em um regresso ao governo dependia da publicação de suas provas testemunhais, mas, quando o trabalho da comissão foi dado por concluído, o governo concordou apenas com a publicação de um relatório geral. Os documentos, as declarações e os interrogatórios não foram publicados. Churchill tinha sido enganado mais uma vez. Em 20 de novembro, ele disse a C. P. Scott que era “o homem mais insultado da nação”. A última arma que lhe restava era sua caneta: em 26 de novembro, publicou um relato completo da expedição da Antuérpia no *Sunday Pictorial*.

Em 30 de novembro, Churchill completou 42 anos. Nessa altura, Lloyd George e Bonar Law desafiavam o poder de Asquith, mas Churchill não tinha qualquer lugar nessa luta. Aitken, que se encontrou com ele em 2 de dezembro, quando a crise estava em seu auge, recordaria mais tarde que “ele estava quase pateticamente ansioso por notícias”. Três dias depois, Lloyd George, Bonar Law e Curzon demitiram-se do governo. Nessa mesma tarde, Asquith apresentou sua demissão.

O rei pediu a Bonar Law que formasse um novo governo. Nessa noite, Lloyd George e Aitken jantariam com F. E. Smith. Churchill não fora convidado. Antes do jantar, ele estava com F. E. nos banhos turcos do Royal Automobile Club. Smith telefonou a Lloyd George para recordar-lhe do jantar e mencionou que estava com Churchill. Lloyd George propôs imediatamente que Churchill se juntasse a eles. “Essa sugestão, provavelmente feita com descuido, produziu em Churchill a impressão de que ele fazia parte do novo conjunto de administradores de guerra que se encontravam prestes a agarrar o leme”, refletiu Aitken posteriormente. “Certamente Lloyd George não pediria que ele fosse ao jantar se não tivesse a intenção de oferecer-lhe um cargo — o que para Churchill significava poder trabalhar na guerra.”

Durante o jantar, conversaram bastante sobre a nova administração. Todos os presentes, inclusive Churchill, discutiram “em termos de igualdade”, nas palavras de Aitken. Entretanto, Lloyd George teve de sair para encontrar-se com Bonar Law e pediu a Aitken que o acompanhasse. Durante o percurso, explicou que ele e Bonar Law estavam sofrendo enorme pressão para que

Churchill fosse excluído de qualquer novo governo. Ele próprio, se passasse a ser primeiro-ministro, não poderia oferecer a Churchill um lugar ministerial. Então, Lloyd George pediu a Aitken que voltasse ao jantar e “transmitisse mais ou menos essa ideia” a Churchill.

O próprio Aitken esperava ocupar um lugar no novo governo. Regressando ao jantar, “sorri para Churchill”, escreveu ele mais tarde, “como um colega mais velho sorriria para um aspirante mais jovem. De certo modo, eu ainda caminhava com muito cuidado, mas caminhava. Churchill tinha todas as razões para supor que receberia um alto cargo. Discutimos como aliados o novo elenco governamental. Churchill sugeriu que eu poderia ser nomeado correio-mor, uma tarefa adequada às minhas capacidades. Então, fiz o que Lloyd George pedira”.

As palavras que Aitken utilizou foram: “O novo governo olhará para você com muita simpatia. Todos os seus amigos estarão lá. E vocês terão um grande campo de ação comum.” Depois, Aitken prossegue em seu relato: “Algo na reserva com que falei levou uma certeza ao pensamento de Churchill. Ele percebeu que tinha sido enganado pelo convite para o jantar e explodiu numa fúria ofendida.” Aitken nunca tinha ouvido Churchill referir-se a F. E. Smith sem ser por “Fred” nem ao próprio Aitken sem ser por “Max”, mas no momento virou-se para ele e disse: “Smith, esse homem sabe que não devo ser incluído no novo governo.” Então, afastou-se pela rua.

Nessa noite, Bonar Law perguntou a Asquith se estava disposto a trabalhar com ele. Quando Asquith recusou, Bonar Law percebeu que não poderia contar com o total apoio do Partido Liberal e aconselhou o rei a chamar Lloyd George, que se tornou primeiro-ministro.

Durante o processo de composição do Gabinete, Lloyd George, que havia preparado uma lista de possíveis ministros, anotou na margem do papel: “Aviação Winston?” Na realidade, não foi estabelecido um Ministério do Ar. Nem foi proposto a Churchill qualquer cargo no novo governo, conforme Aitken dera a entender na noite anterior. Isso, disse Churchill a Sinclair, foi “o fim de todas as minhas esperanças e de meus desejos. Eles não eram imerecidos, pois eu tinha um impulso e uma riqueza para oferecer às energias de guerra da nação, mas meu tesouro foi rejeitado”. Teve também pouca sorte com o relatório da Comissão de Dardanelos, cuja publicação foi adiada devido à crise política. “Ainda tenho esperança em que ele provoque uma virada da opinião pública”, disse ele a Sinclair. “Mas tudo corre mal para mim desde que a guerra começou. Talvez estejamos agora no ponto mais baixo.”

Em 11 de dezembro, num gesto de amizade, Lloyd George enviou um amigo

comum para visitar Churchill e dizer-lhe que a intenção não era mantê-lo fora do governo e que se tentaria nomeá-lo presidente do Conselho de Aviação. Porém, o relatório da Comissão de Dardanelos teria de ser publicado primeiro. Churchill respondeu que embora o cargo não fizesse parte do Gabinete de Guerra nem tivesse um departamento de Estado por trás, ele não tinha objeções: “Aceitarei qualquer cargo que me permita servir à minha pátria. Meu único objetivo é ajudar a derrotar os hunos e subordinarei todos os meus sentimentos para que me seja permitido ajudar em qualquer coisa.”

Sem o conhecimento de Churchill, o novo primeiro-lorde do Almirantado, Edward Carson , escreveu a Bonar Law em 20 de dezembro: “Temo francamente que haja atritos se essa nomeação for feita.” A longa batalha de Churchill com o Partido Conservador não terminaria tão cedo. “Quando eu tiver certeza absoluta de que não há qualquer chance de recuperar o controle, ou parte dele, aqui, poderei voltar-me novamente para esse recurso e refúgio”, escreveu Churchill a Sinclair , que lhe perguntara se voltaria às trincheiras. Se tivesse ficado no ducado de Lancaster “e mantido a boca fechada e recebido meu salário, eu seria hoje um dos principais personagens na direção de diversos assuntos e negócios”. Ploegsteert tinha sido “uma excursão muito dispendiosa”. O Parlamento não tinha respeito pelos que usavam uniforme. “Nenhum dos deputados que haviam combatido no Somme à frente de seus batalhões tinha qualquer chance contra homens menos inteligentes que ficaram a tagarelar em casa. Esse é para mim o mais curioso de todos os fenômenos. É inteiramente inexplicável para mim.”

Churchill passou o Natal e o Ano-Novo em Blenheim , com Clementine , Diana , Randolph e Sarah. Um mês depois, após o 76º aniversário de Fisher , Churchill escreveu-lhe: “Nossos inimigos comuns são hoje onipotentes e a amizade não conta para nada. Limito-me simplesmente a existir.”

Ao discursar durante o debate sobre o orçamento do Exército, em 5 de março de 1917, Churchill fez uma apaixonada exortação em favor da aplicação de maior energia e poder de intervenção na criação de dispositivos mecânicos capazes de salvar vidas e de conduzir à vitória. “Máquinas salvam vidas”, disse ele. “O poder das máquinas é um substituto da força dos homens. A inteligência permite poupar sangue e as manobras ajudam a diluir a carnificina.” A menos que novos dispositivos sejam desenvolvidos, “não vejo como evitar esse desolador processo de desperdício e de mortandade”. Ele suplicou ao governo que não lançasse uma ofensiva semelhante à ação no Somme em 1916, “a não

ser que tenha certeza de que os meses de tempo bom disponíveis e as reservas sejam tais que nos garantam um resultado indisputável”. Deveriam ser feitos naquele momento os preparativos para a campanha de 1918, quando os Aliados estariam suficientemente fortes, em homens e em armamentos, para assegurar uma vitória militar.

Em meados de março, a Comissão de Dardanelos encontrava-se finalmente pronta para publicar seu relatório. Num gesto de amizade, Lloyd George emprestou a Churchill uma cópia do rascunho de sua seção do Almirantado. Não era atribuída qualquer culpa a Churchill; na realidade, o relatório mostrava que quando o ataque naval foi cancelado por Robeck, em 18 de março, os turcos dispunham apenas de munição para três tiros por canhão. Porém, apesar de deixar claro que Asquith tinha estado tão ansioso por atacar a Turquia quanto qualquer um de seus colegas e que havia sido Kitchener que não tinha fornecido ao Conselho de Guerra pormenores suficientes acerca de seus planos militares, o texto não respondia, na opinião de Churchill, a muitas das acusações que tinham sido feitas especificamente a ele nem os documentos que ele queria ver publicados. Pior ainda, disse ele a Lloyd George, “citações incluídas no texto do relatório não são fiéis, em numerosos casos, a testemunhos dados perante a comissão”.

Em sua alegação final, Churchill disse aos membros da comissão que o relatório não inseria a ação no estreito de Dardanelos no contexto mais vasto da guerra, especialmente em relação à situação de empate nas trincheiras da Frente Ocidental. “Um quinto dos recursos, do esforço, da lealdade, da capacidade de resolução e da perseverança empregados em vão na batalha do Somme para conquistar poucos quilômetros quadrados de terra devastada teriam, se usados a tempo, permitido dar a mão à Rússia e tirar a Turquia da guerra”, escreveu ele.

Uma “boa imprensa, laboriosamente manipulada”, continuou Churchill, tinha representado a batalha do Somme como uma série de vitórias. Daí a alguns anos, no entanto, saberiam que “os exércitos que lutaram penosamente e quase sem apoio na península de Galípoli, cujos esforços são agora encarados com tanto preconceito e repugnância, estavam a um palmo do sucesso num empreendimento que teria encurtado consideravelmente os sofrimentos do mundo e teria sido a salvação de nossa causa. Será então incrível que se tenha permitido que uma dúzia de navios velhos, meia dúzia de divisões e umas centenas de milhares de obuses ficassem no caminho entre eles e o sucesso. Nossos contemporâneos condenaram os homens que tentaram forçar uma passagem pelo estreito de Dardanelos. A história condenará aqueles que não

quiseram ajudá-los”.

Num almoço com Churchill em 20 de maio, C. P. Scott perguntou-lhe se ele estaria disposto a juntar-se ao governo de Lloyd George.

“Não em um cargo subalterno. Apenas num dos principais lugares”, respondeu Churchill.

Scott perguntou se estaria interessado em ser ministro da Guerra.

“Sim, isso serviria muito bem”, respondeu Churchill.

Contudo, o cargo não lhe foi oferecido. Nesse mesmo dia, dois anos e dois dias após o ataque naval ao estreito, a Câmara dos Comuns debateu o relatório da Comissão de Dardanelos. Churchill defendeu sua própria participação com vigor e ficou satisfeito com o acolhimento que teve seu discurso e com o debate que se seguiu, dizendo a Sinclair que tinha sido “de grande sucesso para mim”. Como o relatório demonstrou que Asquith e Kitchener tinham aprovado a operação, todos aqueles que respeitavam a memória de Kitchener, “e são muitos”, e todos aqueles que aderiram ao “liberalismo ortodoxo” se aliaram para defender a ação. “E assim tenho fortes grupos de opinião pública entre mim e a malevolência da imprensa *tory*, o que provavelmente influenciará meus assuntos.”

Num artigo publicado no *Sunday Pictorial* em 8 de abril, reiterou sua oposição parlamentar a uma ofensiva renovada em 1917. No entanto, no dia seguinte, o exército britânico lançou sua ofensiva de primavera a leste de Arras. Três dias depois, os alemães tinham sido obrigados a recuar sete quilômetros, mas sua linha tinha aguentado, destruindo a esperança, cultivada por Haig, de abrir uma brecha que pudesse ser explorada pela cavalaria e que permitisse entrar profundamente no território até então ocupado pelos alemães. “A cavalaria não tem nenhum papel a desempenhar na Frente Ocidental”, escreveu Churchill a Sinclair em 11 de abril. “Não haverá ataques a galope.”

Seis dias após a carta de Churchill a Sinclair, Lloyd George falou, na Câmara dos Comuns, em defesa da supressão de uma série de artigos publicados na *Nation*, que afirmavam que as tropas britânicas tinham sido ludibriadas por uma retirada estratégica dos alemães num setor da Frente Ocidental. Depois dessa defesa, Churchill levantou-se para falar. Nesse momento, Lloyd George levantou-se e saiu da Câmara, fato que Churchill comentou com bastante sarcasmo. A própria supressão, disse ele, mostrava um “amor pouco saudável pelo poder arbitrário”.

Quando Churchill prosseguiu, dizendo que a Câmara se encontrava profundamente preocupada, Bonar Law retorquiu: “Vamos determinar isso com

votos.” Churchill irritou-se: “Não procurem conflitos”, disse ele. “Não criem conflitos. Tornem fácil a cada partido, a cada força no país, dar seu auxílio e seu apoio e removam barreiras, obstruções e incompreensões que tendam a causar divergências superficiais e aparentes entre homens cujo objetivo é totalmente orientado no sentido comum de nossa vitória, da qual depende o futuro de todos nós.”

Nessa primavera, em busca de um local no campo onde pudesse descansar com a família, Churchill comprou Lullenden, uma casa em estilo Tudor no condado de Sussex. Escondida em quarenta hectares de floresta, a propriedade tinha um pequeno lago, em cuja margem ele gostava muito de pintar. Seu filho Randolph ainda não tinha completado 5 anos quando o pai adquiriu Lullenden; a brincadeira favorita, recordou ele mais tarde, era perseguir o pai pelo denso bosque: “Uma vez, ele mexeu num ninho de abelhas, ou talvez de vespas, e conseguiu passar sem uma picada. Mas nós, as crianças, fomos perseguidos e picados em vários lugares.”

Nesse mês de abril, por sugestão de Lloyd George, Churchill encontrou-se duas vezes com o ministro das Munções, dr. Christopher Addison , para discutir com ele a possibilidade de um papel na produção de munições. Em 27 de abril, Addison sugeriu a Lloyd George que Churchill fosse nomeado presidente de uma comissão, dentro de seu ministério, destinada a analisar o desenvolvimento de tanques e de outros meios mecânicos de guerra. Lloyd George recusou a sugestão de Addison , mas aprovou uma proposta de Churchill, no começo de maio, para uma sessão fechada da Câmara dos Comuns , de forma a evitar um ataque combinado, público e parlamentar, à sua orientação política da guerra, levado a cabo por liberais descontentes, chefiados por Asquith , e por deputados trabalhistas e nacionalistas irlandeses .

A sessão fechada aconteceu em 10 de maio. Asquith não tinha feito planos para um ataque em grande escala nem tinha colocado ninguém para abrir o debate. Essa tarefa coube a Churchill, que mais uma vez falou contra ofensivas prematuras na França. Os Estados Unidos tinham entrado na guerra no início de abril. Suas tropas não estariam prontas para ação antes de 1918. “Será que não é óbvio que não devemos desperdiçar o que resta dos exércitos da França e da Grã-Bretanha em ofensivas precipitadas antes que o poderio americano comece a se fazer sentir no campo de batalha?”, perguntou ele.

Superioridade numérica e preponderância na artilharia eram ambas

necessárias para uma ofensiva bem-sucedida, mas a Grã-Bretanha não possuía nem uma nem outra. E ainda nem tinha estabelecido superioridade aérea. “Nós não temos nem os meios mecânicos nem os métodos táticos para perfurar uma sucessão indefinida de linhas fortificadas defendidas pelas tropas alemãs.” Mais ofensivas, em 1917, seriam “apenas novas aventuras sangrentas e desastrosas”. Os exércitos aliados deviam ser aumentados e treinados e seus métodos, aperfeiçoados “para um esforço decisivo num ano posterior”.

Lloyd George recusou-se a comprometer-se com tal adiamento e não revelou em que medida já estava empenhado numa ofensiva principal ainda em 1917, mas, quando se encontrou por acaso com Churchill atrás da cadeira do presidente da Câmara, assegurou-o de sua “determinação em ter-me ao seu lado”, lembrou Churchill mais tarde. “Desse dia em diante, embora eu não ocupasse qualquer cargo, tornei-me seu colega. Ele discutiu repetidamente comigo todos os aspectos da guerra e muitas de suas esperanças e de seus receios secretos.” Depois de Churchill ter almoçado com Lloyd George em 19 de maio, Frances Stevenson perguntou ao primeiro-ministro por que estava mais próximo de Churchill. “Ele me disse que quer alguém ao seu lado que o anime, ajude e encoraje e que não o procure constantemente com uma expressão triste e dizendo que tudo vai mal”, escreveu ela em seu diário. “Neste momento, ele é obrigado a carregar todos os seus colegas nas costas.”

Os primeiros frutos dessa nova cooperação chegaram em 26 de maio, quando, com a bênção de Lloyd George, Churchill levou à França uma carta do primeiro-ministro para o ministro da Guerra francês, pedindo-lhe que proporcionasse ao portador da carta “todas as facilidades” para visitar o setor francês na frente. Essa foi a primeira missão oficial, ou semioficial, de Churchill na França em mais de dois anos, tendo sido recebido pelo alto comando francês e levado para ver os campos de batalha de 1916, além de almoçar em Paris com o ministro da Guerra francês. “Tudo é muito agradável, mas a mortandade e a destruição não saem de minha mente nem por um momento”, escreveu ele a Clementine em 29 de maio.

Churchill tentou transmitir a todos aqueles com quem se encontrou na França a sensatez de adiar a ofensiva aliada por quase um ano, pelo menos até maio de 1918, ou mesmo até agosto, quando os vastos reforços americanos já teriam chegado. Sir Henry Wilson, que então comandava o 4º Corpo e que almoçou com Churchill em Paris, anotou em seu diário que Churchill estava também “muito insistente (e com razão) em que a Marinha combatesse em vez de não fazer nada. Ele tem grandes planos para utilizá-la, especialmente para formar

campos de minas junto aos portos inimigos”. A disposição de Churchill melhorava: “Sinto-me bastante estimulado pela mudança e pelo movimento, bem como por discussões novas, com gente nova, e estou cheio de ideias”, escreveu ele a Clementine .

De Paris, Churchill deslocou-se ao setor britânico da frente de batalha, onde passou o primeiro dia de junho. No dia seguinte, almoçou com Haig em St. Omer, exprimindo novamente sua convicção de que a ofensiva de 1917 deveria ser adiada. Haig anotou em seu diário que, durante a discussão, Churchill tinha sido “muito humilde”. Porém, ao mesmo tempo em que Churchill sentia uma nova força e tinha novos propósitos, seus inimigos trabalhavam para evitar seu regresso a qualquer cargo público. Em 3 de junho, o jornal *Sunday Times* , noticiando um rumor de que Churchill estava destinado a ser presidente do Conselho do Ar, declarou que sua nomeação para qualquer cargo no Gabinete constituiria “um grave perigo para a administração e para o império em geral”. Seus antecedentes provaram que ele não possuía “as capacidades de julgamento e de visão que são essenciais a um administrador competente”.

Não só os jornais conservadores levantaram a voz contra Churchill. Na primeira semana de junho, lorde Curzon escreveu a Bonar Law para recordarlhe de que tinha entrado para o governo de Lloyd George com a condição de Churchill ser excluído. Lorde Derby encontrou-se com Lloyd George em 8 de junho para apresentar o mesmo argumento pessoalmente. Nessa tarde, Curzon escreveu a Lloyd George acerca de Churchill: “Ele constitui um perigo potencial na oposição. Na opinião de todos nós, ele será um perigo em nosso meio como membro do governo.”

Lloyd George queria dar a Churchill o Conselho do Ar, mas a reação foi intensa demais. Em 30 de junho, no entanto, como sinal de confiança em Churchill, deslocou-se a Dundee para ser declarado cidadão honorário da cidade. Duas semanas depois, em 16 de julho, Lloyd George convidou Churchill a participar de seu governo e perguntou-lhe que lugar lhe interessaria. Churchill respondeu imediatamente: Munições. O ministro em exercício, dr. Addison , admirador das qualidades de Churchill, já havia dito a Lloyd George que deixaria o cargo em favor de Churchill; de resto, queria que Churchill lhe sucedesse. A nomeação foi publicada em 18 de julho. Durante vários dias houve uma tempestade de protestos dos conservadores nos jornais. O *Morning Post* apontou as ações no estreito de Dardanelos e na Antuérpia como prova de uma “assoberbante vaidade”, que levava Churchill a achar “que era um Nelson no mar e um Napoleão em terra”.

Lorde Derby ficou furioso por saber da inclusão de Churchill no Gabinete por intermédio dos jornais e foi imediatamente protestar junto a Lloyd George. Antecipando a ameaça de demissão de Derby , Lloyd George declarou que, se não pudesse ter a ajuda daqueles “com quem ele contava”, ele se demitiria imediatamente. Entre aqueles que felicitaram Churchill estava sua tia Cornelia, irmã de lorde Randolph . Ela também teve palavras de aviso: “Meu conselho é que se dedique apenas às Munições e que não tente dirigir o governo.”

18.

Ministro das Munições

Churchill passou seu primeiro fim de semana como ministro das Munições em Lullenden. No domingo, 22 de julho de 1917, Maurice Hankey, que vivia em Limpsfield, a oito quilômetros de distância, foi seu convidado para o chá. “Dei um passeio e tive uma conversa muito interessante com ele enquanto andávamos por sua bela e selvagem propriedade”, escreveu Hankey em seu diário. “Lloyd George dera-lhe meu relatório sobre a política de guerra, e ele já estava atualizado em relação a toda a situação, sabendo exatamente quais eram nossos planos militares, o que eu não achei bom. Ele tinha tomado café da manhã com Lloyd George.” Nessa tarde, Churchill escreveu a Lloyd George, reiterando sua oposição a uma nova ofensiva na França nesse mesmo ano e pedindo “que limitasse as consequências” de qualquer ataque que já estivesse decidido. “Eu rejeito a necessidade de aceder ao desejo militar de uma nova ofensiva a leste.” Churchill sugeriu também que havia chegado o momento de preparar um novo desembarque anfíbio contra a Turquia europeia, fazendo uso das cinco ou seis divisões então inativas em Salonica, que “deveriam estar concentradas, e não espalhadas”. Uma vez que o exército turco fosse forçado a render-se na Europa, as tropas aliadas na Palestina ficariam “livres, na primavera do ano seguinte, para ações na Itália ou na França”. Churchill concluiu o texto com um pedido a Lloyd George, que se encontrava então a caminho da França: “Não se deixe torpedear; se eu ficar só, seus colegas me comerão vivo.”

O quartel-general do Ministério das Munições situava-se no hotel Metrópole, na avenida Northumberland. O hotel, requisitado pelo governo, ficava junto à Trafalgar Square, a apenas alguns minutos a pé da Casa do Almirantado, a residência oficial de Churchill entre 1911 a 1915. Pelo que soube por seu antecessor, dr. Addison, os membros do secretariado das Munições “não eram particularmente abertos à vinda de Winston”. Churchill foi apresentado por Addison em 24 de junho; um funcionário sênior do departamento, Harold Bellman, recordaria mais tarde que tinham esperado “uma cena tempestuosa” e

que Churchill fora recebido “friamente”. De fato, lembrou Bellman, ele iniciou suas observações mencionando que “sabia que estava partindo ‘da estaca zero em questão de popularidade’. Continuou afoitamente, mencionando sua política para uma produção ainda mais rápida de munições. À medida que elaborava seus planos, a atmosfera foi mudando perceptivelmente. Aquilo não era um pedido de desculpas, e sim um desafio. Aqueles que tinham vindo para insultá-lo ficaram para aplaudi-lo”.

Porém, a hostilidade perante a nomeação de Churchill prosseguia. Em 3 de agosto, o *Morning Post* anunciou: “O perigoso e incerto sr. Winston Churchill, um rim flutuante no corpo político, encontra-se de volta a Whitehall. Não sabemos o que se prepara para fazer, mas, a partir da experiência passada, aventuramo-nos a sugerir que fará tudo menos o que se deve.” Quatro dias depois, Churchill enfrentou sua primeira prova como ministro das Munições, uma disputa industrial que se arrastava havia um ano e meio e que tinha parado a produção das fábricas de munição de Sir William Beardmore e de outras fábricas do ramo na zona do Clyde. Vários grevistas não só tinham sido despedidos por Beardmore como presos e proibidos de residir em Glasgow. Três ministros sucessivos — Lloyd George, Edwin Montagu e Addison, todos eles liberais — tinham mantido a ordem de exclusão.

Numa tentativa de resolver a disputa, Churchill convidou o chefe dos “deportados do Clyde”, David Kirkwood, um homem da sua idade, para uma reunião no Ministério. Em suas memórias, Kirkwood recordou que tinha esperado “arrogância, precisão militar, brusquidões”, mas que, no momento em que Churchill apareceu, “soube que me enganara. Ele entrou, cheio de sorrisos, e cumprimentou-me muito simplesmente, sem qualquer vestígio de partidarismo ou segundas intenções. Tive a impressão de ter acabado de conhecer um amigo”. Logo que começaram a conversar, Churchill tocou uma campainha e disse: “Vamos tomar uma xícara de chá e comer uma fatia de bolo.” Kirkwood estava espantado: “Ali estava um homem que se supunha nunca pensar em coisas pequenas sugerindo chá e bolo — uma espécie de pão e sal da amizade. Era magnífico. Discutimos enquanto tomávamos chá.”

Kirkwood exigiu a reintegração para os “deportados” em troca do compromisso de que voltariam ao trabalho. Churchill reconheceu o patriotismo de Kirkwood e aceitou o compromisso, pressionando Beardmore para reintegrá-los. Três dias depois, a greve tinha chegado ao fim. O próprio Kirkwood foi convidado para o cargo de gerente na fábrica Mile End Shell, de Beardmore, em Londres. “A incurável vontade de fazer algo espetacular já foi forte demais

para o sr. Churchill”, escreveu o *Morning Post* ao falar sobre o acordo. “Ela já celebrou seu novo cargo estendendo a mão aos deportados do Clyde, um bando de agitadores desesperados e perigosos que fomentavam problemas no mundo industrial.” Seis semanas depois de sua reintegração, Kirkwood tinha planejado um sistema de bônus para os operários que tornou a produção de Mile End Shell a mais elevada de toda a Grã-Bretanha.

Em 15 de agosto, Churchill apresentou à Câmara dos Comuns sua proposta para uma Lei das Munições de Guerra. O objetivo, explicou ele, era terem “capacidade de produção numa das mãos e paz nas indústrias na outra”. Seriam criados prêmios salariais para operários competentes e nenhum funcionário poderia ser penalizado por pertencer a um sindicato ou por participar de uma disputa laboral. Ainda que em alguns aspectos isso pudesse ser prejudicial à produtividade, “retirava qualquer suspeita de falta de boa-fé ou ausência de simpatia”. A guerra não poderia ser ganha “a menos que sejamos apoiados pela grande massa da classe trabalhadora deste país”. Se não tivermos seu apoio “com uma determinação leal e espontânea, resultados desastrosos esperam por nós”.

Churchill não era membro do Gabinete de Guerra, mas frequentava as reuniões em que se discutiam assuntos relacionados a munições. Em 15 de agosto, quando ele apresentou, sem serem pedidas, suas opiniões sobre a atribuição de canhões à Rússia, Derby protestou perante Lloyd George e persuadiu o chefe do Estado-Maior imperial, Sir William Robertson, a fazer o mesmo. Numa segunda sessão nesse mesmo dia, Churchill defendeu uma possível transferência de canhões da Marinha para o Exército. Era tarefa de Churchill produzir as munições de guerra da Grã-Bretanha e tentar satisfazer os pedidos; por isso, ele sentia que devia assinalar o que acreditava ser o melhor uso para elas. Havia “grandes reservas” de canhões a serem descartados pelo Almirantado, que, apontou ele, o Ministério da Guerra poderia utilizar em terra. O primeiro-lorde do Almirantado, Sir Eric Geddes, não estava na reunião, mas também protestou assim que soube que Churchill tinha falado; aliás, ele e Derby ameaçaram demitir-se caso as intervenções de Churchill não fossem limitadas.

Três dias após essa disputa, Churchill anunciou a nova estrutura de seu ministério. Era uma obra-prima de organização, baseada, segundo ele, “em processos mais econômicos, em melhor organização e em métodos coordenados para reunir um reforço adicional ao poder bélico”. No lugar de cinquenta departamentos semiautônomos, ele criou um Conselho de Munições com onze membros, cada um responsável por diversos aspectos relacionados à produção

de munições. Um secretariado desse conselho coordenaria a compra de matérias-primas e supervisionaria os métodos de produção. Churchill nomeou seu antigo secretário do Almirantado, James Masterton-Smith, para dirigi-lo e trouxe Edward Marsh de novo para seu gabinete privado.

O Conselho de Munições reunia-se uma vez por semana. Assuntos específicos eram delegados a comissões do conselho, tendo sido estabelecidas 75 comissões nos quinze meses seguintes. Dezenas de homens de negócios participaram dos esforços do Ministério, trabalhando lado a lado com funcionários públicos. Churchill lia os relatórios das diversas comissões e aprovava-os. “Acho que nunca precisei alterar uma única palavra”, disse ele quatro meses mais tarde. Em 4 de setembro, falou ao Conselho de Munições sobre a questão do poderio aéreo. Por tempo demais, disse ele, a Força Aérea fora “escrava dos outros ramos”. Agora, no entanto, havia “apenas duas maneiras de ganhar a guerra, e ambas começam com ‘a’: aeroplanos e América. É tudo o que resta”.

Churchill encontrava-se em seu habitat, com trabalho e um plano definido. “Se conhecemos bem o plano de guerra, é fácil determinar nosso material”, disse ele ao seu conselho nesse dia. Cinco dias depois, escreveu a Lloyd George: “Esse é um departamento muito pesado, quase tão interessante quanto o Almirantado, com a enorme vantagem de não ser preciso combater almirantes nem hunos! Estou encantado com todos esses astutos homens de negócios, que me ajudam muito. É muito agradável trabalhar com gente tão competente.”

Em 12 de setembro, Churchill fez sua primeira visita à França como ministro das Munições. De Calais, Marsh e ele foram de carro até a zona de guerra. Como foram informados de que Messina não era “saudável”, foram até a Wytschaete, que tinha sido tomada dois meses antes por regimentos irlandeses e do Ulster — combatendo lado a lado. Mal tinham chegado a Wytschaete, granadas alemãs começaram a explodir a sessenta metros de distância, projetando fragmentos a cerca de cinco ou seis metros. “Winston começou a achar que era uma estupidez continuar ali e recuamos por entre restos de troncos de árvores e de crateras formadas por bombas no bosque de Wytschaete”, escreveu Marsh a um amigo. Deixando a cidade, Churchill foi até St. Omer para dois dias de reuniões com Haig e seu Estado-Maior.

Haig tinha ordenado uma ofensiva de grande escala a ser iniciada dentro de uma semana, determinado a romper as trincheiras alemãs no saliente de Ypres. Seu objetivo era atacar pela aldeia de Passchendaele e prosseguir até Bruges e mesmo Zeebrugge, dando fim, assim, à situação de empate da guerra de trincheiras. Em 13 de setembro, em seu primeiro dia de reuniões com Churchill,

Haig anotou em seu diário: “Winston admitiu que Lloyd George e ele tinham dúvidas acerca de sermos capazes de bater os alemães na Frente Ocidental.”

De St. Omer, Churchill deslocou-se a Poperinge para tomar chá com o irmão, que servia no Estado-Maior da divisão australiana e neozelandesa. No regresso a St. Omer, passaram por numerosas tropas que marchavam em direção às trincheiras. “Muitos reconheceram Winston, aclamaram-no e acenaram”, escreveu Marsh . “Ele ficou contente como um filhote.”

Na tarde de 16 de setembro, Churchill presidiu uma reunião sobre munições em Arras antes de prosseguir em direção à frente. “Winston foi atraído pela visão de granadas explodindo a distância — irresistível!”, escreveu Marsh ao seu amigo.

Saímos, colocamos nossos capacetes de aço, penduramos as máscaras de gás ao pescoço e caminhamos durante meia hora em direção aos tiros. Havia muito ruído, as granadas assobiavam por cima de nossas cabeças e havia algumas belas explosões a distância, mas parecia que não conseguíamos chegar mais perto e os tiros esmoreceram, de forma que recuamos após uma espera de mais de uma hora. A falta de noção de tempo de Winston, quando há algo que ele quer fazer, é sublime — ele acredita firmemente que tudo espera por ele.

Nessa noite, Churchill retornou a Paris, onde chegou à meia-noite, e hospedou-se no Ritz. Em 17 de setembro, encontrou-se com seu equivalente francês, Louis Loucheur, que advogava pelo estabelecimento de uma comissão interaliada para as munições. Churchill concordou. Sua maior preocupação era apresentar aos americanos “propostas conjuntas” da Grã-Bretanha e da França. No dia seguinte, teve reuniões fora de Paris com peritos de artilharia franceses, discutindo sobre como garantir o transporte mais eficiente de canhões pesados pelas congestionadas estradas de ferro. Nessa noite, jantou em Amiens e dirigiu-se para a costa, onde um contratorpedeiro o levou a Dover.

Haig iniciou sua nova ofensiva em 20 de setembro. Treze dias depois, em 3 de outubro, enviou a Churchill um pedido urgente de munições para canhões de seis polegadas, advertindo que qualquer redução no fornecimento poderia prejudicar o avanço. Churchill deu instruções à Missão Britânica em Washington para transmitir esse pedido ao Conselho Americano das Indústrias de Guerra. O comissário do conselho responsável pelas matérias-primas, Bernard Baruch , concordou em fornecer as munições necessárias. Daí em

diante, Baruch e Churchill manteriam contato telegráfico direto, por vezes diariamente. Nunca se encontraram, mas uma íntima relação de trabalho emergiu em virtude dessas trocas telegráficas.

Em 12 de outubro, os exércitos de Haig iniciaram o assalto à aldeia de Passchendaele, o último terreno elevado antes da esperada arrancada em frente. Porém, após doze dias de intensos combates, por vezes corpo a corpo, numa área de menos de oitocentos metros de largura, o avanço foi travado. No mesmo dia, o exército italiano era derrotado em Caporetto por um exército combinado alemão e austríaco, e mais de um milhão de italianos caminhavam em retirada. Quando essas notícias chegaram ao Ministério da Guerra, Churchill encontrava-se em Lullenden. Lloyd George, que estava em Walton Heath, telefonou-lhe e pediu que Churchill viesse ao seu encontro, a uma distância de trinta quilômetros. “Ele me mostrou os telegramas, que mesmo em sua linguagem reservada revelaram uma derrota de grande magnitude”, recordou Churchill mais tarde.

Churchill deu a Lloyd George a coragem que ele procurava. Tropas britânicas e francesas seriam imediatamente enviadas para a Itália para ajudar a manter a linha. O próprio Lloyd George iria para a Itália. Churchill faria todo o possível para garantir que o pedido adicional de armas e munições fosse atendido. Essa era uma tarefa formidável, pois as fábricas britânicas, mesmo trabalhando com capacidade máxima, tinham sido incapazes de igualar em outubro a produção de setembro. “Devemos ser cautelosos para não dissiparmos nossa força até o nível mediano das nações esgotadas”, disse Churchill ao seu Conselho de Munições em 7 de novembro. “É melhor utilizá-la com cuidado do que enfraquecê-la.”

Nesse dia, Churchill teve seu primeiro encontro com a Comissão Consultiva da União Sindical Feminina. Quase um milhão de mulheres estava sob sua responsabilidade ministerial. Oito meses antes, ele tinha votado a favor da legislação que, pela primeira vez na história da Inglaterra, concedeu às mulheres o direito de votar; seis milhões de mulheres ganharam o direito ao voto como resultado da nova lei. Agora a exigência de um salário mais justo dominava as discussões; durante o encontro, a posição das mulheres foi apresentada por um sindicalista de 30 anos, Ernest Bevin, que 23 anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, viria a ser um dos membros do Gabinete de Guerra de Churchill.

Ouvindo as exigências das mulheres, Churchill manifestou simpatia e disse à assembleia que acreditava que o trabalho das mulheres deveria ser mais do que “uma consequência da guerra”. No fim da reunião, tocou num ponto que tinha

sido levantado por Bevin :

Se acham que para mim isso é apenas uma encenação e que chamei vocês aqui apenas para manter as mulheres sossegadas, estão cometendo um grande erro. Isso é a última coisa que pretendo fazer. Os tempos são sérios demais para jogos. Esta é uma tentativa séria e honesta de encarar o problema das mulheres na vida industrial e na produção de munições em tempo de guerra.

Dois dias depois desse encontro, Churchill disse ao Conselho de Guerra que os pedidos de aumentos salariais por parte dos operários das fábricas de munição não eram de maneira alguma excessivos, quer em relação ao aumento do custo de vida, quer “ao grau de esforço que é feito”. Esse esforço era contínuo; uma das iniciativas de Churchill nas primeiras semanas de novembro foi a suspensão do corte na produção de aviões bombardeiros e o aumento na produção de motores de avião. Em 18 de novembro, voltou a Paris para coordenar as necessidades de munição dos italianos com os franceses e os próprios italianos; após três dias de conversações, as necessidades foram satisfeitas.

Em 20 de novembro, enquanto Churchill se encontrava em Paris, os ingleses lançaram em Cambrai sua primeira ofensiva de tanques da guerra. Em um intervalo de duas semanas, as linhas de trincheiras foram ultrapassadas e mais de 180 quilômetros quadrados de territórios ocupados pelos alemães foram recuperados. No primeiro dia de batalha, Churchill foi à Câmara dos Deputados para ouvir o primeiro-ministro da França e também ministro da Guerra, Georges Clemenceau , de 76 anos de idade, declarar: “Chega de campanhas pacifistas, chega de intrigas germânicas, chega de traições e de meias-traições: guerra; nada além de guerra.” Foi uma atuação notável. “Ele percorria a tribuna de uma ponta à outra, sem anotações, sem livro de referência, sem mesmo um pedaço de papel, metralhando frases à medida que os pensamentos irrompiam em sua mente”, recordaria Churchill mais tarde. Não era uma questão de palavras ou de raciocínio: “Linguagem, eloquência e argumentos não eram necessários para exprimir a situação. Com rosnados, o feroz, envelhecido e indômito predador entrou em ação.”

Churchill ainda estava na França na data do seu 43º aniversário, e lá permaneceu até 4 de dezembro. Durante sua visita, finalizou os planos para o estabelecimento de uma fábrica britânica de armamentos em Creil, a norte de Paris, de modo que peças pesadas pudessem ser reparadas e modificadas sem

serem enviadas à Grã-Bretanha. Iniciou também, a pedido de Bernard Baruch , a compra dos materiais de guerra de que as tropas americanas precisariam quando chegassem à Europa. Churchill adquiriu esses materiais na França, na Espanha e até mesmo no Canadá, incluindo 452 aeroplanos.

Enquanto esteve em Paris, Churchill conseguiu persuadir Loucheur a deixá-lo estabelecer uma fábrica de tanques anglo-americana em Bordeaux, que montaria os veículos com peças enviadas da Inglaterra e dos Estados Unidos e produziria 1.500 tanques grandes por mês a partir de julho de 1918. Ele acreditava que a vitória seria conseguida com esses tanques, e disse ao Gabinete de Guerra, em seu regresso a Londres, que os veículos não eram apenas um substituto do bombardeio com artilharia, mas um “indispensável complemento da infantaria”. Para sustentar seu argumento, informou que na batalha de Cambrai, terminada dois dias antes, tinham sido ganhos 180 quilômetros quadrados a um custo de menos de 10 mil homens, entre mortos e feridos, e um 6,6 milhões de libras, enquanto em Flandres, entre agosto e novembro desse ano, 140 quilômetros quadrados tinham custado 300 mil homens, mortos ou feridos, e 84 milhões de libras em munições. Para ele, a primeira coisa a fazer era libertar os 30 ou 40 mil “admiráveis cavaleiros”, a maior parte dos quais já havia encontrado outro emprego, para o serviço nos tanques.

Churchill sentiu-se aliviado com o fim da terceira batalha de Ypres. “Graças a Deus, nossas ofensivas chegaram ao fim”, escreveu ele a Sinclair .

Eles que façam o que quiserem! Eles que passem pelos campos de crateras! Eles que se rejubilem com capturas ocasionais de lugares sem nome e de terrenos estéreis enquanto nós nos movimentamos por aqui e ali, armados com conhecimento e com surpresa e apoiados em todos os pontos por uma artilharia superior. Assim quebraremos o ânimo do inimigo e o deixaremos arruinado e sem recursos no fim da campanha de 1918.

À medida que 1917 chegava ao fim, as energias de Churchill concentravam-se na campanha de 1918, mas surgia um novo perigo: na Rússia, o governo bolchevique, ao tomar o poder no começo de novembro, declarou que assinaria a paz com a Alemanha. Uma vez que isso acontecesse, os alemães poderiam transferir grandes quantidades de tropas da Frente Oriental para a Ocidental, adquirindo uma notória superioridade numérica. Muito alarmado, Churchill dirigiu um apelo a Lloyd George em 19 de janeiro, suplicando-lhe que garantisse que o Exército fosse colocado em “ordem de batalha” imediatamente.

A Marinha ainda tinha prioridade no recrutamento, assinalou Churchill, prosseguindo em protesto:

Isso é incompreensível para mim. O perigo iminente está na Frente Ocidental e a crise chegará antes de junho. Uma derrota lá será *fatal*.

Por favor, não deixe que ataques contra erros militares passados (que eu partilho totalmente) o levem a subestimar a gravidade dessa campanha iminente ou a deixar faltar ao Exército o que é necessário. Você sabe como prefiro a defensiva moderna se comparada com a ofensiva, mas *não* me agrada a situação atual e não acho que esteja sendo feito todo o possível para enfrentá-la.

Imagine se houver um desastre!

Veja o que aconteceu à Itália. Uma noite pode apagar um exército inteiro: homens da Marinha, das munições, do exército em terra, do serviço público. Poupe nos alimentos e nas importações comerciais para aumentar em munições, aviões e tanques.

Arame farpado e *cimento* na maior escala possível.

Um bom plano para contragolpes preparado antecipadamente para aliviar a pressão nos pontos de ataque quando se manifestarem.

Se isso correr mal, tudo pode correr mal. Não me sinto nada seguro acerca disso. Os alemães são terríveis, e os generais deles são melhores do que os nossos. Pense e, então, *aja*.

As ações de Churchill eram compatíveis com seu senso de perigo. No final de janeiro, ele fez pressão sobre o ministro do Ar para não permitir que as encomendas caíssem abaixo de 4 mil motores de avião por mês. Se fosse “necessário” escreveu ele, o Ministério das Munições apoiaria um aumento para 5 mil ou 6 mil motores. Viajando à França por um dia, Churchill discutiu com os comandantes do exército britânico sobre suas necessidades de munições, tanques e gás de mostarda, determinado a supri-las. Voltou à França três dias depois para continuar essas discussões e para ver as trincheiras de Vimy, “andando sobre a lama por cinco horas”, segundo contou a Clementine .

Dois dias depois, visitou suas antigas trincheiras em Ploegsteert. “Foi tudo destruído, e os bombardeios continuam severos”, disse a Clementine . “A linha britânica avançou cerca de 1,5 quilômetro, mas todas as minhas antigas fazendas estão reduzidas a montes de tijolos e sacos de areia apodrecidos.” O robusto abrigo que ele tinha construído na fazenda Laurence, no entanto,

“aguentou dois anos inteiros de bombardeios e ainda está em uso, assim como os porões do convento que drenei e ao qual chamava de ‘torre de comando’. Tirando isso, uma ruína total”.

De Ploegsteert, Churchill deslocou-se para norte, até Ypres, onde, na estrada de Menin, “os hunos começaram a disparar. É um lugar de que gosto e chamam de ‘Canto do Fogo do Inferno’. Os obuses assobiavam no alto e explodiam com estrondo atrás de nós. Ninguém dava a menor atenção a eles”. Do Canto do Fogo do Inferno caminharam sobre tábuas até o bosque de Glencorse e o bosque de Polygon, que tinham sido cenário de combates furiosos durante as batalhas de setembro e outubro.

Em determinado momento, Churchill caminhou até quinhentos metros de uma posição fortificada alemã em Polderhoek Chateau. “A vista do campo de batalha é notável”, disse ele a Clementine .

A desolação reina por toda a parte. Lixo, lama, arame enferrujado e buracos no solo. Poucos soldados visíveis, na maior parte dos casos em posições fortificadas capturadas ao engenhoso huno. Por cima, aviões atacados com disparos. A crista de Passchendaele fica longe demais para chegarmos a ela, mas a imensa arena da carnificina é visível. Perto de 800 mil soldados britânicos verteram sangue ou perderam as vidas durante três anos e meio de conflitos incessantes. Muitos dos nossos amigos e dos meus contemporâneos pereceram aqui. A morte parece tão comum e tão pouco alarmante quanto para um agente funerário. Um acontecimento perfeitamente natural, que pode ocorrer a qualquer momento, a qualquer pessoa, como sucedeu a essas dezenas de milhares que jazem juntas nesse vasto cemitério, enobrecidas e glorificadas por sua valente recordação.

Churchill ficou espantado com o modo que os soldados andavam pela zona de batalha.

Era como caminhar ao longo de uma rua, sem qualquer abrigo ou camuflagem. E as pessoas iam e vinham sem um único tiro ser disparado. Nos meus dias de Ploegsteert, isso teria significado morte certa, mas imagino que todos já estão tão aborrecidos com a guerra que nem querem se cansar matando uns poucos passantes. Nós, por outro lado, atiramos em cada homem que vemos.

De volta ao carro, comentou: “Passamos pelo manicômio, detonado pelas pessoas com juízo.”

Em 26 e 27 de fevereiro, Churchill tratou de assuntos relacionados a munições em Paris. Em seguida, voltou a Londres. Num memorando datado de 5 de março, pediu ao Gabinete de Guerra que pensasse numa nova estratégia ofensiva para 1919, dominada por aviões e tanques, um tipo de guerra “que possa evoluir da crise à decisão, e não desperdícios e genocídios caminhando lentamente para um colapso geral”. Três dias depois, explicou a Lloyd George seu desejo de ver os tanques sendo utilizados em grande número e como parte integral da batalha. Sir Henry Wilson, o novo chefe do Estado-Maior Imperial, que também estava presente, exprimiu a preocupação de que campos de minas pudessem constituir barreiras ao avanço dos tanques. Oito dias depois, Churchill fez circular um memorando em que sugeria medidas e fazia pressão no sentido de que fossem feitas alterações que permitissem aos tanques atravessar em segurança os campos de minas. Suas propostas incluíam “um grande martelo de aço”, com um alcance de seis metros à frente do tanque, um tanque especial em cada grupo com estrutura forte o suficiente para resistir às explosões das minas e um rolo pesado ou uma série de pequenos rolos empurrados à frente do tanque para explodir as minas. Essas eram, disse ele, “ideias toscas, apenas para despertar o espírito científico e conduzir a soluções definitivas”.

Churchill estabeleceu um Conselho de Tanques dentro de seu ministério, dando-lhe o objetivo de 4.459 tanques até abril de 1919 e o dobro desse número até setembro. Queria também duplicar o poder aéreo da Grã-Bretanha, acreditando, segundo registrou em seu memorando de 5 de março, que os resultados da guerra seriam decisivos se qualquer lado tivesse o poder de lançar “não cinco, mas quinhentas toneladas de bombas por noite sobre as cidades e as unidades industriais de seus opositores”.

Em 18 de março, Churchill voltou à França; era a quinta visita desde sua nomeação como ministro das Munições oito meses antes. Ao chegar a St. Omer, soube que esperavam uma importante ofensiva alemã. Ao norte do rio Oise, as tropas britânicas tinham uma inferioridade de dois para um. Na manhã seguinte, foi ao quartel-general dos tanques britânicos em Montreuil. Seu próximo compromisso na França só estava agendado para dois dias depois, mas, em vez de regressar à Inglaterra, decidiu visitar o general Tudor, seu amigo que agora comandava a 9ª Divisão. Churchill passou a noite de 19 de março no posto de comando de Tudor, em Nurlu. No dia seguinte, os dois homens inspecionaram

todas as defesas da divisão, desde a posição de artilharia em Havrincourt até as trincheiras sul-africanas em Gauche Wood .

Nessa noite, Churchill dormiu em Nurlu, acordando cedo, pouco depois das 4h. Ficou na cama mais meia hora. Então, às 4h40, ouviu seis ou sete explosões a alguns quilômetros. Pensou que fossem disparos de canhões ingleses, mas eram minas alemãs explodindo nas trincheiras britânicas. “E então, exatamente como um pianista percorre o teclado com as mãos, dos agudos aos graves, elevou-se em menos de um minuto o som da mais tremenda ação de artilharia que jamais ouvirei”, recordou ele mais tarde.

A ofensiva alemã tinha começado. Churchill vestiu-se apressadamente e procurou Tudor , que lhe disse que os canhões britânicos estavam prestes a abrir fogo, mas Churchill não conseguiu ouvi-los. “O estrondo das granadas alemãs explodindo sobre nossas linhas de trincheiras a uns oito quilômetros de distância era tal que sequer se podia distinguir o tumulto de duzentos canhões a dispararem num ponto muito mais perto”, escreveria ele. Pouco depois das 6h, a infantaria alemã iniciou seu avanço. As posições sul-africanas em Gauche Wood foram esmagadas. Churchill queria permanecer com a divisão, mas Tudor o convenceu a ir embora. Dirigiu-se, então, para norte, até St. Omer. Ao cair da noite, a estrada de Nurlu para Péronne encontrava-se intransitável.

Churchill ficou em St. Omer durante o resto do dia. Em 22 de março, participou de uma reunião sobre combustíveis. Então, em 23 de março, no dia em que Nurlu foi tomada, voltou a Londres. Na Downing Street, Lloyd George chamou-o para perguntar-lhe como seria possível manter quaisquer posições na frente de batalha agora que as linhas cuidadosamente fortificadas tinham sido tomadas: “Respondi-lhe que qualquer ofensiva perde força à medida que avança. É como atirar um balde de água no chão. A princípio, a água corre para a frente, mas, depois que o chão está molhado, para completamente até que se possa trazer outro balde.” Após cinquenta ou sessenta quilômetros, haveria espaço para respirar, e a frente poderia ser reconstituída, “se fossem feitos todos os esforços”.

Nessa noite, Lloyd George e Henry Wilson jantaram com Churchill em sua casa na Eccleston Square. Em seu diário, Wilson descreveu Churchill como “uma verdadeira pedra preciosa durante uma crise”. No dia seguinte, no Gabinete de Guerra, Churchill anunciou que pediria a todos os operários das fábricas de munição que abrissem mão do feriado de Páscoa. Também dispensaria operários para combaterem na frente. Em 26 de março, trabalhou noite adentro no edifício do Ministério das Munições para garantir que o maior

número de peças de artilharia fosse mandado para a França no mais curto intervalo possível. Mais uma vez, dormiu no Ministério na noite de 27 de maio. Quando acordou na manhã do dia 28, as forças alemãs já tinham ultrapassado todo o campo de batalha do Somme, que fora capturado a um custo tão terrível em 1916, e ameaçavam forçar uma entrada entre os exércitos francês e inglês. Haig tinha transferido seu Estado-Maior de St. Omer para Montreuil.

Lloyd George queria provas de que o Exército francês e o britânico tinham a força e os meios para conter o brutal avanço alemão. Para obter essas provas, decidiu enviar Churchill à frente de batalha. Ele também queria saber, com certeza, se os franceses, até então pouco envolvidos nessa nova batalha, estavam dispostos a fazer “um vigoroso ataque” a partir do sul para aliviar a pressão sobre as linhas britânicas. Era responsabilidade de Churchill descobrir todas essas respostas; nessa manhã, Lloyd George telefonou a Clemenceau, em Paris, para informar que Churchill estava a caminho do quartel-general do exército francês.

Os críticos de Churchill reagiram imediatamente. Enquanto ele se dirigia a Folkestone, Bonar Law e Henry Wilson procuraram Lloyd George para dizer-lhe que não era certo enviar Churchill numa missão de caráter militar ao quartel-general francês. Lloyd George cedeu ao protesto, enviando uma mensagem telefônica que aguardaria Churchill em Folkestone, dizendo-lhe “que era melhor ficar em Paris e não ir ao quartel-general francês. Seria preferível falar diretamente com Clemenceau, fazer um levantamento da situação e voltar para relatá-la”.

Ao meio-dia, Churchill estava em Folkestone, mas a mensagem de Lloyd George não havia chegado. Seguindo num contratorpedeiro até Boulogne e num carro até o novo quartel-general de Haig, encontrou “uma total ausência de atividade”; inclusive o comandante-chefe “estava dando seu passeio da tarde a cavalo”. Em Montreuil, foi-lhe dito que o exército britânico tinha perdido mais de 100 mil homens na semana anterior, mortos ou feitos prisioneiros, e mais de mil canhões. Mais perigoso ainda, os alemães estavam deslocando tropas em direção ao até então não atacado setor norte da linha britânica. Subitamente surgia o perigo de que as forças britânicas fossem empurradas até a costa do canal, tornando um avanço francês a partir do sul ainda mais urgente. Porém, ninguém no quartel-general de Haig parecia saber quais eram as intenções dos franceses nem que forças tinham disponíveis para socorrerem os britânicos.

Churchill dirigiu-se para o sul, de Montreuil para Amiens, que já se encontrava sob bombardeio alemão. À meia-noite, chegou em Paris e, conforme

lembraria mais tarde, ao “luxo de um Ritz quase vazio”. Ao chegar ao hotel, recebeu a mensagem de Lloyd George.

Na manhã de 29 de março, Sexta-Feira Santa, uma bomba alemã atingiu uma igreja cheia em Paris, matando oitenta pessoas da congregação. “Espero que procure abrigo quando os canhões de longo alcance começarem a disparar”, escreveu-lhe Clementine . Nessa manhã, Churchill recebeu uma mensagem de Clemenceau , informando que este não só o levaria à frente de batalha no dia seguinte como visitariam todos os comandantes dos exércitos envolvidos”. Às 18h dessa tarde, os dois homens encontraram-se pela primeira vez. “Existe uma política clara e ousada, conduzida até o limite com todos os recursos disponíveis”, telegrafou Churchill a Lloyd George. “Eles estão cheios de confiança. Clemenceau , naturalmente, é uma torre de força e coragem.”

Na manhã de 30 de março, Lloyd George leu a mensagem de Churchill ao Gabinete de Guerra. O ministro sem pasta lorde Milner , adversário de Churchill desde a década anterior, protestou que sua missão, mesmo se limitada a uma visita a Clemenceau , constituía uma desfeita a ele próprio, Milner , ministro que normalmente mantinha conversações com os franceses. No entanto, Lloyd George compreendia que os relatórios de Churchill eram cruciais para saberem se a França realmente resistiria e auxiliaria as forças britânicas quando fosse necessário.

Às 8h do dia 30 de março, Churchill apresentou-se no quartel-general de Clemenceau . “Vou mostrar-lhe tudo”, disse-lhe Clemenceau . “Vamos a todos os lugares e observaremos tudo com nossos próprios olhos.” Dentro de duas horas tinham chegado a Beauvais, onde o marechal Foch aguardava por ambos no edifício da Câmara Municipal. Churchill mais tarde recordou que, em sua sala, “Foch segurou um lápis grande como se fosse uma arma e, sem qualquer preliminar, avançou para o mapa e começou a descrever a situação”. Com gestos animados e voz forte, Foch delineou o avanço alemão durante sua primeira arrancada em 21 de março e descreveu a gradual diminuição da marcha alemã em cada dia posterior. À medida que o fazia, “transbordava de piedade por essa pobre e fraca zona de invasão que era tudo que o inimigo tinha conseguido no último dia. Era possível sentir o pobre avanço se comparado com os poderosos passos dos primeiros dias. O esforço inimigo estava exausto”.

A estabilização da linha, segundo disse Foch aos visitantes, era “certa e próxima. E depois... Depois é comigo”. Os visitantes partiram para norte até Drury, onde o general Rawlinson comandava o 4º Exército. “A linha resistirá?”, perguntou-lhe Churchill. “Ninguém pode dizer”, respondeu Rawlinson . “Não

temos quase nada entre nós e o inimigo, a não ser tropas exaustas e desorganizadas.” Os homens do 5º Exército, que tinham suportado a principal força do ataque, estavam “fatigados pela falta de sono e de descanso. Quase todas as formações se encontravam misturadas ou dispersas. Os homens limitam-se a arrastar-se para a retaguarda completamente arrasados”.

Em Drury, Haig pediu apoio aos franceses. Clemenceau deu ordens para que duas divisões de tropas francesas atravessassem o rio Ancre e reforçassem os ingleses. “Se seus homens estão cansados e temos soldados descansados, nossos homens irão imediatamente auxiliá-los”, disse ele em inglês. Em seu telegrama a Lloyd George, Churchill informou que essa oferta permitiu o imediato descanso de soldados que estavam “exaustos e apáticos pelo que tinham passado”. Em vez de um avanço francês em separado mais ao sul, haveria agora auxílio francês nos pontos onde a linha britânica estava mais enfraquecida.

“Mas eu exijo meu prêmio”, continuou Clemenceau . “Quero passar pelo rio e ver a batalha.” Rawlinson protestou, dizendo que não podiam estabelecer a situação para além do rio Luce. “Muito bem”, respondeu Clemenceau . “Então vamos estabelecê-la. Depois de vir até aqui e de dar a vocês duas divisões, não vou embora sem atravessar o rio.” Fazendo sinal a Churchill para segui-lo, entrou em seu carro. Enquanto avançavam, passaram por soldados ingleses que, como Churchill contaria a Clementine , afastavam-se da zona de batalha “como se estivessem num sonho”. A maior parte não deu qualquer importância aos automóveis com suas bandeiras de cores vivas. Alguns reconheceram Churchill e “esboçaram um aceno ou um sorriso, como teriam feito a George Robey ou Harry Lauder ou qualquer outra pessoa conhecida que transportasse seus pensamentos de volta a uma Inglaterra desaparecida e aos queridos dias de paz e de política partidária”.

Finalmente alcançaram o rio. O fogo de artilharia estava bastante próximo.

— Agora, sr. Winston Churchill, estamos nas linhas britânicas — disse Clemenceau . — Quer tomar a liderança? Nós faremos o que disser.

— Até onde pretende ir? — perguntou Churchill.

— Até onde for possível — respondeu Clemenceau . — Mas seja o senhor o juiz.

Com um mapa nas mãos, Churchill passou a chefiar o grupo. Atravessaram a ponte. “Os projéteis assobiavam de ambos os lados”, recordaria ele mais tarde. O grupo chegou a uns trezentos ou quatrocentos metros da última elevação nas mãos dos ingleses. “Tiros de carabina eram perfeitamente audíveis na mata e granadas começaram a rebentar na estrada à nossa frente e nos prados dos dois

lados.”

Churchill achou que já tinham avançado o suficiente. Clemenceau concordou em pararem, saiu do carro e subiu numa pequena elevação à beira da estrada, onde permaneceu por cerca de quinze minutos, “interrogando os fugitivos e admirando a cena”. Estavam “muito animados”, conforme Churchill lembraria, e tão irresponsáveis quanto crianças nas férias. Porém, os oficiais franceses do Estado-Maior estavam cada vez mais preocupados com a segurança de seu primeiro-ministro. “Eles me pressionaram para irmos embora.” Clemenceau concordou em voltar. Então, quando chegaram à estrada, “uma bomba explodiu no meio de um grupo de cavalos a uma pequena distância. O grupo dispersou-se. Um cavalo ferido e sem cavaleiro veio em nossa direção ao longo da estrada, num trote cambaleante. O pobre animal estava perdendo sangue”.

Clemenceau , com seus 76 anos de idade, avançou em direção ao animal ferido, “e com rapidez segurou as rédeas, fazendo-o parar. O sangue escorria, acumulando-se na estrada. Um general francês argumentou com Clemenceau , que, com relutância, voltou ao automóvel. Quando passou por mim, olhou-me de soslaio e disse em voz baixa: ‘*Quel moment délicieux!*’”

O grupo regressou a Drury, seguindo depois para norte, através de Amiens. Churchill ficou impressionado quando o general francês da linha à direita de Rawlinson afirmou com confiança que conseguiria defender seu próprio setor durante 24 horas até a chegada de reforços. Às 20h, o grupo chegou a Beauvais, onde o comandante-chefe francês, general Pétain , acolheu-os a bordo de seu trem, “um suntuoso palácio militar”, como Churchill chamou o veículo.

“Nós já estávamos percorrendo estradas a velocidades frenéticas ou tendo conversas emocionantes com pessoas de grande importância havia doze horas”, escreveu Churchill mais tarde. “Pessoalmente, eu estava cansado, mas a estrutura de ferro do ‘Tigre’ parecia imune a qualquer espécie de fadiga.” Pétain descreveu a situação segundo seu ponto de vista. Ele estava confiante em que a ofensiva alemã fracassaria, explicando que estavam na “fase dos homens”, durante a qual se formava uma nova frente, e que depois viria a “fase dos canhões”. Uma organização de artilharia reforçada estaria pronta dentro de 48 horas. As munições chegariam em quatro dias.

Após jantarem com Pétain em seu trem, os visitantes voltaram a Paris, chegando à cidade a 1h. Antes de dormir, Churchill telegrafou a Lloyd George e aconselhou-o a enviar imediatamente tantos homens quanto possível para a França: “Deve buscar gente em toda a nossa organização militar e também na Marinha para diminuir a superioridade numérica do inimigo.” Clemenceau era

“esplêndido em sua resolução e poder de animação”. Nesse domingo, Churchill escreveu também a Clementine acerca do Tigre: “Seu espírito e sua energia são indômitos. Ontem passamos quinze horas sobre estradas péssimas em automóveis a altas velocidades. Eu estava exausto — e ele tem 76 anos! Ele me causa a mesma impressão que Fisher , tão pronto a atacar quanto ele, mas é muito mais eficiente!”

Lloyd George queria que os americanos enviassem quantidades substanciais de homens para a França e que o fizessem sem demora — o ideal seriam 120 mil homens por mês. Na manhã de 31 de março, a pedido de Lloyd George, Churchill apresentou essa ideia a Clemenceau . Juntos, rascunharam um telegrama para o presidente americano Woodrow Wilson , transmitindo-lhe a urgência do assunto. Com base em tudo o que tinha verificado durante a viagem do dia anterior, Clemenceau escreveu, com o auxílio de Churchill: “Posso informá-lo de que, aconteça o que acontecer, disputaremos o terreno, passo a passo, e estamos seguros de que poderemos parar o inimigo.”

O presidente Wilson concordou em enviar rapidamente os homens pedidos. Após mais um dia na frente, Churchill regressou a Paris, de onde telegrafou a Lloyd George à meia-noite: “Os franceses encontram-se firmemente estabelecidos e solidamente apoiados por canhões.” O avanço alemão para o sul “não causa qualquer ansiedade”.

Após se encontrar novamente com Clemenceau nessa noite, Churchill telegrafou a Lloyd George, pedindo-lhe que fosse imediatamente à França para acertar com Clemenceau os detalhes da estrutura do alto comando. “Vocês podem juntos fazer um bom acordo; ninguém mais pode.” Lloyd George foi a Boulogne na manhã de 3 de abril, acompanhado por com Henry Wilson . Churchill encontrou-se com eles e seguiram de carro até Montreuil, mas, por insistência de Sir Henry, ele foi excluído da discussão militar que se deu nessa manhã em Beauvais, na qual se concordou que Foch receberia o posto de generalíssimo de todas as forças aliadas na França, incluindo britânicas e americanas. Excluído dessas discussões, Churchill passou o resto do dia no norte da França, tratando de assuntos relativos a munições, e reuniu-se com Lloyd George para a viagem de regresso a Londres, onde chegaram às 2h30.

Na Frente Oriental, os bolcheviques haviam acordado a paz em separado com a Alemanha. Churchill procurava um meio para persuadi-los a voltarem a entrar na guerra e reativar a frente. Se fossem “induzidos” a unir-se à Romênia num ataque conjunto à Alemanha, escreveu ele ao Gabinete de Guerra, esse seria o

momento certo para enviar a Moscou representantes dos Aliados . Esses “representantes” deveriam ter um peso suficiente para dar ao governo bolchevique um novo elemento de estabilidade e talvez uma forma de alcançar uma cooperação com as outras classes da sociedade russa.

Churchill achava que, se o antigo presidente americano, Theodore Roosevelt , que no momento se encontrava em Paris, ou o ex-ministro da Guerra francês, Albert Thomas , “estivessem com Trótski no momento inevitável em que a guerra será mais uma vez declarada entre a Alemanha e a Rússia, pode ser criado um ponto de união suficientemente proeminente para que todos os russos fixem nele o olhar. Um objetivo de caráter geral, tal como “a salvaguarda dos frutos permanentes da revolução”, poderia ser criado para tornar possível uma ação comum contra a cruel e crescente pressão dos alemães”. O representante da Entente poderia tornar-se “uma parte integrante do governo russo”.

Churchill estava convencido de que a Inglaterra e os bolcheviques poderiam defender uma causa comum.

Não esqueçamos que Lênin e Trótski estão lutando com cordas no pescoço. Eles só deixarão seus postos para ir para o túmulo. Se for oferecida a eles uma chance real de consolidar seu poder, de obter uma forma qualquer de proteção contra a vingança de uma contrarrevolução, terão de ser desumanos para não a abraçar. Eles devem, no entanto, ser forçados pelos acontecimentos e auxiliados por estrangeiros. Não podem fazer nada sem ajuda exterior e sem uma aparência de compostura. Eles tiveram outras esperanças até aqui, mas estas fracassaram, e a necessidade de autoproteção fará com que trilhem um caminho que também é nosso, se forem ajudados a alcançá-lo.

Churchill escreveu um segundo memorando ao Gabinete nesse mês de abril, dizendo que “em princípio, o intelecto russo, incluindo os bolcheviques, deve, aconteça o que acontecer a longo prazo, ser hostil para com o militarismo prussiano e, portanto, atraído para as democracias parlamentares aliadas”.

Churchill procurava todos os meios possíveis para exercer pressão sobre as forças alemãs. Um dia antes de sua sugestão de um acordo com Lênin , ele havia escrito a Loucheur sobre a necessidade de continuarem a fabricar granadas de gás de mostarda, dizendo-lhe que era “a favor do maior desenvolvimento possível da guerra química e da plena utilização dos ventos, que favorecem muito mais a nós do que ao inimigo”. Dentro de um mês, mais de um terço das granadas lançadas pelo exército britânico eram de gás de

mostarda. Porém, o primeiro sucesso com uso de gás nesse ano foi conseguido pelos alemães, quando, pouco depois da meia-noite de 7 de abril, atacaram o setor norte da linha britânica em Armentières. Três dias depois, a comuna tinha sido perdida.

Todos os ganhos da Terceira Batalha de Ypres também haviam sido perdidos; os bosques, que Churchill tinha explorado em fevereiro, estavam novamente nas mãos dos alemães. Churchill alertou Lloyd George sobre o perigo de os alemães forçarem uma entrada entre as forças inglesas e francesas, atingindo o canal da Mancha em Abbeville. “A regra não é aguentarmos juntos, retirarmos juntos, voltarmos juntos e atacarmos juntos como se fez depois do Marne?”, perguntou Lloyd George em 18 de abril.

Na sequência de seu regresso da França, Churchill redobrou seus esforços para manufaturar munições. Em 21 de abril, tinha conseguido enviar a Haig tantas armas quanto haviam sido perdidas ou destruídas desde o início da ofensiva alemã um mês antes. Com os aviões era a mesma coisa. Churchill tinha sido capaz de substituir cada tanque perdido por outro melhor e de modelo mais recente. Para determinar as necessidades exatas de Haig quanto a munições de armas pesadas, Churchill foi novamente à França em 27 de abril. Nessa noite, Haig escreveu em seu diário: “Não há dúvida de que ele melhorou a produção das fábricas de munição e de que está cheio de energia, tentando libertar homens para o Exército e substituí-los nas oficinas.”

Quando voltou à Inglaterra, Churchill deparou-se com um pedido americano em relação aos duzentos canhões pesados que tinham sido prometidos cinco meses antes e que agora eram urgentemente necessários para os novos exércitos prestes a chegarem à França. Apesar das perdas britânicas depois de 21 de março e do envio de estoques para os exércitos na Itália, Churchill conseguiu cumprir sua promessa, mas seu principal trabalho nesse verão foi suprir as necessidades de munição para 1919, o primeiro ano em que se acreditava que seria possível a vitória. Para acelerar esses esforços, Churchill vivia e dormia permanentemente no edifício do Ministério. Isso tinha “muitas conveniências do ponto de vista do trabalho”, disse ele a um amigo. “Permite-me trabalhar até o último momento antes do jantar, ter acesso aos documentos depois da refeição e ter ajuda estenográfica tão cedo quanto desejo pela manhã.”

Nesse verão, Churchill estabeleceu também o primeiro serviço aéreo regular através do canal, para ministros e funcionários que precisassem ir regularmente à França. Churchill viajou no primeiro desses voos, em 18 de maio, a partir do aeroporto de Le Bourget, a nordeste de Paris, de modo a regressar tão depressa

quanto possível a Londres após uma reunião interaliada sobre munições.

Em 1º de junho, o trabalho de Churchill foi interrompido pelo casamento de sua mãe com Montagu Porch , que trabalhava no funcionalismo nigeriano. Seu segundo marido, George Cornwallis-West , deixara-a em 1913 para casar-se com a atriz Patrick Campbell. Porch era 23 anos mais novo do que lady Randolph e três anos mais jovem do que o próprio Churchill. “Winston diz que espera que o casamento não se torne moda entre as senhoras da idade da mãe dele”, escreveu um amigo da família em seu diário. Lady Randolph tinha 64 anos. Churchill e sua esposa assinaram o livro de registro; Clementine estava grávida de quatro meses.

Dois dias depois do casamento da mãe, Churchill voou outra vez à França. Clementine foi despedir-se dele. “Tive uma visão tocante, observando você e os dois filhotes ficando cada vez menores, assim como o aeródromo e os hangares a diminuírem à medida que eu me afastava”, escreveu-lhe ele quando chegou à França. “Foi uma viagem maravilhosamente bela.”

Entretanto os alemães, privados de sua vitória em março, tinham lançado uma nova ofensiva, rompendo as linhas francesas entre o Aisne e o Marne. Havia preocupação de que Paris pudesse estar ameaçada. Churchill aterrissou em Hesdin e seguiu de carro até Paris. “Há um ataque aéreo em curso e já estou atrasado para ir para a cama”, escreveu ele a Clementine , de Paris, na noite de 6 de junho. Quanto à situação militar, escreveu que “de modo geral, sinto-me esperançado, mas o destino da capital está na balança, e a apenas sessenta quilômetros de distância. Da próxima vez que eu vier (se houver uma ‘próxima vez’), precisa me acompanhar”.

Em 8 de junho, Churchill visitou a linha de frente francesa a norte de Compiègne. Os dois generais franceses com quem se encontrou mostraram-se “confiantes e esperavam ser atacados”, contou ele a Clementine . “O dia tinha sido tranquilo, e a doçura da tarde de verão não fora perturbada por um único tiro de canhão”, recordou ele mais tarde.

Os soldados franceses estavam muito calmos e valentes, e mesmo alegres, aguardando um novo golpe do destino. Na tarde seguinte, todo o terreno por onde fui levado se encontrava nas mãos dos alemães, e aqueles com quem eu tinha falado estavam mortos ou eram prisioneiros. Ao todo, o exército alemão fez 60 mil prisioneiros durante esse avanço.

De volta a Paris, Churchill contou a Clementine , na tarde de 9 de junho, que

a batalha que estava sendo furiosamente travada entre Montdidier e Noyon era “crítica e mortífera”. Se os franceses não conseguissem conter os alemães nesse setor “não é fácil ver qual será nosso próximo passo”. No entanto, ele estava esperançoso; a linha era “fortemente mantida com suas tropas e reservas em posição”. Nessa tarde, em Paris, dois obuses alemães de longo alcance caíram a uns 150 metros do local onde Churchill se encontrava em reunião.

Os alemães não conseguiram chegar a Compiègne. Em 11 de junho, os franceses iniciaram um contra-ataque. Churchill voltou à Inglaterra no dia seguinte. Durante o voo, houve um problema com o motor do avião. “Por pouco não terminei uma acidentada e desanimada vida nas águas salgadas do canal”, contou ele a Sinclair . “Conseguimos chegar até a costa.”

Churchill ficou furioso quando, nesse mês, por insistência de lorde Milner , recentemente nomeado ministro da Guerra, o Gabinete de Guerra decidiu continuar a tirar homens das fábricas de munição e enviá-los para a frente, ainda que essa prática já tivesse começado a levar a uma forte queda na produção de tanques. Ele estava preocupado com a capacidade britânica de vencer a guerra em 1919. “Existem realmente meios para derrotar os exércitos alemães em 1919?”, perguntou ao Gabinete de Guerra num memorando em 22 de junho. “Podem conseguir os homens? Se sim, os mecanismos podem ser preparados. Ainda temos tempo. Temos a força de vontade e o controle para olhar em frente e regular a ação?” Quando o Gabinete de Guerra anunciou publicamente que não haveria ataques aéreos sobre a Alemanha no dia de Corpus Christi, Churchill escreveu, furioso, a Lloyd George: “Por favor, proíba isso. É abjeto.”

Outra ameaça à produção de munições apareceu no final de junho, quando se verificaram greves em muitas fábricas, alimentadas pela recusa, por parte dos proprietários, de discutir aumentos salariais com os sindicatos . No caso mais sério, na Alliance Aeroplane Works, a greve começou com a demissão de um supervisor da oficina. A produção de aviões parou. Churchill tomou uma ação drástica, requisitando a fábrica em nome do governo, reintegrou o chefe e permitiu que os delegados sindicais mantivessem suas atividades. Ele defendeu sua ação apoiando o protesto dos operários de que “a fábrica se opusera à ação legítima dos delegados sindicais”.

Uma semana mais tarde, outras greves foram iniciadas em diversas fábricas de tanques, em protesto contra a transferência de operários, contra sua vontade, de uma fábrica para outra. As transferências seriam necessárias por causa do envio contínuo de homens para a frente por insistência do Gabinete de Guerra.

Confrontado com um eventual colapso da produção de tanques, Churchill quis forçar os grevistas a regressar ao trabalho, retirando-lhes sua dispensa do serviço militar, mas, numa reunião em 25 de julho, Bonar Law opôs-se a isso, não querendo utilizar a Lei de Serviço Militar “como fator numa disputa industrial”.

No dia seguinte, em Leeds, 300 mil operários das fábricas de munição ameaçaram entrar em greve a partir de 29 de julho; Lloyd George interveio imediatamente, apoiando a proposta de Churchill e emitindo uma declaração a partir da Downing Street, segundo a qual todos os grevistas poderiam ser enviados imediatamente para a frente. A greve fracassou e a produção de tanques foi retomada. As esperanças de uma vitória militar em 1919 estavam intactas.

Em 8 de agosto, o 4º Exército britânico, comandado pelo general Rawlinson, lançou uma nova ofensiva com tropas inglesas, canadenses e australianas. A batalha foi notável, utilizando 72 tanques construídos como resultado das exortações e dos esforços ministeriais de Churchill. Desejando estar na França enquanto os tanques estivessem em ação, Churchill voou para Hesdin nessa tarde e foi levado de automóvel para o Château Verchocq, que Haig tinha posto à sua disposição para futuras visitas à França.

Ao anoitecer de 8 de agosto, o ataque dos tanques tinha rompido a linha de trincheiras avançadas dos alemães e foram capturados quatrocentos canhões alemães e perto de 22 mil soldados. “Estou muito satisfeito por tudo ter dado certo”, telegrafou Churchill a Haig. “Lembrarei sempre com gratidão a energia e a visão que teve como ministro das Munições, que tornaram possível nosso sucesso”, respondeu Haig. Churchill enviou a Clementine o telegrama de Haig, acompanhado por uma nota: “É muito agradável ter ganhado a confiança e a boa vontade das autoridades aqui, que são extremamente difíceis e até preconceituosas. Não resta dúvida de que se sentem bastante abastecidas.”

Em 9 de agosto, Churchill reuniu-se com Rawlinson em seu quartel-general em Flixecourt e depois seguiu de carro com seu irmão Jack até a linha da frente. “No nosso caminho para a frente, passamos por cerca de 5 mil prisioneiros alemães confinados em cercas ou descansando sob escolta em longas colunas ao longo da estrada”, escreveu ele a Clementine. Entre eles encontravam-se mais de duzentos oficiais.

Fui até as cercas e olhei-os atentamente. Pareciam pessoas fortes, ainda que

algumas fossem muito jovens. Não consegui deixar de sentir pena daquelas miseráveis condições e do desânimo que sentiam depois de terem marchado todos aqueles quilômetros desde o campo de batalha, sem alimento nem descanso, e depois de já terem sofrido todos os horrores do combate, mas, em todo o caso, fiquei muito satisfeito por ver onde estavam.

Junto com o irmão, Churchill chegou à frente, próximo da aldeia de Lamotte, que na manhã anterior tinha estado cerca de 5 mil metros para dentro das linhas alemãs. “As marcas das esteiras dos tanques eram vistas por toda a parte”, contou ele orgulhosamente a Clementine .

Em 10 de agosto, o exército britânico já tinha efetuado mais avanços, fazendo outros 10 mil prisioneiros. “A maré virou”, escreveu Churchill a Clementine nesse dia. “E nossa vitória foi conseguida principalmente por nossas tropas, sob as ordens de um comandante britânico e em grande parte graças ao invencível tanque, inventado e desenvolvido por cérebros britânicos.” Ainda concentrado nas batalhas para 1919, escreveu a Lloyd George acerca da necessidade de 100 mil homens, em junho seguinte, para que os tanques “não deixassem de ter seu efeito total”. Em 11 de agosto, voltou à zona de combate. “Os alemães mal atiravam enquanto nossas baterias não paravam de trovejar”, disse a Clementine . “Havia mais alemães mortos, espalhados por toda a parte, do que no outro setor que visitei, e nossos cavalos mortos salpicavam a planície e desfiguravam a cena.” Ele viu um balão de observação inglês ser incendiado e abatido, “com os observadores saltando em seus paraquedas a tempo”.

“Espero que tenhamos o cuidado de não desperdiçar nossos homens forçando um avanço agora que o ímpeto está terminado”, escreveu Clementine ao marido em 13 de agosto. “Suas observações sobre não desperdiçarmos nossos homens mostram como você é uma gatinha militar muito sagaz e sensata”, respondeu Churchill. No dia em que escreveu essa carta, ele tinha ido de carro a Paris para presidir o Conselho Interaliado sobre Munições. Sua tarefa era determinar o programa de munições para 1919. Também visitou Clemenceau , que exprimiu desconforto em relação aos planos britânicos sobre efetivos. “Estou inquieto por causa do que sei e porque acho que não estamos fazendo provisões suficientes”, escreveu Churchill a Clementine .

Enquanto ainda estava em Paris, em 16 de agosto, Churchill concordou com Loucheur sobre fornecer os motores de tanques e os canhões de que o 3º Exército americano precisava. Dois dias depois, pressionou Loucheur para auxiliá-lo na concepção e na manufatura de aviões de bombardeio de longo

alcance, que pudessem “descarregar a maior quantidade possível de bombas sobre o inimigo”. Era o momento de, segundo ele, “levar a guerra para a pátria do inimigo e fazê-lo sentir, em suas próprias cidades e em suas próprias pessoas, um pouco do mal que soltou sobre a França e a Bélgica”. “Agora, exatamente antes do começo do inverno, é o momento de afetar sua moral e de maltratar suas cidades famintas e desoladas sem pausa nem descanso.”

Churchill ficou em Verchocq por três dias. Depois, em 19 de agosto, passou o dia no quartel-general avançado de Haig, em Frévent. “Ele está extremamente ansioso por ajudar-nos em todos os aspectos e procura apressar a entrega de granadas ‘calibre 10’, gás, tanques etc.”, escreveu Haig em seu diário. “Ele espera concluir esses planos ‘no próximo mês de junho!’ Eu lhe disse que devemos tomar uma decisão neste outono.” Regressando ao aeródromo próximo de Verchocq no final do dia, Churchill falou com um grupo de jovens pilotos que esperavam para decolar num *raid* de bombardeio noturno sobre a Alemanha. “As pessoas na Inglaterra não fazem ideia do que esses rapazes passam!”, disse ele ao seu próprio piloto.

Churchill permaneceu em Verchocq por mais uma semana. Em 24 de agosto, as tropas britânicas no Somme tinham recapturado quase todo o terreno tomado pelos alemães em março. “É esplêndido andar tão livremente por toda a parte com os exércitos e ainda poder fazer meu trabalho regularmente”, escreveu a Clementine nesse dia. No dia seguinte, regressou à Inglaterra, indo diretamente do aeródromo de Kenley para Lullenden, a menos de vinte quilômetros, para se encontrar com a família.

Enquanto Churchill estava em Londres, em 31 de agosto, tropas bolcheviques forçaram a entrada na embaixada britânica em Petrogrado. Entre os oficiais britânicos no edifício estava o adido naval e capitão de mar e guerra Francis Cromie, que matou a tiro três soldados bolcheviques antes de ser morto. Assim que soube desses eventos, Churchill ditou um memorando para o Gabinete de Guerra, no qual escreveu que Cromie era um “homem de grandes qualidades e que realizara grandes feitos”, citando que o tinha conhecido antes de 1914. O memorando continuava:

Espero ardentemente que o governo, não obstante suas muitas preocupações, persiga os perpetradores desse crime com uma perseverança sem descanso. Represálias sobre diversas personalidades bolcheviques sem importância, que por acaso estejam em nossas mãos, não terão uma utilidade real, embora não devam ser excluídas. A única política que poderá ser eficaz,

quer para o passado quer para o futuro, é assinalar as personalidades do governo bolchevique como alvos sobre os quais deve ser exercida justiça, demore o tempo que demorar, e fazê-los sentir que seu castigo constituirá um objetivo importante da política britânica em todas as fases da guerra e em seu fim.

Churchill tirou uma lição mais ampla desse episódio.

Os esforços que uma nação está preparada para fazer, para proteger seus representantes, bem como seus cidadãos, contra ultrajes é uma das medidas mais autênticas de sua grandeza como Estado organizado. O fato de homens estarem morrendo aos milhares em guerra aberta e leal não pode deixar-nos insensíveis ao caráter inteiramente diferente de um ato dessa espécie.

Na sessão de 4 de setembro, o Gabinete de Guerra decidiu enviar um telegrama ao governo soviético, ameaçando represálias contra Trótski, Lênin e “líderes do governo” se as vidas de súditos britânicos não fossem salvaguardadas.

Após negociar com o governo do Chile a aquisição de sua produção total de nitrato, componente essencial na fabricação de munições, Churchill telegrafou para Bernard Baruch em Washington, em 7 de setembro, perguntando-lhe quais seriam as necessidades mensais de munições dos Estados Unidos em 1919, de modo que os planos aliados de produção fossem calculados em harmonia para obterem o máximo efeito. Nessa tarde, juntou-se à sua família na baía de St. Margaret, próximo de Dover, para uma breve excursão à beira-mar. Depois, ao anoitecer, foi até Lympne e voou para Verchocq.

Clementine compreendia a necessidade das longas ausências do marido, mas se sentia inquieta com o aumento da quantidade de viagens de avião. Ele suplicou-lhe que não se preocupasse. “O voo me dá uma maravilhosa sensação de conquista sobre o espaço”, escreveu ele. “Sei que você mesma adoraria.” No dia seguinte, voou de Verchocq até o quartel-general de Haig em Montreuil, onde encontrou um clima de confiança em que a vitória viria antes do final de 1918. “É preciso sempre dar desconto às opiniões otimistas do Exército”, escreveu ele a Clementine. “De qualquer modo, há sempre um fim, e um dia os otimistas terão razão.”

Com cada avanço britânico, Churchill deslocava-se para ver como suas

granadas, gás de mostarda e tanques tinham sido utilizados, fosse bem ou mal. Em 9 de setembro, visitou as recém-capturadas posições alemãs em Drocourt, a leste de Vimy. “A destruição dos campos é completa”, contou ele a Clementine. “Por toda a parte, dor, destroços, sofrimento e a abominação da total desolação. Por toda a parte, o inimigo lança granadas ao acaso, aqui e ali, às quais os soldados que estão a marchar, a comer, a tomar banho, a descansar, a trabalhar não prestam a menor atenção.” A maior parte dos mortos britânicos na batalha tinha já sido enterrada, mas “ainda há alemães, em montes azuis e cinzentos, espalhados por lá”.

Churchill não contou à sua mulher toda a verdade sobre Drocourt, mas contou a Lloyd George, pois ilustrava o que acontecia quando a infantaria deixava de ter apoio dos tanques. Cada linha fortificada alemã tinha sido dominada e ultrapassada, escreveu ele ao primeiro-ministro em 10 de setembro, mas, num ponto em que os alemães só tinham “alguns fossos e buracos” a partir dos quais disparavam suas metralhadoras, as tropas avançaram além do apoio dos tanques”, e, num pequeno espaço de cerca de 350 metros de largura, “cerca de quatrocentos canadenses foram mortos contra apenas alguns alemães”. “Você teria ficado chocado ao ver o trágico espetáculo quando nosso ataque definhou por momentos. Era como a linha de algas e detritos que a onda deixa na praia quando recua”, acrescentou Churchill.

Ele também alertou Lloyd George de que, como resultado do grande gasto de munições na Frente Ocidental desde o início da ofensiva de agosto, havia um grave perigo de faltas severas em 1919. Em vista do sucedido em Drocourt, ele queria um aumento substancial do número de tanques para 1919, implicando um aumento correspondente do número de tripulações. Aliás, seriam necessários muito mais tripulantes do que tanques, pois “o gasto permanente de pessoal é alto enquanto um tanque, em qualquer batalha vitoriosa, recupera-se muito depressa de suas feridas e raramente está além da esperança de ressurreição. Uma estadia de alguns meses no túmulo é sempre seguida por uma reencarnação”. Além de recuperar tanques danificados, Churchill queria dar continuidade ao projeto de tanques maiores, mais fortes e mais rápidos e assegurar-se de que eles estariam prontos no verão de 1919.

Haig estava alarmado com a insistência de Churchill em relação às campanhas de 1919. Na noite de 10 de setembro, pediu que um amigo comum dissesse a ele que “devemos ter como objetivo dar fim à guerra agora e não adiar o fornecimento de tanques até que os experimentos mostrem que temos o modelo perfeito”. Porém, num ponto Haig e Churchill concordavam. Em 12 de

setembro, em Paris, ele escreveu a Clementine : “Estou tentando dar aos alemães uma boa primeira dose de gás de mostarda antes do fim do mês. Haig também está bastante interessado nesse assunto e temos, acredito eu, o suficiente para criar um efeito decisivo.” Churchill acrescentou: “O gemido alemão, na derrota, é muito agradável.”

Essa era a primeira vez que Churchill aludia numa carta à iminente derrota da Alemanha. A carta foi escrita no décimo aniversário de seu casamento:

Há dez anos, minha mais querida, estávamos a caminho de Blenheim em nosso trem especial. Você se lembra? Essa é uma longa etapa na estrada da vida. Acha que temos sido mais ou menos felizes do que outros casais?

Eu me recrimino muito por não ter feito mais por você, mas, de qualquer modo, nunca houve, durante esses dez anos, um dia em que tenhamos dormido brigados. Nenhuma vez nossos olhos se fecharam com um desentendimento por resolver.

Minha mais doce querida, eu rezo e tenho esperanças de que os anos futuros possam trazer dias serenos e sorridentes e ocupações frutíferas para você. Acredito que encontrará um lugar novo no mundo que se abre nesse momento para as mulheres e novos interesses que enriquecerão sua vida. E sempre ao seu lado, em verdadeira e terna amizade, enquanto respirar, estará o seu sempre devotado, embora só parcialmente satisfatório, W.

De Paris, Churchill retornou a Verchocq. Tinha começado a receber uma encomenda de 2 mil canhões feita nos Estados Unidos, com os quais, disse a Clementine em 15 de setembro, “eles poderão equipar talvez quinze divisões adicionais ou perto de meio milhão de homens a tempo para a crise do próximo ano”. Ele também estava comprando com os Estados Unidos de 2 mil a 3 mil motores de avião “para bombardeio da Alemanha” por pilotos ingleses em 1919. “Meus dias aqui têm sido particularmente proveitosos e vejo andando inúmeras coisas que estariam paradas”, disse-lhe ele. “O gás de mostarda está a caminho. Esse veneno diabólico será, espero, jogado sobre os hunos a uma escala de mil toneladas no fim do mês.” Ele tinha deixado de lamentar “as combinações políticas adversas ou a impossibilidade de orientar ou dirigir a política geral. Sinto-me satisfeito por estar associado às máquinas esplêndidas do exército britânico e poder servir de tantas formas”.

Churchill voltou à Inglaterra em 17 de setembro. Nove dias depois, na primeira fase da batalha pela linha Hinderburg, a artilharia britânica iniciou um

bombardeio com gás que se prolongou por três dias, com um efeito devastador sobre as posições alemãs. Churchill encontrava-se outra vez em Paris, em 27 de setembro, quando o exército búlgaro rendeu-se incondicionalmente. O primeiro aliado da Alemanha e do império austro-húngaro estava fora da guerra. Os Bálcãs, que Churchill quisera voltar contra a Áustria e a Alemanha três anos antes, constituíam agora o calcanhar de Aquiles das potências centrais.

Na Frente Ocidental, Haig tinha feito mais 10 mil alemães prisioneiros e apreendido duzentos canhões, mas, ao discursar perante operários das fábricas de munição em Glasgow, em 7 de outubro, Churchill chamou a atenção contra os boatos de um rápido término do conflito.

Talvez o desfecho da batalha seja melhor do que esperamos agora, mas não devemos contar com um desenvolvimento dos acontecimentos favorável demais nem fazer planos sobre eles. Pretendemos levar essa luta até o fim e precisamos continuar a desenvolver ao máximo todos os recursos para termos certeza de que, qualquer que seja o curso da guerra em 1918, o ano seguinte verá nosso inimigo incapaz de resistir às nossas legítimas e justas pretensões.

Porém, essa previsão foi excessivamente cautelosa: em 15 de outubro, exaustos pelo derramar de sangue, vendo-se diante da possibilidade de uma fome generalizada como resultado do bloqueio naval aliado e temendo o colapso total da frente dos Bálcãs, os alemães pediram um armistício. O presidente americano Woodrow Wilson, que já havia estabelecido as condições para um fim da guerra, incluindo a devolução da Alsácia-Lorena à França, rejeitou o pedido alemão. Falando nesse dia em Manchester, Churchill louvou a “dura e formidável resposta de Wilson”.

Wilson tinha deixado claro que a guerra prosseguiria até que a Alemanha se rendesse; nessa semana, o bombardeio britânico de fábricas, depósitos de armamentos e aeródromos alemães intensificou-se. Em 17 de outubro, as forças britânicas entraram em Lille, que tinha estado sob ocupação alemã durante quatro anos. Churchill encontrava-se em Verchocq. Clementine, que durante mais de três anos tinha trabalhado para organizar refeitórios para as operárias das fábricas de munição, escreveu-lhe em 18 de outubro:

Por favor, volte e ocupe-se do que será feito com os operários das fábricas de munição quando os combates pararem efetivamente. Mesmo que a luta ainda não tenha acabado, sua parte nela terminou. Quero que receba elogios

como gênio da reconstrução, além de monstro do gás de mostarda, líder dos tanques e terror voador. De qualquer forma, o crédito por todos esses papéis monstruosos será dado a outros. Será que os operários não podem construir encantadoras cidades jardins e demolir bairros miseráveis em lugares como Bethnal Green, Newcastle, Glasgow, Leeds etc.? Será que as operárias não podem fazer encantadoras peças de mobília para as novas casas, como berços, armários etc.?

Por favor, volte e organize tudo isso.

Em 20 de outubro, numa tentativa de agradar os Aliados , os alemães anunciaram o fim de sua campanha de submarinos contra navios mercantes. Cinco dias depois, acompanhado por Marsh , Churchill visitou as áreas recém-libertadas na França. Em 26 de outubro, percorreu o campo de batalha de Le Cateau, cenário, em setembro de 1914, de uma das primeiras vitórias alemãs, recuperado após mais de quatro anos. Porém, sua tentativa de alcançar a linha de frente foi frustrada por uma ponte da estrada de ferro caída após ser dinamitada pelos alemães. Em 27 de outubro, foi até Lille, onde passou a noite; no dia seguinte, foi convidado a estar presente no palanque durante um desfile das tropas britânicas, onde também estaria um jovem oficial inglês, o major Bernard Montgomery . Churchill teve de partir antes do fim do desfile, por ter sido convidado para almoçar com o general Tudor em seu quartel em Harlebeke, do outro lado da fronteira belga.

Depois do almoço, Churchill e Tudor dirigiram em direção à linha de frente, chegando a uma torre de igreja de onde se podia ver todo o terreno. Enquanto observavam as linhas alemãs, iniciou-se um intenso ataque de artilharia. Então, Marsh , que estava com eles, registrou que “o general sentiu cheiro de gás de mostarda e nos fez enfiar lenços na boca até conseguirmos voltar para o carro”. O gás de mostarda estava sendo usado pelos dois lados.

Churchill passou a noite de 28 de outubro no quartel-general de Tudor . Durante o jantar, segundo Marsh , “um avião dos hunos soltou uma bomba razoavelmente grande na rua, perto da casa, mas foi a única”. No dia seguinte, Churchill e Marsh partiram para Bruges, mas o percurso quase terminou em desastre quando entraram na aldeia de Desselghem em busca de uma ponte sobre o rio Lys. “Eu fiquei espantado ao ver um aldeão atirar-se no chão de repente, atrás da parede de uma casa, e algo me pareceu muito bizarro naquele gesto”, escreveu Churchill a Tudor uma semana depois. “Em todo o caso, tão forte era minha impressão de que estávamos a quase 10 mil metros da linha da

frente, que não tirei nenhuma conclusão do incidente.”

Churchill não sabia, mas a aldeia encontrava-se a menos de 2 mil metros da posição alemã mais próxima e estava prestes a ser submetida a um forte bombardeio. Mal o camponês se atirou ao chão, uma bomba explodiu cinquenta metros à frente do carro. Pensando que não estava perto da frente, Churchill concluiu que se tratava de uma bomba lançada por um avião. Dois ou três segundos depois, houve “toda uma série de explosões à nossa volta”. Ainda julgando que se tratava de um avião, pensou em não continuar em campo aberto, pois seu “grande e óbvio carro” poderia ser um alvo. “Por sorte continuei a andar, pois o lugar exato onde eu tinha pensado em parar para pedir indicações foi atingido por uma granada quase imediatamente.”

Tornou-se claro que Desselghem estava sendo atingida por um ataque de artilharia, e não por bombas de avião. Churchill ainda não tinha noção de quão próximo tinha estado da frente de batalha. “Continuei a especular estupidamente sobre os hábitos dos hunos ao fazerem um ataque de tão longo alcance sobre uma aldeia incógnita situada 10 mil metros atrás das linhas.” Então, houve “outra rápida série de granadas para animar nossa viagem”. Somente quando chegou a Bruges que Churchill soube quão perto tinha estado dos alemães. Ele contou a Tudor que o carro ia a setenta quilômetros por hora e que facilmente poderia ter entrado pelas linhas alemãs. “Teríamos sido uns idiotas!”

De Bruges, Churchill continuou para o sul, passando por aldeias belgas recém-libertadas, até Passchendaele, onde chegou pelo que tinha sido o lado alemão, atravessando para as antigas linhas aliadas e revistando o Canto do Fogo do Inferno no caminho para Ypres. Após observar os edifícios em ruínas no centro da cidade, Churchill disse a Marsh que sua vontade era transformá-los num cemitério de guerra, “com gramados e flores no meio das ruínas e placas com os nomes dos inúmeros mortos”.

Nessa noite, Churchill foi dormir em Verchocq. No dia seguinte, enquanto voava para a Inglaterra, a Turquia rendeu-se às potências aliadas. A rendição da Áustria-Hungria era esperada a qualquer momento. Era “uma chuva de impérios a espalharem-se pelo ar”, como Churchill descreveu a Marsh .

A Áustria-Hungria rendeu-se em 3 de novembro. Em Londres, Churchill tentou garantir que haveria um lugar para ele no centro da decisão política uma vez terminada a guerra. Almoçando com Lloyd George em 6 de novembro, falou-lhe sobre “a degradação de ser um ministro sem responsabilidade política”. Lloyd George garantiu-lhe que todos os ministros com departamentos envolvidos na guerra teriam lugares assegurados no Gabinete em tempo de paz.

Em 7 de novembro, uma delegação alemã atravessou as linhas francesas e pediu um armistício, discutindo as condições dos Aliados durante três dias. Em 10 de novembro, Lloyd George convidou Churchill para uma sessão especial do Gabinete, na qual seria discutido o curso das negociações. Durante a reunião, chegou uma mensagem de que o Kaiser havia fugido para a Holanda. Às 5h da manhã seguinte, os alemães aceitaram as condições dos Aliados. O combate cessaria às 11h dessa manhã. Dentro de quinze dias, as tropas alemãs evacuariam a França, a Bélgica, Luxemburgo e a Alsácia-Lorena. Todas as tropas alemãs saíam da Renânia. As tropas aliadas e americanas ocupariam a parte da Alemanha a oeste do Reno.

O futuro do exército alemão foi também discutido na sessão especial do Gabinete. Havia um consenso geral de que ele deveria ser desmobilizado tão cedo quanto possível. Churchill, no entanto, tinha uma preocupação: “Pode ser que tenhamos de reorganizar o exército alemão”, advertiu ele, pois “é importante reerguer a Alemanha para evitar o alastrar do bolchevismo”.

Na manhã de 11 de novembro, Churchill e seus conselheiros discutiram a possibilidade da venda dos estoques excedentes de munição e os problemas das fábricas que estavam no auge de sua produção diária, mas cujas granadas, armas e tanques tinham deixado de ser necessários nas enormes quantidades agora fabricadas. Depois, sozinho à janela de seu quarto no hotel Metrópole, que dava para a avenida Northumberland, Churchill esperou pelo cessar-fogo marcado para as 11h. “A vitória tinha chegado, depois de todos os perigos e os desgostos, de uma forma completa e sem limites”, escreveu ele mais tarde. “Todos os reis e os imperadores contra quem fizemos guerra estavam em fuga ou no exílio. Todos os exércitos e esquadras haviam sido destruídos ou silenciados. A Grã-Bretanha tinha desempenhado um nobre papel e dado seu melhor do princípio ao fim.”

As elucubrações de Churchill continuavam. “Os objetivos materiais pelos quais uma pessoa trabalhou e o processo mental pelo qual passou agora desfeitos e desmoronados. Todo o vasto problema do fornecimento, os aumentos das cotas de produção, as cuidadosas economias e os planos secretos para o futuro — tudo desaparecido, como um pesadelo, deixando atrás um vazio.” Seu cérebro se concentrava nos problemas da desmobilização: o que seus 3 milhões de operários fariam agora? “Como as fábricas poderiam ser convertidas? Como se fazem arados a partir de espadas?”

A primeira badalada das 11h soou.

Olhei novamente para a avenida. Estava deserta. Das portas de um dos grandes hotéis ocupados por departamentos do governo surgiu a figura frágil de uma funcionária, que gesticulava enquanto soava outra badalada do Big Ben. E, então, de todos os lados, homens e mulheres saíram à rua. Torrentes de pessoas saíram dos edifícios.

A avenida Northumberland ficou cheia. No hotel Metrópole, “tinha rebentado a desordem”. Portas batiam. Passos soavam nos corredores. “Todos se levantaram das mesas e deixaram de lado papel e caneta.”

Churchill olhou na direção da Trafalgar Square, que fervilhava de gente. “Bandeiras apareciam como que por encanto.” Clementine, que aguardava o nascimento de seu quarto filho nessa mesma semana, chegou ao hotel Metrópole para ficar com o marido. Decidiram ir juntos até a Downing Street para felicitar Lloyd George. Quando entraram no automóvel, cerca de vinte pessoas pularam animadamente em cima dele. Rodeados por uma multidão que comemorava entusiasticamente o fim da guerra, conseguiram finalmente chegar à Downing Street.

Nessa noite, Lloyd George convidou Churchill para jantar. Os únicos outros convidados foram F. E. Smith e Sir Henry Wilson. “L. G. quer mandar fuzilar o Kaiser”, anotou Wilson em seu diário. “Winston, não”. As lutas da guerra tinham terminado e os conflitos da paz tinham começado.

19.

No Ministério da Guerra

Em 15 de novembro de 1918, quatro dias após o armistício, nasceu uma menina, filha de Churchill — que já possuía outros três. Foi batizada com o nome de Marigold Frances, mas era chamada por seus pais de “The Duckadilly”. Tinha sido um parto difícil, e Churchill quis passar tanto tempo quanto possível com Clementine, mas, dez dias depois do nascimento de Marigold, teve de ir urgentemente a Dundee para falar perante seus eleitores, pois Lloyd George tinha convocado subitamente eleições gerais.

Lloyd George estava determinado a manter seu governo de coligação unido, tanto na paz quanto na guerra, mas muitos liberais queriam regressar à política partidária de 1914 e à liderança de Asquith. Assim, Lloyd George convocou eleições gerais para o começo de dezembro, quando cada liberal teria de decidir por si se apoiaria Asquith ou se ficaria ao lado de Lloyd George. Churchill emergiu durante a campanha eleitoral como um proeminente partidário liberal da conservação da coligação. Era também um dos poucos políticos da coligação a opor-se a uma paz severa com a Alemanha.

Numa tentativa para manter tantos conceitos liberais quanto possível nas novas diretivas do governo, Churchill pressionou Lloyd George a considerar a possibilidade de um pesado imposto sobre todos os ganhos e lucros da guerra. “Por que alguém poderia fazer fortuna às custas da guerra?”, perguntou ele, em 21 de novembro, dez dias depois da rendição da Alemanha. “Enquanto o povo serve à pátria, fornecedores, empreiteiros e especuladores de toda a espécie reúnem fortunas em escala gigantesca.” Sua proposta era que o governo “reivindicasse tudo o que ultrapassasse 10 mil libras (isso para deixar escapar as fortunas menores)” e, desse modo, reduzisse substancialmente a dívida da Grã-Bretanha à custa dos cofres daqueles que mais tinham lucrado com a guerra.

Em 26 de novembro, num discurso aos seus eleitores em Dundee, Churchill alertou para os perigos do bolchevismo: “A civilização está sendo completamente extinta em regiões gigantescas enquanto os bolcheviques pulam e dançam como bandos de babuínos ferozes no meio das ruínas das cidades e

dos cadáveres de suas vítimas.” Os ouvintes de Churchill aplaudiram, mas vaiaram barulhentemente quando, no mesmo discurso, ele advogou uma paz moderada. A um antigo deputado liberal que protestava contra seu apelo à generosidade, ele escreveu em 4 de dezembro: “Considero que não haveria desculpa se impuséssemos qualquer exigência que acabasse por reduzir, durante um período indefinido, a classe trabalhadora da população alemã a uma condição de trabalho violento e servidão.”

Regressando duas vezes a Dundee, Churchill clamou por medidas radicais na Inglaterra, apontando a nacionalização das estradas de ferro, o controle dos monopólios “a favor do interesse geral” e impostos aplicados “em proporção à capacidade de pagamento”. Ele apoiava também a ideia de “uma Liga das Nações permanente que impossibilite guerras futuras”. A principal tarefa de tal liga seria evitar a produção e manutenção de armamentos secretos. “De todo, penso que as possibilidades de obter uma grande maioria são muito boas”, escreveu ele a Clementine em 13 de dezembro. “E não é impossível que venha a ser a maior maioria já registrada numa eleição britânica.”

As eleições aconteceram em 14 de dezembro. Os resultados não foram anunciados durante duas semanas para permitir a contagem dos votos dos soldados. Dois dias antes da divulgação dos resultados, Churchill escreveu a Lloyd George: “Eu tenho esperança em que o senhor reúna todas as forças de poder e de influência da nação e conduza-as pelo caminho da ciência e da organização para a salvação dos fracos e pobres.”

As eleições foram um triunfo para Lloyd George, pois os liberais da coligação ficaram com 133 lugares. Os conservadores da coligação obtiveram 335 lugares, e os trabalhistas, 10, num total de 478 lugares para Lloyd George, a maioria dos quais ocupados por antigos adversários conservadores. Os liberais de Asquith ficaram reduzidos a 28 lugares, sendo o próprio Asquith derrotado em East Fife. Os trabalhistas ganharam 63 lugares, e o Sinn Fein, um novo elemento na política de Westminster, 73 lugares. Os deputados do Sinn Fein queriam a imediata independência da Irlanda e, em protesto pela continuação do domínio britânico, recusaram-se a ocupar seus lugares em Westminster e formaram sua própria assembleia em Dublin. Churchill voltou ao seu lugar no Parlamento com o que o principal jornal de Dundee chamou de “uma imensa maioria de 15.365 votos”, ainda que não fosse, ao contrário de suas esperanças, nada que se aproximasse da maior margem registrada.

Lloyd George queria que Churchill fosse para o Ministério da Guerra para tomar conta da imensa tarefa da desmobilização nacional. No Ministério das

Munições, ele tinha sido responsável por 3 milhões de operários. O número de soldados a serem reintegrados na sociedade civil era de quase 3,5 milhões. Churchill hesitou, querendo voltar a ser primeiro-lorde do Almirantado. “Meu coração está no Almirantado”, escreveu ele a Lloyd George em 29 de dezembro. “Lá eu tenho uma longa experiência. Qualquer prestígio que eu tenha junto ao público terá sempre como base o fato de que ‘A esquadra está preparada’.” Ele também queria que a Força Aérea fosse incluída em suas responsabilidades no Almirantado. “Ainda que os aviões nunca possam ser um substituto dos exércitos, serão um substituto de muitos tipos de navios”, argumentou ele

Lloyd George insistiu para que Churchill fosse para o Ministério da Guerra, onde o aguardava outra urgente e difícil tarefa, dessa vez relacionada aos bolcheviques. Quatro meses depois do assassinato do capitão Cromie em Petrogrado, o governo bolchevique estava consolidado por toda a Rússia Central, mas havia mais de 180 mil soldados não russos dentro das fronteiras do antigo império czarista, dentre eles britânicos, americanos, japoneses, franceses, tchecos, sérvios, gregos e italianos. Diversos exércitos que lutavam contra os bolcheviques, totalizando mais de 300 mil homens, contavam com aquelas tropas para apoio militar e moral e dependiam de seus respectivos governos para conseguir dinheiro e armamento. Os bolcheviques estavam sendo forçados, em todas as frentes, a se retirarem para Moscou.

As armas que a Grã-Bretanha havia enviado à Rússia em 1917 e 1918, para serem usadas contra a Alemanha, tinham sido entregues às forças antibolcheviques e seriam utilizadas contra os agora mal armados bolcheviques. As tropas inglesas, enviadas originalmente para guardar essas armas, viram-se envolvidas na guerra civil não só como conselheiras, mas como participantes. Churchill não tinha sido de nenhum modo responsável por essas decisões. Somente no último dia do ano de 1918 viu-se envolvido na política britânica em relação à Rússia; nesse dia, Lloyd George convidou-o para uma reunião do Gabinete de Guerra, convocado especialmente para formular uma política contra os bolcheviques.

Churchill era “totalmente a favor da negociação” com os bolcheviques, como explicou na reunião, mas considerava que não havia “qualquer possibilidade de garantir um acordo a menos que tenhamos o poder e a determinação para impor nossas posições”. Se os russos bolcheviques e antibolcheviques “estiverem preparados para se unir, devemos ajudá-los”. Se não, a Grã-Bretanha deveria usar a força “para restaurar a situação e estabelecer um governo democrático”. O bolchevismo representava apenas a vontade de uma fração do povo russo, que

seria “revelado e removido” por eleições gerais levadas a cabo sob os cuidados dos Aliados .

Lloyd George desejava limitar o envolvimento britânico na causa de antigos territórios czaristas no Báltico e no Cáucaso que “lutavam para serem independentes da Rússia”, dizendo que “se opunha definitivamente” a uma intervenção militar britânica dentro da Rússia propriamente dita. Porém, com a aprovação de Balfour e Milner , muitos meses antes, tropas britânicas não só tinham sido enviadas para o Cáucaso e para as regiões bálticas como já estavam auxiliando três exércitos russos antibolcheviques na Rússia setentrional, na Sibéria e na Rússia meridional. Na realidade, já havia sete generais britânicos com comandos militares em solo russo e com 14 mil soldados britânicos sob seus diversos comandos.

Ao colocar Churchill no Ministério da Guerra, Lloyd George concordou em encarregá-lo também da política aeronáutica britânica, de forma que sua nomeação formal, feita em 9 de janeiro de 1919, foi como ministro da Guerra e da Aviação. Ele tinha assumido as funções num momento de extrema tensão; o Exército, pelo qual agora era responsável, encontrava-se num estado de profundo descontentamento.

Na semana anterior à sua chegada ao Ministério da Guerra, demonstrações generalizadas exigiram a imediata desmobilização dos soldados. Em 8 de janeiro, pelo segundo dia consecutivo, grupos foram a Whitehall e tentaram ser recebidos por Lloyd George na Downing Street, mas foram desviados para a Parada da Guarda Montada, onde foram recebidos pelo comandante do distrito militar de Londres, general Feilding . “A guerra acabou”, gritavam eles. Por que tinham de voltar à França? Outros se recusavam a ir para a Rússia.

Era véspera da nomeação formal de Churchill como Ministro da Guerra. Ele dirigiu-se imediatamente à Parada da Guarda Montada.

— Que efetivos temos para enfrentá-los? — perguntou ele a Feilding .

— Um batalhão da Guarda e três esquadrões da Cavalaria Real — respondeu-lhe ele.

— Eles são leais?

— Esperemos que sim.

— Consegue prender os manifestantes?

— Não temos certeza.

— Tem alguma outra sugestão?

Não havia nenhuma outra sugestão.

— Então prenda os manifestantes.

Churchill, que observava a ação junto a uma janela, esperava um tiroteio a qualquer momento, mas os soldados manifestantes deixaram-se cercar e finalmente entregaram-se. Determinado a desarmar uma situação tensa e volátil, Churchill procurou uma solução que fosse justa e vista como tal. Até então, apenas os homens que tinham ofertas de emprego eram desmobilizados. Um soldado que tivesse servido durante apenas quatro meses, mas que conseguisse um lugar na indústria, podia ir imediatamente para casa, mas um soldado que tivesse servido por quatro anos era obrigado a continuar usando o uniforme se não houvesse um emprego à sua espera.

Em 12 de janeiro, quatro dias após o motim em Whitehall e três dias depois de sua nomeação, Churchill anunciou seu novo esquema. Os homens que serviam havia mais tempo na França seriam os primeiros a serem desmobilizados. Todos os homens que se alistaram antes de 1916 seriam desmobilizados imediatamente, com prioridade para os feridos, e todos aqueles que tivessem mais de quarenta anos, por mais recente que tivesse sido sua mobilização, poderiam ir para casa. Os homens que tivessem servido por dois anos ou menos teriam de esperar até que os soldados alistados anteriormente fossem desmobilizados. “Foi uma das melhores coisas que fiz”, diria Churchill a um amigo trinta e cinco anos depois.

A justiça e a sensatez do esquema de Churchill foram aclamadas, mas ele precisava, ao mesmo tempo, garantir que a Grã-Bretanha tivesse homens suficientes para estabelecer um exército de ocupação no Reno. Para isso, ele propôs a manutenção do serviço militar obrigatório para reunir o milhão de homens necessários na Alemanha. Lloyd George, que se encontrava em Paris para a primeira etapa da Conferência de Paz, protestou contra a retenção de qualquer forma de alistamento obrigatório e contra o tamanho da força de ocupação proposta. Considerando que o exército alemão seria desmobilizado, disse ele a Churchill numa mensagem telefônica em 21 de janeiro, “é absurdo manter um exército tão grande”.

Churchill foi à França para explicar a Lloyd George por que seriam necessários tantos homens. Durante o almoço, disse a ele que o exército de ocupação precisava ser suficientemente forte para “extrair” dos alemães “os termos justos que os Aliados exigem”. Esse exército deveria ser “compacto, satisfeito e disciplinado” para que a Grã-Bretanha não fosse “defraudada de tudo aquilo que, com toda a justiça, ganhamos”. Henry Wilson, que estava

presente, registrou em seu diário: “Churchill apresentou seu argumento com tato e clareza.” Antes que o almoço chegasse ao fim, Lloyd George já havia concordado com a proposta de Churchill. Manteriam o alistamento obrigatório para um milhão de homens em tempo de paz.

Em paralelo, o plano de desmobilização estabelecido por Churchill era posto em prática sem problemas. Por volta de 31 de janeiro, mais de 950 mil oficiais e soldados já tinham voltado para casa. No entanto, nesse mesmo dia, Churchill soube que tinha havido um motim entre 5 mil soldados que haviam sido enviados da Inglaterra para Calais, na França, ao abrigo do esquema original. Eles exigiam ser enviados de volta para a Inglaterra e desmobilizados. Haig, tendo cercado seu acampamento com metralhadoras e prendido três líderes do motim, informou a Churchill que era essencial que esses homens fossem fuzilados.

Churchill agiu imediatamente para evitar que Haig levasse a cabo as execuções. “A menos que tenha havido séria violência, com derramamento de sangue e perda de vidas, não considero que a aplicação da pena de morte seja justificável”, telegrafou ele. A opinião pública somente apoiaria a pena de morte, acrescentou, “se vidas de outras pessoas forem postas em perigo por comportamento criminoso ou covarde”.

Outro problema urgente surgiu na mesa de Churchill em 31 de janeiro, na forma de um pedido de Henry Wilson por uma decisão imediata acerca das tropas britânicas na Rússia. Havia 13 mil soldados britânicos no norte da Rússia e mil soldados na Sibéria, e todos se encontravam isolados e mal equipados. Wilson queria reforçá-los imediatamente. Outras tropas britânicas, em Batuco, no mar Negro, estavam sendo reforçadas, mas não existia uma política governamental nem orientações por parte de Lloyd George, que se encontrava nessa mesma ocasião propondo a abertura de negociações com os bolcheviques na ilha de Heybeli, no mar de Mármara.

Churchill opunha-se a essas negociações. Durante sua primeira semana no Ministério da Guerra, havia telegrafado aos dois oficiais britânicos mais graduados posicionados no norte da Rússia, o general Maynard e o general Ironside : “Seria preferível arriscar alguns poucos milhares de homens (e não haverá risco se as estradas de ferro forem reparadas) a permitir que desmorone toda a resistência russo-siberiana ao bolchevismo. Que espécie de paz(!) teremos se toda a Europa e a Ásia, de Varsóvia a Vladivostok, estiver sob o domínio de Lênin ?”

Lloyd George ainda preferia uma conciliação a uma intervenção. Em Paris,

tinha obtido o apoio do presidente americano Woodrow Wilson para um convite aos bolcheviques para conversações de paz na ilha de Heybeli. Churchill tinha tomado conhecimento dessa decisão ao chegar a Paris, esperando obter o apoio de Lloyd George para seu esquema de desmobilização. Na manhã seguinte, disse a ele que, se reconheceria os bolcheviques, poderia também legalizar a sodomia.

Churchill queria uma decisão clara, de um modo ou de outro, pois era agora responsável por manter em solo russo as forças britânicas enviadas por seus antecessores. “Parece-me extremamente urgente definir e declarar nossa política”, escreveu ele a Lloyd George em 27 de janeiro. “Evacuar imediatamente e a todo o custo é uma política, mas uma não muito agradável do ponto de vista da história. Reforçar e levar a tarefa até o fim é outra política, mas infelizmente não temos o poder — lamento dizer que nossas ordens não seriam obedecidas.”

Churchill não tinha ilusões quanto à dificuldade de combater na Rússia, quanto ao custo de manter uma força substancial ou quanto à possibilidade de que as tropas britânicas fossem influenciadas pelas ideias bolcheviques. Por isso, aconselhou Lloyd George, em sua carta de 27 de janeiro, a concluir toda a intervenção militar britânica e dar início à retirada de todas as forças britânicas. Churchill queria que as tropas fossem concentradas em Murmansk e em Arcangel para serem evacuadas assim que o gelo derretesse em julho. Com respeito à Sibéria e à Rússia meridional, ele queria que a Grã-Bretanha dissesse às forças antibolcheviques nessas regiões “que devem resolver-se sozinhas e que desejamos felicidades, mas que o máximo que podemos fazer é dar-lhes apoio moral”, sob a forma de voluntários ingleses que “queiram servir nesses territórios”, e apoio material, sob a forma de dinheiro, armas e abastecimentos.

Churchill também aconselhou Lloyd George a não enviar tropas, regulares ou obrigatoriamente alistadas, para a Rússia. No que dizia respeito a armas e abastecimentos, devia ser estabelecida uma cota “agora”. Quanto a voluntários britânicos, o governo não deveria dar “quaisquer garantias” quanto aos seus números. Se as forças antibolcheviques fossem derrotadas, “ou desistirem da luta, nós devemos, é claro, retirar nossas tropas e nosso interesse pelos eventos futuros”.

Churchill falava sério quando mencionou a retirada de tropas britânicas de Omsk. “Nossa política na Sibéria é nebulosa demais e nossas perspectivas são sombrias demais”, escreveu ele a Henry Wilson em 29 de janeiro. Mesmo quando, em 6 de fevereiro, dois dos mais importantes conselheiros militares o

pressionaram para enviar armas e equipamento aos exércitos antibolcheviques, ele advertiu-os: “É muito importante saber o que os russos podem e desejam fazer. Se forem capazes de combater a sério, nós devemos, na minha opinião, apoiá-los de todas as formas possíveis, mas, sem eles, não adianta nada tentarmos.”

Em 12 de fevereiro, Churchill assinalou ao Gabinete que os bolcheviques ficavam mais fortes a cada dia. Na Rússia meridional, o exército do general Denikin “se deteriora substancialmente”. O chefe antibolchevique na região do Don, general Krasnoff , e o governante da Sibéria, o almirante Kolchak , encontravam-se desencorajados, aliás “havia um completo desânimo por toda a parte”. Se a Grã-Bretanha estava disposta a retirar seus contingentes, “deveria fazê-lo imediatamente”. Se pretendia intervir, então “deveria enviar forças maiores”. Sua opinião pessoal era que “devemos intervir”, mas ele aguardava a decisão do Gabinete com a intenção de cumpri-la.

Lloyd George disse ao Gabinete que seriam necessários 500 mil homens para que a intervenção fosse eficaz. Também era preciso consultar o presidente Woodrow Wilson , cujas tropas se encontravam no norte da Rússia e na Sibéria e que pretendia deixar Paris dentro de três dias. Numa segunda reunião do Gabinete, em 12 de fevereiro, Churchill disse que se a decisão do presidente fosse declarar guerra aos bolcheviques, as forças britânicas desempenhariam seu papel, mas ele continuava a considerar que a “única possibilidade de obter vantagem em relação aos bolcheviques” era por meio dos próprios exércitos russos. Contudo, se a Grã-Bretanha não podia apoiar, “seria melhor tomar agora a decisão de abandonar, encarar as consequências e dizer a essa gente que faça o melhor acordo possível com os bolcheviques”.

Para Churchill, a Grã-Bretanha estava tentando “dar ânimo às mãos hesitantes das forças russas”, mas ele não tinha ilusões sobre quão hesitantes eram essas mãos ou quão reduzidas eram as expectativas de vitória para as tropas russas antibolcheviques. Na manhã de 14 de fevereiro, deixou Londres para ir para Paris, como emissário do Gabinete, e perguntar ao presidente Woodrow Wilson e a Clemenceau que política as potências da Conferência de Paz tencionavam seguir em relação à Rússia. A viagem não foi boa: durante o percurso entre Dieppe e Paris, com Henry Wilson , o carro sofreu um acidente que estilhaçou o para-brisa. Os dois homens chegaram em Paris encharcados e gelados às 15h. Quatro horas depois, encontravam-se presentes numa reunião do Conselho dos Dez, convocado especialmente por Clemenceau para decidir uma política sobre a Rússia.

Durante três dias, Churchill esteve no centro das discussões. Hankey, que esteve presente, referiu-se à forma como ele iniciou as conversas “com grande moderação”. Woodrow Wilson queria que todas as tropas estrangeiras na Rússia, inclusive americanas, fossem retiradas. Quando Churchill sugeriu que fosse permitido o envio de voluntários e que fossem entregues aos russos antibolcheviques armas, tanques, aeroplanos e munições, Wilson duvidou de que haveria voluntários dispostos a ir e disse que os abastecimentos “auxiliariam reacionários” em algumas áreas. Então, ele embarcou de volta aos Estados Unidos, deixando o coronel House para representá-lo.

Em 15 de fevereiro, Churchill propôs que o conselho examinasse pelo menos os problemas militares de uma possível intervenção. Foi apoiado pelos ministros das Relações Exteriores da Itália e do Japão, mas não se chegou a nenhuma decisão e nem mesmo se estabeleceu um simples estudo. No dia seguinte, Churchill telegrafou a Lloyd George dizendo que proporia, na reunião do conselho no dia seguinte, o estabelecimento de uma comissão para “preparar, a partir dos recursos disponíveis, um plano de guerra contra os bolcheviques”.

Lloyd George ficou furioso e respondeu por telegrama que o único plano a ser considerado era o envio de equipamentos e armas às forças antibolcheviques, que devem travar seus próprios combates. “Uma guerra dispendiosa contra a Rússia fortalecerá o bolchevismo e permitirá que ele nasça na Inglaterra”, avisou ele. Se a Grã-Bretanha entrasse numa guerra “contra um continente como a Rússia, estaria na estrada para a bancarrota e para o aparecimento do bolchevismo nestas ilhas”. Lloyd George não só enviou esse telegrama a Churchill como fez com que uma cópia chegasse ao coronel House .

Churchill respondeu a Lloyd George que não estava fazendo guerra contra os bolcheviques, mas apenas reunindo, “de uma forma abrangente, os possíveis meios e recursos para ação” para apresentá-los num relatório. Quando o conselho se reuniu novamente, em 17 de fevereiro, concordou-se com a preparação de um relatório, mas o coronel House insistiu em que o documento fosse informal e não oficial. Não haveria nenhuma decisão política aliada, nem sobre intervenção nem sobre retirada. A única decisão tomada foi que cada nação procuraria a opinião de seus próprios conselheiros militares.

Churchill regressou a Londres nessa noite. Ao chegar à Downing Street, pouco depois do meio-dia de 18 de fevereiro, percebeu que Lloyd George, embora não permitindo uma intervenção militar direta da Grã-Bretanha na Rússia, estava “perfeitamente disposto a auxiliar os exércitos russos, desde que não seja dispendioso demais”, contou Churchill a Henry Wilson . De fato,

acrescentou ele, o primeiro-ministro era “totalmente contra o corte de abastecimentos a Kolchak , Denikin e companhia por considerar que haviam recorrido a eles durante a guerra alemã e tinham uma obrigação de auxiliá-los”.

Lloyd George disse a Churchill que não seriam enviadas mais tropas britânicas para a Rússia e que os soldados que já estavam no país deveriam ser retirados. A ajuda às forças antibolcheviques na Sibéria e na Rússia meridional continuaria, mas se não fosse dispendiosa. Dois dias após seu regresso de Paris, Churchill foi o convidado principal na Mansion House. Em seu discurso, declarou: “Se a Rússia pode ser salva, como rezo para que aconteça, precisa ser salva pelos próprios russos. Será exclusivamente por meio da virilidade russa, da coragem russa e da virtude russa que a salvação e a regeneração dessa nação, já poderosa e um famoso ramo da família europeia, acontecerá.” A ajuda que a Grã-Bretanha podia dar aos exércitos russos, “que se encontram empenhados em combater a sórdida macacada do bolchevismo”, seria sob a forma de armas, munições, equipamentos e “serviços técnicos oferecidos por voluntários”. Não haveria intervenção militar britânica. “A Rússia deve ser salva por esforços russos. O conflito contra o bolchevismo deve ser combatido a partir do coração do povo russo e com seu braço forte.”

Nesse momento, a tarefa de Churchill era retirar 14 mil soldados britânicos que estavam na Rússia e apoiar as forças antibolcheviques com abastecimentos e com voluntários, cerca de 2 mil instrutores e conselheiros técnicos que se ofereceram especificamente para serviço na Rússia. Quando, em 21 de fevereiro, Lloyd George o censurou pela despesa que resultaria dessa ação, que chamou de “sua política russa”, Churchill escreveu uma resposta tão furiosa que acabou por não enviá-la. Ela dizia o seguinte:

O senhor refere-se à minha “política russa”. Eu não tenho nenhuma política russa. Não tenho nenhum conhecimento de nenhuma política russa. Fui a Paris à procura de uma política russa. Eu deploro a falta de uma política russa, uma falta que pode perfeitamente manter o mundo em guerra por um período indeterminado e envolver a Conferência de Paz e a Liga das Nações num fracasso comum. Tudo o que estou fazendo é seguir aguentando a cada dia, guiado pelas indicações que recebo do Gabinete de Guerra, por cujas decisões eu não tenho, naturalmente, qualquer responsabilidade para além do meu departamento.

Churchill assinalou que todas as tropas britânicas na Rússia tinham sido

enviadas antes de sua nomeação para o Ministério da Guerra. “Até o momento, não sou responsável por ter enviado um único homem à Rússia.” Isso era verdade, mas, na visão do público, Churchill, um declarado crítico do bolchevismo e dos seus excessos, era visto como o chefe de uma cruzada antibolchevique. Em março, após a tomada do poder pelos comunistas em Budapeste, um membro do secretariado do Gabinete, dr. Thomas Jones , assinalou que “Churchill ficou muito agitado e profetizou um vasto e imediato desastre como resultado da qualidade dilatória da Conferência de Paz”.

Para garantir que as tropas posicionadas no norte da Rússia conseguiram retornar em segurança, mesmo estando exaustas, mal equipadas e sob ataques constantes, Churchill persuadiu Lloyd George a autorizar uma pequena “força de socorro” para ir em seu auxílio. Ele estava muito interessado em que essa força utilizasse um novo tipo de gás venenoso que havia sido aperfeiçoado nos últimos meses da guerra.

“Gostaria muito que os bolcheviques o conhecessem”, disse ele aos seus conselheiros. Quando as últimas forças francesas abandonaram Odessa, em abril, ele ficou indignado com o que considerou um abandono prematuro de Denikin . “Winston afirma que considerará muito seriamente demitir-se antes de aceitar uma retirada ignominiosa”, disse um dos ministros do Gabinete. O comentário do próprio Churchill foi amargo: “Depois de ter tomado tudo dos hunos — os tigres do mundo —, não aceito ser derrotado pelos babuínos.”

Churchill não tinha qualquer dúvida de que “de todas as tiranias da história”, segundo disse a uma audiência em Londres nesse mês de abril, “a tirania bolchevique é a pior, a mais destruidora e a mais degradante”. As atrocidades cometidas por Lênin e Trótski foram “incomparavelmente mais atroz e mais numerosas do que qualquer coisa feita pelo Kaiser ”. Ainda em abril, Churchill ficou escandalizado quando o governo decidiu enviar de volta à Rússia meio milhão de homens que tinham sido feitos prisioneiros pelos alemães e que estavam sob custódia aliada. Furioso, escreveu aos seus conselheiros militares:

Enquanto poderíamos ter feito desses homens um exército leal para apoiar as defesas de Arcangel e Murmansk ou para auxiliar o general Denikin e o almirante Kolchak , estamos, imagino eu, simplesmente enviando um reforço de 500 mil homens treinados para se juntarem aos exércitos de Lênin e Trótski . Esse me parece ser um dos erros capitais na história do mundo.

Temendo um comunismo triunfante na Europa Oriental e na Ásia, Churchill

pressionou o governo no sentido de ajudar a reerguer a Alemanha por meio de alimentos e de uma atitude benevolente quanto às reparações de guerra, escrevendo a Lloyd George, em 9 de abril, que sua política, apesar de provavelmente já não ir a tempo de ser implementada, poderia facilmente ser expressa como “alimentar a Alemanha, combater o bolchevismo e fazer a Alemanha combater o bolchevismo”. Quando a filha de Asquith , Violet , perguntou-lhe qual seria sua política para a Rússia, ele respondeu ainda mais sucintamente: “Matar o ‘bolche’ e beijar o huno.”

Por volta da última semana de abril, as forças russas antibolcheviques no norte da Rússia e na Sibéria tinham feito avanços tão consideráveis que poderiam se encontrar. Churchill propôs imediatamente que os 14 mil soldados britânicos no norte da Rússia, cuja evacuação pelo Ártico ainda gelado não seria possível durante pelo menos dois meses, auxiliassem, com 3.500 homens que se tinham oferecido recentemente para se juntar a eles, os antibolcheviques locais a fazer um “bom avanço” em direção ao exército siberiano de Kolchak . O ponto de união seria a cidade de Kotlas. Os comandantes britânicos locais, general Knox na Sibéria e general Maynard em Murmansk, estavam entusiasmados com a possibilidade de participar e confiantes no sucesso. O Estado-Maior do Ministério da Guerra propôs um plano pormenorizado.

Lloyd George concordou com o avanço das forças britânicas no norte da Rússia, mas, em 18 de maio, os soldados russos locais que deveriam tomar parte no avanço em direção a Kotlas amotinaram-se. O oficial britânico mais graduado em Arcangel, general Ironside , mandou fuzilar quinze rebeldes a fim de acabar com o motim.

Em 29 de maio, falando na Câmara dos Comuns , Churchill fez uma descrição dos esforços a serem realizados para ajudar os antibolcheviques na Rússia setentrional e na Sibéria. No norte da Rússia, voluntários britânicos estavam chegando a Arcangel e uma flotilha naval britânica se deslocava para sul, no rio Dvina, “fortemente armada com canhões”. Na Sibéria, as forças de Kolchak combatiam “com fuzis e munições inglesas”.

Depois do discurso de Churchill, um deputado conservador, Samuel Hoare , escreveu para felicitá-lo por “tudo o que o senhor fez em relação à Rússia”. O jornal trabalhista *Daily Herald* tomou uma posição diferente, denunciando o “jogador de Galípoli” por ter feito um segundo lançamento de dados com “a nova guerra na Rússia”. Churchill estava utilizando todos os meios para auxiliar os antibolcheviques e pressionou Lloyd George para que reconhecesse o governo de Kolchak na Sibéria como um gesto de apoio moral, mas o Gabinete

rejeitou sua proposta. O plano de Kotlas mantinha-se; em 6 de junho, Ironside fazia planos para avançar ao longo do Dvina até Kotlas no período de um mês. O moral dos bolcheviques era baixo, relatou ele. “Um forte empurrão acabará com eles.” Em 10 de junho, Henry Wilson explicou o plano de Ironside a Lloyd George, que “não colocou qualquer objeção”. Em 11 de junho, o Gabinete de Guerra aprovou-o.

Seis dias mais tarde, chegaram notícias perturbadoras de que o exército de Kolchak , mais a ocidente na Sibéria, tinha sido derrotado. Curzon , Milner e Austen Chamberlain convocaram imediatamente o Gabinete de Guerra para uma reunião de emergência, na qual Churchill insistiu em que o avanço em direção a Kotlas fosse mantido “embora a ligação ao almirante Kolchak já não fosse praticável”. Não se chegou a nenhuma decisão. Nove dias depois, Ironside iniciou seu avanço, capturando trezentos soldados bolcheviques no primeiro dia, mas houve outro motim num batalhão de soldados russos que formavam parte de sua reserva. Foram assassinados três oficiais britânicos e quatro oficiais russos.

Quando o Gabinete de Guerra se reuniu em 9 de julho, no entanto, foi a natureza — e não os exércitos — que decidiu a conclusão do assunto. O rio Dvina, deixando de estar cheio pelas neves derretidas e pelas chuvas da primavera, tinha descido abaixo do nível necessário para manter a flotilha da Marinha britânica em operação. A flotilha retirou-se até Arcangel para evitar ficar imobilizada. A expedição a Kotlas não poderia prosseguir. Mais tarde, quando Lloyd George comentou ironicamente que a tentativa para fazer a ligação com os antibolcheviques em Kotlas tinha “falhado”, Churchill respondeu amargamente: “Na realidade, nunca foi tentada.”

Clementine sentia-se inquieta por seu marido ser tanto ministro da Aviação quanto ministro da Guerra. “Querido, não acha melhor desistir da Aviação e concentrar-se no que está fazendo no Ministério da Guerra?”, escrevera ela em março daquele ano. “Seria um sinal de real força e as pessoas admirariam muito sua atitude. É um ato de fraqueza manter-se agarrado a dois lugares. Se engolir as duas funções, terá uma indigestão violenta.”

Para Clementine , seria um “*tour de force*” ficar nos dois cargos, “como atirar — e manter — várias bolas no ar ao mesmo tempo. No final das contas, você quer ser um estadista, e não um malabarista”. No entanto, Churchill não tinha qualquer intenção de desistir do Ministério da Aviação. Ao mesmo tempo, tinha voltado a pilotar, apesar de um desastre ocorrido em junho, quando o avião que

pilotava foi obrigado a fazer uma aterrissagem de emergência no aeródromo de Buc, perto de Paris. Seu novo instrutor era o comandante da Escola Central de Aviação, coronel Jack Scott, um ás que tinha abatido treze aviões alemães durante a guerra, apesar de ter problemas sérios nas pernas devido a um acidente de voo e precisar de ajuda para entrar no avião a cada vez que voava.

Em 18 de julho, depois de um dia de trabalho completo no Ministério da Guerra, Churchill e Scott foram até o aeródromo de Croydon para um de seus treinos de rotina. O avião tinha comandos duplos. Como sempre, Churchill fez a decolagem sozinho, mas, quando o avião tinha subido a setenta ou oitenta pés, começou a perder velocidade e cair. Scott tomou os comandos, mas não conseguiu fazer nada. “Estávamos apenas noventa pés acima do solo”, recordaria Churchill mais tarde. “É a altitude exata para o deslizamento lateral da asa, o acidente mortal mais comum.” O avião caiu rapidamente. “Eu vi o aeródromo iluminado pelo sol, banhado por uma luz amarelada e hostil. E, então, um pensamento formou-se em meu cérebro: ‘Muito provavelmente isso é a morte.’ E, repentinamente, senti a exata sensação da queda no aeródromo de Buc um mês antes. Algo semelhante aconteceria AGORA!”

O avião bateu no chão. Churchill foi projetado para a frente, mas o cinto de segurança aguentou-o e só se partiu quando a força do impacto já se dissipara. Vapores de combustível saídos do motor o envolviam, mas, poucos segundos antes de baterem no chão, Scott tinha conseguido desligar a ignição, evitando uma explosão. Scott tinha perdido os sentidos, mas se recuperou em pouco tempo. Os amigos e parentes de Churchill ficaram abalados e furiosos com o risco que ele tinha corrido. “Sinto-me terrivelmente inquieta por Clemmy”, escreveu-lhe sua prima, lady Londonderry. “Acho que foi horrível da sua parte, mas espero que não esteja ferido.” Mais uma vez, Churchill concordou em desistir de pilotar. Mesmo que nunca obtivesse sua licença de piloto, Clementine teria paz de espírito.

Três dias após o desastre de avião de Churchill, o regimento russo que guarnecia a frente do general Maynard em Onega, no norte da Rússia, amotinou-se, entregando as posições da linha de frente aos bolcheviques. Quando o Gabinete de Guerra se reuniu, em 25 de julho, ficou decidido que as forças britânicas no norte da Rússia, na Sibéria e no Cáucaso deveriam ser retiradas. Com a exceção dos conselheiros junto de Denikin, no sul da Rússia, a intervenção tinha terminado. Amargamente, Churchill disse aos seus colegas: “Os antibolcheviques poderiam sucumbir dentro dos próximos meses, dando

fim ao império de Lênin ou de Trótski .”

Em 28 de julho, os últimos oitocentos soldados americanos deixaram Arcangel. Nesse dia, Churchill estava com Lloyd George em Chequers. Henry Wilson também se encontrava lá. “Winston estava muito agitado e falou em demitir-se”, escreveu ele em seu diário. No dia seguinte, numa reunião do Gabinete, Churchill perguntou se Denikin podia continuar a receber alimentos e munições durante mais seis meses e cerca de 2 mil voluntários alistados para fazer a supervisão dos abastecimentos e dos transportes, além de pilotos para ensinar seus aviadores a voar. O Gabinete concordou que fosse enviado “mais um lote” de abastecimentos.

Em 16 de agosto, Churchill deixou a Inglaterra com Clementine para uma visita de cinco dias a Colônia e ao exército britânico no Reno. Em seu segundo dia na Alemanha, soube que a situação na Rússia estava mudando drasticamente e que os exércitos russos antibolcheviques avançavam novamente. Ao longo da costa do mar Negro, Denikin tinha expulsado os bolcheviques de Nicolaiev e Kherson e encontrava-se prestes a entrar em Odessa; os antibolcheviques dominavam o mar Negro. Ao longo da costa do Báltico, o general Yudenitch avançava rapidamente sobre Petrogrado. Regressando a Londres, Churchill pediu que fossem enviadas a Denikin munições suficientes para permitir arrancar todo o sul da Rússia aos bolcheviques. Lloyd George recusou o pedido, assinalando que o Gabinete tinha concordado em que depois de ter sido enviado “mais um lote” para o Denikin , a Grã-Bretanha deixaria os russos “resolverem sua própria disputa” à sua própria custa.

Um dia depois da recusa de Lloyd George a Churchill, Denikin entrou em Kiev, capital da Ucrânia, de que era agora senhor. Percebendo que esse vasto território era provavelmente o limite daquilo que as forças antibolcheviques poderiam conquistar e manter, Churchill propôs uma paz negociada; pediriam que os bolcheviques aceitassem um sul da Rússia não bolchevique, com capital em Kiev, e que Denikin aceitasse um governo bolchevique, tendo Moscou como capital. Uma vez estabelecido um acordo sobre a linha divisória entre as duas forças, a Grã-Bretanha patrocinaria negociações entre Denikin e Lênin . Com esse objetivo, Churchill aconselhou reserva por parte das forças britânicas no sul da Rússia, telegrafando em 20 de setembro ao general Holman , oficial britânico mais graduado junto das forças de Denikin : “Penso não ser aconselhável, nas presentes circunstâncias, o uso de aviadores britânicos nos bombardeios de Moscou.”

Ao saber, nesse mesmo dia, que as tropas de Denikin tinham entrado em

Kursk, apenas quinhentos quilômetros ao sul de Moscou, Churchill escreveu imediatamente a Lloyd George, insistindo em que a Grã-Bretanha apoiasse Denikin agora “por todos os meios em nosso poder” e encorajasse os alemães a partilhar o ataque de Yudenitch a Petrogrado. “Nada pode preservar o sistema ou o regime bolchevique”, disse ele a Lloyd George. “A agonia do povo russo pode ser prolongada devido a erros de nossa parte, mas é certo que se salvarão. A única questão é saber se devemos abandoná-los nessa crise.”

Lloyd George suplicou a Churchill que “esquecesse a Rússia durante pelo menos 48 horas” e dedicasse suas energias a preparar o orçamento do Exército, pois cortes nas despesas eram essenciais. “Achei sua mente tão obcecada com a Rússia”, escreveu ele em 22 de setembro, “que me preocupa que suas grandes capacidades, energia e coragem não estejam dedicadas à redução de despesas”. Ele acrescentou: “Pergunto-me se adianta fazer um último esforço para convencê-lo a abandonar essa obsessão que, se me permite dizer, está afetando seu equilíbrio.”

Em sua resposta, dada nesse mesmo dia, Churchill escreveu: “Posso ver-me livre dessa minha ‘obsessão’ ou o senhor pode ver-se livre de mim, mas não se verá livre da Rússia nem das consequências de uma política que durante quase um ano tem sido impossível definir. Devo confessar que não sou capaz de sentir um distanciamento em relação a esse trágico quadro.” A obsessão de Churchill estava na convicção de que todo o destino da Rússia se encontrava na balança e que era possível, com um plano definido, derrubar a tirania, mas, no mesmo dia em que enviou a carta a Lloyd George, quatrocentos soldados poloneses foram evacuados de Arcangel e todas as tropas britânicas restantes foram retiradas para a linha de defesa interior em preparação para o embarque para a Inglaterra.

Em 24 de setembro, a Grã-Bretanha reconheceu a independência da Lituânia, mas, no dia seguinte, o Gabinete de Guerra recusou quaisquer compromissos britânicos para com os Estados bálticos, aconselhando-os a fazer a paz com os bolcheviques. “Winston não gosta dessa decisão e argumenta que só existe uma frente”, escreveu um dos ministros em seu diário. O plano que Churchill propunha, segundo escreveu nesse dia ao Gabinete de Guerra, era “fazer guerra aos bolcheviques, por todos os meios que tivermos, com um plano coerente em todas as frentes e ao mesmo tempo”, até que os bolcheviques fossem derrotados ou uma “paz geral” fosse negociada entre as partes em conflito.

Em 4 de outubro, as tropas de Denikin começaram a avançar sobre Moscou numa frente larga; Yudenitch encontrava-se a oitenta quilômetros de Petrogrado; na Sibéria, Kolchak tinha começado a avançar novamente para

oeste. Ao saber disso, Churchill pressionou o Gabinete de Guerra a fazer o que pudesse para auxiliar essas forças nesse momento de avanço renovado e vigoroso. “Os bolcheviques estão caindo e talvez o fim não esteja distante. Seu sistema e seu regime estão condenados. Seu esforço militar está desmoronando em quase todos os pontos do imenso círculo da frente enquanto comunicações, alimentos, combustível e apoio popular escasseiam dentro desse círculo.”

Churchill queria que a Grã-Bretanha pressionasse a Polônia a atacar os bolcheviques e pedisse aos Estados bálticos que adiassem por tanto tempo quanto possível a paz com Lênin, mas o Gabinete de Guerra não tinha qualquer intenção de fazê-lo. Em 6 de outubro, as tropas de Denikin entraram em Voronezh, a apenas quinhentos quilômetros de Moscou, mas, numa reunião dois dias depois, o Gabinete de Guerra insistiu em que o “pacote” final de munições e abastecimentos não excedesse 14,5 milhões de libras e que saísse tanto quanto possível dos estoques do Ministério da Guerra. Esse “pacote” seria enviado, como Churchill deveria informar Denikin, “com a condição de ser o último”. Nesse dia, as últimas tropas britânicas deixaram Murmansk, seguidas, uma semana mais tarde, pelas tropas que estavam em Arcangel. Ainda havia 550 soldados britânicos restantes na Sibéria, com ordens para partir em meados de novembro, e 144 militares britânicos no Báltico, que deveriam embarcar no fim do ano. No momento de um possível triunfo das forças antibolcheviques, a participação britânica em seu destino chegava ao fim.

Em 13 de outubro, Denikin entrou em Orel, quatrocentos quilômetros ao sul de Moscou. No mesmo dia, Yudenitch cortou a linha da estrada de ferro entre Petrogrado e Moscou e avançou até 55 quilômetros de Petrogrado. “O sistema bolchevique está condenado a perecer em consequência de seu antagonismo aos princípios fundamentais da sociedade civilizada”, escreveu Churchill ao Gabinete de Guerra no dia seguinte. O sistema sucumbiria “sob a vingança da nação russa”. Estabelecer relações com os bolcheviques seria “construir castelos de areia”.

Enquanto Denikin iniciava seu assalto final a Moscou, em 15 de outubro, Churchill disse a Lloyd George que queria deixar Londres e ir para a Rússia, pois estava preparado para “auxiliar Denikin a moldar a nova constituição russa”. Lloyd George não se opôs. “Winston iria como uma espécie de embaixador”, anotou Henry Wilson em seu diário.

Em 17 de outubro, Churchill informou Yudenitch que o Ministério da Guerra lhe enviaria tanques, aviões, fuzis e equipamento para 20 mil homens. Quatrocentos oficiais russos que haviam sido treinados na Inglaterra partiriam

imediatamente num navio britânico, em que também seguiria a maior parte dos abastecimentos. Se Petrogrado fosse capturada, seria capturada “com munições britânicas e com o auxílio da Marinha britânica”, disse Churchill a Curzon nesse dia.

A confiança de Churchill era total. “Existem boas razões para acreditar que a tirania do bolchevismo será em breve derrubada pela nação russa”, disse ao presidente de seu círculo eleitoral em 18 de outubro. A Grã-Bretanha usaria sua influência para construir “uma nova Rússia sobre as largas fundações da democracia e das instituições parlamentares”. No dia seguinte, Churchill discutiu com seus conselheiros sobre o envio de um general britânico a Yudenitch “para a entrada em Petrogrado”; o general deixaria a Grã-Bretanha em 23 de outubro “para evitar excessos no caso de vitória”. Porém, nesse mesmo dia, lançando um contra-ataque, Trótski forçou Yudenitch a recuar de seu ponto mais próximo da cidade.

Tão depressa quanto se elevaram, os sucessos dos antibolcheviques desvaneceram-se. Na Rússia meridional, as forças de Denikin pararam, pois suas bases foram súbita e inesperadamente atacadas por um exército anarquista comandado por Nestor Makhno . Tirando partido das atividades de Makhno , os bolcheviques recapturaram Orel. Denikin encontrava-se em retirada. Na Sibéria, Kolchak recuou para leste até Omsk. As esperanças de Churchill de ir à Rússia como emissário da democracia desapareceram, mas ele não tinha nenhuma intenção de abandonar os antibolcheviques. Em 31 de outubro, o Gabinete discutiu a morte de mais de cem marinheiros ingleses num navio de guerra que bombardeava as posições bolcheviques no golfo da Finlândia. Um dos ministros anotou: “Winston advoga que se continue a bombardear até que venha o gelo. Primeiro-ministro contra.”

Em 3 de novembro, Yudenitch desistiu de sua tentativa de capturar Petrogrado e retirou-se para a Estônia. Três dias mais tarde, Churchill, ao falar na Câmara dos Comuns , referiu-se à “capacidade diabólica de Lênin para reduzir a pedaços todas as instituições das quais dependem o Estado e a nação russa”. Após seu discurso, Balfour aproximou-se dele e disse: “Admiro a forma exagerada como o senhor diz a verdade.”

À medida que as forças de Denikin desistiam de seu avanço sobre Moscou, Churchill apelava em vão ao Gabinete para enviar-lhe mais abastecimentos. Seu plano para financiar um corpo de exército russo para Yudenitch também não teve sucesso. A única coisa que podia fazer com referência à Rússia era organizar a retirada britânica. Em 1º de novembro, as últimas tropas britânicas

tinham partido de Vladivostok em navios. Um mês mais tarde, o exército de Kolchak desfez-se, e o almirante fugiu ainda mais para leste, abandonando para os bolcheviques mais de um milhão de cartuchos, munições principalmente inglesas. Em 30 de novembro, Churchill celebrou seu 45º aniversário enquanto desmoronavam todas as suas esperanças de um ressuscitar democrático na Rússia.

No final de novembro, Denikin tinha abandonado aos bolcheviques metade do sul da Rússia. Os poloneses, que ele desprezava, longe de ajudarem a recompor a linha de combate, avançaram profundamente pela Ucrânia. “As últimas possibilidades de salvar a situação estão escapando a cada dia”, escreveu Churchill a Lloyd George em 3 de dezembro. “Não foi feita nenhuma ação para induzir a Polônia a agir na frente ou para resolver as coisas entre Denikin e a Polônia. Em breve não restará nada a não ser Lênin e Trótski , nossos 100 milhões de desaparecidos e recriminações mútuas.”

Churchill agora suplicava a Denikin que chegasse a um acordo pacífico com a Polônia. “Acredite, meu amigo, eu compreendo suas dificuldades e busco apenas um fim: a destruição das tiranias bolcheviques que ameaçam as nações ignorantes, insensatas e exaustas”, telegrafou ele em 11 de dezembro. No dia seguinte, enquanto os bolcheviques faziam sua entrada em Carcóvia, as forças de Denikin fugiam em desordem em direção ao mar Negro.

“É uma ilusão supor que combatemos as batalhas dos russos antibolcheviques durante todo esse ano”, escreveu Churchill ao Gabinete de Guerra em 15 de dezembro. “Pelo contrário, eles têm combatido as nossas batalhas, e essa verdade se tornará penosamente evidente a partir do momento em que eles forem exterminados e que os exércitos bolcheviques forem supremos na totalidade dos vastos territórios do império russo.” Nesse dia, os bolcheviques entraram em Kiev. Nove dias depois, na Sibéria, estavam em posse da maior parte de Irkutsk, para onde Kolchak tinha fugido. Em 26 de dezembro, o general Knox partiu, de navio, de Vladivostok. Nesse mesmo dia, o general Holman , no sul da Rússia, telegrafou para pedir auxílio na evacuação de oitocentos dos 2 mil membros da missão britânica. Em 31 de dezembro, Churchill ordenou a evacuação das forças britânicas em Batuço, no mar Negro.

Churchill tinha perdido sua longa ação de retaguarda para ajudar os antibolcheviques a derrubar o regime de Moscou. Para muitos na Inglaterra, particularmente para o Partido Trabalhista , sua “guerra privada contra a Rússia” era uma repetição de excessos anteriores. No *Star* , um jornal vespertino londrino, David Low , um jovem caricaturista neozelandês,

representou Churchill como um caçador com arma na mão e seis gatos mortos aos seus pés. O título da caricatura era “A caçada de Winston”. Quatro gatos estavam legendados: “Sidney St.”, “Asneira da Antuérpia”, “Erro de Galípoli” e “Trapalhada russa”. Os dois gatos restantes não tinham nome. A legenda do desenho era: “Winston caça leões e traz gatos para casa.”

Durante o feriado de Ano-Novo, Churchill visitou Sir Philip Sassoon , em Lympe, na costa sul, em seu luxuoso retiro. Lloyd George também estava entre os convidados, bem como lorde Riddell , proprietário de jornais. Nesse fim de semana, como em tantos outros, Churchill trabalhou em suas memórias de guerra; tinha acabado de saber que receberia 5 mil libras do *Times* pelos direitos sobre suas séries, o equivalente a 75 mil libras em 1990, e que em breve receberia mais do que o dobro dessa importância pelos direitos da série nos Estados Unidos. Durante todo o ano anterior, tinha ditado capítulos a seu estenógrafo, Harry Beckenham.

“Tive uma grande conversa com Winston acerca de seu livro”, escreveu Riddell em seu diário.

Ele disse que já escreveu uma grande parte do primeiro volume. Propôs-se a ditar 300 mil palavras e depois parar e polir texto. Acrescentou que era muito emocionante saber que recebia meia coroa por palavra! Então, subiu para o quarto para duas ou três horas de trabalho no livro. Quando desceu, eu disse a Lloyd George, com quem tinha conversado: “É horrível pensar que Winston acumula palavras a meia coroa cada uma enquanto desperdiçamos nosso tempo aqui.” Lloyd George achou a ideia muito divertida.

Em meados de janeiro, Lloyd George, que trabalhava junto ao Supremo Conselho Aliado, em Paris, para chegar aos termos finais do Tratado de Versalhes , convocou o Gabinete para uma reunião na capital francesa. A Conferência de Paz tinha decidido convidar os bolcheviques para discutir as relações comerciais entre a Rússia e a Europa Ocidental. Churchill ainda estava determinado a obter apoio para os exércitos de Denikin , que se retiravam rapidamente em todas as frentes. “Por vezes, ele parecia louco”, escreveu Frances Stevenson em seu diário em 17 de janeiro. Nessa tarde, Henry Wilson encontrou Churchill com uma “disposição muito incerta”, falando sobre demitir-se ou não.

“Minha doce Clemmie”, escreveu Churchill dois dias depois, “como eu teria

preferido passar esses três últimos dias em casa em vez de estar aqui sem fazer muita coisa”. De volta a Londres, publicou, em 25 de janeiro, um artigo no *Illustrated Sunday Herald*, no qual escreveu sobre os “desígnios diabólicos” de Lênin. “Todos os tiranos são inimigos da raça humana”, declarou ele. “Todas as tiranias devem ser derrubadas.” Nove dias mais tarde, no entanto, ao saber que era provável que Denikin fosse empurrado em direção ao mar se continuasse a combater, aconselhou o chefe antibolchevique a desistir da luta, procurar um local de refúgio para seus soldados e seguidores e iniciar negociações com os bolcheviques para obter uma pequena zona territorial em que seus apoiadores pudessem assentar.

“Estão ocorrendo grandes mudanças no caráter e na organização do governo bolchevique”, disse Churchill a Denikin. “Apesar da diabólica maldade com que foi fundado e desenvolvido, o fato é que agora ele representa uma força de ordem.” Os homens que tomaram o leme “já não são meros revolucionários, mas pessoas que estão ansiosas por manter e saborear o poder que adquiriram. Acredita-se que eles desejem seriamente a paz, temendo, sem dúvida, serem devorados pelos seus próprios exércitos se a guerra continuar”. Um período de paz, associado a uma reorganização comercial, “pode perfeitamente preparar o caminho para a unidade da Rússia através de uma evolução política”.

O apelo de Churchill por um acordo não foi ouvido. Para Denikin, a violência e as divisões da guerra civil faziam com que a ideia de uma “evolução bolchevique” parecesse estranha. Quatro dias depois, os bolcheviques entraram em Odessa. Milhares de apoiadores de Denikin foram fuzilados. Os sobreviventes escaparam por mar para a Crimeia. No mesmo dia, na Sibéria, os bolcheviques buscaram Kolchak em sua cela de prisão e fuzilaram-no.

Os últimos resistentes da intervenção estavam em retirada; em 5 de março, Churchill autorizou o general Holman a deixar Denikin e a abandonar completamente a Rússia. Churchill estava inclinado a favorecer um *cordon sanitaire* que incluísse a Alemanha, escrevendo a um de seus conselheiros militares em 10 de março: “Na minha opinião, devemos dedicar-nos à construção de uma Alemanha forte, mas pacífica, que não ataque nossos aliados franceses, mas que atue ao mesmo tempo como uma muralha moral contra o bolchevismo russo.”

Sobre as forças antibolcheviques que tinham ficado no norte da Rússia após a retirada britânica, Churchill escreveu em 23 de março: “Acredito que eles fizeram tudo o que era humanamente possível, aguentando mês após mês, sem uma única esperança no mundo, enquanto todos queriam fazer a paz com os

bolcheviques.” No dia seguinte, Churchill deixou a Inglaterra para férias de duas semanas na França. Entendendo que uma paz negociada seria o único caminho a seguir, escreveu a Lloyd George enquanto atravessava o canal: “Estou preparado para aceitar a paz com a Rússia soviética e apaziguar a situação geral, mas com defesas para que não sejamos envenenados por eles.” Depois, ele acrescentou: “Não acredito, evidentemente, que seja possível qualquer harmonia real entre o bolchevismo e a civilização atual, mas, considerando os fatos presentes, uma cessação de armas e uma promoção da prosperidade material são inevitáveis. Devemos confiar, para o melhor ou para o pior, que as influências pacíficas causarão o desaparecimento dessa tirania e desse perigo.”

Em 27 de março, as últimas tropas de Denikin evacuaram o porto de Novosibirsk, sua principal base logística. Quando os bolcheviques entraram na cidade, ainda nesse dia, encontraram uma vasta quantidade de abastecimentos britânicos, e, assim, a maior parte do “pacote final” para os antibolcheviques tornou-se propriedade e arsenal daqueles que deveriam ser derrotados. Denikin chegou à Crimeia com 35 mil soldados e com sua campanha terminada. Ao saber, em 29 de março, que a missão do general Holman tinha sido evacuada em ordem, Henry Wilson escreveu em seu diário: “Assim termina, num desastre, mais uma das aventuras militares de Winston. Antuérpia, Dardanelos, Denikin . Seus critérios estão sempre errados e ele é irremediável em posição de poder.” Porém, o fato é que, como no estreito de Dardanelos, o poder real fora negado a Churchill em seus esforços para utilizar, a favor da Grã-Bretanha, a posição militar em mudança na Rússia.

Descansando em Mimizan, na costa atlântica da França, Churchill estava instalado numa vivenda pertencente a um amigo, o duque de Westminster, onde caçava javalis selvagens e pintava, tendo como companhia o general Rawlinson . Fazia quatro anos e meio desde que Rawlinson o tinha substituído na Antuérpia e exatamente dois anos desde que Churchill visitara o quartel-general de Rawlinson no auge do grande avanço alemão de 1918. “Entre os passeios a cavalo e a pintura, o general e eu discutimos as diversas batalhas da guerra”, escreveu Churchill a Clementine em 29 de março. “Não tenho feito nenhum trabalho. Essa é a primeira vez que tal coisa me sucede. Evidentemente, estou ‘crescendo’ finalmente.”

Em 31 de março, o Gabinete de Guerra decidiu “convidar o general Denikin a desistir da luta”. “Winston felizmente está fora”, anotou um dos ministros. Porém, Churchill não se deixou ofender por esses acontecimentos, escrevendo,

de Mimitan, a Lloyd George: “Estou aproveitando as férias e tento esquecer todas as coisas desagradáveis que estão acontecendo.” Na segunda semana de maio, o exército polonês expulsou os bolcheviques de Kiev. Na Crimeia, o sucessor de Denikin , general Wrangel, tentava conter um forte ataque bolchevique.

Churchill defendia uma iniciativa britânica, não como participante na luta, mas como mediador, dizendo numa conferência de ministros em 28 de maio: “O governo britânico deveria oferecer ao governo soviético sua entusiástica cooperação, em particular por uma paz entre o governo soviético e o governo polonês.” A Crimeia seria um lugar de asilo temporário para os antibolcheviques “durante um mínimo de um ano”. Os refugiados que desejassem poderiam regressar à Rússia sob proteção de uma anistia, e os bolcheviques concordariam em cessar a interferência e a agitação no Afeganistão, na Pérsia e no Cáucaso, bem como suas propagandas na Europa Central e na Grã-Bretanha. Em troca, a Grã-Bretanha reconheceria a Rússia bolchevique. Enquanto Churchill estabelecia seu plano para uma paz negociada, Wrangel avançou a partir da Crimeia para atacar os bolcheviques no sul da Rússia. Churchill concordou com a opinião do Gabinete de que o general tinha perdido qualquer direito a mais auxílio britânico.

Na mesma época, Lloyd George solicitou a ajuda de Churchill para enfrentar os desafios crescentes à autoridade britânica na Irlanda. Na sequência da morte de dezesseis católicos e protestantes durante um violento choque sectário em 16 de junho, ele pediu a Churchill que integrasse uma comissão ministerial encarregada da “supressão do crime e da desordem” na Irlanda. Sua própria opinião, segundo Churchill disse a Henry Wilson em 25 de junho, era que a situação na Irlanda não poderia ser melhorada “por meio dos métodos adotados pelos prussianos na Bélgica”.

Churchill ficou indignado com os atos terroristas do Sinn Fein . Em 1º de julho, sugeriu aos seus conselheiros do Ministério da Guerra que os militantes do Sinn Fein, se estivessem treinando e pudessem ser localizados e identificados a partir do ar, poderiam ser dispersados “com o envio de aviões com ordens claras em cada caso específico para usar metralhadoras ou bombas, utilizando evidentemente apenas a força necessária para dispersá-los e pô-los em fuga”.

Não só na Irlanda o poder aéreo britânico era empregado para garantir o controle. Seis dias após sua proposta para a Irlanda, Churchill informou ao

Gabinete sobre um levantamento na Mesopotâmia: “O inimigo foi bombardeado e metralhado com eficácia por aviões em cooperação com as tropas em terra.” Churchill, no entanto, tinha criticado violentamente o uso de soldados pelo general Dyer, na Índia, quando trezentos indianos desarmados foram mortos a tiro durante um motim em Amritsar. Churchill insistiu em que Dyer perdesse seu cargo e, ao falar na Câmara dos Comuns em 8 de julho, defendeu a condenação de Dyer por uma comissão do Ministério da Guerra. O tiroteio era “um acontecimento monstruoso”. No caso de repressão de motins e desordens civis, deveria haver uma “interdição geral”.

O que quero dizer é uma interdição geral contra o “pavor”. O que quero dizer com “pavor” é infligir um grande massacre a uma particular multidão com a intenção de aterrorizar não apenas o resto da multidão, mas também todo o distrito, província ou país. Não podemos admitir essa doutrina sob nenhuma forma. O pavor não é um remédio da farmacopeia britânica.

Na Irlanda, os crimes do Sinn Fein continuavam, e Lloyd George pediu ao general Tudor, amigo de Churchill, que estabelecesse aquilo a que Henry Wilson chamou de “um grupo contra o crime”, uma força composta por homens que viriam a ser conhecidos, dada a cor de seu uniforme, como “Black and Tans”. Churchill “evidentemente tinha um resquício de esperança em relação ao tratamento bruto que pretendíamos dar ao Sinn Fein”, escreveu Wilson em seu diário em 12 de julho. Mas, dois dias depois, suas preocupações afastaram-se marcadamente da Irlanda quando as tropas bolcheviques, tendo expulsado os poloneses de Kiev e da Ucrânia Ocidental, entraram nas regiões de língua predominantemente polonesa da Galícia e da Rússia branca, obrigando os poloneses a evacuar Vilnius, uma cidade com mais de 80 mil habitantes. Churchill queria uma ação imediata contra esse avanço do poder bolchevique, escrevendo a Bonar Law: “Toda a minha experiência me mostra a vantagem de atacar essa gente. Eles tornam-se muito perigosos quando pensam que temos medo deles. Isso é como domar um tigre, ou melhor, uma hiena faminta!”

Enquanto aguardava uma decisão do Gabinete acerca do que se poderia, ou deveria, fazer para auxiliar a Polônia, Churchill preparou uma lista de recursos que queria enviar aos poloneses, entre eles aviões, armas e conselheiros técnicos. Em 26 de julho, os Estados Unidos anunciaram que estavam dispostos a equipar e manter dez divisões polonesas enquanto durasse a guerra. Dois dias depois, num artigo publicado no *Evening News* e intitulado “O perigo venenoso

vindo do leste”, Churchill descreveu a Polônia como pivô do Tratado de Versalhes . Era “para garantir e manter nossa paz mundial que o caso da Polônia deveria ser considerado”. Contudo, ele concordava que não poderiam ser enviadas tropas britânicas em auxílio da Polônia; após cinco anos de guerra, o povo britânico não queria mais guerra, tendo aprendido “demais sobre sua escravidão férrea, sua esqualidez, suas escarnecedoras decepções e seu permanente sentimento de perda”.

Para Churchill, cabia à Alemanha “construir um dique de força e virtude pacífica, ordeira e paciente contra a inundação da barbárie vermelha que fluía do leste”. O *Times* protestou imediatamente contra a “impropriedade constitucional” desse apelo, apontando que a Alemanha era a nação derrotada, estava prestes a pagar reparações e havia perdido um território considerável em favor da Polônia. Lorde Derby , que estava em Paris, escreveu a Lloyd George: “A sugestão de Winston sobre uma aliança com a Alemanha para combater os bolcheviques deixou os franceses furiosos!” No entanto, Churchill não tinha sugerido nenhuma intervenção militar, nem britânica nem alemã.

Em 4 de agosto, o Exército Vermelho tinha avançado até 160 quilômetros de Varsóvia. Churchill procurou o primeiro-ministro assim que soube da ameaça sobre a capital polaca. Lloyd George estava na sala de reuniões do Gabinete com dois emissários enviados por Lênin para negociar um acordo comercial, Leonid Krassin e Lev Kamenev . Enquanto Churchill aguardava, Lloyd George enviou-lhe um bilhete: “Eu disse a Kamenev e a Krassin que a esquadra britânica partiria para o Báltico dentro de três dias se o avanço russo não for suspenso.” Esse ultimato britânico foi feito no sexto aniversário da declaração de guerra à Alemanha. Quando o Gabinete se reuniu, meia hora mais tarde, concordou com o que Lloyd George tinha feito, mas era claro que não poderia enviar qualquer exército em ajuda da Polônia. “Era 4 de agosto outra vez”, recordaria Churchill mais tarde. “E, dessa vez, estávamos impotentes. A opinião pública na Inglaterra e na França estava apática. Qualquer forma de intervenção militar era impossível. Não restavam senão palavras e gestos.”

O Exército Vermelho manteve seu avanço sobre Varsóvia. Em 6 de agosto, o chefe da missão britânica, que fora enviado a Varsóvia para persuadir os poloneses a negociarem com os bolcheviques, telegrafou a Londres, pedindo o envio imediato de um contingente de 20 mil soldados franceses e ingleses, excluindo todos aqueles que pudessem ser afetados “por propaganda bolchevique ou do Sinn Fein ”. Contudo, dois dias depois, os governantes franceses foram a Londres para dizer a Lloyd George que a França não enviaria

tropas. Decidiu-se que mandariam armas e munições para a Polônia. A contribuição da Grã-Bretanha seria “botas, roupas e selas”.

Em 13 de agosto, o Exército Vermelho encontrava-se a apenas vinte quilômetros de Varsóvia. O governo britânico tinha abandonado qualquer intenção de apoiar a Polônia ou envolver-se em seu destino. Nesse dia, Churchill foi a Rugby para jogar polo. Enquanto estava afastado, preparou um longo apelo a Lloyd George no sentido de que fosse feito todo o possível para evitar que a Polônia fosse “reabsorvida pelo sistema russo”. Quando escrevia seu apelo, soube que os poloneses, tendo tomado a iniciativa militar, estavam fazendo os russos recuarem e já tinham capturado 63 mil prisioneiros, duzentos canhões e mil metralhadoras. Churchill escreveu por cima de seu pedido de ação britânica: “Felizmente ultrapassado pelos acontecimentos.” Então, fazendo eco ao que Pitt dissera em Guildhall em 1805, acrescentou: “A Polônia salvou-se por seus esforços e, confio, salvará a Europa com seu exemplo.”

Em 13 de agosto, quando o Exército Vermelho estava a apenas vinte quilômetros de Varsóvia, cinco funcionários ingleses foram assassinados no Iraque, onde Churchill, como Ministro da Guerra, era responsável pelo controle civil e militar. Durante duas semanas, o Gabinete discutiu o que deveria ser feito; Churchill não via razão para ser mantido controle no Iraque se o resultado fosse um envolvimento militar, mas seu ponto de vista foi derrotado. “Agora que o Gabinete decidiu que seremos atolados naquela terra desgraçada, será preciso fazer todos os esforços para obter uma ação vigorosa e resultados decisivos”, escreveu ele a Lloyd George em 26 de agosto. O general Haldane, seu amigo e comandante-chefe no Iraque, acreditava ser capaz de sufocar a revolta num prazo de três meses.

Cumprindo a política do Gabinete sobre permanecer no Iraque, apesar da crescente rebelião, Churchill já havia organizado duas esquadrilhas de aviação para se reunirem aos dois grupos que já lá se encontravam. Em 29 de agosto, sugeriu que fossem equipadas com bombas de gás de mostarda, “que infligiriam um castigo aos resistentes sem causar danos graves”, mas era difícil conseguir soldados disponíveis. “Estamos desesperados para arranjar um soldado que seja”, escreveu a Lloyd George em 31 de agosto, acrescentando:

Para mim, existe algo de particularmente sinistro nesse envolvimento na Mesopotâmia num momento em que a Irlanda é uma ameaça tão grande. Parece-me gratuito que, depois de todas as vicissitudes da guerra, exatamente

quando queremos reagrupar nossos poucos recursos militares e restabelecer nossas finanças e ter qualquer reserva em mãos em caso de perigo aqui ou ali, sejamos obrigados a continuar a despejar exércitos e riquezas nesses desertos ingratos.

Em 1º de setembro, Churchill partiu com Clementine para Mimizan, onde tinha passado férias em março. “Estou aproveitando um pouco de sol e da mudança de que eu muito necessitava depois desses anos de crescente confusão e preocupação e depois dos meses de julho e agosto gelados que tivemos na Inglaterra”, escreveu ele ao presidente de seu círculo eleitoral uma semana depois. Churchill sempre gostara muito de sol: “Numa existência devidamente organizada como a sua (e a minha), cada dia traz suas próprias diversões, desde que haja um pouco de sol”, tinha escrito a Lloyd George um mês antes.

Após duas semanas e meia na França, Churchill regressou a Londres por seis dias, sendo avisado por Henry Wilson de que os Black and Tans estavam executando “represálias indiscriminadas” na Irlanda. A simpatia de Churchill estava em princípio com aqueles que tentavam manter a paz. “Naturalmente, tudo será feito para evitar ações violentas, duras e desumanas por parte das tropas”, disse ele a Wilson em 18 de setembro. “Porém, a grande ajuda a esse respeito será dada pela população irlandesa de cidades onde as tropas estão aquarteladas, se ela não só se abster de assassinar os soldados e oficiais por meios traiçoeiros, mas, pelo contrário, se dispuser a prestar auxílio, o que está facilmente ao seu alcance, para a detecção dos verdadeiros criminosos.”

Em 22 de setembro, em três cidades na Irlanda do Sul, a polícia local, segundo Wilson escreveu em seu diário, “assinalou certos militantes do Sinn Féin como assassinos ou instigadores e friamente abateu cada um sem perguntas nem julgamento. Winston não viu grande problema”. Dois dias depois, um membro do Estado-Maior de Tudor, o capitão Shore, foi a Londres para avisar a Churchill de que estavam sendo feitas represálias como política do Exército. Churchill foi com Shore à Downing Street para conversarem com Lloyd George, onde novamente foi descrita a política de represálias. Lloyd George deu sua aprovação; a morte de agentes da polícia, disse ele a Churchill, Bonar Law e Fisher, “só pode ser respondida com represálias”.

Nessa noite, Churchill partiu da Inglaterra para a Itália, onde pintaria em Amalfi. Da Itália, viajou até Cassis, no sul da França, novamente para pintar. Enquanto estava fora, escreveu ao seu primo, Shane Leslie, cuja casa se situava na fronteira do Ulster, para lembrar-lhe de que quando Leslie tinha perguntado

que conselho Churchill daria ao Sinn Fein sua resposta tinha sido: “Deixem de matar e comecem a conversar.” No momento em que os assassinatos cessassem, escreveu Churchill a Leslie em 2 de outubro, a questão irlandesa “entrará numa nova fase e não me atrasarei a fazer o máximo para garantir um bom acordo”. Em 11 de outubro, Churchill regressou a Londres. Cinco dias depois, num discurso ao seu círculo eleitoral em Dundee, atacou os bolcheviques e o Sinn Fein em medidas iguais.

Na terceira semana de novembro, Churchill analisou cópias de dúzias de telegramas enviados pelo Ministério das Relações Exteriores de Moscou aos negociadores bolcheviques em Londres. Uma das principais instruções nesses telegramas era sobre o dispêndio de dinheiro com o objetivo de estimular perturbações industriais na Grã-Bretanha. Churchill decidiu insistir que nenhum acordo comercial seria assinado até que os bolcheviques cancelassem essas instruções. Lloyd George assinalou que a cessação dessa propaganda fazia parte do acordo comercial; assim que este estivesse assinado, os incitamentos cessariam.

Em 17 de novembro, Churchill pediu que o Gabinete interrompesse as negociações com os bolcheviques até que os incitamentos cessassem. Se até o dia seguinte essa decisão não fosse tomada, ele se demitiria. Seu amigo F. E. Smith, recentemente enobrecido como lorde Birkenhead, pressionou-o para não se demitir. “Você se desligaria talvez permanentemente, mas com certeza por um longo período de tempo, da coligação que você apoia em todos os outros pontos”; mais ninguém se demitiria do Gabinete, e o público não consideraria isso como um ponto vital.

Churchill aceitou o conselho do amigo. As negociações continuaram, assim como as instruções secretas para subversão. Churchill permaneceu no Gabinete, tendo assegurado uma nota específica nas minutas de 18 de novembro: “Nenhum ministro do Gabinete será limitado no que diz respeito a discursos antibolcheviques.” Nessa noite, deslocou-se a Oxford, onde denunciou os males do comunismo:

Minha opinião tem sido que todo o mal e o sofrimento na Rússia têm vindo da maldade e da irresponsabilidade dos bolcheviques e que não haverá recuperação de qualquer espécie na Rússia ou na Europa Oriental enquanto esses homens malvados, esse grupo de fanáticos cosmopolitas, mantiver a nação russa agarrada pelos cabelos e tiranizar sua numerosa população. A política que sempre advogarei é a destruição desse regime criminoso.

No início de novembro, ao estudar os relatórios sobre a política de represálias dos Black and Tans, Churchill escreveu ao Gabinete dizendo que algumas medidas eram “desprezíveis”, mesmo quando a provocação era grande. “Muitas coisas insensatas e erradas” que as autoridades não poderiam ignorar, mas ele também não achava que era correto punir as tropas quando, “provocadas da forma mais brutal e não tendo compensação, reagem por contra própria”. Para ajudar a suprimir os atos de terror do Sinn Fein, ele queria que todos os indivíduos do sexo masculino na Irlanda passassem a andar com um bilhete de identidade. “Rusgas e buscas em grandes áreas” seriam mais eficazes.

Em 9 de novembro, o diretor de Informações da Scotland Yard disse a Churchill que um grupo do Sinn Fein em Glasgow tinha decidido executar raptos na Grã-Bretanha em resposta às represálias na Irlanda; entre as personalidades marcadas para serem raptadas estavam Churchill e Lloyd George. Churchill foi alertado a não se deslocar à Escócia “durante os próximos dias ou semanas”. Foi-lhe também atribuído um guarda-costas pessoal, o sargento-detetive Walter Thompson. Na Irlanda, a violência intensificava-se. Em 15 de novembro, quatro oficiais britânicos foram raptados por homens armados enquanto viajavam de trem e nunca mais foram vistos. Dois dias depois, os Black and Tans efetuaram um *raid* de represália, em Cork, matando três homens. Como retaliação, membros do Sinn Fein assaltaram vários hotéis e habitações em Dublin na madrugada de 21 de novembro, matando catorze homens, incluindo seis oficiais britânicos, alguns dos quais foram arrancados das camas e abatidos na frente de suas mulheres. No mesmo dia, em represália pelas mortes em Dublin, soldados abriram fogo sobre o público de um jogo de futebol onde estavam diversos atiradores, matando nove pessoas.

Em 25 de novembro, Churchill esteve na abadia de Westminster com Lloyd George para o serviço fúnebre pelos seis oficiais assassinados em Dublin. Três dias depois, dezessete soldados dos Black and Tans caíram numa emboscada perto de Macroom, e apenas um sobreviveu. Na reunião do Gabinete de 1º de dezembro, Churchill alertou para a insuficiência de tropas para controlar a totalidade da Irlanda e disse que “devemos selecionar áreas determinadas e concentrar nossas forças”. Oito dias depois, o Gabinete concordou em decretar a lei marcial em quatro condados do sul da Irlanda. Quem fosse encontrado nas zonas de lei marcial com armas seria julgado em conselho de guerra, disse Lloyd George na Câmara dos Comuns. A pena para o porte ilegal de armas seria a morte.

Em 10 de dezembro, após um soldado dos Black and Tans ter sido morto em

Cork, uma parte importante da zona comercial da cidade foi queimada como represália. Numa reunião de emergência do Gabinete, nessa tarde, Churchill sugeriu que se os membros do Parlamento eleitos pelo Sinn Fein se reunissem em Dublin, onde tinham estabelecido seu Parlamento em 1919, e mostrassem “uma atitude orientada para a paz”, a Grã-Bretanha ofereceria uma trégua de um mês. Em 15 de dezembro, falando na Câmara dos Comuns, apelou ao fim da violência: “Que o crime cesse, que a norma constitucional tenha início e que o povo da Irlanda assuma o debate das condições esquálidas para as quais é empurrado por essa quadrilha de assassinos irlandeses.”

“E pelo governo”, gritou um dos poucos deputados nacionalistas irlandeses que ainda restavam em Westminster. “Levem esse debate para o campo da discussão franca e leal”, prosseguiu Churchill. O Parlamento era o local indicado. Então, haveria “um fim dessas duras e lamentáveis condições que só trazem sofrimento à Irlanda”.

Numa reunião especial do Gabinete em 29 de dezembro, Lloyd George propôs uma trégua de um ou dois meses. Churchill apoiou-o. Como ministro da Guerra, ele tinha noção da crescente carga financeira do envolvimento militar britânico na Irlanda e no Iraque. Havia ainda guarnições militares inglesas no Reno, na Turquia, em Constantinopla e em Chanak. Ele já havia proposto que se chegasse a um acordo com o chefe nacional turco, Mustafá Kemal, de modo a conseguir “a paz com a Turquia”. Isso não só aliviaria a posição da Grã-Bretanha no Oriente Médio, onde a Turquia estava em boa posição para cultivar e agitar sentimentos antibritânicos, mas “reergueria a barreira turca às ambições russas, o que sempre foi de grande importância para nós”.

Em 4 de dezembro, Churchill tinha novamente pressionado Lloyd George no sentido de chegar a um acordo com a Turquia. “Seu desejo de manter Mossul, e sem dúvida a Mesopotâmia, é frustrado diretamente por esta *vendetta* contra os turcos”, escreveu ele. Uma política antiturca estava perpetuando “um terrível desperdício e despesas” no Oriente Médio, tornando impossíveis “soluções mais baratas”. Nove dias depois, sugeriu ao Gabinete que a Grã-Bretanha se retirasse completamente do norte e centro do Iraque “para uma linha que cobrisse apenas Basra e os campos petrolíferas persas nas margens do rio Karun”, abandonando o controle sobre Mossul e Bagdá e devolvendo-o à Turquia. O Gabinete rejeitou a proposta.

Churchill estava perdendo seu entusiasmo pelo Ministério da Guerra, no qual se tornara responsável por compromissos em que não acreditava, como acontecera no Iraque, e pela política de repressão militar, tal como na Irlanda,

onde seu papel se limitara a fornecer homens e armas e seus apelos pelo fim da mortalidade tinham sido ignorados. Ele queria uma mudança; nesse outono tinha-se falado em enviá-lo para a Índia na qualidade de vice-rei.

Procurando ainda fazer economias no Iraque e na Palestina, Churchill sugeriu, em 31 de dezembro, o estabelecimento de um Departamento do Oriente Médio, para colocar a administração daquilo a que Churchill chamava de “desertos ingratos” sob uma única autoridade. O Gabinete concordou. Quatro departamentos oficiais estariam envolvidos em políticas e atribuições: o Ministério da Índia, o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério da Guerra e o Ministério das Colônias . O novo departamento estaria sob a égide do Ministério das Colônias e seria liderado por lorde Milner .

Na véspera de Ano-Novo, Churchill e Lloyd George encontravam-se outra vez entre os convidados de Philip Sassoon em Lympe. Lorde Riddell , que estava presente, comentou sobre a “maravilhosa memória verbal” de Churchill quando, “com muita ‘verve’, presenteou-nos com várias canções de *music hall* e recitou outros versos dos quais se lembrava sem esforço, embora não ouvisse muitos havia anos”. Porém, não foram apenas canções que se ouviu durante aquele fim de semana, pois Lloyd George precisava dos talentos administrativos de Churchill para reduzir os gastos militares britânicos no Oriente Médio. Na manhã de 1º de janeiro de 1921, ele perguntou a Churchill se estaria disposto a suceder Milner como ministro das Colônias e a encarregar-se do novo Departamento do Oriente Médio, com responsabilidade pelo Iraque e pela Palestina.

As opiniões de Churchill acerca do sionismo eram amplamente conhecidas. Um ano antes, num artigo publicado no *Illustrated Sunday Herald* , denunciando os judeus russos que tinham assumido um papel importante na imposição do regime comunista na Rússia, ele se referira ao sionismo como um “movimento inspirador”, dizendo aos seus leitores:

Se, como é bastante possível que aconteça, for criado um Estado judaico nas margens do Jordão, sob a proteção da Coroa Britânica, que pode incluir três ou quatro milhões de judeus, terá ocorrido na história do mundo um evento benéfico sob todos os pontos de vista, que estará especialmente em harmonia com os mais autênticos interesses do império britânico.

Churchill pediu uma semana para pensar sobre a proposta de liderar o Ministério das Colônias . Voltando a Lympe em 7 de janeiro, aceitou. Nesse

mesmo dia, assumiu seu sétimo posto no governo. Tinha então 46 anos de idade.

20.

Ministro das Colônias

Em 8 de janeiro de 1921, uma semana antes de tomar posse como ministro das Colônias, Churchill começou a procurar um sistema de governo para o Oriente Médio que reduzisse substancialmente as despesas de administração da região. Em 1920, a Palestina, o Iraque e a Arábia tinham custado aos contribuintes britânicos 37 milhões de libras. A tarefa administrativa de Churchill consistia em reduzir essa importância pela metade. A menos que o Iraque fosse governado economicamente, telegrafou ele ao alto-comissário no Iraque, Sir Percy Cox, e ao comandante-chefe, general Haldane, seu antigo companheiro e prisioneiro de guerra em Pretória, “uma retirada e uma concentração na planície costeira é inevitável”.

Para cortar despesas, Churchill propôs o estabelecimento de “um governo árabe” em Bagdá, que desenvolveria a região sem recorrer a “exigências impróprias” à Grã-Bretanha. A lei e a ordem seriam mantidas não por tropas britânicas, mas por uma força de polícia britânica especialmente recrutada e de “excepcional qualidade individual” e por tropas indianas trazidas para esse propósito. Nos termos do mandato da Liga das Nações, a Grã-Bretanha comprometia-se a criar no Iraque “uma nação independente, sujeita à prestação de assistência e à consultoria administrativa por um mandatário até que consiga subsistir por si própria”.

Cox já tinha proposto que um príncipe árabe, o emir Faiçal, um dos filhos do rei Hussein do Hejaz, reinasse no Iraque sob mandato. “Consegue assegurar-se de que ele é aceito localmente?”, perguntou Churchill a Cox em 10 de janeiro, acrescentando que os métodos políticos ocidentais “não são necessariamente aplicáveis no Oriente e que a base das eleições deveria ser cuidadosamente determinada”.

Churchill planejava visitar o Iraque em março, mas primeiro tirou férias no sul da França, passando por Paris para visitar uma exposição de pintura de um artista que nunca tinha exposto antes, conhecido como Charles Morin. Tratava-se, na realidade, da primeira exibição pública de quadros do próprio Churchill.

Em Paris, encontrou-se com o primeiro-ministro francês, Alexandre Millerand , a quem reiterou o fato de a Grã-Bretanha e a França compartilharem um interesse comum pelo “apaziguamento” do Oriente Médio. “Aponte a necessidade, do ponto de vista britânico e francês, de acalmar os sentimentos árabes e chegar a acordos com eles”, relatou Churchill a Lloyd George. “De outro modo, seremos certamente forçados a usar guarnições para evacuar os territórios que ambas as nações conquistaram na guerra.”

Millerand alertou Churchill para o fato de que o sionismo era uma causa de perturbação no mundo árabe e que fora muito encorajado pela Declaração Balfour , durante a guerra, a favor de uma pátria nacional judaica na Palestina. Churchill assinalou que o alto-comissário britânico na Palestina, Sir Herbert Samuel , estava “mantendo o equilíbrio” entre árabes e judeus e “contendo sua própria gente como talvez só um administrador judeu possa fazer”.

Churchill acreditava que conseguiria encorajar a colonização judaica na Palestina e ao mesmo tempo acalmar os receios de 500 mil árabes de que poderiam ser dominados pelos judeus, então uma minoria de 80 mil. Como seu conselheiro para os assuntos árabes, tinha nomeado o general T. E. Lawrence , o “Lawrence da Arábia”. Enquanto estava no sul da França, Churchill tinha sabido por Lawrence que o emir Faïçal , em conversas com Lawrence em Londres, concordara em abandonar todas as pretensões de seu pai em relação à Palestina em troca do trono do Iraque para si próprio e da Coroa da Transjordânia para seu irmão Abdullah . Esses acordos “tendem para uma economia e uma rápida resolução”, explicou Lawrence . Garantem também uma nítida fronteira, o rio Jordão, entre a área que os judeus continuariam a colonizar, a oeste do rio, e o Estado soberano árabe, a Transjordânia, a leste.

Confiante em que Faïçal e Abdullah estariam dispostos, em troca dos seus respectivos reinos, a comprometerem-se em não atacar os franceses na Síria, Churchill deu instruções a Haldane para preparar planos para a evacuação total das tropas britânicas do Iraque no final do ano, “de forma que não sejamos responsáveis por nada fora de Basra a partir de 31 de dezembro”.

No domingo de 6 de fevereiro, Churchill foi convidado por Lloyd George a ir a Chequers, à casa de campo que um mês antes tinha sido oferecida pelo lorde Lee de Fareham como um presente ao primeiro-ministro em exercício. “Você gostaria daqui”, escreveu Churchill a Clementine nesse dia. “Talvez venha conhecer qualquer dia!” Sua filha Marigold estava com ele em Chequers, recuperando-se de uma gripe séria. Marigold tinha dois anos e três meses de

idade e “entrou pelo meu quarto nessa manhã esbanjando saúde. Era uma visita formal, e ela não tinha nada em particular para me dizer, mas a sensação foi boa”.

Em vez de visitar o Iraque, Churchill decidiu ir ao Cairo e pedir aos dignitários britânicos no Iraque que se encontrassem com ele. “Sou muito a favor dessa ideia”, escreveu lorde Milner a Herbert Samuel. “Ele está muito animado e é competente e atento. Tenho certeza de que, se ele der a si mesmo tempo para compreender completamente a situação, terá opiniões sólidas, e o senhor verá que é um bom apoiador.” No entanto, Milner avisou que Churchill tinha uma fraqueza: era “afeito a tomar decisões sem conhecimento suficiente dos assuntos”. Porém, procurando esse conhecimento, como se tornara seu hábito ao longo de uma carreira ministerial de quinze anos, Churchill consultou em detalhes e correspondeu-se longamente com os peritos de seu departamento do Oriente Médio, ensaiando suas ideias com eles e procurando orientação.

Enquanto Churchill começava os preparativos para a reunião no Cairo, Clementine recuperava as forças em Saint Jean Cap Ferrat, no sul da França. Os assuntos que ocupavam a mente de seu marido, escreveu-lhe ela, faziam com que “essa pequena península pareça um ponto sobre o mar enquanto você voa num avião por cima da grande cornija da vida”. Seu esforço mais recente, disse-lhe ele, tinha sido um discurso na União da Língua Inglesa:

Foi difícil fazer um discurso entusiástico acerca dos Estados Unidos quando tantas coisas desagradáveis a nosso respeito estão sendo ditas por lá e enquanto eles espremem o último *penny* de seus infelizes aliados. De qualquer modo, só existe uma estrada para caminharmos, que é nos mantermos tão amigáveis com eles quanto possível, sermos extremamente pacientes e esperarmos pelo florescimento de sentimentos melhores.

A principal causa de tensão com os Estados Unidos era a Irlanda. Churchill apoiava o empenho do governo na autonomia irlandesa e estava à procura de meios para implementá-la. “Estou tentando encontrar um plano”, disse ele a Clementine em 14 de fevereiro. Também relatou nessa data que a pequena Marigold “me faz uma visita todas as manhãs e se interessa muito por tudo o que se diz ou se mostra a ela”. Nessa tarde, tomou formalmente posse de seu novo cargo; no dia seguinte, preparando a Conferência do Cairo, continuou a fazer esforços para reduzir as despesas anuais no Iraque de 20 milhões para 7 milhões. “Estou determinado a economizar milhões nessa área”, escreveu ele ao

ministro das Finanças, Austen Chamberlain .

Clementine estava entusiasmada com a visita ao Egito e encontraria com o marido em Marseille. “Estou ansioso para ver seu rosto querido e tenho esperança de encontrar nele uma consolidação real de sua saúde”, escreveu ele. Churchill relatou que os filhos se encontravam bem; tinha dado a Diana , Sarah e Marigold “a escolha entre ver Randolph ou ir ao jardim zoológico. Elas gritaram por Randolph da maneira mais leal e valente, de forma que se arranjou também a ida ao zoo”. Randolph era agora aluno interno numa escola preparatória; o pai tinha ido visitá-lo e achou-o “bastante animado”. Todas as quatro crianças “estavam amorosas e comiam muito”.

Antes de partir para o Cairo, Churchill pressionou Lloyd George mais uma vez no sentido de fazer a paz com a Turquia, garantindo assim a fronteira norte do Iraque contra incursões hostis, mas Lloyd George tinha decidido dar seu apoio aos gregos, que estavam, nessa mesma ocasião, planejando uma importante ofensiva a partir da costa egeia da Anatólia em direção ao interior turco. Churchill considerou demitir-se caso Lloyd George continuasse a encorajar os gregos, mas se conteve. Então, em 2 de março, deixou Londres a caminho de Marseille, onde se reuniu com Clementine . Juntos, embarcaram no navio para o Egito, chegando em Alexandria seis dias depois. Antes de seguir de trem para o Cairo, Churchill visitou a baía de Abukir, palco da vitória naval de Nelson sobre os franceses em 1798.

A conferência começou em 12 de março. Entre os peritos, encontravam-se Lawrence , Cox e Gertrude Bell, e em dez dias foram passados em revista todos os aspectos do futuro do Oriente Médio. A economia era o objetivo final, e a estabilidade política era o meio. Churchill apresentou uma proposta que visava a autonomia dos curdos do norte do Iraque. Ele era a favor dessa solução porque temia um governante iraquiano que “ignorasse os sentimentos dos curdos e oprimisse a minoria curda”, mas seus conselheiros minimizaram esses receios acreditando que a Grã-Bretanha teria sempre a possibilidade de exercer uma influência moderadora sobre Bagdá.

Durante uma pausa de um dia na conferência, Churchill montou seu cavalete em frente às pirâmides e começou a pintar. Dois dias depois, deu um passeio de camelo em volta da esfinge, com Clementine , Lawrence e Gertrude Bell. Durante o passeio, Churchill foi jogado no chão pelo animal, esfolando uma das mãos, mas insistiu em continuar; segundo o relato de um jornal local, “fez vários desenhos em Sakkara e, acompanhado pelo coronel Lawrence , voltou de

camelo a Mena House”.

No final da conferência, tinha-se concordado em instalar o emir Faiçal no Iraque e o emir Abdullah na Transjordânia, apoiar Abdullah financeiramente “para garantir que não houvesse perturbações antissionistas”, reduzir em dois terços a guarnição no Iraque e defender as zonas periféricas com unidades da Força Aérea britânica, cortando desse modo as despesas militares em dois terços dentro de três a quatro anos. Também estabeleceriam uma linha aérea civil do Cairo a Karachi, completando assim a ligação aérea entre a Inglaterra e a Índia.

À meia-noite de 23 de março, Churchill deixou o Cairo, de trem, para Jerusalém. Durante uma breve parada em Gaza, cedo na manhã seguinte, foi acolhido por uma vasta multidão árabe, que gritava “Viva o ministro” e “Viva a Grã-Bretanha”. Com um entusiasmo ainda maior, o povo gritava “Abaixo os judeus” e “Cortem seus pescoços!”. Ignorando o que era dito, Churchill sentiu-se encantado com aquele frenesi. O trem prosseguiu até Jerusalém, onde Churchill ficou no complexo Augusta Victoria, uma das mais impressionantes edificações do Kaiser no levante, que agora servia como sede do governo.

No dia seguinte à chegada em Jerusalém, houve distúrbios árabes em Haifa para exigir a cessação da imigração de judeus. Quando a polícia abriu fogo para dispersar a multidão, um garoto árabe cristão de 13 anos e uma mulher árabe muçulmana foram mortos. No dia seguinte, 27 de março, Churchill dirigiu-se ao cemitério militar britânico no monte Scopus, sobre Jerusalém, onde assistiu a um serviço religioso pelos 2 mil soldados britânicos sepultados no local. Nessa noite, ao jantar com o emir Abdullah, explicou o desejo britânico de ver o emir instalado em Amã como senhor da Transjordânia, com o compromisso de não empreender atividades antifrancesas ou antissionistas. Quanto à Palestina, enquanto fosse permitida a entrada dos judeus, “os direitos da população não judaica existente seriam rigorosamente mantidos”. Abdullah aceitou essas garantias, mas os árabes locais, não; numa petição a Churchill, eles avisaram que, se a Grã-Bretanha não prestasse atenção ao clamor deles por um fim da imigração judaica, “talvez a Rússia, ou mesmo a Alemanha, levasse a sério o brado”. O objetivo dos sionistas, alertavam os árabes, era estabelecer um reino judaico na Palestina “e gradualmente controlar o mundo”.

Os árabes pediram que Churchill abolisse o princípio da pátria judaica e interrompesse a imigração judaica até que se estabelecesse um governo nacional “eleito pelo povo palestino”. Churchill respondeu-lhes que não estava em seu poder deferir o pedido “nem, mesmo que estivesse em meu poder, seria esse meu desejo”. Ele acrescentou: “Além disso, é justo que os judeus que se

encontram espalhados por todo o mundo possam ter um centro nacional e uma pátria. E onde poderia ser se não nessa terra da Palestina com a qual estiveram íntima e profundamente associados ao longo de 3 mil anos?” A Palestina podia ter “um número de pessoas muito superior ao atual”, os judeus trariam uma prosperidade da qual todos os habitantes se beneficiariam e nenhum árabe seria despojado. Um governo próprio com a possibilidade de uma maioria judaica levaria tempo. “Todos nós já teremos desaparecido dessa terra, também nossos filhos e os filhos de nossos filhos, antes que isso seja plenamente conseguido.”

Aos judeus da Palestina, cuja delegação ele recebeu logo a seguir aos árabes, Churchill referiu-se ao sionismo como “um grande acontecimento no destino do mundo” e desejou-lhes sucesso para vencer as “sérias dificuldades” que se apresentariam em seu caminho. “Se não acreditasse no mais alto espírito de justiça e idealismo do seu povo e em que seu trabalho irá efetivamente conferir bênçãos a toda a região, eu não teria as grandes esperanças que tenho de que eventualmente sua obra será cumprida”, disse ele.

Em 29 de março, Churchill plantou uma árvore no local da futura Universidade Hebraica no monte Scopus. “A esperança de vossa raça ao longo de tantos séculos será gradualmente realizada aqui, não só para seu próprio benefício, mas também para benefício de todo o mundo”, disse ele. Contudo, os habitantes não judaicos não deveriam sofrer. “Cada passo que se dê deverá ser para o benefício moral e material de todos os habitantes da Palestina, judeus e árabes por igual.” “Se isso for feito, a Palestina será feliz e próspera: a paz e a harmonia reinarão sempre e essa terra se converterá num paraíso, numa terra de leite e mel onde os sofredores de todas as raças e religiões encontrarão o descanso depois de suas provações.”

Churchill queria viajar para norte, a partir de Jerusalém, até a cidade árabe de Nablus, seguindo depois para os colonatos judaicos da Galileia, mas, uma semana antes, enquanto estava no Cairo, havia recebido a notícia de que Bonar Law tinha sido forçado, por razões de saúde, a demitir-se do cargo de lorde do Selo Privado e de líder da Câmara dos Comuns. Seu lugar foi ocupado por Austen Chamberlain, deixando vago o Ministério das Finanças. “Pobre Winston, que pouca sorte para ele estar no Cairo nesse momento!”, escreveu Henry Wilson em seu diário. Esperava-se que Churchill regressasse imediatamente do Cairo, mas ele tinha prosseguido para Jerusalém. Churchill pensou em desistir da viagem para o norte e voltar para a Alexandria o mais depressa possível. Soubera que um navio italiano se preparava para partir para Gênova em 31 de março e estava decidido a embarcar. Após menos de três

meses no Ministério das Colônias , ele estava muito interessado em ir para o Tesouro, o último lugar, encurtado em sua duração, que seu pai tinha ocupado no Gabinete.

Deixando Jerusalém, Churchill retornou à costa de automóvel, visitando a cidade judaica de Tel Aviv, fundada em 1909, e depois a colônia agrícola judaica de Rishon LeZion. Na colônia, “a primeira no Sião”, fundada em 1880, ele ficou impressionado pelos cinquenta jovens judeus que o receberam a cavalo na entrada, pelas “damas vestidas de branco” que o aguardavam no centro e finalmente pelos vinhedos e laranjais. “Desafio quem quer que seja, após ver um trabalho dessa espécie, conseguido à custa de tanto esforço e talento, a dizer que o governo britânico, após ter tomado a presente posição, seria capaz de pô-lo de lado, deixando que fosse rude e brutalmente derrubado por um ataque fanático de uma população árabe vinda de fora”, diria ele à Câmara dos Comuns em seu regresso.

Churchill chegou a Alexandria a tempo de embarcar no navio para Gênova. O que ele não sabia é que o presidente da Junta de Comércio, o deputado conservador Sir Robert Horne, que estava no sul da França no momento da demissão de Bonar Law , já havia regressado a Londres e estava prestes a ser nomeado ministro das Finanças. “Winston ainda está muito zangado com o primeiro-ministro”, escreveu Frances Stevenson duas semanas depois do regresso de Churchill. “Ele estar fora quando foram feitas tantas mudanças virou a piada do momento.”

Churchill permaneceu na França, em Cap d’Ail, de onde escreveu a Austen Chamberlain para felicitá-lo por tornar-se líder da Câmara dos Comuns : “Quando recorro os projetos de um partido nacional defendidos por nossos pais, acho agradável pensar que estamos ambos participando de sua concretização.” Churchill acrescentou: “Estarei de volta no fim da semana, mas preciso de uns dias de pausa após cinco semanas de confusão e de viagens. Trago-lhe de volta 5,5 milhões de libras deste ano e, espero, mais vinte milhões retirados das despesas do ano que vem.”

As esperanças de Churchill sobre as economias na Palestina não se cumpriram. A continuação de protestos árabes devido à imigração judaica conduziu, no início de maio, a motins em Jafa, nos quais trinta judeus e dez árabes foram mortos. A reação de Samuel foi decretar uma suspensão temporária da imigração judaica. Churchill apoiou a decisão do alto-comissário dando-lhe instruções para anunciar “que a imigração não será reaberta até a absorção dos imigrantes que já se encontram na região”. Samuel disse a

Churchill que existia um “núcleo duro” de judeus comunistas que tinham provocado os árabes para que se amotinasse. Era responsabilidade de Samuel, respondeu Churchill, “limpar as colônias judaicas e os recém-chegados de elementos comunistas e, sem hesitação ou atraso, expulsar da região todos os que são culpados de agitação subversiva”. Ele estava ainda mais irritado pela tentativa árabe de utilizar violência por toda a Palestina, “na esperança de nos assustar ao ponto de abandonarmos nossa política pró-sionista”. A Grã-Bretanha deve manter firmemente a lei e a ordem, disse ele a Samuel, “e fazer concessões com base nos méritos e nunca cedendo à força”.

No entanto, com a esperança de apaziguar a hostilidade árabe, Samuel decidiu não cobrar as multas que tinham sido aplicadas aos árabes culpados pelos motins. Churchill opôs-se a essa decisão. “Na minha opinião, é essencial que Jafa, bem como as aldeias, sejam chamadas à responsabilidade no prazo mais curto possível”, disse ele a Samuel. “Não podemos permitir que a justiça seja governada pelas conveniências.” Se fosse difícil a Samuel impor a cobrança das multas, Churchill estava disposto, conforme acrescentou, a obter o envio de um navio de guerra para ajudar a manter a autoridade.

Numa reunião do Gabinete em 31 de maio, ao discutir o futuro a longo prazo do mandato da Palestina e as exigências árabes pelo estabelecimento imediato de uma assembleia eletiva, Churchill explicou que tinha decidido suspender o desenvolvimento das instituições representativas na Palestina “devido ao fato de que qualquer corpo eleito sem dúvida proibiria a continuação da imigração judaica”. Ao mesmo tempo, numa tentativa de acalmar os temores dos árabes, aprovou uma proposta de Samuel para que a imigração judaica fosse limitada pela “capacidade econômica” da Palestina para absorver os recém-chegados.

Apreensivo com novos motins na Palestina e com os custos para a Grã-Bretanha, que subiam inexoravelmente, Churchill apegou-se ansiosamente a uma sugestão casual feita por Lloyd George numa reunião do Gabinete em 9 de junho, propondo que os dois mandatos, da Palestina e do Iraque, fossem transferidos para os Estados Unidos. Churchill pretendia anunciar a proposta na Câmara dos Comuns quando falasse acerca do Oriente Médio em 14 de junho, mas Lloyd George, que nem sequer tinha abordado o assunto com Washington, persuadiu-o a não o fazer. Em seu discurso, Churchill defendeu as responsabilidades britânicas na Palestina, bem como as diretivas políticas que tinha estabelecido. “Não podemos, depois de tudo o que dissemos e fizemos, deixar os judeus serem maltratados pelos árabes, que têm sido inflamados nesse sentido.” Os receios árabes de serem empurrados para fora do território eram

“ilusórios”. Nenhum judeu imigraria “além do número que pode ser sustentado pela riqueza em expansão e pelo desenvolvimento dos recursos da região. Não existe qualquer dúvida de que a região está muito subpovoada no momento presente”.

O discurso de Churchill foi um triunfo pessoal; “um de seus melhores”, nas palavras de Lloyd George. Porém, no debate que se seguiu, um deputado conservador alertou para o fato de que “uma vez que se comece a comprar terras para serem ocupadas por agricultores judeus, seremos colocados diante da antipatia hereditária que existe por todo o mundo em relação à raça judaica”. Churchill não se demoveu. Oito anos mais tarde, quando o primeiro-ministro canadense perguntou-lhe se o objetivo da Grã-Bretanha era dar aos judeus o “controle do governo” na Palestina, ele responderia: “Se daqui a muitos, muitos anos eles se tornarem a maioria, naturalmente assumirão o poder.”

Em 29 de maio, a mãe de Churchill caiu nas escadas, fraturando o tornozelo. Com uma gangrena, a perna esquerda foi amputada, acima do joelho, em 10 de junho. “Perigo definitivamente terminado”, telegrafou Churchill, em 23 de junho, ao terceiro marido da mãe, Montagu Porch . Porém, três dias depois, foi chamado com a notícia de que ela tinha sofrido uma súbita hemorragia. Quando chegou, lady Randolph já estava inconsciente. Viria a morrer poucas horas depois, sem ter recuperado a consciência. “Ela já não sofre qualquer dor nem conhecerá a velhice, a decrepitude, a solidão”, escreveu Churchill a um amigo uma semana depois.

Precisava tê-la visto em repouso, depois de terminado todo o sol e o turbilhão da vida. Bela e esplêndida. Desde a manhã, quando sentia dores, trinta anos tinham desaparecido de seu semblante. Ela me fez lembrar o semblante que eu tinha admirado quando criança, ela estava em seu auge, e o antigo mundo brilhante dos anos 1880 e 1890 pareceu ter voltado.

Lady Randolph tinha 67 anos de idade quando morreu. Foi sepultada no cemitério da igreja de Blandon, ao lado de lorde Randolph , em 2 de julho. Um primo que estava presente no funeral escreveu: “Jack e Winston pareciam viúvos.” Churchill escreveu a lorde Curzon : “Não tenho um sentimento de tragédia, apenas de perda. Ela teve uma vida repleta. O vinho da vida corria em suas veias. Mágoas e tempestades eram conquistadas por sua natureza e, no fim das contas, foi uma vida cheia de luz.” “Todos nós prosseguimos estrada afora”,

acrescentou Churchill.

Seis dias após o funeral da mãe, Churchill discursou perante a Conferência Imperial, em Londres, onde falou sobre sua visão de reconciliação da França e da Alemanha e a emergência de uma Europa cujas queixas e desigualdades fossem removidas por negociações e acordos. “O objetivo é obter um apaziguamento dos temíveis ódios e antagonismos que existem na Europa e permitir ao mundo assentar-se”, disse ele perante vários primeiros-ministros. O papel da Grã-Bretanha seria de “aliado da França e amigo da Alemanha”. A menos que ela pudesse ajudar a mitigar o “horrível rancor, o medo e o ódio” entre as duas nações, esses sentimentos com certeza trariam novamente à tona, “em pouco mais que uma geração, um recrudescer da luta que terminara havia tão pouco tempo”.

Nesse verão, Churchill tentou mais uma vez persuadir Lloyd George a fazer as pazes com a Turquia, mas o primeiro-ministro estava entusiasmado demais com os recentes sucessos dos gregos no campo de batalha para ver os perigos que advinham de uma Turquia hostil. Mesmo o apoio turco a uma revolta antibritânica no norte do Iraque não foi suficiente para convencê-lo. Clementine pressionou o marido a evitar conflitos com Lloyd George, escrevendo-lhe em 11 de julho: “Creio que enquanto ele for primeiro-ministro, é preferível ir com ele à caça a ficar nas moitas e vê-lo galopar com um olhar turvo.”

A carta de Clementine continha também um aviso para evitar entrar em especulações com títulos e ações: “Tenhamos cuidado para não arriscar nossa recente fortuna em operações que não compreendemos e que não temos tempo para aprender e para praticar. A política é absolutamente absorvente, e *deve* sê-lo, e agora você tem a pintura para seu ócio e o polo para emoção e perigo.” A “fortuna recente” era a propriedade Garron Towers, na Irlanda do Norte, que Churchill tinha acabado de herdar de um primo distante e que lhe proporcionaria 4 mil libras anuais em rendas e rendimentos, acabando com as preocupações financeiras dos anos anteriores.

No começo de agosto, Marigold, a filha de Churchill, então com dois anos e meio, adoeceu com meningite. Seus colegas de Gabinete apressaram-se em desejar à menina rápidas melhoras. “A criança está um pouco melhor, mas ainda estamos terrivelmente preocupados com ela”, escreveu Churchill a Curzon em 22 de agosto. Dois dias depois, Marigold faleceu. Os pais ficaram devastados.

Era “tão triste”, escreveu Churchill a um amigo, “essa pequena vida se extinguir quando parecia vir a ser tão bela e tão feliz, exatamente quando tudo estava começando”.

Marigold foi sepultada no cemitério de Kensal Green, na parte oeste de Londres. Em busca de solidão, Churchill foi para Dunrobin Castle, na Escócia, propriedade de um amigo, o duque de Sutherland, cujo irmão, Alastair, de 31 anos, tinha morrido quatro meses antes em resultado de ferimentos sofridos na Frente Ocidental. Churchill passou vários dias em Dunrobin, onde pintou e refletiu. Em 19 de setembro, escreveu a Clementine, que tinha ficado em Londres para estar perto do túmulo da filha.

Faz outro dia esplêndido, e vou até o rio para captar imagens. É muito mais divertido do que pescar salmão. Tenho muitos pensamentos ternos, minha querida, todos sobre você e seus doces filhotes. Infelizmente, continuo a sentir tristeza por Duckadilly. Imagino que todos tenham feito uma peregrinação ontem. Passaram já vinte anos desde as primeiras vezes que aqui vim. George e Alastair eram garotinhos. Agora Alastair está sepultado junto ao túmulo do pai, com vista sobre a baía. Outros vinte anos me levarão ao fim do tempo que me é atribuído, se é que vou viver tanto. As reflexões da meia-idade são melancólicas. Eu entenderei o que vier.

As esperanças de Churchill em uma redução de despesas no Oriente Médio estavam muito abaladas. A violência contínua, quer no Iraque quer na Palestina, obrigavam-no a manter forças superiores às que ele tinha previsto. No norte do Iraque, os aviões da Força Aérea britânica bombardeavam homens de tribos que continuavam a atacar as guarnições britânicas periféricas. Em Jerusalém, em 2 de novembro, no quarto aniversário da Declaração Balfour, outro motim árabe contra a pátria nacional judaica resultou na morte de um árabe e quatro judeus. Dez dias depois, Churchill disse aos seus conselheiros: “Por favor, lembrem-se de que tudo o que acontecer no Oriente Médio é secundário em relação à redução de despesas.”

No que dizia respeito à Irlanda, a meta de Churchill não era economia, mas reconciliação. Em fevereiro de 1921, Clementine tinha lhe escrito:

Por favor, meu querido, use sua influência *agora* para que haja alguma moderação ou justiça na Irlanda. Ponha-se no lugar dos irlandeses. Se você fosse o líder, certamente não seria dominado pela severidade nem pelas

represálias que caem como chuva do céu sobre o justo e sobre o injusto. Fico infeliz e desapontada ao vê-lo *inclinado* para o princípio de que o método “a la huno”, com punho de ferro, prevalecerá.

O conselho de Clementine não foi ignorado; em maio, Churchill tinha dado seu apoio à ideia de uma trégua entre o governo e o Sinn Fein , na esperança de que um estado de espírito mais moderado emergisse entre aqueles que tinham continuado a recorrer a crimes em busca do objetivo político de uma Irlanda unida e independente. Em julho, instou seus colegas a reconhecerem “o fracasso da política de força”. A trégua entrou em vigor nesse mês. Em setembro, num encontro de ministros em Gairloch, na Escócia, Churchill, que tinha viajado de automóvel por duzentos quilômetros desde Dunrobin, onde se encontrava desde a morte de Marigold, insistiu que Lloyd George concordasse com negociações sem condições prévias. Estava preparado para oferecer aos irlandeses todos os benefícios do estatuto de domínio ; quando apresentou esse plano ao seu círculo eleitoral, três dias depois, o *Times* louvou “o alcance e a lucidez do seu discurso”.

Em 11 de outubro, Churchill foi um dos sete negociadores britânicos que se encontraram com os chefes do Sinn Fein na Downing Street. “É importante deixar claro que não pretendemos ficar com o domínio político”, disse Lloyd George aos seus ministros durante um intervalo nas discussões. Essa era também a opinião de Churchill; duas semanas depois, ele chegou a sugerir a inclusão dos seis condados do Ulster no Parlamento de Dublin, “com autonomia”, e a afirmar que, para garantir um acordo com o sul, o Ulster devia ter sua autonomia a partir de Dublin, e não de Westminster. Desse modo, disse ele, “o Ulster obtém sua própria proteção, uma parte efetiva no Parlamento do sul e proteção para os unionistas do sul”.

Os unionistas do Ulster protestaram contra a autonomia sob qualquer forma; eles queriam permanecer como parte integrante do Reino Unido. Lloyd George, já muito pouco convencido da possibilidade de um acordo, falou em demissão. Churchill dissuadiu-o, avisando-o de que podia suceder à coligação um “governo conservador e reacionário”. Em 12 de novembro, propôs que fosse dado ao sul o estatuto de “Estado irlandês”, com um Parlamento totalmente irlandês, lugar na Conferência Imperial e assento na Liga das Nações. O Ulster poderia “ficar de fora”.

Em 29 de novembro, véspera de seu 47º aniversário, Churchill estava na Downing Street quando o rascunho do Tratado Irlandês, para o qual tinha

contribuído muito, foi entregue aos delegados do Sinn Fein , que o levaram para Dublin e regressaram dois dias depois para clarificação. Churchill foi um dos quatro ministros que discutiram com os irlandeses os pontos de maior destaque, ganhando o respeito dos negociadores do Sinn Fein, Arthur Griffith e Michael Collins , por seu empenho em tentar encontrar uma saída mesmo para os mais difíceis impasses. Os delegados voltaram a Dublin e retornaram mais uma vez a Londres um dia depois. Churchill foi novamente escolhido para fazer parte da equipe de negociações. Sua tentativa de encontrar uma fórmula aceitável para o último ponto em causa, a subordinação à coroa, foi contínua ao longo do domingo, 4 de dezembro, e do dia seguinte, quando, à meia-noite, Griffith e Collins discutiram os últimos pormenores. E, então, pouco antes das 3h de 6 de dezembro, o tratado foi assinado.

“Quando os irlandeses se levantaram para sair, os ministros britânicos, num forte impulso, deram a volta à mesa e, pela primeira vez, foram apertar-lhes a mão”, recordou Churchill mais tarde. No dia seguinte, Churchill aconselhou o Gabinete a suspender a pena de morte para os militantes do Sinn Fein que tinham sido condenados. Seu conselho foi aceito. “Nós nos tornamos aliados e parceiros numa causa comum”, refletiria Churchill oito anos mais tarde; essa causa era o Tratado Irlandês e a “paz entre duas raças e duas ilhas”.

Reconhecendo os talentos de Churchill como conciliador e sua habilidade em apresentações detalhadas, Lloyd George incumbiu-o da tarefa de apresentar e defender o Tratado Irlandês no Parlamento. Para a maior parte dos conservadores , o tratado era uma traição à soberania imperial e aos protestantes do sul. Churchill precisaria usar todos os seus talentos para persuadi-los de que se tratava de um ato de sensatez e de capacidade política dar à Irlanda do Sul o direito de governar a si própria. Nos termos do tratado, explicou ele na Câmara dos Comuns em 15 de dezembro, a Grã-Bretanha mantinha a ligação da Irlanda à Coroa, sua participação no império, facilidades para a Marinha inglesa nos portos do sudoeste e uma “opção completa” para o Ulster. Era “o momento certo para o corpo principal da opinião pública irlandesa e britânica fazer valer sua determinação para pôr fim a todas as querelas fanáticas” que tinham escorraçado Pitt de seu lugar, abatido Gladstone “no auge de sua carreira” e arrastado “a nós que estamos aqui sentados” até à beira de uma guerra civil em 1914.

O discurso de Churchill, segundo Austen Chamberlain relatou ao rei, teve um “profundo efeito” na Câmara. Em Dublin, o presidente do Parlamento, Eamon de Valera, rejeitou o tratado, insistindo em que a Irlanda do Sul deveria tornar-

se uma república independente sem qualquer ligação à Coroa, mas quatro dos sete ministros de seu gabinete votaram a favor do Tratado e, com ele, do estabelecimento do que viria a ser chamado de Estado Livre da Irlanda. Churchill foi nomeado presidente de uma comissão ministerial encarregada da preparação dos pormenores para a implementação do tratado. Em 21 de dezembro, preconizou a criação de tribunais no Estado Livre da Irlanda tão cedo quanto possível e aconselhou que o exército britânico, que sairia da Irlanda do Sul, começasse imediatamente a fazer “preparativos ostensivos para partir”. Não haveria “apegos” no controle britânico, fosse civil ou militar.

No final de 1921, Churchill encontrava-se mergulhado numa controvérsia que germinara ao longo de meses. Durante todo o verão, vários jornais tinham clamado por maior economia nas despesas do governo, montando uma campanha contra o desperdício que ameaçava a estabilidade do próprio governo. No final de dezembro, uma comissão, encabeçada por Sir Eric Geddes, recomendara reduções drásticas nas despesas do Exército, da Marinha e da Força Aérea. Quando Churchill protestou contra essas conclusões, Lloyd George nomeou-o para presidir a uma Comissão Ministerial de Orçamento de Defesa, cujo objetivo era estudar cortes nas despesas das Forças Armadas sem incorrer em perigo para a segurança nacional.

A comissão reuniu-se em 9, 10 e 12 de janeiro de 1922, quando ele avisou que, quaisquer que fossem as economias com as quais concordassem, a existente força da Marinha devia ser mantida “para permitir nossa defesa até sermos capazes de reunir todos os recursos militares do império para fazer frente a um inimigo”. Numa reunião posterior, em 23 de janeiro, opôs-se ao encerramento do estabelecimento de treino aéreo de Halton, uma das propostas de Geddes. Os rapazes de Halton, segundo Churchill, “eram treinados no melhor ambiente possível, no qual o espírito de disciplina e de lealdade, não só à sua arma, mas também à sua pátria, eram instilados desde o início”. Numa quinta sessão, em 25 de janeiro, ele concordou, relutantemente, com uma redução do orçamento da Marinha, não obstante a oposição do primeiro-lorde do Almirantado, almirante Beatty, à aceitação de quaisquer economias.

Em 27 de janeiro, enquanto viajava de trem para Lympne, onde passaria um fim de semana, Churchill escreveu a Clementine :

Essa foi uma semana de trabalho duro para mim. Discursos contínuos e discussões, um assunto grave após o outro. Um gostinho do que um dia cairá

sobre mim. Entretanto, consegui transmitir completamente minhas opiniões sobre o relatório financeiro de Geddes . Contudo, o combate contra o Exército, a Marinha e a Força Aérea, de um lado, e contra Lloyd George, Geddes e a imprensa sensacionalista, de outro, tem sido muito duro. Não sinto a menor confiança no critério de L. G. nem em sua preocupação com nossa situação naval. Tudo que acalme os ânimos e o falatório dos ignorantes e jornais é suficiente para ele, mas eu tento — ainda que de uma maneira fraca — pensar pela Inglaterra. Depois, por outro lado, tenho de espremer Beatty muito cruelmente para livrar-me da “gordura” naval em oposição à cabeça, aos ossos e aos músculos. É uma provação bastante peculiar, e a gente comum não faz a mínima ideia sobre ela. Com certeza você tem acompanhado as especulações dos jornais e os discursos correntes. Tudo aqui está em frenesi, o que é certo. Quanto mais cedo vierem as eleições, melhor, agora que a controvérsia está definitivamente lançada.

Numa nota pessoal, Churchill acrescentou: “As crianças estão um encanto. Diana está se tornando uma linda criatura. Sarah está cheia de vida e humanidade — e tem sua maravilhosa cabeleira.”

No final de dezembro de 1921, Churchill havia tirado férias no sul da França. Tinha levado consigo várias caixas de documentos relativos ao período em que ocupou o cargo de primeiro-lorde do Almirantado, com o objetivo de tecer uma narrativa da guerra, tanto para contar a história quanto para responder às críticas à sua conduta. Já tinha aceitado um pagamento em dinheiro de um editor inglês no montante de 9 mil libras para começar o livro, além de mais 13 mil libras pela publicação nos Estados Unidos. Lloyd George, que viajou com Churchill de Paris até o sul da França, leu no trem as primeiras tentativas de Churchill. “Ele elogiou o estilo e fez várias sugestões, muito boas, que vou incluir”, contou Churchill a Clementine . “É uma grande oportunidade poder apresentar todo o meu caso de forma agradável e a um público atento. E o pagamento nos deixará muito confortáveis. Por isso, ao cair da noite, imagine-me em meu nicho, escrevendo, ditando e remexendo papéis como o editor de um jornal barato.”

Churchill e Lloyd George não discutiram apenas literatura. Em 2 de janeiro, ainda no sul da França, Churchill escreveu ao príncipe de Gales acerca da Irlanda. “O primeiro-ministro entregou-me agora esse assunto, e devo regressar depressa, deixando esse lugar delicioso (de lady Essex), onde aproveitei uns

dias de sol para fazer nascer, o mais cedo possível, o governo provisório irlandês.” Churchill voltou a Londres em 7 de janeiro. No dia seguinte, o Parlamento irlandês em Dublin votou a aprovação do tratado enquanto De Valera demitiu-se. Em 15 de janeiro, Collins tornou-se primeiro-ministro.

O castelo de Dublin, centro e símbolo da soberania britânica, onde Churchill tinha passado os primeiros tempos de sua juventude, foi entregue ao Estado Livre em 16 de janeiro. Nesse dia, Churchill ordenou o início imediato da evacuação das tropas britânicas. Cinco dias depois, convidou o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Sir James Craig, para encontrar-se com Collins em território neutro, marcando a reunião em sua própria sala no Ministério das Colônias. Craig aceitou. “Ambos se fulminaram magnificamente com o olhar”, escreveria Churchill mais tarde.

Depois de uma curta conversa banal, escapuli com um pretexto qualquer e deixei-os sozinhos. O que aqueles dois irlandeses, separados por um abismo de religião, sentimentos e conduta, disseram um ao outro, não sei dizer, mas demorou bastante tempo, e, como eu não quis perturbá-los, por volta de uma hora foram delicadamente introduzidas costeletas de carneiro etc. Às 16h, o secretário particular anunciou sinais de atividade na frente da Irlanda, e aventurei-me a espreitar. Eles anunciaram-me um acordo completo. Queriam ajudar-se mutuamente em todos os aspectos.

Três dias após esse encontro, o governo do Estado Livre terminou seu bloqueio econômico ao Ulster, conforme previsto no tratado, o comércio livre começou imediatamente entre o norte e o sul. Em 30 de janeiro, num gesto adicional de conciliação para com o sul, a opinião de Churchill prevaleceu sobre Lloyd George e sobre as fortes objeções do Ministério de Guerra no sentido de libertar treze soldados irlandeses que se amotinaram na Índia em 1920 e que tinham sido condenados à prisão perpétua pelo Conselho de Guerra.

Quando rebentaram atritos sobre a linha de fronteira entre o norte e o sul, Churchill empenhou-se em acalmar os ânimos que explodiram outra vez em violência. “Estou satisfeito por ter essa tarefa em mãos e tenho esperança de poder conduzi-lo numa rota segura, entre tempestades e rochas”, escreveu ele a Clementine em 4 de fevereiro. Em 15 de fevereiro, depois de trinta pessoas terem sido mortas pelos extremistas do Exército republicano irlandês, que rejeitavam o tratado, Churchill encontrou-se novamente com Collins em Londres. Os dois homens concordaram no estabelecimento de uma Comissão de

Fronteira, composta por dois grupos, um do norte e outro do sul, para se consultarem e definirem, de aldeia em aldeia e de propriedade em propriedade, a linha exata da fronteira.

No dia seguinte, Churchill apresentou ao Parlamento a Lei do Estado Livre Irlandês , dizendo aos deputados:

Se desejarem ver a Irlanda degenerar numa confusão caótica e sem lei, atrasem essa lei. Se desejarem ver um derramamento de sangue cada vez mais sério ao longo de toda a fronteira do Ulster, adiem essa lei. Se quiserem que essa Câmara tenha nas mãos, como tem agora, a responsabilidade pela paz e pela ordem na Irlanda do Sul sem os meios para garanti-las e se quiserem impor essas mesmas atrozidades condições ao governo provisório irlandês, adiem essa lei.

Durante seu discurso, Churchill evocou a luta em 1914, quando o assunto em causa tinha focado nas paróquias em Fermanagh e Tyrone:

E, então, chegou a Grande Guerra. Praticamente todas as instituições do mundo ficaram sob pressão. Grandes impérios foram derrubados. O mapa da Europa foi mudado. A posição dos países foi violentamente alterada. As formas de pensamento dos homens, todo o panorama dos negócios e os agrupamentos dos partidos foram objeto de violentas mudanças nesse dilúvio mundial. Porém, à medida que o dilúvio se abate e as águas recuam, vemos os campanários tristonhos de Fermanagh e Tyrone a emergirem novamente. A integridade de seu conflito é uma das poucas instituições que ficaram inalteradas pelo cataclismo que avassalou o mundo. Isso diz muito sobre a persistência com que os irlandeses, de um lado e do outro, são capazes de prosseguir em suas controvérsias. Isso diz muito, também, acerca do poder que a Irlanda tem, quer Nacionalista quer Orange, em agarrar os fios vitais da vida e da política britânicas e segurar, dominar e agitar, ano após ano, geração após geração, a política dessa poderosa nação.

“Winston fala com grande brilhantismo”, escreveu em seu diário Herbert Fisher , presidente do Conselho de Educação.

Em certo momento do debate, o meio-irmão de Austen Chamberlain , Neville, afirmou perante a Câmara que o discurso de Churchill o deixara “mais

convencido que nunca” de que a Comissão de Fronteira trataria o Ulster de forma decente. Quando os votos foram contados, soube-se que 302 deputados apoiavam o governo enquanto apenas 60 eram contra. Em vão, durante a terceira leitura da lei, vários deputados conservadores abandonaram a Câmara durante o discurso de Churchill. A lei passou nessa mesma tarde.

Quando os crimes deflagraram novamente na Irlanda, Churchill esteve no centro das tentativas para isolar os extremistas de ambos os lados. “Nós faremos nosso melhor, mas compete aos irlandeses que se preocupam com a Irlanda tentarem concretizar um melhor estado de coisas. Apenas eles podem fazer isso”, afirmou ele na Câmara dos Comuns em 27 de março. Dois dias depois, convidou Collins e Craig para irem outra vez a Londres, ajudando-os a redigir um acordo entre norte e sul no sentido de conter os crimes. Após dois dias de intensas negociações, com Churchill como mediador, chegou-se a um acordo. O Exército republicano irlandês cessaria todos os ataques fronteiriços. Em Belfast, a força policial consistiria em números iguais de protestantes e católicos. O próprio Churchill contribuiu para acalmar a situação, oferecendo 500 mil libras para serem gastas no auxílio aos pobres de toda a Irlanda do Norte e divididas como a própria comunidade era dividida: um terço em benefício dos católicos e dois terços para os protestantes.

O acordo de paz foi assinado na tarde de 30 de março. No dia seguinte, a Lei do Estado Livre Irlandês foi colocada em prática. O papel de Churchill na aprovação da lei e na reconciliação das duas facções inimigas foi largamente elogiado. “Penso que esse exercício de critério o aproxima da chefia da nação mais do que qualquer um teria suposto possível”, escreveu lorde Knollys, ex-secretário privado do rei, a um amigo. “Isso vai modificar muitas opiniões.”

No entanto, na Irlanda, De Valera denunciava o acordo e incitava seus seguidores a oporem-se a ele. Para Churchill, conforme disse ao Gabinete em 4 de abril, não havia dúvida “de que os irlandeses têm mais gênio para conspirar do que para governar”.

O Governo do Estado Livre era “fraco e cheio de desculpas e queixas; os conspiradores eram ativos, audaciosos e totalmente sem vergonha”. Collins tinha prometido controlar o Exército republicano irlandês, mas não era capaz de fazê-lo. Se os republicanos tomassem o poder, Churchill queria que a Grã-Bretanha controlasse Dublin e impusesse um bloqueio às áreas em poder dos republicanos. As concentrações hostis de forças republicanas deveriam ser “atacadas a partir do ar”. Contudo, ele ainda não tinha perdido as esperanças quanto a um fim da violência. “Há dois meses era cedo demais para

comemorar”, disse ele na Câmara dos Comuns em 12 de abril. “Ainda é cedo demais para lamentar”. Era também cedo demais para “troça e escárnio”.

Numa tentativa de reforçar o Estado Livre, Churchill começou a fornecer-lhes armas e munições em meados de abril. Quando, um mês depois, Collins propôs um ato eleitoral a De Valera e aos republicanos para as eleições do Estado Livre que se aproximavam, Churchill ficou profundamente chocado, temendo um triunfo súbito para o republicanismo armado e a completa separação da Irlanda do Sul em relação à Grã-Bretanha. “Não se trataria de uma eleição em qualquer sentido da palavra, mas simplesmente de uma farsa em que um grupo de homens com armas decide deliberadamente sobre os direitos políticos dos eleitores”, escreveu a Collins em 15 de maio. O apelo de Churchill foi em vão: cinco dias depois, Collins e De Valera assinaram um pacto eleitoral segundo o qual os apoiantes do tratado teriam 58 lugares no novo Parlamento e seus oponentes republicanos, 35. Os ministérios seriam partilhados numa proporção de cinco para quatro.

Collins foi a Londres, onde explicou a Churchill que a realização de eleições livres teria sido impossível sob a ameaça de bandos armados republicanos dispostos a se apoderarem das urnas e destruí-las e garantiu que a eleição iria realizar-se e que o tratado seria cumprido. Ao explicar na Câmara dos Comuns, em 31 de maio, sua esperança de que as eleições ainda pudessem preservar o tratado, Churchill perguntou: “A lição será aprendida a tempo e os remédios serão aplicados antes que seja tarde demais? Ou a Irlanda, no meio da indiferença pétrea do mundo, escorregará pelos abismos que já tragaram o povo russo?”

Os poderes de governar, bem como “a totalidade dos rendimentos da Irlanda”, apontou Churchill, já tinham sido transferidos para o governo provisório em Dublin. Tropas britânicas ainda eram mantidas em Dublin caso a república fosse proclamada fora da capital. A posse de Dublin era “uma das etapas preliminares e essenciais em operações militares”. Nesse dia, uma pequena força de republicanos atravessou a fronteira para o Ulster e ameaçou ocupar as aldeias de Belleek e Pettigo. Churchill encontrou-se com Collins, que estava em Londres, e avisou-o de que se quaisquer tropas, quer a favor quer contra o tratado, invadissem o solo da Irlanda do Norte, “a Grã-Bretanha expulsaria os invasores”.

Ao ir embora, Collins disse a Churchill: “Não vou durar muito tempo mais; minha vida está posta em causa, mas vou tentar fazer meu melhor. Depois que eu desaparecer, tudo será mais fácil para outros. Todos verão que serão capazes

de fazer mais do que eu.” Procurando encorajar Collins , Churchill respondeu com seu ditado bôer favorito: “Tudo dará certo.” Em 1º de junho, Churchill fez planos, com a Marinha, para a ocupação de todas as delegações alfandegárias marítimas da Irlanda caso os republicanos tomassem o poder, negando-lhes assim todos os proventos aduaneiros. Em 3 de junho, deu ordens para que duas companhias de tropas britânicas expulsassem as forças republicanas de Pettigo, o que aconteceu no dia seguinte. Sete republicanos foram mortos, e quinze, capturados. Churchill queria forçar a saída dos republicanos de Belleek, mas Lloyd George pressionou-o para que fizesse uma pausa. “Você conduziu as negociações com tanta habilidade e paciência que eu peço que não caia na tentação de esbanjar o que já foi ganho por conta de uma ação precipitada, por mais tentadoras que as possibilidades imediatas possam ser”, escreveu ele em 8 de junho. A posição da Grã-Bretanha como império era ser “estritamente imparcial em nossa atitude para com todos os credos”.

No entanto, antes que Churchill pudesse ceder a Lloyd George em seu pedido para não expulsar os atacantes católicos da zona da fronteira, o forte em Belleek foi ocupado por tropas britânicas e os republicanos escaparam para o outro lado da fronteira sem baixas. “Nossas tropas não avançarão mais”, assegurou ele ao primeiro-ministro.

Churchill estava trabalhando com Griffith na preparação de uma constituição para o Estado Livre em conformidade com o tratado. O Estado Livre deveria ser um membro “igual” da comunidade britânica. O Parlamento em Dublin controlaria todas as receitas e teria o poder de declarar guerra. Os direitos dos protestantes do sul seriam salvaguardados. Em 16 de junho, a constituição ficou pronta. Os talentos de Churchill como negociador, sua paciência e seu conhecimento do que era necessário tinham sido elementos importantes no sucesso final. No dia seguinte, nas eleições do Estado Livre, o partido pró-tratado chefiado por Collins ganhou seus 58 lugares; De Valera e os republicanos ficaram com 35.

Uma semana depois da votação em Dublin, Sir Henry Wilson , o anterior chefe do Estado-Maior Imperial e um implacável unionista do Ulster, foi morto a tiros na rua por um atirador republicano. A arma utilizada foi levada pela polícia até a sala de reuniões do Gabinete e colocada em cima da mesa. Nessa noite, Churchill decidiu não dormir em seu quarto na Sussex Square, dizendo a Clementine , que estava grávida de seis meses, que seria um lugar óbvio para um assassino encontrá-lo. Retirando-se para o sótão, colocou uma proteção metálica entre ele e a porta e, com um revólver ao lado, dormiu profundamente.

Em Dublin, os republicanos haviam tomado o edifício em que estavam situados os tribunais e os arquivos da justiça do Estado Livre. Após muita hesitação, Collins decidiu que o Exército deveria expulsá-los. A luta começou em 28 de junho, mas já no dia seguinte tornou-se claro que as tropas de Collins poderiam não ser capazes de desalojar os republicanos e que poderiam até mesmo ser derrotadas. Então, Churchill propôs a captura do prédio por tropas britânicas trazidas do Ulster. Durante o dia 29 de junho, Collins deu continuidade à batalha usando poderosas granadas britânicas. No dia seguinte estariam disponíveis aviões, disse-lhe Churchill.

Em 30 de junho, os republicanos incendiaram o edifício e renderam-se; trinta tinham sido mortos. Os combates continuaram durante vários dias em vários pontos de Dublin. Escrevendo a Collins em 7 de julho, Churchill disse-lhe que a ação tomada “com tanta resolução e frieza tinha sido indispensável para que a Irlanda pudesse ser salva da anarquia e o tratado, da destruição”. Churchill acreditava que a seu tempo o norte e o sul dariam as mãos “numa assembleia de toda a Irlanda, sem preconceitos contra os direitos existentes de uns e outros”. Esse prêmio era “tão grande que todas as coisas deveriam ser subordinadas à sua conquista”.

Em julho, Churchill foi obrigado a interromper suas preocupações com a Irlanda para fazer frente a um feroz ataque por um pequeno grupo de pares e deputados conservadores sobre a política do governo de criar um lar nacional judaico na Palestina . Em 4 de julho, após sua proposta ter sido derrotada na Câmara dos Lordes, Churchill defendeu-a na Câmara dos Comuns . “Já é suficientemente duro criar um novo Sião, mas se inscreverem o dístico ‘Não são admitidos israelitas’ sobre os portões da Nova Jerusalém, espero que a Câmara me permita limitar minha atenção aos assuntos irlandeses”, disse ele. Os lordes haviam ficado furiosos com a decisão, por parte do Ministério das Colônias , de conceder aos sionistas o monopólio do desenvolvimento de energia hídrica na Palestina para eletricidade e para irrigação. “Isso não é um bom presente que os sionistas podem trazer, cujas consequências — difundindo-se com a passagem dos anos em facilidades e melhorias — marcarão na população árabe, mais do que qualquer outra coisa, que os sionistas são seus amigos e auxiliares, e não expropriadores, que a terra é uma mãe generosa, que a Palestina tem um futuro brilhante à sua frente e que há o suficiente para todos?”, perguntou Churchill.

Ele reiterou que os sionistas levariam sua própria riqueza e espírito empreendedor para a Palestina.

Eu não tenho qualquer dúvida — e no fim das contas não estejamos demasiado prontos para duvidar dos ideais das pessoas — de que o lucro, no sentido vulgar da palavra, não desempenhou qualquer papel na força impulsionadora em que temos de confiar para levar a cabo o empreendimento da irrigação da Palestina.

Haviam sido “emoções sentimentais e quase religiosas” que tinham permitido que se obtivessem os fundos necessários. Quanto ao investimento da Grã-Bretanha, Churchill assinalou que a Palestina tinha custado ao contribuinte britânico 8 milhões de libras em 1920, importância que tinha descido para 4 milhões em 1921 e que cairia para 2 milhões de libras em 1922.

A Câmara dos Comuns votou a favor da política governamental na Palestina por 292 contra 35 votos, invertendo a votação da Câmara dos Lordes. Duas semanas e meia depois, a Liga das Nações votou para tornar a Declaração Balfour uma parte integrante do mandato britânico na Palestina. Com o apoio eficaz de Churchill, o estabelecimento de um Lar Nacional Judeu na Palestina se tornava uma realidade.

Na Irlanda, as forças do Estado Livre estavam obtendo vantagem sobre os republicanos. “Diga a Winston que nunca teríamos conseguido nada sem ele”, disse Collins a um amigo, que transmitiu a mensagem. Em 16 de agosto, as forças republicanas ocuparam Dundalk, mas foram repelidas ao fim de 48 horas. As forças do Estado Livre pareciam estar em ascendência, mas, em 22 de agosto, Michael Collins foi morto a tiros numa emboscada feita por homens do Exército republicano irlandês, leal a De Valera e implacavelmente oposto ao Tratado Irlandês.

Não obstante os esforços dos republicanos para forçarem uma ruptura com a Grã-Bretanha e uma possível guerra civil entre as duas facções católicas, o governo provisório do Estado Livre mantinha sua adesão ao tratado e seu controle da máquina do governo. Churchill ofereceu o auxílio e o encorajamento possíveis ao sucessor de Collins como chefe do governo provisório, William Cosgrave. Quando um tio de Cosgrave foi assassinado pelo Exército republicano irlandês, Churchill telegrafou imediatamente: “Sem dúvida é um serviço duro reconstruir o Estado e a nação irlandeses e defender a autoridade e a liberdade deles.”

Churchill continuou a trabalhar para acalmar os atritos ao longo da fronteira do Ulster e a apoiar a autonomia do Estado Livre, mas os acontecimentos no sul estavam além do seu controle ou do controle da Grã-Bretanha. Em 12 de

setembro, ele escreveu à sua amiga Pamela Lytton: “A Irlanda, acerca da qual me elogia, vai, na minha opinião, salvar-se sozinha. Mais ninguém a salvará. Os irlandeses são uma raça orgulhosa e talentosa e estão enfrentando uma realidade terrível. Não acredito que eles sucumbirão, mas as dores serão longas e cruéis.” Nesse mesmo dia, a polícia do Estado Livre dispersou piquetes republicanos em frente ao edifício dos Correios em Dublin. Churchill comentou: “A *responsabilidade* é um agente maravilhoso quando se impõe a cabeças competentes.”

Ao longo de 1921 e dos primeiros oito meses de 1922, Churchill tinha insistido com Lloyd George para fazer a paz com a Turquia e tinha até mesmo considerado a demissão caso a Grã-Bretanha continuasse a apoiar o governo grego em sua tentativa de controlar as províncias ocidentais da Ásia Menor. Na última semana de agosto, forças turcas lançaram um importante ataque e, em apenas uma semana, forçaram os gregos de volta para Esmirna, na costa do mar Egeu, e para Chanak, no estreito de Dardanelos.

Numa reunião do Gabinete, em 7 de setembro, Curzon, então ministro das Relações Exteriores, propôs a retenção da península de Galípoli pela Grã-Bretanha, que já a tinha ocupado após a rendição da Turquia em 1918. Churchill apoiou-o. “Se os turcos tomarem Galípoli e Constantinopla, teremos perdido todos os frutos da vitória”, disse ele ao Gabinete. Lloyd George concordou.

Em 9 de setembro, as forças turcas entraram em Esmirna. O domínio grego na Ásia Menor tinha chegado ao fim. Conforme o Gabinete havia concordado, os mil soldados no estreito de Dardanelos preparavam-se para se retirar para a península de Galípoli, do outro lado do estreito, mas o comandante britânico local decidiu conservá-los em Chanak. Lloyd George apoiou sua decisão, reiterando ao Gabinete, em 15 de setembro, sua determinação de manter os turcos fora da Europa, se necessário pela força. Os ministros eram agora unânimes em que a zona neutra, em ambos os lados do estreito, devia ser mantida; para evitar que o exército turco atravessasse para a Turquia europeia, duas cidades na costa asiática, Chanak e Ismid, localizada na estrada de ferro entre Constantinopla e Bagdá, seriam defendidas pela força. Churchill recebeu instruções para redigir um telegrama para os governos dos domínios, solicitando seu apoio e pedindo “o envio de reforços militares”. O telegrama foi enviado com a aprovação de Lloyd George e em seu nome.

Nesse mesmo dia, enquanto nuvens de guerra cobriam novamente o estreito de Dardanelos, assuntos pessoais intervieram breve e agradavelmente na vida de

Churchill: Clementine deu à luz seu quinto filho, uma menina que eles batizaram com o nome Mary . Também nesse dia, ele comprou uma casa de campo no condado de Kent, chamada Chartwell Manor. Custou-lhe 5 mil libras, apenas um pouco mais do que o rendimento de um ano de sua propriedade recém-adquirida, Garron Towers. Ainda que a casa precisasse ser literalmente reconstruída, ele tinha esperanças de transformá-la em seu lar e local de trabalho no intervalo de um ano. Quarenta anos mais tarde, ele ainda seria seu orgulhoso e feliz proprietário.

Em 16 de setembro, Churchill e Lloyd George redigiram um comunicado de imprensa acerca da necessidade urgente de defender os estreitos de Dardanelos e de Bósforo contra “uma agressão turca violenta e hostil”. O comunicado saiu nos jornais britânicos e de seus domínios na manhã seguinte, antes que o telegrama explicativo de Lloyd George para os primeiros-ministros dos domínios fosse decodificado nas respectivas capitais. Os governos australiano e canadense ficaram furiosos por não terem sido consultados antes do apelo público às armas contra a Turquia e com os próprios termos desse apelo. “Por uma boa causa, estamos preparados para arriscar tudo; por uma má causa, não arriscaremos nem um único homem”, telegrafou o primeiro-ministro australiano a Londres. O primeiro-ministro canadense respondeu que não enviaria tropas de jeito nenhum.

Lloyd George e Churchill estavam convencidos de que uma demonstração de força e de firmeza em Chanak conteria os turcos em sua tentativa de atravessar o estreito de Dardanelos e continuavam a procurar meios para reforçar a guarnição de Chanak e resistir a qualquer tentativa turca de avançar para a costa. Eram apoiados pelo ministro das Finanças, Sir Robert Horne, e pelo primeiro-lorde do Almirantado, lorde Lee de Fareham, mas os presságios eram ruins. Em 18 de setembro, os franceses e os italianos retiraram suas tropas de Chanak e Ismid, deixando a Grã-Bretanha só. No dia seguinte, Churchill comunicou ao Gabinete que os governos da ilha de Terra Nova e da Nova Zelândia tinham telegrafado para darem seu apoio. Austen Chamberlain juntava-se agora aos ministros que estavam determinados em manter a península de Galípoli, “sozinhos, se necessário”.

Numa sessão do Gabinete em 20 de setembro, injetando uma nota de precaução, Churchill alertou em relação aos perigos de tentar manter os três locais: Constantinopla, Ismid e Chanak. “Todos os nossos infortúnios no passado tiveram sua origem em tentativas de fazer aquilo para que não tínhamos

forças.” O Gabinete decidiu então que apenas Chanak seria mantida. No dia seguinte, o *Daily Mail* refletiu em sua manchete o desconforto público dando um conselho ao governo: “Saíam de Chanak.”

Lloyd George não tinha nenhuma intenção de ceder à pressão da imprensa. Em 22 de setembro, nomeou Churchill para presidir uma comissão ministerial que exerceria controle diário sobre o movimento de tropas, navios e aviões para Chanak. No dia seguinte, mil soldados turcos entraram na zona neutra a sul de Chanak e avançaram até serem vistos das posições fortificadas britânicas. Não foram disparados quaisquer tiros.

O balanço das forças era muito desfavorável à Grã-Bretanha. Em 27 de setembro, os turcos tinham 23 mil homens para enfrentarem uma força britânica de 3.500; o reforço de mais 5 mil homens não chegaria antes de 9 de outubro. Nessa tarde, Churchill, mais uma vez a voz da prudência, sugeriu a evacuação da guarnição de Chanak para a margem europeia e a concentração em Galípoli, mas Lloyd George insistia em que Chanak fosse mantida. Para ele, a evacuação da margem asiática significaria a “maior perda de prestígio que poderia ser infligida ao império britânico”. Churchill discordava, respondendo-lhe que muito mais desastrosa do que a evacuação seria a derrota.

Lloyd George encontrava-se com uma disposição belicosa. Em 29 de setembro, o oficial britânico mais graduado em Constantinopla, general Tim Harington, recebeu instruções do Ministério da Guerra para comunicar aos turcos que, a menos que se retirassem do perímetro de Chanak, a uma hora decidida pelo general, as forças britânicas abririam fogo. Churchill acreditava que o ultimato resultaria em negociações, não em guerra, e que poderiam oferecer aos turcos uma solução territorial que não fosse de todo desfavorável. No entanto, Harington decidiu adiar o envio do ultimato, cujo limite de tempo tinha sido deixado ao seu cuidado. Então, na manhã de 30 de setembro, precisamente quando os australianos alteraram sua decisão anterior e concordaram em enviar tropas para Chanak, os turcos deram a entender que recuariam; suas tropas em Chanak receberam ordens para não provocar “qualquer incidente” e o seu dirigente, Mustafá Kemal, propôs a retirada em toda a área ao redor de Chanak se os ingleses concordassem em abandonar a margem asiática e atravessar para o lado europeu.

Na manhã de 1º de outubro, o Gabinete tomou conhecimento de que Harington tinha decidido não apresentar o ultimato. Ao meio-dia, soube-se que Kemal tinha concordado com um encontro com Harington para negociações. Quando Harington e o representante de Kemal, general Ismet — vencedor da

recente batalha contra os gregos —, iniciaram suas negociações, dois dias mais tarde, as tropas turcas em Chanak recuaram mil metros em relação às linhas britânicas. Ainda querendo garantir que a guarnição britânica teria condições para repelir qualquer ataque turco, Churchill supervisionou o reforço das forças: “Existe agora uma artilharia formidável em Chanak e a aviação é aumentada a cada hora”, telegrafou ele aos primeiros-ministros dos domínios em 7 de outubro.

Os turcos não se encontravam preparados para tentar empurrar os ingleses até o mar. A política da diplomacia pela força tinha dado resultado sem ter sido disparado um único tiro, mas a crise tinha apenas começado em Londres. O Partido Conservador, com feridas ainda abertas desde o Tratado Irlandês, profundamente ressentido com os quatro anos de impotência política dentro da coligação de Lloyd George e encorajado pelas críticas do Canadá, decidiu tentar acabar com a coligação. Na manhã de 7 de outubro, o *Times* publicou uma carta de Bonar Law, o antigo líder do partido, que não tinha tomado parte na política durante um ano e meio, declarando que não era correto que a Grã-Bretanha — em sua qualidade de importante potência muçulmana, pois havia mais de 60 milhões de muçulmanos na Índia — mostrasse “qualquer hostilidade ou injustiça para com os turcos”. Sem o apoio da França, insistia Bonar Law, qualquer ação militar deveria ser evitada: “Não podemos atuar sozinhos como polícia do mundo.”

Porém, uma vez iniciadas as negociações entre Harington e os turcos, que faziam progressos, a carta de Bonar Law fez pouco sentido. Ela tinha sido ultrapassada pelos acontecimentos e pelas negociações, mas deu aos deputados conservadores uma deixa para se separarem da coligação. Quatro dias após sua publicação, os turcos concordaram em retirar suas tropas até quinze quilômetros de Chanak e outros tantos em relação à orla da zona neutra em Ismid. De Constantinopla, o alto-comissário britânico, Sir Horace Rumbold, relatou para Londres no dia da assinatura do acordo: “Os fatores que provavelmente determinaram a assinatura dos turcos foram nossa demonstração de força e o conhecimento de que a utilizaríamos em último caso.” No entanto, o turbilhão político era tão grande na Inglaterra que não seria possível acalmá-lo apenas com uma guerra evitada com a Turquia ou porque uma política britânica tinha sido eficaz.

Na manhã de 19 de outubro, foi anunciado que um conservador independente tinha derrotado o candidato pela coligação numa eleição intercalar em Newport. Nessa mesma manhã, 273 dos 335 deputados conservadores reuniram-se no

Carlton Club em Londres, para discutirem sobre permanecer ou não na coligação. Austen Chamberlain tentou convencê-los a ficar, mas um outro elemento do Gabinete de Lloyd George, Stanley Baldwin , presidente da Junta de Comércio, pressionou pelo fim da associação com Lloyd George, sendo apoiado por Bonar Law . Churchill, que uma semana antes tinha tentado persuadir Baldwin a não se voltar contra a coligação, já não possuía meios para influenciar qualquer dos conservadores presentes na reunião do Carlton Club. Três dias antes, tinha adoecido e sentia dores agudas; tratava-se de apendicite. De sua nova casa, na Sussex Square, nº 24, foi levado a uma clínica próxima, onde foi operado durante a noite de 18 de outubro.

A reunião no Carlton Club realizou-se enquanto Churchill despertava da anestesia. Quando acordou, diz-se que perguntou: “Quem ficou com Newport? Deem-me um jornal!” O médico disse-lhe que não poderia ler o jornal e que deveria descansar. Quando, um pouco mais tarde, o médico voltou ao quarto, encontrou Churchill inconsciente, com quatro ou cinco jornais espalhados pela cama.

Apesar de um apelo de Balfour , que insistia em que a coligação deveria continuar, 185 deputados presentes no Carlton Club votaram pela retirada do apoio a Lloyd George. Apenas 88 queriam manter a coligação. Nessa tarde, Lloyd George dirigiu-se ao palácio de Buckingham , onde apresentou sua demissão e a de seu governo. Churchill, no leito do hospital, tinha deixado de ser um ministro da Coroa. “Num piscar de olhos, encontrei-me sem ministérios, sem lugar no Parlamento, sem partido e sem apêndice”, escreveu ele mais tarde.

Churchill havia visto a crise de Chanak como um excelente exemplo de como travar uma guerra e empreender negociações bem-sucedidas ao manter-se firme, mas Chanak tinha se tornado um pretexto não só para a queda do governo, mas também para mais uma acusação, injustificada, à sua própria impetuosidade.

21.

Regresso ao deserto

Em 23 de outubro de 1922, tendo sido reeleito líder do Partido Conservador , Bonar Law tornou-se primeiro-ministro. O Parlamento foi dissolvido três dias depois e foram marcadas eleições gerais para 15 de novembro. Da clínica em Londres, ainda a se recuperar da operação, Churchill emitiu seu manifesto eleitoral “como liberal e apoiador do comércio livre ”, mas os dias de predominância do Partido Liberal tinham terminado. Embora em seu manifesto ele lançasse escárnio sobre o grande número de pares do reino no governo de Bonar Law, parecia que seu “lugar vitalício”, como o havia chamado em 1908, o abandonaria. Ainda que os conservadores locais tivessem concordado em não apresentar nenhum candidato contra ele, foi isso que fizeram os liberais de Asquith . Também se apresentando contra ele e seu colega nacional liberal, estava E. D. Morel , uma importante figura do Partido Trabalhista , e um antigo rival de Churchill, Edwin Scrymgeour , agora figurando como um independente com simpatias trabalhistas.

Até uma semana antes das eleições, Churchill esteve doente demais para viajar até a Escócia; de sua cama na clínica, ditou uma série de declarações eleitorais ao seu estenógrafo, Harry Beckenham . Clementine , cuja filha Mary tinha apenas sete semanas de idade, deslocou-se a Dundee para discursar em seu lugar; Louis Spears , que também o auxiliava na campanha, recordaria mais tarde: “Clemmie usava um colar de pérolas. As mulheres cuspiam nela.”

Por fim, Churchill pôde preparar-se para fazer sua viagem para norte. “Se trazer o sargento Thompson etc., diga-lhe que tenha tato e se esconda porque não convém que o povo pense que você tem medo”, alertou Clementine . “Os jornais são tão vis que com certeza distorceriam as coisas.” Ela prosseguiu:

Acho que aquilo de que as pessoas mais gostam é a solução da questão irlandesa, de modo que trouxe isso à tona, bem como sua parte em ser dado governo próprio aos bôeres. A ideia contra você parece ser que é um “fazedor de guerra”, mas eu o exhibo como um querubim pacificador, com asinhas de

plumas ao redor de seu rosto rechonchudo.

Em 10 de novembro, Churchill partiu de Londres a caminho de Dundee. Na tarde seguinte, num encontro com seus apoiadores, ainda estava doente demais para ficar de pé e teve de falar sentado numa plataforma especial. Ele defendeu a ação em Chanak, dizendo que “tinha sido uma nova guerra que se esforçaram por travar e que já estava definitivamente terminada quando Lloyd George deixara seu cargo”. Até o dia de sua morte, “ele teria orgulho de ter participado” dessa ação. Churchill então se levantou para terminar sua fala, uma mensagem de otimismo e de ânimo para “a humanidade que está a sofrer, a lutar, confusa e torturada por todo esse vasto mundo”. O esforço foi extremamente penoso e deixou-o exausto. Dois dias depois, perante um público hostil, foi vaiado e interrompido tantas vezes que não conseguiu terminar seu discurso.

— Você vai ficar no fim da lista! — gritou alguém em meio ao povo.

— Se eu vou ficar no fim da lista, por que não me concedem minha última tentativa? — respondeu Churchill.

Dois dias depois, Dundee acorreu às urnas. Os dois homens eleitos foram Scrymgeour , que em 1908 tinha recebido apenas 655 votos, e E. D. Morei , candidato do Partido Trabalhista e um importante anti-imperialista. O colega nacional-liberal de Churchill, um escocês local, foi o terceiro, com 22.244 votos, e Churchill foi o quarto, com 20.466 votos; apenas os liberais independentes e os comunistas tiveram menos votos do que ele.

Churchill estava fora do Parlamento pela primeira vez em 22 anos. Quando deixou Dundee no trem noturno, uma multidão de estudantes foi despedir-se dele, cantando entusiasticamente “Churchill, Ygorra” (“Ygorra” é o título de uma música criada por dois estudantes da Universidade de Glasgow). Um dos estudantes, um irlandês, gritou: “Collins acreditava em você, nós acreditamos em você.” Tendo-lhe sido solicitado que dissesse algumas palavras, falou, da janela de seu compartimento, como depois foi relatado pelo jornal local, “que sempre tinha sido um democrata e que sempre tinha acreditado no direito popular de criar suas próprias instituições. Ele inclinava-se perante esse direito, ainda que achasse que estava sendo mal utilizado”.

Aqueles que haviam trabalhado com Churchill no passado apressaram-se a lamentar com ele sua derrota. “Perdoe minha impertinência se exprimo quão profundamente ressentido me sinto com o resultado de Dundee?”, perguntou-lhe Humbert Wolfe , um de seus antigos funcionários na Junta do Comércio e no Ministério das Munições.

Talvez me permita recordar-lhe quão profundo e permanente é o afeto que inspira em todos aqueles que têm a honra de servi-lo. Todos (eu sei!) sentiram o que aconteceu como um golpe pessoal. Este é, naturalmente, o mais efêmero dos reveses, mas, como ele pode lançar uma sombra momentânea sobre seus pensamentos, quero assegurar-lhe que quando esperou o resultado na companhia da sra. Churchill, e ainda mais quando o ouviu, o senhor não estava só.

De T. E. Lawrence veio um grito de raiva: “Que merdas devem ser as pessoas de Dundee”, escreveu ele. Contudo, Churchill tinha uma opinião diferente, dizendo ao seu antigo colega de Gabinete, Herbert Fisher : “Se visse o tipo de vida que as pessoas de Dundee levam, você admitiria que elas têm muitas razões.”

Os conservadores encontravam-se no poder pela primeira vez desde 1905, tendo obtido 354 lugares; os trabalhistas tiveram o segundo maior número de lugares, 142; os liberais nacionais de Lloyd George tinham obtido apenas 62, e os liberais de Asquith , 54. Era o fim do domínio liberal na política britânica. Churchill tinha sido um importante parlamentar liberal durante dezessete anos. Agora tinha de decidir onde seria seu lugar na vida política britânica.

“Não tenho dúvida de que sua estrela voltará a ascender e que brilhará mais do que antes”, escreveu-lhe seu antigo professor, dr. Welldon , em 24 de novembro. Outros não estavam tão certos; Geoffrey Shakespeare , um dos recém-eleitos liberais de Lloyd George, que jantou com ele nessa semana, recordaria mais tarde: “Winston estava tão desanimado que mal conseguiu falar durante toda a noite. Ele achava que seu mundo tinha chegado ao fim — pelo menos, seu mundo político. Eu achei que sua carreira tinha terminado.”

Duas semanas após a derrota eleitoral, Churchill completou 48 anos de idade. Três dias depois, deixou Londres com Clementine e as crianças para férias de quatro meses no sul da França. “Os *whips* me darão um lugar se eu quiser um, mas o que quero agora é repouso”, tinha escrito a Louis Spears três dias após as eleições. O refúgio que escolheu foi a Villa Rêve d’Or, próxima de Cannes, onde permaneceu durante seis meses, pintando e escrevendo suas memórias. Por duas vezes no decurso desses seis meses voltou sozinho à Inglaterra para supervisionar a reconstrução de Chartwell e para discutir com peritos navais suas memórias de guerra em preparação.

Em Londres, Churchill ficou no hotel Ritz e trabalhou em suas memórias. “Estou tão atarefado que praticamente não saio do Ritz exceto para comer”,

escreveu ele a Clementine em 30 de janeiro de 1923. De volta ao sul da França, escreveu a um amigo: “O tempo tem estado incerto, mas eu me sinto muito melhor.” Tinham passado três meses desde sua derrota em Dundee. Em abril, às vésperas da publicação do primeiro volume de suas memórias, escreveu ao seu primo Sunny : “Por aqui tudo tem sido muito agradável, e é um grande alívio depois de todos esses anos não ter grandes ansiedades e problemas sobre os ombros. O governo mofa aos poucos, mas devo confessar que atualmente estou mais interessado no passado do que no presente.”

Churchill voltou a Londres em março, por um curto período, levando Randolph . Na viagem de volta à França, comprou na joalheria Cartier, em Paris, um ornamento de uma adaga de diamantes para Clementine . “Lembro-me de que minha mãe ficou muito contente com o presente, que foi talvez o mais importante que ele lhe ofereceu”, recordou Randolph mais tarde. Era o 37º aniversário de Clementine . Durante mais seis semanas, Churchill continuou a trabalhar nas suas memórias de guerra na Villa Rêve d’Or.

Ao todo, deveriam ser publicados cinco volumes, intitulados *The World Crisis* . Ao longo de um período de dez anos, eles cobririam as origens da guerra, a guerra propriamente dita e a era do pós-guerra até Chanak. Com copiosa documentação, humor, ironia, emoção, reflexão e autodefesa, Churchill preencheu um total de 2.150 páginas. O primeiro volume foi lançado em 10 de abril de 1923, enquanto Churchill ainda se encontrava na França. Em sua crítica, o *New Statesman* comentou: “Ele escreveu um livro notavelmente egocêntrico, mas que é honesto e que certamente sobreviverá por muito tempo.”

“Acho seu livro uma grande obra-prima, escrito com um calor nas palavras, uma economia de elogio pessoal, fluência, seleção, lucidez e drama não excedidos, nem por Macaulay”, escreveu-lhe Margot , esposa de Asquith . Ela também tinha conselhos na área política:

Deixe-se estar e não faça nada em política. Continue a escrever e a pintar durante todo o tempo e não se junte aos seus antigos colegas que estão fazendo prodigiosos papéis de burros em todos os aspectos. Conserve amigos em cada porto e não perca nenhum. Os navios piratas são inúteis em tempo de paz. Seu couraço está fora de ação por enquanto, mas, se tiver a paciência de um Disraeli , com seu notável temperamento, sua mente brilhante e sua natureza bondosa e não vingativa, prevejo ainda um grande futuro para você.

Churchill voltou a Londres em meados de maio. “Após dezessete anos de

duro trabalho oficial, posso garantir que há muitas coisas piores do que a vida privada”, disse ele no Aldwych Club em 24 de maio. Nesse verão, supervisionou os trabalhos finais de reconstrução e decoração de Chartwell, alugando uma casa próxima, chamada Hosey Rigge, que ele rebatizou como “Cosy Pig” (“Porco Confortável”). No final de agosto, deixando os trabalhos da nova casa a Clementine, partiu num passeio à costa atlântica da França a bordo do iate do duque de Westminster, levando consigo as provas tipográficas do segundo volume de suas memórias de guerra.

Clementine sentia-se apreensiva com a ideia de trocar Londres pela província, pois não sentia uma atração especial por Chartwell e estava preocupada com as despesas de uma casa tão grande, mas Churchill escreveu-lhe em 2 de setembro: “Minha amada, eu peço que não se preocupe com dinheiro e não se sinta insegura. Pelo contrário, o caminho que estamos a seguir visa acima de tudo *estabilidade* (como Bonar Law !). Chartwell será nosso *lar*.” Três dias depois, ele escreveu-lhe novamente: “Escrevo e trabalho na cama todas as manhãs. Se o sol brilha, eu pinto.” Seu único comentário de natureza política foi acerca do bombardeio, pelos italianos, da ilha grega de Corfu. “Que porco é esse Mussolini.”

Churchill voltou a Londres no fim de outubro, quando o segundo volume de seu livro foi publicado. Do sucessor de Bonar Law como primeiro-ministro, Stanley Baldwin, a quem ele tinha enviado um exemplar, recebeu um bilhete amigável e escrito à mão: “Se eu fosse capaz de escrever como você, nunca me cansaria fazendo discursos!” O livro continha muitos documentos que a Comissão de Dardanelos se recusara a publicar. Leo Amery, com quem Churchill estudara em Harrow e que era agora primeiro-lorde do Almirantado, escreveu acerca de sua admiração “pelo talento da própria narrativa” e de sua simpatia por Churchill, “em sua luta contra a impenetrável muralha do pedantismo nos aflitivos pantanais da irresolução”.

Em novembro de 1923, Baldwin anunciou que convocaria eleições gerais e que reintroduziria o protecionismo. Subitamente, Churchill tornou a encontrar sua voz política, denunciando como “uma falácia monstruosa” a política que com tanto ardor ele tinha denunciado duas décadas antes. Uma vez mais, o comércio livre tornou-se sua bandeira. Nada menos que sete associações liberais convidaram Churchill para ser seu candidato. Falando em Manchester em 16 de novembro, ele apelou à união dos liberais de Asquith e Lloyd George sob a liderança de Asquith. O liberalismo, disse ele ao som de trovejantes aplausos, era o único “caminho de inteligência, lucidez, segurança, sobriedade e

princípios elevados”. Três dias depois, aceitou o convite da Associação Liberal de West Leicester para ser seu candidato. O jornal local, *Leicester Mail*, era hostil, mas Cecil Roberts, editor de um jornal vizinho, o *Nottingham Journal*, deu-lhe seu apoio e enviou uma leva de caminhões para distribuir exemplares pelo seu círculo.

Entre aqueles que ajudaram a distribuir o jornal estava Brendan Bracken, um jovem de 22 anos que Churchill conhecera recentemente. Foi o início de uma amizade para o resto da vida. No entanto, a campanha propriamente dita correu mal. Em determinado comício, relatou com satisfação o *Leicester Mail*, Churchill e Clementine “foram recebidos com vaias e desaprovação e não se ouviu uma única aclamação em toda a sala”. Sempre que ele falava, levantava-se o grito: “E Dardanelos?” Churchill respondeu a um desses provocadores: “O que você sabe sobre Dardanelos? É possível que a ação em Dardanelos tenha salvado milhões de vidas. Não pense que estou fugindo de Dardanelos. Eu tenho orgulho do que fiz.”

Em 3 de dezembro, Churchill falou em três grandes comícios eleitorais em Londres; depois de um dos discursos, um homem estilhaçou a janela do carro em que ele estava enquanto tentava afastar-se da multidão hostil. Entretanto, Clementine tinha continuado a apoiar a causa de seu marido em West Leicester. “Muita gente pensa que ele é essencialmente militar, mas eu o conheço muito bem e sei que ele não é, de forma alguma. De fato, um de seus maiores talentos é como pacificador”, disse ela.

As eleições aconteceram em 6 de dezembro, uma semana após o quadragésimo nono aniversário de Churchill. Sua tentativa de voltar ao Parlamento como liberal fracassou. “Tivemos de enfrentar todas as desvantagens”, escreveu ele a Cecil Roberts após um mês. “Nenhuma imprensa local, nenhuma organização, comícios interrompidos por toda a parte.”

A convocação de eleições por Baldwin tinha sido um erro de cálculo de grandes proporções; os conservadores tinham perdido perto de cem lugares. Mesmo se mantendo como o maior partido, os trabalhistas e os liberais podiam, unidos, derrotá-los. Churchill queria que os liberais apoiassem os conservadores e formassem uma coligação que excluísse os trabalhistas. Quando Asquith anunciou que não faria isso, Churchill ficou furioso. Um governo trabalhista, disse ele à filha de Asquith, Violet, poderia “minar as atividades de comércio e os negócios da nação”. Segundo uma carta que enviou ao *Times*, “lançaria uma sombra escura e maligna sobre todas as formas de vida nacional”.

Três dias após a publicação da carta no *Times*, os deputados liberais e

trabalhistas juntaram-se numa votação para derrotar os conservadores na Câmara dos Comuns . Baldwin demitiu-se. O líder do Partido Trabalhista , Ramsay MacDonald , tornou-se primeiro-ministro, à cabeça de um governo dependente do apoio liberal. Churchill enviou a MacDonald uma carta de felicitações à qual ele respondeu: “Nenhuma carta que recebi nesta ocasião me deu mais prazer. Eu desejaria que não estivéssemos tanto em desacordo, mas as coisas são assim. Em qualquer caso, tenho esperança de que seus sentimentos sejam como os meus. Sempre o tive em grande estima.”

Em 4 de fevereiro, Churchill foi novamente solicitado a concorrer como liberal, dessa vez por Bristol West. Ele declinou, explicando que não estava disposto “a embarcar numa competição eleitoral intercalar contra os conservadores ”. Duas semanas depois, em férias em Mimizan, próximo de Bordeaux, escreveu a Clementine dizendo-lhe que ainda não tinha decidido o que fazer quanto ao seu futuro político: “Preciso de tempo para trabalhar. Alguns meses pelo menos.”

Em 22 de fevereiro, de volta a Londres, Churchill teve uma longa conversa com Baldwin . “Ele está muito interessado em assegurar meu regresso e minha cooperação”, contou Churchill a Clementine . Baldwin queria que Churchill liderasse os deputados liberais que estavam inquietos com o apoio dado pelo Partido Liberal aos trabalhistas e que preferiram “agir com os conservadores ”. Dois dias depois desse encontro com Baldwin , numa carta ao candidato conservador numa eleição intercalar em Burnley, Churchill exortou os liberais, que não tinham candidato próprio, a não votarem nos trabalhistas. Sua carta foi publicada no *Times* no dia seguinte. O jornal *Glasgow Herald* comentou: “Compelido por seu temperamento a estar no centro da briga, o sr. Churchill parece o campeão predestinado do individualismo, ao qual serviu durante toda a sua vida política sob ambas as librés.”

Churchill colocou-se como candidato independente numa eleição intercalar que aconteceria na divisão da abadia em Westminster. Tratava-se de um dos lugares mais apreciados pelos conservadores , mas ele tinha esperanças de persuadir Baldwin a deixá-lo concorrer sem a oposição de qualquer candidato conservador, para assim tentar obter o apoio tanto de liberais quanto de conservadores. “Meu querido, uma pessoa não concorre se não tiver uma razoável certeza de que ganhará”, escreveu-lhe Clementine , que se encontrava no sul da França. “O movimento no interior do partido *tory* para tentar fazer com que você volte acaba de nascer e exige ser acarinhado, alimentado e educado para que adquira plena força.” Liberal por educação e por convicção,

Clementine sentia-se desconfortável perante a possibilidade do regresso de seu marido aos conservadores, mas não se opôs. “Em todo o caso, não seja uma pechincha para os *tories*”, escreveu ela. “Eles o trataram tão mal no passado que agora devem ser obrigados a pagar.”

Apesar dos esforços de Baldwin para que Churchill concorresse sem oposição por parte da associação conservadora local, os conservadores de Westminster escolheram seu próprio candidato, Otho Nicholson, antigo aluno de Harrow, de 32 anos. A campanha começou em 5 de março. No dia seguinte, o *Times* denunciou Churchill como “uma força essencialmente perturbadora”. Clementine voltou às pressas do sul da França para ajudá-lo. Sua candidatura tornou-se o foco da atenção e do interesse nacionais. “Ele recebe chamadas telefônicas em casa como poucas pessoas receberam desde a invenção do telefone”, noticiou o *Evening News*. Em seu discurso eleitoral de 9 de março, Churchill assinalou que Baldwin tinha apelado publicamente à cooperação liberal contra os trabalhistas. “Eu o apoio na política de colocar a nação à frente do partido”, declarou Churchill. Por sua vez, o Partido Trabalhista atacava sua tentativa de “derrubar a Rússia bolchevique” e sua “inconsciência durante a ação no estreito de Dardanelos”. O secretário-adjunto do governo, Thomas Jones, assinalou: “Dardanelos persegue Churchill de uma forma muito injusta, porque se tratou de uma das grandes ações de toda a guerra, e, se tivesse sido posta em prática com vigor, poderia ter encurtado a guerra em um par de anos.” Baldwin viu-se forçado a apoiar o candidato conservador oficial, mas, quando Balfour escreveu uma carta exprimindo seu “forte desejo” de que os “brilhantes dons” de Churchill fossem utilizados na Câmara dos Comuns, concordou que a carta fosse tornada pública. A eleição realizou-se em 19 de março. Enquanto o último pacote de votos era contado, alguém se voltou para Churchill com um grito: “Você ganhou por uma centena!” As notícias da vitória foram transmitidas à multidão na rua e telegrafadas para todo o mundo, mas eram falsas; na realidade, ele tinha sido derrotado. O candidato conservador oficial tinha ganho por uma maioria de 43 votos.

Churchill estava determinado a voltar ao Parlamento. Em 2 de abril, encontrou-se com Baldwin e propôs-lhe atuar como chefe dos cinquenta deputados liberais e candidatos que estavam preparados para trabalhar com os conservadores contra os trabalhistas na Câmara dos Comuns, impondo apenas a condição de que nenhum candidato conservador se opusesse a ele. Duas semanas depois, ele disse a Clementine que os conservadores estavam tentando arranjar-lhe um círculo eleitoral no qual eles não lhe fariam oposição.

Churchill estava bastante atarefado na preparação de Chartwell para a chegada de Clementine . “Ontem e hoje, durante todo o dia, nivelamos o planalto com o aparador de grama a motor e tudo está feito, exceto o espaço desde o teixo até a extremidade da horta.” As crianças estavam ajudando, trabalhando “como pretos”, assim como o segurança e o motorista. “Bebo champanhe em todas as refeições e baldes de *claret* com soda nos intervalos, e a *cuisine*, embora simples, é excelente. À noite, colocamos o gramofone para tocar (do qual privamos Mary) e jogamos *mahjong*.”

Viajando até Liverpool em 7 de maio, Churchill disse a mais de 5 mil conservadores , no primeiro comício conservador em que participava em vinte anos, que já não existia lugar, na política britânica, para o Partido Liberal como uma força independente. Apenas o Partido conservador oferecia uma base suficientemente forte “para sucesso na derrota do socialismo”. Os liberais , como ele próprio, deveriam portanto unir forças com os conservadores numa “ampla plataforma progressista”. Dois dias depois, a Associação Conservadora de Ashton-under-Lyne pediu-lhe para ser seu candidato; seguiram-se mais dois convites na mesma semana, de outras associações conservadoras, e um quarto no fim desse mês.

Churchill estava hesitante em regressar ao núcleo conservador; por mais que temesse o trabalhismo, permanecia ansioso por conservar as ligações e atitudes liberais que tinha mantido ao longo de sua carreira ministerial. Em meados de junho, considerou a possibilidade de criar um novo partido político de liberais que, autodenominando-se liberais-conservadores , aparecesse nas próximas eleições como um grupo independente, apoiando os conservadores. Nada resultou dessa ideia. Então, em julho, garantiu o acordo de Baldwin de que concorreria às próximas eleições como candidato “constitucionalista”, com o total apoio dos conservadores. Baldwin concordou também em conseguir um lugar seguro para Churchill, em Londres ou próximo, de modo que, quando começasse a campanha, ele estivesse livre para discursar por toda a Grã-Bretanha, no interesse dos conservadores, contra o empréstimo econômico de MacDonald à Rússia soviética e contra os perigos do socialismo. Nesse verão, Churchill viveu em Chartwell, cativado pelo conforto e pela tranquilidade de sua nova casa. Ele cuidava da drenagem do lago abaixo da casa e da construção de uma represa com a intenção de criar uma piscina. Havia mandado instalar trilhos sobre os quais uma escavadora poderia deslocar-se para limpar o leito do lago. Uma vez mais, seu segurança foi mobilizado. “Thompson e eu temos chafurdado na mais nojenta lama negra que já se viu, com o cheiro mais

horrível, tentando drenar aquela porcaria”, contou Churchill a Clementine .

Nesse outono, Churchill tentou estabelecer uma ponte entre os conservadores e os liberais de Lloyd George. Num encontro secreto com Lloyd George em sua casa em Churt, em 31 de agosto, instou-o a apoiar os conservadores nas eleições gerais seguintes, com base no desagrado comum pelo empréstimo que MacDonald fizera à Rússia. Lloyd George mostrou-se favorável. No momento em que se comprometeram com esse empréstimo, disse ele a Churchill, os trabalhistas “tinham enfiado os dedos nas rodas da engrenagem e seriam arrastados para sua ruína”.

Em 11 de setembro, Churchill aceitou a nomeação para um lugar conservador seguro, Epping, a nordeste de Londres. Duas semanas depois, quando discursou em Edimburgo num comício de conservadores escoceses, três dos principais políticos conservadores, seu antigo adversário lorde Carson , Sir Robert Horne e Balfour , encontravam-se na plataforma como seus principais apoiadores. Não existia, declarou ele, uma “divisória intransponível” entre os conservadores e os liberais . O socialismo era a ameaça; o empréstimo econômico de MacDonald à Rússia soviética e seu desejo de um tratado anglo-soviético deviam ser rejeitados. O que os trabalhistas propunham era inaceitável:

Nosso pão para a serpente bolchevique, nossa ajuda para o estrangeiro de todas as nações, nossos favores para os socialistas sem pátria de todo o mundo, mas para os Estados que são nossos filhos, do outro lado do oceano, de quem o futuro da ilha e da nação britânica depende, apenas as pedras frias da indiferença, da aversão e da negligência.

O discurso de Churchill foi amplamente noticiado e aclamado pelos conservadores . “Winston está outra vez na guerra depois de férias prolongadas”, escreveu lady Blanche Hozier, mãe de Clementine , a uma amiga.

Na semana de seu discurso em Edimburgo, Churchill publicou um artigo no *Nash's Pall Mall* , que depois circulou em 250 mil panfletos pelos Estados Unidos a alertar para os perigos de uma guerra futura. “Não poderia uma bomba, não maior que uma laranja, possuir um poder secreto para destruir um quarteirão inteiro de edifícios e concentrar a força de mil de toneladas de explosivos para desintegrar uma cidade num só golpe? Não poderiam explosivos, dos tipos já existentes, ser guiados automaticamente em máquinas voadoras, por rádio ou outros meios, sem piloto humano, numa procissão interminável sobre uma cidade, um arsenal, um quartel ou docas?”, perguntou

ele.

Uma arma desse gênero já tinha sido prevista por H. G. Wells , cujos textos Churchill conhecia bem, mas uma nova influência acerca de temas científicos tinha começado a sobrepor-se a Wells em seu pensamento; ele se tornara amigo de um professor de Oxford, de 38 anos, chamado Frederick Lindemann , por cuja mente brilhante e viva ele se sentiu rapidamente atraído. O pai de Lindemann tinha nascido na Alsácia antes de sua anexação pela Alemanha. Ele tinha nascido na Alemanha, na estância termal de Baden-Baden, onde sua mãe americana fazia um tratamento com águas. Após ter estudado em Berlim e em Paris, trabalhou no laboratório da Força Aérea, em Farnborough, de 1915 a 1918, quando aprendeu a pilotar para investigar pessoalmente os efeitos aerodinâmicos de um giro numa aeronave.

Lindemann tornou-se rapidamente um grande amigo de Churchill, passando muitos fins de semana em Chartwell e fascinando Churchill com suas descrições das invenções mais recentes e possibilidades da evolução científica. Pouco antes de começar a trabalhar em seu artigo para o *Nash's Pall Mall* , Churchill tinha escrito a Lindemann : “Comecei a escrever acerca das possibilidades de uma guerra futura e sobre quão horrível tudo será para a raça humana. Tenho muitas ideias sobre esse assunto, mas gostaria muito de ter outra conversa contigo, após a discussão tão interessante que tivemos na última vez que almoçou aqui.” Ele tinha lido que um homem afirmava ter inventado um raio capaz de matar ratos a certa distância: “É possível que seja tudo um truque, mas minha experiência me leva a não aceitar ‘não’ como resposta.”

Churchill também discutiu com Lindemann sobre as forças militares relativas da França e da Alemanha, bem como sobre a remota perspectiva de um novo conflito. Em seu artigo de 24 de setembro, mencionou as intensas diligências alemãs para vingar-se da derrota de 1918 e para a revisão do Tratado de Versalhes . Os franceses tinham esperança de manter o tratado e conservar a Alemanha fraca “por meio de seu quadro técnico-militar, por suas tropas negras e por um sistema de alianças com Estados menores da Europa; de qualquer modo, têm uma força enorme ao seu lado”. Contudo, a pura força física, avisou ele, não apoiada pela opinião mundial, “não nos garante um alicerce duradouro para a segurança”. A Alemanha era uma “unidade muito mais forte do que a França e não poderá ser mantida em permanente subjugação”.

Foram convocadas eleições gerais para 29 de outubro. Em seu manifesto, Churchill declarou: “Dou meu total apoio ao Partido Conservador .” Ele se

apresentava como um “constitucionalista” com o completo apoio dos conservadores e seria lançado por Epping, o lugar seguro que Baldwin tinha posto à sua disposição. A única nuvem em suas perspectivas eleitorais era a intensa oposição ao Tratado Irlandês, mas sua crítica frontal ao empréstimo econômico de MacDonald à Rússia soviética foi aplaudida por seus eleitores. Na data das eleições, concorrendo contra um liberal e um trabalhista, ganhou o lugar por uma margem de mais de 9 mil votos. Mais uma vez, era membro do Parlamento, depois de quase dois anos de ausência. No entanto, ainda não tinha regressado formalmente ao Partido Conservador.

Em escala nacional, o resultado foi uma vitória completa para os conservadores : 419 lugares contra 151 para os trabalhistas e apenas 40 para o Partido Liberal pelo qual, apenas dez meses antes, Churchill tinha sido candidato e uma figura importante.

“Penso que é muito provável que eu não seja convidado a fazer parte do governo, pois, dado o tamanho de sua maioria, ele provavelmente será composto apenas por conservadores impecáveis”, escreveu Churchill a um amigo em 4 de novembro. No entanto, estava enganado; no círculo de Baldwin eram discutidos vários postos para ele, entre os quais a Junta de Comércio, o Ministério das Colônias , o Ministério da Guerra e o Almirantado, todos lugares que já tinha ocupado anteriormente. A sugestão do próprio Baldwin era o Ministério da Índia. Austen Chamberlain propôs o Ministério da Saúde. Esse último cargo tinha ocorrido a Clementine quando, em 5 de novembro, Baldwin pediu a Churchill que fosse visitá-lo. Clementine pressionou o marido para aceitar o Ministério da Saúde se lhe fosse proposto, visto que havia muito a fazer “no alojamento e em outros serviços sociais”.

— Quer ajudar o partido? — perguntou Baldwin a Churchill.

— Sim, se me quiser — respondeu ele.

— Quer ser ministro das Finanças?

“Querem os malditos patos nadar?”, quis responder Churchill, mas, como escreveria mais tarde, essa era uma conversa formal e importante, então respondeu: “Isso preenche minha ambição. Ainda tenho a túnica de chanceler do meu pai. Terei muito orgulho em servir ao senhor nesse esplêndido cargo.”

Churchill voltou a Chartwell, onde, lembraria ele mais tarde, “tive a maior dificuldade em convencer minha esposa de que não estava simplesmente brincando com ela”. Os amigos de Churchill ficaram muito entusiasmados. “Winston, meu caro rapaz, eu tenho um razoável instinto para política e penso que ainda viverei para vê-lo primeiro-ministro”, escreveu-lhe um antigo

presidente do Partido Parlamentar Liberal, George Lambert .

22.

Nas finanças

Em 30 de novembro de 1924, quase um mês depois de ter aceitado o lugar de ministro das Finanças, Churchill celebrava seu quinquagésimo aniversário. Então, tendo anunciado seu regresso ao Partido Conservador , após uma ausência de vinte anos, dedicou-se à sua primeira tarefa ministerial no Tesouro, arquitetando e financiando um alargamento substancial do sistema nacional de seguro, a reforma social que ele tinha ajudado a criar quinze anos antes, no auge de suas atividades liberais . Ele trabalhou em colaboração com o novo ministro da Saúde, Neville Chamberlain . Procurou também meios para reduzir o imposto sobre a renda de “profissionais, pequenos comerciantes e homens de negócios — toda a espécie de gente que trabalha com o cérebro”. Os esquemas que ele propôs aos funcionários incluíam pensões para viúvas e órfãos, um alargamento do seguro de velhice e a criação de alojamentos baratos. O próprio governo, na sua opinião, deveria fazer experiências com novos métodos de construção de casas para “aqueles que não podem pagar os preços existentes”.

Em 28 de novembro, Churchill disse ao secretário assistente do Gabinete, Thomas Jones : “Eu era totalmente a favor das medidas liberais de reforma social nos velhos tempos e quero forçar o mesmo gênero de medidas agora. É claro que terei de oferecer algum alívio da carga fiscal aos contribuintes para equilibrar essas medidas de reforma.”

Churchill mudou-se então para a casa número 11 da Downing Street, que seria sua morada em Londres durante os quatro anos e meio seguintes. De lá, em 9 de dezembro, escreveu a um conservador importante, lorde Salisbury, filho de um antigo primeiro-ministro, para explicar sua opinião de que uma “distinção crescente” entre rendimentos alcançados com trabalho e obtidos sem esforço poderia ser a forma mais eficaz e justa de obter novos impostos. Ele se opunha, no entanto, à tentativa de “caçar os ricos ociosos”, explicando a Salisbury: “Se eles são ociosos, deixarão de ser ricos em poucas gerações. Mais longe do que isso não é desejável que a legislação vá. Só os cristãos e moralistas poderão aventurar-se numa inquisição sobre o que é ‘benefício’ e o

que é ‘ócio’.” Churchill acrescentou: “Minha visão mais madura da vida conduziu-me a depreciar a inquisição, exceto quando autoinstituída, em ações que se encontram no âmbito da lei. Acho que os ricos, ociosos ou não, estão já taxados, neste país, ao mais alto ponto compatível com a acumulação de capital para produção futura.”

O “sistema capitalista existente é o alicerce da civilização e o único meio pelo qual as grandes civilizações modernas podem manter-se abastecidas em suas necessidades vitais”, disse Churchill a Salisbury. Cinco dias depois, em 14 de dezembro, estabeleceu, para seus funcionários do Tesouro, sua filosofia de riqueza, baseada numa combinação da tributação sobre a renda obtida sem esforço e o encorajamento dos lucros e da produtividade:

A criação de nova riqueza é benéfica para toda a comunidade. O processo de apoiar-se em riqueza antiga, ainda que valioso, é muito menos ativo. O grosso da riqueza do mundo é criado e consumido em cada ano. Nós nunca ficaremos totalmente livres das dívidas do passado e entraremos num período infinitamente mais vasto sem a criação de riqueza. Um esforço pode ser premiado e a inércia, penalizada.

Em 6 de janeiro de 1925, Churchill atravessou o canal e foi até Paris, onde, durante uma semana de intensas negociações, conseguiu um notável acerto do emaranhado de dívidas de guerra internacionais. Daí em diante, a dívida de um bilhão de libras aos Estados Unidos seria paga em prestações ao mesmo tempo em que a Inglaterra receberia pagamentos simultâneos e proporcionais da França, da Bélgica, da Itália e do Japão, nações que deviam à Grã-Bretanha um total de dois bilhões de libras e que até então tinham estado relutantes quanto ao estabelecimento de um calendário de pagamentos. Os outros devedores da Inglaterra — Brasil, Tchecoslováquia, Romênia e Sérvia — também concordaram em aceitar o esquema de Churchill.

Todos os Estados integrados na negociação prestaram homenagem à paciência, ao talento e ao domínio de detalhes de Churchill. “Defender os interesses de seu país e ao mesmo tempo obter reconhecimento por parte dos representantes das outras nações é uma rara realização e um grande serviço público”, escreveu-lhe Edward Grey após a conferência.

Para financiar suas reformas sociais, Churchill lançou-se em vários meses de amargas controvérsias. Embora aceitasse a necessidade de maior orçamento para a Força Aérea e nenhuma redução no dinheiro gasto pelo Exército, ele

insistia numa redução substancial nos gastos da Marinha. Convicto de que os planos do Almirantado eram pretensiosos e muito dispendiosos, mergulhou numa batalha política semelhante à luta que tinha travado em 1908, quando, como presidente da Junta de Comércio, desafiara o que considerava ser um gasto excessivo com a Marinha e fê-lo com o mesmo objetivo em vista. Contudo, ele não tinha intenções de pôr em perigo a capacidade britânica de enfrentar qualquer agressor se a harmonia internacional entrasse em colapso, conforme explicou ao Gabinete em 20 de janeiro, apoiando-se em sua experiência anterior no Almirantado:

Durante uma paz longa, como a que se segue na esteira de grandes guerras, inevitavelmente criam-se hiatos em nossa estrutura de armamentos. Nós devemos selecionar os elementos essenciais de nosso poder de guerra entre as imensas quantidades de melhoramentos. Esses hiatos podem ser gradual e discretamente preenchidos se profundos antagonismos internacionais, precursores invariáveis dos grandes conflitos, se tornarem gradualmente aparentes ao mundo.

Em 13 de fevereiro, o Almirantado aceitou o limite superior de pouco mais de 60 milhões de libras para o ano fiscal seguinte. Dados os temores do Almirantado em relação a uma expansão naval japonesa, Churchill concordou em disponibilizar mais 2 milhões de libras para uma emergência e dar ao Almirantado, para a reparação de contratorpedeiros, a mesma verba que o Japão tinha despendido “mais 25%”. A crise passou. “Ele é um Chimborazo ou um Everest no meio das dunas de areia do governo de Baldwin”, escreveu Asquith a um amigo.

Determinado a auxiliar empreendimentos produtivos, Churchill sentia-se incomodado com a decisão do Tesouro, tomada anteriormente com o apoio do então chanceler trabalhista, Philip Snowden, de voltar ao padrão-ouro. Voltar ao ouro, disse Churchill aos seus funcionários em 29 de janeiro, “favorecia os interesses especiais das finanças em prejuízo dos interesses da produção”. Em 22 de fevereiro, tentou influenciá-los mais uma vez: “Eu preferia ver as finanças menos orgulhosa e a indústria mais satisfeita.” Para tentar reunir os melhores argumentos possíveis contra o regresso ao ouro, ofereceu um jantar ao economista de Cambridge J. M. Keynes e aos próprios funcionários em 17 de março, mas Baldwin, com sua autoridade, quer de primeiro-ministro quer de anterior ministro das Finanças, pressionou Churchill a não abandonar um barco

que já estava praticamente lançado e com o qual o Banco da Inglaterra estava comprometido.

Churchill cedeu. Daí em diante, defenderia a decisão sobre a qual anteriormente tivera dúvidas. Vinte e três anos mais tarde, depois de ouvir críticas do primeiro-ministro trabalhista da época, diria na Câmara dos Comuns :

O sr. Attlee mencionou minha ação em trazer a nação de volta ao padrão-ouro em 1925. Ele afirma que agi por conselho. E de fato agi, com o conselho de uma comissão nomeada por lorde Snowden , membro do governo socialista em 1924, do qual o próprio sr. Attlee era membro. E o que disse lorde Snowden acerca de nosso regresso ao padrão-ouro? Na segunda leitura da Lei do Padrão-Ouro, ele disse que, enquanto o governo tinha agido com precipitação indevida, ele e seus colegas socialistas eram favoráveis a um retorno ao padrão-ouro no primeiro momento possível.

Churchill prosseguiu assinalando que Snowden tinha escrito um artigo no *Financial Times* em dezembro de 1926, no qual declarava: “Os fatos não apoiam a impressão de que o regresso ao ouro seria prejudicial à indústria. A taxa de desconto bancário não foi aumentada, o desemprego não subiu, os salários reais não baixaram e o nível dos preços foi mantido razoavelmente.” Churchill continuou: “Portanto, longe de causar aquilo a que o sr. Attlee chama de ‘miséria imensurável’, os fatos mostram, como eu disse, que os salários reais de nossos trabalhadores aumentaram regular e substancialmente durante o período em que fui ministro.”

Enquanto Churchill trabalhava em seu primeiro orçamento, Clementine encontrava-se no sul da França, recuperando-se de uma exaustão nervosa. Ele enviava-lhe relatórios regulares sobre assuntos familiares e ministeriais. “Mary está a florescer”, escreveu ele em março. “Ela vem sentar-se comigo pela manhã e muitas vezes é amorosa. Diana chegou da escola e estamos pensando em ir ver Randolph essa tarde.” Sobre a própria Clementine , escreveu: “Não encurte suas férias se sente que está melhorando, mas é claro que me sinto mais livre de preocupação e depressão quando está comigo e posso confiar em sua doce alma.”

Uma semana depois, Churchill escreveu novamente, desolado por saber que a mãe de Clementine estava morrendo. Lady Hozier tinha 73 anos.

Minha querida, eu sofro por você. Uma vida que já se encontra envelhecida e doente ir embora com a maré, após o tempo que lhe foi atribuído ser gasto e a maioria das alegrias ter desvanecido, não é motivo para piedade. É apenas uma parte da imensa tragédia de nossa existência aqui embaixo contra a qual tanto a esperança quanto a fé se rebelaram. Isso é apenas aquilo que todos nós esperamos e aguardamos — a menos que seja cortada antes de seu tempo —, mas a perda de uma mãe corta o coração e faz com que a vida pareça solitária e com que sua duração seja fugaz. Eu conheço bem o sentimento de amputação por minha própria experiência três anos atrás.

Quatro dias após ter escrito essa carta, Churchill participou do cortejo fúnebre de lorde Curzon, dizendo a Clementine nesse mesmo dia: “Ele enfrentou seu fim com coragem e espírito filosófico. Tenho muita pena que ele tenha partido. Acho que os tributos não foram particularmente generosos. Eu não teria ficado agradecido por essas coisas, mas o fato é que ele não inspirava afeto nem representou grandes causas.”

A “grande causa” em que Churchill se encontrava agora era a reforma social. Sua preocupação era a desgraça que se abatia sobre uma família após prolongadas fases de desemprego, velhice, doença ou morte do agregado. “Em poucos meses, o resultado de anos de economia pode ser varrido e um lar pode ser desfeito”, disse ele aos seus conselheiros depois de ter recebido uma delegação de pensionistas de velhice em 24 de março. Ele tinha a intenção de que seu orçamento evitasse essa catástrofe. Todas as pensões, segundo disse a Neville Chamberlain em 3 de abril, deveriam começar aos 65 anos, e não aos 70 anos. As viúvas deveriam receber uma pensão desde o início da viuvez.

Churchill apresentou seu orçamento em 28 de abril. Clementine, Randolph e Diana encontravam-se na galeria para o ouvirem. Churchill falou durante duas horas e quarenta minutos, mostrando, segundo Baldwin contou ao rei, “que não só possui competência como parlamentarista como também toda a versatilidade de um ator”. Lucidez, retórica, rapidez e humor tiveram lugar no discurso, cuja peça central foram os esquemas de seguros e pensões. Para Churchill, um infortúnio se abatia sobre o lar de um trabalhador, fosse por desemprego, doença ou morte, deixava “uma família até então feliz nas garras da maior calamidade. Ainda que essa ameaça de adversidade tenha existido durante todos esses anos, não foi feita qualquer provisão efetiva para as viúvas e famílias das grandes massas da classe trabalhadora em caso de morte. Não estou a criticá-los, mas essa é a maior necessidade nesse momento. Se posso usar uma

metáfora militar, não são as fortes tropas a marchar que necessitam de um prêmio extraordinário ou de indulgência. É aos que ficaram para trás, os fracos, os feridos, os veteranos, as viúvas e os órfãos que devem dirigir-se as ambulâncias do Estado”.

As viúvas e os órfãos receberiam pensões a partir do momento da morte de seus familiares: 200 mil mulheres e 350 mil crianças seriam imediatamente beneficiadas. Todas as outras pensões teriam efeito aos 65 anos. “Restrições, investigações e provas de meios de vida” seriam eliminados completamente. Uma vez aprovada a lei, “ninguém teria nada a ver” com o que qualquer dos pensionistas tinha ou “como empregava seu tempo”. Churchill tinha uma segunda mudança básica a anunciar: as pessoas nos grupos de rendimento mais baixo receberiam uma redução de 10% em seu imposto sobre a renda. Sua esperança, ao fazê-lo, era “que ao libertar a produção de nova riqueza de algumas das cadeias da taxaço fosse possível estimular a iniciativa e acelerar o renascer industrial”.

Neville Chamberlain , cujo Ministério da Saúde tinha estado profundamente envolvido na proposta de pensões, ficou impressionado, tendo escrito em seu diário em 1º de maio: “Nós estávamos comprometidos em fazer algo desse gênero, mas não creio que isso teria sido possível neste ano se ele não tivesse incorporado as pensões na estrutura do seu orçamento; na minha opinião, ele merece todo o crédito pessoal por sua iniciativa e força de vontade.” Duas semanas mais tarde, Churchill disse na Associação dos Banqueiros Britânicos: “Nosso objetivo é o apaziguamento do azedume entre as classes, a promoção de um espírito de cooperação, a estabilização de nossa vida nacional e a construção de nossos planos sociais e financeiros numa base de três ou quatro anos.”

Na política externa, Churchill também procurou apaziguamento; em 11 de março, tinha persuadido uma conferência de ministros a não avançarem nos planos para um tratado com a França que serviria apenas para isolar a Alemanha e azedá-la ainda mais, convencendo-os a trabalhar no sentido de um acordo “que incluía a Alemanha”; dessa ideia emergiram os Tratados de Locarno , pelos quais Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália garantiram a segurança de suas fronteiras do pós-guerra. Churchill também insistiu, numa conversa privada com o embaixador polonês, em que a Polônia cultivasse por todos os meios a amizade germânica. Se a Alemanha fosse levada a uma posição de apoio à Rússia, a Polónia poderia terminar esmagada entre as duas potências.

O trabalho de Churchill como conciliador foi observado mais efetivamente no

final de julho, quando ele se encontrou no centro dos esforços do governo para evitar uma greve dos mineiros, persuadindo os proprietários das minas a retirarem avisos de demissão dos operários. Apesar de algum mal-estar entre os conservadores, Churchill também convenceu seus colegas a concederem um subsídio do governo à indústria mineira, de forma a não haver cortes nos salários. Na sessão de trabalho de 30 de julho, Churchill assinalou que os mineiros, em certa medida, tinham razão.

Em 6 de agosto, Churchill defendeu o subsídio na Câmara dos Comuns. A decisão para concedê-lo tinha sido tomada, disse ele, “porque ainda não abandonamos a esperança”. Ele continuou:

Se tivéssemos mergulhado numa luta, permitindo a parada do trabalho nas minas, enfrentando uma greve geral nas estradas de ferro, aceitando uma paralisação de toda a indústria da nação, permitindo a estagnação do comércio, estacando as reformas sociais, desorganizando nossas finanças e adiando as pensões e a taxação restabelecida, a porta, para nós e até onde diz respeito a este Parlamento, teria sido fechada ao progresso para um melhor estado de coisas. Ainda pode acontecer, mas essa não é uma decisão que um homem ou um governo que não for louco desejará tomar até que todas as possibilidades razoáveis tenham se esgotado.

Churchill concluiu:

Se tivéssemos de tomar essa posição, o trabalho deste Parlamento estaria absolutamente arruinado. O resto de sua vida seria simplesmente labutar para alcançar a posição ocupada em 1924 e 1925, uma posição com a qual encontramos muitas razões para estarmos descontentes. Nenhuma chance de melhoria! Nenhuma esperança de expansão! Nenhum alívio dos fardos! Simplesmente uma luta para voltar ao ponto onde estamos agora. Nós nos recusamos a aceitar uma conclusão melancólica.

“Que criatura brilhante”, escreveu Neville Chamberlain três semanas mais tarde.

Porém, de qualquer modo, existe um grande abismo entre mim e ele, que não creio que atravessarei. Eu gosto dele. Gosto do seu humor e da sua

vitalidade. Gosto da sua coragem. Gosto da forma — para mim inesperada — como ele abordou a crise do carvão no Gabinete, mas nem por todas as delícias do Paraíso eu desejaria ser membro da sua equipe! Mercurial! É uma palavra muito usada, mas que descreve literalmente seu temperamento.

Nesse outono, Churchill negociou um acordo aceitável para o pagamento da dívida de guerra da França à Grã-Bretanha; seriam feitas 62 prestações anuais de 12,5 milhões de libras. Porém, se a Alemanha não efetuasse seus próprios pagamentos de reparação à França, os franceses poderiam pedir uma reconsideração de sua dívida com a Grã-Bretanha. Enquanto as negociações prosseguiam, Joseph Caillaux, o interlocutor francês de Churchill, perdeu seu cargo. Em resposta à carta de pesar que Churchill enviou-lhe, Caillaux escreveu falando sobre as longas e difíceis negociações: “O senhor mostrou tal cortesia, recebeu-me com tanta elegância e teve uma influência tão feliz no animar de nossas conversas que me deixou com a impressão de que estávamos em completo acordo.”

Em 30 de novembro, Churchill completou 51 anos; nessa semana, Baldwin pediu que ele fizesse a mediação entre o Estado Livre da Irlanda e o Ulster. O Estado Livre temia que o traçado da fronteira fosse alterado em favor do Ulster e estava relutante em pagar a dívida de 155 milhões de libras por rendimentos irrecuperáveis e munições. Churchill iniciou as negociações em 1º de dezembro; ao fim de três dias intensos, havia elaborado uma decisão aceitável, segundo a qual não haveria alterações da fronteira e a dívida do Estado Livre seria liquidada ao longo de um período de sessenta anos. Seis semanas após esse sucesso irlandês, Churchill deu início a negociações em Londres para a liquidação da dívida de guerra da Itália, que devia 592 milhões de libras à Grã-Bretanha. Depois de duas semanas, concordou-se que a Itália liquidaria o valor total da dívida, mas que os pagamentos seriam diferidos por quatro anos e escalonados depois até 1988. Para Churchill, a melhor prova da justiça do acordo era que “não satisfaz plenamente nenhuma das partes”.

Em 31 de janeiro de 1926, Clementine deixou a Inglaterra para férias prolongadas no sul da França. Churchill permaneceu em Chartwell, onde recebia amigos políticos durante os fins de semana, entre eles o deputado conservador Ronald McNeill, agora seu secretário das Finanças, que antes da guerra, no auge do “*pogrom* do Ulster”, havia atirado um livro em Churchill, doo outro lado da Câmara dos Comuns, fazendo-o sangrar. Estavam sendo plantadas árvores frutíferas “a cada quinze minutos”, relatou Churchill a

Clementine em 7 de fevereiro. Uma semana depois, houve uma reunião de colegas na propriedade, entre eles o ministro da Aviação, Sir Samuel Hoare , que escreveu a um amigo: “Eu nunca tinha visto Winston em seu papel de proprietário rural. Durante a maior parte da manhã de domingo, inspecionamos a propriedade e os trabalhos de engenharia em que ele está envolvido.” Esses trabalhos consistiam numa “série de lagos no vale”. “Winston parece deliciosamente feliz com tudo isso”, continuou Hoare .

Churchill também estava muito satisfeito com a presença dos filhos, que encontravam um divertimento sem fim nos múltiplos cantos e nos gramados de seu novo lar. Em 20 de março, enquanto trabalhava nos planos para seu segundo orçamento, Churchill escreveu a Clementine , que se encontrava em Roma: “Está tudo bem por aqui. Mary já tomou café e Sarah jantou comigo. Diana falou de um modo bastante inteligente acerca de política e parece ter reunido muitas informações derivadas dos jornais. Eles são todos uma ternura e é uma alegria tê-los aqui.” Diana tinha 17 anos, Sarah tinha 11, e Mary , 3. Randolph , então com 14, era aluno interno em Eton.

Em busca de receitas para seu segundo orçamento, Churchill fez planos para introduzir um imposto sobre os combustíveis e propôs uma taxa de cinco por cento sobre a compra de automóveis de luxo e outra sobre caminhões pesados, baseada em seu peso e em características de “danos da estrada”. Outra ideia era um imposto sobre os filmes americanos importados. “Daria grande prazer a esse país tirar algum lucro de produtores americanos de filmes”, disse ele aos seus conselheiros.

Churchill apresentou seu segundo orçamento em 27 de abril. Como no ano anterior, Randolph encontrava-se na galeria para ouvi-lo. O tema era economia e poupança. Os artigos de luxo seriam taxados, bem como as apostas, que receberiam uma taxa de 5%. O quadro econômico, disse Churchill na Câmara, “não é negro nem cinzento, e sim malhado; de modo geral, as manchas escuras são menos evidentes esse ano do que no ano passado”. Contudo, ele avisou que o agravamento da crise na indústria do carvão poderia conduzir à necessidade de novos impostos numa escala substancial. No dia seguinte a esse discurso, os proprietários das minas, que ainda recebiam subsídios do governo para que não fossem reduzidos os salários dos mineiros, disseram a Baldwin que um corte de salários imediato era essencial, dados seus prejuízos. Por seu lado, os mineiros recusavam-se a admitir quaisquer reduções. Baldwin propôs então aumentar uma hora na carga diária de trabalho, que subiria para oito horas, mas manter o nível dos salários. Em 28 de abril, os proprietários concordaram, mas os

mineiros, não.

Os patrões passaram a exigir um corte imediato nos salários. Quando os mineiros se recusaram a aceitar, em 1º de maio, toda a força de trabalho foi demitida e os donos fecharam as minas. No mesmo dia, o Congresso dos Sindicatos anunciou que, em apoio aos mineiros, seria iniciada uma greve geral em 3 de maio, um minuto antes da meia-noite.

As negociações entre o governo e os sindicatos continuaram ao longo de 2 de maio. Pouco depois das onze horas da noite, chegaram notícias aos ministros, que estavam reunidos na sala de Churchill no edifício do Parlamento, de que os impressores do *Daily Mail*, aparentemente em antecipação à greve, tinham suprimido a edição do jornal “porque não lhes agradava o artigo principal”. Os ministros foram unânimes em concordar que esse ato tornava impossível a continuação das negociações. Tinha sido feita uma tentativa para silenciar a imprensa. As negociações a partir de agora seriam feitas com o uso de força. Era preciso uma retirada imediata e incondicional dos avisos de greve. “Deve ser reiterado que não houve discussão sobre esse ponto”, escreveu J. C. C. Davidson, um dos maiores aliados de Baldwin, dez dias depois. “Tem-se escrito frequentemente que os extremistas forçaram Baldwin, mas nada pode estar mais longe da verdade dos fatos.”

Na manhã de 3 de maio, foi nomeada uma comissão do Gabinete dedicada a acabar com a greve, sob a liderança do ministro do Interior. Churchill não era membro do grupo, mas a comissão pediu-lhe que preparasse o plano para um jornal oficial. Ele aceitou, propondo que fosse pensado de modo a “não ter apenas notícias, servindo também para acalmar o espírito das pessoas”. Uma de suas tarefas seria “evitar a difusão de boatos alarmistas”. Churchill acrescentou: “Não tenho em vista um partidarismo violento, mas um encorajamento forte e justo à grande massa da população leal.” Igualmente, os artigos deveriam “não ser violentamente tendenciosos, mas aceitáveis para a grande maioria do público que está do nosso lado”. Em um conjunto de frases curtas, ele explicou o que queria dizer: “Constitucional, esperança de paz, Parlamento, manutenção da autoridade no país, danos ao comércio e reputação geral do país.”

Nessa tarde, sete horas antes do início previsto para a greve geral, Churchill falou em tom conciliatório na Câmara dos Comuns, louvando a moderação dos deputados trabalhistas que tinham discursado, incluindo MacDonald, e elogiando os “esforços para a paz” que tinham sido feitos pelos negociadores sindicais no dia anterior. Eles tinham feito seu melhor “para tentar evitar esse desastre chocante em nossa vida nacional”. Não usaria “uma única palavra de

provocação”. Quanto ao governo, não poderia abdicar da responsabilidade de “manter a vida da nação no tocante a serviços essenciais e à ordem pública”. No entanto, uma vez retirados os avisos de greve, as negociações relacionadas à crise do carvão poderiam começar novamente. “A porta está sempre aberta. Não existe um abismo intransponível por nenhum negociador, certamente que não. É nosso dever negociar.”

A greve geral começou nessa noite; Churchill dirigiu-se às oficinas gráficas do *Morning Post* para supervisionar a produção do jornal do governo. Com ele estava Samuel Hoare , que sugeriu que o jornal se chamasse *British Gazette* . Enquanto a primeira edição era impressa, Churchill disse a Baldwin que seu tema editorial seria que a greve geral era um desafio ao governo, que não aceitaria negociar, mas que a disputa na indústria que a tinha provocado era uma questão acerca da qual “estamos preparados para fazer o máximo para alcançar um acordo no espírito mais conciliatório possível”.

Voluntários, incluindo muitos estudantes, levaram exemplares da *British Gazette* a cidades por todo o sul da Inglaterra, utilizando carros para a distribuição. Lindemann reuniu catorze estudantes de Oxford que se apresentaram em Londres, no Tesouro, para ajudar com a distribuição. Seguindo instruções de Hoare , o jornal foi enviado por avião para o norte da Inglaterra. Quando o primeiro número estava pronto para ser impresso, Churchill pediu que a BBC transmitisse o som das impressoras em funcionamento, mas a emissora recusou-se. Dois dias depois, propôs que o governo tomasse a BBC e utilizasse sua infraestrutura para emitir notícias oficiais. O governo rejeitou a proposta.

Na manhã de 5 de maio, mais de 230 mil exemplares da *British Gazette* tinham sido impressos. Num artigo não assinado, Churchill escreveu que, sem jornais, a Grã-Bretanha ficava reduzida “ao nível dos nativos africanos, dependentes exclusivamente dos rumores que são levados de um lugar para outro”. Esses rumores, num intervalo de dias, “envenenariam o ar, provocariam pânico e desordens, inflamariam pavores e paixões e transportariam todos a abismos que nenhum homem sensato, de qualquer classe ou partido, desejava enfrentar”.

Cada nova edição da *British Gazette* tinha uma distribuição maior do que a anterior. Em 6 de maio, o governo enviou um contingente de soldados para proteger a fábrica onde estava sendo produzido o papel. O Almirantado enviou uma patrulha naval para escoltar o papel, que subiu pelo rio Tâmisa em barcas. Entretanto, o editor do *Morning Post* , H. A. Gwynne , um dos antigos

inimigos de Churchill, conservador dos tempos dos “conservadores *versus* o povo”, tentou mantê-lo fora do edifício. Durante a produção da primeira noite, queixou-se ele a Baldwin, Churchill tentara “forçar uma equipe improvisada a ir além de sua capacidade” e “agitara demais o grupo”.

Em sua sala no Tesouro, Churchill reunia material que achava adequado ao jornal, dando proeminência aos aspectos da vida diária sobre os quais a greve não tinha grandes efeitos. Assinalava como “não recomendado para publicação” detalhes sobre faltas sérias de farinha e de açúcar, apedrejar e virar de bondes elétricos que ainda estavam em funcionamento e um incidente de pilhagem em que a polícia tinha usado seus cassetetes para dispersar a população de uma rua.

Numa reunião do Gabinete em 6 de maio, Churchill insistiu na máxima proteção para trens que estivessem transportando alimentos desde as docas para Londres. Em 7 de maio, Baldwin apoiou sua proposta de incorporar soldados do exército territorial às forças existentes da polícia voluntária. Usariam braçadeiras em vez de uniformes e bastões em vez de fuzis. Quando o ministro do Interior perguntou quem pagaria esse pessoal, Churchill retorquiu: “O Tesouro pagará. Se começamos a discutir detalhes insignificantes, teremos uma força de polícia exausta e um Exército dissipado, e terminaremos num estupor de uma revolução.”

Numa transmissão da BBC em 8 de maio, Baldwin fez um apelo pelo fim da greve geral e pela retomada das negociações com os trabalhadores das minas de carvão. Em sua fala, repetiu o tema conciliador de Churchill usado cinco dias antes: “Nenhuma porta está fechada.” Entretanto, Churchill continuava a supervisionar a *British Gazette*. “Ele se intromete nas horas de mais trabalho e insiste em mudar vírgulas e pontos finais até o pessoal ficar furioso”, queixou-se novamente Gwynne em 9 de maio. Na Câmara dos Comuns, havia queixas acerca de pedidos e uso de material tipográfico para o jornal do governo enquanto o mesmo era negado aos diversos jornais trabalhistas. O papel não podia ser disponibilizado para jornais “empenhados em pôr em perigo a vida da nação”, replicou Churchill. Quanto ao governo, “não se podia exigir-lhe imparcialidade entre o Estado e uma parte qualquer dos súditos com a qual esteja em conflito”.

Na manhã de 11 de maio, já tinham sido distribuídos mais de um milhão de exemplares da *British Gazette*. Nesse dia, houve sinais de que os mineiros estavam dispostos a reiniciar negociações com o governo. É preciso haver “um nítido intervalo”, escreveu Churchill a Baldwin nesse dia, entre o fim da greve

geral e o retomar das negociações sobre o carvão. “O primeiro acontece hoje à noite, e o segundo, amanhã. Nada simultâneo ou concorrente.” A mensagem do governo deveria ser: “Hoje à noite, rendição. Amanhã, magnanimidade.” Na manhã de 12 de maio, o Congresso dos Sindicatos decidiu que não poderia mais apoiar os mineiros se eles permanecessem em greve. Ao meio-dia, os dirigentes sindicais encontraram-se com Baldwin na Downing Street para lhe dizerem que a greve geral estava terminada. Momentos depois, Churchill disse ao chefe do conselho: “Graças a Deus que acabou.”

Dez dias depois do fim da greve geral, o *New Statesman* acusou Churchill de ter sido o chefe de um “partido de guerra” na noite de 2 de maio e de ter forçado um fim às negociações do governo com o Congresso dos Sindicatos. O jornal alegava também que Churchill teria dito que “um pequeno derramamento de sangue” só faria bem. O jornal, em todo o caso, enfraqueceu sua acusação ao acrescentar: “Tendo utilizado essa frase ou não, não há dúvida acerca de seus esforços incansáveis para aproveitar oportunidades providenciais para um combate.”

Churchill quis processar o *New Statesman* pela acusação de que ele tinha incentivado um derramamento de sangue. “Como bem sabe, meus argumentos no Gabinete foram orientados no sentido de manter os militares fora do conflito e utilizar, mesmo com grande despesa, grande número de civis sem armas”, disse ele ao procurador-geral. “Tenho certeza de que nunca usei qualquer linguagem que não tenha sido inteiramente condizente com isso.” Churchill acrescentou ainda: “Não me sinto minimamente inclinado a deixar que essa mentira aumente o patrimônio geral de incriminações dos trabalhistas.” Mas aumentou.

Ainda que tivesse durado apenas nove dias, a greve geral havia dividido a nação. Os apoiadores sentiam-se particularmente amargurados contra aqueles que a tinham “furado”. Contudo, não foi a reputação de Churchill como neutralizador de greves, mas sim suas qualidades como conciliador, que levaram Baldwin a pedir-lhe, oito dias depois do fim da greve geral, que chefiasse as negociações do governo com os mineiros.

Churchill concordou, trabalhando para construir uma ponte entre os mineiros e os proprietários, que insistiram numa redução dos salários dos funcionários. Churchill propôs que uma redução desse gênero fosse acompanhada em paralelo por uma redução dos lucros dos donos das minas. Havia também um

limite de salário, abaixo do qual, “por razões de ordem social, os mineiros não devem trabalhar”. Esses não eram sentimentos novos por parte de Churchill; durante uma discussão do Gabinete cinco anos antes, ele tinha argumentado, em relação a uma greve, que com uma compreensão correta das necessidades dos mineiros “seria possível conter a greve muito mais economicamente e com antecedência”.

Nesse outono, enquanto a greve dos mineiros continuava em meio a um crescente azedume, Baldwin , prestes a partir para suas férias anuais na França, pediu novamente a Churchill que se encarregasse das negociações. Em 26 de agosto, na reunião do Gabinete, em tom de aprovação, Churchill falou sobre o “desejo dos mineiros de um salário-mínimo nacional”. No mesmo dia, em conversações com os dirigentes dos mineiros, disse-lhes que sentia simpatia por sua tarefa e pediu-lhes que fizessem uma oferta em termos tais que ele próprio pudesse pressionar os proprietários a aceitar. Na Câmara dos Comuns , em 31 de agosto, suas observações acerca dos mineiros foram, segundo Thomas Jones relatou a Baldwin , “dignas, conciliatórias e justas”.

Em 1º de setembro, numa tentativa de quebrar o impasse, Churchill convidou MacDonald para ir a Chartwell. A visita do dirigente trabalhista foi mantida em segredo. MacDonald propôs-se a pedir aos dirigentes dos mineiros para que concordassem com um acordo nacional de vasto âmbito, incluindo a determinação de um salário mínimo. Dois dias depois, após um encontro com MacDonald em Londres, Churchill encontrou-se secretamente com os chefes dos mineiros e, na mais estrita confidencialidade, arquitetou com eles uma fórmula que pudessem aceitar e que o governo apresentaria então aos patrões, de forma a levar a greve a um término. A fórmula que Churchill aceitou era baseada na exigência dos mineiros de um salário mínimo que não fosse diminuído pelos proprietários individuais. Agora tudo dependia do acordo dos proprietários, que Churchill tentou conduzir à aceitação da proposta. Convidou-os para irem a Chartwell, na esperança de que a atmosfera do campo pudesse induzir pensamentos conciliatórios, mas os proprietários não cederam.

Churchill irritou-se com essa atitude “recalcitrante” e “pouco razoável”, como a descreveu a Baldwin , e passou a tentar incorporar o princípio de um salário mínimo numa lei do governo, cujo objetivo, segundo explicou ao Gabinete em 15 de setembro, seria “exercer pressão sobre os proprietários”. Contudo, o Gabinete opôs-se à aplicação dessa pressão e Baldwin , que voltara da França nesse dia, recusou-se a apoiar os esforços de Churchill. O Gabinete também não endossou outra proposta de Churchill, no sentido de ser estabelecido um

tribunal de arbitragem, que também era aceitável para os mineiros.

Sabendo que Churchill já não podia confiar na unanimidade do Gabinete em relação às suas propostas, os proprietários persistiram em sua recusa e não aceitaram sequer participar num encontro com Churchill e os mineiros. Essa recusa era “totalmente errada, pouco razoável” e sem precedentes “em tempos recentes”, disse Churchill ao Gabinete em 24 de setembro. No entanto, o Gabinete recusou-se a obrigar os donos das minas a participarem de um encontro e, para mágoa de Churchill, decidiu afastar-se da disputa, deixando proprietários e mineiros sozinhos para concluírem seu conflito.

Em 27 de setembro, num esforço derradeiro para resolver a disputa, Churchill propôs na Câmara dos Comuns, se os mineiros concordassem em voltar ao trabalho sem um salário-mínimo, o estabelecimento de um tribunal nacional independente, com “força de lei”, que examinaria cada acordo salarial regional e garantiria um acordo justo para cada região. Os mineiros, enfurecidos pela recusa dos proprietários em aceitar um salário-mínimo nacional, rejeitaram a oferta. Churchill tentou conceber uma proposta que permitisse aos mineiros aceitar o tribunal nacional. Seus colegas no Gabinete se recusaram novamente a assumir sua causa.

“A maior parte de nosso partido não gosta de interferências por parte do governo”, explicou um conservador a um amigo em 29 de setembro. “E essa maioria acredita que Winston iniciou uma fase desnecessária de interferências e não está sendo nada cordial com ele.” Os esforços de Churchill tinham sido em vão. Sua pressão sobre os proprietários das minas não tinha levado a nada. Sua vontade de envolver o governo na arbitragem tinha sido rejeitada por seus colegas de Gabinete. Sua tentativa de levar os mineiros a um acordo tinha sido recusada. “Temo agora que a questão tenha de ser combatida até o fim”, escreveu a Robert Boothby, seu secretário parlamentar, em 16 de outubro, após a recusa final dos mineiros em relação a um tribunal nacional. “Essas pessoas se acham mais fortes do que o Estado, mas isso é um erro. E existe uma atitude semelhante entre os proprietários.”

Tanto no Tesouro quanto em Chartwell, Churchill prosseguiu preparando suas memórias de guerra. Harold Bourne, gerente da editora Thornton Butterworth, era frequentemente convocado para qualquer dos locais; ele recordaria mais tarde quão irritado Churchill ficava se as provas não vinham corretas, mas como após cada tempestade parecia haver um “brilho adicional em seus olhos cheios de humor. Humor que raramente parecia estar ausente”. Churchill tinha imenso

prazer em corrigir cada etapa das provas.

Em 12 de dezembro, enviou a Bourne uma carta em verso:

*Imediatamente e sem demora
Quero provas a toda a hora.
Em 4 de janeiro
Parto como um aventureiro
E já não me encontra o carteiro!*

O humor e a reflexão filosófica de Churchill andavam quase sempre lado a lado. Em 28 de dezembro, Churchill escreveu a Beaverbrook : “Há grandes coisas a serem feitas por aqueles que atingem certa escala de compreensão e de poder na força da vida. E enquanto tivermos vida e saúde, devemos tentar realizá-las e não nos contentarmos senão com as melhores e mais verdadeiras soluções.”

Churchill não parava de trabalhar nem mesmo quando estava de férias. No começo de 1927, aos 52 anos, levou consigo em suas viagens as provas do terceiro volume das suas memórias de guerra, que Bourne tinha conseguido entregar-lhe a tempo e cuja revisão seria concluída em Gênova. Nesse inverno, em Malta, jogaria seu último jogo de polo. “Se eu expirar no campo, será um fim que terá valido a pena”, escreveu ele ao seu anfitrião. Depois do jogo, voltou a assuntos políticos, escrevendo a Baldwin sobre a necessidade de incluir no texto da lei sindical em preparação o direito de qualquer membro individual de fazer contratos fora da até então obrigatória corrente política do sindicato. Em Atenas, deu uma entrevista a um jornal, exprimindo seu prazer com a restauração do governo parlamentar na Grécia. Em Roma, teve dois breves encontros com Mussolini , dizendo numa conferência de imprensa na capital italiana que qualquer pessoa podia ver que Mussolini, “à sua maneira, não pensava senão no bem do povo italiano”. Churchill acrescentou: “Se eu fosse italiano, com certeza o teria apoiado do princípio ao fim, de todo o coração, em sua luta triunfante contra os apetites bestiais e as paixões do leninismo. Ainda não tivemos de enfrentar esse perigo da mesma forma mortífera na Inglaterra. Temos nossa própria forma de fazer as coisas.”

Outro problema político preocupou Churchill durante suas férias: o ataque, por “senhores da guerra” chineses, a súditos britânicos em dois portos chineses. O Gabinete havia decidido enviar reforços para a China. Churchill aprovou.

“Com a exceção de ser efetivamente conquistado, não há coisa pior do que ser submetido ao mal e à violência por termos medo da guerra”, escreveu ele a Baldwin em 22 de janeiro, quando estava em Èze, no sul da França. “Uma vez que tomemos a posição de não sermos capazes, em quaisquer circunstâncias, de defender nossos direitos contra a agressão de um grupo particular, não haverá fim para as exigências que serão feitas nem para as humilhações que serão sofridas.” Essa era a essência da crítica de Churchill ao apaziguamento a partir de uma posição de fraqueza.

Em Èze, Churchill ficou na propriedade Lou Seuil, o castelo de Consuelo Balsan, cujo casamento com Sunny, primo de Churchill, havia chegado ao fim em 1921. Mesmo longe, ele continuava atento à atuação do Gabinete na China. Em 25 de janeiro, escreveu ao ministro da Guerra para pressioná-lo a enviar “muitos tanques para Xangai”. Porém, por questões práticas, opôs-se ao envio de granadas de gás, dizendo ao ministro:

Fiquei satisfeito ao saber que defendeu o uso de gás. “Gás para a Ásia” pode ser uma frase de grande impacto, mas acredito que considerará os tanques ainda mais eficazes, quer para combates nas ruas quer para operações em campo aberto. Tenho esperança de que uma ação firme e uma *força adequada* conduzirão a uma solução pacífica. Em caso contrário, peço-lhe, no limiar do que podem ser grandes responsabilidades, para utilizar os meios certos.

De Èze, Churchill foi para Paris, onde, em 26 de janeiro, almoçou com Loucheur e diversos outros políticos franceses, incluindo Vincent Auriol, que se tornaria o primeiro presidente da Quarta República em 1947. Então, foi para o castelo do duque de Westminster em Eux para três dias de caçada de javali antes de voltar a Londres. Pouco depois de seu regresso, foi publicado o terceiro volume de *The World Crisis*. Os leitores foram impactados por suas vívidas descrições das batalhas na Frente Ocidental. J. M. Keynes descreveu o livro como “um manifesto contra a guerra mais eficaz do que o trabalho de um pacifista”.

Em 11 de abril, Churchill apresentou seu terceiro orçamento. Os deputados apinharam-se na Câmara para ouvi-lo. “A cena foi suficiente para mostrar que o sr. Churchill, como peça central, tem um poder de atração que ninguém na Câmara dos Comuns consegue ultrapassar”, contou Baldwin ao rei. Ele tinha

suportado a pressão do Gabinete no sentido de reduzir os direitos de herança e contentou-se com obter dinheiro por meio da imposição de novas taxas sobre pneus de automóvel importados e vinhos e do aumento de impostos antigos sobre fósforos e tabaco.

Velhos inimigos estavam impressionados com Churchill. “É notável a forma como ele adquiriu, bastante tarde em sua vida parlamentar, uma reserva imensa de tato, paciência, bom humor e capacidade de brincar em quase todas as ocasiões”, escreveu a um amigo lorde Winterton, um deputado conservador desde 1904. “Ninguém tinha menos capacidade para ‘aturar idiotas’, mas agora ele é amigável e acessível a todos, quer na Câmara quer nos *lobbies*, tornando-se muito popular no Parlamento — algo que nunca tinha sido antes da guerra e um grande acréscimo ao seu já formidável poder parlamentar.”

Os caricaturistas variavam entre representar “Winston Simpático” e “O Ministro Sorridente”. Ao relatar o discurso do orçamento ao rei, Baldwin sublinhou o “animado e bem-disposto otimismo” de Churchill, bem como seu senso dramático. “Existe no sr. Churchill um lado oculto e divertido que muitas vezes vem à tona sob a forma de uma frase pitoresca ou de um dito espirituoso à custa de um oponente.” Baldwin acrescentou: “Seus inimigos dirão que o orçamento desse ano é uma maliciosa forma de manipulação e malabarismo com as finanças do país, mas seus amigos dirão que se trata de uma obra-prima.”

Amery protestou junto a Baldwin, dizendo que o orçamento de Churchill não continha nada, a não ser uma série de “expedientes para tapar buracos”. Não havia nenhuma medida para proteger as indústrias produtivas, “das quais, no fim das contas, depende o rendimento”. Contudo, Churchill já estava trabalhando num vasto esquema de abolição das tarifas locais para aliviar a indústria e a agricultura britânicas da carga que o sistema tarifário impunha. O desemprego crescente e o comércio em queda eram seus grandes inimigos. O dinheiro para compensar as tarifas seria obtido por meio de taxas. Churchill estava considerando impostos sobre a gasolina e sobre lucros como as principais fontes alternativas de receitas.

A abolição das tarifas absorveria grande parte das energias de Churchill no ano seguinte, assim como a dificuldade de obter rendimentos adicionais por meio de taxas; a quantia necessária para abolir completamente as tarifas era 50 milhões de libras, que representava a compensação que teria de ser paga às autoridades locais pela perda de proventos tarifários. A recompensa antecipada seria ver florescer o setor produtivo da economia. A abolição das tarifas,

segundo disse a Baldwin em 6 de junho, constituiria uma “vasta e nova medida construtiva que por sua importância, por seu alcance e por seus aspectos antagônicos e atraentes nos elevará acima da barafunda dos assuntos correntes”. A indústria seria estimulada, a agricultura seria apaziguada “e a imensa massa dos pagadores de tarifas ficaria não só atônita como satisfeita”. E se a aplicação tarifária restante fosse então transferida da propriedade para os lucros, “o alívio viria, com efeito crescente, para fábricas e indústrias que lutam para sobreviver à depressão, com reações positivas para nossa competitividade e empregos e com o máximo benefício”.

Baldwin aprovou esse esquema, mas Neville Chamberlain estava irritado com a ideia de Churchill, mais uma vez, como no caso dos seguros em 1925, ficar com a melhor parte. Encorajado pelo entusiasmo de sua equipe no Tesouro, Churchill avançou, trabalhando em seu esquema durante todo o verão em Chartwell, enquanto também pintava, organizava a construção de muros, barragens e tanques e iniciava uma nova aventura literária, sua autobiografia desde a infância até sua entrada para o Parlamento em 1900.

Nesse verão, Clementine foi derrubada por um ônibus numa rua de Londres, ficando muito abalada. Ela viajou para Veneza por seis semanas para recuperar-se enquanto Churchill permanecia em Chartwell, onde ditava partes da sua autobiografia e todas as noites apagava as luzes e ouvia música com seu irmão Jack. Ele também foi à Escócia para caçar veados e pescar salmões com o duque de Westminster. Em outubro, visitou Clementine em Veneza, onde pintou, nadou e continuou a trabalhar em sua autobiografia. Em Londres, havia grandes especulações sobre seu futuro. “Baldwin parece estar sob muita influência de Churchill, talvez porque C. nunca perde as esperanças na república”, escreveu a um amigo Josiah Wedgwood, um deputado trabalhista. “Ele continua jovem, como sempre foi, e o país e a política continuam a ser seu jogo favorito. Dizem que Baldwin está cansado e talvez doente e que irá se retirar antes das eleições e aconselhar o rei a chamar Churchill.”

Deixando Clementine em Veneza, Churchill retornou à Inglaterra para trabalhar nos detalhes de seu esquema para a abolição de tarifas. Sua tentativa de obter 3 dos 50 milhões de que precisava por cortes nos gastos da Marinha fracassou; Neville Chamberlain ficou ao lado do Almirantado na reunião do Gabinete em que foram aprovados apenas cortes mínimos nas despesas navais. Enquanto se trabalhava para aperfeiçoar o esquema, um funcionário do Tesouro avisou a Churchill que o dinheiro obtido com a abolição das tarifas seria negado ao pagamento da dívida nacional. Sempre otimista e entusiasmado, Churchill

respondeu: “Peço que ponha sua esperança e sua confiança na força crescente do país em todos os seus memorandos.” Um aliado inesperado, Harold Macmillan , deputado da ala conservadora, mostrou-se de tal maneira entusiasmado com a abolição das tarifas que Churchill deu-lhe uma sala no Tesouro, de onde ele poderia analisar melhor o esquema.

Em 17 de dezembro, três semanas após seu 53º aniversário, o esquema de Churchill encontrava-se pronto para divulgação ao Gabinete. Nesse dia, enviou o primeiro exemplar a Baldwin , trabalho que considerou “minha melhor realização”. Sete dias depois, Neville Chamberlain , a quem ele tinha enviado um exemplar, respondeu-lhe com cinco páginas de comentários e uma nota em que dizia: “Como verá, minha atitude, embora cautelosa, não é totalmente hostil.” A principal sugestão de Chamberlain consistia em tornar o alívio de tarifas parcial, “digamos em 50%”, em vez de total, para evitar o imposto sobre a gasolina, com o qual Churchill pretendia reunir 20 dos 50 milhões de libras necessários. Um imposto dessa natureza, temia Chamberlain , antagonizaria bastante os motoristas, uma fatia crescente do eleitorado. Macmillan também sugeriu um esquema parcial de 66% de redução das tarifas, por temer que o imposto sobre lucros, “forjado sem dúvida honestamente com a finalidade de financiar esse grande socorro à indústria”, virasse, nas mãos de um governo socialista, “uma horrorosa máquina de extorsão fiscal”.

Após estudar o projeto, o lorde Weir , antigo diretor-geral de Produção de Aeronaves no Ministério das Munições de Churchill, também escreveu-lhe em 3 de janeiro de 1928: “O senhor fará mais pela indústria do carvão por meio dessa ação do que fizeram todos os relatórios juntos das comissões do carvão.”

Chamberlain passou a sugerir a retenção de um terço do total das tarifas. Relutantemente, Churchill aceitou, “curvando-se à necessidade de obter um maior acordo geral”, segundo disse a Baldwin em 4 de janeiro, “e manchando a pureza clássica do conceito em favor de uma passagem mais fácil!”. Como agora seria preciso menos dinheiro, Churchill decidiu desistir do imposto sobre lucros e garantir a maior parte da verba necessária com o imposto sobre o combustível.

Em 9 de janeiro, Churchill e o filho foram ao norte da França para dois dias de caça a javalis bravos. Em seu regresso, já em Chartwell, James Lees-Milne , então estudante em Oxford, foi um de seus convidados; ele recordaria mais tarde como, depois de um jantar, tendo retirado a toalha da mesa, Churchill passou duas horas deliciosas a demonstrar, com os copos e as garrafas de vinho, como a Batalha da Jutlândia tinha sido travada. “Ele era fascinante.

Entusiasmado como um garoto de escola, fazia barulhos numa imitação do fogo de canhões e soprava fumaça de charuto sobre o cenário da batalha para imitar a fumaça das peças de artilharia.” Na manhã seguinte, Churchill ditou parte de sua autobiografia em seu escritório abobadado, andando de um lado para o outro. “O som dos passos e sua voz familiar eram claramente audíveis. Durante a tarde, com botas de borracha, estava metido até a cintura no lago.”

Churchill apresentou seu projeto de redução das tarifas ao Gabinete em 20 de janeiro. “Eles pareceram um pouco oprimidos com a quantidade de trabalho que a proposta implicará, mas a maior parte vai recair sobre mim, e estou perfeitamente preparado para arcar com ela e bastante certo de que posso produzir um resultado satisfatório”, escreveu Churchill a Balfour . Em 31 de janeiro, a Comissão de Política Governamental, presidida por Neville Chamberlain , concordou que a redução de tarifas parcial fosse parte integrante do orçamento de 1928. Três dias depois, em Birmingham, Churchill lançou a campanha pública para a redução de tarifas, descrevendo as taxas como “um fardo irritante sobre a indústria produtiva e sobre a agricultura, cobradas, ao contrário do imposto sobre a renda, quer haja lucros quer não”.

Em 16 de fevereiro, o Gabinete reuniu-se na sala do Gabinete em homenagem a Asquith , que tinha falecido na véspera. Quando saíram, Churchill defendeu seu projeto de redução de tarifas junto do secretário-adjunto do Gabinete, Thomas Jones , que já havia acolhido em Chartwell como uma influência “corretiva” para Randolph , contra o conservadorismo ardente de Lindemann . Churchill disse a Jones que compensar as autoridades locais por suas tarifas perdidas “era na realidade o princípio comunista de cada autoridade segundo sua capacidade e sua necessidade”.

Em março, o projeto de redução de tarifas se deparou com dificuldades. Chamberlain sentia-se incomodado com a forma como a proposta havia eclipsado seus próprios planos para fazer algo pelos pobres e pelas áreas necessitadas. Churchill tentou encorajá-lo a continuar com seu próprio esquema, mas sem resultado. Em cada reunião da Comissão de Política Governamental, Chamberlain levantava novas objeções. “Não posso fazer qualquer progresso face à sua oposição”, escreveu-lhe Churchill em 12 de março.

Seguiu-se uma correspondência azeda. “Até agora fiz todas as concessões”, escreveu Chamberlain em 14 de março, insistindo em que as estradas de ferro fossem excluídas do esquema de Churchill e continuassem a pagar tarifas. Churchill argumentou que isso inviabilizaria sua ideia de preços mais baixos

para os agricultores que transportassem seus produtos por trem. Porém, Chamberlain , cuja influência e interesse consistiam em aplacar e insinuar-se junto das autoridades locais, não recuou. Mais uma vez, Churchill cedeu, tendo escrito a Chamberlain , com certa amargura, que estava “cada vez mais inclinado a pensar que seria melhor deixar esses assuntos espinhosos para outro Parlamento e, possivelmente, para outras mãos”.

No Gabinete, em 4 de abril, após dois dias de intensa discussão, tudo foi decidido. “Acordo completo e, de qualquer forma, consegui três quartos daquilo que queria”, escreveu Churchill a Clementine , descrevendo assim o que havia sucedido. No entanto, a perda da quarta parte do seu projeto e a animosidade de Chamberlain lançavam uma sombra sobre seu entusiasmo. “Neville é muito obstinado e, penso, nada razoável. Queira Deus que esses planos possam trazer um pouco mais de prosperidade a essa pobre e velha Inglaterra.”

Churchill apresentou seu quarto orçamento em 24 de abril. “Todas as galerias públicas estavam lotadas enquanto no balcão dos pares estavam Suas Altezas o príncipe de Gales e o duque de Gloucester”, contou Baldwin ao rei. Num discurso que durou três horas e meia, Churchill fascinou e divertiu a Câmara. Ao anunciar um aumento de quase 100% nos subsídios às famílias com filhos na escola, comentou: “Mais um exemplo de nossa política geral de auxiliar o produtor.” Clara e pacientemente, com grande riqueza de pormenores, apresentou seu esquema para a redução das tarifas, explicando como seria atingido; seu objetivo, disse ele, era “impulsionar a indústria e criar novos empregos”.

Baldwin disse ao rei que o discurso de Churchill tinha sido “quase a mais notável realização em oratória de sua carreira”, mas o debate que se seguiu teve de ser realizado sem ele, pois um severo ataque de gripe forçou-o a ficar em Chartwell. Assim que melhorou, foi para a Escócia para recuperar-se na propriedade do duque de Westminster em Rosehall, onde leu o livro de Beaverbrook sobre os primeiros meses da guerra e sobre aqueles que tinham sido seus amigos e colegas políticos em 1914. “Pense nessas pessoas decentes, educadas, com a história do passado mostrada diante dos seus olhos. O que evitar, o que fazer etc. Patrióticos, leais, limpos e tentando ao máximo. Que trapalhada fizeram! Impossível ensinar qualquer coisa desde a infância até o túmulo — essa é a primeira e principal característica da espécie humana.” Churchill acrescentou no fim da carta: “Nada mais de guerra.”

Nesse mês de julho, a Comissão de Defesa Imperial discutiu o que era conhecido como “Regra dos Dez Anos ” para gastos com a Defesa, uma norma

estabelecida pela comissão em 1919 que previa que o orçamento da Defesa para qualquer ano se basearia no princípio de que não haveria nenhuma guerra europeia nos dez anos seguintes. Churchill assumiu a iniciativa de propor que a regra fosse “revista todos os anos”. Seu objetivo não era dificultar o desenvolvimento de ideias, mas “controlar a produção em massa enquanto a situação exigisse”. A segurança da nação seria defendida, mas despesas prematuras e excessivas seriam evitadas. Para Churchill, era essencial evitar a produção de armas, navios e aviões que fossem obsoletos quando eclodisse uma guerra.

Inicialmente, Baldwin opôs-se totalmente à Regra dos Dez Anos , mas foi guiado pelos argumentos de Churchill e, acima de tudo, de Austen Chamberlain , segundo os quais uma guerra europeia não era iminente. A comissão aceitou então a proposta de Churchill sobre reconsiderar anualmente a regra, de forma que, no momento em que surgisse uma perspectiva de guerra no horizonte, fossem tomadas medidas para preparação bélica, utilizando os mais atualizados equipamentos e armamentos.

No verão de 1928, enquanto aumentava a pressão no interior do Partido Conservador para um regresso ao protecionismo , Churchill encontrava-se mais uma vez numa situação de conflito com seus colegas. “Tome cuidado para que não haja um ataque ao comércio livre sob o disfarce de uma *vendetta* contra você”, escreveu-lhe lord Derby em julho. Churchill não se deixou deprimir, escrevendo a Clementine em agosto: “De fato, me sinto completamente independente de todos eles.” Era claro que ele não teria a chefia conservadora se os elementos então no centro do partido mantivessem seu ciúme e sua desconfiança. “Ele é uma brilhante criança rebelde, que provoca admiração, mas que deixa exaustos seus guardiões com a constante tensão que põe sobre eles”, escreveu Neville Chamberlain a um amigo.

Churchill fazia seus “guardiões” trabalharem ou sentirem-se culpados por ele estar trabalhando e eles, não. Nesse verão e outono, passou a maior parte do tempo em Chartwell, terminando o volume do pós-guerra de seu livro de memórias. “Lembre-se do meu conselho e aceite-o!”, escreveu-lhe Baldwin em 5 de agosto. “Tintas, canetas, represas e nada mais.” Churchill também ajudou na construção de uma casinha para Mary , sua filha de 5 anos. “Tive um mês delicioso construindo uma casinha e ditando um livro: duzentos tijolos e 2 mil palavras por dia”, escreveu ele a Baldwin em 2 de setembro.

O trabalho do Ministério era trazido de automóvel diariamente, e Churchill dedicava-lhe várias horas todos os dias. Nesse mês, um de seus visitantes,

James Scrymgeour-Wedderburn , anotou em seu diário após uma conversa de duas horas com Churchill: “Quando ele mergulha num assunto, anda de um lado para o outro da sala, com a cabeça para a frente e os polegares metidos nos bolsos do colete, como se tentasse acompanhar o ritmo de sua própria eloquência. Se ele dá sinais de que parará, basta fazer uma observação moderadamente inteligente e ele dispara de novo.”

Nesse outono, tinha havido uma considerável atividade internacional, iniciada pelos Estados Unidos, para garantir o desarmamento das três potências mais fortes: Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. “Pessoalmente, não levo a sério essas tentativas prematuras de forçar um acordo de desarmamento”, escreveu Churchill a um dos seus conselheiros do Tesouro em 9 de setembro. Cinco dias depois, explicou seu mal-estar com mais detalhes:

Dizem-nos frequentemente que a Alemanha se desarmaria se as outras nações também se desarmassem e que, além disso, a França é moralmente forçada a desarmar-se, mas não vejo nenhuma obrigação moral. Os alemães cederam, pois não estavam em condições de reagir. Quaisquer compromissos de desarmamento por parte dos Aliados não foram uma questão de negociação, mas uma declaração voluntária.

Churchill apontou que tinham ocorrido mudanças importantes na situação da França desde 1919:

Ela desistiu da fronteira do Reno em troca de uma promessa conjunta, dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, de ajudarem no caso de uma agressão alemã. Porém, a promessa americana foi retirada e agora a França não tem a segurança pela qual foi induzida a abandonar o Reno. Suas únicas garantias são seu próprio exército e os Tratados de Locarno , que dependem, para sua eficiência, do próprio exército francês. Enquanto o exército for suficientemente forte, não será tentada nenhuma invasão alemã.

Pelos mesmos Tratados de Locarno , o compromisso britânico de proteger a Alemanha “contra uma má utilização do exército francês”, escreveu Churchill, “garante à Alemanha segurança completa, pois é impensável que a França ataque a Alemanha, desafiando a Inglaterra. Assim, a força do exército francês protege-nos contra o perigo mais provável de sermos forçados a intervir na

Europa, e não é de forma alguma interessante a redução dessa força abaixo do ponto de segurança. Além do mais, a França nunca consentirá uma redução, portanto todas as expectativas nesse sentido são fúteis”.

No final de setembro, Churchill foi convidado pelo rei para uma caçada de quatro dias a aves e veados. Enquanto estava com o rei, viu pela primeira vez a princesa Elizabeth, então com 2 anos e meio. “É notável. Tem um ar de autoridade e reflexão que é espantoso numa criança”, escreveu ele a Clementine

. Nesse novembro, Churchill completou 54 anos. “Você ainda é uma criança, por isso posso desejar-lhe muitos anos de vida”, escreveu-lhe Baldwin . Churchill passou seu aniversário em Chartwell. Clementine estava numa clínica, recuperando-se de uma infecção no sangue. Churchill passava o máximo de tempo que podia em Chartwell, ditando os capítulos finais de suas memórias de guerra. No Natal, Clementine reuniu-se a ele, às três filhas e a Randolph , que estava em seus últimos meses em Eton.

Em 7 de fevereiro de 1929, Churchill foi a Londres para uma reunião de emergência do Gabinete. Os alemães, até então desarmados e militarmente fracos, estavam, de acordo com as informações mais recentes, desenvolvendo um novo cruzador de batalha, ligeiro, rápido e fortemente armado, que teria um raio de ação superior à capacidade de qualquer cruzador britânico e que poderia disparar mais obuses por minuto, até mais pesados, do que seu rival britânico mais próximo. A produção de cruzadores, avisou Churchill, “está entrando numa fase que tornará obsoletos nossos navios”. O novo cruzador alemão teria canhões de onze polegadas, proibidos na Inglaterra pelos termos do Tratado de Desarmamento Naval de Washington de 1922 . Churchill estava novamente, como na ocasião da Lei da Marinha Alemã de 1912, vigilante em sua investigação das intenções alemãs e do seu poder potencial.

Estavam previstas eleições gerais para maio. O primeiro discurso pré-eleitoral de Churchill, em 12 de fevereiro, descrevia os perigos de uma mudança de governo. Para ele, se o Partido Trabalhista alcançasse o poder, traria necessariamente “de volta os bolcheviques russos, que imediatamente cuidarão de planejar outra greve geral nas minas, nas fábricas e nas Forças Armadas”. Ministros respeitáveis e bem-intencionados “seriam movidos como marionetes, de acordo com as decisões de uma pequena junta internacional secreta”.

Esse foi o tema de Churchill durante toda a campanha, tornado mais urgente e

estridente por sua consciência, como Beaverbrook escreveu a um amigo, “de uma derrota eleitoral que já aceitou antecipadamente”. Outros ministros conservadores acreditavam que o partido seria reeleito e discutiam o futuro lugar de Churchill; ministro da Índia e ministro das Relações Exteriores eram dois dos postos mencionados frequentemente. O próprio Baldwin sugeriu a Churchill que fosse para o Ministério da Índia. Ele “parecia sentir”, recordaria Churchill mais tarde, “que como eu tinha levado adiante a Constituição do Transvaal na Câmara dos Comuns em 1906 e a Constituição do Estado Livre da Irlanda em 1922, estaria em harmonia geral com meus sentimentos e com meus antecedentes presidir uma terceira grande medida para uma outra parte do império”. Churchill, no entanto, não se sentia atraído por esse plano. Lorde Birkenhead, na época titular da pasta da Índia, tinha discutido com ele muitos dos problemas existentes no caminho do governo próprio para a Índia e partilhava aquilo a que se chamava “o profundo desconforto de Baldwin acerca daquele vasto subcontinente”.

Neville Chamberlain revelou sua animosidade crescente quando escreveu a um amigo dizendo que, se Churchill se tornasse ministro das Relações Exteriores, Baldwin “acordaria no meio da noite com suores frios, pensando nas indiscrições de Winston”. Em todo o caso, com fé nas qualidades de estadista de Churchill, Baldwin estava inclinado a dar-lhe a pasta das Relações Exteriores, dizendo a Leo Amery, em 4 de março, que ele teria “uma rara oportunidade para se espriar, tornando vivo e pitoresco um assunto que Austen havia tornado mortalmente enfadonho”.

Em 7 de março, enquanto as especulações políticas prosseguiram, foi publicado o quarto volume das memórias de guerra de Churchill, chamado *The World Crisis : The Aftermath*, fazendo um apelo eloquente a uma resolução das desigualdades e dos ressentimentos do pós-guerra. Um mês depois, Churchill concordou em escrever uma outra obra, em vários volumes, compondo uma biografia do seu antepassado John Churchill, duque de Marlborough. Também estava empenhado em terminar sua autobiografia e pensava em um quinto e final volume sobre a guerra, tratando da Frente Oriental e da Revolução Bolchevique. Se as eleições gerais em maio fossem desfavoráveis aos conservadores, ele não ficaria sem ter o que fazer.

Em 15 de abril, Churchill apresentou seu quinto orçamento, um número até então só atingido por Walpole, Pitt, Peel e Gladstone, sendo que todos haviam sido ou viriam a ser primeiros-ministros. Quando anunciou que aboliria o imposto sobre o chá, que existia desde o reinado da rainha Elizabeth, o

chanceler do governo sombra trabalhista, Philip Snowden , acusou-o de “suborno eleitoral”. Churchill foi rápido em assinalar que o próprio Snowden tinha descrito o imposto como “o esmagar das costas curvadas da classe trabalhadora”.

Churchill falou durante quase três horas. “Nunca o ouvi falar melhor e isso é dizer muito”, escreveu Baldwin no dia seguinte. “Eu detesto a expressão ‘brilhante’, que tem sido usada até a morte e é sugestiva de ‘brilhantina’, mas se posso usá-la em seu conceito original, por assim dizer, ela é a palavra certa. Eu o felicito com ambas as mãos.” Para Neville Chamberlain , conforme anotou em seu diário, foi um discurso que “manteve a sala fascinada e hipnotizada por sua inteligência, sua exatidão e seu poder”.

Duas semanas depois, como parte da campanha eleitoral, Churchill fez sua primeira emissão de rádio. “Houve um tom de extraordinária intimidade com sua audiência”, escreveu o *Daily Express* . Durante a emissão, Churchill incitou seus ouvintes conservadores , dizendo-lhes: “Evitem cortes e mudanças de política, evitem charlatões e vigaristas com truques baratos, evitem empréstimos desnecessários e, acima de tudo, evitem, como evitariam a varíola, a guerra de classes e as violentas lutas políticas.” Em 6 de maio, repetiu esse tema em Edimburgo e em Glasgow, mas os discursos foram em vão. Em 30 de maio, os conservadores foram forçados a abandonar o poder enquanto Ramsay MacDonald formava seu segundo governo.

Churchill foi reeleito por Epping. Embora não tivesse um lugar no Gabinete, continuava a ser membro do Parlamento, 29 anos depois de ter entrado pela primeira vez para a Câmara dos Comuns . “Ele é um bom combatente e se comportará melhor fora do que dentro. Há de voltar numa posição mais forte. Eu quero que, de algum modo, ele venha a ser primeiro-ministro”, escreveu T. E. Lawrence a Marsh em junho.

23.

Fora do governo

Duas semanas depois da derrota dos conservadores nas eleições de 30 de maio de 1929, Churchill começou a trabalhar na biografia, em quatro volumes, do primeiro duque de Marlborough . Um jovem historiador de Oxford, Maurice Ashley , visitou muitos arquivos, na Inglaterra e em outros países europeus, para conseguir material original para Churchill. Tendo o trabalho encaminhado, discursou na Câmara dos Comuns , falando a favor dos planos dos trabalhistas para que se aplicasse mais dinheiro nos serviços públicos de modo a diminuir o desemprego em regiões mineiras. Porém, seu principal esforço político consistiu em tentar conseguir meios de reverter a derrota dos conservadores. Um mês depois das eleições, conseguiu convencer Baldwin de que os conservadores deviam tentar uma aliança com os liberais .

Em 27 de junho, com a aprovação de Baldwin , Churchill encontrou-se com Lloyd George para discutirem um possível acordo entre conservadores e liberais , limitado a princípio a questões específicas que surgissem no Parlamento. “Estou muito impressionado com o caráter crítico da atual situação”, disse ele a Baldwin dois dias depois. “Oito milhões de *tories*, oito milhões de trabalhistas, cinco milhões de liberais! Para onde vão esses cinco milhões?” Se o Partido Conservador se voltar para o protecionismo , e se seus “ressentimentos antiliberais” se consolidarem, “isso só pode trazer um resultado definitivo em nossa vida, que será um bloco ‘Lib-Lab’⁴ sob qualquer forma e uma direita conservadora irremediavelmente afastada do poder”.

Churchill repetiu ao Gabinete do governo sombra, em 11 de julho, seu desejo por uma aproximação entre conservadores e liberais , mas Amery não desistiu de seu desejo por um regresso ao protecionismo e encontrou um aliado, pelo menos parcial, em Neville Chamberlain . Entretanto, com o recrudescimento do nacionalismo no Egito, MacDonald anunciou a decisão de seu governo sobre deslocar as tropas britânicas que estavam no Cairo para o canal de Suez e demitir o alto-comissário, lorde Lloyd , um firme defensor da influência britânica. Churchill recordou mais tarde o quanto se opôs à decisão:

Reagi violentamente contra esse duro e súbito gesto e achei que todo o Partido Conservador teria os mesmos sentimentos, mas o senhor Baldwin , educado como homem de negócios e por certo um grande avaliador dos sentimentos públicos, considerou que não havia um bom fundamento para lutar contra o governo. Uma luta somente uniria os liberais ao governo, deixando os conservadores em acentuada minoria.

Lloyd havia apelado pessoalmente a Churchill “para lhe fazer justiça, e eu”, escreveu Churchill, “declarei que confrontaria o governo sobre a questão, que não só demonstrava uma política fraca como um inconveniente tratamento pessoal. O senhor Baldwin censurou minha defesa do alto-comissário, mas persisti. Quando, na fila da frente da bancada da oposição, levantei-me para interrogar o governo, ele se manteve sentado, silencioso e desaprovador. Imediatamente percebi que os *whips* tinham deixado claro ao partido que seu distinto líder não considerava importante insistir nesse ponto. Murmúrios e até gritos de desaprovação dos conservadores juntaram-se às interrupções hostis do governo e ficou evidente que eu estava quase sozinho no Parlamento”.

A acirrada defesa de Lloyd por parte de Churchill constituiu sua primeira infração em relação à liderança conservadora. “Não se importe”, escreveu Lloyd em 28 de julho. “Você fez o melhor que pôde, e se, entre os Estados modernos, apenas a Grã-Bretanha escolher rejeitar seus direitos, seus interesses e sua força, será obrigada a aprender de modo amargo.” Seis dias depois, Churchill deixou a Inglaterra a caminho do Canadá e dos Estados Unidos na companhia do filho, do irmão e do sobrinho Johnny. “É divertido sair da Inglaterra e sentir que não temos qualquer responsabilidade por seus assuntos terrivelmente entediantes e embaraçosos”, escreveu ele a Beaverbrook antes de partir. A Clementine , que não tinha se sentido suficientemente bem para fazer uma viagem tão longa, escreveu pesarosamente durante a travessia do Atlântico: “Minha querida, tenho andado muito triste e muitas vezes penso em você em casa, sentindo-se desanimada. Mande notícias. Gosto muito de você e fico triste de saber que está só.”

Amery o acompanhava, tendo escrito em seu diário sobre as reflexões de Churchill acerca do estreito de Dardanelos:

Falando sobre a série de infortúnios que impediu que avançássemos, ele disse, gesticulando, que seu único consolo era que Deus desejava que as coisas se prolongassem para que a humanidade se enojasse com a guerra e

que, portanto, Ele tinha interferido num projeto que levaria a guerra a concluir-se mais depressa. Sua outra evidência da existência de uma deidade era a existência de Lênin e Trótski , para os quais é necessário que exista um inferno.

Em 9 de agosto, a família chegou em Quebec. Na tarde do segundo dia, foram para o interior do Canadá, ficando extasiados com os montes, as florestas e os rios. Nessa noite, ao olhar pela janela do quarto do hotel e ver as fábricas de papel, Churchill disse ao filho: “Cortam as magníficas árvores que vimos essa tarde para fazerem pasta de papel e imprimirem os malditos jornais, e chamam isso de civilização.” Refastelado no conforto de um vagão privado, posto à sua disposição pelo rei americano do aço, Charles Schwab , que tinha construído submarinos para Churchill em menos de seis meses em vez dos habituais catorze durante 1915, Churchill atravessou o Canadá até Vancouver. Ele e Jack tinham “grandes compartimentos, com camas de casal e banheiros privados”, disse ele a Clementine . Havia um escritório, uma sala de visitas e uma grande sala de jantar, “que utilizo como escritório e onde estou ditando agora”, bem como uma cozinha, geladeiras, ventiladores, instalações para os acompanhantes e uma “esplêndida instalação de telegrafia sem fios”.

Churchill fez dois discursos em Montreal, um em Ottawa e outro em Toronto. “Nunca fui tão bem recebido e com um interesse e uma admiração tão genuínos como fui ao longo deste vasto país”, escreveu ele a Clementine .

Todos os partidos e classes se associaram nas boas-vindas. Desde os trabalhadores nas ruas, as moças que trabalham nos elevadores, os ex-combatentes e os agricultores até os mais altos funcionários, todos demonstraram um prazer verdadeiro em me ver e me davam apertos de mão que me comoveram profundamente; é meu desejo dedicar minha energia a mostrar ao meu povo o que é o Canadá, e vice-versa, e a conseguir uma aproximação ainda maior entre nós.

Em Calgary, Churchill visitou os campos petrolíferos; quando Randolph disse que os magnatas do petróleo eram tão pouco cultos que sequer sabiam como usar apropriadamente seu dinheiro, Churchill retorquiu: “Pessoas cultas são apenas a espuma reluzente que flutua na superfície de um profundo rio de produção.”

De Banff, em 27 de agosto, Churchill disse a Clementine que se Neville

Chamberlain “ou alguém como ele” viesse a ser líder do Partido Conservador , “retiro-me da política e tento dar a você e aos pequenos uma vida melhor antes de morrer”. Seu pensamento estava na chefia do governo. “Só um objetivo me atrai, e, se não puder atingi-lo, abandonarei o desolado campo e seguirei para novas pastagens.”

Depois de visitar as Montanhas Rochosas canadenses e ter instalado seu cavalete em Lake Louise, Churchill chegou em Vancouver, onde fez mais dois discursos antes de seguir para os Estados Unidos, primeiro para São Francisco e depois para o esplendoroso castelo de William Randolph Hearst em San Simeon, diante do oceano Pacífico. Churchill escreveu a Clementine sobre seu anfitrião: “Vastos rendimentos sempre esbanjados; constrói constantemente, coleciona obras de arte não muito discriminadamente e tem duas magníficas casas e duas encantadoras mulheres.” Uma das mulheres era a esposa de Hearst e a outra, a amante, a atriz Marion Davies . Ele continuava: “Total indiferença em relação à opinião pública, fortes perspectivas liberais e democráticas, uma circulação diária de 15 milhões, hospitalidade oriental, cortesia excepcional (para nós inultrapassável), aparência de um ancião *quaker* ou, melhor, de um ancião mórmon.”

Hearst pediu a Churchill que escrevesse para seus jornais, o que lhe daria uma importante fonte adicional de receitas para a década seguinte. Nesse momento, suas receitas literárias eram extraordinárias; só nesse mês, o pagamento adiantado de sua biografia de Marlborough , o pagamento de três artigos publicados na revista *Nash's Pall Mall* e direitos para o último volume de suas memórias de guerra eram equivalentes a dois anos e meio de vencimentos de um primeiro-ministro.

Em 20 de setembro, após jantar com Charles Chaplin em Hollywood, Churchill prometeu escrever o roteiro do filme *O jovem Napoleão* se Chaplin desempenhasse nele um papel. “É um maravilhoso comediante”, disse Churchill a Clementine . “Um pouco bolchevique na política e encantador ao conversar.” Durante os cinco dias que passou em Los Angeles, falou a vários grupos de empresários americanos sobre o modo como a Inglaterra e os Estados Unidos “deveriam trabalhar juntos”. Um diplomata britânico em Londres disse que esses encontros produziram “resultados maravilhosos e imediatos junto a quem, até pouco tempo atrás, tinha sido antagonista nosso e dos nossos interesses”.

Depois de viajar pelo magnífico vale Yosemite, Churchill voltou a embarcar no trem de Schwab ao longo do deserto de Mojave até o Grand Canyon. Mais tarde, em Chicago, falou sobre o modo como as armadas britânica e americana,

se viessem a ser utilizadas, “deveriam trabalhar em conjunto para preservarem a paz”. De Chicago, seguiu no vagão de Bernard Baruch até Nova York e passou algum tempo visitando os campos de batalha da Guerra Civil Americana. “As casas de fazendas e as igrejas ainda mostram cicatrizes de tiros e obuses”, disse ele a Clementine . “Os bosques estão cheios de trincheiras e abrigos para atiradores e as árvores de maior porte estão cheias de balas.” Tinham decorrido setenta anos desde a guerra. “Se pudéssemos ler o coração dos homens, veríamos que eles também têm marcas.”

Dos campos de batalha, Churchill foi no trem de Schwab até a sede da empresa Bethlehem Steel, onde, em 29 de outubro, uma terça-feira, foi recebido pelos gerentes e passou três horas visitando a gigantesca fábrica. Voltou depois a Nova York, na tarde da Terça-Feira Negra, o dia da quebra da Bolsa. Suas próprias ações tiveram uma enorme desvalorização e suas perdas foram superiores a 10 mil libras. À noite, esteve num jantar em sua homenagem, no qual estiveram presentes mais de quarenta homens de negócios. Um dos convidados, ao fazer um brinde à saúde de Churchill, começou com as palavras “Amigos e ex-milionários”.

No dia seguinte, Churchill escreveu que sob a janela do seu quarto “um cavalheiro lançou-se de uma altura de quinze andares, ficando em pedaços, causando grande comoção e trazendo os bombeiros ao local”. Ao caminhar ao longo da Wall Street, “no pior momento de pânico”, foi reconhecido por um estranho que o convidou a ir com ele à Bolsa. “Eu esperava ver um pandemônio, mas havia uma surpreendente calma e ordem perante os meus olhos.” Os membros da Bolsa andavam para lá e para cá “como uma cena em câmara lenta de uma formiga tonta, propondo uns aos outros enormes maços de títulos por um terço de seu valor anterior” e “não encontrando”, durante muitos minutos, “alguém com coragem suficiente para adquirir as fortunas garantidas que eles se viam obrigados a oferecer”.

Em 30 de outubro, Churchill embarcou rumo à Europa. Estava frustrado; sete dias antes, o governo sombra dos conservadores , por instigação de Baldwin , concordara em apoiar os planos do governo trabalhista para a Índia. Churchill, então em Nova York, não fora consultado. A decisão, anunciada pelo vice-rei, lorde Irwin , em 31 de outubro, consistia em garantir o estatuto de domínio à Índia. Apesar de continuar subordinada a um vice-rei indicado por Londres e ao controle e defesa militar britânicos, a Índia seria, dentro de poucos anos, governada por indianos, tanto a nível nacional quanto provincial.

Churchill tinha certeza de que era uma má decisão, de que os hindus e os

muçulmanos da Índia ainda não estavam preparados para governarem a si próprios com um governo centralizado, de que seriam necessárias várias décadas de governo britânico até que os povos do subcontinente pudessem encarregar-se do seu próprio destino sem divisões, banhos de sangue e desigualdades e de que, mal fosse instaurado o estatuto de domínio , surgiria com renovado vigor a exigência pela independência total, que tanto MacDonald quanto Baldwin rejeitavam. Churchill acreditava que os indianos só estavam preparados para terem governo próprio a nível provincial.

Churchill chegou em Londres em 6 de novembro. No dia seguinte, na Câmara dos Comuns , ouviu Baldwin comprometer o Partido Conservador no estatuto de domínio . “Winston manteve-se sentado durante o discurso de S. B., parecendo indignado e infeliz”, escreveu J. C. C. Davidson , líder do Partido Conservador, a Irwin , enquanto Samuel Hoare escrevia a Irwin dizendo que “ao longo do debate, Winston quase parecera um demente, furioso, e depois do debate quase não falou com ninguém”. Contudo, Churchill não pretendia ficar calado. Num artigo publicado no *Daily Mail* em 16 de novembro, sublinhou que o governo britânico tinha trazido paz e prosperidade à Índia. “Foi instaurada a justiça igual para todas as raças e imparcial para todos os homens. A ciência, curativa ou criativa, foi aplicada a serviço dessa imensa e indefesa população.” Porém, os hindus, autorizados pelos britânicos a manterem seus próprios costumes, ainda incluíam entre eles 60 milhões de intocáveis, cuja aproximação demasiada na rua era considerada uma afronta e cuja presença era considerada uma “poluição”.

O estatuto de domínio “não pode ser concedido”, escreveu Churchill, a quem trata tão mal seus “irmãos seres humanos, que trabalham duramente ao seu lado”. A concessão do estatuto de domínio seria “um crime”. Como Churchill tinha certeza de que aconteceria, o Congresso Nacional Indiano rejeitou o estatuto de domínio. Seis semanas depois de publicar seu primeiro artigo crítico, o novo líder do Congresso, Jawaharlal Nehru , que, como Churchill, tinha sido educado em Harrow, exigiu total independência para a Índia. Nehru instigou todos os membros do Congresso que atuavam nas legislaturas centrais e provinciais a resignarem dos seus cargos e propôs uma campanha de total desobediência ao governo dos britânicos em toda a Índia. A campanha foi apoiada pelo líder espiritual do nacionalismo indiano, Mahatma Gandhi , e tanto ele quanto Nehru foram presos por Irwin e encarcerados.

Em 30 de novembro, Churchill celebrou seu 55º aniversário. Pouco antes do Natal, ofereceu 100 libras à BBC para poder emitir um apelo de dez minutos

contra o estatuto de domínio para a Índia. A BBC recusou. Churchill protestou em vão contra a política de “impedirem um homem público de ter acesso ao público que o quer ouvir”.

Em 30 de outubro de 1930, Churchill publicou sua autobiografia, *Minha mocidade*, um relato suave e espirituoso de seus tempos na escola e no Exército, com muitas considerações sobre a vida e a política. “Eu gostaria de ter feito metade do que ele fez”, escreveu Baldwin. T. E. Lawrence comentou a “sabedoria alegre e madura e a coragem e o instinto de julgamento que eu soube que você tinha ao vê-lo em ação”, que passariam a ser conhecidos por um público mais vasto. Lawrence acrescentou: “Não há muita gente que consegue viver 25 anos sem rancor.” MacDonald enviou-lhe uma nota manuscrita de agradecimento vinda da Downing Street: “Quando eu tiver a audácia de expor minha vida, enviarei um exemplar em gratidão pelo que recebi. Porém, não há qualquer chance, a não ser que uma velha pescadora se torne biógrafa. Você é uma interessante maldição e eu sou um desgraçado sem imaginação. Espero que sua vida lhe traga crédito e dinheiro.”

Minha mocidade foi rapidamente reeditado e traduzido para muitas línguas, mas a satisfação de Churchill como autor contrastava com sua tristeza por seu crescente isolamento político, pois os líderes do Partido Conservador haviam concordado em participar com líderes políticos indianos de uma mesa-redonda em Londres que determinaria os detalhes do estatuto de domínio. Nesse outono, também se preocupou quando o Partido Conservador se opôs ao comércio livre. Isso tornaria impossível uma aliança entre conservadores e liberais, que ele considerava uma força política fundamental contra os trabalhistas. No entanto, não tinha qualquer intenção de abandonar novamente o partido pelo mesmo motivo que o levava a afastar-se 26 anos antes, dizendo a Amery, um dos principais defensores das pautas aduaneiras, que o seguiria “com toda a lealdade de uma sanguessuga”.

Um mês antes de seu aniversário de 56 anos, seu amigo lorde Birkenhead morreu subitamente; era apenas dois anos mais velho do que Churchill e tinham sido amigos próximos durante 25 anos. Num elogio fúnebre publicado no *Times* no dia seguinte, Churchill escreveu:

Era o mais leal, alegre e corajoso amigo que alguém poderia ter e um companheiro sensato, culto e encantador. Creio que ele não desejaria viver sem sua máxima saúde e seu vigor. Todos aqueles que o conheceram bem vão

chorar e sentirão muitas vezes sua falta, mas quem mais empobreceu foi nosso país. São nestes tempos que mais precisamos dele. Sua profunda sagacidade, sua mente penetrante e corajosa, sua experiência e compreensão, seu sólido pensamento, sua independência intelectual e seu conhecimento de todos os assuntos graves pendentes tornam sua morte neste momento um empobrecimento nacional. Sua feliz, brilhante, generosa e calorosa vida encerrou-se. Encerrou-se num momento em que poderia ter dado sua melhor contribuição para a felicidade da Inglaterra, de que ele tanto gostava.

Uma semana antes do aniversário de Churchill, Clementine escreveu a Randolph , que na época era estudante em Oxford: “A política, como você diz, tomou uma orientação que não é favorável ao seu pai. Por vezes, ele se sente desanimado com isso, mas felizmente a situação não se agrava. O sucesso e o apreço do novo livro contrabalançam seus momentos tristes.” No final de novembro, houve um momento de alegria, quando sua filha Diana ficou noiva de John Bailey, filho do dono de minas e milionário sul-africano Sir Abe Bailey, que Churchill conhecia havia muitos anos. Porém, mesmo que o evento tenha sido um ponto alto na vida social de Londres, o casamento não foi duradouro; três anos depois, Diana conseguiu o divórcio e casou-se com um jovem deputado conservador, Duncan Sandys , que conheceu quando Randolph era seu opositor numa eleição intercalar.

Em 12 de dezembro, Churchill foi o principal orador durante a primeira reunião pública da Sociedade do Império Indiano, convocada para combater o estatuto de domínio . Seu discurso refletiu o considerável embaraço dos conservadores sobre ter ou não chegado o momento de avançar para o estatuto de domínio, em especial quando crescia a desobediência civil na Índia. Em particular, Neville Chamberlain disse a um amigo que achava que os indianos não estavam preparados para ter um governo próprio e que não estariam nos próximos cinquenta anos. No entanto, o apoio de Baldwin ao estatuto de domínio tornou-se um assunto de política do partido, e Irwin , conservador de longa data e amigo íntimo dos líderes conservadores, serviu como ponte entre o governo de MacDonald e o governo sombra.

Em seu discurso em 12 de dezembro, Churchill alertou para os perigos que adviriam para a Índia se “o rajá britânico for substituído pelo rajá Gandhi ”. Tanto os governantes dos estados nativos indianos quanto a substancial minoria muçulmana teriam “de se entender” com o novo poder. Os intocáveis, “a quem é negada pela religião hindu mesmo um simulacro de direitos humanos”,

deixariam de ter um protetor. Para evitar uma turbulência política na Índia, argumentou, era preciso concentrarem-se em passos práticos “para melhorar as condições materiais das massas indianas” e opor-se com severidade a qualquer extremismo e ao não cumprimento da lei. O Congresso indiano em Lahore, onde havia sido queimada uma bandeira inglesa, teria de ser “dissolvido imediatamente e seus líderes, deportados”. Se houvesse garantido com firmeza o “desejo de governar”, a Inglaterra poderia ter evitado as “inúmeras medidas penais” que foram tomadas. Churchill acrescentou: “Em qualquer momento, a asserção da determinação do Parlamento em governar e conduzir os destinos do povo indiano em plena lealdade para com os interesses da Índia levaria esse período de grave agitação a um fim em poucos anos — ou mesmo em poucos meses.”

Churchill propôs então uma solução em duas fases: os governos provinciais indianos caminhariam para órgãos “mais realistas, profundos e representativos de autogoverno” enquanto o poder central se manteria firmemente em mãos britânicas. Contudo, a desobediência civil teria de cessar. “A verdade é que o gandhismo e tudo o que representa terá, mais cedo ou mais tarde, de ser combatido e esmagado”, declarou ele. “Não adianta tentar satisfazer um tigre alimentando-o com comida de gato. Quanto mais depressa for feito, menos turbulência e infortúnio haverá para todos.”

Lorde Irwin comentou a fala de Churchill numa carta para um amigo: “Que monstruoso discurso fez Winston.” Churchill estava convencido de que a Índia ainda não se encontrava preparada para se autogovernar com um governo central; Irwin acreditava que podia reconciliar as necessidades dos estados principescos indianos com as vontades das províncias indianas por intermédio de um esquema federal. Acreditava também que deveriam encetar negociações com o encarcerado Gandhi e os líderes do Congresso, cuja exigência de independência total era inaceitável tanto para MacDonald quanto para Baldwin .

Numa carta ao filho em 8 de janeiro de 1931, Churchill escreveu: “Vou lutar contra esse assunto indiano *à outrance*.” Não faria parte de nenhuma administração “selada com o fardo do protecionismo e ilimitadas doses de irwinismo para a Índia”. Em 25 de janeiro, numa tentativa de persuadir o Congresso a negociar, Irwin libertou Gandhi da prisão. Seu único receio, disse Irwin a Baldwin , era que “Winston fizesse alguma travessura” no Parlamento durante o debate do dia seguinte. Irwin respondeu Baldwin : “Mande-o para Epping durante todo o dia.”

Como esperavam, Churchill falou no debate de 26 de janeiro. Foi seu

primeiro discurso parlamentar contra o Partido Conservador desde que regressara a ele em 1924 e marcou uma ruptura definitiva com a liderança do partido. Nesse discurso, ele apontou a fraqueza da política do governo ao fazer uma promessa de autogoverno perante “os cintilantes olhos de milhões de pessoas vulneráveis” e os “formidáveis” poderes que na verdade seriam conquistados pelo esquema de Irwin . Sua convicção era de que os nacionalistas indianos nunca aceitariam tais restrições e continuou a recordar ao Parlamento que nesse momento havia 60 mil indianos presos por crimes políticos. As restrições à liberdade civil, em pleno uso, “não tinham precedentes na Índia desde a revolta”. Era um erro acreditar que os indianos se contentariam com o estatuto de domínio ou o autogoverno. A Federação de toda a Índia, que os britânicos propunham instaurar em breve, seria dominada “por forças determinadas a nos expulsarem do país o mais depressa possível”.

O discurso de Churchill teve um impacto considerável nas bancadas dos conservadores , que não tinham sido consultados em outubro acerca do compromisso do partido para com a declaração de Irwin . Um deputado conservador, primo de Irwin , George Lane-Fox , escreveu a Irwin após o debate:

Quando Winston começou a falar, não tinha muito apoio, mas eu, que estava sentado nos bancos de trás, senti a inteligência de seu discurso e o gradual crescimento da aprovação em nossa bancada. Muitos começaram a sentir que aquilo representava suas próprias dúvidas e o que pensavam e gradualmente começaram a resmungar e, então, a aplaudir.

Foi Baldwin , e não MacDonald , quem respondeu ao discurso de Churchill, afirmando que, se voltassem ao poder, os conservadores transformariam em seu “principal dever” a implementação da proposta Constituição Indiana. O compromisso de Baldwin foi aplaudido pelos deputados trabalhistas, mas, segundo relatou o primo de Irwin , “houve um ominoso silêncio em nossa bancada”.

Na sequência do discurso de Baldwin , Churchill sentiu que não tinha outra opção senão se demitir do governo sombra, o que fez no dia seguinte ao debate. Dois dias depois, iniciou uma campanha pública na tentativa de conseguir o apoio do partido contra a política em relação à Índia. Seus discursos eram meticulosos, plenos de maus agouros, conquistando sentimentos de apoio entre os conservadores que sentiam que Baldwin tinha comprometido o partido para

além de seus instintos ou de suas convicções naturais. Numa tentativa de contrariar suas críticas, o Escritório Central Conservador, sob a direção de J. C. Davidson , fez mais para destruir a credibilidade de Churchill do que para refutar seus argumentos. Por seu lado, Churchill sentiu um aumento de apoio entre as bases do partido, escrevendo a Randolph em 8 de fevereiro: “De repente, tornei-me muito popular no partido e na plataforma partidária.”

Cinco dias depois, Brendan Bracken escreveu a Randolph sobre o pai dele: “Libertou-se do manto de Baldwin , uniu os lutadores do Partido Conservador , voltou a ser um líder potencial e entusiasmou muitos aqui na Índia.” Bracken acrescentava que por meio de uma série de “discursos brilhantes” na Câmara dos Comuns , Churchill havia mostrado aos conservadores “sua inteligência e a incrível monotonia e futilidade de S. B.”. Em 17 de fevereiro, Gandhi encontrou-se com Irwin em Nova Déli, no primeiro de oito encontros que se realizaram nas quatro semanas seguintes. Muitos conservadores sentiam-se ultrajados pelo fato de o vice-rei concordar em falar com um homem cujo objetivo era conseguir uma independência total e que se recusava a acabar com a desobediência civil. “É alarmante e nauseante ver o senhor Gandhi , um sedicioso advogado do Middle Temple, posando como faquir de um tipo bastante conhecido no Oriente, subindo a passos largos as escadarias do palácio do vice-rei ao mesmo tempo que continua a organizar e a conduzir uma campanha de desobediência civil e a negociar em termos de igualdade com o representante do rei-imperador”, disse Churchill aos conservadores de West Essex em 23 de fevereiro. Tal espetáculo poderia apenas encorajar “as forças hostis à autoridade britânica”.

O discurso de Churchill indignou a opinião trabalhista e liberal, mas para muitos conservadores expressou em linguagem clara suas mais profundas preocupações. “Não há dúvida de que a maior parte do Partido Conservador está comigo”, escreveu Churchill a Clementine . Isso não era fantasia; sem o conhecimento de Churchill, o agente principal do Partido Conservador, Hugh Topping , havia escrito a Neville Chamberlain em 25 de fevereiro: “Muitos dos nossos apoiadores estão preocupados com a questão da Índia. Inclina-se muito mais para os pontos de vista do sr. Churchill do que para os argumentos que são expressados pelo sr. Baldwin .” Um dos líderes do partido no próprio distrito eleitoral de Baldwin , Sir Richard Brooke , advertiu-o em 2 de março de que o povo indiano estava sendo encorajado a “esperar mais concessões do que podiam ser concedidas”. Brooke acrescentou: “O sr. Churchill expressa os pontos de vista de muitos conservadores deste círculo eleitoral.”

Em 4 de março, tendo continuado as conversações com Irwin , Gandhi concordou em suspender a desobediência civil e em permitir que os representantes do Congresso fossem a uma segunda mesa-redonda em Londres para discutir o futuro da Índia. Aceitou também as “salvaguardas” britânicas, não especificadas, em política de defesa, relações exteriores e interesses das minorias. Esse pacto entre Gandhi e Irwin foi tornado público em 5 de março. Baldwin imediatamente anunciou seu apoio ao acordo e a uma segunda mesa-redonda de conversações; no Parlamento, em 12 de março, considerou o pacto “uma vitória do bom senso”. Churchill respondeu argumentando que, como resultado do pacto, “estão crescendo expectativas, aspirações e apetites”. Apontando os recentes distúrbios antibritânicos em Bombaim, declarou que aqueles que tantalizavam os indianos com a oferta do estatuto de domínio , sem estarem dispostos a conceder a independência total, estavam levando “derramamento de sangue e confusão às massas hindus”.

Quando Churchill insistiu em que votassem, tanto Austen Chamberlain quanto Baldwin falaram contra ele. Quando foi feita a votação, 43 deputados apoiaram Churchill enquanto 369 votaram pelo governo.

Churchill estava convencido de que suas advertências eram corretas. Em um discurso no Albert Hall, em 18 de março, ele chamou de “sonho insano e com um terrível despertar” as negociações políticas com Gandhi e Nehru , que visavam a conceder “paz e progresso” à Índia. Se a autoridade britânica fosse destruída, todos os esforços médicos, legais e administrativos criados “morreriam junto”, assim como o desenvolvimento das estradas de ferro, da irrigação, do trabalho público e da prevenção ao racionamento de comida. Os hindus procurariam afastar e destruir os muçulmanos. Lucro e corrupção floresceriam. Indianos milionários à custa do suor do trabalhador se tornariam ainda mais poderosos e ricos. Todos os tipos de “apetites gananciosos” já haviam sido instigados e “muitos dedos famintos estavam se esticando e arranhando o vasto pilar de um império abandonado”. Nepotismo, suborno e corrupção seriam “as bases da dominação brâmane”.

O pior de tudo, segundo Churchill, seria a tirania hindu contra os intocáveis, “uma multidão tão grande quanto a nação — homens, mulheres e crianças despojadas de esperança e humanidade. A catástrofe é ainda pior do que na época dos escravos, porque os intocáveis foram educados a curvarem-se não somente física como psicologicamente à servidão e à resignação”. Tanto para os intocáveis quanto para os 5 milhões de indianos cristãos, seria “lamentável o dia em que a mão inglesa não puder mais oferecer-lhes proteção ou igualdade de

direitos”.

Churchill criticou a atitude dos conservadores de ridicularizem-no e a seus apoiadores como “uma raça inferior, mentalmente incapaz e composta principalmente por coronéis e outras escórias que haviam lutado pelo império britânico”. Mas, ele disse, “nós não nos baseamos nos coronéis — embora eu não entenda por que os conservadores desdenhem de um posto tão honrado do exército britânico —, nós nos baseamos nos fatos. Nós dependemos dos soldados da democracia britânica”.

No dia seguinte ao discurso de Churchill, um candidato conservador ganhou uma disputadíssima eleição na abadia de Westminster, desbancando por 5 mil votos a liderança de Baldwin . A corneta da lealdade havia soado. Seus ecos foram mais danosos que a discórdia acerca da política de Churchill sobre a Índia. “Receio que fiquem presos nessa controvérsia durante anos”, escreveu ele a Irwin , em 24 de março, “e acho que isso será um divisor de águas na Grã-Bretanha. Não há a menor chance de começar com o batalhão ao seu lado”.

Ao final de março, a violência entre muçulmanos e hindus em Kanpur causou mais de cem mortes. Churchill estava convencido de que esse tipo de conflito só pioraria com a autonomia governamental da Índia. Setenta milhões de muçulmanos estavam ameaçados de ser “violentados e explorados” pelos hindus, ele alertou. “A briga ainda está só começando.” Um mês depois, Churchill noticiou que os indianos extremistas continuavam a assassinar oficiais britânicos apesar da partida de Gandhi ao segundo turno da conferência em Londres e do anúncio de Irwin sobre a “melhora” da condição dos indianos até o momento. Em 9 de julho, no debate em Kanpur, Churchill declarou que a “irrupção de medo e selvageria primordiais” no local era apenas uma prévia do que aconteceria por toda a Índia assim que a Grã-Bretanha retirasse “sua mão governante, protetora e orientadora”.

As advertências de Churchill foram ignoradas; a aliança entre MacDonald e Baldwin na busca por um partido dual na política indiana garantiu que, mesmo que houvesse cinquenta ou sessenta conservadores no Parlamento que fossem contra o partido, ele não poderia alterar o rumo da política do governo.

Naquele verão, Churchill, Clementine e Randolph passaram as férias na França. Com eles, foi Violet Pearman , conhecida como sra. P. na casa de Churchill, sua nova secretária, que seria sua principal secretária por mais seis anos. Em 7 de agosto, em Biarritz, ele fez suas últimas correções na prova de *World Crisis: The Eastern Front*. “Graças a Deus, terminei”, escreveu ele a Edward Marsh . “Não vejo a hora de começar a biografia sobre Marlborough , e

também estou muito interessado em saber o que acha dos capítulos nos quais faço uma digressão.” Churchill concluiu com uma nota política: “Todo mundo que conheci parece ligeiramente alarmado por algum terrível acontecimento econômico que surgirá.”

Uma semana depois, severas dificuldades econômicas forçaram MacDonald e Snowdew a propor dez por cento de corte de benefícios aos desempregados; seria a condição básica necessária para o empréstimo aos Estados Unidos. O Gabinete estava dividido entre aceitar ou não a proposta, pois ainda havia muito a se discutir sobre aliança entre os partidos Trabalhista e Conservador no que dizia respeito à crise econômica. Quando Churchill estava em Avignon em 16 de agosto, interrompeu suas férias e seu trabalho na escrita para retornar a Londres, na esperança de persuadir seus amigos conservadores a recusarem qualquer responsabilidade sobre as falhas dos trabalhistas. Quatro dias depois, quando voltou à França, o governo trabalhista permanecia intacto. Então, em 23 de agosto, enquanto Churchill passava o tempo pintando em Juan-les-Pins, o Gabinete trabalhista descobriu que os sindicatos não aceitariam a proposta de corte nos benefícios do desempregado. Depois de inúmeros ministros terem expresso seu apoio aos sindicatos, o Gabinete desistiu.

O segundo mandato do governo trabalhista estava no fim. No dia seguinte, o rei pediu a MacDonald para continuar como primeiro-ministro no governo nacional, composto por partidos políticos. Baldwin concordou imediatamente com a participação dos conservadores. O oponente Lloyd George estava doente e não poderia mais impedir seus antigos colegas do Partido Liberal de se unirem ao novo governo. Em 23 de agosto, Samuel Hoare, que se tornaria secretário do estado para a Índia no novo governo, escreveu a Neville Chamberlain: “Como temos dito repetidamente nos últimos dias, tivemos uma grande sorte com a ausência de Winston e Lloyd George.”

Churchill não foi convidado a se unir ao governo nacional. Quando voltou da França, no início de setembro, encontrou todos os partidos unidos na agitação com a próxima mesa-redonda sobre a Índia e com a chegada de Gandhi em Londres. Caiu por terra o artigo de 7 de setembro no *Daily Mail* com a advertência de Churchill de que “nada além de mais rendições da autoridade britânica adviriam”. O pacto do novo governo continuava a apoiar a autonomia. E essa decisão obteve apoio de todo o Gabinete, que agora incluía Baldwin, Neville Chamberlain e Hoare.

Em 27 de outubro, o governo nacional entrou em eleições. O apoio da nova aliança de todos os partidos era imbatível. Os conservadores, encabeçados por

MacDonald , ganharam 473 cadeiras. Os nacionais liberais , 35, e os nacionais trabalhistas, 13. Os liberais que desejavam se associar ao governo nacional e que formaram parte dele ganharam 33 cadeiras. Os liberais, liderados por Lloyd George, severos oponentes da aliança, ganharam apenas 4 lugares. O Partido Trabalhista , revoltado com o que considerou uma traição por parte de MacDonald , foi limitado a apenas 52 lugares, uma perda significativa de 236. Sob a bandeira de unidade nacional levantada por MacDonald , o Partido Conservador cresceu no Parlamento. Churchill estava isolado, mas não se rendeu.

Em 2 de novembro, uma semana depois das eleições, foi publicado o último volume das memórias de guerra de Churchill, *The World Crisis : The Eastern Front*, marcando o ápice de um empenho literário notável. Três dias depois, MacDonald anunciou seu novo governo. Baldwin seria o lorde presidente do conselho e Neville Chamberlain , ministro das Finanças. “Lamento muito não vê-lo no novo Gabinete.” Dewar, um contra-almirante ex-diretor substituto da Divisão da Inteligência Naval, escreveu a Churchill em 16 de novembro: “Eu tinha a esperança de que talvez você se tornasse almirante e pudesse fazer um trabalho essencial para a Marinha.”

Quanto à Índia, apenas 20 de 615 deputados eram membros da Sociedade do Império Indiano, a qual Churchill ajudou a fundar onze meses antes. Em 3 de dezembro, no debate sobre a necessidade de continuar o processo de independência, MacDonald defendeu uma política unida. Quando Churchill insistiu em dividir a Sociedade, Austen Chamberlain e Baldwin pronunciaram-se contra. O resultado dos votos mostrava o apoio de 43 deputados a Churchill, enquanto 69 votaram a favor do governo.

Churchill tinha agora 57 anos. Na sequência de sua derrota no Parlamento em 3 de dezembro, deixou a Inglaterra com Clementine e Diana para uma longa visita aos Estados Unidos. Estava determinado a recuperar suas perdas na quebra de Wall Street fazendo palestras e foi contratado para fazer quarenta discursos, com um vencimento garantido de pelo menos 10 mil libras. Além disso, o *Daily Mail* estava pagando a ele 8 mil libras por uma série de artigos sobre vida, viagens e política nos Estados Unidos.

Em 11 de dezembro, Churchill chegou a Nova York e, já no dia seguinte, fez uma palestra em Worcester, Massachusetts. “Tudo corre às mil maravilhas”, disse ele a Randolph . “As pessoas quase me reverenciam.” Na noite seguinte, depois de jantar com Clementine no hotel, o Waldorf-Astoria, pegou um táxi até a Fifth Avenue, onde Bernard Baruch tinha juntado um grupo de amigos para

estarem com ele.

O taxista não sabia qual era a casa, e Churchill não sabia o número. Depois de andarem para um lado e para o outro durante uma hora, Churchill viu um local que lhe pareceu familiar, saiu do táxi e começou a atravessar a rua. Ao olhar para a esquerda, viu as luzes de um carro que se aproximava, ainda um pouco longe, e começou a atravessar a rua. De repente, foi atropelado por um carro que vinha pela direita, pois não se lembrara de que se guia pela direita nos Estados Unidos. O choque foi violento, deixando-o ferido na testa e nas coxas. Ficou estendido na rua, com muitas dores, e juntou-se gente ao seu redor. Quando um policial lhe perguntou o que acontecera, respondeu que a culpa tinha sido dele.

Churchill foi levado para o hospital Lenox Hill, onde teve uma pleurisia, que o incomodava muito. De acordo com a lenda, foi atropelado por um táxi, mas, ainda que tenha saído de um táxi para atravessar a rua, o carro que o atropelou era particular. O condutor guiava havia oito anos e nunca tinha tido qualquer acidente. A recuperação foi lenta, primeiro no hospital e depois no Waldorf-Astoria por duas semanas. Contudo, o paciente não ficou parado; em 28 de dezembro, telegrafou para o *Daily Mail*, fazendo um relato completo do acidente. “Senti todas as angústias, mentais e físicas, que um acidente de rua, ou, suponho, um obus pode provocar”, escreveu ele. “Nada é insuportável. Não há tempo nem força para autopiedade. Não há espaço para remorso ou medo. Se em algum momento dessa longa série de sensações um véu cinzento que se adensasse e tivesse descido sobre o aposento, eu não teria sentido ou receado nada mais.”

Distribuído por todo o mundo, o artigo de Churchill o fez receber milhares de cartas e telegramas desejando-lhe uma rápida recuperação. “Evidentemente, foi poupado para vir a fazer grandes coisas no futuro, e quero viver para ver tudo isso!”, escreveu sua tia Leonie, que morreria em 1943, aos 83 anos, três anos depois de seu sobrinho se tornar primeiro-ministro.

Na busca por descanso, Churchill foi de Nova York para as Bahamas. “Está muito deprimido com a lentidão da convalescença”, escreveu Clementine a Randolph em 12 de janeiro de 1932. Fortes dores nos braços e nos ombros aumentavam o desânimo. “O médico chama-lhe neurite, mas parece não saber o que lhe fazer”, acrescentou ela. Na noite anterior, Churchill tinha estado “muito triste e disse que teve três grandes choques nos últimos dois anos: primeiro a perda de todo o dinheiro na quebra da Bolsa, depois a perda de sua posição no Partido Conservador e agora esse terrível acidente. Ele diz que não conseguirá

recuperar-se totalmente de nenhum desses acontecimentos”.

No entanto, Churchill estava determinado a retomar o circuito de palestras. Em 25 de janeiro, voltou por mar a Nova York; três dias depois, falou no Brooklyn. As “grandes forças opostas do futuro”, disse ele, serão “os povos de língua inglesa e o comunismo”. Era errado que ingleses e americanos continuassem a viver como tinham vivido até então, “separados e desamparados”, com vergonha da cooperação anglo-americana “como se fosse um crime”.

Entre 28 de janeiro e 21 de fevereiro, viajando quase todos os dias, Churchill fez palestras em dezenove cidades americanas e ganhou mais de 7.500 libras; como primeiro-ministro, MacDonald recebia 5 mil libras por ano. Como se receava que os apoiantes indianos de Gandhi e de Nehru que viviam em Chicago e em Detroit pudessem atacá-lo, Churchill foi acompanhado em ambas as cidades por grupos de seguranças armados.

À semelhança do que tinha dito aos funcionários do Tesouro, pedindo que inserissem “esperança e confiança” em seus memorandos, Churchill agora incluía “esperança e confiança” em seus discursos; em Nova York, em 8 de fevereiro, num encontro com banqueiros e industriais, pediu-lhes que não acrescentassem à deflação econômica “a odiosa deflação do pânico e do desespero”. Ao presidente da associação de jornais, Esmond Harmsworth, escreveu três semanas depois, dizendo que seu circuito de palestras o tinha feito sentir “a uma distância tão grande, a sólida e duradoura força da Inglaterra e de suas instituições”. Até o governo nacional, que ele tanto desprezara, tinha, e ele tomara consciência desse fato, tornado a Inglaterra “uma potência respeitada e revivificada”.

Em 11 de março, Churchill embarcou num navio em Nova York rumo à Inglaterra; seis dias depois, oito dos seus amigos foram à estação de Paddington para lhe darem as boas-vindas e para celebrarem ter escapado da morte presenteando-o com um luxuoso Daimler. Cento e quarenta doadores tinham participado, incluindo amigos de todos os períodos de sua vida. Churchill regressou a Chartwell, onde escreveu a um de seus editores em 1º de abril, dizendo-lhe que sentia “necessidade de descansar e de me poupar”. “Não faz ideia do que eu passei”, completou ele. Três semanas depois, na Câmara dos Comuns, falou durante o debate sobre o primeiro orçamento de Neville Chamberlain. Grande parte de seu discurso tinha uma veia humorística, assim como em sua fala no jantar da Academia Real em 30 de abril, onde, numa ininterrupta metáfora do mundo da arte, admitiu que ele próprio “não exporia

esse ano” devido a “divergências com a organização”, mas que tinha ainda “algumas coisas” em seu cavalete. Contrapôs a fala de MacDonald sobre “medonhos ocasos do império e civilizações capitalistas” com o uso de azul “em seus novos quadros”, não só para ambientar, “mas também como alicerce”. Baldwin podia ser criticado por certa falta de cor “e uma definição imprecisa dos objetos de fundo”, mas era preciso admitir que havia alguma coisa de “muito repousante” em seus estudos de crepúsculos em meios-tons.

Baldwin respondeu, dizendo que “há tanta inveja no mundo da arte que palavras amáveis a um pintor, ditas por um tão expoente de um estilo tão diferente, mostra uma tolerância de espírito tão rara quanto agradável”. Comovido com a carta de Baldwin, Churchill respondeu-lhe: “Fiquei muito contente que minha zombaria não o tenha incomodado. Minhas zombarias, ainda que necessariamente pontiagudas, nunca são intencionalmente envenenadas. Se cortam, espero que ao menos não provoquem uma infecção.”

Em 8 de maio, Churchill fez sua primeira transmissão por rádio para os Estados Unidos. “Disseram-me que posso estar falando para 30 milhões de americanos, mas não estou de modo algum alarmado. Pelo contrário, sinto-me em casa.” Nessa transmissão, ele apelou a uma política anglo-americana contra a depressão econômica. “Acreditem quando digo que nenhum país sozinho pode lutar contra este demônio.” Porém, outro demônio, que para Churchill representava uma ameaça muito maior à estabilidade mundial, tinha de ser combatido por meio de uma cooperação internacional. Tratava-se do perigo representado pela Alemanha, que demonstrava um ardente desejo de recuperar seus territórios perdidos e que estava diante de uma Europa dedicada a uma redução substancial dos armamentos. Em Genebra, a Conferência Mundial para o Desarmamento trabalhava por uma redução de todos os exércitos, marinhas e forças aéreas. Seu trabalho não havia sido diminuído após 13 de março, quando o mais vociferante defensor alemão da revisão do tratado e do rearmamento, Adolf Hitler, teve 11 milhões de votos na eleição para a presidência do país, contra 18 milhões de votos para o marechal de campo Hindenburg e 5 milhões para o candidato comunista Ernst Thaelmann.

Numa segunda eleição, em 10 de abril, os votos de Hitler chegaram a 40% do total. No entanto, um mês depois, em 13 de maio, o ministro das Relações Exteriores, Sir John Simon, insistiu, na Câmara dos Comuns, na necessidade de um desarmamento mais rápido e generalizado. Somente reduzindo os armamentos, argumentou Simon, poderiam ser evitados os perigos de uma futura guerra; nada poderia ser pior para uma Alemanha desarmada do que

enfrentar uma França bem armada.

O apelo de Simon ao desarmamento foi ampla e entusiasticamente apoiado. No entanto, Churchill demonstrou preocupação ao falar na Câmara dos Comuns :

Vejo com muita preocupação qualquer aproximação de poderio militar entre a Alemanha e a França. Aqueles que consideram isso correto, ou mesmo uma questão de justiça, subestimam a gravidade da situação na Europa. Gostaria de dizer àqueles que veem com bons olhos um equilíbrio de armamentos entre a Alemanha e a França: “Querem guerra?” Quanto a mim, desejo sinceramente que essa aproximação não se dê durante minha vida ou a vida dos meus filhos.

Em 26 de maio, num artigo publicado no *Daily Mail*, Churchill escreveu que “milhões de ingleses bem intencionados” desejam que a Conferência Mundial para o Desarmamento tenha sucesso. Ele continuou:

Existe tamanho horror à guerra nas grandes nações que passaram pelo Armagedom que qualquer declaração ou discurso público contra os armamentos, apesar de baseado apenas em banalidades e em falta de realismo, é sempre aplaudido, e qualquer discurso ou asserção que fale sobre as ásperas realidades é imediatamente relegado à categoria de “fomentador de guerra”.

Contudo, Churchill sublinhou que, enquanto a conferência prosseguia, cada Estado garantia sua segurança mantendo o armamento existente e incitando outros Estados a desarmarem-se até o nível mais baixo possível. Havia alguma lógica, perguntou ele, “em que a França, com menos de 40 milhões de habitantes, perante uma Alemanha com 60 milhões e o dobro de jovens a atingirem todos os anos a idade para o serviço militar, prive-se de ajudas mecânicas e equipamentos nos quais se apoia para evitar uma quarta invasão em pouco mais de cem anos”? Do mesmo modo, esperava-se que os novos Estados do norte e do leste da Europa, como Finlândia, Letônia, Lituânia e Polônia, tentassem conseguir os mais efetivos armamentos “para se protegerem de serem absorvidos num dilúvio feroz vindo da Rússia”.

O desarmamento, escreveu Churchill, “não será conseguido com tolices, baboseiras e patetices. Avançará com segurança por meio da penosa despesa de

armadas e exércitos e com a consolidação da confiança numa longa paz. Só será conseguido quando meia dúzia de grandes homens, numa atmosfera favorável, com tantos poderes a apoiá-los quanto possível, conseguirem retirar os atuais assuntos mundiais da confusão em que atualmente se encontram”.

Em 30 de maio, quatro dias depois da publicação desse artigo, o conde Von Papen substituiu Heinrich Brüning como chanceler da Alemanha. Ainda que Hitler e o Partido Nazista não tivessem sido convidados a fazer parte do novo governo, Papen tinha esperança de manter-se no poder por vários anos com o apoio de Hitler . Em 19 de junho, nas eleições provinciais em Hesse, os votos a favor dos nazistas subiram de 37 para 44 por cento, tornando o Partido Nazista o maior partido nessa província.

Na Índia, a resistência por meio da desobediência civil tinha recomeçado, inflamada pela exigência de independência total; vários funcionários civis britânicos haviam sido assassinados e o sucessor de Irwin como vice-rei, lorde Willingdon , tinha encarcerado Gandhi . Em maio, mais de duzentos indianos foram mortos em lutas entre hindus e muçulmanos e 30 mil foram aprisionados por desobediência civil. Numa tentativa de diminuir a hostilidade para com o estatuto de domínio , MacDonald e Baldwin propunham alargar o direito de voto dos indianos de 7 milhões para 36 milhões de votantes. Churchill considerou essa decisão imprudente e disse num encontro privado na Sociedade do Império Indiano em 25 de maio: “A democracia não se adequa de forma nenhuma à Índia. Em lugar de opiniões conflituosas, temos amargos ódios teológicos.”

Em 1º de julho, Churchill soube que a BBC não lhe permitiu fazer uma transmissão, desta vez para Paris, sobre a política monetária britânica. Furioso, ele escreveu ao ministro das Relações Exteriores, Sir John Simon : “Certamente um governo que inclui tantos homens de Estado e que é apoiado por maiorias avassaladoras não precisa temer uma expressão de opiniões sobre as controvérsias atuais.” Mesmo assim, a proibição foi mantida.

Confiante na recuperação da economia americana, Churchill comprou 12 mil libras de ações americanas naquele verão, equivalentes à soma que tinha perdido na quebra da Bolsa dois anos antes. “Se todo o mundo naufragasse no oceano, os Estados Unidos poderiam sobreviver sozinhos”, disse ele ao seu corretor. “Com esforço, tiraria rendimentos das pradarias e das florestas. Conseguirão uma forte recuperação nacional num futuro próximo.”

Em julho e agosto, em Chartwell, Churchill trabalhou em sua biografia de

Marlborough . Na Alemanha, nesse mês de julho, o Partido Nazista de Hitler conseguiu 37% dos votos nas eleições gerais. Churchill estava planejando uma visita à Alemanha, pois pretendia ver os locais das vitórias militares de Marlborough ; em 27 de agosto, partiu para Bélgica, Holanda e Alemanha. Lindemann foi com ele. Em Bruxelas, juntou-se a eles um historiador militar, o tenente-coronel Ridley Pakenham-Walsh , que seria seu guia. A caminho do campo de batalha de Blenheim , passaram três dias em Munique, onde um conhecido de Randolph , Ernst Hanfstaengel , amigo de Hitler , tentou conseguir um encontro de Churchill com Hitler no hotel onde estava hospedado.

Churchill disse que gostaria de conversar com o líder do Partido Nazista , mas Hanfstaengel recordou mais tarde que durante o período que antecedeu o jantar ele “importunou-me com as ideias antissemitas de Hitler ”. Nessa noite, Hitler não apareceu. No dia seguinte, Hanfstaengel tentou novamente persuadi-lo a encontrar-se com Churchill, mas em vão. “Que papel desempenha Churchill?”, perguntou-lhe Hitler . “Está na oposição e ninguém presta atenção nele.” Hanfstaengel respondeu: “As pessoas dizem o mesmo do senhor”, mas Hitler não ficou convencido.

De Munique, Churchill foi para o campo de batalha de Blenheim . “Os campos de batalha são magníficos”, escreveu ele a Pakenham-Walsh três semanas depois. “Consegui repovoá-los com exércitos fantasmagóricos, mas resplandecentes.” Ele pretendia passar uns dias de férias em Veneza, mas teve uma crise de febre paratifoide. Doente demais para retornar à Inglaterra, passou duas semanas num sanatório em Salzburg, mas depois de alguns dias começou a ditar, do seu leito, doze artigos para o jornal *News of the World* , que lhe tinha encomendado uma edição atualizada da série *The World's Great Stories*. Edward Marsh encarregou-se dos esboços.

Em 25 de setembro, Churchill regressou a Chartwell. “Foi um micróbio inglês que levei comigo e não posso culpar a Europa”, disse ele ao seu primo Sunny . Nesse dia, começou a trabalhar outra vez na biografia de Marlborough , discutindo pontos históricos com Maurice Ashley e ditando os capítulos a Violet Pearman . Continuou a trabalhar no dia seguinte. Porém, em 27 de setembro, enquanto caminhava com Ashley , teve um colapso. Era novamente a paratifoide. Chamou-se uma ambulância, que o levou a uma casa de saúde em Londres, onde foi diagnosticada uma grave hemorragia de uma úlcera paratifoide.

Churchill ainda tinha esperança de comparecer a uma reunião do Partido Conservador em 7 de outubro em Blackpool, com a intenção de apresentar uma

moção contra o apoio do partido à proposta Constituição Indiana. No entanto, apesar de ter considerado a possibilidade de ir a Blackpool de ambulância, estava doente demais para fazê-lo. Hoare ficou muito aliviado, achando que a moção de Churchill podia ter fundamento. “Nós tínhamos uma maioria substancial, mas é inútil fechar os olhos ao fato de que o sentimento do debate, pondo de lado os argumentos, está do outro lado”, escreveu a MacDonald quando foi feita a votação.

Churchill voltou a Chartwell e continuou a trabalhar em seu livro. “O sr. Churchill está melhorando”, escreveu Violet Pearman a uma amiga. “No entanto, os progressos são lentos, mas, como sempre, nada o afasta do trabalho. Ele se ocupa durante muitas horas do dia e faz muitas coisas.” Para ela, ainda levaria “algum tempo para ficar tão forte quanto antes”. No final de outubro, Churchill completou metade do primeiro volume da biografia de Marlborough, mas sua mente já estava voltada para sua próxima tarefa literária, sua *História dos povos de língua inglesa*, escrita em quatro volumes. Um editor já tinha oferecido 20 mil libras pelo projeto. Era uma enorme soma para qualquer autor. Churchill recebeu um quarto desse montante; o resto seria pago quando o livro estivesse terminado.

Durante o verão e o início do outono de 1932, o governo de Papen exigiu “igualdade de estatuto” para os armamentos germânicos; isso significava que a Alemanha, tendo sido desarmada em 1918, devia ser autorizada a armar-se até o nível de seu vizinho mais bem armado, a França. O ministro da Defesa alemão, general Kurt von Schleicher, insistia em que a Alemanha devia ser autorizada a rearmar-se. Em 18 de setembro, o ministério das Relações Exteriores britânico emitiu uma nota oficial, assinada por Sir John Simon, que informava que o ponto de vista britânico sobre as cláusulas de desarmamento do Tratado de Versalhes continuava válido no que diz respeito à Alemanha. Como protesto, Von Papen retirou-se da Conferência Mundial para o Desarmamento.

Churchill, que tinha acabado de regressar da Alemanha, ficou chocado ao verificar que muita gente na Inglaterra criticava a nota de Simon e insistia em que uma Alemanha desarmada estaria numa injusta situação de inferioridade em relação à França. Num artigo publicado no *Daily Mail* em 17 de outubro, ele argumentou que a posição firme de Simon “tinha feito mais pela paz na Europa do que quaisquer palavras ditas em nome da Grã-Bretanha em muito tempo”. Simon tinha “feito um gesto de aviso no interesse da paz”. Para Churchill, essa firmeza era essencial, pois todos os partidos de extrema-direita na Alemanha

tentavam conseguir votos “lançando o ódio contra o estrangeiro”; Hitler tinha de “ultrapassar Papan, que tinha de fazer melhor do que Hitler , e Brüning deve agir depressa ou ficará para trás”.

Churchill sublinhava em seu artigo que o general Schleicher já tinha declarado “o que quer que as potências decidam, a Alemanha fará o que considerar apropriado em relação ao armamento”. Ele continuou, avisando seus leitores: “Descortinam-se grandes perigos, e, se a Grã-Bretanha tivesse encorajado a Alemanha nessas aventuras, poderíamos, num intervalo de tempo incrivelmente curto, ter sido mergulhados numa situação de perigo violento.”

Em 6 de novembro, nas segundas eleições gerais na Alemanha em cinco meses, o Partido Nazista manteve sua posição como segundo maior partido, apesar de uma descida, de 37% para 33%. Quatro dias depois dessas eleições, a Câmara dos Comuns debateu a continuada política governamental de desarmamento, que Churchill tanto tinha criticado. Porém, ele ainda estava fraco demais, devido aos efeitos da paratifoide, para se deslocar a Londres. Durante o debate, Simon declarou que, apesar de sua nota oficial, a política britânica levaria em conta, a partir de então, “a justiça da exigência alemã do princípio de igualdade”. Ao encerrar o debate, Baldwin disse à Câmara: “Acho que é bom que o povo britânico entenda que não há poder no mundo que o possa impedir de ser bombardeado.”

“Você fez muita falta ontem”, escreveu Amery a Churchill. “Ouvuiu-se, vinda de todos os cantos da Câmara, a mais incrível quantidade de absurdos sobre o desarmamento.” Em 17 de novembro, escrevendo para o *Daily Mail* , Churchill expressou sua convicção de que as negociações em Genebra sobre o desarmamento falhariam. Assim que isso acontecesse, o governo nacional deveria propor ao Parlamento “medidas para colocar nossa Força Aérea em condições de poder e de eficácia que desencorajem qualquer um a vir aqui matar nossas mulheres e crianças na esperança de que nos rendamos sob chantagens”.

Em 23 de novembro, Churchill estava suficientemente bem para se deslocar a Londres e, num discurso de considerável força e previsão, avisou aos deputados que se a Inglaterra forçasse a França a desarmar-se, a Alemanha tiraria vantagem de sua superioridade numérica para vingar-se da derrota em 1918. Até então, todas as concessões feitas à Alemanha haviam sido seguidas por novas exigências. A Alemanha não queria apenas “igualdade de armamento com a França”. Não só a França, mas também Bélgica, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e Iugoslávia estavam determinadas a defender suas fronteiras e

seus direitos.

Churchill tinha visto a nova Alemanha durante sua visita ao campo de batalha de Blenheim naquele outono. “Os bandos de jovens teutônicos decididos a marcharem pelas ruas e pelas estradas da Alemanha, levando nos olhos a luz do desejo de sofrer pela mãe-pátria, não querem nenhum estatuto”, disse ele. “Querem armas, e, quando as tiverem, acreditem, exigirão a devolução de seus territórios perdidos.” Quando essa exigência fosse satisfeita, “abalarão e arrasarão até os alicerces” os países que tinha mencionado. Uma “mentalidade de guerra” crescia em alguns países; por toda a Europa, “difícilmente será encontrada uma fábrica que não esteja preparada para se dedicar alternativamente à guerra”. “A eloquência nobre, ainda que um tanto fragmentada”, de MacDonald deveria ser substituída por maior precisão. “Não me recordo de jamais ter havido uma distância tão grande entre as palavras que os homens de Estado usam e o que está acontecendo em muitos países”, disse ele. “O hábito de dizer coisas suaves e ter atitudes e sentimentos pios para ser aplaudido, sem que tenham relação com os fatos fundamentais, é mais pronunciado agora do que nunca, pelo menos que eu me recorde.”

Churchill continuou:

À semelhança do falecido lorde Birkenhead, que costumava pedir “Digam a verdade à Índia”, para mim o início e o fim da sabedoria, peço eu agora: “Digam a verdade ao povo britânico.” É um povo duro e robusto. Pode ficar um pouco ofendido, mas se lhe disserem exatamente o que se passa, não teremos queixas e reprovações mais tarde, tão desagradáveis quando nos chegam após alguma desilusão.

Em relação ao poderio da França, “querem apenas manter o que conseguiram”. Não virá dali nenhuma iniciativa em causar agitação. “Digo com toda a franqueza, mesmo correndo o risco de chocar a Câmara, que prefiro ver dez ou vinte anos de paz unilateral a uma guerra entre potências com poderio militar equivalente.”

“Não sou um alarmista”, disse Churchill à Câmara. “Não acredito na iminência de uma guerra na Europa. Creio que com sabedoria e habilidade talvez não haja uma guerra na nossa geração. Ter qualquer outra opinião seria sem dúvida desespero.” Então, ele expôs o que acreditava ser o único caminho para reviver “as luzes da boa vontade e da reconciliação” na Europa. “A remoção de justos ressentimentos por parte dos vencidos deve preceder o

desarmamento dos vencedores”, disse ele.

Chegar a qualquer coisa semelhante à igualdade de armamentos, se estivesse em nosso poder, e felizmente não está, enquanto se mantêm esses ressentimentos, seria quase o mesmo que marcar o dia do início de outra guerra europeia como se fosse uma luta de boxe profissional. É muito mais seguro reanalisar questões como o corredor de Danzig ou a Transilvânia, com toda a delicadeza e dificuldade que pressupõem, a sangue-frio, numa atmosfera calma enquanto as nações vitoriosas ainda têm uma ampla vantagem do que esperar e andar à deriva, centímetro a centímetro, passo a passo, até que vastas combinações, em igualdade de forças, se defrontem face a face.

Ao comentar as afirmações de Baldwin , no debate a que não pôde estar presente por se encontrar doente, de que “o homem comum” deveria entender que “nenhuma potência no mundo pode evitar ser bombardeada”, Churchill apontou que essa asserção não tinha sido seguida de “nenhuma conclusão prática”. Tinha criado ansiedade e perplexidade. “Havia um sentimento de, como direi, fatalismo, e até talvez de impotência, e aproveito esta oportunidade para dizer que, no que diz respeito a esta ilha, a responsabilidade dos ministros de garantir a segurança do país, dia a dia, hora a hora, é direta e inalienável.”

A defesa de Churchill da revisão do tratado enquanto os vencedores eram ainda fortes e da manutenção da Força Armada inglesa face às crescentes exigências e à agressividade germânicas manteve-se como pedra angular de seus avisos ao governo nos anos seguintes. No entanto, longe de reforçar o poder aéreo da Inglaterra, MacDonald e Baldwin esforçaram-se por conseguir um esquema de desarmamento na Europa, sendo o exemplo dado pela Inglaterra, que reduziu sua Força Aérea antes que outros o fizessem.

Em 30 de novembro, Churchill completou 58 anos. Nesse inverno, em Chartwell, trabalhou no livro sobre Marlborough . Em 16 de dezembro, Lindemann chegou para lhe fazer companhia. “Fazia parte da vida de Churchill”, recordaria mais tarde sua filha Sarah.

Tenho dificuldade em recordar uma época em que ele não estivesse

presente. Seu aspecto era medonho — crânio pontiagudo, cabelo curto e grisalho, que ele puxava para trás como se repuxasse o cérebro, bigode também grisalho, pele amarelada, um fungar curto que substituíra o que em condições normais seria uma gargalhada; no entanto, exalava um calor humano que tornava simples o raciocínio científico.

A presença de Lindemann sempre foi uma fonte de prazer e de educação para Churchill. Sarah recorda:

O professor tinha o dom de falar do mais complicado assunto da forma mais simples. Um dia, durante o almoço, enquanto eram servidos café e brandy, meu pai decidiu provocar o professor, que tinha terminado um trabalho sobre teoria quântica. “Professor, diga-nos em palavras de uma sílaba, e em menos de cinco minutos, o que é a teoria quântica”, pediu ele. Então, meu pai colocou seu grande relógio de bolso, conhecido como “nabo” em cima da mesa. Era uma tarefa complicada, pois o professor passara anos estudando esse assunto, mas, sem hesitar, explicou o princípio, deixando-nos maravilhados. Quando acabou, todos aplaudiram espontaneamente.

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler tornou-se chanceler da Alemanha, convidado a ocupar esse cargo pelo presidente Hindenburg, numa tentativa de aplacar as opiniões extremistas do Partido Nazista com políticos mais moderados que fizessem parte de um novo governo de coligação. Uma semana depois, Hitler promulgou a primeira de uma série de leis que rapidamente aumentaram e consolidaram seu poder; essa primeira lei permitia-lhe silenciar a democrática imprensa socialista e comunista. A ação foi seguida pela prisão de milhares de oponentes do nazismo e por exigências públicas e populares para uma revisão do Tratado de Versalhes e para o rearmamento alemão.

Em 15 de fevereiro, durante o ressurgimento do nacionalismo na Alemanha e uma intensificação da agressão japonesa à China no Extremo Oriente, o governo britânico discutia as deficiências de seu sistema de defesa, apontadas pelos ministros da Guerra e da Aviação, lorde Hailsham e lorde Londonderry. Contudo, após ter ouvido o aviso de Neville Chamberlain sobre os “riscos econômicos e financeiros” que o rearmamento envolvia, o governo concordou em considerar-se “responsável pelas deficiências nos serviços de defesa, impostas pela difícil situação financeira que vivemos”. Restrições econômicas tornaram o rearmamento impossível.

Tudo o que vira na Alemanha cinco meses antes e tudo o que acontecera desde então estava muito vivo na mente de Churchill, inclusive uma votação na Oxford Union que apoiou, por 275 votos contra 153, a moção de que “esta Câmara recusa em quaisquer circunstâncias uma luta pelo rei e pelo país”. Falando em Oxford em 17 de fevereiro, comparou essa atitude ao comportamento alemão: “Penso na Alemanha, com sua esplêndida juventude de olhos claros, marchando em frente em todas as estradas do Reich, cantando suas antigas canções, exigindo serem alistados no exército, ansiosamente à espera das mais terríveis armas de guerra, desejando sofrer e morrer por sua pátria.” Quase podia “sentir o sorriso de desdém” em seus lábios quando lessem a mensagem da Oxford Union.

Em 2 de março, Randolph regressou a Oxford para tentar inverter o resultado da votação, mas conseguiu apenas 138 votos contra 750 votos que apoiavam a moção original. “Ele passou por um teste difícil na Oxford Union”, escreveu orgulhosamente Churchill a Hugh Cecil . “Nada é tão desagradável quanto a hostilidade de milhares de contemporâneos, mas ele não se deixou esmagar.” Oito dias depois, o próprio Churchill enfrentou a hostilidade de seus contemporâneos quando, na Câmara dos Comuns , opôs-se à proposta do governo de redução dos gastos com a Força Aérea, pelo segundo ano consecutivo, por meio do encerramento de uma das quatro escolas de treinamento de aviadores e de pressões para que a França reduzisse a dimensão de sua Força Aérea. Falando sobre a falta de preparação britânica no ar, Sir Philip Sassoon , secretário de Estado da Aviação, disse na Câmara dos Comuns que, estando pendente o resultado da Conferência Mundial para o Desarmamento , o governo estava “novamente preparado para aceitar a continuação da grave disparidade existente entre o poderio da Força Aérea britânica e das forças aéreas de outras grandes nações”.

Churchill argumentou que esperar que a França diminua à metade sua Força Aérea, “no atual estado da Europa”, beirava “o irreal”. Sem meios de defesa suficientes, não se pode preservar a neutralidade. “Não ter uma força aérea adequada no atual estado do mundo é comprometer as fundações da liberdade e a independência nacional.” Ele também “lamentou muito” ouvir Sassoon dizer que o programa de dez anos para expansão da Força Aérea britânica tinha de ser suspenso por mais um ano, no interesse das esperanças de um desarmamento mundial. Churchill disse a Baldwin que abandonar a preparação da defesa era assumir que não haveria uma guerra nos próximos dez anos e que não encorajasse o “sentimento de abandono e de desespero”. Não havia razão para

supor, argumentou ele, que a Inglaterra não podia ter aviões “tão bons quanto tem qualquer outro país”. Os aviadores britânicos tinham tanto talento quanto aviadores de qualquer outro país.

Seus argumentos não foram considerados; dois dias depois do discurso de Churchill, MacDonald apresentou as propostas britânicas na Conferência Mundial para o Desarmamento em Genebra. O período máximo de serviço militar na Europa seria oito meses; a França, a Alemanha, a Itália e a Polônia ficariam limitadas a 200 mil homens cada; seria proibido o bombardeio aéreo; os aviões militares seriam limitados a quinhentos em cada país, deixando em branco o contingente permitido à Alemanha; e qualquer excesso de aviões seria destruído, metade em 1936 e o restante em 1939.

Ao apresentar esse esquema à Câmara dos Comuns em 23 de março, MacDonald disse: “Eu mesmo não posso dizer que acredito nesses números.” Então, reiterou que o objetivo do governo era “igualdade de estatuto” para a Alemanha na esfera dos armamentos. Churchill, que tinha acompanhado as exigências nazistas e a ação antissemita e antidemocrática, disse na Câmara:

Quando lemos algo acerca da Alemanha, quando vemos com surpresa e preocupação o tumultuoso aumento da ferocidade e do espírito de guerra, o tratamento sem piedade dado às minorias e a negação da proteção da sociedade civilizada a uma grande quantidade de indivíduos apenas com base na raça, isso numa das mais ricas, cultas, cientificamente avançadas e formidáveis nações da Europa, ficamos felizes por essas ferozes paixões, que crescem violentamente na Alemanha, ainda não terem encontrado meios de expansão em outras regiões.

Churchill continuou, dizendo que o fracasso do governo britânico em resolver as razões de queixa dos alemães enquanto a Alemanha estava fraca, não podendo fazer exigências pela força enquanto ao mesmo tempo pressionava a França para se desarmar, “deixou-nos mais perto da guerra e tornou-nos mais fracos, mais pobres e mais indefesos”. De ambos os lados da Câmara, trabalhista e conservador, vieram gritos de “Não! Não! Não!”. A fúria foi ainda maior quando Churchill disse que a responsabilidade devia ser atribuída a MacDonald .

A resposta do governo ao discurso de Churchill foi dada pelo ministro das Relações Exteriores, Anthony Eden , que disse que era despropositado que Churchill tivesse escolhido um debate tão sério para praticar suas “zombarias e

gracejos”. Considerou a acusação a MacDonald , sobre ser responsável pela deterioração das relações internacionais, “um fantástico absurdo”. As causas dessa deterioração “remontam ao tempo em que o próprio sr. Churchill teve grande parte da responsabilidade”. Essa acusação seria o *leitmotiv* dos ataques do governo a Churchill; de fato, enquanto tinha sido ministro das Finanças, os gastos com a Força Aérea tinham aumentado em quatro dos seus cinco orçamentos. Também tinha sido um dos principais defensores de garantias mútuas para as fronteiras francesa e alemã. Em 1925, insistira numa revisão anual da Regra dos Dez Anos . Em 1929, alertara para o rearmamento naval germânico, mas sua contínua vigilância nos assuntos de defesa não preocupava aqueles que se opunham às políticas que ele agora defendia.

Eden insistiu em que “não podiam garantir à Europa o tão necessário período de apaziguamento” sem o desarmamento francês. A Inglaterra não queria que a França reduzisse seu exército pela metade, como alegava Churchill. “A redução era de 694 mil para 400 mil”, disse Eden . A Câmara dos Comuns aplaudiu a pedante mas efetiva repreensão. “A Câmara estava furiosa e muito maldisposta em relação ao sr. Churchill”, noticiou o *Daily Despatch* . Churchill recebeu apenas uma carta de apoio, do almirante Sir Reginald Custance, que lhe escreveu em 24 de março: “Você estava dando vida a um princípio fundamental da guerra e falava para além de sua audiência, na sua maior parte ignorante desse princípio.”

Churchill pretendia falar novamente sobre assuntos europeus em 13 de abril. Antes, consultou o major Desmond Morton , que tinha encontrado pela primeira vez na Frente Ocidental em 1916 e que tinha levado para o trabalho de Informações no Ministério da Guerra em 1919. Desde 1929, Morton era chefe da Unidade de Informação Industrial da Comissão de Defesa Imperial , responsável pela investigação, em todo o mundo, da importação e do uso de matérias-primas para armamentos manufaturados pelas potências europeias. Era vizinho de Churchill em Kent.

Fortalecido com as informações que Morton lhe dera, com origem nas próprias fontes secretas do governo, Churchill confrontou a exigência de Hitler de rearmamento com a contínua prossecução de MacDonald de desarmamento, reiterando seu aviso anterior ao governo de que “a ascensão da Alemanha ou de algum aliado a um nível de igualdade militar com a França, a Polônia ou os pequenos estados significa a retomada de uma guerra generalizada na Europa”.

Churchill disse à Câmara que não só havia “manifestações marciais ou belicosas” na Alemanha como também “perseguições aos judeus, sobre as quais

muitos membros honoráveis desta Câmara falaram e que tocam todos aqueles que sentem que homens e mulheres têm o direito de viver no mundo em que nasceram e de angariar seu sustento, que até agora lhes foi garantido segundo as leis públicas da terra em que nasceram”. Também advertiu-os quanto aos perigos de as “odiosas condições que agora governam a Alemanha” se estenderem a uma Polônia conquistada “e de ser iniciada outra perseguição e *pogrom* de judeus”.

Ao comentar a “extraordinária admissão” de MacDonald de que ele próprio não tinha números, mas que por eles tinha se responsabilizado, Churchill disse à Câmara: “É uma grave responsabilidade. Se há um documento em relação ao qual seu autor deve consumir seu pensamento e sua energia é a imensa proposta de desarmamento.”

O governo anunciou então que uma comissão conjunta de ambas as câmaras do Parlamento examinaria as propostas da Constituição Indiana. Hoare explicou a MacDonald que os conservadores moderados estavam encantados com a criação dessa comissão porque “dá-lhes uma resposta à mais nociva linha de ataque de Winston de que o Parlamento será afastado do acordo final”. Sir John Simon tinha regressado recentemente da Índia com uma nova proposta para um governo indiano das províncias, mas não do centro. Essa recomendação do Relatório Simon era o que Churchill considerava como o mais conveniente havia muito tempo. Ao mesmo tempo, ele encarou a proposta comissão conjunta como um esquema para um insincero elogio a Simon ao mesmo tempo em que introduzia um esquema mais radical.

Churchill não estava sozinho em sua inquietação; em 17 de fevereiro, Hoare disse ao vice-rei: “Estamos fazendo tudo o que é possível para garantir uma boa maioria governamental, mas ninguém desmente o fato de que o Partido Conservador está muito nervoso em ambas as câmaras.” Quando Churchill falou durante um encontro do Partido Conservador, fora do controle dos *whips*, conseguiu muito mais votos do que no Parlamento; numa discussão na União Nacional de Associações Conservadoras em 28 de fevereiro, conseguiu 165 votos contra 189.

Como Churchill suspeitava, o governo não tinha qualquer intenção de aceitar o Relatório Simon, mantendo o plano para um autogoverno indiano tanto provincial como central. Na tentativa de tornar o estatuto de domínio mais aceitável às críticas dos conservadores à sua política indiana, o governo anunciou que seriam introduzidas “salvaguardas” tanto para os muçulmanos da

Índia quanto para os Estados principescos independentes, onde haveria predominantemente um governo hindu. No Gabinete, em 10 de março, Hoare explicou que com as salvaguardas o vice-rei teria “grandes poderes”, incluindo “o total controle” dos departamentos de Relações Exteriores e da Defesa. “Não há perigo de haver maioria no Congresso”, disse ele, pois os Estados principescos terão 30% e os muçulmanos 30% dos votos na câmara baixa da Federação de Toda a Índia.

Durante a discussão no Gabinete, lorde Hailsham avisou que, segundo as propostas do governo, “a Índia será cada vez mais governada pelos indianos, que são muito inteligentes, mas não são bons administradores e frequentemente corruptos, pois sua própria religião impele-os a cuidarem de suas relações. A justiça estará à venda, os pobres serão oprimidos e os serviços ficarão paralisados”. Hoare admitiu que “partilhava de muitas dúvidas do ministro da Guerra”. Apesar dessas dúvidas, o Gabinete concordou em tornar o esquema da Federação de Toda a Índia a base para o relatório da questão.

Enquanto esperava que fosse anunciada a composição da comissão conjunta, Churchill foi a um encontro de deputados que até então votavam contra a política indiana do governo. A finalidade desse encontro, disse ele a lorde Salisbury, “era estabelecer um núcleo na Câmara dos Comuns”. O grupo, que se intitulava Comissão de Defesa da Índia, incluía cinquenta deputados conservadores.

Em 17 de março, o governo emitiu seu relatório sobre a questão da Índia. Segundo a constituição proposta, seria garantida autonomia a todas as províncias da Índia. Ao centro, o anterior controle estrito do vice-rei seria substituído por um governo federal com uma participação substancial de indianos. As propostas seriam discutidas pela comissão conjunta. Ao falar na Câmara dos Comuns em 30 de março, Churchill fez um apelo para que o governo não usasse a comissão como um meio de prejudicar antecipadamente o debate em que toda a Câmara devia participar. Foi apoiado por 42 deputados. O governo teve 475 apoiadores.

No dia seguinte, Churchill foi convidado a ser membro da comissão conjunta, onde deveria haver 25 apoiantes da política do governo e nove oponentes. Em 1º de abril, antes de decidir se devia ou não fazer parte da comissão, escreveu a Hoare : “Vi com tristeza e indignação o processo pelo qual, durante os últimos dois anos e meio, você e Baldwin modificaram a política oficial do Partido Conservador e do governo da Índia para paralisarem ou dominarem a resistência dos conservadores aqui e a resistência leal na Índia de modo a tornarem efetivo

seu esquema.” Toda a lealdade do Partido Conservador para com seus líderes, “acrescida à força da opinião de liberais e socialistas, formou uma onda que pode ser irresistível. Você provavelmente seguirá seu caminho, mas as consequências serão sentidas tanto na Índia quanto aqui”.

Depois de muita reflexão, Churchill decidiu não fazer parte da comissão conjunta. Em 5 de abril, escreveu a Hoare para explicar seus motivos:

Noto que pelo menos três quartos de uma comissão de 34 membros são constituídos por pessoas que já se declararam a favor do abandono da responsabilidade britânica no governo central da Índia. A isso oponho-me decididamente. Creio que se o esquema apresentado no relatório for implementado, só poderá conduzir, depois de alguns anos, a uma evacuação ou à reconquista da Índia. Não desejo partilhar o fardo de acontecimentos tão graves. Por isso, não vejo vantagem em fazer parte da comissão apenas para ser derrotado por uma esmagadora maioria de eminentes pessoas que você selecionou. É preferível que aqueles que acreditam na política do relatório trabalhem sozinhos na comissão conjunta, livres da crítica ou dos protestos daqueles de quem estão irremediavelmente afastados.

Vários amigos de Churchill ficaram surpresos com sua decisão. “Permita-me que lhe diga o quanto lamento sua recusa em fazer parte da comissão conjunta”, escreveu-lhe lorde Burnham em 7 de abril. “Em especial, me faz falta sua capacidade de liderança e de orientação.” Churchill respondeu-lhe: “Lamento imensamente não poder ajudá-los, mas estou certo de que meu trabalho é mais proveitoso em outro local. O modo como a comissão foi formada é um escândalo.”

Em 10 de abril, Hoare apresentou no Parlamento a lista dos membros que concordaram fazer parte da comissão conjunta. Um membro do Partido Conservador apresentou um pedido para que fossem retirados seis membros que tinham sido selecionados. Apesar de o pedido ter sido derrotado por 209 votos contra 118, essa minoria constituiu a maior votação de que havia memória contra a política do governo nacional em relação à Índia. Churchill imediatamente fez uma declaração, que foi publicada pelo *Evening News* :

Se a Câmara tivesse votado livremente, a proposta do governo provavelmente teria sido derrotada por uma maioria do Partido Conservador . O que o governo está tentando fazer é conseguir apoio para seus pontos de

vista e não para que se faça uma investigação imparcial. O governo não procura aconselhar-se, e, sim, fazer propaganda. Não procura orientação, e sim uma garantia.

Churchill sentiu-se determinado a liderar uma cruzada pública contra a política do governo em relação à Índia. “Aproxima-se uma longa e dura luta, mas não me desespero”, escreveu ele a um amigo em 14 de abril. O próprio Hoare estava preocupado tanto com a campanha de Churchill quanto com a comissão conjunta. “Tentaremos manter-nos o mais discretos possível”, escreveu ele ao vice-rei em 28 de abril. Sobre Churchill, Hoare escreveu: “Sua principal aliada é a ignorância de 99 pessoas em 100. O resultado será um formidável apoio dos círculos conservadores, que provocará muita suspeita e irritação na organização de muitos círculos eleitorais.”

Os receios de Hoare concretizaram-se no encontro anual da Associação Conservadora de Horsham e Worthing em 28 de abril, quando o relatório sobre a questão da Índia foi rejeitado por 161 votos contra 17. Nessa semana, Linlithgow, amigo de Churchill desde antes da Primeira Guerra Mundial, foi nomeado presidente da comissão conjunta. Querendo persuadir Churchill a desistir de sua oposição ao esquema federal para a Índia, Linlithgow disse-lhe que algo como o relatório estava “prestes a avançar” e que o problema da Índia “não interessa às massas de votantes deste país”.

Linlithgow sugeriu que Churchill concentrasse sua futura oposição na política de tarifas do governo. Churchill respondeu: “Lamento muito ver o caminho que você está tomando em relação à Índia. Curiosamente, os comentários que me fez há três ou quatro anos sobre a grande deterioração no departamento da agricultura desde as Reformas de Montagu estiveram entre os fatos mais importantes que formaram meu juízo.” As Reformas de Montagu eram de 1917. Churchill continuou:

Agradeço-lhe muito a sugestão de que seria preferível atacar o governo por seus acordos comerciais e esquecer a Índia. Creio que não me manteria na política, e seguramente não tomaria parte ativa nela, se não fosse pela Índia. Por isso é para mim perfeitamente indiferente qualquer efeito que minha oposição ao relatório possa produzir na minha situação pessoal.

Linlithgow ainda tentou convencer Churchill de que estava errado. O Serviço de Agricultura da Índia, escreveu ele em 4 de maio, “caracterizou-se por 100%

de ‘indianização’” desde 1924, processo praticamente completado sem que alguém sugerisse que devia ser invertido. “Se você e aqueles que estão do seu lado forem capazes de recriar a Índia de 1900 e, o que é muito mais difícil, colocarem-na a par de qualquer razoável sucesso no mundo de 1934, serei o primeiro a admitir meu erro de julgamento e aplaudir sua firmeza e sabedoria”, escreveu-lhe.

Nessa carta, Linlithgow acusou Churchill de ser antiquado. “Penso que nossa principal diferença é que você assume que o futuro é uma simples extensão do passado enquanto eu creio que a história está cheia de inesperadas voltas e retrocessos”, respondeu-lhe Churchill.

O suave e vago liberalismo dos primeiros anos do século XX e o aparecimento de fantásticas esperanças e ilusões que se seguiram ao armistício da Grande Guerra foram ultrapassados por uma violenta reação ao parlamentarismo e aos procedimentos eleitorais e pelo estabelecimento de ditaduras, reais ou veladas, em quase todos os países. Além do mais, a perda de nossas ligações externas e a diminuição do comércio externo e dos transportes levaram a população excedente da Grã-Bretanha a uma distância mensurável da ruína total. Estamos entrando num período em que a luta pela autopreservação se apresentará com grande intensidade aos muito populosos países industrializados.

Churchill acrescentou:

Na minha opinião, a Inglaterra está iniciando um novo período de esforço e de luta por sua própria vida, e o ponto crucial será não apenas a retenção da Índia, mas a questão muito mais grave dos direitos comerciais. Enquanto tivermos certeza de que não faremos pressão sobre a Índia que não seja de seu real interesse, estará justificado o uso de nosso indisputado poder para o seu bem-estar e para o nosso próprio. Seu esquema está vinte anos atrasado.

O tempo realmente estava passando rápido demais. Em 7 de abril, Hitler impôs formalmente o domínio nazista em todos os Estados germânicos, terminando com sua centenária autonomia. Seis dias depois, entrou em vigor uma lei que afastava judeus de cargos nacionais, regionais e municipais. Durante um debate na Câmara dos Comuns nesse dia, Churchill falou

novamente sobre os perigos de uma Alemanha militarizada: “Uma das coisas que descobrimos depois da guerra é que seria seguro para nós que a Alemanha se tornasse uma democracia com instituições parlamentares. Tudo isso desapareceu. Há uma ditadura, uma cruel ditadura.”

Mais uma vez, Churchill comentou vários pormenores assustadores da ditadura germânica: militarismo, apelos “a todas as formas de espírito de luta”, reintrodução de duelos nas universidades e perseguição aos judeus. “Não posso deixar de me regozijar com o fato de os alemães não terem os canhões pesados, os milhares de aviões militares e os tanques de vários tamanhos que têm pedido para que sua situação seja similar à de outros países.” Dez dias depois, Churchill falou no encontro anual da Sociedade Real de St. George. Em seu discurso, que foi transmitido por rádio, declarou:

Nada poderá salvar a Inglaterra se ela não se salvar a si própria. Se perdermos a fé em nós mesmos, em nossa capacidade de conduzir e governar, se perdermos a vontade de viver, nossa história já estará escrita. Se, enquanto por todos os lados nações estrangeiras afirmam todos os dias um nacionalismo mais agressivo e militante por meio de armas e de comércio, continuarmos paralisados por nossas próprias doutrinas teóricas ou mergulhados na letargia da exaustão pós-guerra, todas as predições pessimistas se tornarão verdade e nossa ruína será rápida e final.

A luta de Churchill contra a política do governo em relação à Índia atingiria seu clímax em 28 de junho, quando o Conselho Central Conservador se reuniu em Londres para discutir a apresentação do projeto para a Índia ao Parlamento. Durante toda a primavera e o verão, o governo tinha estado ocupado, explicou Hoare ao vice-rei, “com uma organização eficaz para enfrentar a propaganda de Winston pelo país”. Hoare queria que o homem que ele escolhera para liderar essa organização, Francis Villiers, fosse agraciado com o título de Sir, na esperança de que isso ajudasse a “conseguir o máximo dele”. Três semanas antes do encontro, o *Times* advertiu os conservadores a não aceitarem a liderança de Churchill. Fossem quais fossem os méritos de qualquer proposta que pudesse fazer ao projeto, “não haverá nenhum retrocesso permanente das principais linhas da política que tal projeto representa”. O jornal advertia ainda, numa linguagem abertamente política, que, se os pontos de vista de Churchill prevalecessem, “o sr. Baldwin poderá considerar necessário afastar-se da liderança do partido e até da vida pública”.

Quando Churchill falou no encontro, suas palavras foram constantemente interrompidas, tornando difícil apresentar seus argumentos. Estava sendo “vítima de uma campanha pessoal”, disse ele. Como os gritos hostis continuaram, ele afirmou: “Não adianta ficarem zangados comigo por apresentar meus argumentos. Temos o absoluto dever, nessa ocasião, de justificar nossas verdadeiras opiniões.” Seu apelo não foi ouvido. Como ele sabia, a hostilidade tinha sido orquestrada com antecedência. “É fácil espalhar propaganda para vitimar um homem em particular”, disse ele. Mesmo esse apelo para ser ouvido foi acompanhado por “gritos de discordância e de escárnio”, noticiou um jornal.

O principal argumento de Churchill, de tentar-se uma autonomia provincial antes do esquema de autonomia federal, não excluía um eventual autogoverno indiano, mas até isso foi recebido com gritos de zombaria. No entanto, a votação traduziu o maior número de vozes discordantes da política MacDonald-Baldwin, que chegou a 356. Mesmo assim, esse grupo foi esmagado pelos 838 votos a favor. Apesar de não ter terminado, a campanha de Churchill para a Índia vacilava entre o inflexível menosprezo pelas suas motivações por parte dos chefes do partido e a intransigência daqueles que estavam determinados a não o deixarem influenciar quer o partido quer o futuro da Índia.

Ver o governo ignorar suas preocupações acerca da Índia e recusar-se a abandonar o desarmamento apesar da ameaça germânica marcou um ponto baixo nas esperanças de Churchill quanto a influenciar os acontecimentos. Em julho, seu amigo Terence O'Connor, um deputado conservador que em breve se tornaria assistente do procurador-geral da Coroa, escreveu-lhe com palavras de encorajamento: “Você tem um lugar na vida de muitas pessoas. Seu destino e sua felicidade preocupam muito mais gente do que pensa.”

A Conferência Mundial para o Desarmamento prosseguia em seus trabalhos em Genebra, e tanto os britânicos quanto os alemães haviam rejeitado a proposta francesa de inspeção regular e supervisão de armamentos. Antes da discussão, o Gabinete tinha sido informado pelos três departamentos de serviços de que se opunham às inspeções regulares porque isso “exporia a todo o mundo nossas graves deficiências em equipamentos militares e teríamos de gastar muitos milhões para corrigir esses e outros aspectos”.

O Ministério das Relações Exteriores recebia relatórios regulares dos serviços secretos e informações sobre o que se passava na Alemanha; em 21 de junho, o adido aeronáutico britânico em Berlim, capitão Justin Herring, redigiu um memorando secreto que evidenciava que os alemães tinham começado a

construir aviões militares em violação ao Tratado de Versalhes . Tinha sido dito a Herring , por um alto funcionário do Ministério da Aviação da Alemanha, que “o governo alemão já estava construindo uma Força Aérea militar”. O memorando de Herring foi uma entre as várias evidências do rearmamento alemão que o subsecretário de Estado das Relações Exteriores, Sir Robert Vansittart , distribuiu ao Gabinete em 14 de julho. Um mês depois, em 12 de agosto, Churchill disse aos seus eleitores: “Há sérias razões para acreditar que a Alemanha está se armando, ou tentando rearmar-se, contrariamente aos solenes tratados que lhe foram impostos quando foi derrotada.”

Em 20 de setembro, as preocupações de Churchill chegaram ao governo por meio de lorde Hailsham , o ministro da Guerra, que disse aos seus colegas, como as minutas recordam:

Já desarmamos a Inglaterra a um ponto que tornava nossa posição muito perigosa se houvesse qualquer risco de guerra nos próximos anos. Nossos portos estão quase indefesos e nossas defesas antiaéreas são totalmente inadequadas. Ele não acredita que alguém pode permitir que essa situação se prolongue. Todos deviam concordar em aumentar as despesas em armamentos nos próximos anos. Ele acha que isso se refere também à Força Aérea.

Era isso o que pensava o ministro da Guerra, repetindo o persistente tema de Churchill, a quem o governo acusava de alarmista.

Em 6 de outubro, no meio desses acontecimentos e avisos, foi publicado o primeiro volume de *Marlborough* : His Life and Times. Ao receber o exemplar que o autor lhe ofereceu, Baldwin escreveu-lhe: “De fato, você é um homem espantoso! Esse último livro significaria anos de trabalho, mesmo para um homem cuja única ocupação fosse apenas escrever história. Aqui está o milagre.”

Churchill sempre gostou muito de enviar exemplares dos seus livros com dedicatórias e, dois dias depois da publicação de *Marlborough* , enviou um autografado ao presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt , cujo *New Deal* ele tanto admirava. “Com os mais sinceros desejos de sucesso para a maior cruzada dos tempos modernos”, escreveu ele.

No dia da publicação do livro, Churchill estava em Birmingham, na Conferência do Partido Conservador , ocasião em que Baldwin insistiu na necessidade de uma convenção para o desarmamento e falou com firmeza em

favor da “limitação dos armamentos como uma limitação real”. Ao falar depois de Baldwin , Churchill apoiou a moção apresentada por lorde Lloyd , exprimindo “graves ansiedades” diante da situação das defesas britânicas. A Inglaterra não pode “continuar por muito tempo a seguir o caminho que nos leva ao enfraquecimento enquanto todas as outras nações se fortalecem”. A moção foi aprovada por unanimidade. Porém, uma coisa era conseguir o apoio dos membros do partido e outra, influenciar a atual política do governo.

Em 14 de outubro, Hitler decidiu retirar a Alemanha da Conferência Mundial para o Desarmamento . Nove dias depois, o Gabinete decidiu continuar a tentar “uma limitação e redução dos armamentos mundiais”, encorajando o ministro da Guerra francês, Edouard Daladier , a iniciar negociações diretas para reduzir a produção de armamento experimental na Alemanha e para fazer “algumas concessões”. O Gabinete concordou: “Nossa política ainda é tentar, por meio da cooperação internacional, limitar e reduzir os armamentos mundiais, porque é nossa obrigação segundo a convenção e porque é o único modo de evitar uma corrida armamentista.”

Num memorando do Gabinete, de 24 de outubro, lorde Londonderry, ministro da Aviação, informou que a produção britânica de aviões tinha cessado em 1932 como resultado da “trégua de armamentos” de novembro de 1931. Ainda que a trégua tenha terminado em fevereiro de 1933, “como sincero desejo do governo de Sua Majestade de promover a Conferência Mundial para o Desarmamento , a parada foi voluntariamente alargada ao ano corrente apesar da notória inferioridade em meios aéreos quando comparados a outras grandes nações”. Era portanto necessário, explicou Londonderry, adiar a conclusão do programa de 1923, que estava marcada para 1936, para 1940.

Essa decisão de prosseguir com o desarmamento foi secreta e, por isso, não pôde ser útil ao governo no dia seguinte, quando, numa eleição intercalar em East Fulham, o lugar foi ganho por um candidato antigovernamental que defendia o desarmamento.

Em 7 de novembro, enquanto o governo mantinha sua política para o desarmamento, Churchill disse na Câmara dos Comuns : “O fato dominante é que a Alemanha já se rearma.” Tinha havido importações de sucata de ferro e níquel e outros materiais militares “totalmente fora do normal”. No entanto, era sua convicção que havia um meio seguro de aplacar o desejo alemão de vingança e evitar a guerra. A Liga das Nações devia ser usada “não com o propósito de discutir e regatear sobre os detalhes do desarmamento, mas para

reerguer a Alemanha coletivamente, o que poderá levar a uma diminuição dos ressentimentos da nação alemã, algo que deve ser feito antes que o atual perigo de rearmamento atinja um ponto que possa pôr em perigo a paz mundial”. Entretanto, a Grã-Bretanha já se tinha desarmado “até a margem do risco — não, até o fundo do risco”. Competia aos três ministros responsáveis pela Defesa tomar as medidas adequadas para a segurança da Grã-Bretanha e garantir que haveria capacidade e tempo para, se necessário, levar a cabo “o fortalecimento de todo o país”.

Em 12 de novembro, depois de eleições alemãs em que só o Partido Nazista foi autorizado a fazer propaganda eleitoral, os nazistas tiveram 95% dos votos. “Vocês sabem que já fui acusado de ser partidário da guerra”, disse Churchill num almoço na Associação da Divisão Naval dois dias depois. “Isso não é verdade. Trabalhei em favor da paz antes da Grande Guerra, e, se as férias navais que sugeri tivessem sido adotadas, o curso da história poderia ter sido outro.” Foram os nazistas “que declararam que a guerra é gloriosa, que inculcaram uma luxúria do sangue em suas crianças sem paralelo na educação desde os tempos bárbaros e pagãos”. Foram os nazistas que construíram a doutrina de que “todas as fronteiras são o ponto de partida de uma invasão”. Não havia tempo a perder. “E uma medida prática a tomar é limpar a Conferência Mundial para o Desarmamento, varrer o refugo e o lixo de oito anos de incômodos, insensatez, hipocrisia e fraude e irmos a Genebra, à outra parte de Genebra, à Liga das Nações.”

O Gabinete continuava determinado a conseguir o mais amplo acordo de desarmamento possível. Em 29 de novembro, Baldwin disse aos seus colegas: “Se não tivéssemos esperanças de chegar a um acordo sobre a limitação de armamentos, teríamos todo o direito de ficarmos preocupados, pois a situação não só diz respeito à Força Aérea, como ao Exército e à Marinha.” A Inglaterra estava fazendo “todos os esforços possíveis para conseguir um esquema de desarmamento que incluísse a Alemanha”. Se a Alemanha visse a Câmara dos Comuns aprovar uma moção de rearmamento, “o efeito seria sério”.

Em 30 de novembro, Churchill completou 59 anos. Nesse inverno, passou tanto tempo quanto possível em Chartwell, trabalhando com Maurice Ashley no segundo volume sobre Marlborough. Na véspera do Ano-Novo, Baldwin escreveu-lhe entusiasticamente sobre o primeiro volume:

É de primeira ordem. Se eu tivesse — Deus me livre — de dedicar-lhe uma

palestra, diria: “Leia *Marlborough* e imaginará que está ouvindo o próprio Winston a caminhar de um lado e para outro na sala do Gabinete, com um copo d’água na mão e um longo charuto no canto da boca.” Posso ouvir suas sonoras gargalhadas enquanto o leio.

Churchill respondeu em 3 de janeiro de 1934, dizendo que estava satisfeito por Baldwin ainda ter “um sentimento simpático” em relação a ele. “Índia à parte, desejo-lhe tudo de bom e tentarei dizer algo a esse respeito quando falar na rádio no dia 16. Apesar de tudo, será a questão europeia que moldará nossas vidas. Aí, você sentirá o fardo da imprensa.”

Em sua emissão por rádio em 16 de janeiro, Churchill elogiou os esforços feitos pelo governo nacional para tentar uma lenta e firme recuperação econômica. Elogiou também o presidente Roosevelt pela “forma como enfrenta as dificuldades”. Também reiterou seus avisos acerca da necessidade de armamento e alianças para evitar a volta da guerra. Não só com os antigos aliados, mas também com países neutros, como Holanda, Dinamarca, Noruega, Suécia e Suíça, “devemos ter nossa parte na construção de uma confederação de nações tão forte que nenhum agressor se atreva a enfrentá-los, pelo menos não na Europa”.

Durante o ano de 1934, Churchill escreveu cinquenta artigos para jornais e revistas e fez mais de cinquenta discursos; seus pontos de vista foram apresentados ao público em média a intervalos de cinco dias. Sua principal preocupação era a defesa da Grã-Bretanha. Em 7 de fevereiro, disse na Câmara dos Comuns : “Não posso conceber como, no atual estado da Europa e dada nossa posição, podemos protelar o princípio de ter uma Força Aérea pelo menos tão forte quanto qualquer potência que nos ataque.” Ele prosseguiu, dizendo que, a menos que a Grã-Bretanha alcance um “apropriado estado de segurança”, surgirá uma crise diplomática “dentro de um período de tempo mensurável, durante a vida daqueles que aqui estão”, quando forem feitas ameaças e aplicada pressão. Então, em poucas horas, “o explodir de bombas em Londres, as cataratas de alvenaria e fogo e a fumaça nos avisarão de qualquer inadequação que tenha sido consentida em nossas defesas aéreas”. Churchill aconselhou o governo a “iniciar a reorganização de nossas fábricas civis de modo que possam ser rapidamente convertidas a fins militares”. Todas as fábricas da Europa, segundo ele, estavam preparadas para se reconverterem rapidamente em produtoras de material militar “para o deplorável e sombrio negócio de matar”. “E o que fizemos nós?”, perguntou ele. “Não há um

momento a perder.” Churchill criticou o governo por seu argumento de que era preciso “esperar pela opinião pública” e de que o público não queria um rearmamento:

A responsabilidade do governo de Sua Majestade é de fato grave, e a situação a torna ainda mais grave, mas é uma responsabilidade que eles não têm dificuldade em descartar se assim quiserem. O governo domina maiorias esmagadoras em ambos os ramos da legislatura. Nada do que ele pede é negado. Basta apresentarem propostas e serão apoiados. Por que criticar o apoio patriótico que essa nação dá àqueles que o povo julga estarem a cumprir seu dever para com ele?

Em resposta, Baldwin comentou em primeiro lugar a posição de Churchill de “mais liberdade e menos responsabilidade”. Depois, disse à Câmara: “Estamos tentando conseguir uma limitação ordenada de armamentos.” Se a Conferência Mundial para o Desarmamento falhasse, o governo sentiria “que seu dever é cuidar dos interesses deste país em primeiro lugar e rapidamente”, mas tinha a esperança de que não surgisse tal eventualidade. “Não creio que estejamos de modo nenhum à beira de uma guerra.”

Durante seu discurso, Baldwin descreveu as críticas de Churchill como “interessantes, moderadas e cheias de bom senso”, mas Herbert Samuel caracterizou-as de outro modo, dizendo à Câmara que a política de Churchill era: “Viva a anarquia e vamos afundar juntos.”

Em 4 de março, o governo publicou um relatório de seu Ministério da Defesa, que começou com o compromisso de que o governo não permitiria que o poder da Força Aérea fosse inferior ao poder alemão: “O governo de Sua Majestade tem como principal objetivo uma paridade nas forças de primeira linha entre as principais potências.” Foi dito que “uma corrida aos armamentos aéreos podia ser evitada” e que a esperança era de que o governo alcançasse paridade aérea “por meio de uma redução dos outros países ao nível da Inglaterra”; isto é, a França e a Rússia deveriam desarmar-se consideravelmente.

O “compromisso de paridade”, apesar de suas qualidades, levou a um enérgico protesto do líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, que declarou na Câmara dos Comuns, em 8 de março, que o partido negava “a necessidade de um incremento de armamento aéreo”. Pelo Partido Liberal, Archibald Sinclair denunciou “a insensatez, o perigo e o desperdício dessa constante acumulação de armamentos”. Churchill, falando sem o apoio do partido, mas

com homens de todos os partidos a ouvi-lo, avisou que o incremento não era suficiente, dizendo a uma Câmara cheia e atenta: “Não consegui convencer-me de que a política que o governo seguiu está em suficiente contato com as severas realidades da situação na Europa.” Não bastava esconder-se atrás do fato da superioridade francesa no ar. O novo perigo chegaria pelo ar. Era portanto necessário “criarmos segurança no ar que nos cobre, o que nos evitará sérios ataques, como fez nosso domínio das águas durante os séculos passados”. A Alemanha “arma-se rapidamente e ninguém a impedirá”. Ninguém propunha uma “guerra preventiva” para impedi-la de quebrar o Tratado de Versalhes .

Churchill continuou a avisar: “Todos estamos conscientes de que um povo muito talentoso, com seu conhecimento e suas fábricas, com aquilo que eles chamam de esportes aéreos, é capaz de desenvolver muito rapidamente a mais poderosa Força Aérea para todos os fins, tanto ofensivos quanto defensivos.” A Alemanha era dirigida por um “punhado de autocratas”, que se tinham tornado “donos absolutos dessa poderosa nação”, com um controle total, “por todos os meios que modernos dispositivos tornam possível”, da opinião pública. “Temo o dia em que os meios de ameaça ao coração do império britânico estarão nas mãos dos atuais governantes da Alemanha”, disse ele. Esse dia “talvez não esteja distante. Talvez um ano, talvez dezoito meses”. Havia ainda tempo para tomar “as medidas necessárias”. Não era apenas o compromisso de paridade que se pretendia, mas que essa paridade fosse conseguida. “Não se ganha nada em escrever esse primeiro parágrafo e depois produzir 130 mil libras. Queremos medidas para conseguir paridade.”

Voltando-se depois para o lorde-presidente do conselho, Stanley Baldwin , Churchill disse à Câmara:

Basta-lhe decidir o que deve ser feito quanto a esse assunto, e o Parlamento votará todos os fornecimentos e todas as autorizações necessárias e, se preciso for, o fará dentro de 48 horas. Não há necessidade de influenciar a opinião pública. Não deve ir perguntar ao público o que pensa. O Parlamento e o Gabinete têm de decidir, e a nação tem de julgar se atuaram corretamente enquanto administradores. O lorde-presidente tem o poder, e, se tem o poder, tem também aquilo que caminha ao lado: a responsabilidade. Talvez seja a mais grave e direta responsabilidade pessoal que cabe a um único servidor da Coroa em muitos anos. Pode não o ter desejado, mas hoje é o comandante do navio. A nação espera dele ser aconselhada e guiada, conduzida com sabedoria e segurança por essa perigosa questão, e eu espero e acredito que

não olhemos para ele em vão.

Em sua resposta, Baldwin disse que não estava “preparado para admitir que não há outra solução”, mas que, se os esforços da Inglaterra para um desarmamento falhassem, o governo “providenciaria para que em força e em poderio aéreo o país não esteja numa posição de inferioridade em relação a qualquer país que esteja a uma distância que possa ameaçar nossa costa”. Foi com essas palavras que Baldwin deu sua autoridade ao compromisso de paridade. Três dias depois, em 11 de março, Churchill escreveu a Hoare : “A duplicação dos meios da Força Aérea não pode esperar.” Contudo, oito dias depois da carta de Churchill, o governo rejeitou sua sugestão, em parte com o argumento de que os ministros acreditavam que ainda havia uma possibilidade de desarmamento europeu, em parte devido às despesas envolvidas na expansão da Força Aérea e em parte porque se pensava, como explicou o ministro das Relações Exteriores, Sir John Simon , que “uma ameaça germânica era mais provável a leste e sul do que a oeste”. Era Áustria, Danzig e Memel que estariam “principalmente ameaçados”.

Ainda que visse com bons olhos o compromisso de paridade de Baldwin , Churchill avisou que as esperanças de desarmamento do governo seriam “um grande perigo” se uma revisão das defesas britânicas fosse protelada. Em 21 de março, na Câmara dos Comuns , defendeu a criação de um Ministério da Defesa para coordenar as necessidades de abastecimento e planejamento do Exército, da Marinha e da Força Aérea num único ministério. O governo rejeitou essa proposta entre grosseiros comentários privados sobre a impossibilidade de encontrar um “super-homem” para tal tarefa.

O governo agora se divertia em zombar de Churchill. A continuação do debate sobre a Índia forneceu mais material para zombaria. Churchill havia acusado o Ministério da Índia de ter usado “pressão injustificada” para influenciar fatos apresentados à comissão conjunta um ano antes. Essa acusação foi classificada pelo governo como tão absurda que era uma prova de problemas mentais. Na realidade, ela estava bem fundamentada; Hoare , que como ministro da Índia deveria ter examinado as evidências imparcialmente, vindas de qualquer dos grupos interessados, havia conseguido, por meio da intervenção de lorde Derby , persuadir um grupo, a Câmara de Comércio de Manchester, a retirar suas provas, o que foi crítico para alguns aspectos econômicos do projeto para a Índia, pois afetava o comércio de algodão de Lancashire e substituíá-o por uma submissão inócua.

Churchill havia fornecido detalhes e documentos suficientes para demonstrar que houvera manipulação das evidências, mas seus opositores retribuíram o golpe; a acusação era tão improvável, e o envolvimento do Ministério da Índia era tão patentemente falso, que suas alegações foram denunciadas como mera agitação. Porém, ao levantar a questão na Câmara dos Comuns em 16 de abril, Churchill apresentou tais detalhes que corroboravam suas acusações que o governo se viu obrigado a formar uma Comissão de Privilégios para examiná-las. Desconhecida mesmo pelo próprio Churchill, uma evidência crucial, a que ele não teve acesso e que teria resolvido o caso, havia sido deliberadamente sonegada à comissão por sugestão de Hoare ; tratava-se de um pedido de um dos principais funcionários de Hoare no Ministério da Índia para que as evidências de Manchester fossem reescritas.

Depois de uma considerável atividade do governo nos bastidores para garantir uma decisão favorável, a Comissão de Privilégios publicou seu relatório em 9 de junho, concluindo que a comissão conjunta não tinha sido um corpo judicial “no sentido vulgar”. Sendo assim, as normas ordinárias que se aplicavam aos tribunais “envolvidos na administração da justiça” não se aplicavam às suas deliberações e não havia base legal para acusar seus membros de terem aplicado uma “pressão injustificada”. De qualquer modo, acrescentava o relatório, “aquilo que foi chamado de pressão não foi mais do que conselho e persuasão”.

Churchill ficou angustiado com o que considerou sofisma e evasão. Era sua convicção que estava preservando um princípio básico da democracia parlamentar; ou seja, que o governo deve atuar com honestidade em sua avaliação da informação e tirar as devidas conclusões desses fatos, por mais embaraçosos e alarmantes que possam ser, em vez de distorcê-los para que se ajustem à sua política. Em 13 de junho, disse à Câmara: “Em qualquer outro país do mundo, creio, eu teria sido posto num campo de concentração e visitado por um grupo de valentões, mas aqui temos esse direito, e eu consideraria muito desonroso ter invocado esse procedimento se não pudesse apresentar sólidas razões que justifiquem tomar essa atitude.”

Churchill estava também preocupado com o efeito, no futuro relacionamento entre ministros e aqueles que escrutinaram suas ações, da pretensão do governo de que a comissão conjunta não era um corpo judicial. “Muitos aqui lamentarão que os guardiões dos direitos e dos privilégios da Câmara dos Comuns tenham decidido encontrar uma dificuldade temporária”, disse ele, citando com regozijo a crítica de Hugh Cecil de que testemunhas da Comissão de Privilégios tinham sido “comandadas como se estivessem numa orquestra sob a direção de um

maestro”.

Churchill reiterou suas acusações na Câmara dos Comuns quatro dias depois, mas muitos o ridicularizaram por tê-lo feito; um deputado conservador chamou-lhe de “um ser humano extraordinário, com tamanho poder que constitui uma ameaça definitiva à solução pacífica de muitos problemas que este país enfrenta atualmente [...] O poder dessa ameaça não está decrescendo, e sim aumentando.”

A ação de Churchill, apontando a manipulação de evidências, não deixou de ser apreciada. “Admiro-o enormemente por sua ação em acontecimentos recentes”, escreveu-lhe uma amiga, lady Lambton, em 26 de junho.

Gosto de pensar que ainda há um ponto luminoso na Inglaterra que não se vergará aos poderosos insolentes. Nessa semana, quando me encontrei com apoiadores do outro lado e perguntei se Winston tinha falhado nesse assunto, a resposta foi: “Completamente.” Então, perguntei: “Nas mesmas circunstâncias, Hoare e Derby teriam feito o mesmo?” Eles pareceram incomodados, e eu soube que tinha ganho um ponto. Perguntei como podiam dizer que você falhou se estabeleceu um padrão e defendeu um princípio que durará muito mais do que um momentâneo sucesso parlamentar e que me faz dizer, bem como a outros amantes da Inglaterra: “Graças a Deus, temos o Winston.”

No final de junho, Sunny, primo e amigo de infância de Churchill, morreu de câncer. Em seu obituário publicado no *Times* em 1º de julho, Churchill escreveu:

Sunny não quis saber detalhes sobre os sintomas que o atacavam todos os dias com novos golpes. Fez o que considerou melhor e viveu sua vida sem se concentrar indevidamente no futuro, mas sabia muito bem que seu fim se aproximava e que estava, como ele dizia, no fim da linha. Enfrentou sua enorme provação com dignidade e simplicidade, nem a exagerando nem a desprezando. Sempre teve modos que atraíam e agradavam, aquela cortesia fácil aprendida das pessoas com nobreza dos tempos idos. Numa reunião para alguns que se preocupavam com ele, na última noite de sua vida, quando as forças se desvaneciam, estava preocupado com o bem-estar dos seus convidados e com que não se entediassem com a conversa. E então veio a oferta dos deuses a quem está em tal aflição, o sono do qual, neste mundo,

não há acordar.

“Você está rodeado de amigos devotos, mas sei que ninguém pode substituir os dois que perdeu recentemente”, escreveu Archibald Sinclair . Lorde Birkenhead — F. E. Smith — tinha morrido quatro anos antes. Churchill ficou profundamente triste com essas mortes. Quando ele próprio começou a dizer que estava velho, lady Lambton escreveu-lhe em censura: “*Por favor*, não fale de si mesmo como se fosse um velho. Quando diz isso, deixa-nos *todos* tristes. Para mim, você continua a ser um rapaz promissor.”

Em 30 de junho, Hitler ordenou o assassinato de seus principais rivais no Partido Nazista , bem como de um ex-chanceler, o general Schleicher, e vários católicos proeminentes. “Fiquei profundamente afetado com o episódio”, recordou Churchill mais tarde. “Todo o processo de rearmamento da Alemanha, de que havia agora provas esmagadoras, pareceu ganhar uma rude e lúgubre coloração.” Em 2 de agosto, um mês depois dos assassinatos, o presidente Hindenburg morreu, com 87 anos. No dia seguinte, Hitler acumulou os cargos de chanceler e presidente. Nesse mesmo dia, as Forças Armadas alemãs fizeram um juramento pessoal de “obediência incondicional” a Hitler como seu novo comandante-chefe.

Ao longo do verão, Churchill falou sobre a defesa aérea; em 7 de julho, em seu círculo eleitoral, propôs que o governo duplicasse duas vezes a Força Aérea. Seis dias depois, na Câmara dos Comuns , Herbert Samuel , desconhecedor, como Churchill, de que o chefe do Estado-Maior da Aviação tinha sem sucesso incitado o governo a iniciar essa expansão, considerou que a proposta de Churchill tinha “mais a linguagem de um malaio amouco do que de um responsável homem de Estado britânico”. Em resposta, Churchill disse que a situação era em muitos aspectos “mais perigosa” do que tinha sido em 1914, quando ele e Samuel tinham sido colegas no Gabinete. Anthony Eden , recentemente nomeado lorde do Selo Privado, disse à Câmara: “Discordo, com todo o respeito, do distinto deputado por Epping no pensamento de que para se conseguir um efetivo sistema consultivo mundial as nações precisam estar fortemente armadas. Não concordo.” Eden acrescentou que o “desarmamento geral deve continuar a ser o principal objetivo”. Mais tarde, durante o debate, Attlee pôs em causa a necessidade de qualquer rearmamento, dizendo à Câmara sobre Hitler : “Acho que podemos dizer que sua ditadura está gradualmente se desfazendo.”

Nos círculos governamentais, o debate sobre a fraqueza do poder aéreo continuou. Em 16 de julho, numa nota para o Gabinete, Maurice Hankey informou que a revista anual do Estado-Maior referente a 1933 revelava “consideráveis deficiências nas nossas forças de defesa”, devido em grande parte à política governamental em relação à “questão do desarmamento” desde 1929. No dia seguinte, numa carta privada para Baldwin, Londonderry preveniu que uma Força Aérea fraca não só não era dissuasora de uma possível agressão como não constituía uma defesa adequada. “Na ausência de defesas eficazes, nada impedirá que o inimigo concentre sua máxima capacidade de lançamento de bombas sobre Londres e que continue a bombardeá-la até chegar a seu intento”, escreveu Londonderry.

Em 18 de julho, o Gabinete aceitou um plano segundo o qual a Grã-Bretanha deveria ter 1.465 aviões de primeira linha em maio de 1939. Houve quem pensasse que isso não era suficiente; para o debate sobre política aérea em 30 de julho, Desmond Morton deu a Churchill uma nota sobre a força relativa dos meios aéreos da Grã-Bretanha, da Alemanha e das outras principais potências, bem como as próprias estimativas do Ministério da Aviação sobre a capacidade de produção de aviões por parte da Alemanha. Em 30 de julho, Churchill disse na Câmara dos Comuns que “atualmente somos a quinta ou sexta potência do mundo em meios aéreos”. Ao atual ritmo de fabricação, a Grã-Bretanha estaria “pior em 1939 do que está agora, e é esse relativismo que conta”.

Churchill continuou, dizendo que mesmo o “pequeno, tímido, hesitante e moroso” aumento da capacidade aérea que o governo solicitou “será censurado pelas forças conjuntas dos partidos Socialista e Liberal”. Desejava apresentar “alguns fatos” que do seu ponto de vista não podiam ser negados e que tinham de ser respondidos com a expansão imediata da Força Aérea britânica numa escala substancial e decisiva:

Afirmo que a Alemanha já criou, em violação ao tratado, uma Força Aérea militar que é equivalente a dois terços da nossa Força Aérea de defesa. Essa foi a primeira declaração que fiz ao governo. A segunda é que a Alemanha está aumentando rapidamente sua Força Aérea não só por intermédio de grandes somas de dinheiro que figuram em seus orçamentos, mas também por meio de subscrições públicas — muitas vezes forçadas — que estão sendo realizadas há algum tempo por toda a Alemanha.

Churchill continuou:

No final de 1935, a Força Aérea da Alemanha igualará em número e em eficácia — e ninguém deve subestimar a eficácia alemã, pois não poderia haver erro mais mortal — nossa defesa aérea nessa altura, mesmo que as atuais propostas do governo sejam seguidas. A terceira declaração é que se continuarmos a seguir nosso esquema enquanto os alemães mantêm sua expansão, a Alemanha será definitiva e substancialmente mais forte no ar do que a Grã-Bretanha em 1936. Em quarto lugar, e esse é o ponto que está causando ansiedade, uma vez que eles tomem o comando, talvez nunca sejamos capazes de vencê-los.

Havia outros fatos que Churchill acreditava serem muito importantes. A aviação civil alemã era três vezes maior do que a britânica e estava concebida de modo a ser facilmente convertida para propósitos militares. Sem dúvida todo o esquema de conversão “foi preparado e organizado premeditadamente com minúcia e decisão”. O mesmo se aplicava aos pilotos civis e amadores; a Alemanha tinha quinhentos pilotos de planadores qualificados contra cinquenta na Grã-Bretanha. Mesmo esses pilotos tinham noção de voo e podiam rapidamente ser treinados para a aviação militar. A fraqueza no ar, preveniu Churchill, “tem uma relação direta com a situação externa”. Somente se a Grã-Bretanha fosse forte sua Força Aérea poderia, em conjunto com a França, atuar como “dissuasora” contra a agressão alemã.

À medida que o debate decorria, vários oradores escarneciam dos argumentos de Churchill. Segundo Herbert Samuel : “Mais parecia que ele estava interessado não em dar avisados conselhos ao país, mas que estivesse envolvido num temerário jogo de bridge, dobrando e redobrando apostas terrivelmente altas. Todas essas fórmulas são perigosas.” Um importante socialista, Sir Stafford Cripps, afirmou: “Depois do que o honorável deputado por Epping declamou, poderíamos retratá-lo como um velho barão da Idade Média rindo da possibilidade de desarmamento nos baronatos deste país e declarando que o único modo de ele e seus feudais seguidores manterem sua segurança e de suas vacas é por meio de um armamento tão poderoso quanto possível.”

Churchill não deixou que a zombaria o perturbasse. Em 6 de agosto, disse a um amigo que pretendia iniciar um debate sobre defesa aérea em novembro, apresentando uma emenda. Continuará a reunir fatos e tentaria “exigir uma ação mais vigorosa” por parte do governo durante o debate. “Fico feliz por não ter a responsabilidade de saber se é muito pouco ou muito tarde”, acrescentou ele. “Sinto uma profunda e crescente ansiedade.”

Em agosto de 1934, Churchill passou três semanas no sul da França, no Château de Horizon, de Maxine Elliot, perto de Cannes. Maxine, uma atriz americana, era amiga da mãe de Churchill. Randolph e Lindemann foram com ele, bem como muito material para a produção do terceiro volume da biografia de Marlborough, em grande parte reunido por John Wheldon, um jovem de 23 anos, formado em Oxford, que trabalhava em Chartwell desde o início do ano. Violet Pearman, que foi com Churchill à França, tomava notas ditadas para o novo volume todos os dias. Churchill também lhe ditou doze artigos para a série *News of The World* sobre incidentes em sua vida desde a virada do século.

Em 28 de agosto, Lindemann e Randolph saíram de Cannes de carro, dirigindo-se a Grenoble pela recém-aberta autoestrada que acompanhava a estrada que Napoleão seguiu quando regressou a Paris depois de sua evasão a Elba em 1815. A Clementine, que tinha ficado em Chartwell, Churchill escreveu: “Devo tentar escrever uma biografia de Napoleão antes de morrer, mas o trabalho acumula-se e duvido que eu tenha tempo e forças.” Durante a volta, Lindemann foi ver Baldwin em Aix-les-Bains e discutiu com ele sobre a necessidade de uma política de defesa aérea mais ativa, tanto em investigação quanto em produção. Como resultado dessa conversa, Lindemann foi nomeado membro de uma Subcomissão de Investigação de Defesa Aérea que estava sendo criada como parte da Comissão de Defesa Imperial e onde poderia levar adiante suas ideias de novos métodos científicos de defesa aérea.

Em 25 de setembro, Churchill saiu de Chartwell pela segunda vez nesse verão, dessa vez com Clementine, para fazer um cruzeiro no Mediterrâneo a bordo do iate *Rosaura*, de lord Moyne. Foram para Beirute e depois viajaram por terra através de Líbano, Síria, Palestina e Transjordânia, visitando as ruínas de Petra, onde passaram a noite. Foram depois para o Cairo, onde Churchill passou dois dias pintando junto das pirâmides antes de voltar de iate de Alexandria a Nápoles e embarcar num trem para Paris. A parte final da viagem foi feita de avião, de Paris para Croydon, perto de Chartwell. Seus pensamentos nunca estiveram muito longe da ameaça aérea alemã; no dia seguinte ao seu regresso, escreveu ao presidente da Imperial Airways: “Creio firmemente que precisamos fazer mais para apoiar a aviação civil, tendo em vista a enorme preponderância das máquinas da Alemanha e sua convertibilidade para propósitos de guerra.”

Enquanto Churchill esteve fora, foi publicado seu segundo volume da biografia de *Marlborough*. Entre aqueles que lhe escreveram para o felicitarem estava William Darling, um destacado membro conservador do conselho

municipal de Edimburgo, que tinha lutado em Galípoli. “Nesses confusos dias, duvido que saiba com que frequência na vivência do dia a dia os homens parecem tornar-se tão esperançosos quanto você”, escreveu ele em 3 de novembro.

Em 16 de novembro, tendo sido auxiliado na preparação de seu discurso por Orme Sargent , funcionário do Ministério das Relações Exteriores que partilhava de seu receio quanto às intenções germânicas, Churchill fez uma emissão radiofônica sobre a Alemanha. Os nazistas, disse ele, queriam “a submissão de raças aterrorizando e torturando populações civis”. Contudo, o desarmamento era ainda “o estridente grito do momento”. No entanto, a paz precisa ser conseguida por intermédio de preponderância militar. “Há segurança nos números. Se houvesse cinco ou seis de cada lado poderia haver um terrível equilíbrio de forças. Se houvesse oito ou dez de um lado e apenas um ou dois do outro, e se as Forças Armadas coletivas de um lado fossem três ou quatro vezes maiores do que as forças do outro, então não haveria guerra.”

A Grã-Bretanha não poderia “desligar-se” da Europa.

Receio que, se olharmos bem para o que se move contra a Grã-Bretanha, veremos que a única escolha possível é a escolha que nossos antepassados tiveram de enfrentar, a saber, submeter ou preparar o país. Ou submetemos o país à vontade de uma nação mais poderosa ou preparamos o povo para defender nossos direitos, nossas liberdades e sem dúvida nossas vidas. Se nos submetermos, nossa submissão deve ser oportuna. Se nos prepararmos, não o devemos fazer tarde demais. A submissão trará consigo pelo menos a entrega e a distribuição do império britânico e a aceitação pelo nosso povo do que quer que o futuro prepare para pequenos países como Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica e Suíça numa dominação teutônica da Europa.

A transmissão radiofônica foi ouvida por dezenas de milhares de pessoas que nunca tinham ouvido seus discursos parlamentares ou públicos. Um ouvinte, Alexander Filson Young, que tinha sido, como Churchill, correspondente de um jornal na África do Sul em 1900, escreveu: “Espero ansiosamente pelo dia (que se conservar sua saúde chegará) em que terá o poder necessário para implementar suas convicções. Quando esse dia chegar, terá tantos a segui-lo que deixará perplexos os alarmistas e os isolacionistas. Quantos dias e anos perdidos!”

4 Liberais-Trabalhistas. Em inglês, *Liberal-Labour*. (N. do T.)

Agradecimentos

Sou grato a todos aqueles que, durante os últimos trinta anos, confiaram a mim suas recordações de Churchill. Aqueles que são citados neste livro foram generosos tanto com seu tempo quanto com suas memórias. Gostaria de agradecer a Valentin Berezchkov, Harold J. Bourne, Sir John Colville , Ivon Courtney , Sir William Deakin , Sir Donald MacDougall, Robert Fox , Eve Gibson, Elizabeth Gilliatt, Grace Hamblin , Pamela Harriman , Kathleen Hill , Marian Holmes, Patrick Kinna, Elizabeth Layton, James Lees-Milne , brigadeiro Maurice Lush , John J. McCloy, Jock McDavid, Malcolm MacDonald , visconde Margesson, Sir John Martin, Trevor Martin, Anthony Montague Browne , marechal de campo visconde Montgomery of Alamein, Sir John Peck , capitão Sir Richard Pim, Doreen Pugh e lady Williams of Evel (Jane Portal).

Meus mais sinceros agradecimentos, quer pelos conhecimentos, quer pelo material que me forneceram durante vários anos, vão para os filhos de Churchill: lady Sarah Audley, lady Soames e Randolph Churchill, meu predecessor como biógrafo.

Junto com aqueles que me ajudaram com recordações, agradeço a todos que responderam aos meus questionários históricos para este tomo ou que me forneceram material documental. Meus agradecimentos por essa ajuda vão para Patricia Ackerman, arquivista do Churchill College Archives Centre; J. Albrecht, da Ligue Suisse pour la Protection de la Nature; Larry Arnn, do Claremont Institute for the Study of Statesmanship and Political Philosophy; Jeanne Berkeley; Alan S. Baxendale; dr. David Butler ; Juhan Challis; Robert Craig Henry E. Crooks; Michael Diamond; dr. Michael Dunnill; Felicity Dwyer, repórter do *Daily Express* ; Nicholas P. Eadon ; Linda Greenlick, bibliotecária-chefe do *Jewish Chronicle*; Irene Morrison, do Scottish Tourist Board; David Parry, do Departamento de Fotografia do Imperial War Museum; Gordon Ramsey ; Andrew Roberts ; James Rusbridger; Matthew Spalding; Ken Stone, do Metropolitan Police Historical Museum; Jonathan de Souza ; lorde Taylor of Hadfield; professor Vladimir Trukhanovsky; sra. M. E. Vinnal, diretora de pessoal e administração do *Evening Standard* ; Frank Whelan, repórter do

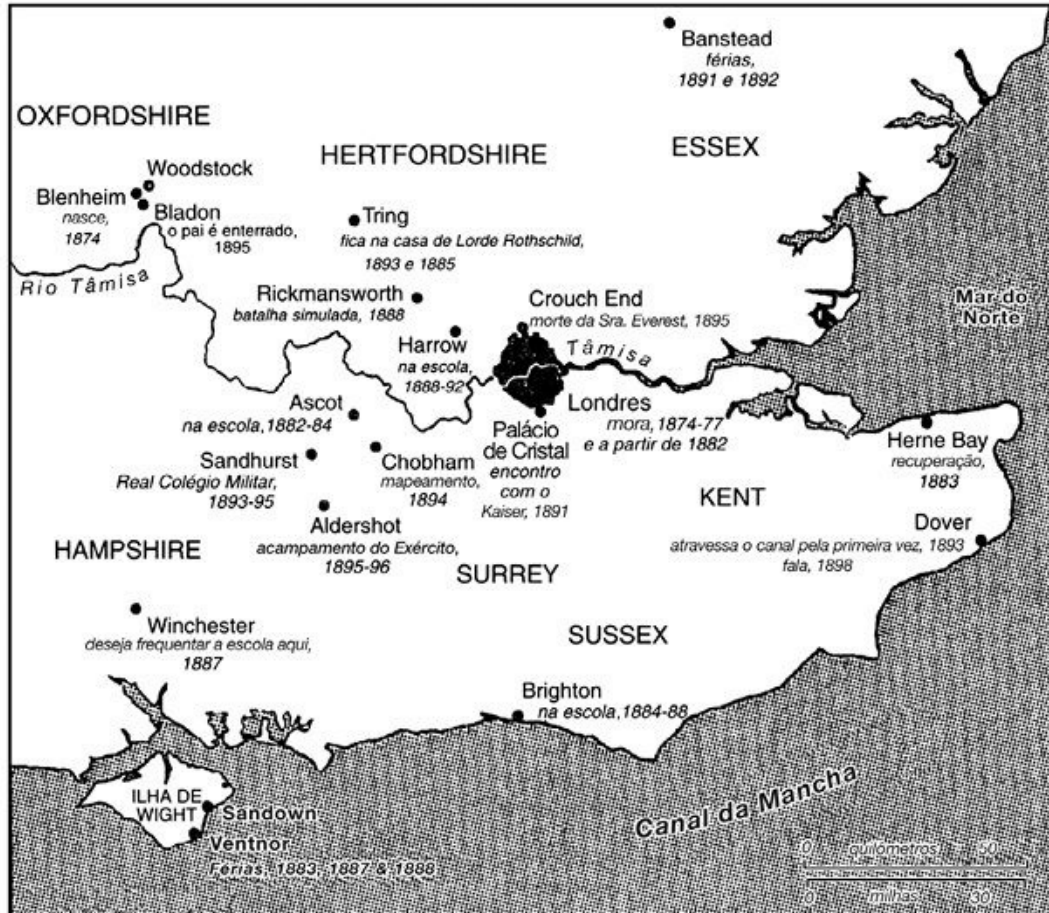
Sunday Call-Chronicle; e Benedict K. Zobrist, diretor da Biblioteca Harry S. Truman no Missouri.

Também sou grato, pela utilização de materiais de Churchill nunca antes publicados, à British Library Manuscript Collections, à leiloeira Christie's, à Hollinger Corporation, a A. Rosenthal, a Chas W. Sawyer, a John R. Smethurst, ao arquivo do *The Times*, ao arquivo de Blenheim Palace e à National Trust Collection.

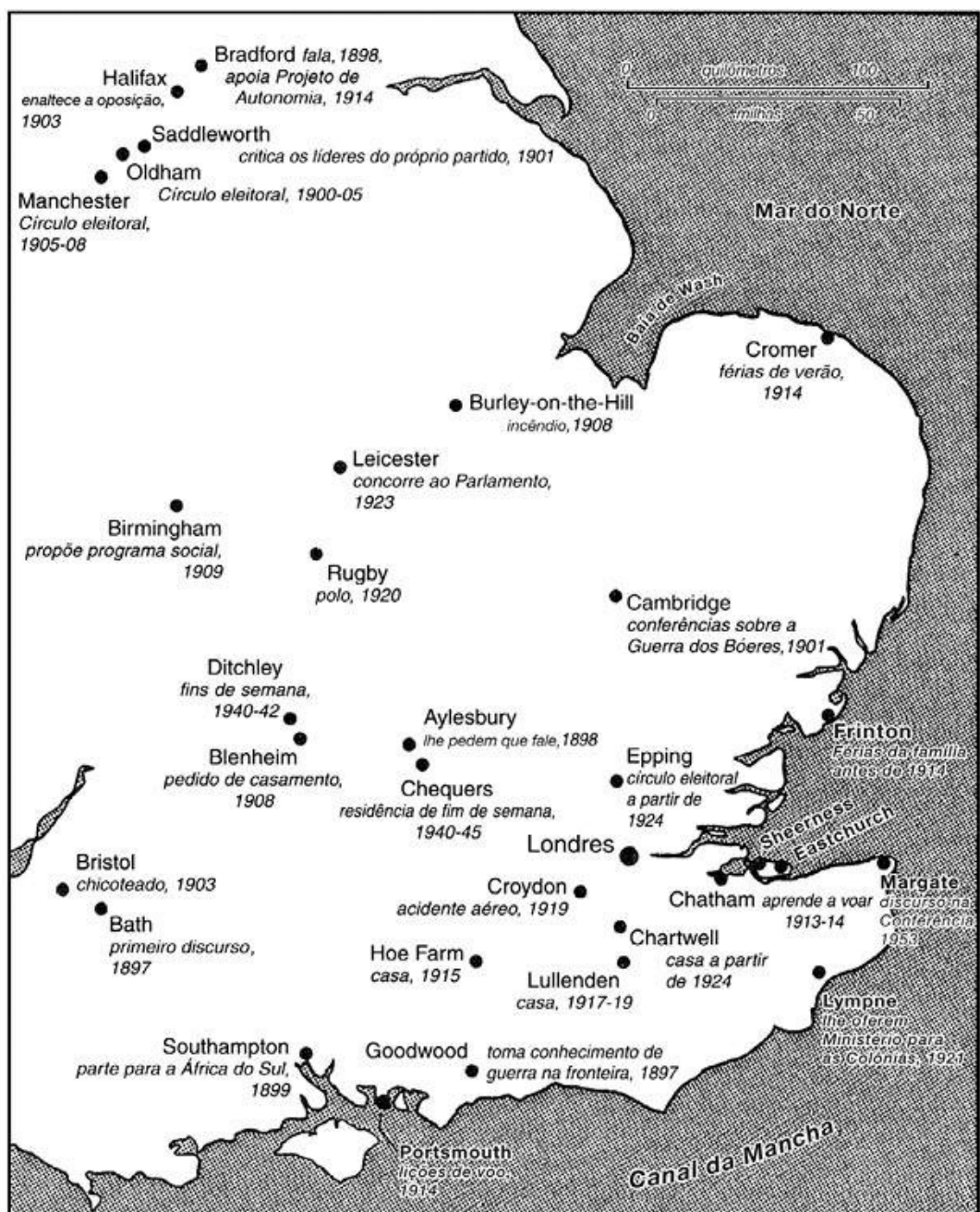
Pela ajuda em examinar minuciosamente o texto e fazer importantes sugestões quanto ao seu conteúdo, sou excepcionalmente grato a Sir David Hunt, Adam O'Riordan e Edward Thomas; todos eles me auxiliaram com seus vastos conhecimentos e com seu espírito crítico. Helen Fraser, Laura Beadle e muitos outros colaboradores de William Heinemann envolvidos na publicação deste livro foram sempre prestativos e encorajadores nas diversas, e por vezes difíceis, etapas da produção. As provas e a revisão foram habilmente feitas por Lisa Glass e Arthur Neuhauser. Rachelle Gryn auxiliou-me na descoberta de importantes fatos e Kay Thomson desempenhou uma enorme quantidade de tarefas administrativas.

Como em todos os meus trabalhos anteriores sobre Churchill, estou em dívida para com minha mulher, Susie, pela contribuição em cada etapa e em cada página.

Mapas



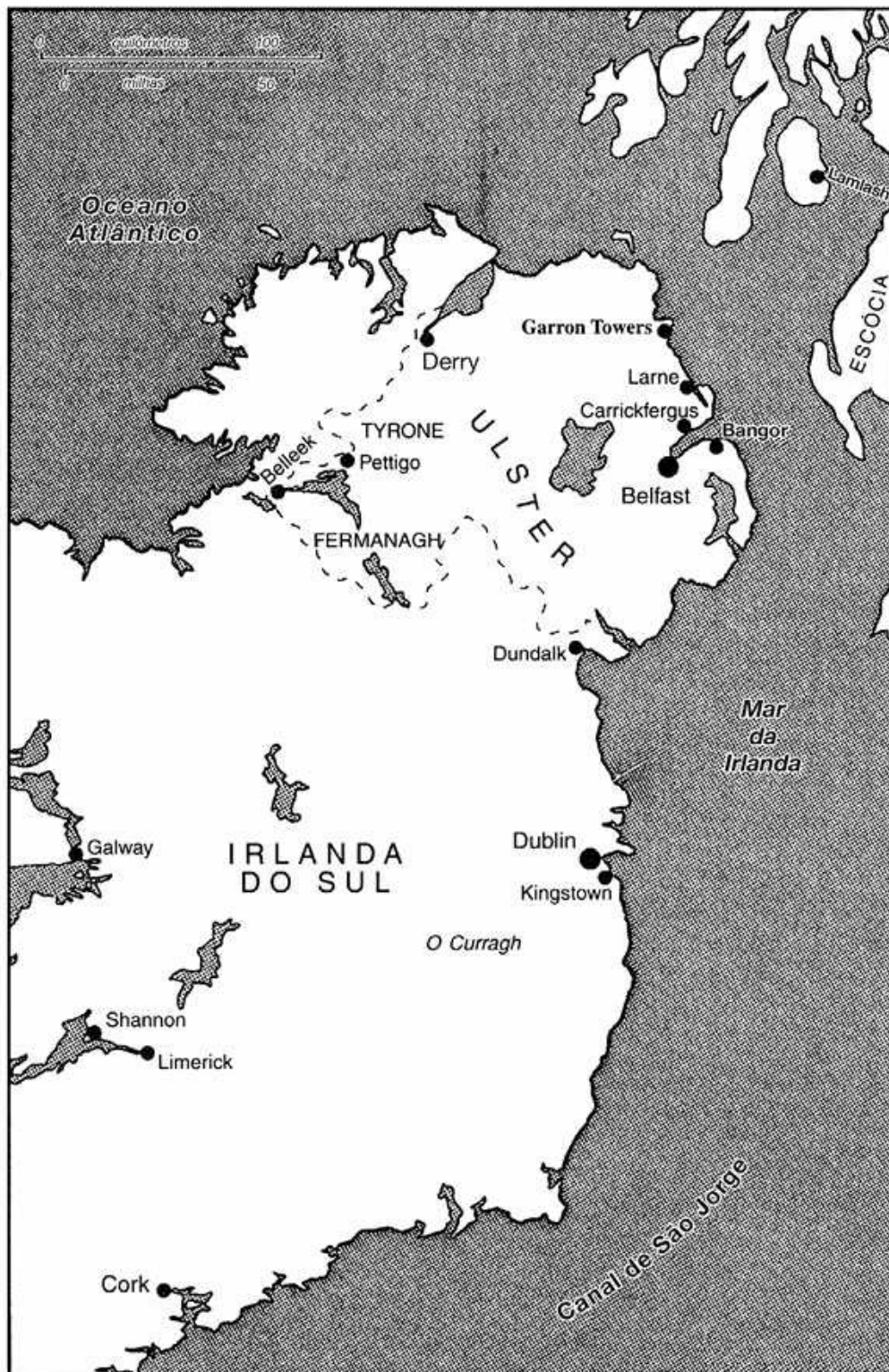
1. Sul da Inglaterra, 1874-1897



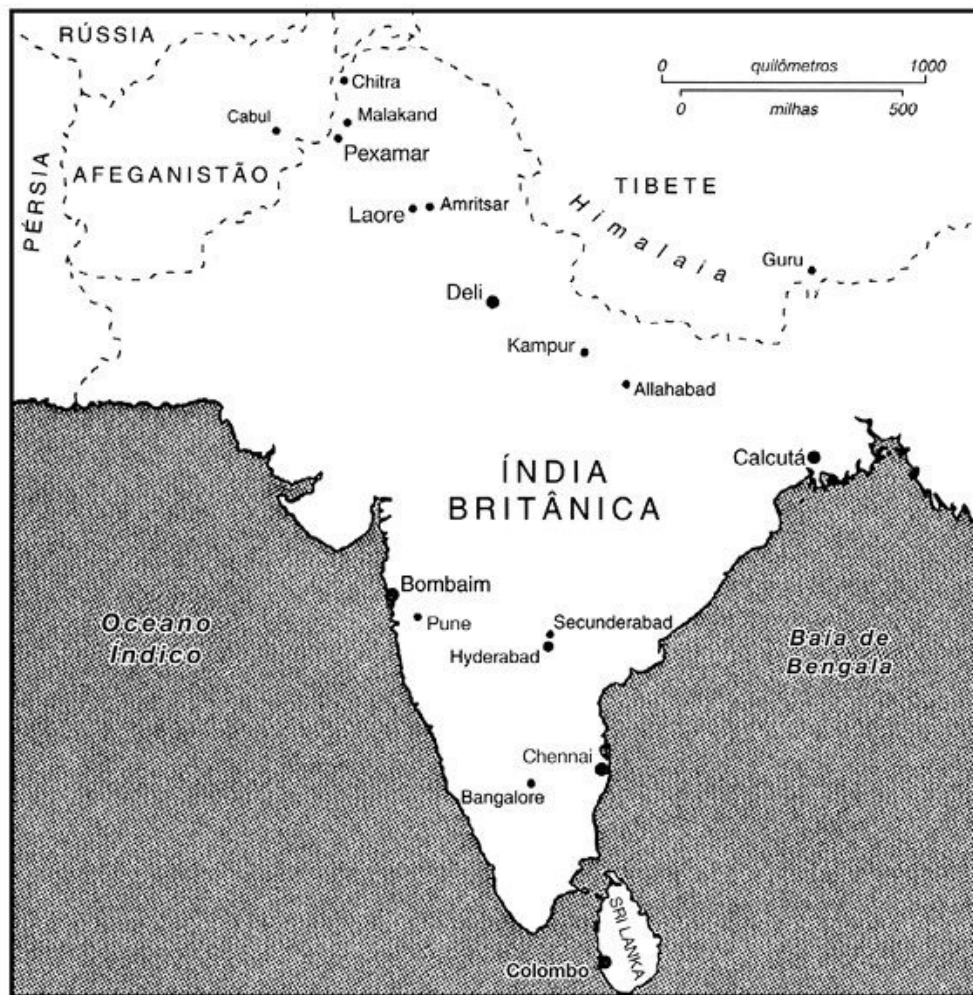
2. Sul da Inglaterra, a partir de 1897



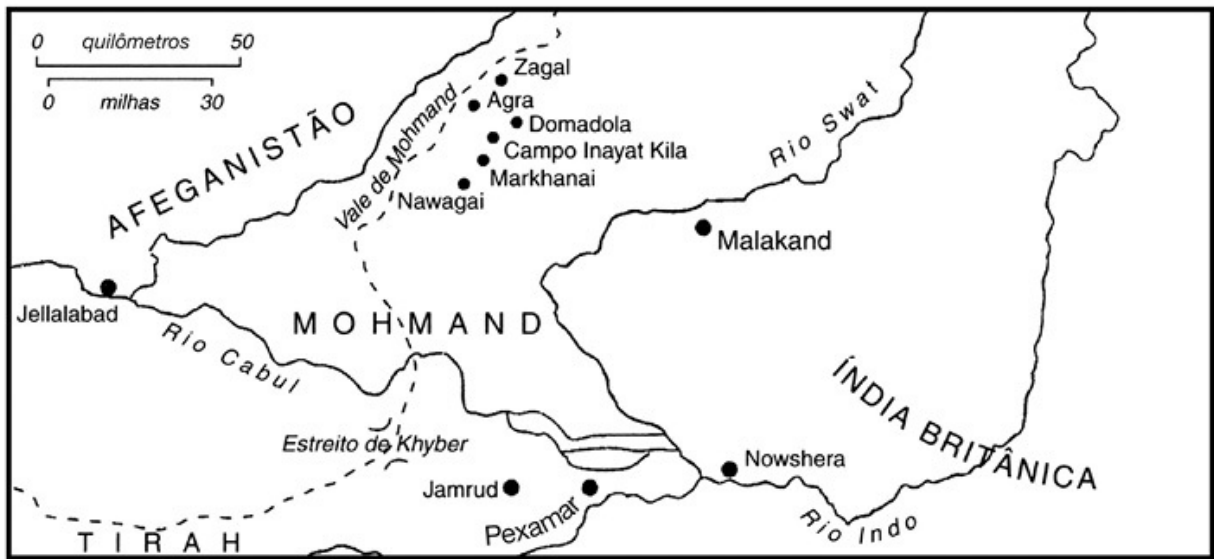
3. Visitas ao Novo Mundo, 1895-1961



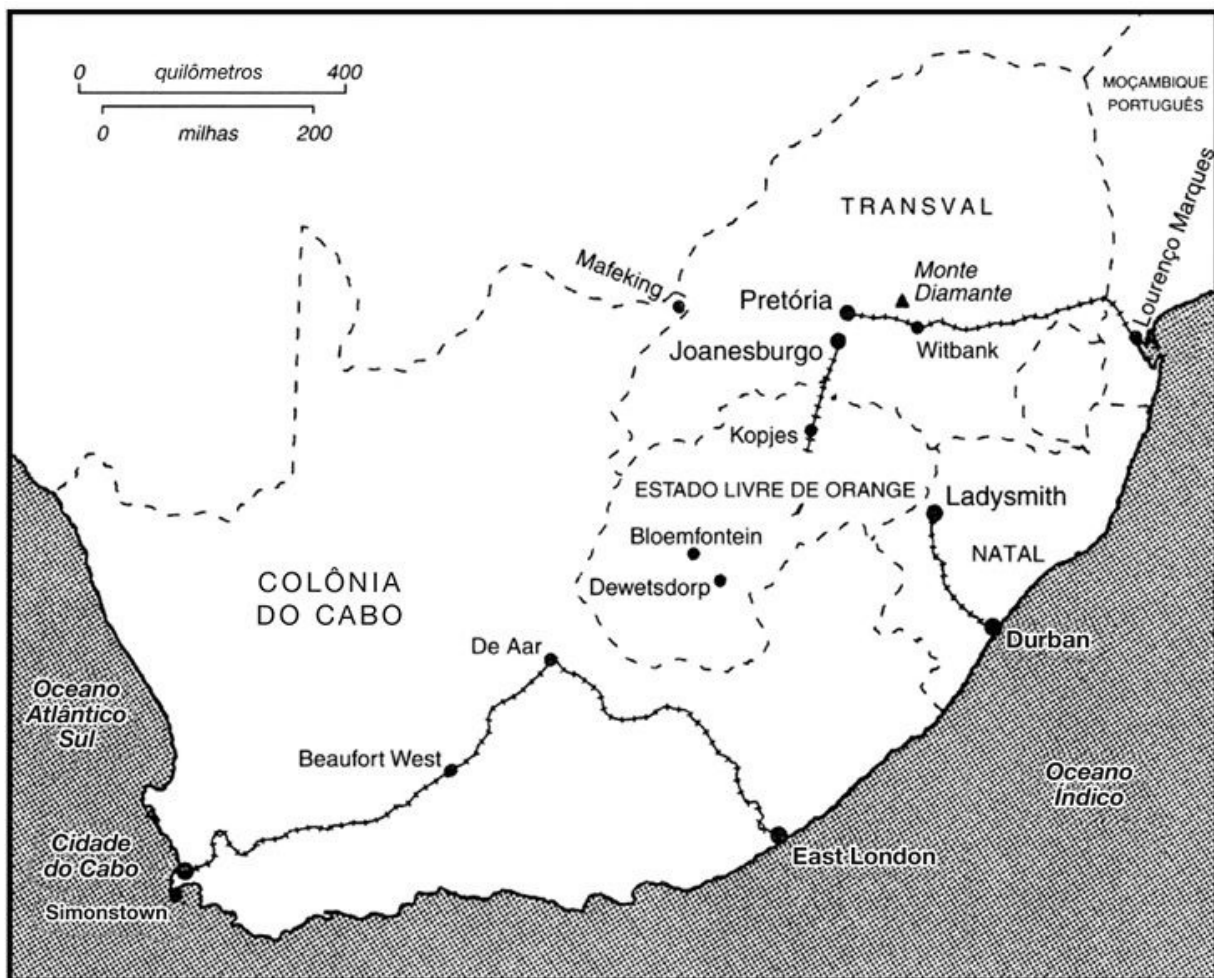
4. Irlanda



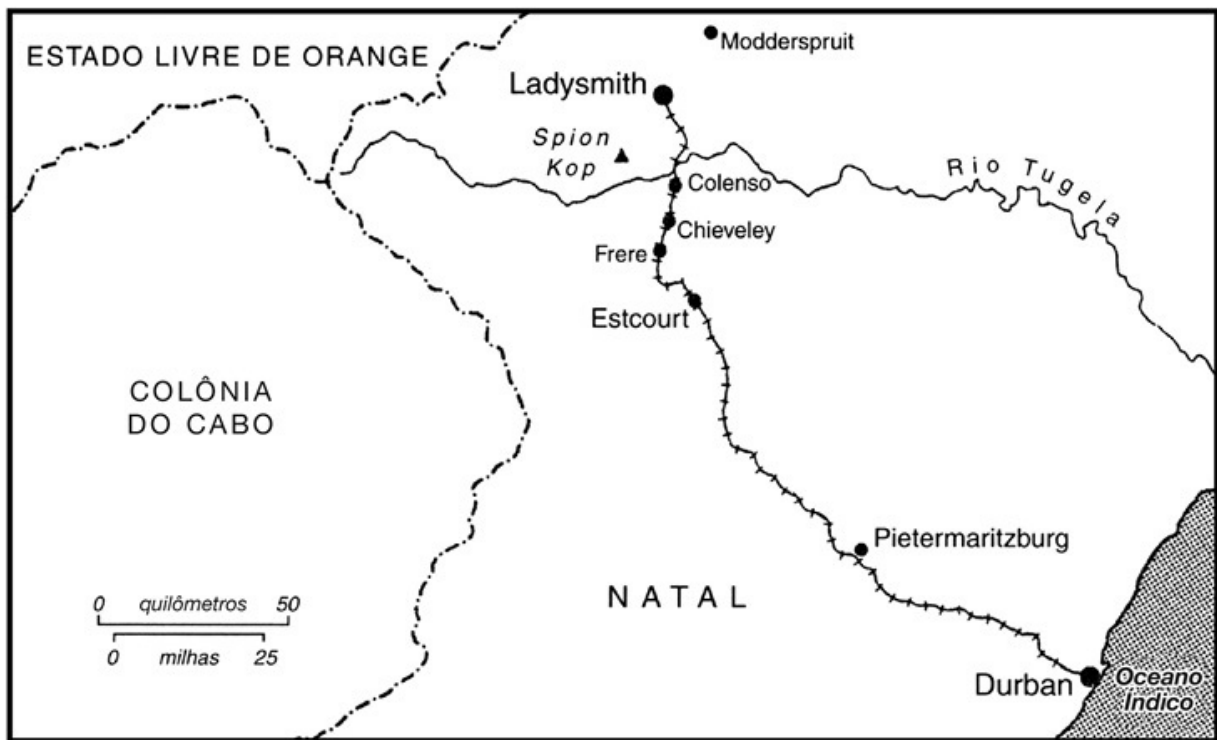
5. Índia Britânica



6. Fronteira noroeste da Índia, 1897



7. África do Sul, 1899-1900



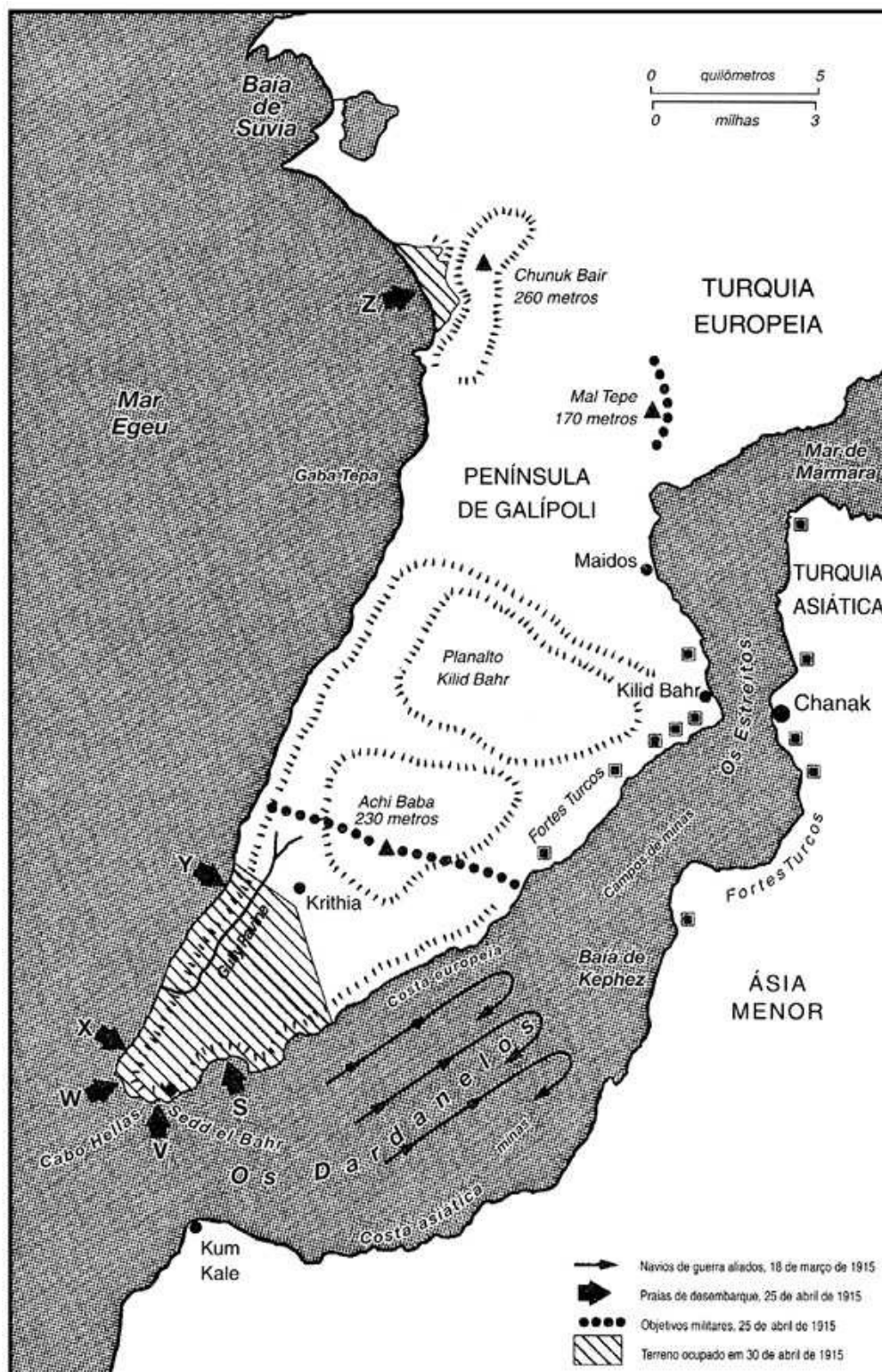
8. De Durban a Ladysmith



9. Egito, Sudão e África Oriental



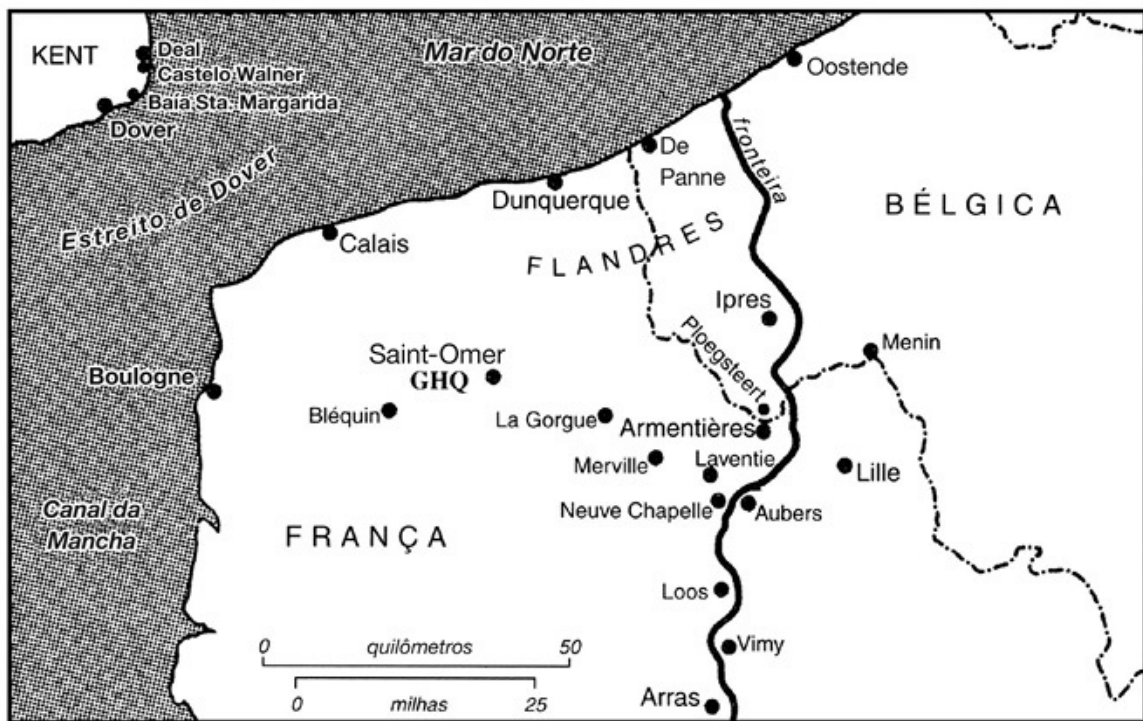
10. Europa, 1914-1918



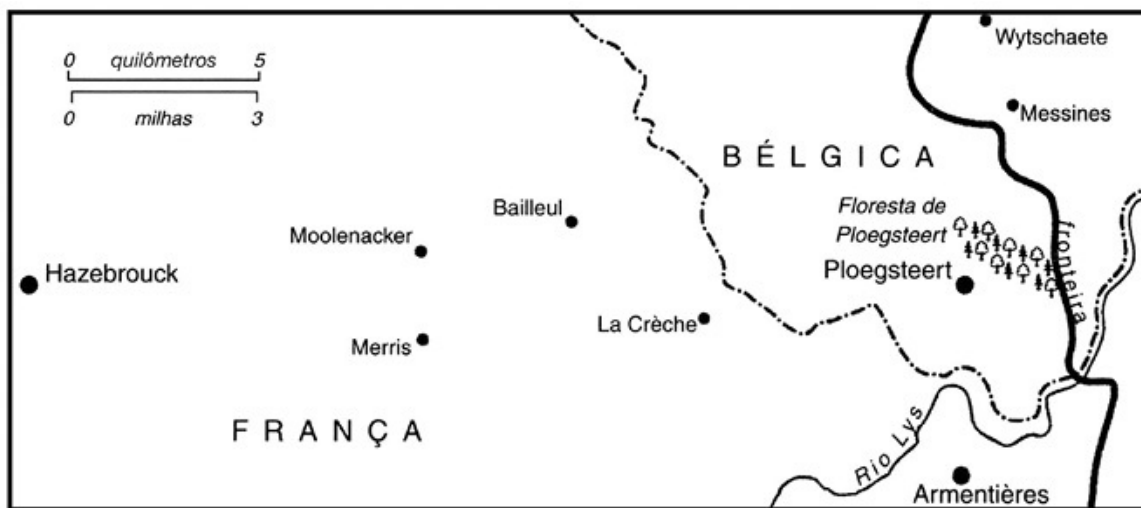
11. Os Dardanelos e Galípoli, 1915



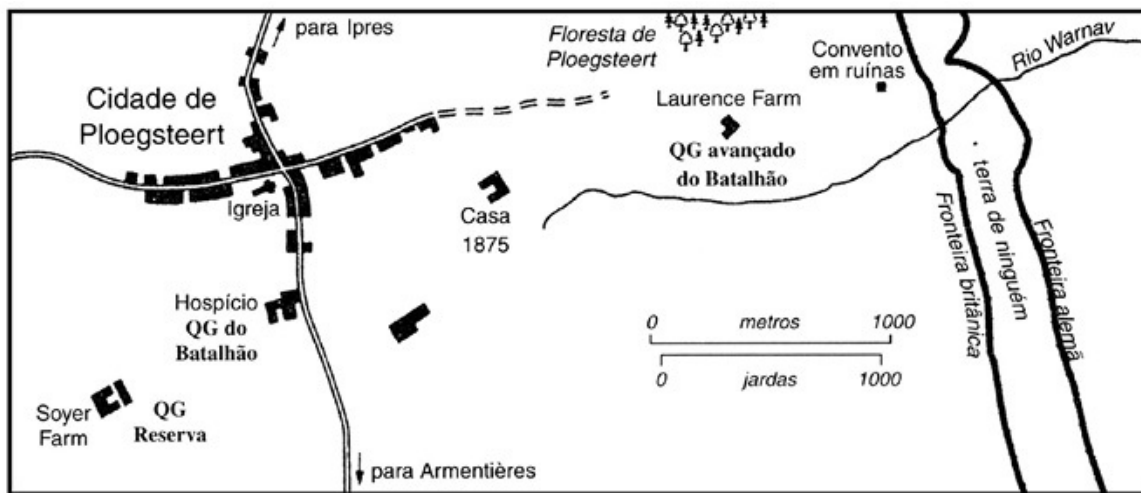
12. A Frente Ocidental



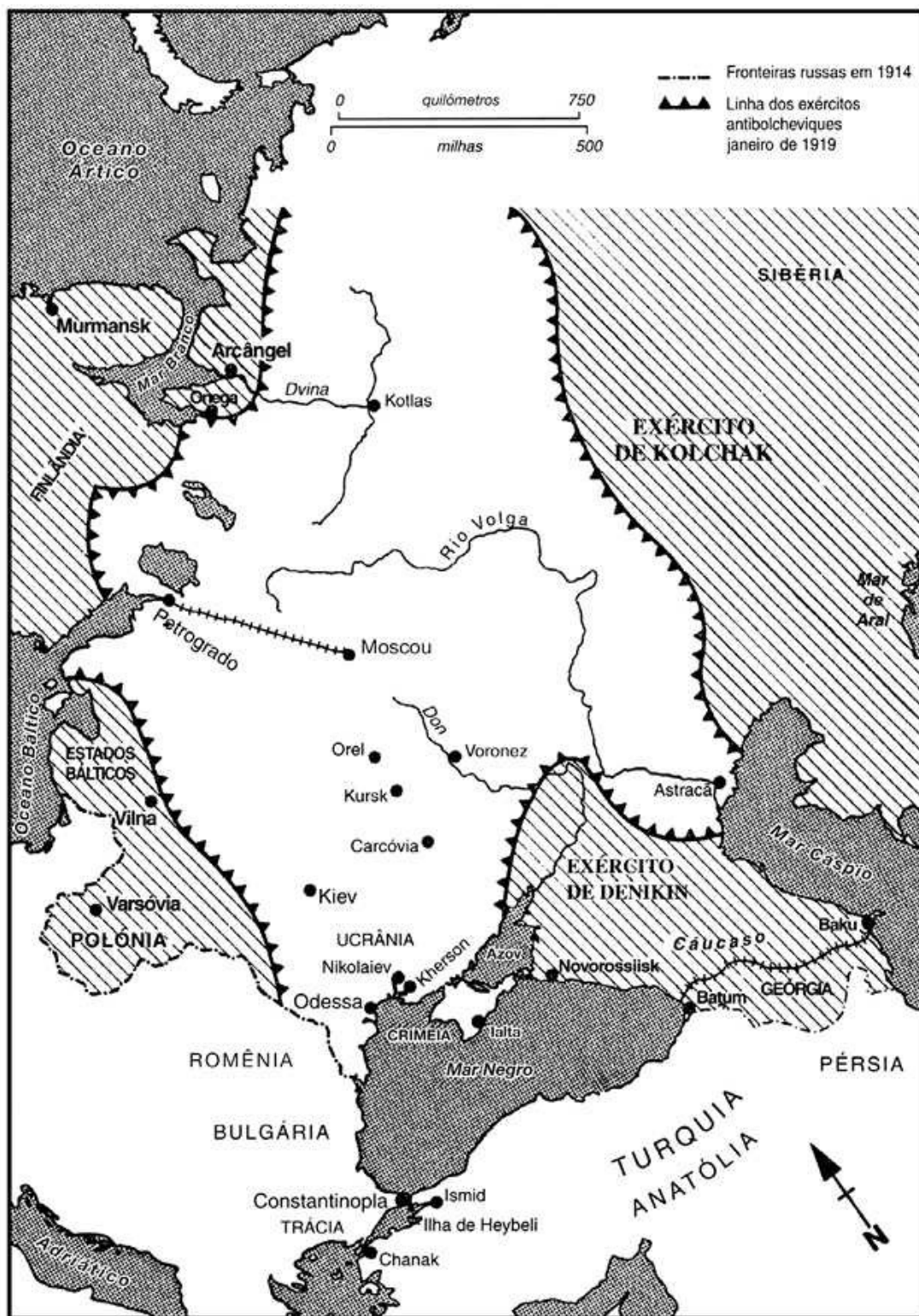
13. Em treinos, 1915



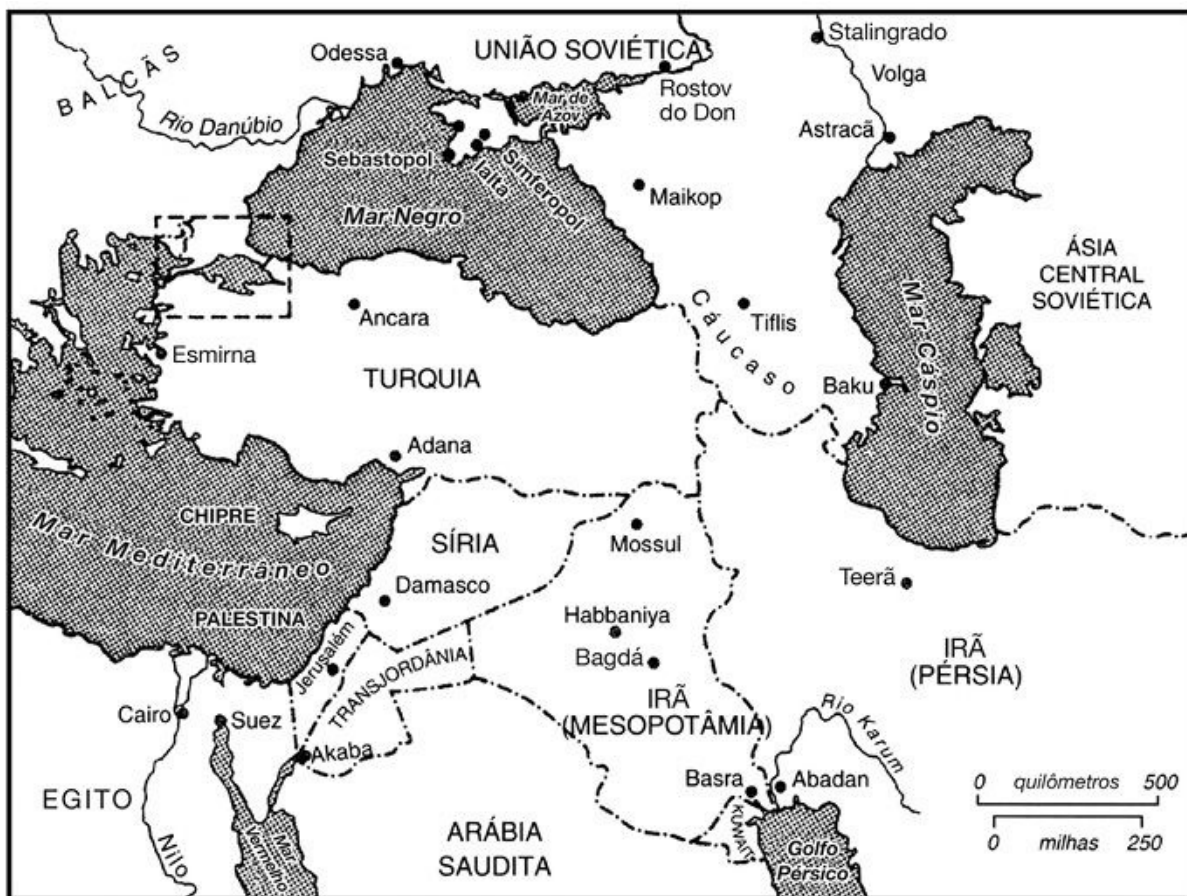
14. Batalhão de Comando, 1916



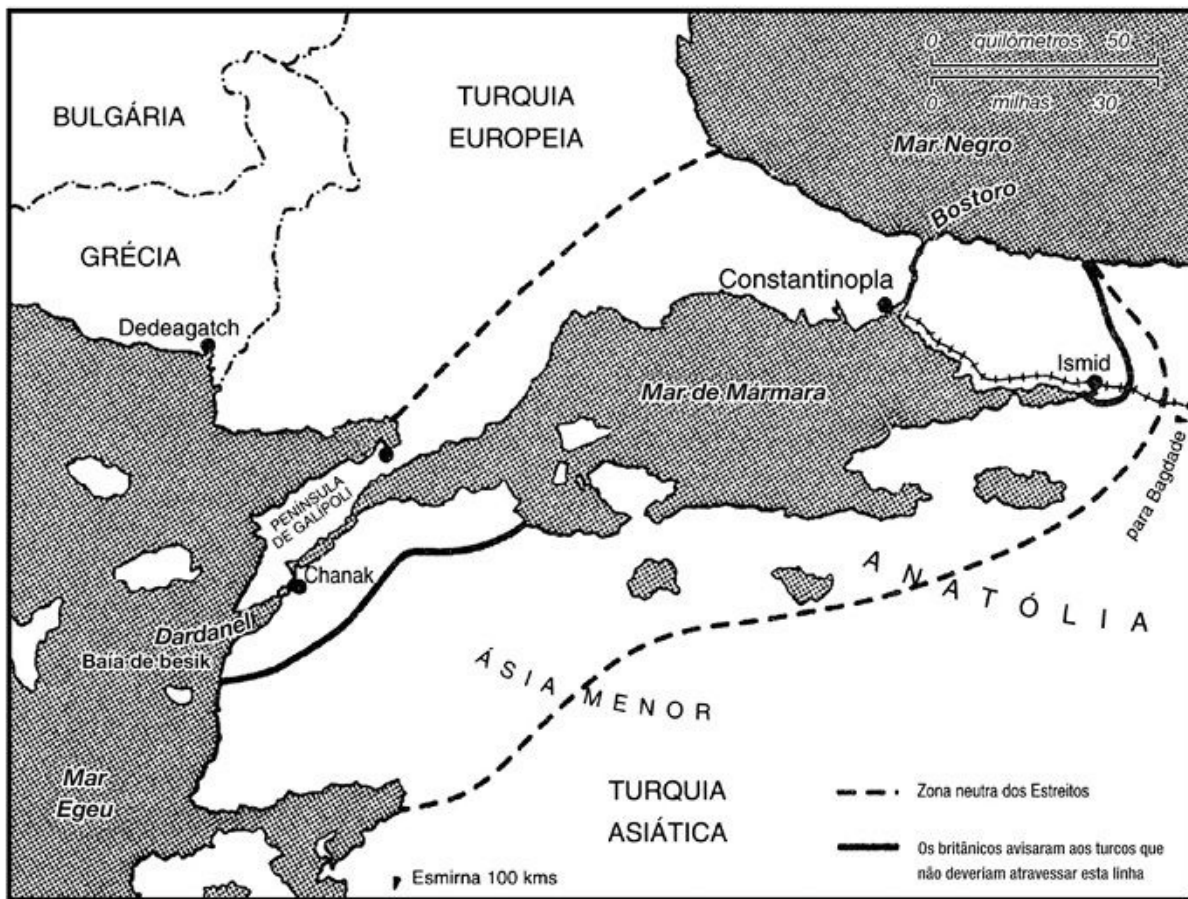
15. Cidade de Ploegsteert, 1916



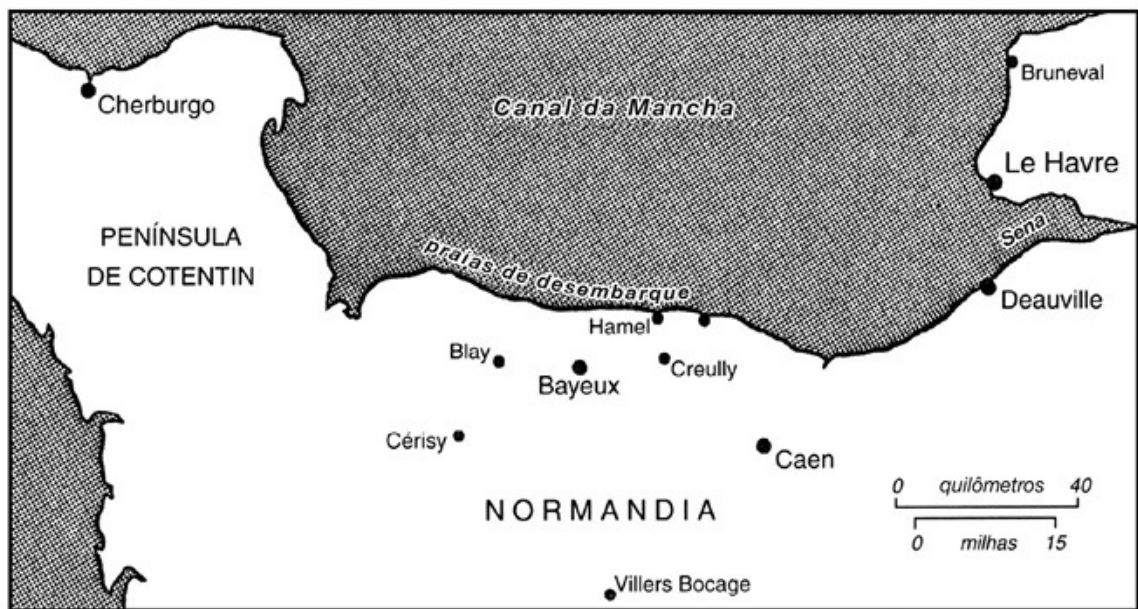
16. Rússia: a intervenção, 1919-1920



17. O Oriente Médio



18. Chanak, 1922



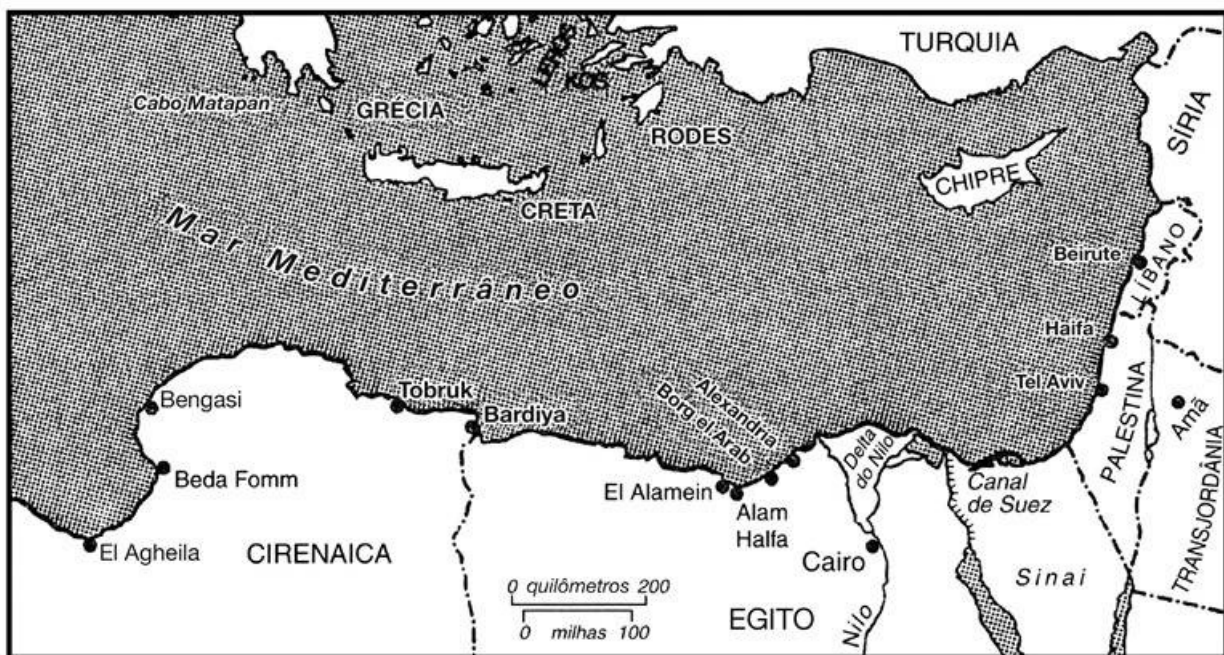
20. Normandia, 1944



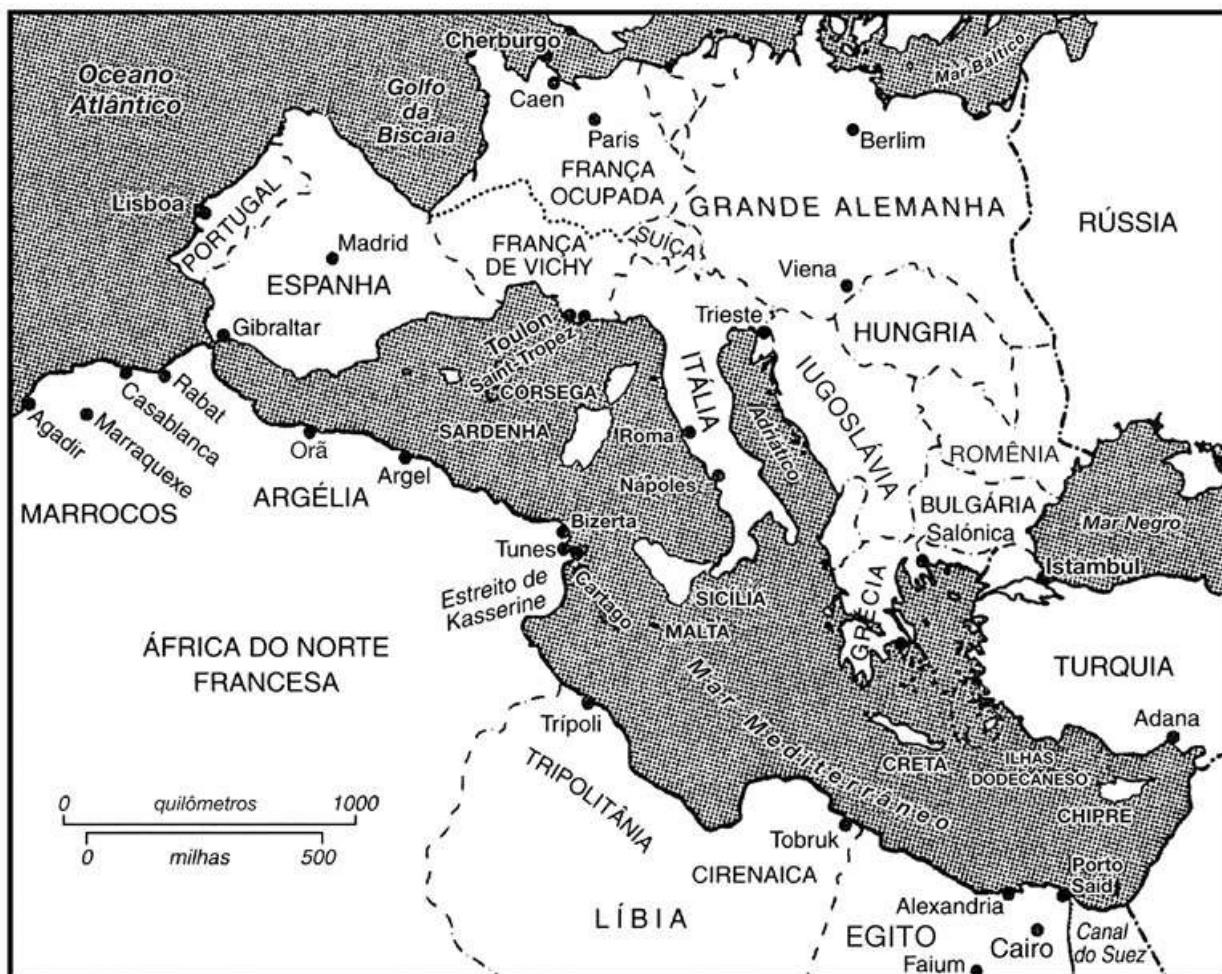
21. Travessia do Reno, março de 1945



22. Grã-Bretanha em guerra, 1939-1945



24. O Deserto Oriental, 1940-1943



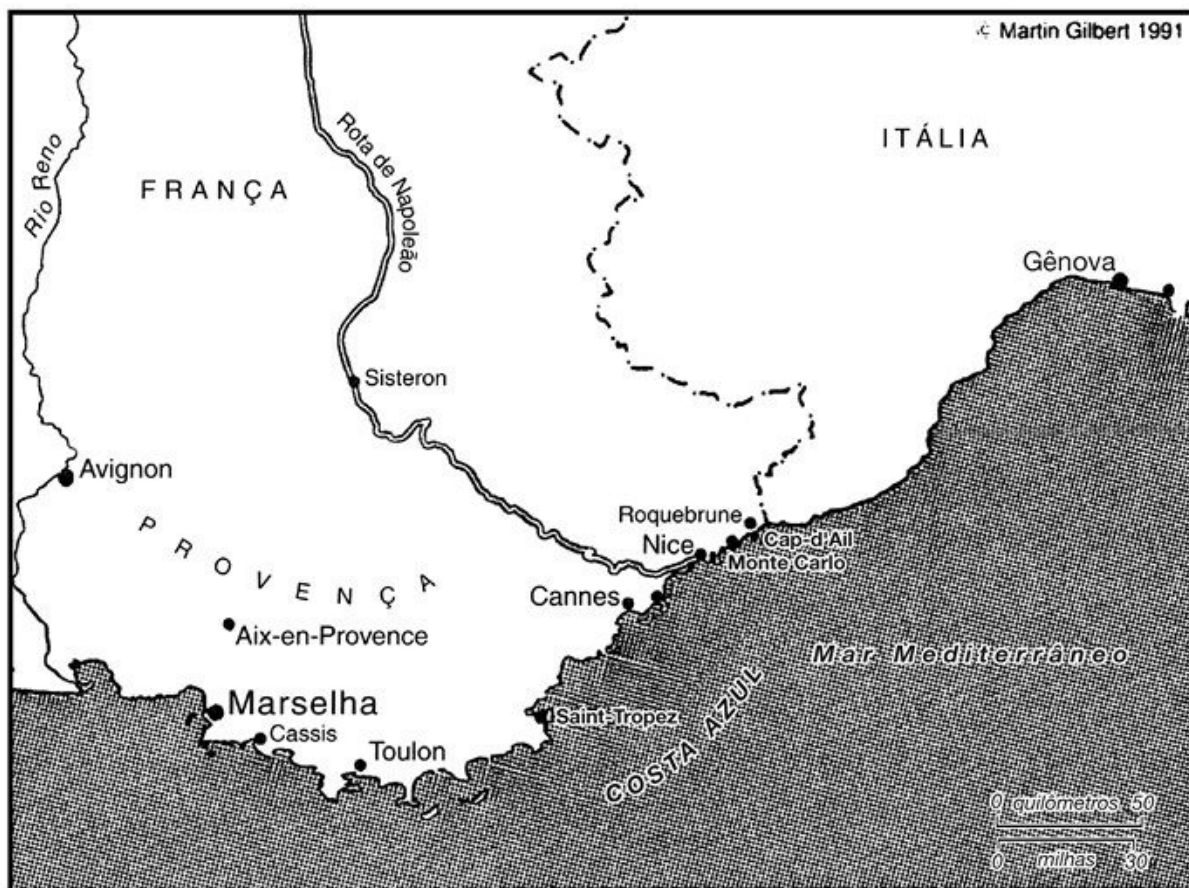
25. O Mediterrâneo



26. Europa Central, Leste Europeu e Itália, 1939-1945



27. Viagens na Europa



28. Sul da França

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Nota do autor à segunda edição inglesa](#)

[Nota do editor à primeira edição brasileira](#)

[Prefácio](#)

[1. Infância](#)

[2. Harrow](#)

[3. A caminho do Exército: “Um novo começo”](#)

[4. Segundo-tenente: “Não consigo ficar parado”](#)

[5. Em ação](#)

[6. Para Omdurman e além](#)

[7. África do Sul: aventura, captura e fuga](#)

[8. No Parlamento](#)

[9. Revolta e responsabilidades](#)

[10. O campo social](#)

[11. Ministro do Interior](#)

[12. No Almirantado](#)

[13. O advento da guerra de 1914](#)

[14. A guerra](#)

[15. Isolamento e fuga](#)

[16. Nas trincheiras](#)

[17. “Tormento profundo e incessante”](#)

[18. Ministro das Munições](#)

[19. No Ministério da Guerra](#)

[20. Ministro das Colônias](#)

[21. Regresso ao deserto](#)

[22. Nas finanças](#)

[23. Fora do governo](#)

[Agradecimentos](#)

[Mapas](#)